TRILOGIA

QUEDA E ASSENÇÃO ESPIRITUAL

Livro I

REINTEGRAÇÃO CÓSMICA .

(INTEGRAL DOS TRÊS LIVROS JUNTOS)

Os Anjos Decaidos.

JAN VAL ELLAM.

.

Reintegração Cósmica

Longe no tempo, na noite dos milênios planetários, este Planeta Azul de um pequeno sistema localizado numa das bordas da galáxia, teve como destinação cósmica servir à confraternização de diversas raças planetárias. Ao mesmo tempo, nele seria construído um Portal cósmico de comunicação da nossa com outras galáxias.

Porém uma dramática ocorrência truncou a destinação do Planeta Azul e de outros mundos irmãos. Resultado: uma quarentena sideral, significando o isolamento da Terra da integração fraterna na comunidade galática, e o retardo evolutivo de incontável número de individualidades.

Os detalhes deste relato, oculto no alvorecer da história planetária, e seu desenrolar até o momento presente — em que se prepara, com a Transição Planetária, o momento da reintegração do Planeta Azul na comunidade dos mundos — constituem a saga sideral que a presente obra, ditada do Plano Espiritual, veio revelar.

Uma narrativa de dimensões cósmicas, que irá transladar a consciência do leitor para as rotas estelares em que operam os Grandes Seres que executam o Planejamento Sideral. E desvela os mistérios de nossa origem cósmica, do exílio planetário de uma considerável porção da humanidade terrestre, e de sua luta para retornar às estrelas de que são filhos.

Reintegração Cósmica

A reintegração de um indivíduo à sociedade, após o cumprimento de longa pena em cárcere isolado da vida social, requer cuidados no campo da psicologia e nos esclarecimentos que lhe serão prestados quanto ao que o espera no retorno à convivência com o mundo, impedida por força da lei.

Assim também, a reintegração de uma coletividade de indivíduos à sociedade cósmica, após o cumprimento de uma longuíssima e dolorosa penalidade - excluídos que fomos da convivência com as outras coletividades do cosmos igualmente requer cuidados e conhecimentos novos no campo da nossa pobre e frágil psicologia humana, bem como de esclarecimentos que precisam ser prestados quanto ao que a espera no retorno à convivência cósmica, desde há muitíssimo tempo impedida, por força de uma lei maior.

No orbe em que vivemos, congregados por força dos erros do passado espiritual, recebemos apenas mensagens e informações que não podemos entender plenamente em face de nosso frágil estado evolutivo, tanto tecnológica como espiritualmente.

Apenas a fé em algo maior, a convicção de que o todo não pode se resumir ao que é observado na ilha cósmica, leva as mentes de vanguarda a pagar, às vezes com a própria vida, por insistirem na busca da verdade, não se submetendo aos vícios mentais de suas épocas.

Prisioneiros das conseqüências das leis de causa e efeito, nós, habitantes reunidos há tanto tempo neste berço planetário tão querido - ilhados por nosso orgulho e postura de desamor e intolerância - precisamos preparamos para voltar a conviver com as populações dos mundos que nos cercam, as quais aguardam amorosamente o instante em que nosso mundo seja liberto.

Vamos, pois, empunhar os lenços brancos de paz e concórdia e acenar para o Mestre Jesus, pedindo para que a Terra seja, mais uma vez, integrada a essa convivência.

Para o mister de esclarecimento e reforço psicológico a todos nós, que seremos em breve reintegrados à convivência cósmica, é que este livro -como outros a serem lançados- foi produzido.

Jan Val Ellam

As informações existentes neste livro foram ditadas, na realidade, por diversos irmãos espirituais muito queridos ao nosso coração e que, sob os auspícios do Mestre Jesus, trabalharam na sua confecção, solicitando, entretanto, que seus nomes permanecessem no anonimato, porquanto também trabalhadores de outros campos de esclarecimento fraterno da seara do Cristo.

Jan Val Ellam

TRILOGIA QUEDA E ASSENÇÃO ESPIRITUAL
Livro I - Reintegração Cósmica
Livro II - Caminhos Espirituais
Livro III - Carma e Compromisso

Jan Val Ellan

Reintegração Cósmica

Trilogia: Queda e Ascensão Espiritual

Livro I Reintegração Cósmica
Livro II Caminhos Espirituais
Livro III Carma e Compromisso

Há lendas e histórias. O que não ficou registrado na história, não pode, como tal, ser percebido. Se dela não faz parte, não pode, a ela, pertencer.

Pouco sabemos da nossa história, enquanto comunidade planetária. Entretanto, teimamos por procurar no passado apenas o que o padrão atual da percepção moderna pode, como tal, perceber.

De duas, uma: ou o passado é o que imaginamos ou, simplesmente, ele não existe.

Triste e pobre padrão esse, através do qual o pensamento moderno tenta entender o passado. Este somente existirá se, à luz do que se pensa hoje, for inferior, em termos de evolução, às conquistas atuais. Se assim não se enquadrar, não poderá ser considerado.

Imaginemos, porém, que houve épocas no passado remoto que, por não poderem ser percebidas através de certos tipos de registros - como tais os que julgam os padrões de análise do presente - passaram, ao longo do tempo terrestre, a título de lendas. Mesmo tendo sido verdade, tais fatos perderam-se na noite dos tempos e deles somente teremos *notícias místicas* até que os seus registros encontrem guarida nas concepções atuais dos padrões científicos.

Tentar perceber o passado através de paradigmas construídos no presente é o mesmo que impedir a ocorrência do futuro devido à incapacidade de se imaginá-lo agora. No entanto, o futuro ocorrerá de qualquer maneira, possamos imaginá-la ou não. Da mesma forma, o passado. Ele existiu - em certas épocas - em níveis bem mais complexos que os atingidos pelo pensamento científico moderno, possamos percebê-la ou não.

Desse passado, devido às mudanças profundas da geologia planetária, somente teremos notícias concretas assim aceitas pelos padrões atuais - em futuro breve, quando atingirmos níveis tecnológicos de pesquisa ainda mais complexos. Por enquanto, dele somente poderemos ter *notícias místicas*. Segundo a Espiritualidade Maior, não há outra forma de nos prepararmos para as *grandes revelações* que ocorrerão.

O que vemos de um iceberg pouco representa da sua totalidade. Assim é o passado terrestre: dele somente percebemos o que, pela nossa visão, no presente, pode ser alcançado.

Os livros que compõem a presente trilogia a saber: Reintegração Cósmica, Caminhos Espirituais e Carma e Compreensão são como recados amorosos que poderão ser tidos, para muitos, à conta de notícias místicas do passado. Que assim seja.

O importante é que exercitemos o nosso espírito na postura humilde de reconhecermos que pouco sabemos. Se o que será informado nestes livros for tomado por lendas ou histórias, pouco nos afeta e importa. O tempo se encarregará de melhor classificar.

Dissertar a respeito da história da civilização terrestre é referir-se a um certo contexto cósmico de queda existencial de certas comunidades planetárias que em passado remoto foram trazidas para a Terra. Mas, como falar a esse respeito no presente momento das conquistas tecnológicas, se sequer sabemos ao certo se existe vida fora do nosso planeta?

Explicar as diversas etapas que compõem um período histórico bem mais longo e complexo das conquistas e problemas da humanidade terrena é comentar acertos e desacertos milenares das individualidades que foram congregadas na Terra.

Entender o presente com base nesse passado é percebê-la como etapa final de todo um processo coletivo existencial que permite, agora, a ascensão dos que um dia quedaram seus espíritos em um brutal e equivocado estacionamento evolutivo.

Reintegrar-se a uma situação existencial antes vivida é o que está prestes a ocorrer com boa parcela da população terrestre. Um pouco mais e o "passado perdido" se potencializará diante dos olhos do presente.

De nossa parte, obrigamo-nos a considerar as informações aqui presentes como comentários despretensiosos de "notícias do céu sobre as coisas da Terra". Despretensiosos porque recebidos e retransmitidos por um homem do mundo com seus limites e fragilidades, mas que, ainda assim, consegue perceber, de forma precisa e inconteste, a real procedência dessas informações.

Aos irmãos e irmãs em curso de evolução na Terra, oferecemos estas informações com carinho.

Que o *Mestre dos Mestres* nos abençoe o esforço redentor.

Jan Val Ellam

Índice

Introdução 8
Esclarecimento 10
Para reflexão do leitor 11

1. Isolamento Cósmico 12
1. Convivência Interplanetária 12
2. A Rebelião do Orgulho 16
3. Decisão do Mestre 20
4. Isolamento Terrestre 23

2. Acompanhamento Cósmico 26
1. Exílios Interplanetários 26
2. Desvio de Rota 30
3. Ajuda Fraterna 33
4. Orgulho Espiritual 51
5. Novos Débitos 53
6. Persiste o Isolamento 57

3. Reintegração Cósmica 59
1. Esforço e Aprendizado 59
2. Preparação Necessária 62
3. Prelúdio da Unidade Planetária 68
4. Fim da Quarentena Cósmica 70
5. Contexto Cósmico 72

Passado e Presente 76
Cronologia dos eventos 79
Esclarecimento Estratégico 81
Contexto Filosófico – Espiritualista 81
Contexto Cósmico 82
Contexto Terrestre 82
Contextos Elucidativos 82
Contextos Doutrinários 82
Contexto Histórico 83
Contexto Religioso 84

Projeto Orbum 85

Introdução

A reintegração de um indivíduo à sociedade, após o cumprimento de uma longa pena em cárcere isolado e distante da vida social, requer e necessita de cuidados no campo da psicologia e nos esclarecimentos que lhe serão prestados, quanto ao que o espera no retorno à convivência com o mundo, desde há muito impedida, por força da lei. Da prisão em que se encontrava, cercado pelo mundo externo à sua realidade aparente, dele apenas recebia mensagens e informações que as mais das vezes sequer podiam ser entendidas, devido às limitações impostas pelas fronteiras da prisão.

Uma espécie de sonho o levava a se preparar interiormente, através de um sentimento de fé, longamente sustentado, para que um dia, após o cumprimento da pena, pudesse voltar à convivência com os irmãos que, livres de problemas com o passado, evoluíam em seus agrupamentos sociais .

A reintegração de uma coletividade de indivíduos à sociedade cósmica, após o cumprimento de uma longuíssima e dolorosa penalidade - excluídos que fomos da convivência com as outras coletividades do cosmos igualmente requer cuidados e conhecimentos novos no campo da nossa pobre e frágil psicologia humana, bem como de esclarecimentos que precisam ser prestados quanto ao que nos espera no retorno à convivência cósmica, desde há muitíssimo tempo impedida, por força de uma lei maior. No orbe em que vivemos, congregados por força dos erros do passado espiritual, a nossa ilha cósmica recebia apenas mensagens e informações que, não podendo ser entendidas e verificadas devido a nosso frágil estado evolutivo, tanto no plano tecnológico como no espiritual, levava-nos a sonhar com um futuro planetário que somente na fé encontrava guarida.

Muitos que, de dentro da prisão planetária, sonhavam com esse mundo externo, tinham sua sensibilidade sufocada pelos estreitos e limitados padrões disponíveis do conhecimento das épocas terrenas e restrito às fronteiras da prisão. Assim, tantos foram queimados nas fogueiras da ignorância dos valores transitórios que dominaram certos períodos da história terrestre.

Apenas a fé em algo maior, a profunda e inabalável convicção de que o todo não podia se resumir apenas no que pudesse ser observado na ilha cósmica, levaram as mentes de vanguarda a pagar, às vezes com a própria vida, por insistirem na interminável busca da verdade, não se submetendo aos conceitos e caprichos menores e aos vícios mentais de suas épocas.

Prisioneiros das conseqüências das leis de causa e efeito, nós, habitantes reunidos há tanto tempo neste berço planetário tão querido - ilhados por nosso próprio orgulho e teimosia em assumirmos a postura do desamor e da intolerância - precisamos preparar-nos para voltarmos a conviver com as populações dos mundos que nos cercam.

Para esse mister de esclarecimento e reforço psicológico a todos nós, que seremos reintegrados à convivência cósmica, é que muitas obras desse e de outros gêneros estão sendo produzidas por muitos trabalhadores da seara do Mestre, a fim de facilitar o entendimento do que já está ocorrendo com o nosso orbe.

Diversas civilizações planetárias aguardam amorosamente o instante em que nosso mundo, livre dos grilhões do passado e da quarentena cósmica que lhe foi imposta para que os eflúvios nocivos que nele habitam não influenciassem outros mundos, esteja liberto e aberto à convivência fraterna com todos os que constituem a sociedade do cosmos.

Vamos, pois, empunhar os nossos lenços brancos de paz e concórdia e acenar para o Mestre Jesus, pedindo para que a Terra seja, mais uma vez, integrada à convivência cósmica, tornando, então, realidade sonhos tão longamente acalentados.

Que o Mestre nos ilumine e inspire a todos na busca do ideal fraterno, e que possamos dar as boas vindas aos irmãos de outros orbes, os quais, em nome da Fraternidade Cósmica, aqui vêm cooperar com seus irmãos terráqueos.

Jan Val Ellam

Esclarecimento

O que aqui vai ser lido é o que nos foi informado. Não é nossa opinião pessoal. Esta é muito pequena frente à grandiosidade dos fatos que serão expostos. Nem sequer porta-vozes somos. Não temos estatura espiritual para tanto. Somos simples mensageiro de um recado amoroso de *irmãos mais velhos e experientes* para seus irmãos em curso de evolução na Terra.

As informações existentes neste livro foram ditadas, na realidade, por diversos irmãos espirituais muito queridos ao nosso coração e que, sob os auspícios do amor do *Mestre* Jesus, trabalharam na sua confecção, solicitando, entretanto, que seus nomes permanecessem no anonimato, porquanto também trabalhadores de outros campos de esclarecimento fraterno da seara do Cristo.

Do nosso lado, ou seja, dos encarnados, muitas mãos e cérebros se congregaram em torno deste trabalho. A todos, o nosso reconhecimento.

A bem da verdade, o nosso nome aparece como autor apenas porque assim o exigem as responsabilidades do mundo em que vivemos, o que, a rigor, infelizmente, pode descaracterizar a essência e o significado das presentes linhas.

Finalizando, a nossa admiração e homenagem a todos os que trabalharam na edificação do presente trabalho, como também em todo um conjunto de obras a ser publicado, referente a um processo que ainda está por vir e que não tarda.

Atlan, 21 de setembro de 1991.

Jan Val Ellam

Para Reflexão do Leitor

O Espírito age onde há boa vontade.

O amor pode existir em corações católicos, protestantes, espíritas, budistas, islamitas, não-religiosos, desde que haja sentimento fraterno.

A sabedoria se faz mais presente onde menor é a influência das fronteiras das limitações do entendimento humano e de: suas divisões filosóficas e religiosas.

O assunto aqui tratado, se observado através de algum fator limitante, sob esta ou aquela ótica doutrinária em particular, seguramente será percebido apenas com a angulação, as cores e o caráter que lhe atribuir o senso do observador.

Ao contrário, se o conhecimento se der livremente, a percepção voará alto, tão alto quanto permitam as asas da sensibilidade espiritual de quem desejar, realmente, ultrapassar seus preconceitos e limitações. Ultrapassar, enfim, seus próprios limites.

1. Isolamento Cósmico

1. Convivência Interplanetária

De há muito já estava determinado pelos Conselhos Siderais que o mundo azul de um pequeno sistema planetário, localizado em uma das bordas da galáxia, iria ser novamente palco de mais uma peça da vida cósmica, após solucionados diversos problemas lá ocorridos em tempos imemoriais.

Provenientes de mundos afins, muitas individualidades espirituais, na posse de seus corpos físico-materiais, iriam ser conduzidas para o planeta azul, onde haveria a grande confraternização, através do trabalho realizador, de diversas raças planetárias evoluídas. Tal era uma das principais destinações cósmicas daquele mundo.

No tempo devido, novos humanóides, especialmente preparados para esse mister, iriam ser trazidos para a Terra, a fim de que fossem realizados outros testes de adaptação, servindo, ao mesmo tempo, como forma de povoação inicial e preparação de mais uma etapa para o futuro planetário.

Alguns dos sistemas de mundos comandados pelo Mestre dos Mestres iriam contribuir para o enriquecimento da experiência existencial que estava sendo promovida sob Sua coordenação amorosa.

Alguns mundos dos sistemas de Antares e Tao Ceti, que tinham afinidade vibratória com a situação energética do mundo azul, preparavam-se para enviar grandes levas de seus filhos planetários para o planeta longínquo no canto da galáxia.

Seres já bastante experientes e desenvolvidos iriam contribuir para uma nova etapa na edificação da vida físico-material pensante, em mais um planeta dos sistemas guardados e coordenados pelo amor do Mestre.

Planos, metas, esforços, sonhos e disposição para o trabalho edificante eram a tônica de todos os seres que estavam envolvidos, direta ou indiretamente, com o projeto planeta azul.

Representantes das altas hierarquias celestes que administram, juntamente com o Mestre, os sistemas que Lhe cabem na organização universal, orientavam os mentores dos mundos envolvidos no planejamento, execução, coordenação e controle de todo esse processo de edificação planetária.

Seres de diversos níveis dos muitos escalões espirituais doavam amorosamente todos os seus esforços e habilidades para que tudo saísse a contento.

Miríades de trabalhadores espirituais já se encontravam instaladas nos ambientes espirituais circundantes ao planeta azul, coordenando todo o longo trabalho da geologia planetária para que novamente brotassem as condições de vida necessárias à aclimatação do tipo de humanóide que, por sua vez, estava sendo desenvolvido em outras paragens siderais e que seria conduzido, no momento adequado, para o início do povoamento planetário.

O esforço conjugado de milhares de entidades que trabalharam apenas em mais uma fase de estudo e preparação daquele mundo para a edificação da vida pensante estava, por fim, rendendo os primeiros frutos.

Idéias, planejamentos, ajustes, testes e o quanto mais necessário ao implemento da vida humana naquele mundo, sendo coordenado pelos muito altos e digníssimos representantes do Mestre, os quais, incessante e amorosamente, a tudo observavam e ajustavam, dentro do que fora determinado e orientado pelo Mestre Maior dos Mundos, o qual, por seu turno, supervisionava tais atividades.

Grande era o intercâmbio entre todas as áreas administrativas ligadas ao processo.

Viagens interplanetárias e intersistêmicas; conselhos de mundos reunidos aqui e ali para análise e providências; estudos e experiências de vibrações energéticas para o ajuste necessário ao padrão dos seres que iriam habitar o novo mundo; adequação das condições ambientais deste ao referido patamar vibracional dos que para lá iriam ser deslocados; comunicações e intercâmbio de dados e informações de toda ordem para a consecução da grande tarefa; enfim, trabalho por todos os lados.

Tudo estava preparado para o início do processo de integração cósmica de mais um mundo ao grande concerto da vida universal no padrão vibratório físico-material.

Mais uma casa planetária iria ser ligada à grande rede universal da convivência fraterna. Mais um mundo iria fazer parte do contexto da coexistência cósmica. Tudo estava pronto para a chegada dos primeiros humanóides que, equivocadamente, alguns segmentos da cultura científica da atualidade vêem como sendo descendentes de certo ramo animal da Terra.

Por não terem certeza absoluta quanto ao tipo de humanóide que melhor se adaptaria às condições planetárias, os Arquitetos Universais criaram vários grupos distintos no que se referia ao porte e certos detalhes de sua condição biológica.

Há cerca de aproximadamente três milhões de anos terrestres aportaram as primeiras levas de seres que serviriam para os testes e ajustes iniciais de mais uma etapa existencial a ser desenvolvida na Terra.

Com o passar do tempo e após muitas tentativas ocorridas ao longo dos milênios, com suas múltiplas épocas e períodos geológicos, há cerca de um milhão de anos, quatro grupos distintos, já bastante melhorados porquanto resultantes das múltiplas experiências anteriores, foram trazidos para a Terra a fim de se adaptarem às condições climáticas e, em especial, à questão gravitacional, que muito influía nas pesquisas de então. Ao final do

período de testes e ajustes, seria decidido se um, alguns ou todos os grupos permaneceriam no planeta. O que desse processo resultasse, seria, em verdade, a base de humanóides que - juntamente com seres mais evoluídos que viriam em um segundo momento - formaria a humanidade futura.

Cerca de quarenta mil humanóides se dividiam entre os quatro grupos, cujos portes variavam entre sessenta centímetros a dois metros de altura, possuindo todos pele estranham ente acinzentada. Foram transportados em verdadeiros comboios siderais e aportaram na Terra há uns novecentos e cinqüenta mil anos.

As eras foram se sucedendo, sob o acompanhamento dos mentores e mestres que, de bases de apoio estrategicamente distribuídas pelo planeta - para receber as visitações periódicas de naves de serviço e transporte de ou nas equipes - a tudo observavam. Os humanóides que estavam espalhados pela Terra, com a adaptação às condições de alimentação, clima e esforço físico cotidiano, foram adequando a sua condição muscular à gravidade terrestre, havendo, também, modificações acentuadas na pigmentação da pele, aumento de pêlos em alguns grupos específicos, bem como outras modificações biológicas que no futuro devem ser melhor explicadas.

A essa altura, espíritos simples e ignorantes - em termos de experiências existenciais racionais e de responsabilidade cármica - criados pelo Pai Amantíssimo para iniciarem a longa jornada evolutiva da ascensão espiritual na Terra, estavam aptos a começar a encarnar nos corpos resultantes dos cruzamentos desses humanóides. Aqueles seres que aportaram na Terra ainda sem a luz a divina a iluminar-lhes a fronte, mas já preparados para receberem a grande herança existencial do amor do Pai - a capacidade de pensar e de sentir e a conseqüente responsabilidade energética decorrente de tais potencialidades - começavam a ter, entre seus rebentos, gerações e mais gerações que se melhoravam a cada ciclo.

E as encarnações de tais espíritos simples e ignorantes nos humanóides da Terra começaram, garantindo-lhes, ao mesmo tempo, o apanágio da razão e a obrigação de responder por seus atos - tudo isso, evidentemente, em termos compatíveis com seu estado ainda primitivo, mas já potencialmente capaz de se desdobrar num amplo livre-arbítrio responsável à luz das leis cármicas que presidem os destinos da criação.

Todo o processo de ascensão dos humanóides terrenos era acompanhado pelos Conselhos Celestes e, quando se firmou a certeza de que o processo de semeadura levado a efeito na Terra já garantia a colheita dos frutos programados e esperados, foi dado o sinal verde para a chegada de equipes de seres mais evoluídos para conviverem diretamente com os já existentes. Assim, há cerca de oitocentos mil anos, começaram a chegar diversos grupos de seres de outros planetas, com suas naves e equipamentos, estabelecendo aqui colônias comunitárias. Entes de diversas origens planetárias, com suas características corporais específicas, passaram a povoar o planeta.

Esses irmãos, adrede preparados tanto em seus corpos materiais como em seu condicionamento energético-vibratório, atendendo à solicitação dos Grandes Arquitetos Universais, mas sempre por decisão pessoal, aqui vinham com o objetivo maior de ligar a

Terra à grande rede da convivência cósmica. Os cidadãos cósmicos que para cá imigraram estavam aptos a realizar, em algumas dezenas de milênios, a edificação, no planeta, de uma das grandes *bases de saída* da nossa galáxia rumo ao espaço exterior, para contato com outras civilizações mais distantes.

Esse *portal cósmico*, que na Terra estava para ser edificado, tinha como grande objetivo justamente congregar no nosso mundo equipes de trabalho de diferentes origens planetárias para conviverem e trabalharem neste planeta-plataforma para vôos siderais. Utilizando um processo de alavancagem resultante da interação dos campos magnéticos do Sol e de Júpiter, conjugados com outros provenientes de algumas estrelas e planetas da Constelação do Centauro, tudo isso trabalhado por uma tecnologia ainda por ser alcançada pela mente humana da atualidade, as naves que da Terra saíssem em direção ao espaço exterior à nossa galáxia, em algum ponto do trajeto encontrariam, provavelmente, o que nos dia de hoje a atual física relativista e a física quântica de vanguarda chamam de buracos de verme, espécies de microtúneis entre dimensões paralelas espalhadas pelo cosmos, que serviriam de atalho para outras estrelas, outras galáxias e mesmo para outros universos, se é possível falar assim.

Por essa época, ou seja, o momento da chegada das diversas levas de equipes e naves de seres mais evoluídos, os humanóides, já dotados de raciocínio, encontravam-se distribuídos em diversas pequenas comunidades que, embora ainda muito atrasadas, alcançariam rápido progresso, graças à convivência fraterna com irmãos de bagagem existencial tão adiantada.

Esse era o grande e magnífico plano das altas hierarquias celestes para o mundo azul que se situava em uma das extremidades da galáxia.

Incontáveis espaços de tempo na escala cósmica foram levados a efeito no estudo, planejamento, preparação e início de execução de tão grandioso projeto.

Milhões de individualidades envolvidas de forma direta e indireta com o *projeto Terra* muito trabalharam e se esforçaram dando contribuições valiosas para que tudo corresse a contento.

A atenção de muitos sistemas de mundos, incluindo alguns de *outros sistemas crísticos*, ou seja, outros sistemas de mundos governados por seres de posição hierárquica semelhante ao Mestre dos Mestres, estava voltada para. aquele minúsculo planeta, o qual, devido a sua condição espacial, iria servir de porra de saída e entrada naquela parte da galáxia, para a convivência com outros sistemas galácticos.

Esse *portal magnético* que serviria a uma quantidade inimaginável - para nós, terráqueos - de sistemas de mundos de parte da nossa galáxia, há muito sonhado por toda a comunidade da Via Láctea, iria, finalmente, ser concluído, esperando-se o iminente início de suas atividades como trampolim para os deslocamentos extragalácticos.

Tudo era festa e homenagens ao Grande Mestre, que a todos coordenava com Seu inigualável senso de sabedoria e amor.

2. A Rebelião do Orgulho

As diversas classes de seres que assessoravam o Mestre distribuíam-se, por sua vez, em muitos outros níveis hierárquicos que relacionavam agrupamentos afins, seja por nível espiritual e/ou pela característica de trabalhos específicos a serem realizados dentro dos muitos campos da atividade cósmica.

Dentre essas classes havia uma na qual estavam congregados muitos seres de nível adiantadíssimo e, por conseguinte, detentores de grandes responsabilidades frente às altas hierarquias do cosmos.

Nesta classe a que nos referimos, havia uma entidade detentora de evoluidíssimo nível de conhecimento que, mesmo muito amando Àquele que na Terra viria a ser conhecido como Jesus, seu comandante e Senhor, e que, embora sabendo de sua condição hierárquica e espiritual inferior à do Mestre, no decurso dos últimos tempos da escala cósmica, vinha, em algumas oportunidades, contrapondo-se ao Mestre e Sua equipe de auxiliares diretos, em relação a alguns aspectos administrativos e outros referentes à vida cósmica.

Com paciência e fraternidade, o Mestre e Seus assessores mais graduados concitavam ao maravilhoso porém inquieto ser que se chamava Lúcifer, à reflexão e à humildade no campo do que se pensa conhecer e saber. Lúcifer cada vez mais se inquietava e passou a não mais observar o limite de sua vasta e portentosa bagagem existencial, pensando tudo saber e tudo poder.

Começou a congregar em torno de si próprio um ambiente energético-vibratório de tal porre que todos os que dele se acercavam, eram envolvidos por posturas e influenciações psicológicas que iam da inquietação à rebeldia.

O Mestre Jesus que, como preposto maior do Pai naquela área do universo, podia simplesmente isolar o irmão rebelde ou mesmo interná-lo em alguma mansão cósmica de repouso e reflexão, ao perceber que muitos outros seres de porre elevado em termos de graduação espiritual-mental também comungavam das posições algo perturbadoras de Lúcifer, passou a permitir e dar livre curso às inquietações de todos, para que de forma fraterna e transparente, todos pudessem ser esclarecidos sem que com isso o livre-arbítrio daqueles seres inquietos fosse atingido ou contrariado de alguma forma.

Por orgulho do que pensava saber, Lúcifer ultrapassou o nível de convivência hierárquica e fraterna existente entre os componentes dos diversos níveis de assessoramento do Mestre.

Influenciada e fortificada pela aceitação e disseminação de sua inconseqüência junto aos mais desavisados, a liderança de Lúcifer cada vez mais crescia junto àqueles que,

invigilantes nas suas posturas mentais, esqueciam e/ou distorciam tudo o que já haviam apreendido nas suas experiências existenciais e passavam a seguir o equivocado espírito de Lúcifer que, a essa altura dos acontecimentos, já afrontava abertamente o Mestre e toda Sua equipe de auxiliares diretos.

Cada vez mais adubado pelo próprio orgulho e incentivado pelo estímulo inconseqüente dos que o rodeavam, Lúcifer resolve ter a si próprio como líder de um movimento que passou a *pedir contas* ao Mestre Jesus de uma série de aspectos da administração celeste.

Em linguagem simples diríamos que, em especial, Lúcifer questionava e cobrava do Mestre explicações quanto à *figura* do Pai. Por que ele, Lúcifer, não conseguia concebê-Lo? Se Deus não era a Sua própria obra, onde estava Ele? Por que o Mestre Jesus havia sido escolhido pelo Pai para ser o Seu preposto? Como esse *decreto divino* podia ser provado e comprovado? Onde e como *conferir a assinatura* de Deus nessa concessão de governança de parte do Universo ao Mestre Jesus?

Por que confiar simplesmente nos altos mandatários do Pai que, de tempos em tempos cósmicos vinham até os mundos-sedes dos sistemas governados pelo Mestre atestando e confirmando a excelsa origem e nível espiritual ímpares do Mestre Jesus?

A autoridade moral e espiritual nos mundos superiores e nas esferas espirituais é sentida de modo irresistível. Lúcifer e todos os que ao redor dos seus postulados se congregavam sentiam no íntimo de seus espíritos, de forma irresistível, a autoridade amorosa do Mestre Jesus. Mas motivados pelo orgulho da distorção do que pensavam saber, atropelaram o que no íntimo lhes estava tão claro, e que era uma conquista de seus espíritos no plano do desenvolvimento moral-espiritual, e passaram a exigir no plano do desenvolvimento mental que todas as suas indagações e questionamentos fossem plenamente atendidos, justificados e explicados.

Como demonstrar fatos, planos, mundos e individualidades de um padrão vibratório mais evoluído a um ser que somente atingiu o condicionamento energético de percebê-los até um nível mais baixo de componentes dimensionais? Esta questão era colocada pela equipe do Mestre aos aflitos e inquietos seres que se agrupavam em torno de Lúcifer.

Como propiciar ao inseto a condição necessária para entender a inteligência do homem? Como colocar em um simples copo toda a água do oceano? Como fazer com que aqueles seres perturbados entendessem que o Pai pode ser sentido, até mesmo percebido, jamais deduzido, concebido ou equacionado?

Não podendo contraporem-se ao óbvio da argumentação por parte dos representantes da Deidade, os revoltosos simplesmente postulavam que, se Deus tudo podia e se Ele existisse realmente, poderia facilmente tudo esclarecer.

Não sabiam todos aqueles espíritos inquietos que o desenvolvimento da individualidade se dá em dois grandes campos da jornada evolutiva do ser cósmico, a saber, o campo moral-espiritUal e o campo mental-intelectual. E que cada um desses

campos sensório-vibratórios, compostos de diversos aspectos e múltiplos níveis de aprendizado e conquista pessoal, e em não havendo como derrogar a inviolabilidade das Leis Cósmicas, não seria possível ao menor em evolução, entender, equacionar e conter na sua pobre e ainda incompleta condição perceptiva, o Todo da essência do Pai?

O Universo com seus múltiplos níveis existenciais e a Deidade não se modificam para que os percebamos. Nós é que temos de modificar a nós próprios através do renascimento interior, da renovação íntima, para, então, melhorados na nossa condição vibratória e perceptiva, passarmos a perceber mais e mais o que nos rodeia e o que está dentro do nosso próprio Espírito.

Entretanto, diante do postulado radical e do posicionamento inflexível de Lúcifer e seus seguidores, os representantes da Deidade e do Mestre Jesus nada mais podiam fazer à luz do esclarecimento fraterno.

Os seguidores de Lúcifer passaram a visitar diversos mundos levando a todos quantos pudessem alcançar a competente propaganda e a conseqüente propagação da sua inquietação.

Ainda assim, o Mestre permitiu que Lúcifer e seus seguidores propagassem livremente os seus postulados para que o livre-arbítrio de todos pudesse ser potencializado à luz do entendimento e discernimento pessoal de cada individualidade.

Por não terem sido atendidas as reivindicações apresentadas à equipe do Mestre, Lúcifer e os que o seguiam passaram a propagar que Deus não existia e que simplesmente tal mito fora criado para que em Seu nome alguns pudessem exercer a governadoria celeste.

A partir daquele momento o grupo rebelde não mais via no Mestre Jesus - apesar de no íntimo perceberem a Sua superioridade ímpar - o governador celeste nem muito menos o preposto do Pai, porque, simplesmente, para eles o Pai não existia.

Estava decretada a rebelião de Lúcifer, com conseqüências extremamente danosas para muitos mundos e, em especial, para o nosso planeta.

Muito já serviram de reflexão ao autor terreno destes escritos as informações até aqui abordadas. No início, não foi sem dificuldade que aceitamos o fato de, *mesmo um anjo ou espécie de anjo* ser tão cego em relação à existência ou não de Deus, tanto quanto nós, espíritos reencarnados e fortemente limitados nas nossas noções e percepções.

É como se a distância de nível existencial e de percepção entre *um quase nada* a uma simples célula, desta a um inseto, deste ao homem, do homem a um anjo, deste a um Ser Crístico, do Ser Crístico a um quase-Deus e de um quase-Deus ao Pai Amantíssimo, fosse inconcebível e efetivamente impossível de sequer ser sonhada ou imaginada pela pobre mente humana. E assim o é, nos dizem os nossos bons e pacientes amigos espirituais, pois há incontáveis níveis e subníveis existenciais na hierarquia celeste.

Não temos a menor condição de imaginar a dificuldade de percepção que um ser angélico tem em relação à distância que o separa do Pai em termos de níveis existenciais, e

nisso reside a nossa tentação em achar algo primário e simplista o fato de um anjo não perceber a existência de Deus de forma segura e objetiva. Entretanto, é o que nos informam os mentores deste trabalho: somente com o passar dos tempos cósmicos, a humanidade terrestre perceberá a sutileza de certos aspectos da longa jornada de evolução espiritual das individualidades cósmicas.

Não é propósito desta obra informar e analisar as diversas componentes e os múltiplos aspectos que caracterizaram a rebelião de Lúcifer. Isto, a seu tempo virá.

Temos, portanto, a consciência de que apresentamos de forma reduzida e simples o problema luciferiano, que nem novidade é, porquanto já explorado por outros autores. Cremos, entretanto, que para o propósito do presente trabalho, o pouco que foi abordado é suficiente.

Cumpre-nos ainda informar que, ao ser decretada a rebelião luciferiana, os outros sistemas de mundos que eram e ainda são administrados por outros seres do nível Crístico, de comum acordo com o Mestre Jesus, cortaram e/ou interromperam os circuitos de convivência e deslocamentos siderais com o objetivo de que a loucura de Lúcifer não ultrapassasse o limite de atuação dos mundos rebelados.

Quando da iminente eclosão da rebelião, muitos observadores de outros sistemas planetários vizinhos aos sistemas comandados pelo Mestre vieram para o sistema de Capela a título de observação e estudo, até porque, segundo os autores espirituais desta obra, a rebelião de Lúcifer não foi a primeira neste gênero a ocorrer. Afirmam eles que outros problemas semelhantes já ocorreram em outros sistemas comandados por seres de porte espiritual semelhante ao do Mestre Jesus.

Se mal podemos ainda entender a questão luciferiana, supomos não ser conveniente nem de boa estratégia nos referirmos a esses outros problemas. No devido tempo, nem que seja para outras gerações, tais informações deverão ser veiculadas. Até lá, procuremos entender Lúcifer e seus equívocos, que terminaram por ser motivos de queda para todos nós, que um dia o seguimos.

Grande foi a inquietação daqueles dias. Se pudéssemos imaginar naquele tempo as pesadas e dolorosas conseqüências da equivocada opção de seguir a Lúcifer, outra teria sido a história da Terra, a dos seus habitantes e de muitas outras comunidades planetárias.

O Mestre Jesus, imperturbável na Sua postura fraterna e amorosa, convidava a todos à mansuetude, à reflexão e à observância das leis existenciais.

Cegos e surdos, os seguidores de Lúcifer enxergavam e escutavam apenas o que lhes fosse conveniente ao posicionamento rebelde.

Tudo o que era possível ser feito dentro das leis do amor ao próximo foi feito pelo Mestre e Sua assessoria. Mas o espírito luciferiano, na sua inconseqüente propagação, manchara e perturbara inapelavelmente parte da criação universal. Algo precisava ser feito!

3. Decisão do Mestre

Tudo fora tentado no campo do esclarecimento fraterno junto às individualidades revoltadas. Nada, entretanto, surtia efeito.

Respeitando o livre-arbítrio de todos, o Mestre propiciou todas as condições necessárias para que o processo decisório de cada ser fosse o mais transparente possível e que todos tivessem a devida noção da responsabilidade daquela opção.

Após consumada a rebelião, o Mestre Jesus, em concordância com as altas hierarquias celestes, resolve reunir nos mundos rebelados todos os que se apresentavam irremediavelmente perturbados pela postura luciferiana.

E assim foi feito. Todos os espíritos rebelados foram agrupados naqueles mundos que tiveram a maior parte de suas populações atingidas pela idéia doentia de Lúcifer.

Quando todos os mundos rebelados já tinham congregado em torno de suas esferas existenciais (físico espirituais-astrais) todos aqueles espíritos infelizes na sua postura inflexível e orgulhosa, tiveram os seus circuitos desligados da convivência cósmica.

Cada conjunto de seres rebelados havia sido agrupado conforme a afinidade vibratória dos seus corpos em relação à situação energética dos mundos planetários que deram guarida ao sentimento luciferiano.

A fim de que a loucura do orgulho de Lúcifer não perturbasse a paz de espírito daqueles que nos mundos que permaneceram ao lado do Mestre e que desejavam viver em paz, foi decretada uma espécie de quarentena que isolava pelo tempo que fosse necessário os mundos rebeldes do intercâmbio cósmico.

A partir de então, o conjunto dos mundos rebelados passou a ser uma espécie de ilha cósmica entregue às próprias condições de capacidade tecnológico-científica e nível moral dos seres ali congregados por força da rebelião.

As condições existenciais nesses mundos sofreram, a princípio, profunda estagnação em nível de desenvolvimento, tanto no campo da evolução moral-espiritual quanto nos aspectos referentes ao progresso mental nas áreas da tecnologia e ciências em geral.

Seus habitantes começaram a perder a noção de padrão evolutivo da vida cósmica devido ao isolamento que lhes foi imposto, o que os tornou ainda mais revoltados.

Mergulhando cada vez mais em ambientes energéticos densos e de vibração pesada, aqueles seres, acostumados à vivência em ambientes magnéticos de altíssimo nível, comum

aos mundos que freqüentemente habitavam, perturbavam-se mais e mais na convivência com apetites e necessidades grosseiras que passaram a caracterizar o triste cotidiano reencarnatório nos mundos rebelados.

Alguns desses mundos perderam até a condição de se comunicar uns com os outros, dentro da ilha cósmica a que estavam inapelavelmente confinados.

A decadência desses mundos, com o passar dos tempos cósmicos, verificava-se de forma avassaladora. O Mestre Jesus contemplava tudo isso com um misto de tristeza e esperança no futuro.

O mundo terrestre, que estava destinado a ser importante centro estratégico para muitos sistemas de mundos, por ter a maioria de seus habitantes, à época da rebelião, aderido à idéia luciferiana, passou a ser um dos mundos decadentes desse triste processo de estagnação espiritual.

Por ser um dos mais atrasados e por somente há pouco tempo cósmico possuir população própria nos seus níveis físico-material, astral e espiritual, o mundo terrestre passou a ser uma espécie de *último dos últimos* do grupo dos mundos rebelados.

Decorrido certo tempo da escala cósmica, de vez em quando, um ou outro agrupamento de seres, nesse ou naquele mundo rebelado, concluía pelo equívoco da opção luciferiana. Tais posturas, ao serem detectadas pela vigilância amorosa do Mestre e de Seus prepostos, eram prontamente cercadas de todo estímulo possível através da chegada de emissários do amor do Mestre, seja através de reencarnações ou mesmo através de missões *disfarçadas* entre os habitantes dos mundos rebelados.

Com o passar do tempo, pouco a pouco, quando mais da metade da população de um ou outro mundo rebelde percebia conscientemente o erro cometido e apresentava ao Mestre a renovação do reconhecimento e respeito a Sua postura amorosa, esses *mundos arrependidos* passavam por processo semelhante ao que a Terra está passando nestes últimos tempos do segundo milênio terrestre pós-Cristo, ou seja, por uma reciclagem energética de todos os seus habitantes.

Dizemos semelhante, mas, em verdade, o processo de exílio das minorias empedernidas daqueles mundos, que se renovavam na rota evolutiva, em nada se parecia com o caso terrestre.

Conforme as características de cada mundo e o nível dos habitantes que ali se congregavam, o exílio daqueles que ainda insistiam na postura luciferiana para os outros mundos ainda rebelados e que ainda não apresentavam condições de regeneração processou-se de diversas formas em nível de tecnologia e ocorrências diversas.

De fato, muitos mundos, que a princípio se rebelaram contra os representantes da Fraternidade Cósmica, passaram a se reintegrar à convivência cósmica. À medida que tal processo se sucedia, as minorias empedernidas na teimosia e no orgulho passavam a ser reagrupadas em mundos ainda rebelados cada vez mais atrasados.

A boa luta do esclarecimento fraterno, entre as forças cósmicas que representavam o amor do Mestre Jesus e as hostes luciferianas, cada vez mais se concentrava nos mundos rebeldes mais atrasados.

Lúcifer, tal como general em plena batalha, vendo-se acuado pelo avanço da luz do esclarecimento, não podendo avançar, cada vez mais concentrava todo seu esforço e resistência nos mundos de vibração mais pesada para dificultar a penetração das mensagens de luz e renovação espiritual.

E não iremos longe no abuso da paciência da capacidade dedutiva dos irmãos e irmãs, leitores destes escritos, para dizer que a Terra foi, ou melhor, está sendo o último mundo a passar pelo processo de reciclagem espiritual para que possa ser reintegrada à vida cósmica.

Os seres que ainda nos dias atuais insistirem na postura do desamor, do ódio e da violência sob todas as formas, não mais pela influência luciferiana, mas por efeito de suas próprias inclinações e tendências, serão exilados para mundos inferiores em rota evolutiva para, ali, aprenderem a observar o valor da postura fraterna, propiciando ao planeta terrestre, as condições necessárias ao progresso espiritual de seus habitantes.

4. Isolamento Terrestre

Nosso modesto relato atinge, a esta altura dos acontecimentos, a marca de 100.000 a.C.. Durante os últimos setecentos mil anos do calendário terrestre antes desta marca é que ocorreram todos os fatos narrados nos capítulos anteriores e muitos outros que provavelmente deverão ser informados no futuro. Imaginemos, apenas, se a história que a humanidade atualmente conhece, de alguns poucos milênios, já é tão rica e ilustrativa nas suas muitas versões, o quanto não deve ter ocorrido em muitas centenas de milênios e que ainda está por ser informado e esclarecido à comunidade terráquea.

Mas, voltando à marca do tempo terrestre por volta de 100.000 a.C., tudo o que restava da rebelião de Lúcifer estava congregado e concentrado no orbe terrestre.

Há somente alguns poucos milhares de anos do calendário terrestre, antes da marca anteriormente citada, os dois últimos orbes rebelados além da própria Terra, acabavam de ser reintegrados ao circuito cósmico da convivência fraterna, restando apenas ao mundo terrestre a triste e equivocada característica de ainda ostentar a bandeira da infelicidade e do orgulho luciferianos.

Por determinação do Alto e por ser a Terra o último mundo rebelde, a partir aproximadamente da marca dos cem mil anos antes de Cristo, as individualidades que ao longo do tempo terrestre cumprissem com os seus programas reencarnatórios atingindo os objetivos traçados com o devido mérito espiritual, poderiam, se assim o quisessem, deixar o ambiente terreno e retornar aos seus orbes de origem, conforme as condições energético-vibratórias de cada um.

Não precisariam, portanto, aguardar o final do ciclo existencial terrestre de purgação, onde haveria - como já está ocorrendo - o processo de reciclagem espiritual com o conseqüente exílio daqueles espíritos que não lograram sucesso após tão longo e desgastante ciclo reencarnatório.

Muitos espíritos e grupos de espíritos, ao longo da história terrestre, cumpriam com méritos o que deles era esperado e retornavam com suas consciências limpas e regeneradas a mundos mais evoluídos, espalhados pelo cosmos.

Durante toda a história atlante, no final do apogeu do período egípcio, no tempo dos personagens descritos nos Vedas, entre os gregos e em muitos outros agrupamentos da história humana no planeta, encontramos esses espíritos maravilhosos que após purgarem as suas faltas pretéritas e darem a sua edificante e regeneradora contribuição ao mundo terrestre, retornaram às suas origens planetárias.

Mas, a Terra continuava isolada do circuito cósmico-universal e em acelerado processo de decadência de suas condições existenciais.

A ajuda que vinha *de fora* potencializava-se na vida planetária de maneira bastante discreta.

De vez em quando um ou outro agrupamento de espíritos, mesmo já libertos dos compromissos que os prendiam à Terra, decidia aqui permanecer para ajudar o desenvolvimento planetário.

Muitos seres de outros orbes solicitavam ao Mestre Jesus a oportunidade de reencarnarem na Terra para ajudar os seus *afins*- companheiros e afetos do passado - que ainda estavam presos ao orbe rebelde.

Tudo estava sendo feito para que, no menor espaço de tempo possível, a ajuda e o esclarecimento necessários chegassem até a Terra dentro das possibilidades planetárias.

Foram programados vários estágios de possibilidades propulsoras de progresso através do surgimento de várias civilizações ao longo da história terrestre. Muitas dessas sequer chegaram ao conhecimento moderno. Outras, chegaram até os dias atuais, como lendas.

Através de inúmeras reencarnações de espíritos com extensa bagagem e experiência em alavancagens de progresso planetário, começavam a surgir em diferentes pontos do ambiente terrestre, diversos líderes que, quando lhes permitiam as condições de época, lugar e mentalidade reinante, promoviam grandes surtos de desenvolvimento.

Porém, devido ao isolamento cósmico pelo qual passava a Terra, muitas vezes as sementes plantadas pelos espíritos missionários morriam logo após a semeadura pois não eram adubadas pelo esforço das comunidades espalhadas pelo planeta devido ao desconcertante atraso mental e moral-espiritual que caracterizava a população terráquea.

Novos e graves débitos espirituais eram contraídos a todo momento. Grande era o peso do passado criminoso para todos aqueles espíritos que estavam congregados na Terra.

Com o passar dos dias e a renovação das épocas, novas civilizações surgiam em diferentes regiões planetárias, já que era essencial - conforme o planejamento da Espiritualidade Maior - preparar diferentes focos de possibilidades de desenvolvimento com vistas ao futuro da humanidade terrestre.

Civilizações sequer sonhadas e/ou imaginadas pelo conhecimento moderno surgiam e desapareciam ao longo dos séculos e milênios terrestres, formando as páginas de uma história planetária ainda por ser contada.

Atingimos agora, nestes despretensiosos comentários narrativos, a marca de aproximadamente 40.000 anos terrestres a.C.

A Terra não estava entregue à sua própria sorte, pois grande era o acompanhamento e o esforço de todas as hostes do Mestre Jesus na ajuda constante a todos os congregados no orbe.

Entretanto, e tal fato é sempre de caráter inexorável em todo tempo e lugar devido às leis cósmicas, o mundo terrestre estava, em realidade, entregue à sua baixa e pobre capacidade de discernimento coletivo decorrente do livre-arbítrio planetário.

Assim sendo, todas as tentativas da Espiritualidade Maior esbarravam sempre nas posturas viciadas e tendenciosas do meio terrestre, com o conseqüente sacrifício dos emissários do Alto como, também, com os desvios de rota e distorções do que fora anteriormente planejado pelos mentores terrestres frente aos objetivos desejados e propostos para as missões renovadoras.

Resumindo, o mundo terreno não estava conseguindo alavancar.

Presos ao passado criminoso e às tendências e inclinações conseqüentes ao mesmo, os espíritos congregados no orbe não estavam conseguindo sair do ciclo vicioso que as condições do astral coletivo do planeta impunham ao ambiente terráqueo.

A Terra estava em uma espécie de impasse energético jamais observado pelas hostes da Deidade.

Não propiciava condições vibratórias para receber ajuda direta de irmãos mais adiantados de outros orbes e, ao mesmo tempo, sem essa ajuda, a evolução terráquea permaneceria estagnada durante centenas de milhares de anos, dentro da penosa e interminável relação de causa e efeito das vibrações pesadas dos mundos inferiores.

Em outras palavras, não poderia prescindir da ajuda direta vinda de fora, mas, ao mesmo tempo, não criava condições para que tal ajuda pudesse vir.

Mas, o que devemos entender por *ajuda direta*?

2. Acompanhamento Cósmico

1. Exílios Interplanetários

Denominamos *ajuda direta* o processo de aterrissagem de espaço naves com o conseqüente contato com suas tripulações. Esses tipos de contato propiciam condições ímpares de ajuda ao desenvolvimento e progresso dos mundos e são ocorrência comum entre os mundos tendentes à fraternidade cósmica.

Os irmãos que chegam de fora em suas naves de inimaginada sofisticação e potencialidade têm condições de esclarecer, ensinar, informar, estimular, acompanhar e trocar experiências para o engrandecimento de todas as partes envolvidas no concurso cósmico.

Ocorre, entretanto, de forma sutil e discreta, no que se refere à capacidade de discernimento e percepção dos mundos inferiores, o que chamamos de ajuda indireta. Esse processo é desenvolvido através de reencarnações de espíritos missionários, de inspirações proféticas etc., que permitem o esclarecimento e o estímulo à evolução moral.

Esse processo de ajuda e acompanhamento é característica comum dos mundos inferiores com baixas e pesadas vibrações, que não permitem a chegada direta e objetiva diante dos sentidos do homem e da mulher terrestres, dos irmãos cósmicos que, se assim chegassem, teriam concentradas em si próprios toda a carga negativa dos aspectos mentais e emocionais da coletividade terrena, o que seria fatal para muitos deles e muitos de nós porquanto a interação enérgetico-psíquica daí decorrente seria tal qual tormenta magnética a penetrar e destruir as defesas espirituais que possui cada ser. Esse era o grande problema da Terra há cerca de aproximadamente quarenta e dois mil anos atrás.

A essa altura, alguns outros mundos de sistemas planetários irmãos, a saber, Capela, Antares, Epsilon Eridani, Vega e Tao Ceti estavam expurgando os últimos remanescentes de processos retardados ainda provenientes da rebelião de Lúcifer, como, também, de reciclagens vibratórias com vistas a outros objetivos evolutivos que sempre ocorrem em todos os orbes em evolução.

O produto desse processo de reciclagem espiritual - cerca de meia dezena de bilhões de individualidades - que eram, em verdade, seres de extensa bagagem existencial e com grandes progressos no campo mental, mas pouco evoluídos no campo moral-espiritual, deveriam ser levados a mundos inferiores em rota evolutiva.

As hostes do Mestre Jesus reúnem-se nas mansões celestes e resolvem numa só medida corretiva os dois problemas cruciais constantes na pauta daquela reunião: alocar os seres exilados em mundos compatíveis com suas vibrações perturbadas e ao mesmo tempo

promover oportunidades de surto desenvolvimentista aos mundos que iriam receber aqueles seres.

Dessa forma, mundos com outra sorte de problemas, mas já libertos da questão luciferiana receberam parte dos seres a serem exilados.

A Terra, dada a sua condição especial de último mundo rebelde e estagnado nas forças evolutivas, foi escolhida para receber a maior parte desses seres infelizes que viriam juntar-se aos quase vinte bilhões de individualidades planetárias que aqui já estavam congregadas.

Em reencarnações rapidíssimas no tempo terrestre - que serão descritas em trabalhos futuros - esses seres tiveram que passar por um longo período de *equalização energética* no planeta, reencarnando nos agrupamentos terrestres mais primitivos à época dos fatos, até que seus *corpos espirituais* estivessem adaptados à vida planetária.

Mas nem todos foram transportados em espírito para os ambientes astrais-espirituais da Terra. Muitos aqui vieram em suas próprias naves pois talo era objetivo da Espiritualidade Maior. Já que não era possível diante das leis cósmicas promover a visita de seres evoluídos que à Terra pudessem vir em suas naves para o contato e ajuda direta com o ser terráqueo, foi permitido que esses seres rebeldes e inquietos nas suas posturas morais, porém detentores de alto nível de conhecimento tecnológico, viessem nas suas próprias naves para promover o que fosse possível em termos de alavancagem planetária.

Durante o tempo de vida que restasse a esses seres, após a chegada à superfície e atmosfera terrestres, e normalmente esse período era muito mais longo do que o normal terreno, não só pela organização fisiológica mais complexa que eles possuíam como também devido às adaptações sofridas, eles deveriam promover e propiciar muitos ensinamentos e fornecer um novo padrão de alavancagem tecnológica aos principais e mais desenvolvidos núcleos terrenos, àquela época, quase todos situados na Atlântida.

Estava a história da Terra, por esse tempo, registrando o início da segunda tentativa atlante - a mais recente que realmente chegou a atingir níveis de desenvolvimento impensáveis para o terráqueo do século XX.

Os seres que aqui chegaram conseguiram promover na segunda grande civilização atlante, um surto desenvolvimentista que muito superou certos campos das conquistas sociais da atualidade e ultrapassou em níveis extraordinários o que hoje conhecemos por progresso tecnológico.

As naves atlantes desta época conseguiam sair do ambiente terrestre e alcançar alguns pontos do sistema solar. Era o máximo que conseguiam fazer.

A tentativa de sair e viajar além dos limites do sistema solar estava em pleno desenvolvimento quando ocorreu a grande e última catástrofe da história atlante. Mas isso é assunto para outros trabalhos.

O que de fato ocorreu na época é que, apesar dos muitos progressos alcançados por aquelas comunidades, as tendências e inclinações belicosas e de dominação daqueles espíritos traíram as suas forças mais íntimas, e toda a experiência atlante sucumbiu ante a renovação necessária que sempre sucede às experiências criminosas e inconseqüentes que dominam de forma aparentemente irreversível o destino planetário, impedindo o progresso rumo à fraternidade cósmica.

Do mesmo modo como extirpamos as células cancerosas de um organismo doente para salvá-lo, a experiência e a irreversibilidade da postura exclusivista, inconseqüente e orgulhosa do povo atlante precisava ser extinta para que o planeta pudesse *sonhar com algum futuro mais nobilitante e estimulador*.

A não comunhão com os demais povos terrestres e a alta discrepância entre a potencialidade atlante e o resto da humanidade terrena foram fatores altamente decisivos na reprogramação evolutiva planetária por parte das hostes do Mestre.

Mais uma vez, o orgulho do que se pensa saber colocara tudo a perder.

Inserido no jogo das leis de causa e efeito que a tudo rege, a experiência atlante que poderia e deveria a tudo renovar, terminou por complicar mais ainda a situação terrestre devido à inclinação criminosa e à tendência dominadora que caracterizam os espíritos participantes de tal empreitada.

Com o desaparecimento da civilização atlante, a Terra voltava à estagnação tecnológica e moral.

Para melhor entendimento, há cerca de doze mil anos a população do orbe estava distribuída em três grandes grupos ou falanges que assim se ajuntavam, conforme as leis de afinidade vibratória, que, de certa forma, disputavam o domínio do orbe terrestre:

- a falange de Lúcifer e dos que com ele se congregavam de forma consciente e ainda com recordações precisas a respeito dos postulados que deram origem à rebelião, ainda bastante organizados, que tentava desesperadamente manter o controle sobre a Terra porquanto era o último refúgio e espécie de quartel general do combate contra as forças da Deidade;

- a falange de individualidades profundamente presas às próprias tendências primitivas no campo da violência, das necessidades mate rias e das posturas pouco dignas que põem por terra a fraternidade e a solidariedade que deveriam nortear a coexistência pacífica entre os seres pensantes, tudo isso decorrente da própria experiência terrestre extremamente infeliz nas suas expressões de energia psicosexual e de explosões psíquicas violentas e animalescas.

Esses seres, longe de terem qualquer tipo de ideal, equivocado ou não, simplesmente estavam presos às paixões tresloucadas do cotidiano nos diversos campos da existência humana terrena, contraindo mais débitos a cada passagem pelo palco planetário. Eram circunstancialmente utilizados pela falange de Lúcifer, a seu bel prazer e conveniência, porquanto ligados vibratoriamente à desarmonia e ao desamor.

Formavam o grupo que detinha o maior número de individualidades congregadas sendo que estas não apresentavam o menor grau de consciência do processo em que estavam envolvidos. Atuavam, portanto, de forma desorganizada, contribuindo energética e inconscientemente, com a falange luciferiana.

- a falange dos seguidores do Mestre, cujos membros, inseridos e mergulhados nos diversos níveis existenciais terrestres, procuravam sensibilizar e esclarecer, recrutando aqui e acolá, novos adeptos para a causa da boa luta contra as trevas da ignorância e do orgulho.

Duas falanges negativas não necessariamente organizadas e harmônicas entre si, digladiavam-se contra os representantes da corrente fraterna sustentada pelo testemunho e sacrifícios constantes dos seguidores do Mestre.

Bilhões de individualidades distribuíram-se por estas três correntes vibratórias que, presentes nos ambientes físico, astrais e espirituais do orbe, [1] testemunhavam a grande inconseqüência do orgulho e a infelicidade dos que para a Terra foram exilados e da influência destes sobre o elemento nativo terrestre.

1 - Planeta = ambiente físico-material.

Orbe = ambientes físico-material + astrais + espirituais, ou seja, todos os níveis existenciais que envolvem o planeta.

Desaparecia da superfície terrestre o que restava do grande continente da Atlântida, mas a experiência daqueles seres iria ser a base de um outro grande projeto de espiritualização planetária.

Grande era - como ainda é - o peso da responsabilidade moral de todos os que para aqui vieram como produto dos processos de exílios de outros orbes planetários.

* * *

Com a derrocada da civilização atlante, o que dela sobrou, ou seja, os seres que estavam em viagens nos outros continentes ou mesmo em missões pelo espaço e que conseguiram escapar à grande tragédia, iriam necessariamente se espalhar por toda a Terra levando, dessa forma, um pouco de conhecimento e desenvolvimento aos diversos recantos planetários.

O que fora negado ao resto do planeta pelo orgulho exclusivista dos atlantes, que não queriam se misturar com os outros povos terrestres era, agora, propiciado a todos pela desdita da experiência atlante e pela própria necessidade de sobrevivência dos que escaparam ao grande desastre.

Aproveitando essa oportunidade, a Espiritualidade Superior decide iniciar mais um ciclo de experiência e aprendizagem para toda a comunidade de espíritos congregados no orbe terrestre.

2. Desvio de Rota

As diversas origens planetárias dos exilados, os múltiplos acasalamentos ocorridos e as experiências genéticas dos atlantes, contribuíram para que na Terra, à altura de nossa narrativa, existissem vários grupos de aparência racial distintas.

Com o fim da experiência atlante, outros focos de desenvolvimento foram se formando ao longo do tempo terrestre e estes núcleos distintos resultantes da história da Terra até então, passaram a servir de berços para as novas investidas da Espiritualidade Maior.

Grandes emissários reencarnavam nos principais núcleos terrestres, trazendo consigo as mensagens e ensinamentos possíveis ao entendimento da época.

Entre os egípcios, hindus, chineses, gregos, celtas, hebreus, sumérios e outros povos mesopotâmicos, e em outros agrupamentos, em especial no oriente, as sementes do amor do Pai e da vigilância e acompanhamento fraternos do Mestre eram plantados no seio da comunidade planetária.

O que restara do poderio tecnológico da grande civilização atlante estava agora sucateado entre as civilizações nascentes na índia e no Egito em maior grau, e nos agrupamentos gregos em menor escala de importância e potencialidade.

As hostes luciferianas haviam distribuído estrategicamente os seus soldados por todos os agrupamentos terrestres. Lúcifer sabia que, devido às condições energéticas planetárias, o verdadeiro campo de luta onde ocorreria o confronto com os seguidores do Mestre, era no ambiente dos encarnados e não nos níveis astral e espiritual. Por isso mesmo, a título de estratégia pessoal, ele jamais teve uma encarnação sequer na Terra, permanecendo sempre nos níveis astrais mais próximos ao ambiente físico terreno de onde pretendia dominar todo o processo sem correr maiores riscos de desgaste. Com esse procedimento tencionava preservar e proteger a si mesmo.

Explicando melhor, diríamos que a luta entre a luz e a ignorância, era travada em especial no ambiente físico planetário entre os espíritos reencarnados, mesmo que inconscientes quanto ao processo devido ao esquecimento temporário que a encarnação provoca na memória espiritual da individualidade, como também nos ambientes astrais e espirituais do planeta entre os espíritos desencarnados e outros seres que, com total ou parcial consciência dos fatos, desenvolviam seus esforços a serviço do Mestre ou a serviço de Lúcifer.

A situação astral-espiritual de um orbe primariamente evoluído decorre sempre decorre dos atos e atitudes praticados pelos espíritos nele encarnados. Em mundos inferiores ou em estágios de evolução ainda primitivos, a vida física em corpos densos e pesados representa os fatores causais da situação vibratória do orbe.

As situações nos ambientes astrais e espirituais mais imediatos à vida encarnada são sempre conseqüência do que lá ocorre. Diante dessa ótica de análise, os espíritos encarnados vivem no mundo das causas e os desencarnados, no dos efeitos. Por isso, o verdadeiro palco do confronto era no mundo dos encarnados.

Cientes das leis vibratórias do processo reencarnacionista terrestre, o quartel general de Lúcifer comandava do ambiente astral planetário as reencarnações dos seus pares nos núcleos dos povos da Terra observando as antigas e remotas atividades do passado interplanetário.

Entretanto, os seguidores de Lúcifer, ao mergulharem na matéria densa e pesada dos corpos carnais através de reencarnações, por estarem inapelavelmente inclinados à negatividade, mas pareciam componentes da falange formada pelos representantes das tendências viciadas da existência carnal planetária, do que propriamente seguidores dos ideais luciferianos. De toda forma, através de posturas tresloucadas, contribuíam mais e mais para a desorganização do mundo terreno, como também para a estagnação vibratória que tanto interessava a Lúcifer.

Esse aspecto, com o decorrer dos tempos, foi descaracterizando a postura luciferiana, que passou a ser vista muito mais como uma tendência comportamental violenta e animalesca do que como uma postura mental de orgulho e rebeldia.

O próprio quartel general de Lúcifer passou a perder-se nas incursões pelas leis reencarnatórias do planeta.

Uma louca e desordenada mistura entre as duas grandes correntes que se afinavam com as trevas e a ignorância compunha agora o quadro existencial planetário. A contrapor-lhes, apenas o esforço heróico dos emissários e seguidores do Mestre.

A aparente lucidez luciferiana estava sucumbindo ao caos provocado pelo desamor, pela intolerância, pela luxúria, pelo ódio, enfim, por todos os aspectos animalescos da vivência corporal sem a devida base de sustentação espiritual.

O que fora apenas uma postura equivocada a nível mental e moral de um grande espírito estava reduzido, à altura do ano 3.000 a.C., a um simples e monstruoso amontoado de débitos e crimes espirituais de um grupo infeliz de seres que seguiam Lúcifer.

Devido às condições energéticas reinantes, decorrentes do desvario do livre-arbítrio da coletividade planetária, estava definitivamente afastada a possibilidade de ajuda direta através da chegada do Mestre e de sua comitiva em naves que para a Terra deveriam vir, se tudo tivesse corrido a contento.

O grande plano sonhado pelos mentores espirituais para aquela altura do tempo terrestre era a religação do planeta ao circuito da convivência cósmica. Mas tudo deu errado, e mesmo as sementes das possibilidades dessa reintegração tão desejada, não fecundaram entre os povos terrestres que àquela época estavam sendo preparados para a convivência fraterna com os nossos irmãos de outros orbes. Alguns passos, inclusive,

haviam sido dados neste sentido, mas tudo voltou à estaca zero pois não havia condições vibratórias para tal.

Grande era o peso dos registros cármicos dos crimes cometidos pela experiência existencial no astral planetário, e tais condições agravantes da situação energética do orbe impediam os irmãos que outros mundos penetrassem com seus corpos materiais especialíssimos, bem mais sutis e sofisticados que o terrestre, nos ambientes existenciais da Terra.

O Mestre e sua comitiva não mais viriam à Terra com seus corpos eternos e suas naves maravilhosas para, através de um processo de ajuda direta, abraçar, esclarecer e estimular a todos aqueles espíritos infelizes e equivocados.

Outra seria a solução encontrada pelo pastor amoroso, que jamais descuida do seu rebanho.

3. Ajuda Fraterna

Com a encarnação do grande espírito missionário que na terra ficou conhecido como Abraão, começava a ser desenvolvida nova possibilidade de redenção terrestre. Muito mais do que pai de uma prole bem mais numerosa do que aquela descrita na Bíblia, Abraão era e é, em verdade, uma espécie de padrinho espiritual dessa geração de espíritos que desde aproximadamente 2.000 a.C. até o presente momento formam a população do orbe Terra, incluindo as duas grandes parcelas que a formam, ou seja, os espíritos encarnados e desencarnados.

Um novo planejamento atualizado e adequado às condições reinantes da época estava agora sendo levado a efeito no seio de um pequeno agrupamento que havia sido escolhido para servir de base à nova tentativa do Mestre.

Ele tomara a inabalável e inarredável decisão de vir até a Terra, que era o último planeta rebelado àquela altura, não mais pela luta consciente em torno dos princípios e preceitos da causa luciferiana, mas sim pela própria atitude inconseqüente do livre-arbítrio da coletividade planetária e disso aproveitava-se estrategicamente Lúcifer para manter o aparente domínio daquilo que considerava ser a sua última trincheira.

Se não mais era possível a ajuda direta por parte do Mestre e Suas hastes, Ele próprio se submeteria ao processo indireto da ajuda fraterna aos mundos inferiores para esclarecer e remover no íntimo de todos, as lembranças e a certeza do amor do Pai e da existência eterna do espírito. Ele, que tudo era, e será sempre porquanto UNO com o Pai, liberou-se por livre e espontânea vontade de todos os atrib4tos e potencialidades inerentes e pertinentes a Sua excelsa condição espiritual e como um ser exilado terráqueo qualquer, preparou-se para mergulhar no nível físico-material mais pesado e atrasado dentre todos os mundos daquela época.

Por absoluta decisão pessoal - e essa história um dia será contada -, esse Espírito Maravilhoso fez questão de passar por todos os processos de encarnação como qualquer uma de suas ovelhas, enfrentando e sofrendo na própria carne a ignorância do seu próprio rebanho.

Tomada, entretanto, a inabalável decisão, tudo que a Espiritualidade [2] e os Mentores Cósmicos - assessores do Mestre - podiam fazer era tomarem as providências necessárias para a encarnação de tão alto espírito. Começavam, aí, os problemas.

2 - Espiritualidade = conjunto de espíritos trabalhadores da hoste do Mestre Jesus. Espiritualidade = ambientes espirituais.

Segundo a Espiritualidade, quando um espírito vai encarnar, ou seja, assumir um corpo físico, logo após a fecundação do óvulo materno pelo espermatozóide *mais forte*, vencedor da majestosa corrida da vida, espermatozóide este *empurrado magnética e estrategicamente* para a frente e selecionado pelos mentores espirituais, para fazer face às

condições cármicas e magnéticas do espírito encarnante, torna-se necessário que haja afinidade vibratória magnética total entre o conjunto celular resultante da fecundação e o espírito que irá encarnar, a fim de que possa haver a necessária imantação deste à matéria. É, assim, dizem-nos os bons amigos espirituais, que se processa a encarnação.

* * *

No caso em foco, havia, efetivamente, entre as bilhões de individualidades espirituais congregadas no orbe terreno, um espírito em condições magnéticas e vibratórias de receber tão nobre espírito no seu coração, fornecendo um óvulo materno, pois grande era o desenvolvimento espiritual e méritos daquele Espírito-mãe tão amado por todos nós. Havia, enfim, uma mulher em condições energéticas de receber em seu interior tão augusto filho. Entretanto, não havia entre os demais, nenhum capacitado energeticamente para fornecer a componente masculina, ou seja, não havia entre os varões daquele tempo, apesar do grande desenvolvimento espiritual do já tão nobre espírito que desposaria Maria, nenhum homem em condições magnéticas de fornecer um espermatozóide que propiciasse condições vibratórias de, junto com o óvulo materno, permitir a imantação necessária à encarnação de tão elevado espírito.

Frente ao impasse, os mestres siderais acharam por bem, com o consentimento do próprio Mestre, proceder a uma espécie de "inseminação artificial cósmica" para que assim fosse cumprida Sua própria vontade e decisão pessoal. E assim foi feito.

Nascia Jesus, filho de Maria e José, espíritos profundamente comprometidos e treinados para a missão maior de propiciarem condições para que E Jesus derramasse Seu Espírito amoroso por toda a Terra; espíritos aos quais tanto amamos e somos eternamente gratos. Mas como explicar isso ao entendimento do mundo de então?

Apesar de a esse processo chamarmos didaticamente de *indireto*, a bem da verdade é nesses casos que ocorrem os verdadeiros sofrimentos para os altos espíritos que mergulham em ambientes inferiores e àqueles se submetem completamente. Não custa ressaltar que, nos casos de ajuda direta, o ser desloca-se em seu meio de transporte - nave -, se fazendo presente onde bem lhe aprouver, com toda sua condição energética-pessoal, e nada pode lhe acontecer de negativo porquanto muito superior em relação ao padrão do ambiente em que se potencializa. Nos casos indiretos, o ser se despoja dos seus atributos e conquistas cósmicas e diminui a si mesmo para poder encarnar em corpos menos sofisticados, submetendo-se completamente ao ambiente e às condições que o rodeiam. Esse último aspecto era o que mais inquietava as altas hierarquias celestes ao perceberem a decisão do Mestre de assim proceder.

Para viabilizar a Sua decisão, todo um processo de preparação para a vinda do Mestre teve início com o esforço de Abraão cuja história e origem ainda estão por ser contadas.

No decurso do tempo e ao longo da história do povo hebreu, muitos avisos proféticos foram veiculados pelos profetas do antigo testamento que muito tempo antes da chegada do Mestre, já avisavam a todos da iminente e eminente visita.

Todo o processo preparatório da chegada do Mestre foi entregue ao comando de um ser ímpar que do astral planetário a tudo coordenava, sendo muitas vezes confundido com o próprio Deus. Referimo-nos ao *veguiano* Jeová, cuja história também está ainda por ser contada.

Aqui, basta deixar registrado que o trabalho iniciado por Jeová com Abraão foi fundamental para a formação de um grupo humano fundamentalmente comprometido com uma religião monoteísta, apoiada em valores morais bastante positivos para a época e avessa às manifestações mais baixas de idolatria, e outras desse tipo, tão comuns então.

Mas, sem a possibilidade, como vimos, da ajuda direta a toda coletividade terráquea, os contatos de Jeová e sua equipe ficaram restritos a alguns encarnados de melhor nível vibratório, escolhidos a dedo. Esses encontros privados se deram, ora fisicamente, como com Moisés (a *sarça ardente*, a entrega dos Mandamentos no Monte Sinai, etc.), Ezequiel (a visão das naves, a famosa descrição da *roda grande entrando dentro da menor*), Elias (*o carro de fogo*), o próprio Jacó (o sonho da escada e da luta com o anjo, em verdade, é a lembrança onírica de sua abdução) e outros, ora por meio de projeções, sonhos, e intuições, consoante aconteceu com boa parte dos chamados Profetas, ora ainda pela ativação, nos cérebros ou corpos desses terrenos, de algumas habilidades que quase todos possuem potencialmente, mas que o atraso planetário não deixa desenvolver (assim a estupenda força de Sansão, a lírica habilidade de Davi, insuspeitada num guerreiro inculto, a prodigiosa capacidade intelectual de Salomão, etc.).

No entanto, malgrado isso tudo, a história dos hebreus - e mesmo a vida de quase todos os grandes nomes como os acima citados - foi permeada, entre atos de heroísmo e de valor espiritual magníficos, de outros tantos erros, inerentes ao atraso da Terra, e conseqüentemente, dos povos e dos seres aqui viventes. Os textos, hoje considerados sagrados, sobre o assunto, mesmo com tantos disvirtuamentos e traduções, não podem esconder esses fatos. A Bíblia relata das hesitações de Moisés à luxúria criminosa de Davi, com as respectivas conseqüências. Mostra o caráter materialista de uma sociedade sempre em busca dos *bezerros de ouro*, prenhe da hipocrisia farisaica, e que, não obstante seu orgulho nacional, chegou, em alguns pontos de sua história, à venal subserviência aos que a dominaram.

O que importa é que o terreno, embora agreste, foi semeado, e a idéia do Deus Único vingou em seu aspecto essencial, embora cheia de defeitos em suas face tas acidentais, como a constituição de um corpo sacerdotal eminentemente preocupado com o poder e a conservação do *status quo*, a mercancia da fé, os sacrifícios sangrentos, ainda que de animais, as superstições ditas religiosas, o formalismo e a valorização do templo como edifício acima do ato de oração nele praticável. É a marca do fator humano no trato com as verdades celestes.

E, mesmo sem aprofundar no tema, é necessário dizer que o nível cultural do povo hebreu desse tempo e suas condicionantes históricas, geográficas e culturais, não só provocaram interferências nas mensagens, que já eram passadas, com alguma distorção aos chamados Profetas, como - e aí muito mais - deturpavam francamente a divulgação delas

ou das notícias dos encontros diretos já referidos. Ou seja, modulavam todos os fatos importantes ao propagá-las, com os intentos mais mundanos possíveis.

Não foram outros os motivos de o registro dessas notícias e dos outros grandes acontecimentos ocorridos nessa fase da vida terrestre ter sido marcado, entre os hebreus, por duas idéias-mestras absolutamente divorciadas da verdade transmitida pelos Mentores Celestes: primeiro, a de que eram o povo eleito, tese que findou por estigmatizá-los, séculos afora pelo amargar do racismo e da intolerância; depois, principalmente a partir de quando perderam sua independência política para outros povos, como os babilônicos e os romanos, a de que o Espírito Elevado que se esperava era um Messias, capaz de recuperar a hegemonia hebraica dos áureos tempos da Casa de Davi.

Em tudo isso, é claro, além do natural primitivismo planetário, andava a mão obscura das forças luciferinas e dos que a serviam, conscientemente ou pela entrega às baixezas quase que irresistíveis da carne.

Mas esses equívocos todos tinham sido já previstos pela Espiritualidade, e quanto aos dois últimos, ambos especialmente o derradeiro - eram mesmo essenciais à consumação da missão crística entre nós.

Realmente, desde que a atuação de Jeová principiara, vendo ser fecundado um dado meio político, social' e religioso com a idéia do Deus Único, de início, e depois com os avisos da chegada de alguém muito especial para reunir a todos sob uma única bandeira, o que restava no plano astral, da parcela consciente das tropas de Lúcifer concluiu que ali certamente estava próxima a encarnação de uma entidade muito próxima do Mestre, já que sabia não ser possível Sua visita para ajuda direta, não havendo, de outra parte, sequer cogitado que Ele próprio resolvera encarnar, submetendo-se às agruras da condição terrena.

Foi, portanto, graças à acurada capacidade de observação estratégica de Lúcifer e seus assessores, identificado, por volta de 2.000 a.C., o núcleo hebreu como aquele, dentro da humanidade encarnada, que estava sendo preparado para uma nova investida das forças crísticas. E isso levou o exército da Rebelião a buscar de todos os modos extinguir o povo hebreu, inviabilizar a estratégia do Bem, ou ao menos perturbá-la de tal modo que a tornasse inviável.

Diga-se de passagem que Lúcifer chegou até a imaginar que fosse Jeová que encarnaria entre o povo que estava preparando. E de tal modo bombardeou esse alvo, que chegou mesmo a abalá-lo, tendo necessitado esse Preciosíssimo Irmão de energia extraordinária para superar o ataque, fornecida em altíssima voltagem pelos Conselhos Celestes, o que o revestiu de uma como que couraça magnética e armas tão características, de aspecto exterior, físico ou espiritualmente perceptível, tão forte, que chegou mesmo a atemorizar os encarnados que com ele tiveram contato direto ou indireto, fazendo-os pensarem tratar com o próprio Deus.

Não é outra a razão que provocou narrativas como aquelas chegadas ao Antigo Testamento, as quais, supondo em Jeová a Divindade, o chamaram de Senhor dos Exército, falaram de sua cólera implacável, da força do seu braço, etc.

Esse envolvimento no combate direto com Lúcifer foi tal que fez o próprio Jeová, em algum momento, extrapolar um pouco, no calor da luta, afinal não se pode pelejar só com o escudo, mas também com a espada. Isso o desgastou enormemente, ao ponto de forçá-lo, depois a afastar-se do contexto terrestre, porque saiu espiritualmente maculado, até ele, dos embates que travou.

Algum exagero, porém, que tenha cometido, já estava plenamente perdoado pelo muito que fez: abaixo de Jesus, talvez a nenhum espírito, como a Jeová, deva tanta gratidão nosso planeta Terra. E o papel que desempenhou, de certo modo até antipático e severo, inconcebível para um ser do seu porte, mas necessário naquele momento, foi o sacrifício que o guindou às Elevadas Alturas onde hoje se acha, já plenamente recuperado.

Daí se imagine a força de Lúcifer, embora acuado em seu último bastião - a Terra. A Jeová é aplicável, como a ninguém, a paráfrase de um conhecido bordão guerreiro: nunca tantos deveram a um só...

Enquanto Lúcifer combatia pessoalmente a Jeová, seus generais levavam a cabo os projetos por ele traçados para resistir à nova investida da Luz Verdadeira, que embora sem compreender em detalhes, sabiam estar sendo desenvolvida junto aos hebreus. Desencadearam um processo de encarnação de espíritos ligados a Lúcifer em diversas comunidades judaicas especialmente escolhidas objetivando, de todas as formas ao seu alcance, perturbar e/ou inviabilizar o desenvolvimento e a estabilidade do povo hebreu para tentar impedir ou atrapalhar o que estava planejado pelo Mestre e Sua equipe, e que iria ser posto em prática dentro em breve.

Esses espíritos, mesmo perdendo a lucidez, a lembrança e a ciência dos objetivos luciferianos, porquanto nascidos em novos corpos físicos, mantinham a afinidade vibratória equívoca que permitia a seus mentores influenciá-los para provocarem toda sorte de intrigas, perseguições, traições e guerras, se possível até para varrer da Terra o povo hebreu.

Assim, conforme os verdadeiros autores destas linhas, todo o pano de fundo da história de sofrimentos e dificuldades dos judeus começou no interesse das tropas de Lúcifer em tentar obstar, a qualquer preço, o que ele julgava ser o plano de Mestre. Além das antigas guerras, desavenças políticas, exílios, sujeições de toda sorte a que foi submetida a comunidade hebraica, valeram-se os rebeldes das mais negras paixões e fraquezas humanas para se contrapor ao planejamento que a equipe de Jesus desenvolvia naquele momento.

Grandes guerreiros do passado, intrigas políticas, casos de amor que terminavam por envolver comunidades em verdadeiros conflitos sangrentos, enfim, todas as fraquezas e paixões humanas serviam como campo de ação da influência luciferiana.

Tanto se valiam de aliados que faziam encarnar no seio do povo hebreu, conforme antes foi dito, como do fomento de todas as formas de conduta negativa, entre os que, embora indiferentes à disputa entre a falsa e a Verdadeira Luz, mantinham baixos níveis vibratórios, decorrentes de suas tendências materiais pesadas, da lascívia animalesca à

violência bestial, da concupiscência tresloucada à avareza, à vaidade, ao egoísmo e à fonte de dinheiro e poder terreno.

Entre sectários e inocentes úteis, portanto, colhiam as forças da Rebelião a negatividade que as alimentava na renitência, no ódio, e na cegueira à Verdade, pouco se importando se jogavam com o destino de milhões de espíritos, encarnados ou não, principalmente os ligados à esfera hebraica de então, que foram arrastados nesse turbilhão luciferino, contraindo débitos que até hoje não foram completamente saldados.

Lúcifer fez, ainda, encarnar seus pares entre os outros povos que disputavam o domínio geopolítico com os hebreus, para também dos ambientes astrais e espirituais, influenciá-los ao bel prazer dos seus interesses estratégicos. Não é demais dizer que, mesmo após a chegada do Mestre e dos desdobramentos que a ela se seguiram, o povo judeu seguiu purgando seus erros, porque, envolvido nesse conjunto de causas negativas, foi obrigado a sofrer seus efeitos posteriores, eis que essa é a lei universal. Daí a Diáspora, as perseguições religiosas e a Inquisição medievais, o preconceito, o holocausto da Segunda Guerra, e a falta de sossego em que até hoje vivem os filhos de Israel.

Ressalte-se, por necessário que a Lei Divina não poderia ser mais injusta que a humana: se nesta, a pena não pode passar da pessoa do delinqüente, é claro que os judeus, como povo, não iriam pagar, através da história, pelo erro de alguns indivíduos - embora muitos - que encarnaram em seu seio, em uma dada época, principalmente se até esses erros tinham seu lugar no Plano Maior que o Mestre Jesus preparara para este orbe.

O que de fato ocorreu é que um grande grupo de espíritos que, na época que descrevemos, serviram conscientemente à Rebelião, e se arrependeram, tornou a reencarnar. Ao voltar, trouxeram, além do carma a cumprir, compromissos, que adquiriram na espiritualidade, por livre e espontâneo arbítrio pessoal, de retornar como judeus.

Por isso, reencarnaram para sofrer novamente no seio desse povo, e o fizeram várias vezes, muitos o fazendo ainda hoje, o que explica parcialmente porque se concentrou nessa Nação - que numericamente não é expressiva no cômputo da população terrestre - tanto flagelo e tanta dor.

O número de judeus não é tanto, mas dentre eles muitos são espíritos com sérias questões cármicas e, principalmente, de compromisso espiritual. Com efeito, os mais comprometidos são justamente os que, havendo sido, por convicção, vassalos de Lúcifer, e hoje espíritos que reconhecem a Jesus, timbram em purificar-se da forma mais completa.

Já a maior parte daqueles que, como judeus, foram apenas instrumentalizados pelos rebeldes, naquele tempo, em decorrência de suas paixões humanas, só reencarnaram entre os filhos de Abraão ocasionalmente, sem qualquer compromisso especial nesse sentido, seguindo seus respectivos carmas, desvinculados da questão judaica.

É preciso assinalar que tanto sofrimento não poderia deixar de resultar em admirável evolução dos espíritos que se dedicaram a purgar, como judeus, os seus carmas e a cumprir, como bons filhos de Israel, seus compromissos espirituais: mais uma vez

afirmamos que o número de judeus não é grande em termos de população terrestre, mas que povo, como este, fez florescer, só nos últimos séculos, gigantes - vamos ficar só no plano físico-mental, pois a avaliação dos méritos espirituais é muito complexa - da filosofia, das artes, das ciências, como Spinoza, como Mendelssohn, como Freud, como Marx, como Einstein? Muitos se perguntam como podem as trevas arrebatar da Luz o controle do processo encarnatório terreno. É mesmo difícil para o senso comum aceitar tal hipótese, pois sendo a reencarnação um mecanismo governado pelas leis divinas, como poderia uma força qualquer, contrária ao Legislador Supremo, adulterar tal mecânica?

Acontece que a sistemática reencarnatória não é alterada, e as suas leis antes se cumpriam do que se revogavam, cada vez que encarnava um servidor da Rebelião, como o Código Penal não se derroga, mas ao contrário, se aplica, cada vez que alguém comete um crime.

Imagine-se a luta travada neste orbe, entre a Luz e as trevas, como um jogo cujo troféu, então disputado, era o controle do povo hebreu. A equipe do Mestre tinha melhores jogadores - veja-se que Jeová, nas disputas com Lúcifer saiu-se melhor - e tática mais consistente. A equipe luciferina, sem qualidade de jogo, buscava quebrar a *regra* fazendo mais jogadores entrar em campo, para tentar obter vantagem quantitativa, já que qualitativamente não tinha como vencer.

Em outras palavras, cada ser que nasce no mundo terreno é um jogador a mais que chega para a peleja. Se seu nascimento foi conseqüência de uma relação sexual amorosa e responsável, é muito provável- ressalvadas as hipóteses de interferência específica para ajudar espíritos ainda inferiores, precisando reencarnar em famílias bem estruturadas para obter condições de progresso - que o espírito encarnante, nesse caso, seja tendente ao bem. Assim, é como se, pela regra do jogo, se permitisse o ingresso de mais um atleta, que, na hipótese, iria defender, por sua boa condição energética (formas-pensamento e formas-sentimento) o time da Luz, melhorando a situação vibratória geral (do planeta).

Ao contrário, se o nascimento que foi proveniente de uma relação sexual irresponsável, não-amorosa, violenta, onde o nível mental de sentimentos e pensamentos do casal deixa a desejar, ainda mais se ocorrida sob o efeito de drogas, alteração da consciência, ou envolta em interesse material direto (por dinheiro, por posição, etc.), toda essa gama de energias desarmônicas, ainda mais alteradas por fluidos energéticos de diversas origens vibracionais, todas baixas, repercute negativamente na imantação do espírito, pois tenderá a promover o encontro de gametas afinizados com o patamar rasteiro da vibração, e, no ovo assim fecundado, não favorecerá a imantação de um espírito razoavelmente desenvolvido, cuja energia, de diapasão mais alto, não se coadunará com aquela que o formou; atrairá, assim, um outro, que a ela se atraia por ser também desarmônico e de pequeno alcance vibratório. Desse jeito, é quase certo o time das trevas receber mais um atleta, que vai piorar a situação geral.

Antes de seguirmos adiante, é de boa prudência ressaltar que não estamos afirmando que em hipótese nenhuma pode um casal de espíritos perturbados e em condições de acasalamento mais perturbadoras ainda produzir o nascimento de um espírito evoluído. Efetivamente é possível através do concurso de equipes especialíssimas de

trabalhadores espirituais. Tudo o que estamos dizendo é que normalmente tal não ocorre. E na estatística de nascimentos terrenos, informam-nos os mentores deste trabalho, a cada 100 imantações (encarnações) de espíritos nos óvulos fecundados em situações de baixas e pesadas vibrações, em mais de 90% desses casos ocorre a reencarnação de espíritos problemáticos, seja a nível de necessidades ou de qualquer perturbação moral ou mental. As exceções a esse processo são casos especiais que a Espiritualidade Maior sempre administra fora do que poderíamos chamar de rotina, pois nesses casos, entram no mérito da questão os créditos espirituais da individualidade que deseja de toda forma encarnar naquele meio e naquela situação com o objetivo amoroso de ajudar.

Apenas a título de complemento esclarecedor, é óbvio que também pode um casal de espíritos evoluídos receber um espírito necessitado ou perturbado como rebento, porquanto não há problema algum na imantação e absorção por parte de uma organização celular energeticamente desenvolvida, de um espírito problemático ou pouco evoluído em suas vibrações. Por vezes, alguns casais já em pleno caminho de redenção espiritual solicitam aos mentores e mestres da Espiritualidade que tal seja permitido com vistas do cumprimento de promessas e compromissos do passado. O contrário, sim, é problemático. Basta lembrarmos de tudo o que teve que ser feito para possibilitar a imantação de um espírito do naipe do Mestre Jesus à organização celular terrena de Maria, Sua mãe. Em níveis, é claro, bem mais simplificados e menores, encarnações de espíritos evoluídos em organizações celulares desarmônicas também necessitam de uma série de providências especialíssimas, o que torna raro tais casos.

Seja lá, entretanto, que tipo de processo reencarnatório for, mesmo aqueles aparentemente dominados pelas trevas, todos eles, em verdade, são administrados pelos espíritos de luz que assim o permitem para que todos possam ser ajudados porque, em mundos de expiação e provas como o terrestre, onde a maioria dos espíritos congregados tem problemas cármicos a administrar, somente através da reencarnação em corpos materiais transitórios, com o conseqüente esquecimento do passado criminoso, é que se renovam as oportunidades de crescimento e restabelecimento espiritual, não sendo, portanto, desejo da equipe do Mestre, que somente encarnem na Terra espíritos superiores. O que essa equipe amorosa tenta administrar, é o equilíbrio qualitativo e quantitativo entre os que são tendentes ao bem e aqueles perturbados, permitindo a reencarnação de toda a sorte de espíritos conforme as leis imutáveis de causa e efeito que regem a vida cósmica, para que um dia todos se tornem espíritos superiores.

Durante muito tempo desse processo que estamos chamando de *peleja* somente para facilitar o entendimento dos irmãos e irmãs encarnados, processo esse que já se prolonga desde há muitos milênios do tempo terrestre, as trevas sempre conseguiram ganhar pela quantidade de jogadores em campo. Coube invariavelmente à equipe da luz, sempre em menor número, atuar com qualidade, ou seja, com amor, para compensar a situação vibratória.

As gerações atuais e as que irão sucedê-las hão de modificar mais e mais, inclusive no aspecto quantitativo, a situação terrestre a fim de que lá pelo ano 2050, somente permaneçam no planeta os atletas da luz para outras pelejas mais sutis da evolução espiritual.

Voltemos, entretanto, à questão luciferiana ao tempo dos hebreus.

Como dizíamos, até mesmo no próprio seio do povo hebreu, vários *soldados* de Lúcifer foram colocados para serem mais *facilmente obsidiados* pelas trevas. Praticamente ao longo de toda a história do povo hebreu, as forças obscuras atuaram de todas as formas com vistas a obstacular o que julgavam ser o *plano da Luz*.

Frente aos fatos, o Mestre e Seus prepostos convocam o iluminado espírito de Jeová para, em se tornando uma espécie de padrinho espiritual daquele povo, desenvolver junto à comunidade terrestre, o plano de esclarecimento e de preparação à vinda futura do próprio Mestre que àquela altura dos fatos - 2.000 a.C.- já estava decidida.

Entretanto, antes mesmo de começar o confronto com a falange luciferiana, Jeová e sua equipe tiveram que dedicar-se a resolver um problema que poderia por fim a todo o processo de desenvolvimento espiritual que estava sendo levado a efeito no orbe, pois tal problema poderia simplesmente acabar com toda a vida humana terrena. Referimo-nos à questão de Sodoma e Gomorra.

Ao tempo de Abraão, foi detectado pela equipe de Jeová na região das cidades citadas, um estranho e poderosíssimo vírus que, segundo informações dos autores espirituais da presente obra, com capacidade letal infinitamente superior ao próprio vírus da AIDS, se não fosse controlado e/ou destruído, a qualquer momento poderia propagar-se ainda mais causando um verdadeiro caos planetário.

Após consulta aos mentores cósmicos e, diante da impossibilidade de controle, fosse por falta de conhecimentos científicos por parte da comunidade terrena ou devido à falta de instrumentação adequada da equipe de Jeová, como também pela impossibilidade de esperar-se por outras naves com os devidos instrumentos, a opção drástica e única foi a destruição através de uma espécie de *explosão nuclear limpa* de toda a região infectada.

Segundo os nossos amigos da Espiritualidade, foi essa a razão da destruição de Sodoma e Gomorra. Muito mais ainda será desenvolvido em relação a esse tema tão fascinante em trabalhos futuros.

Resolvido o problema, mesmo que de maneira extremamente dolorosa para todos os envolvidos, Jeová voltou a dedicar-se à questão do povo hebreu.

Jeová e sua equipe fariam também a necessária confrontação energética e estratégica diante da falange luciferiana. Muitas das atitudes e decisões que Jeová viu-se obrigado a tomar, mesmo complicando-se pessoalmente frente às leis de causa e efeito, tinham em vista o cumprimento do único plano possível de ser executado dentro das possibilidades terrenas para propiciar condições por nós sequer imaginadas, necessárias à chegada de um espírito do porte energético-vibratório do Mestre Jesus que, não mais podendo vir, devido às condições energéticas do orbe, em Seu estado normal de Ser Cósmico Preposto da Deidade, em toda a Sua Glória e Poder pessoais juntamente com Suas hostes de assessoramento, com suas múltiplas naves siderais para abraçar e contatar

objetivamente a toda comunidade planetária através do processo de ajuda direta, resolveu escolher e preparar um dos segmentos humanos para, em se despojando de toda a Sua condição majestosa de Preposto do Pai, ali mergulhar como um ser em evolução qualquer, possibilitando, assim, a única maneira disponível de ajuda à comunidade terráquea.

É provável que em futuro próximo, possamos, todos nós, entender o sacrifício e a grandeza amorosa do ato do Mestre em Sua decisão de aqui vir nas condições em que veio. O incrível é que, ao juízo do autor terreno da presente obra e, salvo engano deste, e também dos mentores espirituais, o Mestre não tinha que proceder dessa forma, mas assim Ele o fez para diminuir o sofrimento coletivo de todos e apressar o processo de redenção dos seguidores de Lúcifer.

Confrontando o exército luciferiano, com isso, compensando um pouco da energia destrutiva que do astral era dirigida ao povo hebreu, Jeová terminou por ser tido como uma espécie de Deus daquele povo como já referido anteriormente.

Muitos foram os *confrontos energéticos* ocorridos nos ambientes astrais da Terra entre Jeová e Lúcifer e suas equipes de apoio. As estratégias de uma e de outra equipe eram executadas nas entrelinhas e nas circunstâncias dos fatos terrenos.

Jeová, e é importantíssimo que o afirmemos, atraiu conscientemente para si próprio, muitas situações constrangedoras a nível cármico, com o objetivo maior de fazer cumprir, mesmo às custas de sua própria condição energética, o único plano possível de salvar a Terra de muitos milênios ainda sob a dominação das trevas e da ignorância equivocada do orgulho luciferiano.

Ah! Como devemos a esse verdadeiro herói que tanto diminuiu a si próprio para poder ajudar a tantos! Seguramente, no futuro, isso será percebido pela comunidade planetária terrena.

Sem Jeová, o Mestre teria demorado muito mais a por em prática o Seu plano pessoal de encarnar na Terra. Talvez não tivesse vindo até os dias atuais porque seguramente a situação astral terrestre ainda estaria sob o domínio de Lúcifer. Com Jeová, houve, acima de tudo, o enfraquecimento da falange luciferiana que viu todos os seus planos e projetos virem abaixo quando da chegada dAquele que encarnou como um homem qualquer, na personificação de Jesus e que, como homem menor da Terra e despojado de toda a Sua condição majestosa e celeste de Preposto Maior da Deidade, *enfrentou amorosa e pessoalmente a Lúcifer*, apenas com a arma que trazia consigo no coração capaz de destruir o orgulho e o equívoco presentes no Espírito de Lúcifer: o amor!

Entretanto, antes de tal encontro se dar, Lúcifer tentava de todas as formas manter o que julgava ser o seu último e único domínio e, percebendo Jeová como uma espécie de *guerreiro ou representante* do Mestre dos Mestres na Terra, enviado especialmente para derrotá-lo, tratou de procurar vencê-lo a qualquer custo, para isso utilizando o povo hebreu como fator de luta contra Jeová.

A cada insucesso do povo hebreu, segundo o raciocínio de Lúcifer, uma questão crítica a mais para a *fé nascente e crescente* em um único Deus, Aquele mesmo contra o qual Lúcifer lutara e ainda lutava no seu íntimo. A cada queda da psicologia religiosa daquele povo, um esforço a mais de compensação a ser desenvolvido por Jeová e sua equipe.

Durante muitos séculos travou-se essa batalha cujo pano de fundo estava longe de ser percebido. Às vezes o contexto real fica tão escondido por trás das limitações dos sentidos do homem e da mulher terrestres que a verdade, em seus muitos aspectos, terminava por não se fazer perceber. O contexto cósmico, nos seus aspectos e valores, vai tão mais além do que o percebido pela pobre capacidade terráquea que muitas vezes tomamos o aparente pelo real, o menor pelo maior, o errado pelo certo.

Se, acertadamente, Lúcifer percebera a relação de afinidade entre Jeová e o Mestre, equivocou-se, entretanto, quando pensou que era o *fator Jeová* o grande plano e *última cartada* do Mestre.

Quando, durante a *disputa* entre Lúcifer e Jeová, alguns profetas no seio do povo hebreu, por estarem vinculados à verdadeira Luz, anunciavam a chegada de um certo Messias que haveria de vir, Lúcifer e sua equipe pensavam tratar-se de uma espécie de alarme falso para fazer com que o seu exército poupasse as suas forças e seus membros, para melhor enfrentar aquele que ainda viria e, com isso, enfraquecesse as próprias potencial idades na contenda mantida com Jeová.

Lúcifer achava que se assim agisse estaria dando tempo e condições a que Jeová se fortalecesse. E na sua tola presunção, passou a por em risco muitos dos membros de sua falange para fazer valer o que tinha em mente, ou seja, enfraquecer Jeová e o povo hebreu a qualquer custo.

Consumida pelo grande desgaste da luta empreendida a qualquer ônus contra os seguidores do Mestre, a falange de Lúcifer, por volta de três séculos antes de Cristo, encontrava-se bastante fragilizada no que se referia à consciência dos fatos e à lembrança do que um dia havia sido o movimento contestatório que desandou em rebelião. Apenas Lúcifer e não mais que algumas poucas centenas de individualidades de sua falange tinham a devida consciência e recordação de todo o processo decorrido.

A essa altura do tempo terrestre, Jeová dava por concluída a missão que realizara com todo zelo e amor possíveis mas que esbarrara nas limitações de uma época e no confronto com verdadeiros exércitos das trevas, e retirava-se do ambiente terreno juntamente com sua equipe, deixando os trabalhadores espirituais da hoste do Mestre continuarem o trabalho de esclarecimento e ajuda fraterna. Acabaram-se aí as últimas intervenções dos seres de outros mundos no contexto terreno.

É importante destacar que os extraterrestres permaneceram sem dar mostras de sua presença durante cerca de dois mil e duzentos anos. Somente a partir de certo momento do século xx: é que eles voltaram a se apresentar, ainda que discretamente, obedecendo ao planejamento de reintegração da Terra à convivência cósmica.

A partir de então, os mesmos passaram apenas a acompanhar a evolução dos fatos, cabendo, doravante, às equipes espirituais congregadas no orbe, a continuidade mais efetiva dos trabalhos.

Ao perceber a retirada da equipe da Luz contra a qual guerreara tanto tempo, Lúcifer sentiu-se vitorioso e glorificado como uma espécie de *príncipe terrestre*, até porque o que restava do que um dia havia sido o povo hebreu, estava esfacelado e espalhado pelas muitas culturas distintas existentes na Terra.

Lúcifer passou, então, a dedicar-se a influenciar essas outras culturas para não diminuir *a pressão* sobre o que restava do povo hebreu a título de precaver-se contra os insistentes avisos que a veia profética hebréia continuava a repetir sobre a chegada do tal Messias no seio do segmento da humanidade terrena escolhida para receber Aquele que era e é somente amor pelas suas ovelhas desgarradas, presas ao orbe terrestre.

Aos olhos de Lúcifer, que do astral planetário a tudo acompanhava com a sua pequena equipe, a situação estava bastante satisfatória. Aqui e ali percebia uma ou outra incursão de emissários do Mais Alto, mas não chegava a perturbar-se com tais fatos. A seu juízo tudo estava sob o seu controle.

Foi, portanto, com profunda surpresa que percebeu a condição energética de um homem chamado na Terra de João Batista que, ao encontrar-se, em determinado momento, com outro homem de condições energéticas muito mais avantajadas ainda chamado Jesus, promoveu tal ordem de vibração no astral planetário que terminou por atrair Lúcifer e seus principais seguidores ao momento do batismo no rio Jordão. Lá chegando, não gostaram muito do que ainda puderam perceber porquanto viram em toda plenitude, do plano existencial em que se encontravam, o que poucos olhos humanos apenas puderam superficialmente perceber e ficaram chocados e inquietos com a majestosa energia de altíssimo padrão vibratório que dominou o ambiente durante alguns momentos.

Desde que estavam congregados ao orbe terrestre, a falange luciferiana jamais tinha percebido tamanho porte energético.

Preocupado, Lúcifer passou a *acompanhar pessoalmente*, dos ambientes astrais terrenos, aquele homem estranho chamado Jesus.

Para sua total surpresa, aquele homem conseguia *olhá-lo nos olhos*, mesmo sendo um simples humano terrestre. "Como pode ser?" perguntava-se Lúcifer. Quem seria aquele espírito encarnado como um ser terreno qualquer que, ao perceber e sentir a sua aproximação, procurava-lhe os olhos, rompendo todas as barreiras interdimensionais, numa atitude que era misto de compreensão e amor? Que superioridade era aquela que emanava daquele homem simples que o fazia sentir-se tão mal e inquieto diante dele? Como podia Ele, sendo um simples homem terráqueo, percebê-lo no nível astral?

Alguma coisa no seu íntimo dizia que já havia visto aquele homem antes. Mas, como? Somente havia percebido e sentido tais sensações e inquietações diante do Seu *ex-comandante* que, ao seu juízo, sob nenhuma hipótese, poderia imantar o Seu espírito às

condições reprodutivas terrenas. E se Ele não podia vir de forma direta com todo seu exército porque as condições astrais-vibratórias do planeta não o permitiam, de forma indireta, através de uma encarnação naqueles corpos de baixas e pesadas vibrações, é que não seria mesmo possível. Portanto, não podia ser Ele que estava ali, e sim, alguém de Sua hoste, pensava Lúcifer.

Aumentando ainda mais a sua surpresa, aquele homem largou ainda o pouco que dispunha e , sozinho, sem nenhuma companhia e nenhum tipo de provisão diante das necessidades normais do corpo físico terreno, dirigiu-se ao mais insólito dos ambientes da geografia terrestre, que era o deserto, e lá permaneceu em estado tal de comunhão íntima *aparentemente* consigo mesmo pensava Lúcifer - que, enquanto tal situação energética durou, Lúcifer e sua falange não conseguiram dEle se aproximar.

Decorridos alguns dias terrenos, Lúcifer percebeu que seja lá o que aquele homem estivera fazendo, terminara,porquanto não mais percebia o inquietante campo vibracional que o impedia de aproximar-se. E ao fazê-lo, percebeu que mesmo sem aquele campo energético rodeando-O, aquele homem continuava a fitá-lo nos olhos. Lúcifer, completamente inquieto, nada entendia. Pelejara tanto tempo com Jeová e jamais o vira desacompanhado de seus assessores e naves de apoio nas poucas oportunidades que teve de percebê-lo diretamente. E agora, aquele homem, ali, de pé, parado, olhando-o nos olhos, tranqüila e suavemente, sem nada a Seu redor, nenhum nível ou tipo de apoio logístico, nenhum grupo de seguidores, nada, a não ser Ele mesmo como um simples homem da Terra.

"Quem és e a que te propões", perguntou Lúcifer a Jesus que, a partir daquele momento, foi *bombardeado*, *testado e avaliado* por Lúcifer que tentava de todas as maneiras subjugá-Lo, procurando descobrir algum comportamento ou postura psíquica que se assemelhasse ao que poderíamos chamar de ponto fraco.

Terminado o embate e diante da postura imperturbável e suave daquele homem estranho, Lúcifer resolveu afastar-se um pouco porque grande era a inquietação que grassava no seu íntimo.

Passou a acompanhá-Lo de mais longe mas sempre sentindo que Jesus lhe percebia a presença. E durante todo o ministério público de Jesus, Lúcifer e seus seguidores acompanharam dos planos astrais a atitude suave, a postura fraterna e os ensinamentos dAquele homem que aconselhava até o perdão aos adversários e inimigos.

Em posição privilegiada de observação, a falange luciferiana incomodava-se cada vez mais com o magnetismo que dele fluía e abraçava a todos que O escutavam, fossem os homens e mulheres do mundo terreno, espíritos desencarnados que em número muito maior que os encarnados acorriam sempre que o Mestre fazia vibrar a Sua oratória edificante e vibrante, ou mesmo os seres que dos ambientes astrais O observavam e acompanhavam.

Como força anestesiante e renovadora os ensinamentos e o testemunho do Mestre penetravam as almas inquietas e perturbadas das individualidades que ao Seu redor se congregavam. O jugo suave, os gestos fraternos, os ensinamentos morais esclarecedores e,

acima de tudo, a autoridade e o amor que dEle emanavam, atraiam irresistivelmente tantos quantos se acercassem de Suas vibrações.

Ao final de certa tarde, quando o Mestre descansava em casa de amigos juntamente com alguns familiares, percebeu que Lúcifer O aguardava em campo próximo dali e, retirando-se discretamente, dirigiu-se ao seu encontro.

Lá chegando, Lúcifer, em atitude respeitosa porém desafiadora, solicita-Lhe novamente explicações quanto a Sua procedência e intenções e, em especial, quanto a certa história que se espalhava referente ao fato de que Ele, Jesus, seria o Filho do Deus vivo encarnado como um simples homem terreno.

"Que Deus?" perguntava Lúcifer atordoado pela mansidão e poder inerentes Àquele homem. Seria Ele alguma espécie de irmão cósmico do seu ex-comandante que também falava da Deidade? Até quando esse Deus ou o Seu anúncio iria persegui-lo? A que hierarquia Jesus pertencia e por que Ele não se potencializara diretamente sem ter que assumir um corpo modesto e pesado como aquele? Se era emissário divino e desejava tomar-lhe o domínio da Terra, onde estavam os exércitos celestiais para dominá-lo, prendê-lo, e a seus seguidores?

O Mestre em atitude de respeito pleno à posição de Lúcifer, a tudo escutou e ao final disse simplesmente:

-"Irmão amado, vim abraçar-te, não prender-te! A autoridade da qual me invisto repousa apenas no amor que trago comigo. Se investido da capacidade cósmica de acompanhar os meus irmãos em evolução não usei de nenhuma postura que fugisse à Vontade Amorosa de Meu Pai, como posso, agora, como um simples homem mortal, render-me ao culto equivocado do domínio mental? Por quem sou, devo e posso apenas amar. Nada mais posso e, entre os que se amam, não há vitórias e derrotas. Acompanha, pois, amado Lúcifer, o meu testemunho, porque despi-me de tudo para nada poder posto que aqui sou igualou menos que qualquer um. Segue-me! Acompanha-me ao momento em que devo finalizar em mim mesmo um processo por ti iniciado. Honro o teu livre-arbítrio e postura pessoais. Honra-me da mesma forma, na condição de homem menor terrestre. O que faço, faço por amor. Faze tu o mesmo. Ama, em especial, aqueles que o seguiram, e honra-me no esforço de a todos abraçar como irmão cósmico"!

Lúcifer, não suportando as vibrações do Mestre e muito menos o fato que começava a vislumbrar e admitir de que Aquele homem era, em verdade, a expressão menor terrena, despojada de toda condição de poder celeste, do Filho Dileto da Deidade contra o qual rebelara-se em ambientes existenciais superiores, mas que mesmo assim, na personificação temporária de um simples homem terrestre, era ainda muito maior do que ele próprio em condições energético-vibratória, retirou-se atordoado e, a partir daquele momento, não mais voltou ao convívio dos seus pares que passaram a procurá-lo desesperadamente. Desde aquele instante, Lúcifer isolou-se e não mais comandou a sua falange ou o que dela restava.

Chega o doloroso dia do calvário. Lúcifer seguia de *longe* os passos de Jesus, não aceitando, entretanto, que aquele homem fosse a encarnação terrena do Seu *ex-comandante*.

Seja lá quem fosse, pensava Lúcifer, aquele homem tinha poder pessoal suficiente para ter se livrado de todos aqueles problemas que terminaram por levá-Lo à brutal crucificação. Por que não o fizera?

Misturado com os personagens terrenos que fizeram parte dos flagelos sofridos, da Via-Crucis e da crucificação, Lúcifer, do plano astral em que se encontrava, a tudo acompanhava sem ser percebido por ninguém, à exceção do próprio Mestre que em estado de oração íntima e constante ao Pai, apesar de percebê-lo por perto, não mais o fitara nos olhos.

Apenas quando uma certa autoridade romana, antes do início da caminhada para o calvário, Lhe perguntara o que era a verdade, o Mestre havia voltado os olhos para ele como se lhe repassando a pergunta. Depois dessa ocasião, Jesus não mais lhe voltara a atenção até o momento em que, preso ao madeiro do sofrimento e em instante de inigualável e majestosa beleza, rogou a Seu Pai que perdoasse a todos porquanto não sabiam o que faziam pois desconheciam a Verdade cósmica do Amor do Pai.

Ombreando com antigos seguidores agora encarnados como alguns daqueles personagens que cercavam Jesus naquele instante supremo, Lúcifer observava, inquieto, o Seu sofrimento. Alguns instantes antes de expirar, o Mestre voltou suavemente os seus olhos para Lúcifer e dirigiu-lhe uma rápida mensagem em língua diferente do padrão terrestre.

Somente ali, e apenas naquele instante, após perceber a mensagem que Jesus lhe endereçara em linguagem apenas conhecida nos mundos de Capela, Lúcifer quedou-se sobre o chão próximo à cruz e em pranto desesperado e silencioso, compreendeu, finalmente, quem era Aquele que se deixara crucificar como o mais modesto e humilde dos seres e, em nenhum momento, deixando de amar a todos.

Percebeu-Lhe a majestosa condição espiritual de Preposto Maior da Deidade, não mais por simples nomeação ou escolha do Mais Alto, mas, também, e acima de tudo, pelo merecimento pessoal e união íntima demonstrada e testemunhada com o mais alto padrão de amor e compreensão jamais potencializado através de um ser. Percebeu, ainda, os diversos níveis da hierarquia celeste que, em atitude de amor, admiração e respeito, sem promoverem nenhum tipo de interferência, aguardavam dos diversos ambientes energético-vibratórios que cercavam o palco terrestre, o desfecho do testemunho inigualável de amor ao próximo jamais ocorrido em qualquer recanto da Grande Obra da Criação Universal.

Lúcifer, talvez, continuasse a não perceber e/ou aceitar a questão da Deidade. Mas, independente da existência de Deus ou não, adquirira a consciência de que era muito, ainda muito inferior em condição existencial vibratória ao Mestre dos Mestres que testemunhava de forma impensável para a Sua excelsa condição cósmica, o mais alto padrão de amor. E isso, por si só, aniquilava em seu íntimo, o confronto equivocado ao Mestre, por ele

praticado. Percebera, finalmente, que independente do que ele julgava ser a figura ou mito do Pai Universal, o Mestre deveria ser a expressão maior do que porventura existisse em termos de Deidade, para seres do seu padrão vibratório. O Mestre dos Mestres que tudo podia fazer nas Suas atribuições de autoridade celeste, nada fez nesse sentido. E, realmente, em vez de prendê-lo, veio abraçar-lhe amorosamente o Espírito cansado de tanta luta íntima, angústias e inquietações.

Ali estava, ao lado do corpo terreno tão sofrido e já aniquilado, o Espírito de escol de Jesus que de braços abertos ao lado da cruz, mais uma vez convidava a todas as suas ovelhas a empreenderem o caminho da redenção espiritual.

Como que aniquilado diante de tanta vergonha que lhe ia no íntimo, Lúcifer rogou a Jesus o Seu perdão. E o Mestre, aconchegando junto a Si o corpo astral algo desfigurado de Lúcifer, elevou-se em direção a ambientes outros cercado pelas Suas hostes.

Terminara a rebelião de Lúcifer ou, pelo menos, o que restava da rebelião, que não mais tinha na sua figura o seu comandante. O irmão Lúcifer necessitava fortalecer a sua condição energética pessoal para poder voltar a trabalhar em benefício da própria paz interior. Precisava restabelecer em si próprio a condição vibratória para poder ajudar a todos que terminaram por segui-lo e que ainda se encontravam perdidos nas posturas estacionárias e criminosas do orgulho que pensa tudo poder. Enquanto um só daqueles que o seguiram estiver em situação espiritual de padrão vibratório semelhante ao que poderíamos chamar de *trevas* (ausência de luz e esclarecimento), Lúcifer não sossegará pois imprimiu na sua própria organização espiritual consciencial a condição de resgatar a todos que o seguiram para poder sentir-se em paz consigo mesmo.

Anteriormente referimo-nos aos luciferinos arrependidos. Agora, algo comentaremos sobre os renitentes.

Em toda parte há gente mais realista do que o rei, e essa expressão tem correspondentes em todas as línguas. Rendendo-se Lúcifer, cabeça da Rebelião não se entregaram outros rebelados. Ou creram que a rendição era mera encenação do chefe, ou o desprezaram por causa do gesto. De todo modo, persistiram, e ao fazê-lo chegaram a praticar - embora não com as repercussões cósmicas do que Lúcifer fizera - em termos terrenos, atos mais negativos e mais negros do que os do seu inspirador.

Um dos ex-generais de Lúcifer em particular, Satã - nome atribuído a deuses e espíritos malignos de diversas religiões de povos antigos da Terra, o que lhe dava muito gosto - prosseguiu liderando as falanges das trevas e influindo em seus afins, arrebanhando todas as vibrações pesadas e influindo em todos os baixos estratos existentes na população terrena, encarnada ou desencarnada.

Por bom tempo esperou a volta de Lúcifer ao comando da Rebelião, cuja chefia assumira em caráter interino; ao ver que a capitulação deste fora sincera, empederniu-se de acendrado ódio contra o próprio Lúcifer e contra todos os que desertaram da trilha do engano, voltando aos braços amorosos de Jesus. Passou a considerar a todos esses como

traidores e renegados, comprazendo-se em persegui-los com mais força do que àqueles que sempre tinha combatido.

Onde enxergou *traidores*, Satã baixou, implacável, seu gládio: contra os primeiros cristãos, nas grandes perseguições; contra os cruzados, quando voltaram escravos da África Negra na América; e, com requintes de perversidade, entre os judeus, onde sempre os houve e há em grande número.

Foi Satã o oculto mentor astral de todo o obscurantismo havido na Terra depois da encarnação do Mestre; esteve por trás da divisão e da queda do Império Romano, das violências dos bárbaros, da Inquisição e de todas as guerras religiosas da Europa, que retalharam o cristianismo. Intrigou reis e papas, envenenou o catolicismo, fomentou divisões étnicas, teve, com seus asseclas, influência em todas as gigantescas mortandades havidas na Ásia, muitas desconhecidas no Ocidente; mexeu com hunos, mongóis, chineses, indianos, japoneses, etc.

Utilizou as paixões e vícios da matéria para fazer dos encarnados massa de manobra e bucha de canhão. Desvirtuou a Revolução Francesa, atuou pessoalmente para mudar os rumos - essa uma de suas grandes vitórias da obra de Napoleão que, terminou por muito enfraquecer o nascente Espiritismo francês pois, a partir de então, tudo o que saísse da França era prontamente antipatizado pelo resto da Europa. Instigou um número incrível de guerras no século XX, sendo o maior responsável pelos erros das Revoluções Comunistas, cujo materialismo ideológico facilitOu-lhe a atuação vibracional contrária à obra do Mestre; de outra parte, junto ao poder capitalista, o imperialismo econômico, o apego ao dinheiro e à competição, a exploração da miséria e a falta de solidariedade social lhe deram idênticas facilidades.

Das sementes venenosas plantadas no fim do século XIX, colheu a Primeira Guerra; das conseqüências desta, fez a Segunda, quando reinou soberano, através de títeres como Stálin, Mussolini e Hitler - e por meio deste perseguiu, o quanto pôde, os judeus e outros segmentos dos povos terrestres. A ação da Luz impediu-lhe o domínio planetário. Mas ele conseguiu, levando o mundo à guerra fria, deixar a Terra à beira da destruição nuclear, que teria sido sua vindita final.

Só recentemente foi vencido, por um novo trabalho da Espiritualidade Crística que um dia será esclarecido. Sua sanha, que nos parece, pela proximidade dos fatos, mais virulenta que a de Lúcifer, decorre do fato de que este lutava por uma idéia - conquanto enganada e desvirtuada pelo orgulho e a auto-suficiência. Lúcifer era um líder, era um rebelde, digamos, um guerrilheiro político do cosmos, equivocado nos meios porque falto de visão dos fins, que avaliou de modo completamente errado. Já Satã tOrnou-se meramente um chefe de bandidos, um criminoso inveterado, que não lutava por nada mais, senão por vingança e desespero.

Muitas religiões confundiram Satã com Lúcifer, pensando serem o mesmo ente. Nada mais longe da verdade. E a Bíblia, cujos textos anteriores e posteriores a Jesus, misturavam tudo isso com lendas babilônicas de demônios, versões e traduções eivadas de misticismo, identificou-os com o Diabo, o Mal, o Inimigo, um ser irrecuperável, quase tão

poderoso como Deus, com quem travaria uma luta eterna desde o início dos tempos. Isso criou, principalmente no mundo ocidental, um verdadeiro bloqueio para o correto entendimento do tema.

Desde a revelação espírita, porém, ficou claro - aliás, isso já tinha sido revelado muitas vezes aos homens, mas a verdade perdeu-se na noite dos tempos - que não pode existir o Diabo, da forma como posto na literalidade do texto bíblico: um ser que é o mal em si, e que por isso não tem recuperação nem possibilidade de evoluir para um dia caminhar no rumo ascensional para o encontro com a Deidade, merecendo desta, somente, a condenação eterna, o inferno, junto com todos os que o seguirem. Essa tese leva a duas hipóteses, ambas inaceitáveis:

Por uma se tem que Deus, embora havendo criado o Diabo e seus seguidores, não os perdoa, por tantos erros que cometeram, exilando a todos, inapelavelmente, de qualquer chance de obter novamente seu amor; é Deus, assim, um Pai menos amoroso que os pais terrenos, que sempre oferecem aos filhos, por piores que sejam os atos por estes praticados, mais uma oportunidade de perdão, e que, mesmo quando os sabem errados, continuam a amá-los, às vezes até com maior fervor.

Pela segunda se tem que, como isso não pode ser, o Diabo não é filho de Deus, não foi por ele criado. Ora, se Deus não criou tudo, o Diabo é um Deus à parte, um Anti-Deus, e essa conclusão colide com o princípio monoteísta fundamental que embasa toda a Bíblia, Antigo e Novo Testamentos.

Aliás, até o Zoroastrismo, que supostamente admitia dois deuses, Ahura-Mazda, ou Ormuzd, do Bem, e Arimã, do mal, pregava que no fim dos tempos haveria a vitória do primeiro sobre o último, mas a condenação deste não seria eterna, pois Mazda, como expressão perfeita da bondade, não deixaria Arimã eternamente excluído desse reino da perfeição, até porque, se assim fizesse, não demonstraria a superioridade intrínseca do Bem sobre o mal.

Portanto, nem Satã nem Lúcifer são inconciliáveis com a Verdade. Na condição de filhos de Deus, o Pai os ama incondicionalmente. Os erros que cometeram são débitos que adquiriram e que certamente irão purgar, pelo labor e pelo sofrimento, conforme a lei cósmica. Sendo, como são, espíritos de grande saber, poder e energia, uma vez desviados da rota errada, certamente tomarão com vigor o caminho ascensional e poderão fazer, em prol das forças do Bem, muito mais do que contra elas puderam praticar.

4. Orgulho Espiritual

Após a saída de Lúcifer dos ambientes terrenos, o resto de sua falange confundiu-se completamente com o grande grupo de individualidades espirituais ligadas aos comportamentos menores da postura terrena.

O psiquismo luciferiano que tinha como características as posturas ligadas ao orgulho, à prepotência, à rebeldia e à arrogância, terminou por misturar-se de vez com as tendências e inclinações violentas de grande parte dos espíritos ainda comportamentalmente doentes da comunidade planetária terrestre.

O certo e o errado passaram a confundir-se perante os valores transitórios de uma época. Os ensinamentos eternos, válidos em qualquer tempo e lugar no cosmos, foram relegados a utopias religiosas e filosóficas apenas possíveis de serem praticadas por santos e anjos. Como na Terra tais individualidades eram raras ...

A possibilidade evolutiva era minada pelo orgulho que a tudo destruía, temperado pelas paixões mundanas por si só já envenenadas pelas inclinações inconfessáveis da então condição vibratória que caracterizava o espírito humano terrestre, a tudo destruía. Longo e doloroso foi, portanto, o período evolutivo, algo estacionado em termos de aquisição espiritual, do primeiro milênio pós Cristo.

O orgulho espiritual era a base sobre a qual as demais características dos homens e mulheres da Terra se assentavam. O que um dia fora sentimento de orgulho estrategicamente posicionado tornara-se a base de muitos comportamentos criminosos e equivocados.

Mas, em verdade, com o advento do Mestre e a saída de Lúcifer dos ambientes terrenos, estava iniciada a última etapa possível de recuperação para os espíritos congregados no orbe, antes da reintegração cósmica da Terra, ou em outras palavras, antes do tão propalado "Juízo Final" que nada mais é do que fato de comum ocorrência de tempos em tempos nos mundos em evolução em todo o cosmos, espécie de reciclagem espiritual que ocorre ao final de cada ciclo ou período evolutivo.

Terminada a rebelião, um novo prazo - promovido pela iniciativa do Mestre em vir à Terra semear o esclarecimento redentor - seria dado para que as individualidades espirituais pudessem administrar os seus *currículos existenciais* situando-os em melhor contexto vibratório a cada reencarnação empreendida, para habilitarem-se novamente à convivência cósmica em futuro próximo.

Cada família de espíritos traçou os planejamentos necessários ao melhoramento de seus pares com vistas a serem aprovados na reciclagem que inapelavelmente haveria de vir para viabilizar a reintegração da Terra ao contexto sideral. .

Miríades de trabalhadores da seara redentora do Mestre encarnavam a todo momento nas mais diversas regiões planetárias em tentativas educacionais e enobrecedoras ao tão desnorteado espírito humano.

O orgulho, porém, grassava em todos os quadrantes e organizações do mundo terreno e a intolerância e o desamor tudo e todos estacionavam em ambientes vibratórios de pesada e baixa característica comum aos ambientes trevosos.

Mesmo com o esforço de muitos, quase que a Terra era novamente dominada por grupos ligados às trevas da ignorância e do orgulho, que tudo faziam para permanecer na inércia que lhes era aparentemente tão agradável. Mas isso se dá até com alguém que, acostumado durantes anos e anos a viver em cavernas e subterrâneos longe da luz do sol, assusta-se com a possibilidade de *ser expulso ou sair daquela condição existencial a que já se acostumou e terminou por gostar*, mesmo que seja para uma melhor condição de vida. Tal processo se dá com quem se encontra afinado com as vibrações trevosas.

Nada mais era feito sob os auspícios de Lúcifer, que tinha seu nome utilizado aqui e ali pelos mais baixos padrões da atuação das trevas em idéia completamente distorcida em relação à original.

O nome de Lúcifer passou a ser uma espécie de padrinho dos mais pesados e primitivos comportamentos humanos sem que tivesse para isso contribuído direta e conscientemente. Mas tal era e é a herança daquele que indiretamente foi o foco propagador da situação trevos a que cercou a Terra até os dias atuais.

Lúcifer, de certa forma, sente-se responsável por tudo o que aconteceu e sua paz interior, como já informado anteriormente, somente será possível quando o último dos envolvidos, e obrigamo-nos a dizer, direta ou indiretamente, com todo esse processo, regenerar a sua consciência espiritual, obtendo, assim, a necessária redenção.

Entretanto, corria célere a experiência planetária pós Cristo. E na análise dos mentores do mundo terrestre, o que a falange de Lúcifer não conseguira, estava prestes a ser conquistado por um amontoado de grupos de espíritos ligados às trevas decorrentes e conseqüentes à atitude humana terráquea, que era o processo de envolvimento total, a título de aparente domínio, de todo o orbe terrestre pelas camadas sofredoras e necessitadas das formas-sentimento e formas-pensamento emanadas pelos espíritos trevosos que, encarnados ou desencarnados, formavam, à altura dos acontecimentos, a grande maioria da população do orbe terrestre.

5. Novos Débitos

A título de melhor compreensão, antes da chegada ao mundo dos encarnados de grupos de espíritos trabalhadores bastante evoluídos que começou a ocorrer no primeiro século do segundo milênio pós Cristo, a população do orbe (espíritos encarnados e desencarnados) em termos de desenvolvimento espiritual, estava dividida em três grandes grupos :

- a grande maioria das individualidades encontrava-se inapelavelmente ligada aos comportamentos e posturas trevosas, onde dominavam as tendências espirituais às posturas da intolerância, do ódio, da intriga, do culto às paixões desenfreadas, da violência, da maledicência, da inveja, da vingança, do orgulho e, acima de tudo, à arrebatadora inclinação de permanência em estados de estacionamento mental e moral;

- em número bem menor, porém considerável, aquelas que, dependendo das circunstâncias, tanto podiam tender aos comportamentos trevos os ou permanecerem numa certa inércia existencial, sem consagrarem grandes esforços no campo do progresso evolutivo;

- em pequeno número, as que sempre tendiam à prática do bem e do progresso mas que, por não serem perfeitas, de vez em quando, ao se defrontarem com situações típicas da história da convivência e das paixões humanas com suas intrigas e discórdias, e muitas vezes a título de defesa pessoal ou dos seus afetos, terminavam por assumir comportamentos menores e equivocados ligados à tendência trevos a que tanto complicam a evolução espiritual.

O quadro era bastante complicado.

Aquele que viera ao mundo terreno esclarecer e dar seu testemunho de amor, terminou por ter Seu legado amoroso vinculado a certas necessidades mundanas das organizações religiosas do passado que, irresponsável e inconseqüentemente em Sua memória e em Seu nome, praticavam os mais hediondos crimes contra a sensibilidade espiritual e o progresso evolutivo planetário.

A cada disputa, a cada intriga, a cada discórdia, todas as paixões inferiores cheias de interesses inconfessáveis explodiam nos corações nas entrelinhas do jogo do poder e do orgulho, fazendo valer a força do mais forte, do mais esperto, tornando praticamente impossível, a existência digna desenvolvida em padrões de atuação nobilitante.

A cada episódio, fosse em âmbito familiar, de vilas, cidades, reinos e, em especial, aqueles mais abrangentes em termos de geopolítica, contraíam-se novos e clamorosos débitos ante as leis divinas de causa e efeito, ação e reação.

A ignorância e a tendência do espírito humano terrestre ao estacionamento mental e espiritual, dominavam as capacidades da quase totalidade dos espíritos congregados no

orbe. O progresso terreno, tal qual a onda do mar que avança para depois recuar sobre as areias da praia, estava preso ao eterno ir e vir da instabilidade dos padrões de atuação do homem e da mulher da Terra.

Como promover, ou mesmo programar para curto prazo, a possível reintegração da Terra à convivência cósmica, com tão baixas e pesadas condições vibratórias dos seres nela congregados e, por conseguinte, da própria condição astral do planeta?

Como poderiam equipes de trabalhadores siderais muito evoluídos penetrarem no campo energético terreno, seja no nível físico ou astral, para poderem promover a ajuda tão necessária ao soerguimento da condição vibratória da comunidade planetária? Tal não era possível, à altura do início do segundo milênio.

Se imaginarmos um corpo celeste físico-material, um asteróide ou meteoro por exemplo, penetrando na atmosfera da Terra provocando o conseqüente atrito e combustão molecular através das ondas de choque isotérmico e/ou nuclear, tendo normalmente como conseqüência a destruição do seu próprio corpo celeste, poderemos, em analogia simples, imaginar, agora, que naves interplanetárias de civilizações muito evoluídas cujas *vibrações atômicas ou moleculares* fossem de padrão completamente diferente do normal terrestre ao adentrarem o ambiente planetário, com a ocorrência da interação de energias tão díspares, fatalmente provocariam ocorrências graves e até mesmo fatais, não só para os que estivessem na nave como também para o conjunto da população terrestre.

Por isso naves de seres muito evoluídos, cujas vibrações estejam em padrão energético-vibratório completamente diferenciado e dissociado das pesadas vibrações que cercam a Terra, dificilmente podem adentrar física e materialmente falando, os ambientes terrenos. Somente assim o poderiam fazer, no tempo em que estamos nos referindo, naves provenientes de civilizações pouco mais adiantadas que a nossa, de padrão vibratório harmônico ou semelhante ao terrestre.

O nosso planeta, enquanto possuir carga astral muito pesada envolvendo-o não suporta, como não suportava, a entrada de várias naves de seres de naipe espiritual-vibratório muito elevado. Seria um verdadeiro desastre energético se eles chegassem para algum tipo de contato mais direto aos sentidos terrenos.

Mesmo nos ambientes astrais, equipes de trabalho de seres muito evoluídos que estacionando as suas naves próximas à Terra aí se potencializam com seus corpos especiais através de projeções cujos níveis ainda são completamente incompreendidos e inimaginados pelo maior dos ficcionistas da Terra. Esses seres se defrontam com toda sorte de problemas e dificuldades, o que torna normalmente impraticável tais missões. Somente a custo altíssimo de ordem energético-pessoal é que alguns seres, em gesto de amor e para servir aos seus irmãos cósmicos, se propõem, a exemplo do que fez Jeová e sua equipe, a trabalhar em tais condições.

A título de exemplo e ilustração, representaria para esses seres se potencializarem, seja em ambientes astrais ou em físico-materiais de mundos inferiores e problemáticos, o mesmo que significaria para um ser humano passar anos e anos vivendo em cavernas de

odor desagradável sem nenhum conforto ou assistência, em ambiente cheio de fumaça e gases pesados que muito dificultam o processo respiratório e de visão, em condições precárias de alimentação e higiene, correndo risco de adquirir doenças de toda sorte. Da mesma forma que um ser terrestre, após tal empreitada, necessitaria passar muito tempo em recuperação hospitalar se é que o mesmo não fosse precisar de operação reparadora em algum de seus órgãos, assim, também, os irmãos de outros orbes necessitam de verdadeiras recomposições energéticas e magnéticas em processos que não são nada agradáveis, após cumprirem missões em mundos de vibrações pesadas.

Dessa forma, devido ao constante registro na condição energética dos espíritos reencarnados de seus próprios erros e crimes, causando o conseqüente contágio na atmosfera em que respiram, ou seja, no astral planetário, das formas-pensamento e formas-sentimento doentias resultantes dos seus atos e posturas, a Alta Espiritualidade não tinha como promover a chegada de irmãos de fora, o que impedia a reintegração da Terra aos circuitos de intercâmbio e tráfego cósmicos.

Não havia como promover semelhante processo até porque fatores impeditivos do crescimento mental a nível das ciências em geral imperavam nos principais centros produtivos e nas principais organizações e centros de poder do mundo àquela época.

Tais fatores, completamente ligados ao estacionamento das idéias e ao ortodoxismo estéril, dominavam a evolução das mentes promovendo o atraso e a ignorância orgulhosa, a título de estarem fazendo a *vontade de Deus*.

Era tanto orgulho, ignorância e violência no coração dos homens e mulheres da Terra que tornava impossível qualquer tipo de convivência com outras realidades mais evoluídas.

Através do passar do tempo planetário, dádiva maior do Pai para os mundos transitórios onde se congregam espíritos em diversos níveis de evolução antes de atingirem certas conquistas espirituais que os qualifiquem à coexistência fraterna no chamado não-tempo, faria com que as individualidades congregadas no orbe terrestre limpassem as suas mentes e corações através da purgação e expiação de tanta energia de padrão vibratório cármico baixo e pesado, que lhes caracterizava a existência.

Somente através da chegada de muitos trabalhadores espirituais evoluídos, conforme permitissem as condições planetárias, é que a situação poderia melhorar. A Terra necessitava urgentemente de corações que vibrassem sentimentos de paz, mansuetude, carinho, amor, e acima de tudo, retidão moral, para melhorar as condições energéticas do planeta, que nada mais são do que a resultante direta das emanações fluídicas dos seres ali congregados.

Nasceram no mundo terreno valorosos trabalhadores da seara do Mestre para tentar algo com vistas a melhoria da situação planetária. A grande maioria permaneceu, durante toda a vida, no anonimato e somente alguns poucos conseguiram projetar o seu testemunho a âmbitos maiores.

Mas onde não se torna possível o esclarecimento fraterno somente a dor e sofrimento podem ensinar.

E assim foi com a nossa comunidade planetária, mesmo com a chegada de espíritos tão evoluídos e compromissados com o processo de esclarecimento planetário, como o nosso amado irmão Francisco de Assis e tantos outros que desceram às lides carnais para muito contribuírem com o progresso planetário. Mas como tudo o mais na Terra, a semeadura necessitava de tempo para a realização da boa colheita.

6. Persiste O Isolamento

Continuava a Terra na ilusão de sua solidão cósmica. Seus habitantes, de forma descuidada e inconseqüente, terminaram por pensar que eram o centro do universo e que Deus não tinha mais a fazer a não ser cuidar de trajes e formas de culto dos diversos segmentos culturais dos terráqueos.

Constrange ao autor terreno da presente obra a lembrança de um fato amplamente noticiado pela mídia internacional: um certo oficial que mesmo após o fim de uma guerra e por ter se perdido e permanecido longo tempo no meio da selva sem contato algum com a civilização, pensava e agia ainda como se em estado de guerra estivesse, quando, em verdade, a guerra já havia acabado muitos anos antes. Imaginemos o que esse nosso irmão não deve ter pensado e passado ao longo desse período em que viveu brutal e equivocada ilusão.

Tal é o caso e/ou estado de todos nós, espíritos congregados no orbe terrestre desde há muitos milênios.

Devido ao longuíssimo período em que estamos de forma isolada vagando pelo cosmos, sem nenhum tipo de contato direto educativo e elucidativo com as civilizações siderais, sem delas sequer termos notícias, vivemos completamente iludidos com o que podemos perceber através da pobre e limitada ótica terrena.

Isolemos um grupo de dez pessoas, por exemplo, de toda e qualquer possibilidade de convivência e intercâmbio com a sociedade durante quarenta anos e, ao final desse período, verifiquemos qual o estado mental e psicológico dessas pessoas.

O processo de isolamento provoca, inexoravelmente, um encurtamento no horizonte mental perceptivo e reflexivo do ser. O senso de realidade torna-se distorcido simplesmente porque o seu cérebro não recebe as influências estimulativas e progressistas do meio do qual foi isolado. E a tendência normal e natural desse ser é permanecer com postura mental estacionária, em estado de alienação enquanto durar o isolamento ou, em hipótese mais generosa, evoluir muito lentamente com o pouco que possa dispor o seu cérebro no campo da percepção e análise. No caso terrestre, o longo processo de isolamento cósmico junto com a singular tendência à postura orgulhosa e às explosões temperamentais provocadas pela incapacidade cerebral de controle pessoal que provoca, na condição energética da individualidade, campo fértil para a atuação das forças trevosas que invariavelmente imperam nesses casos, terminaram por criar processos de indução mental equivocados de tal porte que os mais tresloucados valores transitórios conseguiam sobrepor-se ao mais primário dos valores eternos que é o respeito ao ser! Tal valor eterno, que vale em qualquer recanto do cosmos, passou a ser uma espécie de quimera ou utopia frente aos ilusórios e equivocados valores transitórios terrenos.

A crença religiosa, cega e irrefletida, subproduto da ignorância e do medo, não podia gerar nenhuma postura diferente daquela que gerou, ou seja, o fanatismo. O fanatismo, processo doentio de indução mental que aniquila na condição cerebral todo e qualquer obstáculo a nível de escrúpulo e reflexão, terminou por promover no espírito humano terrestre, posturas extremadas no campo da violência e do desamor e, o pior, sempre iludindo-se na criminosa afirmativa de que assim se age - ou agia em nome da Deidade, como se Esta de tal loucura necessitasse.

Esse inconseqüente processo de conduta das massas humanas da Terra terminou por criar em torno do orbe, uma condição energética decorrente das formas-pensamento e sentimento emanadas de seus habitantes de caráter vibratório altamente distorcido e desarmônico que somente o passar do tempo e muito sofrimento existencial seriam os fatores que conseguiriam apagar, diminuir ou suavizar tal condição energética planetária.

Nenhum dos principais núcleos dos diversos segmentos do progresso terreno conseguia promover, por mínimo que fosse, esforço conjuntural que persistisse algum tempo no confronto energético com a triste condição vibratória que imperava por todo o planeta, para algo compensar em termos da situação astral do orbe que tendia ao caos.

As aglomerações religiosas, a título de tratarem dos interesses do Alto, feriam frontalmente tais interesses através da prática invertida e distorcida dos ensinamentos dos seus fundadores.

Aqui e ali, a verdade era buscada nobremente por uma teimosa minoria que, no entanto, pouco durava na condição de vivos pois a única luz que as trevas conseguiam suportar era a das fogueiras inquisitórias que calavam a voz dos que queriam fazer brilhar um pouco de esclarecimento.

A fé cega e irrefletida era campo fértil e propício à manipulação pelos mais espertos ou menos escrupulosos para a desdita de todos. Quanto de mal foi feito em nome da fé! Quantos crimes cometidos a título de defender a Deus ou a idéia de um Deus que podia até *desejar* qualquer coisa, menos que se cometessem crimes em Seu Santo Nome.

Tudo isso produto do isolamento e da incrível inclinação da humanidade terrena à prática das explosões temperamentais via postura fanática que a tudo cega.

O que sabíamos ou sabemos nós das verdades eternas para julgarmos com tanta segurança o próximo? Que tipo de imbecilidade mental ou idiotice espiritual conseguimos nós agregar aos nossos próprios espíritos para cometermos tantos crimes em nome de Arquétipos Cósmicos que nada tinham a ver com tanta loucura?

Infelizmente, para todos nós, não havia a menor condição de sermos ajudados de forma mais efetiva, a título de apressarmos, ou melhor, não retardarmos tanto assim a evolução planetária.

Nada podia ser feito. Persistia o isolamento.

3. Reintegração Cósmica

1. Esforço e Aprendizado

Para promover a reintegração cósmica da Terra, a Espiritualidade Maior defrontava-se com vários níveis de dificuldades que, se analisadas à luz da ótica terrena, concluiria-se por ser impossível a sua consecução.

Enquanto houvesse as intrigantes condições de afinidade entre *as pesadas nuvens de astral problemático decorrentes das emanações fluídicas dos habitantes* que rodeavam a Terra e à tendência desses mesmos habitantes, numa espécie de pré-disposição consciencial, à manutenção de tal padrão vibratório, nada podia ser feito em termos de religação planetária à coexistência cósmica.

Como promover o intercâmbio de uma comunidade de espíritos orgulhosamente doentes e completamente ignorantes quanto a tudo mais com seres de elevado padrão consciencial? Além de não ser lógico nem racional, se essa aproximação acontecesse, teria como conseqüência direta um verdadeiro desastre para todas as partes envolvidas.

Não havia como promover semelhante processo sem antes modificar a *atmosfera energética* que envolvia o planeta em suas camadas espiritual-astral mais baixas, vamos assim dizer, próxima ao mundo dos encarnados.

Primeiro, era necessária a promoção de eventos esclarecedores e renovadores, nessa ou naquela região da esfera dos encarnados, para provocar, ao menos, pequenas mudanças no padrão energético planetário, tal qual uma pequena e suave mancha em enorme nuvem de cores fortes e pesadas, e depois, em processo continuado de doação de bons fluidos psíquicos e energéticos por parte dos habitantes, o estímulo ao crescimento dessa suave mancha para que a mesma avançasse mais e mais sobre a escuridão das vibrações magnéticas de baixa qualidade espiritual.

Muitas tentativas foram feitas, mas os bons ideais, os novos estímulos à reeducação da postura espiritual e as tentativas de esclarecimento, quase sempre morriam com os seus criadores através do fogo inquisitorial que ajudava a manter o baixo padrão energético reinante no planeta.

Aqui e ali eram semeadas esperanças de bons frutos em colheitas futuras pelo esforço hercúleo de alguns verdadeiros heróis do progresso humano mas, quando do retorno destes ao mundo espiritual, seus seguidores, por não disporem da mesma fortaleza interior dos mestres missionários da luz e traídos nas forças íntimas, permitiam ou mesmo provocavam a já tão conhecida peste das ervas daninhas dos comportamentos equivocados dos homens e mulheres da Terra junto aos grãos de luz anteriormente semeados.

Novos movimentos filosóficos-religiosos na Terra aportavam, através de novas tentativas da Espiritualidade, para retificar os níveis comportamentais das posturas equivocadas do Espírito terrestre, mas que, por invigilância de um ou de muitos, terminavam por ratificar justamente o que antes pretendeu-se combater. Modificavam apenas a roupagem, a aparência. No entanto, o germe do orgulho, da intolerância, do desamor e do descontrole espiritual ante as paixões psiquicamente dominantes e avassaladores do mundo terreno, continuava intacto no coração do ser humano terrestre e de forma imperiosa continuava a produzir o caos energético na vida planetária.

Todo espírito encarnado, dentro de um contexto episódico e histórico qualquer, ao ser investido de algum tipo ou nível de poder terreno, numa espécie de autofagia, destrói o equilíbrio de sua própria condição espiritual através da prática de delitos e desmandos no uso ilusório dos valores temporais. Eram poucos os que conseguiam se equilibrar entre a ilusão transitória e a questão consciencial do próprio espírito necessitado de evolução.

Ao contrário, se afastado do poder e das facilidades do mundo, sofrendo na carne e no espírito a experiência da miséria material, da solidão e do anonimato em mundo tão perverso, menos ainda conseguiam o equilíbrio da humildade e da postura da não agressão por inveja ou inconseqüência ante os mais favorecidos. Aí também o processo de autofagia da própria condição espiritual herdada do Pai pelas posturas de rebeldia estéril que termina por promover erros muitas vezes de maior porte ainda do que aqueles contra os quais se motivou a combater.

No jogo das muitas vidas do processo reencarnatório terrestre, ia a individualidade espiritual, por entre as experiências múltiplas e diversas da beleza física e da ausência desta, da riqueza e da miséria, do sucesso e do fracasso, da exaltação e da humilhação, do poder e da escravidão, enfim, de todos os contrastes que o ser terreno conseguiu promover na sua própria condição existencial, provocando, dessa forma, a sua própria complicada evolução e, consigo, a do seu berço planetário.

Espíritos nobres quando encarnados, conseguiam aqui e ali, deixar obra acabada de sinalização e esclarecimento fraternos com vistas ao melhoramento da caminhada evolutiva da existência terrena. Um pouco de luz foi finalmente surgindo por entre o equivocado domínio dos cultos à ignorância e ao orgulho que grassavam nos diversos segmentos da vida planetária.

Era preciso educar a boa crença de muitos que, manipulada pelo poder e esperteza mental negativamente aglutinada de poucos em alguns centros do poder temporal, terminavam sempre por se alinhar ao desserviço da boa causa do esclarecimento e do melhoramento do nível consciencial terrestre.

A crença, por si mesma, era uma boa semente presente no interior de espíritos que, congregados em um mundo inferior e sem tecnologia disponível, pouco podiam se desenvolver a nível mental e, por conseguinte, necessitavam trabalhar e melhorar a sua componente moral-espiritual através da fé ou crença em algum padrão superior de postura existencial.

Onde pouco a mente pode produzir, a fé íntima promove o estímulo ao melhoramento pessoal. Se o meio em que se vive não permite ou não consegue promover as condições básicas ao necessário padrão de reflexão mental com vistas ao progresso, somente algo que venha do íntimo do ser pode estimulá-lo à renovação e ao melhoramento.

Preso e limitado à modesta percepção dos sentidos próprios aos corpos terrenos que durante milênios viveram em condições organizacionais políticas de nível primário e, destituídas de qualquer padrão tecnológico, sobrava para a vivência do Espírito terrestre encontrar na fé e na crença o grande fator de motivação comportamental.

Era com base na crença ou na falta desta, que o ser humano baseava a sua atitude consciencial. Em uma situação, com o alinhamento e adesão totais através de comportamentos extremados ao que era determinado pela manipulação dos poderes estabelecidos, se assim podemos dizer. Em outra, através da forte contraposição que é sempre provocada pelas posturas radicais e inflexíveis que se pretende confrontar, que termina, também, por causar seus horrores.

Se era no fator crença que estava localizado o germe das posturas conscienciais do ser terrestre, para ali, também, deveriam convergir os esforços renovadores do Mais Alto. E se nos permitirem a paciência e compreensão dos amados irmãos e irmãs, leitores destas modestas páginas, verem aqui reproduzi da a repetição do óbvio, diríamos que aquele que sabe e conhece, não necessita crer. Aquele, entretanto, que não conhece e não poderá fazê-lo por falta de condições para tanto devido às condições ambientais reinantes que o rodeiam, somente lhe resta a atitude consciencial da crença, ou em última análise, de sua negação.

Essa era a grande característica espiritual dos homens e mulheres terráqueos durante muitos séculos dos milênios passados. É sempre bom recordar que desde a implosão da tecnologia atlante, somente nas épocas atuais é que o mundo terreno está novamente desenvolvendo níveis tecnológicos complexos e sofisticados. Entre uma época e outra, o espaço vazio da percepção dos processos mentais foi propício à propagação da crença e da fé, ou da negação de ambas, como fator de evolução.

Até o fim do século XVIII, tal era a situação do orbe terrestre.

2. Preparação Necessária

Tudo o que havia sido realizado até então, em termos de tentativas progressistas e renovadoras, tinha como base o sentimento de fé que vinculava energética e indelevelmente os indivíduos a este ou aquele conjunto de preceitos religiosos, limitando sempre a possibilidade de esclarecimento às próprias fronteiras das conveniências, fossem elas honestas e de boa fé ou não.

O poder religioso, que tinha como base a fé, confundia-se a todo instante com o poder político que tinha no jogo de interesses a base sobre a qual assentava as suas ações. No meio desse jogo de paixões desenfreadas a boa fé de muitos foi criminosamente manipulada ao longo dos contextos históricos.

A crença ou descrença, nisso ou naquilo, era a preciosa moeda do mundo e fator de união ou desagregação entre muitos. Tudo era feito com base na crença e na fé. Porém se estas eram manipuladas e, além disso, eram subprodutos de um meio extremamente atrasado em termos de percepção e esclarecimento ...

Algo precisava ser feito porque o sofrimento, tal qual processo evolutivo e reparador, já havia preparado e arado a boa terra do interior de muitas individualidades espirituais através dos séculos, para novas semeaduras no porvir.

Boa parte da humanidade terrena já estava cansada dos mesmos erros conscienciais longamente repetidos através das múltiplas reencarnações e já se encontrava apta a receber o vislumbre de novos aspectos e possibilidades outras de crescimento interior.

Repentinamente, ao olhar mais desavisado, aparece a Codificação Espírita dizendo que antes de crer era necessário compreender. Estava lançada a chamada fé raciocinada.

Para os segmentos do mundo que queriam simplesmente a crença, sem o raciocínio e a necessária perquirição que promovem as possibilidades de esclarecimento e renovação, aquela nova doutrina não surgia em boa hora conquanto afrontava nos seus preceitos, alguns pressupostos básicos que norteavam certas posturas filosóficas e religiosas.

Compreender para crer! Com a compreensão, a interiorização da crença. Com a interiorização da crença, a convicção íntima e fé inabaláveis. Assim sendo, livres de quaisquer possibilidades de manipulação no campo de jogo dos interesses materiais porquanto os atores desse processo, os mentores e trabalhadores espirituais, estavam fora do controle das *autoridades terrenas* e completamente livres para atuarem conforme o plano da Espiritualidade.

Como foco renovador e esclarecedor e, conscientes da necessidade de promover possibilidades de crescimento interior a nível planetário, os Mentores da Codificação planejaram o seu aparecimento organizado para a comunidade francesa que à época dos

fatos, era centro irradior de novidades e fatos de vanguarda para todo o planeta, como ainda o é.

Era objetivo do Mais Alto espiritualizar todas as correntes e segmentos filosóficos e religiosos do planeta com vistas ao melhoramento vibratório de toda a comunidade terrestre. Além disso, pretendia a Espiritualidade, chamar a atenção para a vida após a morte do corpo físico como também para a possibilidade de comunicação com os espíritos dentro de padrão ético de candura fraterna.

Conscientes da estranha tendência humana terráquea em antipatizar qualquer coisa ou novidade que seja produzida por outrem, numa espécie de fobia a tudo que for promovido por outra pessoa, outra equipe, outra religião, outro segmento ideológico qualquer ou por outro país, os mentores sabiam que se a Codificação Espírita fosse transformada em mais uma religião, o objetivo pretendido demoraria mais a ser alcançado. Tudo isso devido à brutal ignorância que se esconde nos sentimentos de qualquer tipo de intolerância, em especial, a de caráter religioso, como se houvessem vários deuses e cada qual com o seu segmento terrestre preferido.

Apenas em última análise e possibilidade de realização conforme as condições históricas de tempo e lugar é que a grande codificação de esclarecimentos espiritualistas deveria se limitar ao papel de mais um credo religioso mas que, mesmo se ainda assim, deveria desenvolver importante e estratégico trabalho, nem que fosse a título ou rótulo de religião, de assistência fraternal e limpeza energética nos ambientes espirituais mais próximos à esfera dos encarnados.

Se transformado em mais uma religião, de pronto as outras religiões não aceitariam os preceitos esclarecedores espiritualistas, porquanto perdida no jogo dos interesses menores a humanidade muitas vezes confunde o juízo de valor entre os aspectos transitórios e aqueles que são eternos das múltiplas faces da Verdade, ou como preferem alguns, das muitas Verdades Cósmicas. Normalmente, tomamos o menor pelo maior, o certo pelo equivocado, e sempre o fazemos com o espírito cheio de orgulho como se estivéssemos agindo genialmente ou coisa do gênero. Costumamos ainda subestimar os menos esclarecidos que tomam posições diferentes das nossas com sorrisos de superioridade. Tola ilusão.

Mas, como tudo o mais que aportou à Terra com o objetivo de esclarecer, a Codificação Espiritualista, por força das circunstâncias, tornou-se um conjunto de preceitos filosóficos-religiosos que terminaram por compor a Codificação Espírita que, independente de tudo o mais, deveria ter seus preceitos e postulados estudados por toda humanidade porquanto manancial de ensinamentos cósmicos e esclarecimentos fraternos.

Como anteriormente indicado, o Espiritismo surgiu porque era chegado o momento de esclarecer a fé e a crença das pessoas.

O Universo e seus múltiplos níveis existenciais que nos envolvem são passíveis de serem percebidos e entendidos. Porém, tais percepções e entendimentos acontecem no devido tempo em que podem ocorrer conforme as condições de época e lugar. Além do

que, muitos pensam que o Universo é que tem de se diminuir ou simplificar-se para se fazer perceptível quando, em verdade, nós é que temos de desenvolver em nós próprios uma melhoria nas condições vibratórias pessoais para que possamos, a partir desse crescimento ou renascimento interior, perceber cada vez mais a complexidade dos muitos e diversos níveis existenciais presentes no Cosmos, e é importante que talo repitamos.

Diante desse contexto e por ser a comunidade terráquea um verdadeiro ajuntamento de grupos étnicos siderais de origens distintas que terminaram por gerar, após muitas gerações, os atuais povos formadores do presente contexto planetário, como poderia a Espiritualidade promover um só ensinamento, um só segmento filosófico e/ ou religioso para todos se sempre existiu a intolerância nos níveis religiosos, raciais e políticos?

Havia, somente, duas opções: a primeira era não espiritualizar e esclarecer através de processos específicos e esperar, durante muitos séculos e milênios, que o próprio sofrimento humano fosse promovendo o necessário ajustamento, com vistas à consecução do ideal planetário, para somente depois fazer derramar sobre todos as sementes de esclarecimento moral e espiritual. Em verdade, se assim tivesse ocorrido, a comunidade terrena teria sido abandonada pelos seus irmãos cósmicos e entregue a sua própria sorte, e simplesmente acompanhada de longe.

A segunda, seria tentar semear em regiões e povos distintos, focos de esclarecimento objetivando o entendimento planetário futuro, possibilitando, assim, a consecução do ideal planetário para a reintegração cósmica da Terra. Dessa forma, os nossos irmãos espirituais e de outros orbes mais evoluídos, jamais deixaram de participar do longo processo de desenvolvimento terrestre, mesmo à custa de sacrifícios pessoais. E assim foi feito.

E somente no século XIX é que boa parte da coletividade terrestre havia atingido e conquistado os marcos espirituais necessários e suficientes para se permitirem o vislumbre do contexto cósmico que cercava a Terra. Tal processo viria através da apresentação das hostes espirituais que trabalham na seara redentora do Mestre. Diversos acontecimentos nos campos da filosofia e do sentimento religioso tiveram que ocorrer ao longo do segundo milênio para que o esclarecimento prometido por Jesus pudesse ser derramado sobre a Terra.

O pano de fundo de todo esse longo e penoso processo foi sempre o amor do Mestre e o trabalho dedicado de planejamento e execução de muitos espíritos trabalhadores.

Porém, a Espiritualidade Maior jamais pretendeu transformar todos os homens e mulheres do planeta em espíritas porque, conhecedora profunda da tendência intolerante do ser humano a sempre refutar o que surge através de segmento e postulados distintos do seu próprio, os mentores espirituais não seriam ingênuos e inconseqüentes de tal pretenderem.

A grande intenção e objetivo era e é espiritualizar e esclarecer todos os seres através do chamamento da atenção planetária para as verdades que se escondiam por trás da limitação dos sentidos sensórios do corpo humano terreno. Se para tal, os preceitos

esclarecedores da nova doutrina de idéias teriam que, para bem sobreviverem, cercarem-se dos cuidados e sentimentos religiosos dos homens e mulheres, que assim fossem.

De alguma forma, a semeadura da Espiritualidade tinha que prevalecer com vistas ao processo geral de esclarecimento de todos os povos que seria a base da mudança de mentalidade de toda a comunidade planetária para a conseqüente reintegração cósmica.

Mas não foi somente com a intenção dirigida de esclarecer que o Espiritismo surgiu há aproximadamente cerca de um século e meio antes da época prevista para a reintegração. Havia o objetivo estratégico de se assistir fraternalmente a milhões de individualidades espirituais desencarnadas que se congregavam nos ambientes espirituais mais próximos ao mundo dos encarnados.

Esses irmãos e irmãs infelizes, cuja grande maioria sequer tinha consciência do novo estado espiritual, após a morte do corpo físico, estavam inexoravelmente congregados nas chamadas regiões trevosas onde ajudavam e contribuíam para o inquietante processo de perturbação da situação astral-energética que envolvia a Terra, com suas emanações deletérias a nível de explosões mentais e sentimentais que excediam aos níveis mínimos aceitáveis da existência digna do espírito, ainda que liberto da carne. Vendo-os na prática cotidiana do destempero mental e emocional, outra conclusão não se podia chegar a respeito da Terra a não ser a angustiante conclusão que a nossa casa planetária, estava, em verdade, servindo aos propósitos misericordiosos da Alta Espiritualidade como uma espécie de planeta-hospício e planeta-hospital para individualidades espirituais perturbadas e doentes.

Enquanto esses irmãos ali permanecessem, como se entocados em profundíssimas regiões dominadas pelas trevas, a situação energética terrena não se modificaria. Era preciso desentocá-los, primeiro, para depois assisti-los, ajudá-los ou alocá-los em nível existencial paralelo próximo à Terra, para posterior exílio, conforme permitisse a situação vibratória de cada uma das individualidades ligadas às trevas.

Queiram ou não alguns segmentos religiosos do mundo, o intercâmbio entre os *vivos* e os *mortos* existe e o Espiritismo é o que de mais moderno e ético existe em termos de padrão de procedimento responsável para esse processo.

No caso específico dos espíritos que, após a morte do corpo físico, ficavam indelevelmente presos às vibrações trevosas e se congregavam em ambientes muito próximos à esfera dos encarnados, somente poderiam ser ajudados de forma direta, através das chamadas incorporações mediúnicas para serem assistidos e esclarecidos quanto à atual situação de seu espírito para posterior ajuda a ser recebida nas *casas de recuperação* da espiritualidade.

Estes fenômenos mediúnicos para ocorrerem dentro do mais alto padrão de respeito e solidariedade para com os espíritos sofredores era, em verdade, o grande fruto, dentre outros, ofertado pelo esforço e dedicação de muitos médiuns que no anonimato do mundo, através de horas e horas de trabalho e sacrifícios pessoais, se dedicavam amorosamente à assistência fraterna aos irmãos e irmãs sofredores desencarnados.

A cada espírito assistido, correspondia, na realidade, um foco a menos de produção de emanações deletérias que tanto complicavam o ambiente terrestre. Para cada um que parava de vibrar com as trevas ou que não mais por elas se deixava dominar, era um soldado a menos do exército inconsciente e inconseqüente que pretendia ainda fazer com que a Terra permanecesse no estado de vibração trevosa.

Assim foi trabalhada durante anos e anos frente ao descrédito e incompreensão de muitos uma verdadeira falange de milhões de espíritos sofredores que foram fraternalmente amparados. Assim mesmo, se processou a *limpeza energética* do nosso orbe com o objetivo maior de preparar e adequar a situação terrestre às possibilidades de reintegração cósmica.

A equipe de espíritos trabalhadores que participou das primeiras etapas da codificação e propagação dos ideários espíritas achou por bem desenvolver a *idéia religiosa* em torno do Espiritismo, até porque não havia mesmo outra alternativa, para melhor promover os trabalhos de assistência fraterna aos espíritos sofredores e necessitados. Não fora esse trabalho de *assistência fraternal direta aos mortos* do planeta Terra, e ainda estaríamos sentindo o peso doloroso daquela condensação energeticamente envenenada que envolvia a Terra que, somente a partir dos anos oitenta, foi efetivamente dispersada através do trabalho de muitos heróis anônimos do mundo terrestre. Sem o concurso dos processos medianímicos ajustados e adequados à prática da postura fraterna pelo Espiritismo não haveria reintegração cósmica da Terra no prazo em que esta ora se estabelece. Da mesma forma, sem o concurso de outros segmentos religiosos e filosóficos que foram de importância capital durante a longa e lenta evolução do entendimento e percepção planetárias, não teriam sido criadas as condições necessárias para o advento das últimas etapas preparatórias para a reintegração.

Quanto à importância da Codificação Espírita esta se confunde no processo global do pano de fundo do surgimento de cada foco filosófico-religioso que surgiu nos ambientes do mundo terreno, sempre atendendo a objetivos estrategicamente planejados pelo Mais Alto.

Todas as expressões religiosas e filosóficas que surgiram na Terra, tiveram e têm a sua importância ímpar e específica como um instrumento a mais de trabalho da Deidade no grande concerto do Ideal Fraterno. Estudar, portanto, a importância de cada uma e de todas, abordando os aspectos das possibilidades de entendimento e percepção das épocas em que surgiram, o legado herdado pelo mundo moderno de todas elas, e o papel e a contribuição de cada uma para o futuro dadivoso do nosso berço planetário é objetivo específico de outro grupo de trabalhos literários que a seu turno virá.

Não iremos, entretanto, mais além na análise da importância do surgimento da codificação espírita e do papel da medi unidade até mesmo porque esta sempre existiu. É só recorrer aos exemplos históricos perceptíveis através das pitonisas, oráculos, profetas e outras tantas personagens de muitos episódios distribuídos nas muitas culturas religiosas do passado terrestre. O Espiritismo, dentre muitas outras coisas, tornou ética e fraterna a prática da medi unidade que sempre existiu.

Foi essa, portanto, a chamada fase de preparação necessária e ajustamento das condições terrenas ao futuro processo de reintegração à convivência cósmica.

Buscar a compreensão dos fatos e dos postulados para exercitar a crença e a fé em bases mais sólidas, ainda é imperativo que deve atrair a todos os homens e mulheres que desejam a evolução interior através da paz e maturidade de espírito.

Estudar e pesquisar, compreendendo também e acima de tudo os limites inteligentes do processo mental dessa busca, conforme o estágio em que se encontre o espírito, é atitude prudente e sábia no campo do desenvolvimento espiritual.

Esqueçamos, pois, as barreiras criadas pela intolerância e invigilância da atitude consciencial humana terráquea no trato dos movimentos filosóficos e religiosos porque cada um teve e tem o seu papel e importância específicas e todos ainda têm muito a contribuir com o atual momento planetário.

Bebamos de todas as fontes sem perdermos a identidade filosófica e/ou religiosa que mais nos gratifique o espírito. Esclareçamos acima de tudo a nós próprios para melhor professarmos a fé que nos caracteriza o íntimo. Procuremos ser bons e fraternos, amando-nos uns aos outros como nos recomendou e recomenda o Mestre Jesus, e tudo o mais se resolverá no seu devido tempo.

Assim é um planeta livre de emanações energéticas infelizes e pesadas. Trabalhemos todos por este ideal.

3. Prelúdio da Unidade Planetária

Não seria um grande exercício para a nossa mente imaginar que ao longo do processo histórico terrestre a Espiritualidade Maior sempre tentou, conforme as condições e possibilidades apresentadas pela humanidade encarnada, semear a idéia de unidade, de comunidade fraterna, fosse a nível local, regional ou continental, conforme as opções históricas promovidas pelo livre arbítrio terreno.

Mesmo em estágios inferiores da evolução das posturas políticas dos homens e das mulheres da Terra, quando muitos *chefes guerreiros e ditadores* quase dominavam o mundo, ainda assim, os mentores espirituais tentavam promover o que possível fosse em termos de aprendizado e preparação para uma futura possibilidade de unidade planetária.

Somente havendo uma espécie de acordo planetário é que a Terra poderá ser efetivamente reintegrada à convivência cósmica.

Mas, o que é unidade planetária? E o que seria um acordo planetário?

Unidade planetária é a idéia de que somos uma só família cósmica congregada na Terra pois é assim que somos percebidos pelo universo. Nenhum viajante sideral pode eleger este ou aquele governo dos muitos que existem na Terra como sendo aquele que deverá representar o planeta nos intercâmbios, por assim dizer, oficiais entre as civilizações espalhadas pelo cosmos.

É normal e natural que devido à forma como o ser terráqueo surgiu e ao conjunto da nossa história evolutiva, ainda existam muitos governos espalhados pela Terra. E estes devem continuar a existir porquanto a parte organizacional do mundo será sempre produto da capacidade de discernimento e de agir da comunidade terrestre. Os governos a nível municipal e regional existirão sempre, enquanto vida houver no planeta. Não há nenhum problema. Problema existirá se os governos existentes não conseguirem criar ao menos uma espécie de acordo político quanto à forma da coletividade terráquea se fazer representar frente ao cosmos.

Não se pretende, nem jamais se pretendeu, acabar com as características ímpares e específicas deste ou daquele grupamento étnico dos muitos que compõem a população terrestre.

A riqueza da diversidade em todos os campos da vida planetária é, talvez, a principal característica nossa ante as demais civilizações siderais que se sentem amorosamente atraídas pela beleza dessa multiplicidade de padrões em um só planeta. Já se sabe que somos, em verdade, uma espécie de caldeamento de diversas raças cósmicas e como tal deve continuar a ser essa a grande característica da Terra pelos milênios afora. Mesmo com o congraçamento normal entre as diversas raças planetárias a diversidade será sempre a grande característica da vida na Terra.

O que se pretende e o que se impõe pelos fatos que nos cercam, é que a percepção da cidadania planetária, fruto da idéia de unidade planetária, possa, cada vez mais se fazer presente na mente dos homens e mulheres do mundo sem que, com isso, percamos as nossas características específicas de cultura e região geográfica.

A idéia de que somos cidadãos planetários - na verdade somos cidadãos cósmicos - e de que formamos uma só família diante do cosmos é fator imperativo de análise e reflexão para os que na Terra pretendem viver.

Convergir para o todo, contribuir para o aspecto global planetário mesmo agindo localmente é postura que se pretende seja semeada hoje para ser desenvolvida e cada vez mais melhorada pelas gerações que virão para que a colheita possa ser feita no futuro planetário.

E este processo é inexorável e ocorrerá suave e pacificamente na medida em que a percepção de que somos uma unidade cósmica for penetrando as mentes e os espíritos da presente geração e, em especial, dos que virão. Os que nesta onda vivificante do ideário cósmico que começa a varrer o planeta não pretenderem mergulhar os seus espíritos na boa luta e no bom combate com os olhos postos no futuro, ficarão ao largo observando e criticando o processo até o fim do período normal de suas vidas e, como tudo o mais que é fruto do passado equivocado, a este planeta não retomarão em reencarnações futuras porquanto ainda presos às intolerâncias e posturas infelizes do pretérito.

Esses irmãos e irmãs infelizes não se permitiram conseguir semear nos próprios espíritos a esperança do futuro livre das criminosas distorções ocorridas ao longo da história terrena, tão presos estavam às tendências e inclinações equivocadas do passado espiritual. Não atingiram aquela condição mínima para permanecerem na Terra já melhorada.

Como já informado, irão para mundos outros apreenderem em ambientes ainda mais adversos, a postura do ideal fraterno.

Estamos todos, portanto, no momento presente, vivendo o prelúdio da unidade planetária. Esta virá, mais cedo ou mais tarde. Dependerá apenas do livre-arbítrio planetário como tal processo ocorrerá.

Preparemo-nos todos porque cabe justamente a essa geração de espíritos presentemente reencarnada na Terra fazer acontecer os primeiros momentos desta transição. Talvez não seja fácil. Mas é bem menos difícil do que tudo o que já fizemos no passado equivocado.

4. Fim da Quarentena Cósmica

Chegamos, finalmente, ao fim do processo de quarentena que a Terra se impôs ante as hierarquias cósmicas devido aos equívocos dos seres nela congregados, ou seja, todos nós.

Muitas individualidades aqui estão exiladas há cerca de seiscentos mil anos. É isso mesmo, seiscentos mil anos do calendário terrestre. Outras, desde períodos mais recentes. O fato é que como conseqüência da rebelião de Lúcifer a Terra passou a receber, em períodos cíclicos e consecutivos, diversas levas de exilados de muitos planetas distintos.

Os mais recentes, ao que estamos informados, foram dois grandes grupos que chegaram há cerca de quarenta mil e vinte mil anos sucessivamente.

É esse, portanto, o tempo durante o qual a atual geração de espíritos que formam a população de orbe terrestre, está a personificar muitas reencarnações no palco planetário.

Uns mais, outros menos, mas por menos que seja, o número de reencarnações que cada um de nós teve, somente na Terra, deve surpreender a muitos. Isso sem levar em consideração as que tivemos fora do contexto terrestre.

À exceção dos espíritos criados, originalmente, para iniciarem a sua jornada evolutiva na Terra, e estes o são em bom número, aproximadamente 2/5 da população do orbe, todos os outros são considerados exilados e, como tal, já viveram em outros ambientes planetários.

Finalmente, após muito sofrimento, foi concluído o período ao fim do qual a Terra estaria apta a congregar-se novamente ao intercâmbio cósmico.

A limpeza energética promovida nos ambientes trevosos com o conseqüente melhoramento das condições vibratórias do orbe; o resultado positivo das semeaduras dos que fizeram e fazem, em especial, os segmentos religiosos mais antigos e formadores da cultura religiosa planetária que, mesmo com todos os problemas inerentes à imperfeição humana, produziram bons frutos no campo da fé, da solidariedade, do perdão, da bondade, enfim, do amor ao próximo; as conquistas das ciências que permitiram visão mais abrangente e profunda a respeito das realizações do passado, das atuais conquistas tecnológicas e das possibilidades do que podemos produzir no futuro, tudo isso converge para esse grande momento em que estamos prestes a voltar a conviver com o universo que nos rodeia.

Com o passar dos milênios e das muitas experiências existenciais empreendidas na carne, cada um de nós terminou por renascer um pouco que fosse a cada reencarnação, caindo aqui e acolá e sendo novamente erguidos pela misericórdia do Cristo, e, pessoalmente, vend9-me tão cheio de fragilidades ainda a serem superadas na atualidade, quedo-me a imaginar quão doloroso foi todo esse processo. Mas isso é tema para outros

escritos. Tais aspectos referentes à história das diversas levas de exilados trazidos para a Terra devem compor outro conjunto de obras.

O importante é que todos nós conseguimos sobreviver a tantos equívocos e com um pouco mais de esforço interior no campo das realizações íntimas do espírito tornarmo-nos aptos a conviver com padrões mais evoluídos de existência. Mais importante ainda é percebermos que a individualidade cósmica de cada um de nós já existia desde há muito e que, disso nos apercebamos ou não, queiramos ou não, a eternidade nos envolve o espírito na longa jornada evolutiva até onde nos solicite o amor do Pai.

Inevitavelmente lá chegaremos. É o único determinismo que nos norteia o caminho evolutivo. Quando e como chegaremos lá, dependerá exclusivamente do livre-arbítrio do nosso espírito nas muitas existências transitórias vividas.

Fim de um período evolutivo, início de outro. É sempre assim, nos dizem os bons e fraternos amigos da Espiritualidade.

5. Contexto Cósmico

A comunidade planetária terrestre, em verdade, renasceu interiormente. A exemplo do que nos dizia o Mestre Jesus quando aqui esteve encarnado, que o ser terreno somente entraria nos reinos dos céus se nascesse novamente, porquanto renascendo intimamente, através das reformas no próprio espírito, traria indelevelmente para si próprio uma melhoria nas suas condições vibratórias podendo, assim, habitar ou conviver em ambientes existenciais mais desenvolvidos, foi exatamente esse o processo que ocorreu com toda a humanidade terrena ao longo de sua história.

Parte da humanidade ter rena já encontra-se apta a voltar a conviver com o contexto cósmico que nos rodeia. Outra parte ainda deve ser um pouco mais trabalhada no campo do esclarecimento e da postura íntima para tal mister.

Mas, o que é o contexto que nos rodeia?

É exatamente esse o novo campo de buscas e aprendizado que se abre para a evolução da humanidade terráquea. É um degrau a mais, sem ser o último, da escada infinita que nos estimula o desenvolvimento vertical e ascensional do Espírito.

O portal que nos liga ao cosmos foi na Terra edificado pelo Mestre, Seus emissários e demais trabalhadores de boa vontade, e é chegada a hora dos nossos sonhos evolutivos atravessarem esse portal rumo a um outro padrão de aprendizado.

Ainda temos e teremos diversas ordens de problemas a serem resolvidos na nossa retaguarda evolutiva. Mas se tivermos um pouco que seja de habilidade e muito de boa vontade, humildade e disposição para melhorar a si próprios e, ao mesmo tempo, contribuirmos com a comunidade em que estivermos inseridos, estaremos, efetivamente, preparados para levarmos adiante a administração interior não só das necessidades da Terra, mas também daquelas que nos alimentam e educam o espírito.

O céu de que nos falava o Mestre, hoje passa a envolver a Terra porque novo é o estado do espírito da coletividade planetária. É o contexto cósmico que nos seus muitos níveis existenciais e com diversos orbes superiores - verdadeiros paraísos - abre as suas possibilidades para que possa ser vislumbrado pela ótica terrena. São os muitos mundos e situações existenciais intermediárias entre a condição terrena e a dos mundos superiores que ora se descortinam ante os olhos dos homens e mulheres da Terra. São também as muitas coletividades planetárias que, ainda caminhando à própria retaguarda evolutiva da situação terrestre, posicionam-se, na espera ansiosa, de um dia, quem sabe, serem ajudadas pela civilização terrestre do futuro.

Eis que chegou o momento de nos reintegrarmos à convivência e ao intercâmbio com os irmãos e irmãs de outros orbes.

Terminou o isolamento que nos motivava a estacionar o espírito na inércia da acomodação dos valores transitórios da Terra. Doravante, seremos sempre motivados à melhora interior porquanto estaremos convivendo com seres bem mais evoluídos.

Sejamos, pois, caminhantes que jamais se detêm. Não peçamos ao Pai a estrada reta e desimpedida da evolução porquanto pouco vigilantes e ainda tão imperfeitos que somos, podemos desenvolver velocidade inconseqüente e criarmos mais e mais problemas para nós próprios.

Teremos que administrar ainda por muitas experiências existenciais a herança espiritual de nós próprios através das tendências e inclinações do passado longamente equivocado que nos acompanharão aonde formos e em que situação existencial estivermos. Ninguém se transforma em espírito evoluído de uma hora para outra. É um longo processo, com início, meio e fim. O momento cósmico que estamos vivendo é simplesmente o início.

Estamos a meio caminho do processo de reciclagem espiritual do orbe terreno que, na cultura religiosa planetária ficou conhecido como o Juízo Final quando Jesus retomaria à Terra para presidir pessoalmente a separação daquelas individualidades tendentes ao bem e aquelas outras que não atingiram ainda um nível mínimo de convivência fraterna com seus semelhantes. Ao que entendemos da Espiritualidade Maior, em verdade o Mestre cumprirá todas as Suas promessas. Um pouco mais e O teremos entre nós em visitação fraterna clara e objetiva aos sentidos de percepção terrenos como Ele próprio prometeu. É esperar para ver.

Precisamos entender que, após tantas reencarnações empreendidas em corpos materiais, através de diversas existências na carne, depois de muitos estudos nas matérias de aprendizado da vida terrena, a saber, o amor ao próximo, a postura diante da riqueza, do poder, da pobreza, da miséria, do perdão, da tolerância, etc., o nosso espírito, quando da conclusão de *mais um período letivo de aprendizado*, será avaliado (já estamos sendo) quanto à verdadeira aprendizagem ou não de tudo o que nos ensinado pelos muitos mestres espirituais que se fizeram presentes ao longo da história terrena a fim de que nos tornássemos seres tendentes ao bem e aptos à coexistência pacífica, ordeira e amorosa com o nosso próximo.

Para a entrega deste *certificado cósmico*, perdoem-nos a pobre comparação com a situação do cotidiano terrestre, aos que, por esforço e mérito pessoais, conseguiram obter a própria redenção dos seus espíritos e, principalmente, para confortar, estimular e orientar aqueles que não conseguiram a aprovação neste *período escolar* e que serão levados para um outro planeta-escola onde um curso de *recuperação cósmica* os espera, aqui virá o Mestre Jesus com toda a Sua majestosa simplicidade de Preposto Maior do Pai Amantíssimo.

Jesus, através de muitas parábolas, advertiu a esta geração que efetivamente haveria este grande dia. Em Mateus, capítulos 13 e 24, em Marcos, no capítulo 13, e em Lucas, capítulo 21, estão registradas as grandes mensagens do retorno do Mestre para dar início a um período de paz, fraternidade e trabalho redentor e edificante para toda a comunidade planetária.

Nada de fim de mundo com a Sua chegada. Ao contrário. Será o início de um novo período evolutivo que a seu turno, será desenvolvido em seus múltiplos aspectos. A tendência à destruição predita e prevista por muitos foi, finalmente superada. A contribuição energética de altíssimo nível de espíritos maravilhosos como o que na Terra, durante a sua última romagem terrena ficou conhecido como Mahatma Gandhi; o esforço de muitos heróis anônimos na postura do amor plasmando no astral planetário a resultante de suas vibrações; a boa luta de muitos líderes religiosos e políticos na tentativa de se dar sempre uma chance à paz; os artistas maravilhosos que nas suas produções geniais semearam no coração de muitas gerações, ao longo das últimas décadas, o sonho e a esperança de um futuro melhor e com isso modificando o horizonte do futuro para muitos; a oração sincera dos membros dos diversos segmentos religiosos da cultura terrena; a contribuição científica que a todo momento descortina novos aspectos do Cosmos mostrando a nossa pequenez e a necessidade de agirmos cada vez mais com a devida ética diante da vida humana e do meio ambiente que é o nosso pedaço do cosmos em que vivemos e temos que bem administrá-lo, e tantos outros aspectos da produção humana dos últimos tempos que terminaram por plasmar na atmosfera astral planetária uma nova situação de possibilidades maravilhosas em relação ao futuro.

Hoje, outras são as predições e vaticínios em relação ao amanhã da comunidade planetária terrena.

É importante que se diga que aqueles que conseguirem a nota mínima exigida, ao final desse longo período reencarnacionista, para estarem aptos a conviver com realidades existenciais mais desenvolvidas, não são e não podem ser considerados espíritos evoluídos. São apenas individualidades espirituais desimpedidas de maiores problemas cármicos mas não evoluídos. O nosso padrão vibratório frente à média do cosmos ainda se assemelha à criança teimosa diante de um sábio, de um iletrado ante um devotado cientista.

Ainda temos muito a percorrer no caminho da redenção espiritual para que nos julguemos sequer razoavelmente evoluídos.

Mas a Terra, com suas conquistas e problemas a serem trabalhados pela humanidade que nela vive e viverá será ainda a grande escola e o tempo terrestre, o professor.

Receberemos cada vez mais a visitação fraterna de outras classes de seres que nas suas escolas cósmicas também evoluem rumo ao amor do Pai. E por eles mesmos seremos ajudados. E com eles trocaremos experiências na busca do grande ideal fraterno que une todos os seres do cosmos.

Que possamos todos reintegrar os nossos corações aos circuitos de amor que ora pulsam desejosos de nossa companhia no grande concerto da coexistência cósmica. Que venha a reintegração porque nela está mais uma etapa evolutiva, mais uma bênção do Pai, mais um testemunho de amor do Mestre por todos nós.

Fim de um ciclo, início de outro. É realmente sempre assim, nos dizem mais uma vez os amigos espirituais. E assim será por toda a eternidade, até onde nos leve o amor do Pai.

Por fim, nos é informado que haverá um dia neste planeta como nunca houve outro antes. Assim como, ao observarmos um fruto maduro ainda preso à árvore, prestes a cair ao chão, sabemos que a qualquer momento este fruto deverá cair, embora não possamos precisar com exatidão o dia nem a hora, tal é a expectativa quanto ao início do processo das visitas preliminares da equipe do Mestre na preparação de Sua Grande Vinda que será vista e percebida por todos os seres viventes. Mas, "quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, somente o Pai" (Mateus 24,36).

"Ei-lo que vem com as nuvens. Todos os olhos o verão, mesmo aqueles que o traspassaram", nos diz o Apocalipse.

..."aparecerá no céu o Sinal do Filho do Homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu cercado de glória e majestade" (Mateus 24,30 = Marcos 13,26 = Lucas 21,27).

"E como o relâmpago que parte do Oriente e ilumina até o Ocidente, assim será a Volta do Filho do Homem" (Mateus 24,27).

"Vigiai, pois não sabeis nem o dia, nem a hora" (Mateus 25,13).

Passado e Presente

Era em uma tarde como outra qualquer. No horário terrestre algo em torno das 16 hs. O Sol, como se quisesse ser testemunha privilegiada do grande encontro, demorava a se inclinar para o horizonte, teimosamente suspenso na atmosfera, observando a tudo e a todos com os seus raios que refletiam a glória da Criação.

Há aproximadamente dois mil anos atrás, nas terras da Palestina, esse mesmo astro estava quase a pino, sendo obrigado por força de sua posição astronômica, a ser observador do mais pobre e ignorante de todos os crimes registrados na história da humanidade:

O Sol abrasador, calor sufocante, um homem preso ao madeiro da ignorância judaica e romana cercado por dois revolucionários também crucificados.

Legionários romanos, furiosos por ali estarem em pleno Sol, na hora mais desagradável do dia, após cumprida a execução, aguardavam impacientemente a consumação da morte dos três homens cruelmente flagelados, para que pudessem retornar aos seus aposentos, descansando para a folga que cairia justamente na festa pascal judaica do dia seguinte.

Homens rudes que olhavam a toda hora para o astro rei reclamando da demora de sua lenta descida para o horizonte, como se quisesse marcar nos corações daqueles espíritos embrutecidos a infelicidade do ato que acabavam de praticar.

Algumas mulheres choravam congregadas em pequenos grupos ao redor daquela elevação de terra que passou à História como sendo o Gólgota.

Alguns poucos homens taciturnos quedavam à distância com suas vestes escuras, homenageando no seu triste silêncio, o sofrimento daquele homem que entre os crucificados era o único que se mantinha em silêncio.

Outros passavam ao largo, soltando, através de gritos inconseqüentes, frases jocosas desnecessárias, que registravam ainda mais a miséria do espírito humano.

Alguns familiares e amigos dos crucificados, corajosamente reunidos num pequeno grupo caracterizado pelo desespero e aflição presentes em cada um dos seus membros, encontravam-se bem próximos ao local da crucificação. Uma mulher, dentre as outras do grupo, apoiada em um rapaz bastante jovem pede para aproximar-se, o que lhe foi permitido.

Escutamos o crucificado do meio balbuciar algumas poucas palavras para os dois que se aproximaram e que logo depois se afastaram lentamente.

O Sol continuava teimoso lá no alto. A impaciência e o calor aumentavam cada vez mais.

Um silêncio repentino se fez, como se toda a natureza calasse as suas diversas vozes para ouvir a de um simples homem que, naquele instante, começava a pedir a um Pai que só ele deveria conhecer, que perdoasse a todos nós que, por ignorância e desconhecimento, estávamos praticando aquele ato.

Estava de costas para o crucificado procurando identificar em algum ponto do ambiente que nos rodeava, o motivo para aquele silêncio incomum, quando escutamos aquele homem estranho pedir ao Pai dele que nos perdoasse.

Voltei-me devagar procurando os olhos daquele homem e o fato é que a partir daquele instante, tive uma certa dificuldade em encarar o crucificado do meio.

Algo se arrebentara dentro do meu espírito. Alguns dos outros legionários também se inquietaram. A sensação de termos feito algo profundamente errado e injusto se instalara no nosso íntimo para nunca mais sair.

Afastei-me um pouco do resto dos legionários que montavam guarda.

Observava as condições dos outros crucificados quando comecei a perguntar a mim mesmo que tinha eu a ver com as brigas e desentendimentos dos judeus? Apenas por algum tipo de má sorte é que me encontrava ali! Já tinha servido em diversos locais que refletiam a glória e o poder de Roma cumprindo de forma eficiente as leis do mundo romano e seria exatamente ali, naquele fim de mundo, que iria começar a fraquejar frente a mais um dos muitos condenados que eram executados a toda hora para fazer valer a justiça de Cesar?

Ainda aturdido pelo que acabara de escutar do crucificado, quedei-me, pensativo, procurando dar fim àquela aflição que se fizera inapelavelmente no meu íntimo. Mas, e o Sol? Por que não descia logo, escondendo-se no horizonte, acabando com tão demorada e irritante execução?

Aproximei-me do crucificado do meio para verificar a quanto ia a Sua resistência e com certa dificuldade o encarei. O Espírito daquele homem através do seu olhar, entrou de vez no meu coração para também nunca mais sair. Na hora senti-me como uma criança apanhada em plena falta, mas a paz que vinha daquele olhar era incompatível com Seu estado físico. Aquilo não era possível. No entanto assim o era. A sensação que emanava dAquele homem era de suavidade, de fraternidade, apesar de toda dor horrenda que sentia.

Virei o rosto para logo tornar a olhar para o crucificado. Pouco havia nele do homem que pela manhã, ao ser entregue aos meus cuidados após ter sofrido os primeiros flagelos, recebera a visita de uma senhora aflita que depois soube ser sua mãe. Era a mesma que na companhia do jovem rapaz aproximara-se da cruz. Entretanto, antes de permitir a entrada daquela senhora até onde estava o homem que ia ser crucificado, adentrei o ambiente onde encontrava-se o prisioneiro, e procurando observá-lo, notei, de minha parte, que era eu que estava sendo observado.

Eram os mesmos olhos que por trás de tanto sofrimento ainda expressavam paz, brandura e amor. Efetivamente não era aquele o meu dia. Não era possível tal fato. No entanto assim o era.

Quem era Aquele homem de quem pouco ou quase nada sabia a respeito? Que poder ele tinha que sem nada fazer perturbava o mais fundo de minha alma?

Afastei-me profundamente perturbado, expressando ao Sol o meu desapontamento por tão pouca colaboração. Os momentos lentamente se passaram.

De repente, mais uma vez, aquele extraordinário silêncio que penetrava no mais íntimo do meu espírito se fizera presente. Como que desconfiado, não mais procurei coisa alguma ao redor do ambiente em que nos encontrávamos. Olhei fixamente para o crucificado do meio que, imóvel na Sua agonia, começava a contorcer-se lentamente.

De quantas batalhas havia participado e nem mesmo quando do silêncio dos esconderijos à espreita do inimigo, jamais percebera tamanha e incômoda ausência de qualquer tipo de som.

Mas, de repente, como se todo o oxigênio existente no ar estivesse concentrado nos pulmões daquele homem, ele, com uma voz que era misto do desespero físico e da mais autêntica e irresistível majestade espiritual, começou a emitir sons que não pude compreender. Tudo estava parado ao redor.

Encontrava-me cabisbaixo pois repentinamente muito me afligia assistir o sofrimento dAquele homem quando comecei a escutar mais uma vez ele chamando o Seu Pai para entregar o seu Espírito pois Sua Obra estava acabada. Tudo estava consumado.

O Sol como que envergonhado frente a tanta injustiça e entristecido frente a tanta dor, sumira de repente, em plena tarde, sem maiores explicações. Não atinava com o que estava ocorrendo. Mas como entender coisas do alto se não compreendia o que estava se passando a poucos metros de distância?

Por que tudo tremia de repente? Que tempestade fulminante e inesperada era aquela que acentuava ainda mais a inquietação que reinava entre nós, tristes e infelizes testemunhas de tão hediondo erro?

O Sol, da mesma forma intrigante como sumira, voltara a brilhar. Tudo cessara. Como se com vergonha do que acabara de assistir, corria, agora, célere para o horizonte, pondo de forma misericordiosa um fim ilusório ao que acabáramos de promover.

Quase dois mil anos depois, voltávamos a observar o astro-rei, em plena tarde, desejando que ele, agora, não andasse tão rápido. Que lá permanecesse, teimosamente suspenso na atmosfera, para dar tempo a que se cumprisse o que fora prometido por aquele mesmo homem que do madeiro do Seu sofrimento olhava a todos com carinho e afeição.

Em plena tarde do agreste nordestino, estávamos nós, os mesmos personagens espirituais de outrora, esperando a volta do crucificado do meio como Ele mesmo prometera.

Cronologia de Eventos

♦ antes de ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ outras experiências existenciais que no futuro serão explicadas.

♦ ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ chegada das primeiras levas de humanóides (seres especialmente preparados para a vida na Terra, possuidores de grande nível instintivo mas ainda não dotados da luz da razão).

♦ ≈ 1.000.000 a 950.000 anos a. C. ⟶ quatro grupos distintos, já bastante melhorados, porquanto resultantes das múltiplas experiências ocorridas ao longo do tempo, foram deixados na Terra, para uma espécie de teste final quanto à adaptação climática e, em especial à questão gravitacional. Ao final do período de testes e ajustes, seria decidido se um, alguns ou todos os grupos permaneceriam no planeta. O que desse processo resultasse, seria a base de humanóides que, juntamente com os seres mais evoluídos que chegariam em um segundo momento, formariam a humanidade futura. Cerca de quarenta mil humanóides se dividiam entre os quatro grupos, cujos portes variavam entre sessenta centímetros e dois metros de altura, possuindo, todos, pele acinzentada. A essa altura, mais uma leva de espíritos simples e ignorantes mas com a herança maior da luz do raciocínio com a conseqüente responsabilidade cármica, estava apta a iniciar a jornada evolutiva de ascensão espiritual na Terra, encarnando nos corpos resultantes dos cruzamentos desses humanóides.

♦ ≈ 800.000 anos a.C. ⟶ chegada de equipes de seres mais evoluídos de diversas origens planetárias, para conviverem, diretamente, com os já existentes. Esses irmãos passaram por toda uma série de adaptações nas suas condições energéticas e, em especial, nos seus corpos, para tomar possível a permanência na Terra. O objetivo era a edificação do portal cósmico.

♦ ≈ 742.000 anos a.C. ⟶ início da inquietação de Lúcifer nos sistema de Capela.

♦ ≈ 687.000 a.C. ⟶ começa a rebelião de Lúcifer. Durante os próximos 68.000 anos, vários seguidores de Lúcifer visitam a Terra e outros orbes, propagando os postulados da rebelião.

♦ ≈ 619.000 a.C. ⟶ a Terra e outros mundos rebelados têm seus circuitos de convivência cósmica cortados. Início do período de isolamento cósmico. Começam a chegar os primeiros exilados de expurgos planetários conseqüentes à rebelião. Muitos vêm no estado de espíritos desencarnados. Outros, entretanto, aqui aportam em naves espaciais.

♦ ≈ 100.000 anos a.C. ⟶ a Terra passa a ser o último e único planeta rebelado. A partir de então, tudo o que restava das forças conscientes da falange revolucionária estava congregado no nosso planeta. Lúcifer desloca-se para a Terra e desembarca na base Atlan que, na atualidade, é a cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

♦ ≈ 63.000 anos a.C. ⟶ primeiro grande desastre atlante. Decadência total da civilização planetária. A Terra entra em um período de impasse energético jamais percebido pelas hostes da Deidade que perdurou por cerca de 23.000 anos.

♦ ≈ 40.000 anos a. C. ⟶ chegam outros exilados cerca de 5 bilhões de individualidades, sendo, alguns poucos, em suas próprias naves, e a grande maioria no estado de espíritos desencarnados - que foram remanescentes de processos expurgos retardados, ainda provenientes da rebelião de Lúcifer, como, também, de reciclagens vibratórias de alguns mundos, com vistas a outros objetivos evolutivos. Por essa época, a Terra já contava com uma população de cerca de 20 bilhões de individualidades cósmicas, entre encarnados e desencarnados. A partir de então, a população planetária passou a ser de, aproximadamente, 25 bilhões de seres.

♦ ≈ 12.000 anos a.C. ⟶ fim da civilização atlante. A partir da confusa mistura de um cataclismo, dos efeitos decorrentes de experimentos e problemas com alguns artefatos herdados das gerações atlantes do passado remotíssimo e mais um evento astronômico, a grande civilização atlante ficou reduzida a cinco núcleos principais que se espalharam pela Terra.

♦ ≈ 11.000 anos a.C. ⟶ chegada de algumas dezenas de milhares de exilados, todos no estado de espíritos desencarnados, provenientes, também, de alguns expurgos retardados de Capela e Antares. Essa foi a última leva de exilados que veio para o nosso planeta.

♦ ≈ 8.000 anos a.C. ⟶ os remanescentes dos atlantes começam a sucumbir por problemas diversos. Alguns grupos de ex-atlantes se espalham ainda mais pela Terra. Na Índia, por exemplo, entram em confronto com a população local sendo eles - os ex-atlantes - uma das partes envolvidas nos conflitos descritos nos Vedas.

♦ ≈ 4.000 anos a.C. ⟶ Jeová assume a coordenação dos trabalhos das equipes do Mestre no planeta Terra.

♦ ≈ 300 anos a. C. ⟶ Jeová dá por concluída a sua missão e retira-se do ambiente terreno. A partir de então os extraterrestres passam a acompanhar, discretamente a evolução planetária.

♦ 27 d.C. ⟶ consumada a crucificação do Mestre, Lúcifer é retirado do ambiente terreno. Satã, seu principal companheiro de desdita, assume o comando do que restava da rebelião.

♦ 1940 d.C. ⟶ os extraterrestres começam a, novamente, se fazerem percebidos, obedecendo ao plano de preparação planetária, para a reintegração cósmica da Terra.

♦ 1993 d.C. ⟶ em trabalho desenvolvido pela Espiritualidade Maior, Satã é assistido fraternalmente, sendo, desde então, retirado dos ambientes astrais terrenos.

Esclarecimento Estratégico

Resolvemos distribuir as obras que estão sendo por nós preparadas a pedido e sob orientado dos mentores espirituais em sete grupos distintos, dadas as características comuns e objetivando propiciar melhor visualização para quem desejar *enxergar em profundidade* o planejamento global da Espiritualidade, ao menos no que diz respeito à utilização deste aparelho terrestre.

Todo este trabalho tem como objetivo maior o processo de esclarecimento planetário frente a muitos aspectos das verdades eternas e do necessário conhecimento da vida cósmica para que nela possa, a comunidade terrena, ser reintegrada ativamente.

Neste sentido, os escritos por nós recebidos até julho de 1995, estão didaticamente distribuídos em sete grupos de livros, a saber:

Contexto Filosófico - Espiritualista

O processo de reintegração da Terra à convivência cósmica somente poderá ser desenvolvido tendo como base toda uma preparação filosófica a nível de entendimento e da necessária postura política fraterna dos habitantes do orbe terrestre para que a reintegração aos circuitos cósmicos possa ser efetivamente consumada.

Para tal fim foram fornecidos durante todo o longo e penoso processo da história humana, toda a base política-humanística-espiritual e filosófica necessária ao esclarecimento do espírito humano, para aqueles que realmente desejaram - ou desejavam - alimentar-se da luz do esclarecimento espiritual.

Muitos mestres do conhecimento cósmico na Terra estiveram reencarnados fornecendo, na medida das possibilidades de entendimento nos núcleos terrestres à época dos seus testemunhos amorosos, as principais sementes necessárias ao desenvolvimento do espírito.

Neste final de ciclo, esses mesmos mestres, a pedido de Jesus, o Mestre dos Mestres, estarão atualizando e adequando seus ensinamentos para os dias finais deste milênio, fornecendo, assim, a base filosófica necessária ao entendimento do que ora ocorre com a comunidade de espíritos congregados ao orbe terrestre.

Em homenagem ao espírito amigo e iluminado de Platão, resolvemos denominar os dez livros que irão compor essa base filosófica, como pertencentes à série "Diálogos", porque será através da conversação desses grandes trabalhadores do progresso terrestre que os ensinamentos necessários e complementares a toda base de reflexão já existente para este fim de período cósmico, virão a todos nós apresentados através de diálogos, posto que, foi, efetivamente, dessa forma, que ocorreram.

Contexto Cósmico

Neste grupo estão agrupados os livros que abordarão aspectos do Cosmos, sua hierarquia, seus diversos níveis existenciais, os sistemas de mundos comandados pelo Mestre Jesus, Seus assessores, a História da Terra sob a ótica cósmica, a História de grupos de individualidades que para a Terra foram exiladas, certas ordens de problemas cósmicos e mais alguns outros aspectos que dizem respeito à vida cósmica.

É deste grupo o presente trabalho publicado como também o serão os dois próximos livros a serem editados que abordarão assuntos diversos relativos ao cosmos, exílios espirituais e outros temas relevantes. Os demais serão intercalados aos outros trabalhos.

Contexto Terrestre

Todo este processo de final de período cósmico com a conseqüente transição necessária ao terceiro milênio, os fatos que decorrerão de todo este processo e o vislumbre do que deverá e/ou poderá ocorrer com a comunidade terráquea, são assuntos que serão abordados nos livros que irão compor os temas relativos à vida sociológico-política dos terráqueos frente à iminente reintegrado à vida cósmica e aos demais aspectos conseqüentes.

Elucidativos

Temas gerais serão abordados nos livros que irão compor este grupo, porquanto necessários ao entendimento do todo.

O fenômeno da morte, as Profecias, vida em outros níveis próximos à Terra, a misteriosa Atlântida, estudos sobre a Prece e muitos outros assuntos serão desenvolvidos e estudados como complemento à possibilidade de entendimento e percepção de como tudo está relacionado e interligado e de que, efetivamente, nenhum cabelo cai de nossa cabeça sem que esteja permitido e previsto dentro das leis que formam o grande circuito cósmico que emana e é mantido pelo amor do Pai.

Contexto Doutrinário

Nos livros aqui agrupados, serão apresentados diversos aspectos da temática da reencarnação, através da experiência de cinco individualidades espirituais que contarão suas muitas reencarnações, observando, em especial, as posturas felizes e infelizes assumidas quando do trato dos problemas humanos, decorrentes das intolerâncias raciais, religiosas, políticas e algumas outras características do espírito humano terrestre.

Estes livros aparecem apenas como apoio ao muito que já foi escrito a respeito do assunto por outros trabalhadores da causa do Mestre e é nosso dever ressaltar que será exatamente a opinião desses espíritos, conforme o grau de evolução que lhes é peculiar, que desfilará pelas páginas dos livros que compõem esta série e não os ensinamentos da Espiritualidade Maior que normalmente caracterizam obras com propósitos de esclarecimento.

Contexto Histórico

A análise dos fatos históricos tendo por trás o pano de fundo da eterna realidade espiritual que rege os aspectos transitórios das evoluções planetárias será a base central dos temas a serem abordados nos livros que compõem esse grupo.

Contexto Religioso

Sob a ótica espiritual serão analisados os movimentos religiosos terrestres, separando-se o que é instrumento de aprendizado da Espiritualidade Maior e o que representam as criações dos próprios homens dentro do contexto religioso. Há muito de criação humana que foi apresentado como sendo de origem divina. E muito do que de divino foi apresentado à Terra terminou por sofrer distorções promovidas pelas limitações e inclinações menores do gênero humano terrestre. Os livros aqui agrupados fornecem alguns padrões de reflexão para tais assuntos.

PROJETO ORBUM

PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

"DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA."

Princípios:

EXERÇA PLENAMENTE a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

SE SOMOS UMA FAMÍLIA, torna-se inconcebível

a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

EXISTE UMA FORÇA política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

RESPEITAR AS FORÇAS políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial - imprescindíveis para a evolução terrestre - mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

NA VERDADE, SOMOS todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

SE VOCÊ CONCORDA com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica

e essencial na convivência entre os seres.

PROPAGUE ESTA IDÉIA, em especial para as novas gerações.

SONHE E TRABALHE por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

ESTA É UMA MENSAGEM DE FÉ e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

TRILOGIA

QUEDA E ASSENÇÃO ESPIRITUAL

Livro 2

CAMINHOS ESPIRITUAIS.

JAN VAL ELLAM.

.

Jan Val Ellam

Caminhos Espirituais

(Contexto Cósmico)

Há muitos milênios o planeta Terra foi isolado da convivência com as outras civilizações do cosmos. Decorrido o tempo necessário ao soerguimento moral dos seus habitantes, finalmente é chegado o momento da reintegração cósmica.

Para coordenar pessoalmente todo esse processo, aqui virá Aquele a quem chamamos de Mestre Jesus. A bem da verdade, Ele já se faz presente nos ambientes próximos à Terra. Falta pouco para que O percebamos através dos sentidos terrenos.

Jan Val Ellam

Caminhos Espirituais

Trilogia Queda e Ascensão Espiritual

Livro I - Reintegração Cósmica
Livro II - Caminhos Espirituais
Livro III - Carma e Compromisso

Inúmeros foram os caminhos dos nossos espíritos até atingirmos a condição de párias da grande sociedade cósmica. Dela fomos excluídos, desde há muito, por força de equívocos cometidos no passado.

Com tão trôpego caminhar, somos, talvez, a situação de família planetária, em todo o cosmos, mais emblemática de que, realmente, todos os caminhos levam ao Pai.

A eternidade nos envolve nas suas muitas estradas e realidades transitórias, dando-nos o benefício do esquecimento do passado equivocado, através das reencarnações.

A cada estrada, uma nova paisagem, novos problemas, novas lutas existenciais empreendidas ao lado dos mesmos companheiros de sempre, através das novas roupagens terrenas que a misericórdia do Pai sempre nos oferta.

Assim é a jornada do espírito, pelos muitos caminhos do cosmos.

Tomar a devida consciência desse processo e preparar-se para voltar a conviver com irmãos nossos de outras realidades existenciais - posto que é iminente a reintegração do nosso planeta à grande família universal da qual fomos banidos no passado é mister redentor que nos afeta a todos os que estamos congregados na Terra.

Que venha a reintegração cósmica para que, doravante, outros sejam os caminhos dos nossos espíritos na longa jornada evolutiva que, inapelavelmente, nos levará ao Pai, pois essa é a Sua vontade.

Índice:

Esclarecimento 5

1. Maioridade Espiritual Terrestre **7**
1. Dois Milênios de Aprendizado 7
2. Os Extraterrestres 11

2. Reciclagem Planetária 19
1. Causa da Reciclagem 19
2. Fator Vibratório 22
3. Reencarnações Melhoradoras 24
4. Qualquer um Pode Ser "Salvo" 27
5. Acompanhamento dos Exilados 31
6. Da Expiação à Regeneração 37

3. Mecanismos Existenciais 48
1. Diversos Níveis 48
2. O Sistema Solar 53
3. O Caso da Terra 54

4. Mestres da Humanidade 57
1. Jesus, o "Capelino" 57
2. Demais Mestres de Capela 61
3. Jeová 63

5. O Terceiro Milênio 65
1. A Segunda Grande Vinda 65
2. O Futuro da Terra 73

Cronologia de Eventos 78

Esclarecimento Estratégico 80
Contexto Filosófico – Espiritualista 80
Contexto Cósmico 81
Contexto Terrestre 81
Contextos Elucidativos 81
Contextos Doutrinários 82
Contexto Histórico 82
Contexto Religioso 82

Esclarecimento

O infinito é o museu da eternidade. Nos seus circuitos estão registrados todos os feitos e conquistas dos *filhos criados pelo Pai* nas suas múltiplas experiências evolutivas em realidades existenciais transitórias nas muitas moradas espalhadas pelo cosmos. Somos nós - os filhos gerados pelo Amor Maior - os verdadeiros autores e personagens dos muitos caminhos que nos levam ao Pai ao longo da eternidade.

Autores porque, na realidade, é nosso livre-arbítrio o grande arquiteto dos caminhos que teremos que trilhar no futuro. Personagens porquanto somos obrigados, por força das leis que regem a evolução cósmica, a mergulhar nas próprias criações e conseqüências da nossa liberdade de agir e decidir.

Os caminhos que hoje percorremos nada mais são do que produtos do passado equivocado. O que, na atualidade, fazemos, será a base sobre a qual o futuro será arquitetado.

Os muitos caminhos que nos possibilitam a jornada ascensional são sempre conseqüências da nossa própria capacidade de gerar causas e efeitos, ações e reações, em qualquer recanto do cosmos em que estivermos inseridos.

Muitos foram os caminhos espirituais trilhados pela humanidade ora congregada na Terra desde os exílios planetários sofridos no passado.

Prisioneiros da nossa própria inconseqüência, fomos todos nós personagens de situações existenciais perturbadoras que, graças ao beneplácito das leis reencarnacionistas, nos é permitido delas nada lembrar conscientemente. Mas a herança do passado espiritual nos abraça à presente caminhada de forma inapelável.

O que aconteceu no passado remoto, quando os mundos rebelados passaram por suas reciclagens energéticas, torna a ocorrer na atualidade porquanto a Terra somente poderá ser reintegrada à convivência cósmica após o exílio para outros orbes dos irmãos terráqueos ainda empedernidos em posturas violentas de desamor e intolerância.

Será, portanto, preocupação central deste trabalho tanto discorrer sobre o exílio ocorrido mas também quanto ao que já está ocorrendo nas *esferas espirituais que envolvem a Terra* e que cada vez mais se acentuará porque, finalmente, os tempos são chegados.

Este trabalho também objetiva a complementação do anterior - Reintegração Cósmica -, explicando, com maior profundidade, alguns pontos antes apenas tocados de leve, de forma superficial, já que, ali, a meta era facilitar o entendimento do processo cósmico que nos cerca. Recomendamos, portanto, a leitura prévia do livro Reintegração Cósmica, para que os assuntos aqui abordados possam ser entendidos com mais facilidade.

Acrescentamos, também, alguns outros aspectos que julgamos relevantes, em face da necessidade imperiosa de falar de coisas que, até bem pouco tempo, eram consideradas fantasiosas ou fora do senso comum.

Devemos, entretanto, afirmar claramente que não temos a pretensão de esgotar os assuntos sobre os quais vamos discorrer. Por mais que escrevamos e informemos o que nos transmitem a respeito de tema tão complexo, pouco diríamos, pouco explicaríamos, pois, qual escada infinita, cheia de novos e infindáveis horizontes a cada degrau, a matéria enfocada eleva-se muito acima da nossa capacidade de descrever o que os amáveis mentores nos passam.

A esses amigos espirituais e de outros orbes, que mais uma vez - através da inspiração e da companhia fraterna - nos levam a um vôo mais alto, a nossa eterna gratidão.

Aos irmãos em curso, que tiverem a paciência de passar a vista por estas páginas, o nosso desejo de que as falhas aqui cometidas não interfiram no bom entendimento do que mais importa, que é a tentativa da Espiritualidade Maior de, mesmo utilizando um homem menor da Terra, falar das coisas do céu.

Que o Bom Amigo e Mestre Jesus nos dê a Sua Paz.

Atlan, 02 de setembro de 1994.

Jan Val Ellam

1. Maioridade Espiritual Terrestre

1. Dois Milênios De Aprendizado

Nasce Jesus. Aquele que na Sua época. entre tantos que falavam de um Deus colérico a quem se devia temer, simplesmente, referia-se, com *toda a intimidade do mundo*, a esse Deus tão distante e inatingível como Meu Pai.

Que intimidade era aquela? Quem era Aquele que no meio dos deuses espalhados por toda a Terra - do Deus de Abraão, Isaac e Jacó, do Deus de Moisés; do moto-contínuo de Aristóteles aos deuses do Olimpo; dos deuses da Roma Imperial aos das civilizações mesopotâmicas - afirmava com tanta serenidade que só havia um Deus, Pai Amantíssimo de todos nós e que, por isso, deveríamos a todos considerar como irmãos independente de raça, cor, credo e outras tantas características do mundo. E que, em assim sendo, nos amássemos uns aos outros como Ele, nosso Irmão Maior enviado pelo Pai, nos amava.

Precisamos entender que, após tantas reencarnações empreendidas em corpos materiais, depois de muitos estudos nas matérias da vida terrena, a saber: o amor ao próximo, a riqueza, o poder, a pobreza, a miséria, o perdão, a compreensão, a humildade, a resignação construtiva, a tolerância etc., o nosso espírito, quando da conclusão de mais um período letivo, recebe uma espécie de pontuação energética, frente a cada uma das matérias que compõem o currículo escolar característico do planeta e de seus habitantes.

Homem estranho, dizendo coisas estranhas num mundo que não O compreendia.

Semeados os esclarecimentos e o testemunho do Mestre nas terras áridas dos nossos corações, era necessário que o tempo terrestre permitisse oportunidades renovadoras para que todos os espíritos aqui congregados adubassem as sementes divinas através do próprio esforço pessoal em cada reencarnação. No futuro próximo - e eis que esse futuro já chegou - Ele novamente voltaria para, pessoalmente, coordenar os trabalhos da necessária reciclagem energética do Seu rebanho terrestre com vistas à reintegração da Terra à vida cósmica.

Mas, como seria essa Segunda Vinda, no tempo em que vivemos, e o que seria esse Juízo Final tão decantado entre os povos, tão pouco entendido, porém intuído por muitos neste final de mais um período de aprendizado do tempo cósmico, levado a efeito nesta escola chamada Terra?

A exemplo daquele aluno que ingressa numa universidade, tendo como objetivo final graduar-se em determinada ciência e que, para isto, precisa estudar matérias específicas durante diversos períodos escolares até que o curso esteja completo, assim é o nosso espírito, à vista das exigências do progresso cósmico. No caso, a simples conclusão de um período de aprendizado no planeta-escola chamado Terra é denominada, pela cultura religiosa do mundo, de Juízo Final.

Estamos, pois, todos nós, vivendo o último período de aprendizado deste curso que ora se completa com o fechamento do segundo milênio, quando o espírito de cada habitante do orbe terrestre, encarnado ou desencarnado, após muitos milhares de reencarnações, apenas neste planeta, no curso dos últimos milênios, será pontuado com uma espécie de nota final ou, melhor, com um certificado de aptidão para a coexistência pacífica, ordeira e amorosa com o seu próximo.

Para a *entrega deste diploma* aos que, por esforço próprio, conseguiram obter a nota mínima necessária à aprovação e, principalmente, para confortar, estimular e orientar aqueles que não conseguiram a aprovação neste curso e que serão levados para um outro planeta-escola onde um curso de recuperação cósmica os espera, aqui virá o Mestre Jesus. Eis, de forma figurada e simples, como entendemos a Segunda Vinda do Cristo e aquilo a que as religiões chamam de Juízo Final.

Jesus, através de muitas parábolas, advertiu a esta geração que efetivamente haveria este grande dia. Em Mateus, capítulo 13 e 24; em Marcos, no capítulo 13; e em Lucas, capítulo 21, está registrada a grande mensagem do retorno do Mestre para dar início a um período de paz e fraternidade entre os homens!

Dois mil anos de aprendizado separavam as próprias profecias do Mestre quanto a Sua própria volta e o início do período de vivência fraterna, esperado por todos nós, neste terceiro milênio. Muitos enganos e tropeços, muitas dores e aflições ao longo deste período. Distorções de toda ordem ficaram registradas na história dos povos e na religiosidade cristã que acabara de nascer.

O ensinamento do Mestre Jesus foi prejudicado, na sua essência e amplitude, pelo lado menor da sensibilidade humana. O imediatismo de alguns, as tendências e a estreiteza de visão de outros, os interesses mundanos de tantos e a necessidade da coexistência de princípio tão nobre quanto o amai-vos uns aos outros com um mundo tão pobre e cego na sua ignorância, deformaram, quase que completamente, a prática da religião cristã, apesar do esforço de muitos.

A necessidade de conviver com o poder temporal transformou o Espírito Místico da Igreja de Jesus no espírito administrativo da mística de Jesus. O que fora ensinado e já um pouco deformado no seu nascedouro após o retorno do Mestre para a espiritualidade, não conseguiu espaço para uma prática compatível com o esforço e a dignidade da exemplificação da pessoa de Jesus, na crescente expansão do cristianismo desde os primeiros séculos da história cristã.

A necessidade de desenvolvimento, própria do espírito humano, levou a Igreja a assumir responsabilidades outras que a de propagar e testemunhar o amor legado por Jesus, pois como nos conta Edward McNall Burns na sua *História da Civilização Ocidental* à medida que o Império Romano do Ocidente declinava e, finalmente, chegava ao fim, no século 5 (476 d.C.) e, como havia sempre em cada cidade um bispo treinado em certo grau nas artes da administração, a Igreja Ocidental começou a assumir muitas funções de governo e ajudou a preservar a ordem em meio ao caos que se aprofundava nos agrupamentos terrenos.

Em face deste fato, tornou-se inevitável que a Igreja se tornasse mais voltada para este mundo e mais distante, em espírito, da fé simples de Jesus e dos apóstolos. Isto sem nos referirmos às fraquezas do homem perante o poder temporal.

No entanto, continuava a chegada de emissários do Mestre, através da reencarnação de verdadeiros espíritos heróicos, em termos de esforço e empenho pessoal, na edificação do amor fraterno entre os homens.

Esses espíritos, pertencentes a uma grande família espiritual proveniente dos mundos de Capela e de Vega, cuja história será apresentada no próximo livro da presente trilogia, quando das diversas levas do exílio planetário que teve início há algumas centenas de milênios do tempo terrestre, época em que os orbes daquela estrela magnífica passaram pelo que denominamos há pouco de *Juízo Final*, conseqüentes à rebelião de Lúcifer, acompanharam os seres rebelados que, após cumprirem estágios preparatórios em outros mundos também envolvidos com o problema luciferino, foram encaminhados para à Terra, onde, guiados pela Misericórdia do Cristo e através de sucessivas reencarnações, ajudariam, por sua vez, outras raças já adaptadas à Terra, mas que ainda se encontravam em processo de lenta evolução, purgando ao mesmo tempo suas faltas e, no aprendizado e labuta do dia-a-dia, educariam seus espíritos na humildade, mansuetude e fraternidade, necessitados que eram, também, dessas lições, pois o orgulho que habitava em seus corações os cegara temporariamente.

Outros que, mesmo aqui chegando na condição de rebelados, após conquistarem a redenção dos seus próprios espíritos, em vez de retornar para os mundos ditosos de Capela e Vega, na Terra permaneceram ajudando os seus irmãos e irmãs ainda com posturas equivocadas.

Era, pois missão constante dessa grande família espalhar por todos os povos e em todo tempo lições de desenvolvimento em todos os campos da existência terrestre.

No tempo histórico a que estamos nos referindo, ou seja, após o testemunho pessoal do Mestre, aqui vieram, no seio da Igreja Católica, São Jerônimo, Santo Ambrósio, São Gregório Magno, o grande espírito de Santo Agostinho, o pensador cristão Boécio, São Bonifácio e tantos outros.

Surge, também, o espírito inspirado daquele que seria o Grande Profeta do Islamismo, na figura de Maomé.

Aparece Carlos Magno, reorganizando o mundo disperso, pondo fim na anarquia social e política que se estabelecera e promovendo o renascimento da civilização e da cultura.

Mas os tempos eram difíceis.

Mil anos haviam se passado desde o testemunho do Mestre. O mundo necessitava, desesperadamente, de uma prática cristã que retomasse o espírito de fraternidade e amor da época de Jesus e seus discípulos. Aparecem, então, dois dos grandes apóstolos do Mestre, reencarnados nas pessoas de Francisco de Assis e Antônio de Pádua.

Começava o Segundo Milênio da Era Cristã sob os auspícios de dois corações maravilhosos. Isto sem citar outros tantos espíritos trabalhadores da hoste do Cristo, reencarnados no anonimato do mundo, sendo, porém, luzes que brilhavam na escuridão da ignorância desta comunidade planetária.

E os tempos continuavam muito difíceis.

Novas tentativas de se instaurar o espírito simples de Jesus no seio da Igreja Católica mais uma vez estavam em curso. John Wycliffe na Inglaterra e Jan Huss na Boêmia preparavam o caminho dos futuros reformadores, que tinham como objetivo maior abrir espaços entre as tendências mundanas que imperavam dentro da Igreja romana, para que o mais puro sentimento cristão ali pudesse existir.

Todavia, esse espaço lhes foi negado e por também não encontrá-lo, Lutero - o Grande Reformador - arrancou, com seu espírito voluntarioso, a primazia e a exclusividade do culto do Cristo, de dentro da Igreja de Roma, distribuindo as novas sementes do Divino Semeador noutras searas, noutros caminhos do porvir.

Os tempos se tornaram ainda mais difíceis.

O mundo estava cheio de dogmas e de disputas religiosas. O pensamento estava escondido, com medo das fogueiras inquisitórias. A figura do diabo disputava, palmo a palmo, com o Cristo, os lares de então. A bem da verdade - pensavam alguns -, o diabo estava bem mais perto dos homens do que o próprio Jesus.

Como fazer brilhar novas luzes num meio tão pobre de idéias e de expectativas e, acima de tudo, ignorante quanto a algumas verdades eternas? Como propagar em meio à dogmática inflexível das pretensas verdades estabelecidas e imutáveis para o mundo da época um sentimento de religiosidade mais profundo, mais honesto, mais digno da condição humana no planeta?

São chamados à ação, mais uma vez, espíritos pertencentes à grande família espiritual cuja responsabilidade maior era e é difundir e testemunhar a Palavra de Jesus. A missão agora era mostrar ao mundo, de forma organizada, o Plano Divino de Apresentação das Hostes de Assessoramento do Mestre. Nascia aí, no esforço lúcido e sereno de Allan Kardec e seus colaboradores, a Codificação Espírita, apresentando ao mundo apenas uma das formas existenciais das hostes de assessoramento do Mestre Jesus, que eram os espíritos.

Com o Espiritismo vem o final da religião dogmática e o início do esclarecimento do pensamento religioso moderno. Com o Espiritismo aparece a doutrina da reencarnação, tão comum há milênios nas culturas do Oriente, e que, no dizer atual do grande pregador espírita Divaldo Pereira Franco, é a doutrina compatível com a Justiça de Deus e com a dignidade humana.

O Espiritismo arrancara de vez a triste e solitária condição humana da luta contra um diabo inexistente e da busca de um Cristo inatingível.

Outras hostes seriam apresentadas no futuro e eis que os tempos são chegados. Outras Potências da Deidade, pouco a pouco, iriam se deixar entrever por entre as nuvens da Terra.

E estamos nós, assim, homens e mulheres do século XX, vivendo o momento histórico em que mais uma parcela das hostes de sustentação da fraternidade cósmica se apresenta à comunidade planetária terráquea: os irmãos de outros orbes a quem denominamos de extraterrestres.

2. Os Extraterrestres

A exemplo dos espíritos desencarnados - uma das hostes de assessoramento da Deidade - que se apresentaram de forma organizada ao conhecimento do mundo, com o advento da Codificação Espírita, é chegada a hora de mais uma dessas hostes que assessoram o Mestre Jesus apresentar-se ao mundo de forma amorosa e pacífica, entreabrindo o véu que historicamente impedia a humanidade de enxergar mais além.

Aqueles a quem chamamos de forma generalizada de extraterrestres são irmãos queridos dos quais descendem todas as raças terráqueas. São, na verdade, irmãos de outros orbes, que possuem espíritos muito mais evoluídos que o nosso e que possuem *corpos físicos-materiais* muito mais desenvolvidos e sofisticados que o do homem terrestre, possuindo faculdades de apresentação astral que muitas vezes atrapalham os mais preparados dos médiuns videntes, confundindo-os com espíritos de homens desencarnados.

Esses irmãos que, podendo viajar no astral, através dos seus maravilhosos corpos astrais, o fazem, também, por meio de naves interplanetárias, acompanhando, no caso terrestre, seus irmãos terráqueos em evolução desde tempos imemoriais.

Seres que têm como origem diversos planetas diferentes de inúmeros sistemas de estrelas da nossa e alguns poucos de outras galáxias. Individualidades interplanetárias, que apresentam diferentes níveis de evolução, pertencentes a raças planetárias distintas, com características específicas, mas todas congregadas na Missão Terra, ou seja, contribuindo de forma direta ou indireta com toda a história terrestre desde épocas que não mais pertencem aos registros da história da civilização atual.

Irmãos nossos, todos sob a administração d'Aquele que, por legado divino e por conquista e mérito pessoal, governa e administra amorosamente todos os rebanhos que lhe foram destinados pelo Amor do Pai Universal, ovelhas de outros campos que também têm seus pastores cósmicos sendo, entretanto, a maioria deles, proveniente de mundos que estão sob a jurisdição amorosa do Mestre Jesus ao 10, 16: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco").

Esses queridos irmãos, que têm na raça Capelina a ponte de comando da missão que os norteia - acompanhamento de diversas levas de individualidades espirituais que para a Terra foram trazidas, tendo algumas, inclusive, aportado a este planeta na posse de seus próprios corpos materiais originários do orbe de onde procediam -, missão esta posta em curso e já desenvolvida de há muitos milênios.

É este, pois, o grupo de assessores do Mestre Jesus que ora se apresenta à comunidade planetária, através de irmãos extraterrestres de diversas origens, sobre quem outras informações serão prestadas dentro em breve, complementando as muitas informações dispersas existentes sobre o assunto.

São exatamente esses irmãos, os Capelinos, que há cerca de uma década vêm se comunicando sistematicamente com o nosso grupo de estudo, através de esforços e trabalhos conjuntos com a Espiritualidade do orbe terrestre.

Havia e há, ainda hoje, uma equipe formada por espíritos ainda presos magneticamente à Terra - espíritos que estão reencarnando ciclicamente na Terra e que entre uma e outra experiência na carne, permanecem trabalhando nos ambientes espirituais que circundam a Terra, ajudando e inspirando o homem encarnado na sua luta cotidiana -, e uma plêiade de seres extraterrestres que, de suas naves estacionadas próximas à Terra, projetam-se através de seus corpos mentais-astrais, formando assim, equipes de trabalho que, no nosso caso, quando nos congregávamos nas reuniões de estudo, se apresentavam e, através de um longo e paciente trabalho, nos informaram e prepararam longamente a respeito do que estava para acontecer.

Muitos fatos que são considerados normais, porém não comuns nas reuniões espíritas kardecistas, começaram a ocorrer nas nossas sessões.

Alguns irmãos encarnados tinham certa relutância em aceitar tais fatos, e muitas dificuldades surgiram ao longo do tempo. Mas a equipe espiritual-astral continuava cheia de júbilo e esperança nos trabalhos a serem desenvolvidos num futuro próximo.

Um fato normal na prática espírita, porém não freqüente, é a revelação, por parte da Espiritualidade, de vidas passadas a espíritos encarnados. E, no nosso caso, segundo explicações da equipe que nos assistia, assim seria procedido para que tivéssemos condições de estabelecer alguns parâmetros, entendendo e aceitando mais facilmente o que estava por vir. E assim foi feito.

Descobrimos, então, que o nosso grupo de encarnados nada mais era do que a reencarnação de espíritos que, na época do Cristo, assumiram as personalidades dos dois zelotes que foram crucificados ao lado do Mestre, de um dos que O seguiam mais de perto, do centurião romano e de alguns legionários que executaram a crucificação, de algumas mulheres piedosas que acompanharam o Mestre na Via Crucis, de alguns membros do sinédrio judaico e de outras personalidades romanas e judaicas daquele tempo.

Desnecessário dizer da inquietação positiva e construtiva que se fez presente nos nossos corações. Os irmãos espirituais repetiam, constantemente, que o que fora informado individualmente era compatível com a capacidade do grupo em receber tais informações e que se assim estava ocorrendo era porque tudo fora medido e pesado conforme a sabedoria da Espiritualidade Superior.

Para que o grupo - que até hoje se pergunta o porquê de tanto acréscimo de misericórdia para com seus membros - aceitasse com menos dificuldade a missão que lhe era colocada nos ombros pelo amor do Mestre Jesus, foram-lhe informadas algumas vidas passadas de cada um dos integrantes, a fim de que os corações e mentes pudessem traçar alguma relação histórica entre o que fora feito em vidas passadas, seja na época do Cristo seja em períodos mais recentes, e o trabalho que estava por ser iniciado.

A partir de então, as informações a respeito da iminente vinda de Jesus passaram a ser veiculadas de forma crescente durante as reuniões do grupo.

Fomos informados de que a Segunda Vinda do Mestre seria, acima de tudo, mais um ato de amor pela comunidade de espíritos ainda presos ao orbe terrestre, frente a iminente e inevitável reciclagem espiritual pela qual o planeta Terra e suas esferas astrais-espirituais que circundam o planeta físico terão de passar.

Como já foi dito, de tempos em tempos, a exemplo do que aconteceu em diversos sistemas de mundos há muitos milênios, os planetas que possuem vida pensante nos níveis físico-material (espíritos encarnados) e espiritual (espíritos desencarnados) passam pelo que já foi denominado anteriormente de Juízo Final.

Nesse processo de reciclagem espiritual, aquelas individualidades que, depois de milhares de reencarnações dentro de um ciclo histórico de aprendizado, não conseguem atingir o nível mínimo de desenvolvimento interior estabelecido para os habitantes daquele planeta, serão levadas para recomeçarem o aprendizado, cujo sucesso ainda não lograram, em outro sistema de mundos, onde o magnetismo reinante seja compatível com o ainda baixo nível astral-magnético desses espíritos infelizes.

Por força da lei que rege a evolução dos mundos, espíritos empedernidos em sentimentos menores e com inclinações contrárias ao amor fraterno, tornam-se incompatíveis com orbes razoavelmente adiantados na escala cósmica.

Eis o motivo dos exílios entre os orbes ao longo da história da Criação.

Mesmo correndo o risco de nos tornarmos repetitivos devemos ressaltar que todo o esforço, em escala cósmica, que está sendo feito nos ambientes terrenos é para que o processo descrito anteriormente seja compreendido pela comunidade planetária. É para que possamos entender que, quando mais da metade da população espiritual de um orbe - entre encarnados e desencarnados - conclui o nível de aprendizado estabelecido para aquele período, o planeta dá mais um passo na classificação cósmica, tornando o restante de seus teimosos habitantes incompatível com o novo ambiente astral-magnético que passa a caracterizar aquele mundo.

No nosso caso, a Terra deixará de ser um planeta de provas e expiação, como atualmente é caracterizado pela doutrina espírita, onde tantos espíritos endividados frente as leis de causa e efeito com carmas pesados - reencarnam para purgar faltas ainda presentes nas suas consciências criminosas, formando, por isto e pelo acréscimo de seus erros a cada tentativa no corpo carnal, este mundo tão cheio de dores e misérias que conhecemos. É importante lembrar que no que se refere às leis de causa e efeito, Deus a ninguém condena. Nós é que acionamos as leis de causa e efeito através de nossos atos infelizes nas muitas vidas que vivemos e nos defrontamos inapelavelmente com os efeitos por nós próprios criados.

Isto posto, continuamos a informar que doravante, ou seja, a partir do terceiro milênio, após a reciclagem espiritual pela qual passará nosso planeta, este receberá uma nova classificação na escala cósmica dos mundos, tornando-se, assim, impróprio para espíritos sofredores profundamente endividados conforme as leis divinas que regem o cosmos.

Na linguagem evangélica, caracterizada para uma época, mas contendo verdades eternas legadas às gerações posteriores através do esforço dos evangelistas e dos religiosos e filósofos de

todos os tempos - segundo Mateus (Capítulo 25, versículos 31 a 46) e o Apocalipse -, o Juízo Final é explicado como sendo uma espécie de separação entre o joio e o trigo, ou seja, a separação dos espíritos aprovados, que atingiram a nota mínima exigida para os novos tempos, e aqueles outros - espíritos sofredores e endividados - que terão de ser repatriados, embora ainda sob o jugo amoroso e suave do Mestre Jesus, pois o Bom Pastor não abandona jamais uma única ovelha sequer do rebanho que lhe foi confiado (Lucas 15, 3-7. "Parábola da ovelha perdida". Mateus 18, 12 ss. ... "Assim é a vontade de vosso Pai celeste, que não se perca um só destes pequeninos").

A busca da perfeição é o único determinismo que existe nas leis do cosmo. Quando e como chegar próximo a esta perfeição dependerá, única e exclusivamente, do livre-arbítrio de cada individualidade espiritual.

O Espiritismo nos faz entender claramente este preceito. Através de múltiplas reencarnações, o espírito, através do seu livre-arbítrio, vai traçando um caminho mais ou menos longo, em busca da perfeição interior, em diversos mundos existentes nas diversas moradas que existem no universo.

Um exílio em planetas inferiores custa ao espírito uma multiplicidade de problemas além do tempo - no caso terrestre algo em torno de centenas de milhares de anos -, que deixa de conviver em ambientes mais evoluídos, reencarnando inúmeras vezes em condições materiais precárias, com sofrimentos inenarráveis, aprendendo, através da dor, o que não pôde perceber em condições normais de existência.

E é para diminuir o número de espíritos que serão exilados do planeta Terra para outros níveis inferiores - por força da Lei Maior de Causa e Efeito - que todo este trabalho está sendo levado adiante, por conta exclusiva do acréscimo de misericórdia do Pai Amantíssimo, do amor do Seu Filho Dileto, nosso Amado Mestre Jesus, e pelo esforço amoroso e constante de entidades espirituais e de outros orbes muito evoluídas que, em nome do Cristo e por amor aos seus irmãos em curso, trabalham amparando e inspirando a humanidade, como aquela a quem chamamos de Maria, Mãe de Jesus, acompanhada de uma plêiade de espíritos luminosos.

É, portanto, para poupar o futuro sofrimento de muitos e a todos esclarecer que a mais Alta Espiritualidade terrena juntamente com os irmãos de outros orbes, tentam levar a bom termo este trabalho. Mas nem tudo depende deles. Algo está por nossa conta, ou seja, algo depende de nós que estamos encarnados na última década deste milênio.

Quando da Segunda Vinda, o processo de *julgamento geral* já estará em vias de consumação. Até lá, ou seja, até a chegada do Mestre, muito pode ser feito para sensibilizar os corações dos homens e mulheres ainda empedernidos no ódio, no desamor, no orgulho doentio, na intolerância em todas suas formas e ignorantes quanto à possibilidades e realidades outras que não as terrenas, enfim, corações profundamente ligados e arraigados aos baixos apelos e inclinações negativas da matéria.

Mas, como fazê-lo?

Como sensibilizar tais corações?

Como afirmar ao mundo que o Cristo efetivamente voltará nesta virada de milênio para "Julgar os vivos e os mortos"?

Como adquirir coragem suficiente para fazer tal afirmativa e abrir espaços entre as coisas de um mundo cheio de dogmas inquestionáveis, para professar tal idéia com a mínima probabilidade de ser escutado?

Como dizer aos homens que Jesus, tido por uns como Deus ou uma espécie de Deus, voltará à Terra em uma nave espacial ou, como preferem alguns, em um *disco voador*, que é tido para muitos estudiosos como uma espécie de alucinação de parte da humanidade que, por falta de algo melhor para fazer, anda vendo coisas inexistentes a todo tempo e lugar?

Como reunir dois aspectos tão distantes do senso comum planetário, ou seja, Jesus voltando e ainda mais num disco voador?

Como congregar no mesmo fato aspectos de um processo que revolucionará, de forma profunda e irreversível a maneira como professamos a religião e a ciência e tudo o mais no nosso planeta?

Como dizer a todas as religiões terrenas que, justamente para um grupo de pessoas que têm por ponto comum o fato de não terem uma religião específica, mas de professarem - seja numa missa, numa reunião espírita, num culto protestante ou sob outras tantas formas religiosas - o amor a Deus e ao próximo; que precisamente com este grupo o Mestre decidiu trabalhar pela causa comum terráquea?

Que fé haveria de existir nos nossos corações para que através de simples mensagens mediúnicas tivéssemos a coragem de assim fazer?

Para que os objetivos amorosos do Mestre Jesus e de Sua equipe fossem alcançados, era necessário que um aviso fosse dado, embora, seguramente não levado a sério pela grande maioria nos primeiros momentos, mas que tivesse como resultante a possível propagação no coração das pessoas uma leve e serena desconfiança que, pouco a pouco, com o passar dos dias e dos acontecimentos que virão, passasse a ser admitida como uma doce e desejada possibilidade.

Essa possibilidade seria registrada da forma mais discreta e escondida no íntimo de cada um. Somente isto já marcaria, no astral do planeta, condições maravilhosas de vibração magnética, facilitando os trabalhos das equipes celestes e melhorando as condições para os espíritos encarnados que ainda estivessem em dúvidas quanto ao caminho a ser escolhido: o da fraternidade cósmica ou mais um mergulho no sofrimento e na dor da ignorância material de mundos inferiores.

Este aviso, se ao menos leve e suavemente aceito sob a forma de um fugaz desejo de *como seria bom se isto fosse verdade*, provocaria uma acentuada melhora nas vibrações emitidas pelos habitantes da Terra, exatamente o pretendido pela Espiritualidade.

Segundo os nossos Mestres Espirituais, quando da Segunda Grande Vinda do Mestre que será percebida por todos, haverá muita perplexidade em todo o planeta. O aviso prévio, se aceito

pela humanidade, diminuiria, em muito, esta perplexidade, evitando, assim, sérios problemas de diversas ordens para bilhões de espíritos.

Para uma pequena porém considerável parte dos espíritos que formam a população do orbe terrestre de quase duas dezenas e meia de bilhões entre encarnados e desencarnados, a segunda Vinda do Mestre trará sentimentos de júbilo e ventura, pois, mesmo com as dificuldades iniciais do processo de aceitação, mais tarde esses espíritos mais evoluídos e experientes veriam que não poderia ser de outra forma.

Para um pouco menos que dois terços desses bilhões de espíritos a presença da Pessoa do Mestre mais uma vez nos ambientes terrenos significará esclarecimento e conforto para seus corações e mentes. Esclarecimento porque será, efetivamente, uma grande surpresa a forma como este fato se processará e conforto porque, em sendo bons e nobres espíritos, porém ainda muito materializados, é seguramente uma espécie de alívio saberem que apesar de todas as hesitações e inclinações negativas ainda presentes nos seus corações, passaram no teste e estão recebendo do Mestre Maior uma espécie de certificado de conclusão de curso, pois já estão matriculados neste mesmo planeta-universidade para o curso superior de *fraternidade cósmica* que se iniciará no terceiro milênio.

Porém, para pouco menos de um terço desses bilhões de espíritos a Volta de Jesus trará profunda perplexidade e, a exemplo do morcego, que foge da luz devido a sua incompatibilidade para com as vibrações desta, tais espíritos não conseguirão vibrar positivamente, por decisão própria, devido ao grande peso da ignorância e das inclinações criminosas de que ainda estão revestidos serão, pois, exilados para um orbe onde possam continuar a busca da evolução, infelizmente ainda em níveis menos elevados.

Mesmo assim, para eles, a Vinda do Mestre, significará estímulo e justiça. Estímulo porque, embora exilados, o amor do Pastor que não abandona jamais suas ovelhas, acompanhará a todos os infelizes que da Terra forem banidos, como assim já o fez anteriormente com todos nós, espíritos exilados de outras épocas. Justiça, porque com a saída desses espíritos dos ambientes terrenos, cessa a profunda influenciação negativa através das diversas formas de obsessão tão bem caracterizadas nos estudos espíritas que toda a humanidade deveria conhecer independente de preferência religiosa.

Com a saída desses irmãos infelizes, um novo e maravilhoso ambiente astral caracterizará doravante o orbe terrestre.

E é justamente para diminuir, de forma considerável, a quantidade desses espíritos passíveis de exílio, que a Espiritualidade, na derradeira tentativa de que dispõe - muitas outras foram tentadas ao longo da história, através dos testemunhos e ensinamentos do próprio Mestre e de Seus emissários de tempos em tempos -, achou por bem escolher grupos de encarnados que dessem os avisos da Segunda Grande Vinda do Mestre para que ao menos fosse plantado no coração de cada um a semente da dúvida, caracterizada, como já exemplificado anteriormente, pelos sentimentos de como seria bom se isto fosse verdade, *como seria maravilhoso se realmente Ele viesse*.

Mas como a equipe espiritual responsável pelo programa da Volta do Mestre poderia pedir a divulgação de um tal aviso a homens e mulheres do mundo, com suas fragilidades interiores e obrigações profissionais e pessoais de diversas ordens e, como quaisquer outras pessoas, com medo do ridículo e de se exporem à execração de muitos?

Como poderia a Espiritualidade que, precisando de um grupo de encarnados para dar o primeiro aviso, exigir tanta fé e convicção de homens e mulheres do mundo ao ponto de, somente em nome dessa fé, presente em corações tão frágeis, se dispusessem a correr todos os riscos, sujeitando-se a serem tidos por muitos estudiosos das coisas da espiritualidade como vítimas de uma profunda obsessão coletiva, e pelos leigos em geral como um bando de loucos? E as posições por nós ocupadas no meio social em que estamos inseridos?

Aparece mais uma vez o Amantíssimo Coração cio nosso Irmão Maior Jesus que, sabedor das fragilidades e inclinações materiais do espírito humano, decide promover alguns eventos, que a seu turno serão explicados, promoveriam no íntimo de cada um de nós a profunda e inabalável certeza de que por mais estranho que possa parecer aos nossos sentidos de homens e mulheres encarnados, Ele promoveria alguns eventos, para que, a partir daí, o grupo pudesse passar a afirmar, com humildade, porém com convicção e fé inquebrantáveis que, em menos tempo do que possamos imaginar, Ele aqui estará novamente, para edificar de forma definitiva o reino de Amor do Pai Amantíssimo entre os Seus filhos habitantes da Terra.

Além disso, outros eventos serão promovidos, a título de preparar para a Sua Grande Vinda, para conclamar a todos, na medida das possibilidades de cada um, para um novo posicionamento interior frente o cosmos, ou no dizer evangélico, "exortando-os ao renascimento interior para que possam entrar no Reino dos Céus"; ou ainda, para alcançarem a *salvação*, como dizem algumas religiões.

No momento presente sabemos claramente que tudo o que ocorreu e que ocorrerá foi previamente planejado pela Espiritualidade Maior, como tudo o mais. Estudiosos que somos da doutrina espírita como de outras filosofias religiosas, já imaginávamos, e hoje temos absoluta certeza, que os nossos espíritos foram treinados antes de renascermos com as personalidades atuais que nos caracterizam, conforme as necessidades dos trabalhos pertinentes ao Plano Maior de apresentação à Terra das diversas hostes e classes de seres que assessoram o Mestre Jesus.

Se assim não o fora, seguramente não teríamos ido sequer ao fim das nossas incansáveis reuniões preparatórias ao adventos preliminares da equipe do Mestre, pois muitas foram as dificuldades e, sinceramente, sentimo-nos tão frágeis como quaisquer outros irmãos em curso evolutivo.

Um esclarecimento rápido deve ser feito antes de continuarmos a desenvolver as informações que nos foram transmitidas.

Desde meados do ano de 1989, o processo da Segunda Vinda foi iniciado, através da fixação por parte da Espiritualidade Maior, do marco inicial do primeiro instante do terceiro milênio. A partir da fixação deste marco - que nada mais é do que um divisor de períodos astrais -, os espíritos desencarnados que não mais reencarnariam na Terra já estavam sendo levados para

planos paralelos, para dali aguardarem o momento do exílio, quando serão recambiados, em verdadeiros *comboios espirituais*, para outros orbes em evolução inferior ao terrestre.

Esses espíritos já haviam passado por todas as oportunidades de aprendizado e de desenvolvimento espiritual que lhes foram reservados ao longo da história da humanidade. Por seus deméritos, por seu desamor, por seu orgulho e pelas próprias circunstâncias quantitativas resultantes do livre-arbítrio reencarnatório da coletividade planetária, através de atitudes inconseqüentes e infelizes, tais como abortos, mortes prematuras, conflitos, guerras e outras tantas mazelas da humanidade, esses espíritos não mais possuíam oportunidades, em termos de chances reencarnatórias, para viverem ainda na carne, a última tentativa de renascimento interior que é proporcionada ao gênero humano terrestre.

Daí o porquê dos últimos esforços serem endereçados aos espíritos que estão encarnados, e não para os desencarnados. Sabemos, entretanto, que a Espiritualidade tentará, até o último momento permitido pelas leis do *tempo cósmico*, tudo o que for possível para converter, um só desencarnado que seja, para o caminho da fraternidade cósmica.

O que estamos, portanto, afirmando é que o esforço maior é para sensibilizar os espíritos que estão encarnados no planeta Terra para que estes, tocados pelo amor do Mestre, possam refletir este sentimento maior através do amor fraterno ao seu próximo. Quanto aos espíritos desencarnados, em linhas gerais, a história de cada um deles está praticamente consumada. O que tinha de ser feito já o foi. Pouco ainda, em alguns casos, resta a ser feito. E o que resta, está sendo feito pelos mentores espirituais, dentro das possibilidades de cada espírito necessitado.

Mas, antes de levarmos adiante outros desdobramentos quanto à Volta do Mestre, é necessário que discorramos a respeito do significado do exílio da individualidade cósmica para mundos e situações existenciais inferiores. Nada melhor, para isso, do que utilizarmos a história dos que para a Terra vieram como exilados, ou seja, a nossa própria história.

2. Reciclagem Planetária

1. Causa da Reciclagem

Um dos aspectos que compõem o quadro da Volta do Mestre Jesus é a reciclagem espiritual pela qual o orbe terrestre está passando.

Essa reciclagem é normal e comum a todos os mundos em evolução. Assinala o fim de um período e o início de outro. É, por assim dizer, um dos muitos marcos da presença concreta do Amor do Pai Universal por todo e em todo o Universo.

Ela traz os louros da vitória aos espíritos aprovados e o estímulo amoroso e justo das leis universais para aqueles que não lograram sucesso.

De forma simbólica, poderíamos afirmar que a todo momento, pelo menos um mundo no universo está iniciando, passando ou concluindo o processo cíclico de melhoria espiritual.

Podemos, portanto, imaginar quão grandioso é o intercâmbio entre os mundos dos diversos níveis existenciais que há no cosmos, e o trabalho levado a efeito pelos mestres e operários siderais.

De forma pobre e resumida, esta é uma pequena amostragem do labor incessante que espera por todos os espíritos obreiros na grande messe da fraternidade universal.

Mas - haveria alguém de perguntar - onde o Amor de Deus, que permite que seus filhos, mesmo os teimosos, enfrentem as dolorosas dificuldades de um exílio planetário que, como já anteriormente informado por diversos autores em muitas obras do gênero, implica sofrimentos inenarráveis para o espírito que, exilado para mundos inferiores em evolução cósmica, aprenderá na dor e no sofrimento, decorrentes dos débitos adquiridos, o que não conseguiu assimilar através do aconselhamento amoroso e edificante?

O Amor do Pai Universal é a marca maior de Sua Criação. As leis irrevogáveis e inalteráveis de ação e reação, de causa e efeito, que regem toda a escala evolutiva, são produtos do Amor do Pai. São perfeitas em sabedoria e justiça, porquanto emanadas dAquele que é perfeito em todos os Seus atributos.

Se essas leis são perfeitas, não é por falta de Amor do Pai que espíritos infelizes terão de ser exilados, mas, sim, porque tais leis corporificam realidades vibratório-magnéticas, no plano astral-espiritual que, obrigatoriamente, impulsionam e marcam os corpos imorredouros (almas ou espíritos, corpos astrais ou mentais, como quer que se os deseje chamar), que vão para onde houver condições de compatibilidade conforme o condicionamento energético que lhes caracterize.

Ou seja, os espíritos somente podem estar, encarnados ou na erraticidade, em orbes cujo nível vibratório-magnético seja compatível com o deles próprios. Se tal patamar se modifica - e por efeito da reciclagem de que estamos falando, tal alteração se dá para melhor - só os espíritos preparados para evoluírem igualmente seu padrão vibratório poderão ali permanecer.

Aqueles incapazes de fazê-lo, em conseqüência das ações infelizes a que deram causa e dos débitos que acumularam, não suportarão, eles próprios, a nova freqüência vibracional, e buscarão, automaticamente, ainda que contra seus desejos, um mundo ao qual se afine sua pobre pulsação magnética, no qual continuará seu desenvolvimento.

Normalmente, uma individualidade problemática, cheia de tendências e inclinações cristalizadas por hábitos do pretérito espiritual no íntimo do seu próprio espírito, com vibração pessoal e desarmônica em relação ao *fluxo normal progressista do cosmos*, ou seja, tendente à estagnação e acomodação nas posturas infelizes, quando defrontado com situações de harmonia que lhe são superiores à condição vibratória, tendem a fugir e/ou perturbar o ambiente em que se encontra. Sem maiores preocupações com a escolha de palavras polidas, diríamos que um espírito, cuja vibração é *inferior* à situação energética ou ao ambiente que o rodeia, tende ao suicídio tresloucado. Outras vezes há que o mundo caminha para a frente, mas o *peso dos débitos espirituais* é tão grande para o espírito sofredor e perturbado, que faz com que ele não consiga acompanhar o ritmo e, dessa forma, o desespero lhe invade o íntimo já desgastado e instável potencializando-se através de suas inclinações e tendências menores que terminam por levá-lo à derrocada.

A sensação que tal espírito sente é como se cem mil pessoas estivessem caminhando, felizes e sorridentes, em uma determinada direção em certa estrada e, somente ele, na direção contrária, cabisbaixo e cansado. Chega a um ponto em que, para as suas posturas e inclinações interiores, tal situação se torna insuportável.

Como seu discernimento está perturbado pelas próprias vibrações, normalmente ele resolve, desesperadamente e de forma ilusória, fazer cessar a mente e a percepção que lhe doem, através do suicídio, o que é erro gravíssimo que somente lhe perturbará muito mais ainda a situação por si só já angustiante.

Assim se sentem as individualidades perturbadas em mundos razoavelmente evoluídos. Eles mesmos se tornam incompatíveis com a situação melhoradora do ambiente.

Em outras palavras, se o próprio espírito que tem a consciência criminosa pelos atos cometidos, e estando passível de exílio, não acender, de moto próprio, a luz do Amor Universal em si mesmo, vibrando, dessa forma, com o fator magnético resultante de leis por nós desconhecidas em sua essência mas, reveladas em seus efeitos por nós próprios sentidos no estado de individualidades em busca do aprendizado cósmico, esse espírito sofredor, será, inapelavelmente, exilado, e não porque Deus o condenou, pois a nenhum de Seus filhos o Pai Amantíssimo condena.

Se nós, que somos pais e mães imperfeitos, não condenamos os nossos filhos carnais que erram repetidas vezes, o que se dirá dAquele que é só Amor?

Deus a ninguém condena e isso nos obrigamos a repetir. Nós é que, através de atos e posturas infelizes e inconseqüentes, nesta e em outras vidas, acionamos as leis de causa e efeito que regem, de forma irrevogável, todos os seres do universo.

Dito isso, esse espírito exilado assim o será por múltiplas causas e débitos por ele mesmo acumulados ao longo *dos tempos cósmicos*; por se constituir parcela ou centelha vibratória incompatível com o magnetismo que passou a reinar no orbe do qual era habitante, mas cuja evolução não cuidou em acompanhar.

Em suma, é da lei maior do cosmos que assim o seja. E ninguém, nem mesmo o Pai, derroga ou revoga Suas próprias leis.

A título de esclarecimento, repetiremos aqui a classificação dos orbes, constante na Codificação Espírita, para ilustrarmos ainda mais a atual situação do orbe terrestre frente a escala evolutiva dos mundos.

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, escrito por Allan Kardec, conforme a orientação dos espíritos, "resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que a nossa; e outros que lhe são mais ou menos superiores em todos os aspectos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual".

"Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se, contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais adiantados, dividi-los, de modo geral, como segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e provas, onde domina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias".

Mas, por pouco tempo!

O progresso é lei da natureza. Tudo morre para renascer, e nada sofre o aniquilamento, diz-nos Santo Agostinho, através de Kardec.

É bom que seja assim. E graças ao Amor do Pai assim o é.

"Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sem cessar, tal é a lei", escreveram no túmulo de Kardec, e nada melhor que a visão cósmica da morte para significar e explicar a necessidade das reciclagens planetárias que ocorrem em todos os orbes em evolução no universo.

2. Fator Vibratório

Como informado anteriormente, não é por falta de amor do Pai que o processo de exílio acontece na vida dos seres. O que está em jogo, em realidade, é o mérito pessoal do espírito frente as leis que regem a evolução das individualidades cósmicas por toda a eternidade.

O que de fato importa é, acima de tudo, uma condição vibratório-magnética existente entre cada individualidade espiritual e o orbe ao qual encontra-se agregado por questões de afinidade energética.

Na verdade ocorre quase que uma espécie de expulsão espontânea que a nova situação astral de um orbe provoca em seus habitantes que vibram de forma desarmônica com o ambiente energético que lhes rodeia.

Essa nova situação astral, que vai pouco a pouco se firmando ao redor do planeta físico e de suas esferas astrais-espirituais com o desenvolvimento crescente do processo energético de reciclagem, é resultante das formas-raciocínio e das formas-sentimento emanadas das mentes e dos corações de seus habitantes.

É, em última análise, produto direto da capacidade de pensar e sentir de uma população planetária.

Em linguagem comum, diríamos que o nível astral de um orbe é, em relação aos seus habitantes, como um filho que apresenta as mesmas características dos pais por força das leis da hereditariedade.

Neste sentido, todos nós, seres pensantes presos vibratoriamente ao orbe terrestre, somos os pais da situação astral-energética que caracteriza o nosso mundo.

Na medida em que mais da metade dos seres que na Terra estão congregados - seja nos ambientes espirituais ou reencarnados - atingiu uma condição vibratória incompatível com o sofrimento, a dor, o desespero, a maldade, o ódio e tantos outros sentimentos menores que se caracterizam por vibrações pesadas, tais fatos desagradáveis deverão desaparecer do cotidiano da vida comunitária terrestre.

Isto somente acontecerá se os espíritos ainda capazes de produzir tais fatos forem afastados. E quem os afasta é exatamente o fator vibratório de cada individualidade espiritual que não atingiu o progresso previsto e esperado para o aprendizado daquele período cósmico, cuja vibração torna-se incompatível com o planeta.

Este fator vibratório - qualidade das vibrações emanadas de um espírito - é definido por uma espécie de marco espiritual que cada ser pensante possui de acordo com o seu desenvolvimento nas muitas vidas já experimentadas, que o caracteriza com uma vibração magnética específica.

Este marco espiritual - que nada mais é do que a resultante vibratória de tudo o que o espírito já fez e deixou de fazer em termos de aprendizado e experiência cósmica - modifica-se a cada nova experiência existencial, através da aquisição de novos aprendizados realizados pelo espírito.

A bem da verdade, este marco modifica-se a todo instante porquanto ele é uma espécie de reflexo do condicionamento e da disposição íntima de um espírito; o que vale dizer que o fator vibratório de cada indivíduo também se modifica de acordo com o seu marco espiritual conquistado a cada experiência.

E é, portanto, frente a tais aspectos de ordem energética, vibratório-magnética, que um dia a ciência terrestre perceberá que todo e qualquer espírito se eleva ou estaciona no caminho ascensional que espera a todos os seres em evolução na criação universal.

De acordo, mais uma vez. com o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, "os espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingirem a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se vêem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal".

Nunca é demais lembrar que o único determinismo estabelecido pelo Pai nas Suas leis é que *algum dia* todos os seres criados atingirão a perfeição. Porém, quando e como chegar a esta perfeição, dependerá, sempre, da escolha, do livre-arbítrio de cada um.

Em outras palavras poderíamos dizer que *atingir a perfeição* é tornar-se conscientemente uno com a Deidade. Manter a sua individualidade sendo, entretanto, uno com o Pai. Da mesma forma que o pai e o filho terrenos que muito se amem, são duas pessoas distintas, mas têm uma ligação íntima poderosíssima decorrente dos laços energéticos e amorosos que os unem, além da afinidade e comunhão de princípios e objetivos.

Pobres são as palavras terrenas para falar de sentimentos superiores e mais pobre ainda a esforçada capacidade mental e literária deste aflito escrevente para simbolizar a união íntima que existe entre a Deidade e todos os Seus filhos.

A seu turno, esse tema será desenvolvido com mais profundidade pois encerra em si mesmo muitos mistérios e segredos que pouco a pouco têm que ser esclarecidos.

Entretanto, enquanto estivermos em rota evolutiva em mundos atrasados, será sempre o fator vibratório de cada um de nós - marco espiritual da individualidade cósmica - que nos fará passar deste para aquele mundo, desta para aquela experiência cósmica, sempre em busca da perfeição que nos foi legada pelo amor do Pai.

3. Reencarnações Melhoradoras

Devido justamente à questão da nova ordem vibratória que os mentores do mundo terreno, em conformidade com as leis emanadas do amor e da sabedoria do Pai, estabeleceram para a Terra, a partir do terceiro milênio é que, desde os anos 30, no Oriente, e, no Ocidente, os anos 50, espíritos menos endividados vêm reencarnando, diminuindo, assim, o peso do sofrimento das populações terrenas frente as leis do carma.

Para melhorar e apressar ainda mais o processo de adequação das vibrações terrestres à nova ordem astral que começava àquela altura e que está, no momento, prestes a se estabelecer neste orbe, espíritos ainda mais desenvolvidos com trabalhos específicos a serem executados em todos os campos da existência humana, vêm também reencarnando sistematicamente por todo o planeta.

A chegada desses espíritos melhoradores das condições planetárias iniciou-se de forma generalizada no Oriente e no Ocidente na década de 50, intensificando-se no Ocidente a partir da década de 60, e no Oriente, a partir da década de 80.

A África, por razões cármicas conseqüentes à Segunda Guerra Mundial, quanto à reencarnação de espíritos trabalhadores mais desenvolvidos, somente na década de 90 começou a servir de berço continental a estes espíritos maravilhosos que têm como missão principal, levar o continente africano - no que se refere às condições de saúde, educação e política - a níveis mais compatíveis com a dignidade terrestre.

Quem sabe, talvez, lá pelos anos de 2025-2030, tenhamos como realidade política-sociológica algo que hoje sequer conseguimos sonhar em imaginar!

E seja lá o que for, o que porventura existir de bom e ruim no futuro da história terrestre, existirá, igualmente, e de forma generalizada, para todos os seus habitantes, independente de habitarem este ou aquele continente, pelo simples fato de que seremos em breve uma só unidade política ante o cosmos.

Mas, voltando ao tema central deste capítulo, os irmãos espirituais nos informam que, efetivamente, as gerações que se sucedem, a partir dos anos 30 no Oriente, e dos anos 50 no Ocidente, são sempre menos endividadas e/ou mais desenvolvidas em termos de potencial criador e aspectos humanísticos do que as imediatamente anteriores.

Se afirmássemos que desde então os filhos e filhas que chegaram ao panorama terrestre são sempre mais desenvolvidos no sentido espiritual do que seus pais, em nada estaríamos exagerando.
É óbvio que há exceções. E muitas!

Porém, em linhas gerais, os filhos e filhas do planeta Terra que começaram a chegar a partir das épocas especificadas anteriormente, de uma ou de outra forma, são espíritos mais habilitados à

convivência fraterna. Não eram, entretanto, perfeitos, e podiam falhar quando provocados pelas estruturas herdadas das gerações passadas, o que, infelizmente, aconteceu em grande escala e frente a muitos aspectos da vida planetária.

Mas, apesar das falhas, o esforço empreendido por todos os espíritos, encarnados e desencarnados, já sintonizados com a coexistência fraterna e o amor ao próximo, mesmo com as fragilidades de cada um, repetimos, alcançou com o trabalho de todos um resultado que muito sensibilizou a Alta Espiritualidade, melhorando a situação astral terrestre a cada momento, a cada instante cósmico.

O que de errado houve nas lutas reformistas do nosso passado mais recente, pouco a pouco deixará de fazer parte do cotidiano da paisagem terrestre.

Os exageros e as inconseqüências provenientes das lutas revolucionárias do comportamento humano que, em muitos aspectos da vida planetária foram levadas a efeito nos anos 60, estão, ainda, registrados na história dos nossos dias, como a nos lembrar sempre que, ao derrubarmos valores estabelecidos, sem sermos, ainda, possuidores de uma consciência plena e maior a respeito do significado da vida humana, pecamos reiteradas vezes por não sabermos, exatamente, que valores novos colocarmos para substituir aqueles que acabamos de destruir.

E enquanto hesitamos quanto ao que fazermos ou como fazermos, nesse espaço vazio de valores da sociedade humana, entre a derrubada de um código comportamental e a elevação de um outro, muito de negativo e infeliz penetra no seio da comunidade terrena, criando, na maioria das vezes, problemas tão ou mais sérios do que aqueles que acabáramos de resolver.

Mas, como informado anteriormente, mesmo com todos esses problemas, sementes de amor fraterno, de comportamentos pacíficos, de tolerância e outros tantos mais, ficaram de forma indelével e irreversivelmente plantadas nos corações daqueles que vibraram com os novos tempos, semeados que foram por verdadeiros heróis da luta planetária pelo melhoramento da raça humana.

Este assunto, entretanto, será objeto de reflexão e análise em trabalhos futuros, segundo os nossos mentores espirituais.

Dito isto, as reencarnações que nas duas últimas décadas deste século estão se processando por todo o orbe, têm como objetivo principal, dentre muitos outros que desconhecemos, retirar do ambiente planetário o que de negativo e infeliz ainda exista no comportamento humano, em especial o que se refere às posturas infelizes decorrentes dos diversos tipos de intolerâncias que ainda caracterizam o cotidiano planetário.

Drogas, sexo desvairado e inconseqüente, rebeldias imaturas e desnecessárias, e outros hábitos e atitudes de baixo padrão espiritual deixarão de caracterizar a juventude do mundo lá pela terceira década do próximo século, como resultado direto do esforço e da perseverança dessa geração de espíritos luminosos.

Esses, entretanto, terão ainda que enfrentar e lutar contra os erros dos seus próprios pais, avós, bisavós, ou seja, nós mesmos, espíritos que reencarnamos entre os anos 40 e 60, e que

derrubamos todos os valores que encontramos pela frente, esquecendo-nos, como já o dissemos, de criar alguns outros novos para colocarmos no lugar daqueles que destruímos.

Nesse processo, muitos hábitos, vícios e atitudes infelizes e desnecessárias adquirimos e contra isso, também, nossos filhos, netos e bisnetos terão que lutar.

Devemos, portanto, preparar a nós próprios para tal. E desde já, desejarmos de coração que eles nos vençam, nos superem, pois estes, espiritualmente falando, *sabem bem mais das coisas que os seus pais*.

Quanto ao futuro, as reencarnações que ocorrerão no planeta a partir da próxima década, terão como objetivo maior ratificar e fixar no mundo todos os comportamentos fraternos, sábios e amorosos, que o homem conquistou ao longo de sua penosa história e, ainda por cima, melhorá-los, condimentando-os com características extrafísicas e extraterrestres, nunca antes imaginadas pelos maiores sonhadores e ficcionistas da Terra..

Estes espíritos - e entre eles muitos serão de outros orbes que aqui virão em missão fraterna e desenvolvimentista - que reencarnarão após o ano 2000, em regra geral, abrirão a mente e os olhos da Terra para o aspecto cósmico da existência individual de cada ser criado pelo Pai.

Paralelamente, estes mesmos espíritos, abrirão *os aeroportos do mundo terrestre* para o pouso amigável de naves interplanetárias, estabelecendo, oficialmente, a partir de então, o contato pacífico e fraterno com os nossos irmãos de outros orbes, inscrevendo, dessa forma, o nosso tão querido planeta como um dos membros ativos de algo que poderíamos carinhosamente chamar de *Liga Interplanetária da Fraternidade Cósmica* ou algo semelhante.

É esta, pois, a história resumida do processo da Espiritualidade quanto às reencarnações melhoradoras que vêm modificando o panorama terrestre e preparando novos ambientes onde reinarão a paz e a concórdia entre os povos.

4. Qualquer um pode ser "Salvo"

Há certas decisões que são históricas na vida de um espírito. Outras, fazem parte apenas da crônica da longa história das tentativas, dos acertos e desacertos da individualidade durante as suas muitas vidas e experiências.

Estas últimas, são tomadas sem maiores reflexões, sem maiores responsabilidades. Tomamos e modificamos as decisões dessa ordem, sem maiores complicações, ao prazer da conveniência ou conforme necessidade mais imediata. Não há grande dispêndio de esforço, de sacrifício e de luta íntima para a tomada de posição quanto a esse nível de decisão.

Quando confrontados com situações que nos forçam à tomada dessas decisões, sequer fugimos de enfrentá-las tão normal e comum parece ao nosso espírito, à lei do pouco esforço, que, infelizmente, caracteriza os nossos atos há muitos milênios.

Entretanto, aquelas que têm relação direta com a nossa postura íntima, com a essência do que somos, sentimos e pensamos, com a educação interior do nosso espírito, frente a estas, de há muitos milhares de anos terrestres vimos hesitando em tomá-las, visto exigirem muito esforço e luta íntima, além de algum sacrifício na busca daquilo que se quer atingir.

E este fato faz parte da realidade espiritual que caracteriza a história de cada individualidade que ainda encontra-se presa vibratoriamente ao orbe terrestre, ou seja, à história de todos nós.

Se pudéssemos nominar a comunidade de espíritos que na Terra estão congregados por força de seus erros há bem mais tempo do que se imagina, chamaríamos a nós próprios de espíritos teimosos e rebeldes.

Teimosos, porquanto sabedores da necessidade que têm os nossos espíritos de tomarem decisões fortes e irreversíveis que os levem no rumo do desenvolvimento espiritual, teimamos em negar, a nós próprios, as oportunidades que a Espiritualidade Maior coloca à disposição de cada um e de todos nas diversas existências. E quando, com ou sem a nossa concordância, por força da lei maior do carma, temos efetivamente que enfrentá-las, costumamos assumir, para nossa desdita, uma postura interior que beira a estupidez, afastando o nosso próprio espírito da possibilidade concreta e redentora de melhoramento interior. Isto, quando não adquirimos mais e mais débitos a serem saldados no futuro por tal postura interior.

Rebeldes porque durante muito tempo nos posicionamos de forma contrária às leis que regem o aprendizado espiritual, sem aceitarmos a tutela e a ajuda dos nossos mestres espirituais que nada mais são do que irmãos mais evoluídos, rebelando-nos de forma infeliz e inconseqüente contra tudo que emanava da Espiritualidade Maior.

Toda mudança íntima ou qualquer modificação interior passa, necessariamente - consciente ou inconscientemente - por três etapas:

- modificação do posicionamento mental frente o problema. Ex: o hábito de fumar, que sempre pareceu agradável ao fumante, passa a ser percebido pelo mesmo como algo que o incomoda e a partir daí, o indivíduo pode passar a ter não só o conhecimento mas, sim, a consciência de que o fumo faz mal em todos os sentidos.

- tomada de decisão. Ex: parar de fumar.

- capacidade de auto direção frente as coisas do mundo. Ex: após tomada a decisão de mudança, resistir à tentação em todas as ocasiões que, no início do processo de acabar com o vício do tabagismo, sob formas de sensações aparentemente quase irresistíveis, farão o indivíduo ficar com vontade de fumar.

Passar por essas três etapas pode não ser - dependendo do caso - processo fácil, porém, é perfeitamente alcançável, seja qual for o problema... É empreendimento que exige muito esforço mental e domínio dos sentimentos e sensações que surgem inapelavelmente. Entretanto, sempre é bom lembrar que a soberania espiritual passa, necessariamente, pelo controle das emoções.

Se já é difícil para uma simples dependência dos sentidos e hábitos corporais, como é o caso do vício do tabagismo, imaginemos como não o será para as inclinações negativas do espírito.

Dizem-nos os Grandes Espíritos que conseguiram superar a si próprios *vencendo as coisas do mundo* quando por aqui estiveram encarnados, que o grande e único adversário a ser temido em qualquer empreitada somos nós mesmos através das nossas tendências, inclinações e fragilidades, que representam o conjunto dos nossos erros e hábitos infelizes, adquiridos em vidas passadas, e que nos acompanham em todas as reencarnações, até que nos livremos, de forma definitiva, de tais imperfeições. E não há como de tal peso cármico nos livrarmos se não tomarmos aquelas decisões que custam esforço e aparente sacrifício. Mas como sentirmos a alegria da conquista se não houver o necessário esforço e sacrifício da busca?

Neste contexto, tudo o que queremos afirmar é que, a exemplo daquele indivíduo que tenta, através de diversas decisões sucessivas, parar de fumar, sem nunca, entretanto, conseguir tal intento, algum dia, uma vez, após muitas tentativas fracassadas, haverá de tomar uma decisão inabalável que lhe corrigirá a atitude viciada de uma vez por todas, assim também ocorrerá com a correção das posturas equivocadas do espírito.

A partir daí, através da força de vontade leia-se capacidade de autodireção -, estará livre daquilo que tanto incomodava o seu próprio espírito.

Nós, parte das individualidades presas ao orbe terrestre, mesmo sendo espíritos frágeis e cheios de vícios e inclinações desagradáveis adquiridas ao longo dos milênios, tomamos, também, certas decisões positivas que muito nos ajudaram na progressão interior, permitindo-nos atingir certos marcos de aprendizado espiritual que caracterizam grande parte da humanidade, os quais poderíamos chamar de homens e mulheres tendentes ao bem e à convivência fraterna. E graças ao Pai o somos em bom número.

O exercício do perdão quando, na maioria das vezes seria mais fácil e cômodo deixar fluir toda a indignação íntima carregada de sentimentos pesadíssimos de revolta e do aparente justo

revide; quando, no calor da disputa por tal ou qual situação, a ética na conduta conseguiu ser a tônica dos atos em detrimento da paixão mais imediata que comumente caracteriza a raça humana terrena de *ganhar a qualquer custo*; quando, ainda diante de explosão do próprio temperamento, a individualidade controla a si próprio suavizando e tornando mais agradáveis as vibrações que lhe vêm do íntimo apesar do chamamento quase irresistível das *coisas e valores do mundo* que convidam ao descontrole pessoal; tudo isso e muito mais são situações pelas quais passam com relativo sucesso todas as individualidades congregadas na Terra que, no momento, encontram-se com disposição íntima de tendência ao bem.

Mesmo falhando em uma ou outra ocasião, o espírito que assim decide agir, termina por elevar-se acima das circunstâncias dos valores transitórios e temporários da Terra, terminando por plasmar em si mesmo uma tendência comportamental - produto do próprio esforço da reforma íntima - que o eleva a níveis vibratórios bem melhorados. A esse processo de reforma íntima podemos chamar de *evolução espiritual*.

Devemos, portanto, perceber que existe *um dia* na vida do espírito em que ele toma *certas decisões* que o marcam e o impulsionam em direção ao aprendizado cósmico por toda a eternidade.

No presente momento da história terrestre desta geração de espíritos, que está concluindo mais uma etapa de aprendizado, o processo energético decorrente e conseqüente à Volta do Mestre, oferece condições especiais e únicas que muito favorecem as tomadas de decisões que marcam o espírito por toda sua longa jornada evolutiva.

Tanto a nível de hábitos e vícios desagradáveis como de compulsões violentas e criminosas, podemos - através de um novo posicionamento mental frente os muitos aspectos da vida que nos proporciona a presença do Mestre, e de todos os outros aspectos das verdades eternas que com Ele se confirmam - modificar o nosso interior, tomando aquela decisão inabalável de melhorarmos neste ou naquele sentido, o nosso procedimento espiritual.

Inspirados nas verdades constantes no Evangelho e em outros livros que também foram inspirados pelo Alto, e através do esforço hercúleo da capacidade de se auto dirigir frente as tendências negativas e primitivistas do mundo, com disciplina, fé e convicção íntima inabaláveis, podemos, seguramente, superar a nós próprios e às coisas do mundo, dando, assim, um salto espiritual em relação ao aprendizado cósmico.

Imaginemos o pior dos assassinos entre os homens da Terra, e que este espírito doente, porém sensibilizado por conhecer verdades até então desconhecidas no nível de sua consciência encarnada atual, e, sabendo, também, que o Mestre Jesus aqui veio e virá mais outras vezes para ajudar a todos os necessitados de luz e de auxílio espiritual, cai aos prantos em um sincero processo de arrependimento e desejoso de reformar a si próprio, será que se este espírito tomar *aquela decisão inabalável* de banir da sua vivência interior a tendência e a inclinação à atitude criminosa, será, repetimos, que ele poderá ser salvo e superar o perigo do exílio iminente?

Sim. Qualquer um pode ser salvo!

Mesmo o mais hediondo dos homens, se tomada a decisão inabalável da emenda pessoal, e se esta decisão for verdadeira, ou seja, detectada pelos circuitos magnéticos-espirituais ligados ao amor do Pai, este espírito não mais sofrerá o processo de exI1io.

Terá, entretanto, que purgar em outros recantos cósmicos, sé assim o exigirem as leis evolutivas, logo após a morte do seu corpo físico terrestre, as muitas culpas e remorsos pelo mal praticado. Apenas esse processo de reajustamento espiritual será, sob todas as formas consideravelmente bem menos demorado e penoso do que aquele que espera por todos os que serão exilados.

Mas, logo que esse processo termine - e, repetimos, é rápido quando comparado com o que ocorre quando do exílio - esse espírito voltará em condições normais ao convívio com os espíritos que na Terra ficarão,a partir do terceiro milênio.

Esta decisão maior terá que ser detectada pelos Prepostos do Pai que, em Seu nome, e coordenados pelo Mestre Jesus, voltam seus olhos e atenção para os orbes que estão passando pelo processo de reciclagem espiritual.

Em outras palavras, não há nenhuma autoridade terrena, nenhum homem ou mulher, que tenha poder para verificar ou detectar se tal decisão, deste ou daquele indivíduo, é verdadeiramente sincera e honesta.

Este trabalho não nos pertence. Não podemos nem devemos julgar a quem quer que seja. Até porque, normalmente, a tudo enxergamos de forma superficial. Em certos momentos as pessoas agem com base em fatos e necessidades algo misteriosos à observação alheia e somente o Pai e Seus prepostos conseguem observar e aquilatar tais atitudes.

Portanto, tal processo de aferição será feito somente pela Espiritualidade Maior.

Podemos, apenas, afirmar que não há erros nem enganos nesse processo. E que nenhum espírito deixará de ser *verificado ou julgado* conforme as leis das Potências Celestes.

A nós, cabe o trabalho de distribuição desse aviso amoroso e, na medida das possibilidades, ajudar fraternalmente a tantos quanto possível. Este é o papel dos homens e mulheres tendentes ao bem e à convivência fraterna no atual momento planetário.

Antes de passarmos para o próximo capítulo, os nossos mentores espirituais solicitam que informemos a todos os irmãos em curso que esta época é bastante propícia para que os encarnados façam uma espécie de exame de consciência.

Se um indivíduo, após uma reflexão profunda na tentativa de descobrir as suas próprias imperfeições, perceber quais os comportamentos, hábitos, vícios e inclinações negativas e problemáticas que geram desarmonia interior e o incomodam tomar a inabalável decisão de melhorar a si próprio lutando contra as suas próprias tendências, seguramente este indivíduo será enormemente ajudado pelos mentores espirituais que, em nome do Mestre e sob Sua coordenação, já se encontram nos ambientes vibratórios mais próximos ao mundo dos encarnados, em número nunca antes visto ou imaginado, para ajudar a comunidade terráquea.

Quanto ao mais, tudo dependerá do livre-arbítrio de cada um pois o amor do Pai é herança divina e está presente no coração de todos. Cabe ao espírito observá-lo, cultivá-lo e praticá-lo.

5. Acompanhamento dos Exilados

Não faz muito tempo - durante as últimas seis centenas de milhares de anos terrestres -, a Terra recebeu espíritos exilados de muitos outros orbes.

Diversas levas de espíritos foram para aqui trazidos por força da lei maior que rege o longo caminho do desenvolvimento espiritual.

Obedecendo a critérios energéticos, muitos aqui chegaram em corpos espirituais, permanecendo nas esferas astrais da Terra, aguardando oportunidades para as reencarnações redentoras. Outros foram para cá trazidos em naves espaciais, com seus corpos *físico-materiais* dos mundos de origem já adaptados ao ambiente terrestre.

Em tempos passado formou-se, dessa forma, a atual comunidade planetária terrestre que, a princípio, tinha outra destinação no majestoso concerto dos mundos. Essa comunidade planetária passou a ser, na realidade, formada por um conjunto de espíritos que foram expulsos por comportamento inadequado de diversos mundos, mais aqueles espíritos que nativos do orbe terrestre quanto à origem espiritual, tiveram as suas primeiras reencarnações em corpos materiais do homem terráqueo.

A atual comunidade planetária - segundo as informações da Espiritualidade - foi, pois, naquele tempo formada, no seu componente espiritual, pelas individualidades que em espírito vieram para a Terra exilados de outros mundos através de verdadeiros comboios espirituais e mais os espíritos que foram criados pelo Pai para começarem a sua jornada evolutiva reencarnando na Terra.

Quanto ao componente material da comunidade planetária terráquea, ao contrário do que muitos pensam, e como informado anteriormente no livro *Reintegração Cósmica*, foi formado exclusivamente por individualidades-humanóides de diversas procedências planetárias distintas, que em seus corpos físico-materiais de origem foram para a Terra trazidos em naves espaciais.

Havia, sim, naquela época, um grande número de representantes de certo ramo dos símios. Estes também possuíam, sob certos aspectos, padrão semelhante ao dos humanóides para cá trazidos, porém não eram dotados de inteligência. Em tempos posteriores à chegada dos humanóides propriamente ditos e com a degradação ocorrida nas comunidades por eles formadas por problemas que ainda serão esclarecidos, toda a comunidade de estrangeiros que veio para a Terra terminou por sofrer grande declínio no nível e nas condições de vida, tendo, muitas vezes, que disputar com os símios - que muitos julgam erradamente que deram origem ao homem terrestre -, a própria alimentação, como, também, determinados locais privilegiados ao desenvolvimento da vida física-material.

Imaginemos, pois, a situação ingrata daqueles espíritos que para aqui vieram, já bastante evoluídos, porém empedernidos no orgulho, reencarnando em corpos materiais que com o passar dos tempos e com a própria degradação por eles sofridas, tornaram-se cada vez menos evoluídos e

mais e mais adaptados às pobres condições terrestres, tanto no que se refere ao padrão de higiene como também na questão da alimentação.

Imaginemos, também, o choque psicológico-emocional daqueles que vieram com seus corpos materiais e que aqui foram deixados por força do exílio forçado, ao perceberem que teriam que conviver com aqueles símios que os espreitavam a todo momento.

Os que aqui vieram por força do exílio forçado, já encontraram a desolação e a degradação por toda parte. Todo o esforço levado a efeito, quando do grande plano de colonização da Terra, conforme a sua destinação inicial, devido ao grande problema que interferiu no destino de bilhões e bilhões de individualidades cósmicas referente aos equívocos decorrentes da chamada Rebelião de Lúcifer, pouco ou nada conseguiu produzir em termos de melhoramento nas condições existenciais no ambiente terrestre.

Desta forma, os que vieram para a Terra em decorrência do problema luciferiano - e é justamente destes exilados que estamos falando - terminaram por conviver com toda sorte de problemas.

Era aflição e desentendimento por toda a parte. Os Prepostos do Mestre tudo faziam e fizeram por ordem pessoal Dele, para que a coexistência entre tantas origens planetárias diferentes com o habitante nativo da Terra, ou seja, todo o reino animal, se desenvolvesse de forma positiva para todas as partes.

De um lado, espíritos simples, dotados da capacidade da fé até mesmo por força das circunstâncias que àquele tempo imperavam no planeta, seriam ajudados através da convivência com os exilados, ricos que eram em conhecimento e experiência existencial.

Por outro lado, os exilados que tanto pecaram em outros mundos pelo sentimento menor do orgulho que deu base a uma série de distorções do comportamento espiritual, aprenderiam com aqueles seres ainda brutalizados e ignorantes - descendentes dos cruzamentos posteriormente ocorridos - frente as condições existenciais reinantes, o sentimento maravilhoso da humildade que eleva o espírito à condição da convivência amorosa e fraterna.

Com a sua experiência e conhecimento, os exilados daquele tempo ajudavam o progresso da raça humana terráquea. E com o passar dos milênios, através da miscigenação dos diversos tipos de raças que para o nosso planeta foram trazidas e mais outros grupos de exilados que de tempos em tempos chegavam à Terra, ainda por conseqüência da opção de Lúcifer, como também por outros problemas de reciclagem cósmica, formou-se esta comunidade planetária tão maravilhosa e tão diversa nas suas origens e tipologia, respeitando-se sempre, entretanto, o padrão humanóide de todas elas.

Fica, portanto, patente, que na atualidade terráquea, existem espíritos extremamente velhos em termos de quantidade de experiências existenciais e espíritos considerados ainda jovens, segundo os mesmos parâmetros.

Em outras palavras, os exilados respondem pela parte mais experiente da humanidade, enquanto os espíritos nativos desta região cósmica que iniciaram seu ciclo reencarnacionista evolutivo no orbe terrestre, pela parte mais jovem.

Dito isto, vamos escolher o tronco dos espíritos que foram expulsos do Sistema de Capela, para procedermos alguns comentários no que se refere ao acompanha-mento fraterno dos que para a Terra foram trazidos, pois é o que tem relação mais direta com o destino do planeta, já que sua responsabilidade é muito maior que a dos outros segmentos de exilados.

Esta responsabilidade maior deve-se ao fato de que o Sistema de Capela é a sede da Governadoria do Mestre Jesus, e as individualidades que de lá foram exiladas já O conheciam mais de perto e possuíam mais experiência quanto ao conhecimento e a vivência de algumas verdades eternas.

Apenas a título de ilustração, a raça negra terrestre derivou-se de três grandes segmentos específicos de exilados que para aqui vieram, tanto no estado de espíritos desencarnados como, também, de posse dos seus corpos característicos dos seus mundos de origem no fabuloso Sistema de Antares. O que vale dizer que há mundos pelo universo que têm como habitantes seres que possuem corpos de cor negra, como também os há de outras cores.

Não é este o tema central deste capítulo nem mesmo deste livro mas, conforme o que nos é informado, há raças planetárias por todo este universo maravilhoso, que apresentam peculiaridades tais a nível de cor, forma e outros tantos aspectos, que somente em futuro próximo teremos condições - enquanto comunidade planetária - de sermos informados com mais propriedade a respeito de tema tão atraente. Imaginar o contrário é o mesmo que julgar inteligente a suposição de que entre as incontáveis sementes que foram lançadas ao solo do nosso planeta apenas uma poderia germinar. Dessa forma, aceitar o fato de que apenas no mundo terreno a vida se fez presente, é atitude tão inteligente quanto vislumbrar a Terra com apenas uma única árvore.

E o lamentável é que muitos assim pensam e supõem existir na Terra a única expressão criadora do Pai. Alguns até preconizam o "fim da História", como se a expressão neoliberal que vê nas condições reguladoras de mercado o princípio e o fim de todo um esforço evolutivo de uma sociedade planetária, como se a existência transitória de uma individualidade cósmica fosse menos importante que as possibilidades de consumo. É confundir um simples estágio de um processo evolutivo com o seu pretenso final absoluto em termos de conquistas e produção de toda uma coletividade. É distorcer a amplitude da importância existencial do ser cósmico a uma modesta página de uma história planetária tão cheia de exclusões sociais e intolerâncias de toda ordem que, sob a ótica dos que nos observam de fora, além de atestar a cegueira do pretenso saber demonstra, também, a nossa brutal incapacidade de praticar o mais comezinho dos princípios cósmicos que é a prática da solidariedade. Esta tese nada mais é do que um atestado da nossa pouca inteligência em percebermos o que nos rodeia. Tola e pretensa ilusão.

Muitas foram as levas de exilados de diversos orbes para a Terra. Especificamente quanto ao tronco dos capelinos, ocorreram três momentos distintos de grandes grupos que aportaram na Terra. O primeiro chegou há cerca de seiscentos e vinte mil anos. Depois, há cerca de quarenta mil anos, segundo. E, finalmente, há treze mil anos, o último. Quanto a este, o espírito iluminado de Emmanuel, através de um dos mais dignos obreiros do Mestre Jesus - Francisco Cândido Xavier -

conta-nos no livro *A Caminho da Luz* que "há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos".

"As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização".

"Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos".

"As grandes comunidades espirituais diretoras do Cosmos deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, o progresso dos seus irmãos inferiores".

"O Mestre Jesus, com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito de sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir".

"Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixaram atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia".

Como vemos, o sentimento maior de fraternidade, solidariedade e amor do Mestre e de sua equipe acompanhou os espíritos que foram exilados, através da presença constante de seres maravilhosos que tudo largaram em seus mundos ditosos para acompanhar seus irmãos infelizes.

De cada orbe que forneceu exilados para a continuação do processo de colonização planetária terrestre, vieram várias equipes que, em nome do Mestre, acompanharam seus irmãos degredados durante toda a longa história da Terra, e que, até hoje, nos acompanham, através do anonimato decorrente do baixo poder de percepção do homem terrestre, ajudando a toda comunidade planetária no seu esforço redentor.

Mas como entender a ligação profunda em nível de sentimento pessoal, existente entre essas equipes de trabalho cósmico tão evoluídas, formadas por espíritos desencarnados e por seres extraterrestres, e nós, seres cujos espíritos são ainda frágeis e hesitantes quanto à postura fraterna?

Muito simples. Suponhamos, a título de exemplo, que nesta reciclagem pela qual passa o nosso planeta exista uma determinada família terrestre de quatro pessoas, formada pelo pai (Francisco), a mãe (Telma), o filho (Roberto) e a filha (Ana). E que, devido à reciclagem, Roberto

e Ana venham a ser exilados para um orbe inferior, após a morte de ambos. É bom frisar que todos os espíritos que porventura da Terra sejam exilados, o serão, apenas, após o desencarne, ou seja, no estado de espíritos desencarnados. Assim será devido à impossibilidade da tecnologia terrestre de proceder de forma diferente.

Permanecem, portanto, após concluído o processo de reciclagem, Francisco (pai) e Telma (mãe) durante - por exemplo - cerca de aproximadamente dez mil anos terrestres, reencarnando sistematicamente no planeta Terra que, doravante, devido ao seu grande nível de desenvolvimento, propiciará condições especiais no nível de percepção sensorial e extra-sensorial aos seus habitantes, mesmo àqueles que estejam reencarnados, de lembrarem-se de suas vidas passadas, o que será um fato normal e comum nos próximos séculos.

Dez mil anos depois, no nosso exemplo, os terráqueos já estarão viajando para muitas partes do universo e, imaginemos, então, que Francisco e Telma, já com outros nomes e personalidades, mas com a lembrança consciente dos filhos que lhes foram e são tão queridos, resolvam visitá-los no mundo inferior para onde foram exilados.

Imaginemos, agora, Roberto e Ana que, durante muitos milênios nesse mundo inferior para o qual foram exilados, reencarnavam, sistematicamente, e, no momento específico desse conto cósmico, Roberto, já com outro nome, seja um habitante encarnado qualquer desse mundo e que Ana, também com outra personalidade, esteja desencarnada, ou seja, já tenha morrido para a vida física desse planeta, vivendo em estado de espírito desencarnado em uma das esferas espirituais que circundam o planeta em questão.

O próximo passo é fazer com que Francisco e Telma e demais membros da nave proveniente da Terra, ao se aproximarem do planeta, entrem em contato com os mentores espirituais daquele orbe ainda atrasado, solicitando autorização para a visita fraterna, o que lhes é dada.

Ana, no estado de espírito livre do corpo material e já algo desenvolvida para o padrão espiritual daquele mundo, é preparada pelos seus irmãos espirituais sobre a visita de entidades de outros orbes, que em corpos especiais com ela se encontrarão, e que seres foram seus pais queridos em outros tempos do calendário cósmico.

O contato é feito sem maiores problemas, pois o estado de espírito livre do corpo físico-material facilita a aproximação e a interação energética entre os corpos especiais dos seres que viajam em naves e os corpos espirituais das entidades desencarnadas.

Mas, quanto a Roberto, o contato não é um processo fácil, seja pela condição energética da interação entre o corpo físico-material de um habitante encarnado daquele mundo e os corpos especiais dos seres viajores do espaço, ou mesmo pelo esquecimento temporário do espírito reencarnado de Roberto que, no corpo carnal daquele planeta, não se lembra de vidas passadas e nem mesmo sabe, com certeza, se existem vidas passadas e vida em outros mundos.

Imaginemos, pois, as dificuldades que esses seres teriam em contatar Roberto no estado momentâneo do seu espírito eterno mergulhado em corpo carnal, mergulho este que sempre inibe as lembranças e certas potencialidades do espírito.

É, portanto, o mesmo grau de dificuldade que os nossos visitantes de outros orbes têm em relação à nossa pobre condição.

A ilustração é pobre, simplista, podendo, até, tomar-se bizarra para alguns, até mesmo porque tudo isso poderia ser explicado levando-se em conta os muitos fusos horários presentes entre as diversas relações da relatividade tempo-espaço existentes no cosmos. Mas, dentro do que, no momento, podemos apreender, serve para exemplificar o que ora ocorre no planeta Terra, no que se refere aos seres extraterrestres (Francisco e Telma), aos espíritos que nos assistem (Ana), e nós, espíritos reencarnados em corpos fisico-materiais terrestres (Roberto), assustados e ignorantes, não somente em relação aos nossos irmãos espirituais que nos rodeiam, como, também, em relação aos nossos irmãos viajores siderais que ora nos visitam e que nos acompanham desde que para a Terra fomos exilados.

Resumindo, muitos dos seres que formam as tripulações de diversas naves que ora nos visitam, nada mais são do que afetos espirituais de um passado, a respeito do qual pouco ou nada sabemos, sendo todos, entretanto, amigos interplanetários muito desenvolvidos que com permissão do Mestre aqui vêm, em missões de acompanhamento e ajuda fraterna.

Existem, também, em verdade, aqueles que vêm apenas em missão de estudo e reconhecimento, sendo estes muito mais desenvolvidos do que nós terráqueos, alguns, nos campos da tecnologia e da moral, e outros, entretanto, apenas superiores no aspecto tecnológico. Porém, se comparados aos irmãos das diversas equipes de trabalhos do Mestre, esses irmãos encontram-se em estágio intermediário entre o atual nível terráqueo e o dos mundos mais adiantados.

Mesmo esses últimos, somente aproximam-se da Terra com a devida permissão dos mentores do orbe terrestre, e quando assim o fazem e ocorrem problemas, estes são, às vezes, por decorrência das relações de causa e efeito que envolvem este e outros mundos, relações sobre as quais não temos, no momento, condições de nos referirmos de forma mais aprofundada, por tratar-se de assunto extremamente complexo. A seu turno esse tema será desenvolvido.

Concluindo, há diversas formas através das quais, nós, exilados de outros tempos, fomos e somos amorosamente acompanhados por irmãos bem mais desenvolvidos, seja em nível espiritual ou mesmo fisico-material de outros orbes.

Se assim foi conosco, assim também será com os nossos irmãos que da Terra serão exilados para um orbe inferior. Verdadeiras equipes de abnegados mentores espirituais acompanharão os irmãos infelizes que também em corpos espirituais serão levados para outro orbe. Essas equipes ficarão coordenando os trabalhos de depuração por milênios e milênios, até que se conclua este longo período que está por ser iniciado.

Quando, na Terra, forem comuns as viagens interplanetárias, daqui sairão, não tenhamos dúvida, diversas tripulações que, em nome do amor fraterno e inspiradas pelo amor do Mestre Jesus, irão visitar e acompanhar os irmãos que foram exilados - e entre eles haverá sempre afetos particulares de todos os que aqui ficarão - e que, em outro orbe, estarão desenvolvendo novas vidas, na busca constante do aprendizado e do amor fraterno para que, após superadas as tendências e inclinações menores do espírito, tornem-se, efetivamente, cidadãos fraternos do universo.

6. Da Expiação à Regeneração

Como informado anteriormente, todo o esforço, levado a efeito pelas equipes que trabalham na tentativa de evitar o doloroso processo de exílio para os irmãos que ainda estão indecisos a respeito de qual caminho seguir, tem em vista, justamente, poupar aos espíritos infelizes todo o processo de sofrimento e de tempo cósmico gasto na longa jornada que levam as individualidades cósmicas para saírem do nível espiritual de provas e expiação e alcançarem o estágio de regeneração espiritual.

Somente para termos idéia, em tempo terrestre, um espírito endividado que para aqui foi exilado desde o início do atual processo de *colonização* do orbe terráqueo - assunto esse que será detalhado em trabalhos futuros -, reencarnou em condições materiais e espirituais precárias, tendo muitos milhares de oportunidades reencarnatórias, no solo do planeta Terra.

São números tão impressionantes que o senso comum terrestre, somente após algum tempo de estudo e reflexão, poderá ter idéia da magnitude do processo de exílio planetário.

Imaginemos, agora, a angústia e o sofrimento de um espírito razoavelmente desenvolvido, já tendo reencarnado por diversas vezes em mundos mais adiantados e em corpos físico-materiais bem mais sofisticados do que o atual padrão do humanóide terrestre, ao tempo em que estamos nos referindo, ou seja, antes de para a Terra serem exilados.

Essa individualidade, expulsa que foi de um mundo mais adiantado, cuja mente espiritual estava acostumada a uma série de requintes, tanto no nível alimentar como de habitação, hábitos, higiene etc., bruscamente se vê impedida de continuar a usufruir de ambiente tão propício à evolução do espírito imortal.

Ao contrário, encontra-se, agora, por força de seus erros, compulsoriamente ligada a ambientes primitivos, tanto o seu componente físico-material como o espiritual.

Vamos tomar, a título de exemplo, a experiência de uma individualidade que, vivendo em ambientes radiantes em um dos mundos de Capela, para a Terra foi exilada em espírito - sem corpo físico-material -, tendo sido, anteriormente preparada para o novo ambiente que a aguardava, através de *operações magnéticas* que adaptaram o organismo espiritual às condições terrestres.

Essa individualidade, que estava acostumada a um processo alimentar-nutritivo já bastante suave e evoluído, ao reencarnar nas primeiras centenas de vezes no ambiente da Terra, somente conseguia, em corpo carnal, atingir a idade da infância física terrestre.

O leite materno, a alimentação pesada que reinava e ainda reina em muitos dos agrupamentos terrestres, não ofereciam condições magnéticas para que o espírito com condições energéticas um tanto quanto adiantadas para aqueles corpos físicos _ mesmo com as adaptações

sofridas no plano espiritual -, conseguisse uma imantação do corpo espiritual ao corpo físico-material sequer razoável.

Após decorridas múltiplas tentativas reencarnatórias, enfrentando problema energético tão ingrato, esse ser passou a atingir nas reencarnações seguintes a idade média da juventude terrena.

Todo esse processo apenas para equalizar a questão energética entre as vibrações do espírito e do corpo físico-material característico do orbe terrestre àquela altura dos acontecimentos.

Ao mesmo tempo, o sofrimento e a angústia indescritíveis decorrentes da dificuldade de imantação propiciavam condições para que se pudesse purgar carmas pesados ainda presentes à sua consciência culposa pois em nível de aprendizado espiritual, seja no campo intelectual ou no da moral, nada podia o planeta Terra, nas condições de barbárie, desequilíbrio e desarmonia conseqüentes à quarentena cósmica imposta à Terra em decorrência do problema luciferiano, proporcionar aos seus habitantes.

Atente bem o amigo leitor para o que acabou de ler, pois fato é que foram necessários cerca de dezenas de milhares de anos terrestres apenas para que houvesse a adaptação do espírito exilado às condições ambientais locais.

Devido às condições que imperavam no planeta, para que o espírito pudesse proceder com a necessária compatibilização energética entre a sua vibração espiritual e corpo físico local, durante longos dez mil anos esse ser reencarnou apenas para resolver o problema de incompatibilidade vibratória, sem nada, entretanto, acrescentar ao seu espírito eterno em termos de aprendizado espiritual e evolução mais consistente.

Vamos, agora, nos voltar para o futuro e imaginar a Terra daqui há cinco mil anos. Tentemos perceber a grande evolução que os seres terráqueos terão nesses próximos milênios. Comparemos, a partir desse pressuposto de evolução, alguém que, durante o mesmo período, parou de evoluir espiritualmente ao estado daqueles que continuarão a rota evolutiva normal dos padrões de intelectualidade e de moral que caracterizarão a evolução terráquea. É mais ou menos essa a situação dos terráqueos - que permaneceram estacionados durante tanto tempo - comparada aos dos extraterrestres que nos visitam.

Como estará a Terra daqui há cinco mil anos? Se apenas nos dois últimos séculos a comunidade planetária terrena saiu da carruagem para as naves espaciais, o que não acontecerá nesse campo nos próximos milênios?

O ser fica como que desconectado do progresso cósmico e, conseqüentemente, alienado. Estaciona no nível existencial que lhe for afim e chega mesmo a pensar que *tudo o que existe é apenas o que ele percebe naquele seu estado transitório*.

É exatamente isso que sofre um espírito exilado e, na verdade, muito mais ainda porquanto há todo o aspecto de dor e sofrimento necessário à purgação energética e ao soerguimento espiritual!

Muitos desses seres sequer conseguiam aprender a linguagem humana terráquea porque em certos períodos pós-Lúcifer toda a coletividade terrestre teve que reaprender não só os aspectos pertinentes à comunicação, mas, também, em relação a muitos outros que serão esclarecidos no devido momento.

Esse espírito que tomamos como exemplo, por mais muitos milhares de anos foi evoluindo mais rapidamente no aprendizado dos aspectos primários da vivência terrestre.

Alguns outros grupos de exilados que chegaram na Terra em corpos físicos já adaptados ao ambiente terrestre, durante esses tempos a que estamos nos referindo, conseguiram, aqui e ali, criar o que seria mais tarde a base de novos focos lingüísticos após a derrocada planetária que marcou a Terra como conseqüência do primeiro grande desastre da experiência atlante ocorrido há cerca de sessenta e cinco mil anos -, que logo, com o passar dos tempos, terminou por transformar-se em diversos troncos distintos.

Essa individualidade que *falava a linguagem dos anjos nos mundos ditosos de Capela*, após muito sofrimento no planeta Terra, conseguiu assimilar e automatizar tal processo.

Continuava a lenta e penosa *evolução*.

Logo que se apossou dos princípios básicos em todos os campos da existência humana terráquea, as tendências do passado, ainda fortemente registradas na sede consciencial dos exilados, quando no trato com o sentimento de posse e com a disputa pelo poder, voltaram a aflorar inapelavelmente nos atos e atitudes daqueles seres infelizes. E como somente ocorreram pouquíssimas aquisições, a título de aprendizado espiritual, desde a saída dos mundos de Capela, não foi possível, à individualidade em foco, conter, crivar ou mesmo superar-se diante da irresistível tendência íntima, da avalanche de sentimentos e posturas menores e negativas que logo se transformaram em causa de escândalo, contraindo, com isso, mais e mais novos débitos cármicos a serem saldados no futuro.

A partir desses fatos, a vida desse espírito tornou-se um eterno saldar de débitos, com a aquisição de outros tantos a cada experiência na carne, pois as condições ambientais, continuavam a não permitir maiores vôos em termos de aprendizado espiritual às individualidades presas ao orbe terrestre.

Até então as reencarnações que estavam ocorrendo na Terra serviam muito mais para a purgação de débitos dolorosos e o acúmulo de experiências existenciais do que para a aquisição de novos valores e conquistas, seja no campo mental ou moral da evolução do espírito eterno.

Com o passar dos milênios e com a continuada chegada de exilados menos complicados frente as leis cósmicas que, num misto de autopurgação e ajuda àqueles a quem influenciaram negativamente, solicitaram ao Mestre que pudessem ser exilados na Terra, unindo-se, assim, com os infelizes companheiros de tão equivocada opção existencial, como foi o caso da chamada rebelião de Lúcifer. A situação terrestre começa, então, a atingir um ciclo de desenvolvimento, em certos campos, superior ao atual.

Os espíritos começam a ter oportunidades concretas de, efetivamente, evoluírem em conhecimento no campo intelectual, como também em posturas íntimas no campo da sensibilidade e da moral.

Atingimos, agora, nessa narrativa, um dos muitos ciclos - o último e mais importante em termos de conquistas tecnológicas - da grande civilização atlante. Mas isso é assunto para outros trabalhos, como também o será a questão cronológica pertinente aos fatos que marcaram a história atlante, que também será detalhada no futuro mas que, no momento, apenas descrevemos superficialmente por ser outro o objetivo do presente trabalho.

Aparecem, entretanto, mais uma vez, as imperfeições do passado, através dos vícios comportamentais que a tudo conseguem distorcer e corromper por falta de vigilância do homem e mulher terrestres.

De posse de uma tecnologia mais sofisticada, os exilados de muitos sistemas e, em especial, àqueles provenientes de Capela, voltam a errar, contraindo novos débitos gravíssimos frente às leis divinas.

Sabemos todos nós que um débito contraído por um espírito, na época da chamada pré-história, por exemplo, tem peso cármico bem menor do que outro contraído em condições existenciais mais avantajadas. E este foi um dos grandes problemas que marcou inapelavelmente a geração de espíritos que foram exilados dos mundos de Capela com o agravamento dos erros cometidos na época atlante.

Houve acréscimo de tão sérios problemas nas condições cármicas desses espíritos que, para que menos sofressem no futuro, a Espiritualidade Maior achou por bem permitir que o efeito da inconseqüência atlante atingisse os próprios agentes de causa tão infeliz. E, no espaço de algum tempo terrestre, as próprias forças organizacionais do planeta deram um fim, ou um basta, àquela civilização, a respeito da qual tão pouco ficou registrado na história que foi compilada até o presente momento.

Mas tão forte foi o problema e os conseqüentes efeitos cármicos que, até os dias atuais deste fim de milênio, os agrupamentos terrestres ainda se defrontam com *certos fantasmas* daquelas épocas e é da Lei que nos defrontemos sempre, mais cedo ou mais tarde, com os fantasmas que nós próprios criamos. Seja no nível individual ou coletivo.

Os seguidores de Lúcifer muito contribuíram para tamanho infortúnio. Mas, aqui, nada escreveremos a respeito desse problema que tanta dor e inquietação causaram nesta parte do universo, por não ser esse o objetivo central deste trabalho e porque a questão de Lúcifer será detalhada no livro *Carma e Compromisso*, que será o próximo da presente trilogia.

A individualidade, cuja história vínhamos utilizando para ilustrar a lenta evolução dos que para a Terra foram exilados, logo após o fim da civilização atlante, encontrava-se, então, com condições espirituais extremamente precárias. Acabara de passar por centenas de experiências reencarnatórias em condições existenciais bastante razoáveis e propícias ao progresso espiritual, tanto no que se refere às condições físico-materiais como também no aspecto espiritual, já, que,

durante alguns períodos da história atlante, muitas foram as condições propiciadas ao bom aprendizado dos espíritos que lá reencarnavam.

Novamente, por força dos erros cometidos e dos novos débitos contraídos, essa individualidade voltou a reencarnar em condições precárias, posto que não logrou aproveitamento, mais uma vez, nas reencarnações em corpos mais preparados e em civilizações mais desenvolvidas, repetindo, assim, a longa jornada a que já nos referimos anteriormente.

Dessa vez, com a facilidade de não mais possuir nas suas vibrações espirituais o fator de incompatibilidade energética para administrar ao longo do tempo, porém com o agravamento dos muitos débitos e as incômodas e frágeis reencarnações em civilizações que hoje a História Contemporânea considera razoavelmente civilizadas. Mas, se comparadas a atlante, muito deixariam a desejar.

Referimo-nos aos troncos dos povos indo-europeus, dos israelitas e demais povos da região, dos egípcios e dos hindus.

Iniciava-se, agora, para esse espírito, o penúltimo período de ciclos de reencarnações redentoras que duraria até o advento do Cristo.

Cerca de mais dez mil anos terrestres foram dados para que os espíritos congregados no orbe aprendessem as leis da coexistência fraterna entre todos os seres, no penúltimo período de ciclos reencarnatórios antes da grande reciclagem do futuro que iria ocorrer cerca de dois mil anos após a encarnação do maior dos espíritos que o amor do Pai enviava ao tão sofrido, porém, belo planeta azul.

Tomando apenas um dos troncos citados anteriormente a título de ilustração, lembremo-nos dos vários povos que formaram a chamada Civilização Mesopotâmica e da interação desta com os outros povos da região, a saber os Sumérios, os Acadianos, os Amorreus, os Cassitas, os Assírios que conquistaram o reino de Israel os Cal deus que conquistaram o reino de Judá e das muitas atrocidades e infelicidades cometidas durante esse período de guerras e conflitos podemos imaginar quão penosa e dolorosa foi a jornada evolutiva espiritual nesse período da história da humanidade terrestre.

Recordemo-nos das muitas outras guerras ocorridas em todos os quadrantes da Terra causando sofrimentos inenarráveis em todos os espíritos que na carne viveram aqueles momentos históricos.

Mais um ciclo de aprendizado planetário que deveria ser rico em harmonia espiritual, pois, mais uma vez, após perdido o elo de ligação com a história passada da civilização atlante, a comunidade planetária retomava o caminho do desenvolvimento intelectual e moral. Entretanto, tal período terminou por tornar-se uma época de tristes recordações. Conseguiu-se, mais uma vez, transformar o ambiente terrestre num palco propício a que novamente as paixões menores dos vícios espirituais explodissem, complicando os exilados frente as leis divinas ainda mais.

Nessa altura dos acontecimentos, todos os grupos planetários que para a Terra foram exilados já estavam completamente adaptados em todos os sentidos ao ambiente terrestre. E o pior:

tomaram as suas orgulhosas tendências e inclinações herdadas do passado extraterrestre instrumentos de dominação, potencializados nos aspectos da violência animalesca que caracteriza a natureza das vibrações ambientais terrestres.

Em outras palavras, o que antes era somente orgulho e postura inflexível, após a assimilação natural e normal das vibrações que caracterizavam o planeta Terra, transformou-se em violência da força bruta e da dominação sob qualquer aspecto.

A individualidade que usamos como exemplo de jornada evolutiva encontrava-se, próximo ao advento do Cristo, em situação espiritual extremamente complicada em nível cármico.

Começaria, dentro em breve, após a semeadura do amor e do esclarecimento através do testemunho maior do Mestre dos Mestres, o último período de ciclos reencarnacionistas para os espíritos ainda devedores, antes da reintegração cósmica da Terra em futuro próximo. Para isso, era necessário que os espíritos ainda complicados, frente as leis existenciais purgassem todas as suas culpas e não mais contraíssem débitos clamorosos para não sofrerem outro processo de exílio ainda em condições mais dolorosas.

A esse tempo, muitos dos que para a Terra vieram exilados no passado remoto já haviam retomado aos mundos de origem por terem cumprido todos os compromissos espirituais assumidos a título de resgate, de aprendizado e de soerguimento espiritual, ficando, ainda, na Terra, parcela considerável daquela grande família de espíritos que seguiram os postulados de Lúcifer.

A *última* oportunidade de redenção espiritual que seria levada a efeito no orbe terrestre antes da reciclagem futura - atente bem o leitor para o fato de que, na verdade, jamais existe uma última oportunidade pois o Pai nos deu toda a eternidade para atingirmos a posição espiritual que nos foi legada para aquela geração de espíritos que na Terra fora congregada, estava por ser iniciada.

Para tanto, a Espiritualidade precisava preparar condições para a chegada dAquele que iria diretamente propiciar mais essa oportunidade de redenção.

Atendendo a esse mister, espíritos mais elevados começaram a encarnar com vistas ao programa de educação planetária. Vários trouxeram "a noção de um Deus, através de doutrinas religiosas e filosóficas. Um Deus frio, distante e inatingível, a quem se devia temer. Isto, quando não eram vários deuses.

Grandes mestres do pensamento filosófico e religioso nas figuras amadas de Zoroastro, Buda, Confúcio, Moisés, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e tantos outros deram suas preciosas contribuições para a evolução da humanidade.

Dezenas de séculos se passaram com acertos e desacertos dos enviados e, em especial, de seus seguidores. O peso da matéria do corpo carnal, das inclinações e ilusões do mundo, a ignorância das massas, tudo isso dificultou a superação de diversos problemas e, infelizmente, muitas distorções ficaram impregnadas na cultura, nos hábitos, enfim, na história dos povos de então.

Tudo foi dado dentro do que podia ser percebido pelas comunidades humanas da antiguidade. Faltava o aspecto maior, que reuniria todas as partes dispersas já germinadas entre os homens da época, a saber, o senso de justiça e da legalidade, da vida político-social, do sentimento religioso para com a deidade; esta lei maior, que ainda não fora implantada no mundo, mas que viria harmonizar todos os outros aspectos inerentes à coexistência humana, que era *a lei do amor ao próximo*.

Os princípios da *Constituição Universal do Cosmos* iriam ser apresentados ao ser terrestre para que este, de posse da lei maior, edificasse na Terra o reflexo do amor fraterno já existente em mundos superiores. Para tanto, era necessário que, em se respeitando as leis normais de nascimento e desenvolvimento humano, aqui viesse um Espírito de Escol, espírito de altíssima vibração amorosa e magnética, espírito perfeito em relação aos padrões terrestres, espírito amantíssimo que tudo suportasse, tudo desse sem nada pedir, enfim, que conseguisse vencer o mundo, superando as tendências e inclinações da carne, as ilusões da matéria, levando a excelente termo toda a Sua missão de testemunhar e ensinar o amor maior entre os homens e mulheres da Terra.

Os espíritos mais velhos sentiam, inconscientemente, a dolorosa angústia de, ao olharem para trás e verificarem tanto desatino e infelicidade em relação à aplicação das leis que regem a coexistência universal, perceberem o quanto erraram com suas posturas inconseqüentes. Sentiam-se, portanto, inseguros e incapazes de, em apenas tão pouco tempo - dois mil anos terrestres -, fazer o que não haviam intentado conseguir em muitas dezenas de milhares de anos, através de tantas reencarnações levadas a efeito em todos os recantos da Terra.

Chega o Mestre Jesus, Pastor deste "rebanho cósmico tão complexo, e com origens planetárias tão marcadamente diferentes. Aquele que era e é o maior entre todos fez-se menor para, pelos menores, poder ser percebido.

Segundo a Espiritualidade que o Mestre poderia, simplesmente, implementar a missão que Lhe fora confiada pelo Pai, sem que fosse necessário ao seu Espírito, passar por todos os processos penosos de uma encarnação. Poderia simplesmente *aparecer ou Se fazer perceber* em cima de um monte qualquer, cercado por seus acompanhantes divinos e, sem maiores complicações, ensinar aos povos do mundo as lições de fraternidade cósmica. Em nada seria menor o amor do pastor por suas ovelhas se assim o fizesse.

Mas o plano de desenvolvimento dos espíritos presos ao orbe terrestre já estava feito de há muito por seu mestre e governador espiritual. Era da lei que os enviados - mensageiros do Mestre - vivessem e passassem pelas dificuldades normais do homem comum. E Ele também assim o faria. E assim o fez!

Chega Aquele que era e é somente paz, amor e ternura, para registrar com Seu ensinamento e testemunho maior, a maioridade espiritual da comunidade planetária terrestre, transformando, ou melhor, transubstanciando todos os comportamentos, tendências e inclinações menores de parte de Seu rebanho cósmico em amor e compreensão fraternas.

Ele foi, é e será sempre, efetivamente, para todos nós, espíritos ainda congregados ao orbe terrestre, o caminho, a verdade e a vida eterna.

Seus ensinamentos são frutos da moral mais preciosa. Seu testemunho dignifica o maior dos sentimentos amorosos que é o de sofrer por amor ao próximo.

No entanto, não O reconhecemos enquanto entre nós esteve encarnado.

Fizemos com Ele o que sempre fizemos com o próximo, durante muitos milênios, sempre por motivos menores ligados diretamente ao orgulho e ignorância que tão bem caracteriza o espírito terrestre: fizemos sofrer.

Depois do advento do Mestre, as individualidades que estavam reencarnadas naquele período e, em especial, nas terras da Palestina onde se desenrolou todo o trabalho de esclarecimento do Divino Semeador, após o desencarne de cada um, iam chegando aos ambientes espirituais e lá eram efetivamente informados de quem era, na verdade, Aquele Homem chamado Jesus.

Indescritível era o sentimento de desespero e loucura que invariavelmente dominava o íntimo de cada um daqueles personagens dos. muitos momentos da vida de Jesus. Ao saber que Jesus era o mais alto espírito que já passara pelos ambientes terrestres e que Ele ali estivera, em Nome do próprio Pai Amantíssimo, representando Seu Amor e Misericórdia para com todos nós; que Aquele Homem modesto e simples era em todo Seu potencial, a encarnação da vontade da Deidade que assim o fizera para ensinar e testemunhar o amor fraterno à uma legião de espíritos criminosos frente as leis divinas; e que de forma infame O crucificamos, inenarrável era a vontade de deixar de existir espiritualmente, de tudo esquecer, porquanto era impossível conviver com a lembrança de fato tão recente.

Ao saber de tais informações na espiritualidade, o espírito a que vimos nos referindo para ilustrar a longa jornada entre o estágio espiritual de expiação e provação até o de regeneração, foi tocado pelo testemunho amoroso do Mestre.

E o fato é que, grande parte de todos os espíritos que compõem a comunidade planetária terrestre foi tocada na sua sensibilidade espiritual ao ter consciência do sacrifício a que se impôs o Mestre Jesus para poder vir até nós, e ensinar, com Seu testemunho, o amor fraterno entre todos.

Seja na carne ou na erraticidade, a partir do sacrifício pessoal do Mestre, os espíritos tendenciosos ao bem desta comunidade planetária começaram a evoluir de forma lenta, porém constante e progressivamente, em busca do aprendizado cósmico.

O longo percurso nos caminhos da dor e da ignorância dessa individualidade que ilustra a maioria dos espíritos que para a Terra foram exilados, mostra o quanto de suor, dor, sacrifício, angústia e aflição espera o espírito que passa por um processo de exílio.

O exílio, em termos psíquicos, é para a vida eterna de um espírito algo semelhante à sensação psicológica de um homem terrestre que, supondo uma vida longa, passa cerca de 40 a 50 anos de sua curta existência terrena preso a algum sistema carcerário, inibido na sua liberdade, porém, dono do seu livre-arbítrio, dentro dos limites impostos por força do aprisionamento temporário.

É isso, portanto, que todos os espíritos exilados que para aqui vieram de diversos sistemas de mundos, sentiram e sofreram. Alguns, agravando em muito os débitos contraídos. Outros, estacionando durante milênios na acomodação infeliz do não crescimento interior por falta de decisão pessoal quanto à redenção do espírito eterno.

Os espíritos nativos do orbe terrestre - se assim podemos chamá-los - muito devem a esses que para a Terra vieram purgar suas faltas e educar suas consciências criminosas, pois, mesmo com todos os problemas advindos do agravamento da situação terrestre em termos cármicos, a evolução, que por algumas épocas na história do passado terrestre chegou a atingir níveis tecnológicos e sensoriais inimagináveis para o homem que chamamos moderno, teve como berço a mente experiente e criativa dos exilados e isso vale muito mais do que a princípio podemos aquilatar.

Além do que os erros que ficaram registrados na história do homem terrestre, foram cometidos por todos os espíritos na Terra congregados, independente de serem ou não provenientes de outros orbes.

E nada do que foi feito está perdido. No devido momento em que houver o necessário equilíbrio moral e mental do ser terrestre, tal qual lembrança e tendência subconsciencial, todo o arquivo de experiências passadas inapelavelmente terá que aflorar na vivência dos cérebros terráqueos quando não mais existir o peso da baixa condição vibratória que ainda cerca o planeta, que, com o exílio daqueles que ainda produzem tal campo energético, deixará de existir como fator limitante e dificultador do progresso terrestre.

Mesmo não estando registrado na história que o homem moderno conhece, tudo o que foi feito encontra-se presente na memória astral do planeta e na memória espiritual de todas as individualidades que participaram, de uma forma ou de outra, da elaboração e da formação dessa *cultura planetária*.

E, no momento devido, com o desenvolvimento interior dos terráqueos, que se processará de forma mais rápida a partir do terceiro milênio, todo o conhecimento e experiência que está registrado na memória espiritual, pouco a pouco, virá à tona, aflorando na consciência cerebral da individualidade encarnada.

Imaginemos, agora, todo esse tempo que um espírito exilado foi obrigado - por força das circunstâncias criadas por ele mesmo - a passar, preso a um orbe de expiação, se ele tivesse permanecido no seu mundo de origem, acompanhando o desenvolvimento desse mundo superior e se desenvolvendo ao mesmo tempo, qual o nível de evolução que esse espírito teria alcançado, se não tivesse sofrido o processo de exílio para a Terra? Provavelmente estaria em estado evolutivo tão adiantado quanto os irmãos extraterrestres que ora nos visitam.

Comparemos mentalmente, portanto, como estaria o ser que ilustra o nosso exemplo se lá, nos mundos ditosos, tivesse permanecido, e como ele se encontra hoje, concluindo o longo exílio no orbe terrestre.

Raciocínio semelhante podemos aplicar para procurarmos perceber a diferença de nível entre os que aqui ficarão, pois, a partir do terceiro milênio, é esperado que ocorra um *rápido*

desenvolvimento tecnológico, sensorial e moral, e aqueles que irão reiniciar a longa jornada em mundos inferiores, e que, somente depois de muito tempo, conseguirão atingir o marco espiritual que hoje já começa a caracterizar os chamados eleitos do atual processo de reciclagem terrestre.

Como estarão esses espíritos que terão que enfrentar outras *idades da pedra* em ambientes planetários ainda mais desfavoráveis que os da Terra, após decorrido o *tempo de exílio* nesse novo mundo que os espera, e como estarão aqueles que na Terra ficarão, após decorrido o tempo correspondente no chamado fuso horário cósmico?

Os exilados, na sua média global, aqui vieram para reeducar os seus espíritos que estavam dominados pelo orgulho e rebeldia.

Complicaram-se, entretanto, devido às próprias tendências e inclinações ainda decorrentes do problema luciferiano, como também frente às condições do nível existencial da Terra àquele tempo.

Passaram a contrair débitos escabrosos na luta pela sobrevivência e, posteriormente, na disputa pelo poder.

Agravaram a própria condição espiritual que já era bastante grave e complicada, quando, mais uma vez, por orgulho e rebeldia, não aceitaram e/ou não desejaram enxergar as luzes que do alto eram jogadas, para iluminar a longa noite de trevas e ignorância que reinava no planeta.

Hoje, ao final de mais um ciclo da nossa vida espiritual, estamos todos nós, exilados de outrora, porém já *naturalizados* como seres terráqueos, firmemente irmanados aos irmãos que tiveram como primeira casa mater espiritual o orbe terrestre, para que juntos possamos superar período tão difícil da vida planetária.

Alguns poucos conseguiram atingir a postura interior sublime de dar a vida em obediência aos valores distorcidos de uma época para a ninguém ferir. São os que preferem morrer para não matar. É dar a outra face como nos ensinou Jesus. Ele mesmo, Sócrates, Gandhi e tantos outros ilustram essa falange de verdadeiros heróis da humanidade.

Outros, que representam a grande parte da comunidade terrena, matam para não morrer em momentos de defesa e/ou desespero. Ainda não atingiram condição espiritual de dar a outra face mas, apesar das muitas fragilidades que ainda lhes caracterizam o espírito, são tendentes ao bem e erram por serem imperfeitos.

Diríamos, ainda, que há aqueles que, ligados energeticamente às trevas, matam por matar. Qualquer motivo menor, a saber: dinheiro, poder, paixões, intrigas, disputas e outras coisas mundanas representam motivo bem mais importante que a dor e a desdita do próximo.

A esses irmãos que ainda procedem dessa forma bestial, praticando o mal pelo mal, seja a que nível for, a nossa prece a Jesus, a fim de que eles, inspirados pelo amor do Mestre, se permitam serem ajudados pelos seus guias espirituais, para que tomem, enquanto é tempo, aquela decisão maior a que nos referimos anteriormente, que os livrará de tão tormentoso processo de purgação e expiação espiritual, através do exílio iminente.

É por estes que todo esse trabalho está sendo feito.

É para evitar tamanho sofrimento a esses irmãos infelizes, que todo esse esforço está sendo levado a efeito, por ordem e desejo pessoal do Mestre

Jesus, pois longa, muito longa e penosa, bem mais dolorosa do que pode a atual inteligência do espírito terrestre perceber ou mesmo imaginar, é a jornada ascensional do espírito do estágio de expiação ao de regeneração.

O Mestre convoca a todos nós, espíritos encarnados tendentes ao bem, para trabalharmos nesse mister amoroso.

A um só que consigamos ajudar; a uma só ovelha desgarrada que ajudarmos a voltar para a convivência fraterna do rebanho; a cada ato amoroso nosso, uma árvore de frutos fraternos estará sendo semeada no coração de algum irmão necessitado de apoio e esclarecimento espiritual; façamos, pois, o trabalho que nos pede Jesus: amemo-nos uns aos outros independente de tudo o mais!

3. Mecanismos Existenciais

1. Diversos Níveis

Segundo a Espiritualidade, o Mestre Jesus é uma espécie - aqui, decisivamente, começam a falhar as palavras, seja pelo mau uso que delas faço ou mesmo pela ausência de padrão comparativo e vocábulos que consigam exprimir, efetivamente, a idéia ou conceito intencionado - de co-Criador com o Pai Amantíssimo, de parte da Criação Universal. E como Ele, ou seja, Espíritos de Escol que governam, em Nome do Pai, partes específicas da Grande Obra da Criação, existem muitos outros Filhos Diletos que são espécies de pastores dos muitos e diversos rebanhos existentes e espalhados por todo o Grande Universo da Criação Divina.

Um desses Filhos Diletos co-Criadores com o Pai, plasma na parte da Criação que Lhe compete administrar os diversos níveis existenciais, através dos quais os seres em evolução, deverão passar em busca do aprendizado cósmico.

Os Arquitetos do Espaço que, coordenados pelo Governador ou Pastor dos chamados Grupos de Sistemas de Mundos ou Associações Sistêmicas, trabalham em todos os níveis de experiências existenciais. criando, desenvolvendo e acompanhando os diversos tipos de seres criados momentânea e especificamente para aquela parte do grande universo.

Os Prepostos do Filho Dileto co-Criador, Pastor ou Governador, como queiramos chamá-Los, organizam, portanto, todos os tipos de experiências existenciais em todos os níveis ou meios vibratórios distintos, por onde os seres criados desfilarão, durante a manifestação infinita do chamado tempo cósmico, em busca da perfeição, sem jamais perder a individualidade como a entendemos, ou seja, da comunhão maior com o Pai Universal onde todos são UNO com Ele.

Existem, pois, diversos níveis existenciais em cada uma das associações sistêmicas que formam a Grande Obra da Criação Universal.

Na associação sistêmica de mundos a que pertencemos - a qual abrange apenas pequena parte da nossa galáxia - no atual momento do tempo cósmico, que é governado por Aquele que na Terra ficou conhecido como Jesus Cristo, existem diversos níveis através dos quais as experiências existenciais são levadas a efeito para que a individualidade possa progredir em desenvolvimento espiritual.

Não é objetivo deste trabalho explicar e identificar esses níveis distintos uns dos outros, mas que se integram em seus pontos de contato e através da capacidade de comunicação e percepção sensorial dos seres que neles habitam. No presente momento, tudo o que nos compete é afirmar que, efetivamente, assim o é.

O assunto é muito complexo e difícil de ser desenvolvido dado, em primeira instância, à incapacidade de escrita deste aflito escrevente desses apontamentos que chegam, e à inexistência

de palavras que possam significar, com clareza, as coisas e fatos pertinentes a esses outros níveis vibratórios como já o dissemos anteriormente. Esses níveis não têm padrões semelhantes ou correspondência com o nosso nível físico-material, que possa servir de parâmetro ou termo comparativo, para que se torne possível a expressão, em palavras, do que os Mentores Espirituais gostariam de transmitir. Tenho consciência de que são os *meus fatores limitantes* que dificultam maiores e melhores explicações. Seguramente. em futuro breve, tais virão, através de aparelhos terrenos mais qualificados e preparados para tal mister.

Vamos, portanto, apenas ratificar o que de há muito vem sendo informado por tantos autores através de diversas obras magníficas a respeito dos diversos planos, níveis ou dimensões existenciais, como são chamados os diversos estágios energéticos-vibratórios da Obra do Mestre Jesus. Somente podemos afirmar é que tudo o que até o momento foi descrito ou imaginado intuitivamente por diversos autores é pouco frente o que ainda virá.

Ele que já existia antes da criação da Terra e de seus habitantes - "Agora, pois, Pai, glorifica-me junto de ti, concedendo-me a glória que tive junto de ti, antes que o mundo fosse criado" (João 17,5) juntamente com o Pai Amantíssimo foram os Divinos Autores de tão magnífica obra que é a expressão maior do Amor do Pai e de um de seus Filhos Diletos.

No caso específico da parte universal a que pertencemos e, mesmo no caso de grande parte da Criação, podemos, com segurança de não estarmos muito longe da verdade dos fatos, afirmar que existem, pelo menos de forma distinta, os níveis existenciais que exporemos a seguir. O problema, ou melhor, o fantástico é que cada um desses níveis tem seus diversos sub-níveis vibratórios. cada um com suas características existenciais específicas sobre os quais, infelizmente, encontro-me incapacitado para ir mais além nas descrições e informações a respeito dos mesmos.

Especificamente no caso dos níveis existenciais principais referidos anteriormente, podemos, pobremente, descrevê-los da seguinte maneira:

- **astral** ou **cósmico**: individualidades espirituais muito adiantadas de espíritos encarnados libertos durante o sono do corpo físico-material que assumem magneticamente os seus corpos especiais ou astrais, ou ainda cósmicos, como alguns os chamam, e com estes mundos interagem, além dos espíritos desencarnados já bastante evoluídos também possuidores dos chamados corpos astrais ou cósmicos que, juntamente com extraterrenos que também em corpos astrais ou cósmicos se manifestam neste nível consciencial vibratório penetrando nos seus muitos níveis existenciais.

Como podemos imaginar, é neste nível que ocorre o grande congraçamento cósmico entre as diversas entidades que, independentemente do estado existencial momentâneo em que se encontrem suas individualidades, por já possuírem magneticamente a assunção dos fantásticos corpos astrais podem, por conseqüência do elevado fator evolutivo que as caracteriza, potencializar as suas individualidades nesta faixa vibratória de caráter bem especial. As leis energéticas pertinentes a este nível são comuns em quaisquer recantos do universo.

É o chamado e imaginado "não tempo"! Qualquer ser, em qualquer local do universo, independente da situação existencial momentânea, desde que evoluído, poderá penetrar nesse circuito, bastando, para isso, a inatividade e/ou aniquilamento momentâneo do veículo (corpo transitório) que estiver utilizando para que seja possível a assunção do corpo astral que abre *todas as portas dimensionais e existenciais*, se assim podemos dizer. Nesses níveis, o ser penetra e lá

potencializa a sua personalidade cósmica. Lá o ser é chamado e tratado pelo nome que recebeu quando de sua criação pela Deidade, ou seja, o seu nome cósmico eterno e não pelos nomes de suas existências temporárias e transitórias como, por exemplo, as que efetua em planetas tipo a Terra.

- **espiritual**: onde vivem as individualidades não possuidoras de corpos físicos-materiais, ou seja, espíritos desencarnados que já morreram para os corpos transitórios daqueles mundos. As leis energéticas pertinentes a este nível, como também aos seus diversos subníveis, variam de acordo com as condições de cada orbe, apesar dos princípios morais que norteiam as vibrações decorrentes da postura íntima do espírito serem os mesmos em todo o cosmos.

Muito relutei em aceitar tais informações referentes às variações do nível espiritual de orbe para orbe. Mas, exatamente dessa forma me foi comunicado e constantemente confirmado e demonstrado posterior-ente. Não poderia mesmo ser diferente na medida em que as condições das chamadas esferas espirituais que *circundam* os planetas físicos-materiais dependem das emanações vibratórias e mais outras circunstâncias decorrentes e conseqüentes ao mundo físico-material.

- **físico-material**: onde nós vivemos, ou seja, espíritos encarnados em corpos físico-materiais característicos do planeta Terra Aqui também se encontram os outros planetas de condição vibratória próxima à da Terra, ou seja, nesse nível vivem todos os irmãos extraterrenos que *vibram materialmente* porquanto encarnados em corpos físicos-materiais específicos em outros planetas. As leis energéticas pertinentes a este nível, como também aos seus diversos subníveis, variam de acordo com as condições de cada planeta apesar dos elementos da *química cósmica* serem os mesmos em todo o universo físico-material.

- **mundos paralelos**: onde ocorre o complemento, a título de aprendizado e vivência pessoal da individualidade como se encarnada estivesse, de certas experiências existenciais que foram interrompidas por uma série de fatores nos mundos físico-materiais. Esses níveis formam um conjunto de ambientes onde tais experiências podem ocorrer, e são intermediários e se interpenetram com os níveis físico-materiais, espiritual e astral. São mundos que convivem, no nosso caso, com a Terra, e que com ela se assemelham sendo, entretanto, independentes desta. Outro aspecto é que nós não temos consciência da existência desses mundos. Eles, ao contrário, têm conhecimento do nosso. De vez em quando as civilizações de mundos paralelos mais adiantados têm contato conosco.

- **não edificados**: individualidades até certo ponto consideradas primitivas, dotadas de muito instinto e sentimento, porém com pouca capacidade de raciocínio, se é que tal podemos dizer. As leis energético-vibratórias pertinentes a este nível e subníveis também variam de acordo com as condições de cada orbe.

De cada um desses e de outros níveis - insisto que não há a menor pretensão de ter descrito todos os níveis existenciais - desdobram-se inúmeros planos existenciais que, por mais que nos esforçássemos, não conseguiríamos jamais transmitir sequer uma pálida idéia das muitas e incontáveis moradas que existem na Casa do nosso Pai Universal.

Tudo o que descortinamos é que o ser, criado em sua expressão mais simples por vontade da Deidade, herdou, de pronto, imantada no seu íntimo mais profundo toda a potencialidade do Pai, expressa poeticamente nos registros religiosos como "criados a Sua imagem e semelhança".

A partir da criação o ser começa a percorrer um longuíssimo caminho preparatório, ainda no campo evolutivo que podemos chamar de instintivo-sensório não-pensante. Após essa etapa aflora em seu íntimo, como se uma espécie de hálito divino o envolvesse, a condição pensante-racional que lhe é outorgada pela Deidade juntamente com um de Seus Filhos Criadores que, a partir daquele momento, terá aquela ovelha recém-admitida ao rebanho dos seres dotados de responsabilidade cármica sob Sua tutela de Pastor Amoroso.

Percorrerá, agora, o ser já dotado de inteira responsabilidade pelos seus atos e posturas íntimas, outra longa etapa da evolução do Espírito eterno, que é a desenvolvida nos muitos circuitos existenciais dos mundos físico-materiais, das esferas espirituais ligadas a esses mundos e, se for o caso, dos mundos paralelos cujos caminhos energéticos tenham a necessária interação com as realidades transitórias do nível físico-material. Muitas e múltiplas experiências existenciais são levadas a efeito nesses tipos de circuitos. E eles existem em quantidades inimagináveis por todo o cosmos.

Após esse longuíssimo percurso, quando o seu espírito atingir condição vibratória de porte elevadíssimo, *desabrochará* no seu íntimo ou, em outras palavras, lhe será investida pela Deidade e Seus Prepostos uma espécie de corpo cósmico-astral permanente que lhe abrirá todas as portas ascensionais e existenciais do grande universo.

Quando concluída essa etapa, o ser estará atingindo o chamado nível crístico e, somente a partir daí, terá *contato direto* com a Deidade, porquanto tornar-se-á uno com o Pai, sendo, doravante, uma espécie de preposto do Mais Alto para os mundos ainda em evolução na retaguarda espiritual.

Como o Pai cria incessantemente, sempre será necessária a existência de prepostos e trabalhadores do Pai pois, como nos disse Jesus, "grande é a messe, mas poucos são os operários". (Lucas 10, 2)

Enfim, a vida do ser é eterna porquanto eterna é a evolução do Espírito. Mesmo quando atingirmos o estágio de sermos uno com o Pai, ainda aí haverá um longo e infindável caminho a ser percorrido no seio das potencialidades infinitas da Deidade, caminho esse que, por si só, já se percebe infinito porque infinito é o caminho da Deidade e eterna é a Sua existência. Por isso somos, também, eternos, e infinito é o nosso caminho ascensional.

No futuro, seguramente, informações mais claras e objetivas chegarão inapelavelmente ao conhecimento do homem e mulher encarnados a respeito desses e de outros aspectos da Verdade Maior refletida na Obra da Criação Universal.

O objetivo deste capítulo pode ser considerado por alguns como simplista, pois estamos longe de conseguir demonstrar o que afirmamos por sabermos que o raciocínio absoluto não possui elementos, frente ao assunto em foco, para a prova concludente e necessária. Até mesmo porque certas coisas pertinentes a níveis existenciais superiores em vibração à nossa condição existencial

atual não se consegue demonstrar. Ou evoluímos vibratoriamente para percebê-las ou simplesmente delas apenas teremos notícias. Elas são percebidas ou não!

Mas, ainda assim, o amigo leitor sabe que a realidade e os fatos a ela pertinentes não existem ou deixam de existir pelo simples fato de nós, espíritos encarnados e pobres em conhecimento e capacidade sensorial, podermos ou não demonstrá-los ou mesmo percebê-los.

O universo, efetivamente, é bem mais maravilhoso, fantástico, belo e complexo - como já dizia o grande astrônomo francês Camille Flammarion _ do que o percebido pelos sentidos do homem e da mulher terrestres.

Aproveitando-nos do fato de termos tido - por acréscimo de misericórdia do Pai e do Seu Filho Dileto - a graça de convivermos com tal processo de esclarecimento vindo do alto estamos, a pedido da Espiritualidade Maior, afirmando, simplesmente, que há, em verdade, muitas moradas distintas em diversos níveis existenciais na Casa do Pai.

Demonstrá-las e explicá-las *conforme a necessidade dos sentidos do ser terrestre* não nos cabe fazê-lo. Outros já fizeram o possível nesse sentido e outros virão e o farão ainda com mais propriedade, competência e conhecimento de causa.

Cabe, sim, aos homens e mulheres da Terra purificarem a condição moral e sensorial para melhor poderem enxergar e perceber a grandeza e a beleza do Poema Infinito da Criação Universal. Como já foi dito, não é o universo que se transforma para que nós o percebamos. Nós é que temos que nos transformar intimamente melhorando, assim, as nossas vibrações energéticas, para que possamos perceber mais e mais o grande, maravilhoso e complexo universo que nos rodeia com os seus múltiplos níveis existenciais.

2. O Sistema Solar

Cada sistema estelar, seja ele formado por uma ou mais estrelas, com seus respectivos planetas, tem uma *realidade existencial* que lhe é peculiar.

Seguramente, ao que nos é informado, nenhum sistema de mundos existe entre os incontáveis sistemas planetários do universo físico-material que não tenha a vida pensante potencializada em, pelo menos, seu correspondente, em termos vibratórios, ao nível cósmico-astral que lhe for inerente. A grande maioria dos sistemas de mundos tem, além do nível cósmico-astral, a vida também potencializada em esferas ou mundos espirituais. Esse conjunto de níveis existenciais, normalmente, envolvem ou estão ligados energeticamente a certos ambientes do universo físico-material apesar de, deles, independer completamente. Na verdade, esses níveis existenciais estão interligados, porém independem uns dos outros, até porque os mundos cósmicos-astrais e espirituais sempre existiram. O que não se pode dizer o mesmo em relação aos mundos do universo físico-material. Mas, isso é outra história.

Fato é que alguns sistemas de mundos - e tais se contam em números que assustariam a desavisada mente terrena - têm, também, a vida pensante potencializada em sua expressão vibratória mais baixa, pesada e grosseira que é essa referente aos mundos físico-materiais que possuem, agregados à suas naturezas físicas, os níveis dos não-edificados e dos ambientes existenciais paralelos. Tal é a situação do nosso planeta.

Abstraindo-nos de comentários mais complexos frente a assunto tão grandioso, já levados a efeito nas correntes da Teosofia e na Doutrina Espírita, podemos afirmar com tranqüilidade, que há vida espiritual em quase todos os planetas que circundam o nosso Sol; vida cósmico-astral em alguns deles; e vida física-material no planeta Terra e base comunitária em pelo menos um dos satélites de Júpiter.

Há, também, bases ou espécies de *aeroportos interplanetários* em diversos planetas e satélites do Sistema Solar que servem como *espécies de pousadas transitórias* para os viajantes siderais.

Houve tempos em que o quadro era outro e haverá um futuro em que, seguramente, outra será a situação, em termos existenciais, nos mundos do nosso sistema planetário.

Pouco nos foi informado a respeito de detalhes quanto aos diversos modus-vivendis que caracterizam as existências nos outros orbes do sistema. E se assim foi feito é porque, talvez, ainda não seja o momento propício para que este assunto seja aprofundado.

O pouco mais que poderíamos dizer já o foi informado em outras obras do gênero.

Vamos, pois, calar a respeito, na esperança de que no mais breve espaço de tempo possível os mentores espirituais forneçam mais informações para que melhor possamos compreender e perceber quão grande e belo é o nosso berço sistêmico.

3. O Caso da Terra

De há muito já o sabem os espiritualistas e, em especial, os espíritas, que a Terra encontra-se envolvida por diversos ambientes espirituais distintos ou esferas espirituais como comumente chamadas, cada uma com seus planos existenciais conseqüentes e específicos, formando um todo chamado orbe terrestre.

Distribuídos por todos esses ambientes, conforme a condição vibratória (marco espiritual) que emana de suas mentes, estão todos os espíritos que por força das leis existenciais que imperam em todo o Cosmos, aqui foram congregados desde tempos imemoriais, e que, sempre que possível, encarnam ciclicamente em corpos físico-materiais em busca da retificação de atos infelizes e da ratificação dos valores morais e éticos já apreendidos em lutas anteriores, com o propósito maior de vencer a horizontalidade do mundo e envolver-se na sublime vertical idade que Jesus propõe.

Cada um desses planos funciona como uma espécie de degrau da longa escala evolutiva e, cada um de nós, espíritos no momento encarnados, irá para aquele ambiente espiritual que lhe for próprio e compatível, conforme a afinidade vibratória entre a nossa mente e os ambientes já existentes após o desencarne.

É como se a vida carnal na Terra fosse o laboratório das principais experiências do espírito (mundo causal) e, quando desencarnado na espiritualidade (mundo dos efeitos), ocorreria a necessária depuração energética, a revelação dos resultados dessas experiências e o conseqüente preparo para as próximas experiências no mundo dos encarnados. Mas, na verdade, o mundo causal é o de vibração cósmico-astral. Assim nos referimos apenas para melhor tentar explicar as relações entre a vida do espírito encarnado e deste, quando desencarnado.

Da mesma forma que pisamos o chão da crosta terrestre, os espíritos desencarnados pisam o chão do plano ou ambiente espiritual em que estejam inseridos.

Na medida em que temos a liberdade de nos movermos na crosta, os espíritos desencarnados dispõem da capacidade - inclusive bem mais fácil do que quando na condição de encarnados - da livre movimentação dentro do plano vibratório que os rodeiam, como também têm fácil acesso aos que lhes são inferiores em condição energético-vibratória.

Se não podemos ascender naturalmente a planos superiores, os espíritos ligados às esferas mais próximas à crosta terrestre também não o podem fazer. Se aqui é necessário o concurso de médiuns para a comunicação entre dois planos existenciais diferentes, lá, ou seja, nas esferas mais próximas, quando na tentativa de comunicação com esferas mais elevadas ocorre processo semelhante, sendo, a bem da verdade, bem mais simples e facilitado, devido à ausência do corpo material-carnal.

De forma inversa, os espíritos mais desenvolvidos que habitam as esferas mais altas têm livre acesso a todos os planos que lhes estão abaixo em termos de escala e posicionamento

vibratório-energético. Como nós, espíritos encarnados, por estarmos vivendo na base dessa escala vibratória, ou seja, no nível mais baixo e mais pesado, podemos facilmente deduzir que convivemos com todos os níveis de espíritos desencarnados pois todos eles têm acesso ao plano físico terrestre.

Não mais iremos adiante com este assunto pois seria repetir tudo o que já foi amorosamente revelado e explicado na Doutrina Espírita e em alguns postulados da Teosofia.

Concluímos este capítulo, pedindo ao Mestre Jesus que ilumine e inspire a todos os cidadãos terráqueos para que possam ver e enxergar além das tolas e frágeis fronteiras das diversas culturas religiosas do mundo terrestre. Tudo o que foi realizado pelo Mais Alto para somar, não pode dividir. Deus, nosso Pai, é Um só! Seus Prepostos, mesmo que na Terra tenham se dirigido a uma ou outra comunidade regional específica, por força da diversidade terrestre, estão todos congregados no esforço de bem informar e espiritualizar a todos os seus irmãos presos energeticamente ao orbe terrestre.

Não é conveniente, no atual momento da História Terrestre, que um católico deixe de estudar as informações espíritas devido à aparente intolerância religiosa; não pode um protestante deixar de encontrar nos ensinamentos do Tao reflexões sábias que alimentam e enternecem o espírito; não mais é aceitável que um islamita feche os olhos à beleza dos ensinamentos presentes no Judaísmo, no Catolicismo, onde for que se encontre uma semente de sabedoria fecundada pelo Amor do Pai e semeada pelos Seus Prepostos.

Os espíritas não podem pensar que tudo está contido no Espiritismo, quando aquele mesmo que o codificou informou que muito mais estava por vir; não devem os religiosos de qualquer segmento pensar que toda a verdade está contida em apenas uma das partes de uma cultura religiosa planetária de um mundo atrasado e ainda tendente ao primitivismo do espírito; se esta não se insere no todo religioso terrestre quanto mais em uma de suas partes. Tola é a pretensão daqueles que assim pensam e afirmam tudo saberem. Em realidade, assim o fazendo, apenas atestam o quanto ainda não perceberam ou demonstram, simplesmente, que o orgulho e a ilusão conseqüentes a tão pobre forma de expressão do raciocínio os impedem, no momento, de perceberem algo mais.

Qualquer um que queira seguir adiante com o seu desenvolvimento espiritual deve procurar superar a longa lista de sentimentos antipáticos e intolerantes existentes entre os diversos segmentos das filosofias religiosas, tão longamente cultivados por todos nós no passado terrestre. Não há como ir adiante preso aos grilhões do passado!

Tentemos, pois, aprender mais e mais tudo o que pudermos dos múltiplos e diversos ensinamentos sejam eles de caráter católico, protestante, budista, espírita, teosófico, islâmico, judaico e tudo o mais que tiver relação com a busca do entendimento da Filosofia Cósmica do Deus-Pai e da Eternidade do Seu Amor. Se. porventura, tudo isso já soubéssemos, ainda assim seria muito pouco o que pensaríamos saber frente o contexto cósmico. Proceder diferente é estacionar dentro de uma crença que se supõe absoluta e conclusiva como se o todo ali estivesse contido. É a total ausência de bom senso. É estar desconectado com o presente e o futuro.

Lembra-nos o Mestre Jesus que todos nós precisamos renascer interiormente para que possamos *entrar nos Reinos dos Céus*, ou seja, adentrarmos regiões celestes mais desenvolvidas. Ora, o Reino dos Céus é acima de tudo um estado de espírito - um marco espiritual - que nos propicia condições de sermos acolhidos em ambientes espiritualmente muito evoluídos, sendo, portanto, aspecto menor da questão se a roupagem dos que lá chegam é de modelo católico, islâmico, espírita ou qualquer outra, religiosa ou não. O que importa é termos amor no coração e amarmos a todos os que nos rodeiam na grande obra da Criação Universal. Esse é o grande ingresso para a evolução espiritual. O amor é o único passaporte seguro para o espírito nas muitas viagens evolutivas que terá de fazer por todos os níveis existenciais do grande universo.

Lembremo-nos sempre de que o "amai-vos uns aos outros" é a constituição cósmica para todos os cidadãos do universo. Devemos, pois, nos preocupar bem menos com a roupagem e muito mais com a essência do que somos, pensamos e sentimos, posto que é o resultado energético disso que plasmamos indelevelmente na nossa própria condição cósmica, porquanto é nessas possibilidades e na conseqüente responsabilidade de possuí-las e praticá-las que reside a nossa *semelhança* com o Pai.

4. Mestres Da Humanidade

1. Jesus, "O Capelino"

Partindo da ótica terrena, como responderíamos à indagação: quem é Jesus Cristo? Será que a resposta a esta pergunta, sob a nossa pobre e distorcida ótica, seria igual, parecida ou mesmo semelhante às respostas daqueles que lá do *alto*, partindo de uma ótica cósmica, responderiam a tal questionamento?

Para os que estão fora do contexto terrestre, será que esses forneceriam a mesma resposta que nós a respeito de quem é Jesus?

Apesar de chamarmos Jesus de Deus e eles, os extraterrestres, não O tratarem dessa forma - eles O tratam amorosamente por Mestre, Mestre dos Mestres ou Irmão Maior, conhecedores que são da real procedência e situação cósmica de Jesus -, eles O respeitam, admiram, amam e seguem Seus ensinamentos muito mais que nós, apesar de O chamarmos de Deus.

O que mais escutamos nos últimos anos, desde que passamos a ter contato mais maduro e direto com a equipe de irmãos espirituais e de outros orbes que têm como missão esclarecer aspectos da Verdade. de acordo com a capacidade de percepção e entendimento da comunidade planetária terrena, era que o Mestre Jesus desejava que O tratássemos com a máxima simplicidade possível pois essa era a Sua vontade.

Nunca nenhum desses irmãos referiu-se ao Mestre Jesus como Deus ou alguma espécie de Deus. Ao contrário. Por desejo expresso do próprio Mestre, a distância que O separa do Pai sempre foi deixada transparecer nas comunicações. E se mais claro não se tornava o assunto, não era por hesitação ou desconhecimento da equipe que da espiritualidade dirigia os trabalhos, mas sim devido à cultura religiosa da equipe de encarnados que, como todo mundo, necessitava de algum preparo para superar as próprias inclinações interpretativas, conforme o arcabouço de conhecimentos equivocados já adquirido ao longo do tempo. Ou o velho se educa e se afina com o novo ou, inexoravelmente, para que o novo conhecimento possa potencializar-se, o velho terá que deixar de existir.

Assim, a equipe do Mestre que nos orientava os trabalhos, longa e vagarosamente preparou a todos nós para que recebêssemos as informações pertinentes à postura simples, amiga e amorosa do Amigo Maior Jesus.

O interessante é que em nada a figura de Jesus diminuía frente os nossos olhos pelo fato d'Ele não ser Deus. Ao contrário. Sua beleza e majestade espiritual tornava-se maior, ainda porquanto, UNO com o Pai. Ele não é Deus mas sim uma espécie de Personificação do amor do Pai, individualizada ou plasmada em uma personalidade singela, em um Espírito de Escol, que na Sua jornada, enquanto espírito individualizado e eterno, quando encarnado na Terra, ficou conhecido como Jesus.

Mas quem seria Jesus frente a ótica cósmica? Quem seria Aquele espírito que, encarnado no corpo de um homem terrestre e no meio do aparente domínio das trevas e ignorância espiritual, venceu as inevitáveis influências do mundo agindo como se estivesse no céu? Amou todo tempo, a tudo e a todos, nada pedindo, somente dando, até a própria vida terrestre através de sofrimentos inenarráveis.

Segundo a Espiritualidade Maior, Jesus é, na realidade, Um Espírito de Escol que, UNO com o Pai, personificou e individualizou em tempos idos a cada um de nós - ovelhas do rebanho celeste que Lhes foram confiadas - quando de nossa criação espiritual, sendo, portanto, uma espécie de *Padrinho Espiritual frente ao Pai* de todos nós.

É como se fosse um pai. Mas, pai não é, porquanto esse é o papel de Deus, Pai Amantíssimo. O Mestre é um dos Seus Prepostos Celestes. É como se fosse irmão. Mas, irmão não é, em termos de linguagem terrena, porquanto nos criou conjuntamente com o Pai. Mas, em tendo sido criado também pelo Pai, posto que é uma das personalidades de Sua Personificação, é nosso Irmão pois somos todos gerados por um mesmo Pai.

A forma ou maneira como nós O percebemos é produto direto do que podemos compreender a Seu respeito. Se muito pouco compreendemos, menos ainda saberemos a respeito da Personalidade Celestial do Mestre Jesus. E se pouco sabemos e, se o pouco que sabemos e com algumas distorções diz respeito apenas à personificação desse espírito maravilhoso na Pessoa de Jesus, como podemos ter afirmado, com tanta certeza, ao longo desses dois milênios, conclusões dogmáticas e/ou formas-conceito inquestionáveis a respeito do Mestre?

Se Seus assessores que aqui vieram nós os transformamos em Santos imaginemos, pois, o que não fizemos no caso de Jesus?

Alguém já o disse, quando da contemplação do céu em uma noite estrelada, que se o homem não é capaz de assimilar em seu cérebro e na sua alma a grandeza da obra da criação universal, como poderá intentar compreender ou entender Aquele que a criou?

Dizemos nós que se não podemos ainda perceber claramente sequer a obra amorosa e grandiosa do Mestre, como podemos perceber a grandiosidade do espírito de Escol que encarnou na Terra, por amor aos homens, testemunhando a paz, o amor e a fraternidade entre todos?

Se ainda pouco sabemos a respeito de Jesus, que podemos pois, afirmar, a respeito de Seu Espírito Eterno?

Quem é, efetivamente, Aquele que encarnando na Terra ficou conhecido como Jesus?

Quem é Aquele que, submetendo-se a processo encarnatório tão penoso em planeta de tão baixa vibração, onde habitam seres de costumes tão bárbaros e primitivos, ainda selvagens nas suas relações de coexistência, a tudo submetendo-se docemente para trazer a mensagem do amor fraterno?

Obriga-me o senso moral a afirmar que sinto-me profundamente despreparado, não reconhecendo me possuidor de condições morais, mediúnicas e tudo o mais para dissertar a respeito da figura do Mestre. Se assim o faço, é por imaginar entender a necessidade dos amigos e mentores espirituais que ainda assim solicitam o concurso deste aflito escrevente para tal mister.

Dito isso, peço perdão aos irmãos em curso pelas falhas que aqui serão inevitavelmente cometidas dada a fragilidade espiritual deste aparelho terreno. Mas, vamos em frente.

Informam-nos os queridos mentores destes escritos que o Mestre é, em verdade, o "Comandante Supremo" ou "Presidente" de vários sistemas de estrelas com seus respectivos planetas na nossa galáxia. Ele é o Preposto do Pai para parte de nossa galáxia a que chamamos de Via Láctea.

Mas o que é a nossa galáxia?

A Via Láctea, segundo informações da ciência atual, é formada por cerca de mais de duzentos bilhões de estrelas. O nosso Sol é apenas uma desses bilhões de estrelas que existem apenas na nossa galáxia. Vale lembrar que o universo até agora conhecido pelo homem é composto de várias dezenas de bilhões de galáxias.

Na nossa galáxia, como nas outras, em termos de padrões existenciais, há de tudo. Existem estrelas que se fazem acompanhar por seus sistemas de mundos mas que, no momento, não são habitados em nenhum dos níveis existenciais principais, a saber, físico-material, espiritual e astral-cósmico. Como informado anterior-mente, há aquelas cujos mundos possuem padrões existenciais apenas no nível espiritual e/ou astral-cósmico. E há outras, como no caso do nosso Sistema Solar, que possuem vida nos três grandes níveis existenciais principais além dos níveis existenciais paralelos e não-edificados.

Não nos foi informado quantos sistemas de mundos da nossa galáxia o Mestre comandava. Foi-nos dito apenas que em se tratando de sistemas de mundos com vida físico-material tal qual a terrestre, além dos outros níveis, o Mestre Jesus comandava uma complexa associação de sistemas planetários dos quais haviam seis que tinham estreita relação com a humanidade terrena. Em outras palavras, e para que fique bem claro, o que foi informado é que das muitas civilizações sistêmicas existentes, apenas seis dos sistemas planetários que possuíam vida físico-material, tinham relação direta com a história da Terra. Outras existem, também administradas pelo Mestre, que nos visitam, mas não têm relação direta com a história terrena.

É bom lembrar que além desses sete sistemas, já incluindo o nosso Sistema Solar, que têm vida. Físico-material e em outros níveis, o Mestre comanda, também, a incontáveis outros sistemas de mundos que têm vida abundante nos outros níveis existenciais.

Especificamente quanto ao referido grupo dos seis sistemas comandados pelo Mestre, que tem estreita relação com os habitantes da Terra, as suas estrelas principais são as seguintes:

1. Tao Ceti
2. Vega
3. Epsilon Eridani

4. Próxima Centauri
5. Antares
6. Capela

Cada uma dessas estrelas possui pelo menos um dos seus planetas como foco de vida fisico-material. Há casos em que muitos o são como no Sistema de Antares. Fato é que cada uma dessas estrelas, com seus respectivos mundos habitados fisicamente, formam, no atual momento cósmico do universo, os palcos para as experiências físico-materiais dos espíritos em evolução ligados à situação terrena, sob os auspícios do amor maior do Mestre Jesus.

Devemos, ainda, ressaltar que outros sistemas de mundos existem, sendo administrados por outros seres crísticos e cujas equipes de trabalho nos Visitam constantemente. O intercâmbio cósmico é processo bem mais complexo - em termos de riqueza co-existencial - do que a interação das diversas cidades de um mesmo país terreno.

Imaginemos, pois, um padrinho espiritual amoroso que, fazendo-se acompanhar sempre de Seus ministros, prepostos e mais uma longa cadeia hierárquica de seres que O assessoram, visita constantemente Seus afilhados que estão distribuídos pelas muitas moradas do Pai espalhadas pelo cosmos, não necessariamente da forma como Ele fez no caso terrestre, que foi uma espécie de exceção e que, a seu turno, será explicada. Em verdade, Ele sempre o faz *em plena glória e majestade cercado por Seus anjos,* ou seja, Ele sempre dirige-se às comunidades planetárias que Lhe estão confiadas em magníficas naves ou outros meios de transportes cósmicos inimagináveis para o conhecimento terrestre, sempre cercado pelos Seus assessores (anjos). É o que ocorrerá quando da Sua Grande Vinda.

O que a Espiritualidade afirma é que, somente na nossa galáxia, há diversos seres do naipe do Mestre Jesus que "comandam outros tantos sistemas de mundos" e que, a exemplo do Mestre, são, também, Prepostos do amor do Pai na Obra da Criação Universal. São pastores de outros rebanhos, de outras moradas que existem na infinita e eterna "Casa do Pai". E que entre Esses Prepostos e o Pai há ainda uma cadeia hierárquica de seres considerados "Quase-Deus", que também personificam o Amor do Pai nos diversos níveis existenciais da criação universal.

Não é objetivo do presente trabalho explorar o conjunto dos seis sistemas no nível de informações específicas para cada um deles porquanto este tema necessita de livro específico, por possuir assuntos bastante complexos e de difícil abordagem. E também, devido ao fato de muitas dessas informações que irão compor esse trabalho necessitarem de mais tempo terrestre para que ocorram as condições propícias à sua divulgação, pois sem que a idéia da convivência e intercâmbio cósmicos já esteja convenientemente discutida e aceita na cultura terrestre, não seria de boa estratégia a respectiva divulgação.

Os escritos já estão prontos, necessitando, apenas, da autorização dos mentores espirituais para que possamos divulgá-los de forma serena e produtiva para todos.

2. Demais Mestres de Capela

Partindo mais uma vez da ótica terrena, quem são as figuras amadas de Krishna, Moisés. Zoroastro, Confúcio. Buda, Maomé e tantos outros que, a exemplo do Mestre Jesus. aqui vieram trazendo *recados do Alto* em nome de um "Deus"? Será que a resposta a mais esta pergunta, sob a nossa pobre, parcial e distorcida ótica, seria ao menos parecida com as daqueles que *lá do alto* partindo da ótica cósmica responderiam a tal questionamento?

Entidades iluminadas que conviviam e convivem com demais assessores do Mestre, seja nos mundos de Capela ou mesmo nos de Vega, de tempos em tempos, aqui vinham encarnando e reencarnando na Terra, cumprindo, assim, um plano pré-estabelecido pela Alta Espiritualidade quanto ao desenvolvimento da comunidade planetária terrena, sob a coordenação do Mestre Jesus. Esses irmãos maravilhosos, a princípio, eram portadores dos ensinamentos necessários à redenção da humanidade terrestre, rumo à fraternidade cósmica.

Muitos deles cumpriram rigorosamente todo o programa estabelecido previamente. Outros, por força das dificuldades de entendimento das coletividades regionais, devido às limitações de época e hábitos culturais políticos-religiosos profundamente arraigados a problemas localizados, tiveram que adequar as mensagens das quais eram portadores às realidades locais. Alguns poucos, traídos em suas forças, renderam-se a algumas conveniências de tempo e lugar, e o peso do corpo carnal e das paixões algo dificultou o pleno atingimento dos resultados esperados quanto à semeadura dos muitos aspectos da verdade cósmica.

Mas muitas sementes foram semeadas e frutos de todo esse trabalho de há muito já estão sendo saboreados pelos que buscam o desenvolvimento interior e a paz entre todos os seres terrestres.

O Bramanismo já recomendava aos homens a coragem moral. a retidão e a austeridade.

Rama, Orfeu e Hermes, tidos equivocadamente como lendas, semearam respectivamente na Índia, Grécia e no Egito, milênios atrás, o que ainda hoje o homem e a mulher dos dias atuais procuram desesperadamente aprender.

Krishna, dentre muitos outros ensinamentos, explicava que "da mesma forma que a terra suporta os que a calcam aos pés e lhe dilaceram o seio, lavrando-a, da mesma maneira nós devemos retribuir o mal com o bem. O homem honesto deve tombar sob o golpe dos maus, como a árvore do sândalo que, ao abater-se, perfuma o machado que a destruiu"...

Moisés, profeta, libertador e legislador, lega à posteridade as suas tradições no Pentateuco, registrando definitivamente no seio do povo de Israel a semente do conhecimento da existência do Pai Amantíssimo dentro das possibilidades da época.

Zoroastro surge na Pérsia - em aproximadamente 600 a.C. - como o primeiro teólogo da história fundando uma bela religião que mais tarde serviria de berço às ramificações que surgiram

através do Mitraísmo, Maniqueísmo e Gnosticismo. Erradicando o politeísmo, o sacrifício de animais. a magia elevando, enfim, o culto religioso a um plano espiritual e ético dentro do que permitiam as condições da época, cumpria, assim, o espírito iluminado de Zoroastro a sua grande e digna missão.

Surgem no Oriente as figuras veneradas de Lao-Tsé, Mêncio e Confúcio, estabelecendo princípios morais, orientando os homens quanto a sua verdadeira conduta.

Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles e muitas outras figuras amadas da antiga Grécia enraizaram árvores fecundas de filosofia e de ensinamentos morais, cujos frutos saciam a todos que buscam a luz da sabedoria, do autoconhecimento e do esclarecimento.

Buda aparece na Índia apresentando uma religião que tem como base a fraternidade, a mansidão e o reto viver, enfim, o amor fundado no respeito mútuo entre todos.

Após o Mestre Jesus, que legou à humanidade o testemunho maior de paz, de perdão e de amor, através do seu próprio sofrimento e apresentando ao mundo a lei maior de todo o Cosmos que é o "amai-vos uns aos outros", as individualidades luminosas de Antonio de Pádua, Francisco de Assis, Mahatma Gandhi e tantos outros, que no esforço sábio e constante do colegiado de espíritos superiores que tem como missão maior promover o desenvolvimento em todos os orbes ainda atrasados quanto às outras *realidades* da existência cósmica do espírito, deixam as suas moradas celestiais e, a exemplo do Mestre Jesus, encamam na Terra em trabalhos melhoradores do gênero humano terrestre.

A título de conclusão deste capítulo, diríamos que quando da chegada à Terra das muitas levas de exilados, em especial de diversos mundos dos sistemas de Antares e de Capela, ficou inapelavelmente caracterizada na comunidade terrestre, a partir de então, a existência de agrupamentos distintos, sendo cada um deles possuidor de linguagem e hábitos específicos.

Com o passar dos tempos, essas fronteiras que limitavam as características específicas de cada agrupamento cristalizaram-se cada vez mais. Não havia como a Espiritualidade promover um único ensina-mento em uma só linguagem e no mesmo padrão frente a tanta diversidade de evolução, hábitos, línguas etc. Por isso a chegada de muitos mensageiros das verdades celestes em todos os tempos e em todos os focos estratégicos de divulgação entre os povos da Terra.

Este trabalho foi realizado através das encarnações e mesmo da reencarnação de alguns poucos desses espíritos - mestres luminares da humanidade terrena - que, orientados pelo Mestre dos Mestres, o amado Irmão Maior Jesus, executaram, na medida das possibilidades pessoais de cada um deles, das limitações da época e das condições em que viveram quando encarnados, o plano maior de redenção e esclarecimento do ser terrestre.

3. Jeová

Jeová, para muitos ou quase toda a população planetária, é o Deus do Antigo Testamento. Em outras palavras, é Deus que se apresenta a Moisés com pedidos e ordens que quando referentes à disciplina sociológica do povo hebreu de então, faria corar o mais desavisado dos pais entre os humanos pois nem mesmo estes - cheios de defeitos - fariam aos seus filhos ações tão pobres em amor, compreensão e fraternidade.

Se nós que somos imperfeitos e temos filhos imperfeitos procuramos agir de forma mais misericordiosa quando do erro dos nossos filhos, é lícito, inteligente e razoável a nível de sentimento e razão, supor que o Pai Amantíssimo daria tais ordens aos líderes hebreus para o extermínio e castigo de tantos seres humanos?

Não seria mais lógico e menos cruel com o amor do Pai supor que tais ordens emanavam do próprio Moisés, no seu esforço heróico de fazer perceber às pessoas daquele tempo a existência de um único Deus, ou mesmo de uma entidade que apesar de evoluída - pois que era responsável pelo progresso dos humanos àquela época - ainda estava longe da perfeição e, levado por circunstâncias difíceis de serem compreendidas e avaliadas pela humanidade terrena que, dos ambientes astrais que envolvem a Terra, apresentava-se à Moisés, ordenando, a bem da educação daqueles homens e mulheres tão endurecidos, a aplicação aos povos de então disciplinas rígidas necessárias ao aprendizado daquelas mentes e corações tão arraigados ao primitivismo espiritual?

Será que Deus, nos seus atributos de perfeição, bondade, imutabilidade e tantos outros, teria mudado de opinião em algumas poucas dezenas de séculos do tempo terrestre, porquanto a Moisés teria se apresentado como o Deus implacável, impiedoso, que castigava duramente, que deveria ser temido antes de amado, e que em apenas alguns poucos séculos depois enviaria o Seu Preposto Maior, ou como queiram outros, a Sua própria Personificação terrestre, ensinando o "amai-vos uns aos outros" incondicionalmente, pregando o perdão, a misericórdia, a mansuetude e a compreensão?

Afirmam-nos os queridos irmãos da Espiritualidade como já referido no livro Reintegração Cósmica, que a entidade que ficou conhecida como Jeová era, na realidade, um ser extraterrestre. Ele foi escolhido pelo Mestre para dirigir as etapas iniciais e preparatórias da Sua própria vinda como um simples homem terreno. Jeová, por sua vez, escolheu a Moisés para ser uma espécie de médium, servindo, dessa forma, como intermediário entre as ordens e orientações que emanavam daquela equipe de seres extraterrestres comandada por Jeová e os homens e mulheres de então que, no seio do povo judeu, simbolizavam ao mesmo tempo a teimosia, o orgulho e a eterna esperança.

Esgotados todos os mecanismos e oportunidades de aprendizado permitidos pelas condições do entendimento terrestre à época de Moisés. os irmãos extraterrestres decidiram, então, permitir o uso da dor como instrumento de aprendizado e retificação de atitudes infelizes para os corações duros daqueles homens e mulheres.

Moisés, talvez - e este comentário é de inteira responsabilidade do autor terreno da presente obra , no seu desespero por não ser compreendido, radicalizou a sua postura neste ou naquele

castigo, colocando, porém, a procedência de atos tão dolorosos como vindos da Deidade. Mas isso não importa para os objetivos destes modestos apontamentos.

Importa, sim, o fato de que Jeová é apenas uma entidade extraterrestre que, no exercício de seu mandato como responsável pela comunidade do povo hebreu, procedeu conforme as condições da época e por opção pessoal, por ter feito sofrer, contraiu inapelavelmente débitos, frente a leis de causa e efeito que imperam em todo o universo.

Jeová tinha a grande missão de, dentre muitas outras coisas, junto ao povo hebreu, testemunhar a existência de um único Deus e, por questões outras, ficou conhecido, na época, como o "Deus de Israel", o que seria aceitável. Mas, tempos depois, passou a ser confundido com o Deus Único, o Amantíssimo Pai de que nos falou Jesus, o que não procede! Ele não era perfeito. Perfeito, nos disse Jesus, somente o Pai!

É importante ressaltar que os referidos débitos espirituais contraídos pelo irmão Jeová, pertinentes às leis de causa e efeito, são medidos em escala diferente daquela que compatibiliza as ações e reações, atos e atitudes, dentro de uma situação específica de um determinado orbe. Não vamos nos estender nesse assunto, mas é importante que tenhamos a devida noção do gradualismo existente entre as muitas escalas que regem as leis de causa e efeito que são infalíveis em termos de justiça e perfeitas na ponderação de causas e conseqüências.

Jeová - originalmente um ser pertencente a uma das raças planetárias do Sistema de Vega - é um dos mestres a quem todos nós, espíritos presos magneticamente ao orbe terrestre, muito devemos pois, do seu trabalho conjunto ao de Moisés, resultou o marco de uma das grandes revelações encomendadas e trabalhadas pela Espiritualidade Superior para o ser terráqueo.

A Jeová devemos o reconhecimento de que, mesmo sabendo que iria algo complicar-se frente as leis divinas, por não detectar outra forma de apressar o desenvolvimento dos seres terrestres, resolveu assumir a incômoda conseqüência de autorizar e/ou fazer uso de procedimentos e instrumentos educativos que têm na dor e no sofrimento o remédio regenerador e renovador necessário ao ser de comportamento empedernido e equivocado. Mas a sua história - como também alguns esclarecimentos pertinentes àquela época - ainda está por ser contada. Apenas devemos indagar a nós próprios a possibilidade de quanto tempo mais necessitaria ainda o longo e penoso processo de evolução dos núcleos terrestres caso outra fosse a decisão de Jeová? Seguramente, no futuro, maiores esclarecimentos a respeito de tão apaixonante assunto serão veiculados.

5. O Terceiro Milênio

1. A Segunda Grande Vinda

Semeada a certeza de um único Deus, Seu Preposto Maior aqui veio para dar o testemunho do amor do Pai.

Há fatos e acontecimentos que transcendem ao atual nível do entendimento humano, cujas ocorrências somente tornam-se possíveis na realidade terrena se propiciados pela emanação energética conseqüente à presença pessoal do representante da Deidade no campo - no mundo - onde a Espiritualidade Maior queira atuar.

Tudo, entretanto, poderia ocorrer de forma bem diferente, sem que necessário fosse o sacrifício energético de entidades tão elevadas, para que as comunidades planetárias, ainda presas à ilusão dos sentimentos menores, andassem *para a frente*, em busca do aprendizado cósmico.

Parece, todavia, que esses Espíritos Superiores fazem absoluta questão de testemunharem sempre, em todo tempo e lugar, o amor do Pai que tudo dá sem nada pedir em troca.

Quem de nós gostaria de passar anos da nossa existência preso numa penitenciária, acompanhado dos mais infelizes marginais, podendo, a qualquer tempo, sofrer violentos atentados a sua dignidade pessoal?

Quem de nós se aproximaria por livre e espontânea vontade de uma pocilga suja para ali permanecer em postura heróica, tentando a todo custo limpá-la e embelezá-la juntamente com os porcos que, ao contrário, a tudo sujam e, inclusive, àquele que tenta ajudá-los?

Quem de nós dá tudo o que tem sem nada pedir?

Quem de nós que, podendo caminhar nas nuvens e sobre as águas, caminha de forma solidária com os irmãos em curso em chão tão acidentado quanto o terrestre?

Quem de nós podendo estar em ambientes celestiais e paradisíacos a tudo abandona para se embrenhar nas trevas e iluminá-la com Sua própria luz, ajudando os que ali se encontram a enxergarem o caminho rumo às moradas celestes?

Quem de nós seria o cordeiro que se infiltraria amorosamente entre lobos e chacais para ensiná-los a boa e fraterna convivência?

É justamente essa a distância que separa a nós, espíritos frágeis e imperfeitos, e esses Espíritos Superiores que como o Mestre Jesus, pastoreiam seus rebanhos por todo o universo.

Segundo a Espiritualidade e o testemunho do próprio Mestre, a superação das próprias tendências e inclinações inferiores e a caridade para com o próximo são matérias do treinamento necessários para nós outros que, ainda distantes da luz, ao menos desejamos seguir em busca da iluminação pessoal afastando-nos das trevas.

Esses Espíritos de Escol, de tempos em tempos, potencializam as suas presenças pessoais em ambientes de baixíssimas e pesadas vibrações para iluminarem as trevas da ignorância, ajudando a todos quanto se permitam serem ajudados e impelindo a todos aqueles, ainda empedernidos no orgulho e na ignorância, a alçarem vôos mais altos, objetivando o burilamento e o desenvolvimento espiritual.

O Mestre Jesus, há dois mil anos, utilizando o seu próprio sacrifício e testemunhos pessoais de amor e doação fraterna, aqui esteve, encarnado como um homem qualquer para que, em se cumprindo as Escrituras e a Sua vontade pessoal, Sua presença entre nós, propiciasse condições para que em apenas alguns poucos anos de ministério público, influenciasse o porvir de toda a humanidade em muitos dos seus campos de desenvolvimento e aprendizado, sejam eles de caráter filosófico, religioso, social, político e moral.

Que magnetismo emanava dAquele Homem para que em tão pouco tempo influenciasse tantos e semeasse nas terras da Palestina a semente da árvore, cujos frutos, toda a humanidade viria a saborear no futuro?

Poeta, semeador, mestre dos mestres, professor, líder, irmão, amigo, revolucionário sideral, filósofo, médico de corpos e almas, psicólogo admirável, mago, paranormal, clarividente, profeta, médium dos médiuns, homem de coragem e determinação inigualáveis, espírito de Escol a quem os espíritos imundos obedeciam, alquimista celeste porquanto transformava água em vinho e pedras em pães, general cósmico cujo exército de anjos acompanhou sem interferir a todo Seu sofrimento, astronauta angelical, pois que caminhava sobre as águas, ser extradimensional que se transfigurava e se comunicava com entidades astrais, preposto de Deus, pois era e é a Personificação Maior do amor para todos nós terráqueos. Isto tudo era apenas um pouco dos muitos aspectos que foram vistos no Mestre Jesus que, em apenas alguns poucos anos terrestres de trabalho entre homens e mulheres, pôde ser percebido pelos que O rodearam.

Que espírito encarnado em uma obscura região de uma das partes do Império Romano de então poderia trabalhar de forma tão estratégica quanto ao porvir, e ao mesmo tempo tão anônimo quanto ao tempo em que viveu, pois que nem mesmo d'Ele, o imperador romano da época - Tibério - teve maiores notícias?

Que espírito encarnado nascendo em uma família sem maiores posses, em tão pouco tempo pôde se preparar e cumprir tão elevada missão? Quantas dificuldades teve que pessoalmente superar para levar adiante o seu testemunho amoroso em um mundo que não O queria, que não O compreendia?

Mas, assim mesmo, Ele veio e edificou com suas próprias mãos, sofrimento e suor, a primeira pedra da construção do Reino de Amor do Pai Universal no planeta. Ele, pessoalmente, começou a construir na Terra, a porta de entrada para o reino dos céus; Ele, em assim fazendo, não

elevou a Terra aos céus, mas trouxe os céus à Terra e cabe a nós operários deste reino de amor e paz continuar e concluir o trabalho que o Mestre Jesus iniciou.

Ao longo dos tempos Ele tem mandado *mestres de obras e engenheiros* mais qualificados para orientar os despreparados e teimosos operários de tão elevada construção.

Dois mil anos, ao longo dos quais nós, que formamos a comunidade planetária, não conseguimos ainda sequer chegar a pelo menos um acordo quanto ao que queremos construir porquanto muitos ainda não têm a devida idéia do significado do portal celeste que a Espiritualidade Maior tenta construir na Terra. Se nem ainda concluímos ou acordamos quanto ao que fazer, toma-se, portanto, fácil perceber que pouco fizemos do que deveríamos ter feito.

De forma simbólica, somente concluiremos o que significa esse *portal celeste* fincado na Terra, quando todos os segmentos filosóficos e de ideais juntamente com todas as religiões planetárias se abraçarem em torno de um mesmo caminho em busca do ideal fraterno. Para isso, não é necessário mudar de credo religioso, bastando, apenas, aniquilar em nós próprios a intolerância estéril e descabida que de há muito cria fronteiras ilusórias entre os terráqueos. Feito isso, teremos concluído, apenas na teoria o que ainda deveremos fazer na prática nos dias futuros. Humildade, caridade, amor e perdão, eis as cores do ingresso que todos teremos que *apresentar no portal* para termos acesso às regiões celestes.

Muitos ainda esperam, como sinal do retorno do Mestre, o acontecimento de uma série de catástrofes que foram preditas e vaticinadas por grandes profetas e videntes do passado. Segundo o que nos foi informado pela Espiritualidade ao longo de quase uma década de recebimento de mensagens, o que estava previsto ocorrer até aproximadamente o ano de 1980 ocorreu. A partir daí, muito do que poderia ou, conforme as profecias, deveria ocorrer foi evitado por muitos fatores e, em especial, pelo próprio mérito da coletividade.-planetária.

Temos consciência de que essas notícias se chocam frontalmente com muitos trabalhos literários de comentários proféticos que surgiram ao longo dos últimos anos. Entretanto, somos obrigados a reafirmar que muito do que estava vaticinado para os dias atuais não ocorreu e não ocorrerá. Muitos problemas de ordens diversas ainda enfrentaremos na luta ascensional dos nossos espíritos. Mas, o *fim de mundo* predito, este não mais ocorrerá.

Explicam-nos os mentores espirituais que o Mestre quando esteve encarnado entre nós, deixou-nos um recado que devemos analisar em profundidade.

Jesus disse que a esta geração, ou seja, à geração de espíritos que ciclicamente reencarnam na Terra para aprendizado e desenvolvimento interior, e que a cada reencarnação, vai agregando ao seu espírito eterno a resultante de cada experiência em todos os campos da vida humana, o único sinal que a esta seria dado era o do profeta Jonas (Mateus 12, 3942; Lucas 11, 29-32). Mas que sinal era este?

Jonas, homem reto e temente a Deus como nos fala a Bíblia, viveu em Nínive na época do Império Assírio, muitos anos antes de Cristo. Havia muitas profecias quanto à destruição de Nínive que, a exemplo de Sodoma e Gomorra, por seus pecados, ou melhor, pelos pecados de seus habitantes caso não se arrependessem e fizessem penitência, seria destruída. Em outras palavras, se

a resultante final de todos os atos e posturas dos habitantes de Nínive fosse negativa a cidade teria seu fim.

Jonas, mandado pelo ser responsável pelo desenvolvimento terrestre àquele tempo a Nínive e, como já o sabemos, era o extraterrestre do sistema de Vega que ficou conhecido como Jeová, tinha por missão anunciar aos habitantes daquela cidade que se seus habitantes não se arrependessem e fizessem penitência a cidade seria destruída. Esse era o Sinal de Jonas.

A cidade, efetivamente, estava predisposta, pelas circunstâncias dos erros de seu filhos, estava, enfim, vaticinada para a destruição, mas, ao sinal do profeta, toda a população de Nínive orou e fez penitência à moda dos costumes de então, evitando, assim, a destruição da cidade, apesar das profecias.

É importante ressaltar que Sodoma e Gomorra *também foram avisadas do iminente desastre, ou seja, também estavam preditas profeticamente para terem seu fim*, no entanto, seus habitantes não deram a devida importância e não tiveram a mesma sorte de Nínive. Mas, isso é outra história que a seu tempo será contada.

E o que quis dizer o Mestre referindo-se a esta geração e ao Sinal de .lonas nos tempos futuros, ou seja, nos tempos em que estamos vivendo?

Devido ao trôpego caminhar da humanidade; devido à constante opção de parte de seus habitantes pelos erros clamorosos do mau uso da força, da inteligência e do poder, enfim, devido ao orgulho que temos em afirmar que tudo sabemos - apesar de nossa ignorância a respeito de quase todas as coisas - e da propensão a taxar de herético ou demoníaco aquilo que para nós é novo ou ignoto, muitas predições e profecias foram feitas em relação ao tempo em que vivemos.

Falavam em hecatombes inexoráveis e tantos outros males que afligem a tão desgastada sensibilidade humana, se é que tal ainda possuímos depois de tantos erros. Muito de sofrimento estava destinado a todos aqueles espíritos que reencarnassem na última metade do século XX e, a estes, ou seja, àquela geração de espíritos a que Jesus se referiu, seria dado apenas o Sinal de Jonas.

Em outras palavras, se a comunidade planetária nao passasse a agir de forma mais digna frente os valores éticos e morais da coexistência pacífica entre todos, dando os primeiros passos efetivos para o melhoramento das condições do orbe, seguramente teríamos tido bem mais diversa e grave ordem de problemas.

Verdadeiras hecatombes estavam armadas pela força da ignorância e engatilhadas pela loucura da febre do desmando, do desamor e do poder. Sofrimentos indescritíveis nos esperavam a todos. A morte, efetivamente, seria desejada por muitos como sendo a única e melhor - no sentido de menos dolorosa - opção das que restariam aos infelizes sobreviventes das explosões atômicas e nucleares da loucura humana, como nos relatavam as profecias.

Quando de sua última passagem em corpo físico pela Terra, o espírito iluminado do então Mahatma Gandhi, em conversa com um repórter, chamava a sua atenção para o fato de que se a resultante final de todos os atos da humanidade fosse negativa de há muito a comunidade humana

não mais existiria. Mas - como poderia ser assim? - assombrava-se o repórter. Se havia tanto mal e este era tão escandaloso nos atos da humanidade, onde a força benéfica para fazer frente a tanta miséria moral e compensar tanto mal? No anonimato do coração das atitudes fraternas dos homens e mulheres de boa vontade? Talvez! Quem sabe, aí, nos valorosos espíritos daqueles que sem que o mundo os percebesse, pregavam e, acima de tudo, testemunhavam o amor, a tolerância, a compreensão e o perdão, estava o segredo da boa luta, do bom combate, enfim, aquilo que faria frente ao mal e à ignorância, e equilibraria as forças do mundo, mantendo o equilíbrio positivo apesar das dores e do sofrimento de muitos.

E o perigoso estado do mundo foi vencido. A perigosa tendência à destruição foi, finalmente, superada. De forma até mesmo inconsciente, talvez, o Sinal de Jonas, mais uma vez, foi observado e levado a bom termo. Daquela vez salvou uma cidade. Na presente oportunidade, uma população planetária.

De fato, o espírito do planeta pouco a pouco vai respirando mais aliviado. O câncer que desagregava e corrompia os corações dos seus habitantes fora, finalmente, extirpado de forma decisiva pelo menos no que se refere a questões graves de ordem global, ou seja, guerras mundiais, fim do mundo etc. É óbvio que teremos ainda sérios problemas, porém localizados e de ordem menos complexa porquanto conseqüentes ao próprio livre-arbítrio coletivo.

Devemos ressaltar que tudo o que aqui foi afirmado refere-se às questões inerentes à coexistência humana. Entretanto, há outros dois aspectos que devemos considerar e que dizem respeito ao que os terráqueos estão fazendo com a sua própria morada planetária e aos possíveis eventos astronômicos que podem causar graves conseqüências à vida na Terra. O primeiro, será sempre uma relação de causa e efeito em nível de responsabilidade coletiva pois sobre os *ombros da humanidade* cairão todos os efeitos dos seus próprios atos; quanto ao segundo, tais eventos pertencem a um outro padrão de análise que somente sob a ótica cósmica devem ser observados e, não, através da ótica terrena o que, no momento, nos impede de ir mais além.

Superado este problema o Mestre Jesus virá mais uma vez para revitalizar os operários da grande empresa de construção do Pai Celestial, para que, construída a porta para a redenção espiritual, fique claro para todos os que na Terra estão congregados o que deve ser feito por cada um, em termos de esforço e superação pessoais.

Todo esse conjunto de informações, na realidade, de há muito já foi dito e testemunhado pelos mensageiros do Alto. Porém, somos tão cegos, surdos, teimosos, ignorantes e orgulhosos, que o Mestre, pessoalmente, aqui virá mais uma vez, para que em uma série de simples e rápidas visitas ao nosso planeta, ocorram condições magnéticas conseqüentes a Sua energia pessoal, e da mesma forma como em tão pouco tempo terrestre, no passado, através de Seu ministério público Ele influenciou de forma decisiva todo o porvir, o Mestre nos ajudará a fazer definitivamente o que não logramos fazer em milhares de anos, ou seja, acabar com a nossa cegueira e surdez, teimosia e ignorância, tornando-nos humildes e simples de coração.

Feito isso, será procedida pelos Prepostos da Deidade a aferição dos valores de nível espiritual-energético e dos resultados alcançados pelo esforço pessoal de cada um, pois, no passado, Ele afirmou que seria dado a cada um segundo as próprias obras.

A presença dEle mais uma vez, servirá como um novo marco espiritual para toda a comunidade planetária.

Entretanto, como já informado no livro Reintegração Cósmica, antes que o Mestre se apresente diante de todas as Suas ovelhas terráqueas em toda Sua glória e majestade, ou seja, com toda a Sua corte celeste, no dia da Segunda Grande Vinda, a equipe do Mestre deverá promover alguns eventos preliminares para a preparação do grande acontecimento.

Muitos estudiosos se perguntam o porquê de nunca ter ocorrido uma espécie de contato oficial entre os extraterrestres e os terráqueos. Se observarmos o problema sob a ótica cósmica, perceberemos a Terra está sendo preparada para o grande *ato oficial da política cósmica* de reintegração da Terra à convivência com outros orbes. Para isso, a maior autoridade nessa parte do cosmos virá, pessoalmente, para presidir o processo. Em outras palavras, o primeiro encontro oficial, objetivo, claro e percebido pelos canais de registros comuns à vida na Terra, entre os terráqueos e os extraterrestres, ocorrerá, exatamente, com o Mestre Jesus e Seus assessores. A partir daí é que as outras equipes siderais se potencializarão ante à percepção terrena.

Assim decidiu o Mestre por duas razões fundamentais que precisam ser entendidas. Primeiro, o fato da cultura religiosa do mundo encontrar-se completamente distorcida quanto ao significado da Volta do Mestre, relacionando este fato com o fim do próprio planeta. Muitos acreditam equivocadamente que, se Jesus voltar, o mundo se acabará! Alguns até se desesperam intimamente ao imaginarem que tal possa ocorrer. Segundo, muitos terráqueos, devido ao desconhecimento normal e aceitável diante da quarentena cósmica, têm receio de que a Terra possa ser invadida por seres alienígenas e, para esses, qualquer ser extraterrestre é um invasor em potencial.

Como resolver tamanho problema? Jesus voltará e, sabendo disso, o que restava do exército das trevas trabalhou, eficientemente, ao longo dos séculos, semeando o medo e o pavor, tentando, impedir, com isso, o retorno do Mestre para promover a reintegração da Terra à vida cósmica pois que isso acarretaria - como acarretará - *o exílio forçado para mundos inferiores dos seres ainda muito complicados diante das leis divinas e sem possibilidades melhoradoras a curto prazo*.

Existe, de fato, na atualidade terrena, muitas pessoas que pensam que o mundo vai se acabar com a volta do Mestre e outras que têm verdadeiro pavor aos extraterrestres. E, parte dessas pessoas, são tendentes a comportamentos desequilibrados, podendo praticar loucuras de toda sorte.

Paras superar o primeiro problema o Mestre resolveu promover eventos preliminares que,

pouco a pouco, irão esclarecendo e possibilitando a todos os terráqueos a percepção de que Ele, realmente, voltará, para que a Terra possa elevar-se a níveis existenciais mais dignos. Para isso, a equipe do Mestre - e talvez Ele próprio - promova alguns *eventos preliminares* visando esse objetivo. Quando perceberem que Ele, discretamente, já *voltou algumas vezes e o mundo não se acabou*, abrirão os seus espíritos para o grande dia da Vinda Oficial do Mestre Jesus.

Quanto ao segundo, o Mestre, por ser o *Príncipe da Paz*, é o único extraterrestre que, em se apresentando como tal, faria cessar qualquer medo de invasão alienígena ou coisa do gênero. E assim Ele o fará. É esperar para ver.

Partindo-se do princípio de que aqueles que, na atualidade, não residem na Terra podem e devem ser classificados como extraterrestres, a equipe do Mestre - obviamente formada por seres que vivem em outros recantos cósmicos sendo, portanto, extraterrestres - a muitos surpreenderá porquanto formada, na sua maioria, por seres que no passado personificaram alguns dos mestres da humanidade em reencarnações verdadeiramente heróicas no seio da humanidade terrena.

Seguramente provocaria estupefação se esses assessores do Mestre - Gabriel, Rafael, Pedro, Zoroastro, Lucas, José, Maria, João, Tiago, Buda, Krishna, Antônio de Pádua, Francisco de Assis, Sócrates, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Elias, Enoch, Jonas, Hermes Trismegisto e muitos outros - se apresentassem em naves espaciais nessas visitas preliminares para o advento da Grande Vinda. Mas é isso mesmo que acontecerá. E necessário que assim ocorra devido a distorções de toda ordem que se agregaram aos ensinamentos religiosos e a certos valores do mundo terreno. Feito isso, a Terra estará preparada para o grande dia da renovação que ocorrerá de forma bela e suave como tudo o mais que emana do Mestre.

Muitos dos nossos problemas, enquanto comunidade planetária em desenvolvimento espiritual, continuarão a existir porquanto a dificuldade representa apenas o patamar de um novo aprendizado. E já é momento de sabermos que este processo jamais acaba porque eterno é o desenvolvimento espiritual.

Os seres adiantados de outros orbes têm, também, suas ordens de problemas a serem resolvidos, problemas estes concernentes ao seu estágio de evolução.

Dito isto, deve ficar claro que o Mestre não vem nos livrar dos nossos problemas, das nossas dificuldades de espíritos ainda muito imperfeitos.

Ele, mais uma vez, fará brilhar a Sua luz para que possamos ver, todos nós, a Luz do mundo. E influenciados e sensibilizados por Ele, possamos juntamente com Ele, empreender a tentativa maior de superarmos a nós próprios nos nossos sentimentos, fragilidades e inclinações menores em busca do posicionamento espiritual cósmico mínimo necessário para ingressarmos nos novos tempos planetários que se iniciarão de forma decisiva, a partir da metade do século XXI, quando na Terra não existirá mais nenhum espírito tendente à criminalidade, seja ela gratuita, decorrente ou conseqüente de alguma outra causa.

A partir do ano 2050, aproximadamente, apenas terão permanecido no planeta aqueles espíritos já considerados aptos à convivência fraterna, ou seja, homens e mulheres de boa vontade que busquem a paz e o progresso de todos.

Este é o segundo grande momento da grande obra do Mestre Jesus no que se refere à potencialização de Sua presença pessoal entre nós.

Quando dos eventos preliminares ou preparatórios para o grande advento da Segunda Vinda, ao que estamos informados, a equipe que se apresentar o fará de forma simples e singela, não potencializando em quase nada a sua majestosa condição de energia radiante e magnetismo.

Mas, quando de Sua Grande Vinda, para que não haja dúvidas até mesmo no mais empedernido dos corações, a Sua Augusta Presença será inapelavelmente vista, percebida e sentida

por todos aqueles que não fecharem os olhos para a Luz. Quanto aos que não quiserem ver, perceberão. Se ainda assim não O quiserem perceber, sentirão a Sua presença. Se ainda assim não quiserem sentir, o Mestre teimosa e amorosamente qual sol que ilumina indistintamente a todos, continuará derramando sempre a Sua Luz e o Seu Amor, na certeza maior de que tempo virá em que todas as ovelhas desgarradas e escondidas na escuridão dos subterrâneos das trevas e da ignorância reconhecerão e seguirão o chamamento do Seu pastor celeste.

Aguardemos pois! O Mestre não tarda. Ele prometeu e assim o fará!

2. O Futuro da Terra

Terminado o processo de expurgo planetário, em meados do próximo século, o planeta Terra, a partir de então, passará, efetivamente, a um nível de convivência cósmica que nem os mais arrojados e vanguardistas dos escritores de ficção do tempo presente poderiam imaginar.

Dificuldades de muitas ordens ainda estarão presentes nas diversas regiões terrestres. Mas o potencial fraterno de resolução desses problemas será tão forte e presente no coração de todos, que tomar-se-á incompatível a convivência com alguns padrões existenciais que, por exemplo, ainda na atualidade, caracterizam muitos agrupamentos terrestres, a saber, a miséria material, a falta de assistência médica e sanitária e a inexistência de possibilidades educacionais para muitos irmãos nossos em diversos pontos do planeta. Tais condições existenciais muito infelicitam a todos nós que direta ou indiretamente contribuímos para o atual estado das coisas do mundo.

Um mínimo necessário, em termos de condições materiais, será o padrão indistinto para todos. Um mínimo de condições existenciais para cada um, no qual se perceba o respeito à dignidade existencial do ser terráqueo será a meta constante do trabalho de todos.

Atingindo essa condição mínima de dignidade existencial planetária, a comunidade terrestre, como um todo, terá conquistado e criado um sistema político-econômico-social verdadeiramente cristão.

Quando todos tiverem as mesmas oportunidades e um padrão mínimo de sobrevivência material satisfatória, o que mais houver e puder ser conquistado em termos de comodidade existencial dependerá do esforço, da habilidade e da contribuição de cada um para a coletividade. A cada um segundo suas próprias obras. Este é o mais cobiçado dos sistemas de coexistência entre os seres a ser alcançado pelas comunidades planetárias. Mas para que possamos atingir esse nível, muito trabalho se espera de todos nós. Alcançar o nível político de convivência cristã não é processo fácil para individualidades que mais se preocupam em pedir e exigir do que em doar-se fraternalmente. E este, infelizmente, ainda é o retrato que mais nos caracteriza.

Se não há melhoramento interior no ser, não existirá nenhum sistema organizacional de coexistência que não apresente problemas. Melhorar os sistemas político-econômicos com vistas aos aspectos humanos e sociais é tarefa nobre que se impõe a todo e qualquer ser pensante de boa vontade. Entretanto. achar que tal se consegue sem que ocorra o melhoramento do homem e da mulher terrestres em termos de conquistas perceptivas, morais e mentais é equivocar-se nas entrelinhas das relações do que é causa e do que é efeito.

O que na Terra ficou conhecido como Cristianismo é, na realidade, muito mais um sistema político-filosófico cósmico do que propriamente um sistema religioso. Na Terra, devido ao atraso moral e mental dos seus habitantes, tal processo foi superficialmente percebido muito mais pela chamada fé do que pela razão do ser planetário terrestre.

Mas essa compreensão maior da necessidade da coexistência pacífica e fraterna entre os seres, não vem pela imposição, por força dos regimes políticos criados pelo homem, ou mesmo pelos ensinamentos advindos de um sistema teocrático qualquer. Tal percepção jamais virá de fora para dentro.

A exemplo de uma árvore que deseja modificar o seu próprio fruto, tal processo somente será possível se ocorrer uma espécie de mutação a nível celular dos seus potenciais criadores para que a sua produção exterior se modifique; o ser terrestre somente poderá modificar a sua produção em nível de sentimentos, atitudes e posturas, quando o seu coração e a sua mente, em conjunto. operarem a maravilhosa mutação no seu próprio interior para que os produtos de suas ações não mais sejam os frutos amargos da miséria, do ódio, do orgulho doentio e da inveja.

A percepção maior da necessidade estratégica do Cristianismo, como padrão de conduta política de todos e entre todos os seres, somente se faz presente, de forma consciente no íntimo do ser terrestre, quando este *nasce de novo*, ou seja, quando este renova a si próprio, como nos foi alertado pelo Mestre Jesus.

O renascimento interior, que nada mais é do que a submersão da consciência no oceano da busca interior e na superação de si mesmo com a conseqüente emersão da consciência plena e crística, é uma espécie de necessidade primária, básica e essencial, para que o homem e a mulher terrestres ascendam aos Reinos dos Céus, porquanto lá, nas moradas iluminadas do cosmos, apenas aquelas individualidades que tenham alcançado a condição de coexistência fraterna através da boa luta e do bom combate travados no íntimo, na busca da renovação interior, podem ter acesso.

Quando o Mestre Jesus afirmava que "ninguém entraria no Reino dos Céus se não nascesse novamente" Ele estava, na realidade, avisando-nos de que sem a renovação interior não haveria a necessária modificação dos hábitos infelizes que revelam as tendências e fragilidades de cada um. Não havendo a modificação de tão infelizes atitudes com os conseqüentes registros energéticos na própria condição existencial da individualidade, como o espírito de alguém, que viveu na Terra, pode intentar possuir condições magnéticas para conviver com padrões vibratórios celestes de tão alto nível?

De há muito já sabemos que a cada pensamento, sentimento e/ou ação por nós plasmados na nossa consciência cósmica, potencializa-se uma espécie de registro magnético característico e específico da qualidade daquilo que praticamos no nosso próprio espírito. E como tal, o nosso espírito é, a todo instante, um espelho da nossa própria consciência.

Se somos individualidades infelizes e devedoras, imaginemos, portanto, a condição energética dos nossos espíritos. Se ainda praticamos o desamor, a intolerância, a crítica maledicente, o orgulho da exigência descabida e a falta de compreensão, como queremos que o nosso espírito reflita a luz da paz e da concórdia? E se ainda somos assim, como podemos querer conviver nas altas moradas celestes com seres superiores? Como alguém cheio de chagas e pústulas expostas, cheio de lama e sujeiras de toda ordem, pode ser levado à convivência em ambientes de altas vibrações devido ao altíssimo nível espiritual daqueles que ali vivem?

Ensombreados por um passado espiritual culposo e tão infeliz, como podemos modificar tal situação energética se ainda nos permitimos praticar posturas primitivas filhas do ódio e do

orgulho? Como potencializar em nós próprios condições vibratórias para a coexistência com níveis existenciais mais elevados, sofisticados e puros, nas diversas moradas superiores que existem na casa do Pai, sem que venhamos a aniquilar, em nós próprios, o que ainda houver de negativo para que possa, então, surgir uma nova individualidade espiritual já regenerada e livre do peso dos registros cármicos expiatórios? O que é esse processo se não "o nascer de novo" que nos solicitava Jesus? E o renascimento espiritual somente se dá através da renovação interior que trará consigo a modificação da situação energética do nosso espírito.

Assim, as diversas tentativas políticas feitas pelos terráqueos na busca de desenvolver melhores condições existenciais, a saber, o capitalismo, o comunismo, o socialismo, a monarquia, a república, a teocracia e a democracia, dentre outras, caracterizam os acertos e desacertos do espírito do ser terrestre através dos tempos.

Somente provando dos frutos produzidos e cultivados pelo poder de criação da coletividade planetária, sentindo o sabor e o aroma agradável ou desagradável dos mesmos, e ativando a sua inteligência na busca de superar as adversidades e dificuldades do meio em que vive, poderá o ser terrestre perceber claramente o que lhe serve ou não, o que lhe pode ou não ser útil para melhorar a sua condição existencial.

Invariavelmente será a luta incessante do aprendizado na busca do progresso que fará a coletividade ,terrestre perceber ao menos o que não mais deve ser feito! Se pelo menos isto for identificado, os corações de todos os terráqueos abrir-se-ão inevitavelmente para a coexistência fraterna.

Tal processo de percepção mental e espiritual não pode ser ensinado porquanto não se dá de fora para dentro, mas, paradoxalmente, tem que ser aprendido e apreendido por todos. Não há universidades para tal. A vida já é a própria escola. A paz de espírito jamais será imposta, devendo, entretanto, ser conquistada por cada um. A iluminação será sempre produto da busca e do esforço pessoais, jamais produto que se compre ou seja dado por esta ou aquela religião.

Foi na falta dessa visão que muitos de nós pensávamos que o "amai-vos uns aos outros, perdoai sempre, exigi apenas de vós próprios" eram *bobagens religiosas* que deveriam ser memorizadas para. quando conveniente, ser recitadas. Em realidade, o que nos foi orientado, pelos mestres da educação planetária que aqui vieram, era muito mais do que *simples e tolos preceitos religiosos*. Eram e são, efetivamente, postulados e princípios morais-filosóficos de sérias conseqüências vibratórias para o espírito, constantes nas leis da maior das ciências cósmicas, que é a síntese de tudo o que mais importa no universo: aquela que dispõe sobre a convivência amorosa e fraterna entre todos os filhos da Criação Divina.

Os políticos do futuro - *e de futuro* - seguramente perceberão o que no momento está sendo dito. Os políticos presos às coisas do passado e às posturas viciadas - *sem futuro* - dificilmente conseguirão, ao menos, vislumbrar tais aspectos da política maior.

Mas, ao que nos é dado saber, apenas os *políticos de futuro*, a partir do próximo século, terão meio propício à propagação das idéias e testemunhos que renovarão a humanidade.

Pouco a pouco o condicionamento energético do orbe terrestre melhorará e vibrará em condições tais que a convivência com irmãos de outros orbes será comum e passará a fazer parte do dia-a-dia planetário.

Irmãos de outras moradas cósmicas aqui virão e impulsionarão - dentro das condições por nós atingidas e conquistadas - no que for permitido pela Espiritualidade Superior, a coletividade terrestre para vôos mais altos do espírito humano.

Muitas dificuldades continuarão a existir, pois, como já o dissemos, são fatores de progresso. Mas na justa medida das nossas necessidades e possibilidades, em sincronia com a sabedoria dos Mestres Espirituais que coordenam os destinos das coletividades planetárias, esses irmãos extraterrestres muito ajudarão em todos os campos de atividade da existência humana na Terra.

É importante ressaltar que eles também têm seus problemas enquanto coletividades planetárias. E mais ainda devemos perceber que a ajuda que eles prestam uns aos outros, através de intercâmbio de diversos níveis, é produto do mérito e das conquistas já alcançadas por todos eles. E mesmo assim, com esse nível de coexistência interplanetário, ainda têm diversas ordens de problemas a serem superados.

É importante que tal o percebamos para não nos perdermos na tola ilusão de que, com a chegada do Mestre, os problemas da Terra acabarão. Os problemas continuarão a existir e é importante que o repitamos. Apenas, gradualmente, irão mudando de nível e ordem de complexidade. Ele nos ajudará sim, repondo *certas verdades*, esclarecendo o que puder ser esclarecido diante da nossa capacidade de entendimento atual e o que nos for suportável. com a Sua presença e energia pessoais nos motivará e impulsionará na conquista de novas posturas íntimas e aquisições outras no campo da evolução, sem, entretanto, em nenhum momento, interferir no livre-arbítrio individual ou coletivo.

Haverá, realmente, esse dia e muitos dos que estão *vivos* no presente momento planetário O verão e a tudo assistirão pessoalmente.

A beleza radiante do amanhã dadivoso que espera, a todos nós que nos permitirmos vibrar com essa força amorosa inigualável que presentemente envolve o nosso planeta deslumbrará a todos os que se prepararem convenientemente *para o grande dia da renovação*.

A transição até esse dia é e será um pouco difícil pelo muito que ainda temos de nos modificar intimamente. E todo esse processo requer esforço espiritual de todos.

Depois desse grande dia, a presença pessoal do Mestre de tempos em tempos, e de seus Prepostos que em Seu nome aqui ficarão, coordenando os trabalhos de transição planetária e do início do processo de espiritualização de todo o orbe terrestre, será a força motriz que impulsionará a todos nós, terráqueos. para que possamos superar as próprias fragilidades. em busca da edificação definitiva do Reino de Paz e Amor do Pai Amantíssimo em nossa morada planetária.

É esse o trabalho, é essa a tarefa. Grande é a meta a ser alcançada por todos.

Muitos foram os caminhos dos nossos espíritos. Com tão trôpego caminhar, somos, talvez, a situação mais emblemática em todo o cosmos, de que, realmente, todos os caminhos levam ao Pai.

A eternidade nos envolve, nas suas estradas e realidades transitórias nos dando o benefício do esquecimento do passado equivocado. A cada estrada, uma nova paisagem, novos problemas, novas lutas empreendidas ao lado dos mesmos companheiros de sempre. Assim é a jornada do espírito pelos muitos caminhos do cosmos.

Que o período de transição planetária, que está apenas iniciando, e que teremos todos de enfrentar, encontre, nos nossos corações, a energia renovadora necessária para a prática da boa luta e do bom combate, frente às coisas e posturas espirituais viciadas que representam o passado do nosso mundo.

Que o Mestre ilumine a todos nós, na nossa busca de redenção espiritual, a fim de que possamos *nascer de novo* e tornarmo-nos dignos de sermos considerados *cidadãos do Reino dos Céus*.

Cronologia de Eventos

♦ antes de ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ outras experiências existenciais que no futuro serão explicadas.

♦ ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ chegada das primeiras levas de humanóides (seres especialmente preparados para a vida na Terra, possuidores de grande nível instintivo mas ainda não dotados da luz da razão).

♦ ≈ 1.000.000 a 950.000 anos a. C. ⟶ quatro grupos distintos, já bastante melhorados, porquanto resultantes das múltiplas experiências ocorridas ao longo do tempo, foram deixados na Terra, para uma espécie de teste final quanto à adaptação climática e, em especial à questão gravitacional. Ao final do período de testes e ajustes, seria decidido se um, alguns ou todos os grupos permaneceriam no planeta. O que desse processo resultasse, seria a base de humanóides que, juntamente com os seres mais evoluídos que chegariam em um segundo momento, formariam a humanidade futura. Cerca de quarenta mil humanóides se dividiam entre os quatro grupos, cujos portes variavam entre sessenta centímetros e dois metros de altura, possuindo, todos, pele acinzentada. A essa altura, mais uma leva de espíritos simples e ignorantes mas com a herança maior da luz do raciocínio com a conseqüente responsabilidade cármica, estava apta a iniciar a jornada evolutiva de ascensão espiritual na Terra, encarnando nos corpos resultantes dos cruzamentos desses humanóides.

♦ ≈ 800.000 anos a.C. ⟶ chegada de equipes de seres mais evoluídos de diversas origens planetárias, para conviverem, diretamente, com os já existentes. Esses irmãos passaram por toda uma série de adaptações nas suas condições energéticas e, em especial, nos seus corpos, para tomar possível a permanência na Terra. O objetivo era a edificação do portal cósmico.

♦ ≈ 742.000 anos a.C. ⟶ início da inquietação de Lúcifer nos sistema de Capela.

♦ ≈ 687.000 a.C. ⟶ começa a rebelião de Lúcifer. Durante os próximos 68.000 anos, vários seguidores de Lúcifer visitam a Terra e outros orbes, propagando os postulados da rebelião.

♦ ≈ 619.000 a.C. ⟶ a Terra e outros mundos rebelados têm seus circuitos de convivência cósmica cortados. Início do período de isolamento cósmico. Começam a chegar os primeiros exilados de expurgos planetários conseqüentes à rebelião. Muitos vêm no estado de espíritos desencarnados. Outros, entretanto, aqui aportam em naves espaciais.

♦ ≈ 100.000 anos a.C. ⟶ a Terra passa a ser o último e único planeta rebelado. A partir de então, tudo o que restava das forças conscientes da falange de Lúcifer estava congregado na Terra.

♦ ≈ 40.000 anos a. C. ⟶ chegam outros exilados cerca de 5 bilhões de individualidades, sendo, alguns poucos, em suas próprias naves, e a grande maioria no estado de espíritos desencarnados - que foram remanescentes de processos expurgos retardados, ainda provenientes da rebelião de Lúcifer, como, também, de reciclagens vibratórias de alguns mundos, com vistas a outros objetivos evolutivos. Por essa época, a Terra já contava com uma população de cerca de 20 bilhões de individualidades cósmicas, entre encarnados e desencarnados. A partir de então, a população planetária passou a ser de, aproximadamente, 25 bilhões de seres.

♦ ≈ 12.000 anos a.C. ⟶ fim da civilização atlante.

♦ ≈ 11.000 anos a.C. ⟶ chegada de algumas dezenas de milhares de exilados, todos no estado de espíritos desencarnados, provenientes, também, de alguns expurgos retardados de Capela e Antares. Essa foi a última leva de exilados que veio para o nosso planeta.

♦ ≈ 4.000 anos a.C. ⟶ Jeová assume a coordenação dos trabalhos das equipes do Mestre no planeta Terra.

♦ ≈ 300 anos a. C. ⟶ Jeová dá por concluída a sua missão e retira-se do ambiente terreno. A partir de então os extraterrestres passam a acompanhar, discretamente a evolução planetária.

♦ 27 d.C. ⟶ consumada a crucificação do Mestre, Lúcifer é retirado do ambiente terreno. Satã, seu principal companheiro de desdita, assume o comando do que restava da rebelião.

♦ 1940 d.C. ⟶ os extraterrestres começam a, novamente, se fazerem percebidos, obedecendo ao plano de preparação planetária, para a reintegração cósmica da Terra.

♦ 1993 d.C. ⟶ em trabalho desenvolvido pela Espiritualidade Maior, Satã é assistido fraternalmente, sendo, desde então, retirado dos ambientes astrais terrenos.

Esclarecimento Estratégico

Resolvemos distribuir as obras que estão sendo por nós preparadas a pedido e sob orientação dos mentores espirituais em sete grupos distintos, dadas as características comuns e objetivando propiciar melhor visualização para quem desejar *enxergar em profundidade* o planejamento global da Espiritualidade, ao menos no que diz respeito à utilização deste aparelho terrestre.

Todo este trabalho tem como objetivo maior o processo de esclarecimento planetário frente a muitos aspectos das verdades eternas e do necessário conhecimento da vida cósmica para que nela possa a comunidade terrena, ser reintegrada ativamente.

Neste sentido, os escritos por nós recebidos até julho de 1995, estão didaticamente distribuídos em sete grupos de livros, a saber:

Contexto Filosófico-Espiritualista

O processo de reintegração da Terra à convivência cósmica somente poderá ser desenvolvido tendo como base toda uma preparação filosófica em nível de entendimento e da necessária postura política fraterna dos habitantes do orbe terrestre para que a reintegração aos circuitos cósmicos possa ser efetivamente consumada.

Para tal fim, foram fornecidos, durante todo o longo e penoso processo da história humana, toda a base política-humanística-espiritual e filosófica necessária ao esclarecimento do espírito humano, para aqueles que realmente desejaram - ou desejavam - alimentar-se da luz do esclarecimento espiritual.

Muitos mestres do conhecimento cósmico na Terra estiveram reencarnados fornecendo, na medida das possibilidades de entendimento nos núcleos terrestres à época dos seus testemunhos amorosos, as principais sementes necessárias ao desenvolvimento do espírito.

Neste final de ciclo, esses mesmos mestres, a pedido de Jesus, o Mestre dos Mestres, estarão atualizando e adequando seus ensinamentos para os dias finais deste milênio, fornecendo, assim, a base filosófica necessária ao entendimento do que ora ocorre com a comunidade de espíritos congregados ao orbe terrestre.

Em homenagem ao espírito amigo e iluminado de Platão, resolvemos denominar os dez livros que irão compor essa base filosófica, como pertencentes à série "Diálogos", porque será através da conversação desses grandes trabalhadores do progresso terrestre que os ensinamentos necessários e complementares a toda base de reflexão já existente para este fim de período cósmico, virão a todos nós apresentados através de diálogos, posto que, foi efetivamente dessa forma que ocorreram.

Contexto Cósmico

Nesse grupo estão agrupados os livros que abordarão aspectos do Cosmos, sua hierarquia, seus diversos níveis existenciais, os sistemas de mundos comandados pelo Mestre Jesus, Seus assessores, a História da Terra sob a ótica cósmica, a História de grupos de individualidades que para a Terra foram exiladas, certas ordens de problemas cósmicos e mais alguns outros aspectos que dizem respeito à vida cósmica.

Pertencem, pois, a esse grupo o livro anteriormente publicado *Reintegração Cósmica*, o presente trabalho, como também, o próximo livro a ser editado.

Contexto Terrestre

Todo esse processo de final de período cósmico com a conseqüente transição necessária ao terceiro milênio, os fatos que dele decorrerão e o vislumbre do que deverá e/ou poderá ocorrer com a comunidade terráquea são assuntos que serão abordados nos livros que irão compor os temas relativos à vida sociológica-política dos terráqueos frente a iminente reintegração à vida cósmica e aos demais aspectos conseqüentes.

Elucidativos

Temas gerais serão abordados nos livros que irão compor esse grupo, porquanto necessários ao entendimento do todo.

O fenômeno da morte, as Profecias, vida em outros níveis próximos à Terra, a misteriosa Atlântida, estudos sobre a Prece e muitos outros assuntos serão desenvolvidos e estudados como complemento à possibilidade de entendimento e percepção de como tudo está relacionado e interligado e de que, efetivamente, nenhum cabelo cai de nossa cabeça sem que esteja permitido e previsto dentro das leis que formam o grande circuito cósmico que emana e é mantido pelo amor do Pai.

Contexto Doutrinário

Nos livros aqui agrupados, serão apresentados diversos aspectos da temática da reencarnação, através da experiência de cinco individualidades espirituais que contarão suas muitas reencarnações, observando, em especial, as posturas felizes e infelizes assumidas quando do trato dos problemas humanos, decorrentes das intolerâncias raciais, religiosas, políticas e algumas outras características do espírito humano terrestre.

Esses livros aparecem apenas como apoio ao muito que já foi escrito a respeito do assunto por outros trabalhadores da causa do Mestre e é nosso dever ressaltar que será exatamente a opinião desses espíritos, conforme o grau de evolução que lhes é peculiar, que desfilarão pelas páginas dos livros que compõem esta série e não os ensinamentos da Espiritualidade Maior que normalmente caracterizam obras com propósitos de esclarecimento.

Contexto Histórico

A análise dos fatos históricos, tendo por trás o pano de fundo da eterna realidade espiritual que rege os aspectos transitórios das evoluções planetárias, será a base central dos temas a serem abordados nos livros que compõem esse grupo.

Contexto Religioso

Sob a ótica espiritual serão analisados os movimentos religiosos terrestres, separando-se o que é instrumento de aprendizado da Espiritualidade Maior e o que representam as criações dos próprios homens dentro do contexto religioso. Há muito de criação humana que foi apresentado como sendo de origem divina. E muito do que de divino foi apresentado à Terra terminou por sofrer distorções promovidas pelas limitações e inclinações menores do gênero humano terrestre. Os livros aqui agrupados fornecem alguns padrões de reflexão para tais assuntos.

PROJETO ORBUM

PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

"DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA."

Princípios:

EXERÇA PLENAMENTE a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

SE SOMOS UMA FAMÍLIA, torna-se inconcebível

a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

EXISTE UMA FORÇA política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

RESPEITAR AS FORÇAS políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial - imprescindíveis para a evolução terrestre - mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

NA VERDADE, SOMOS todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

SE VOCÊ CONCORDA com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

PROPAGUE ESTA IDÉIA, em especial para as novas gerações.

SONHE E TRABALHE por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

ESTA É UMA MENSAGEM DE FÉ e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

Jan Val Ellam

CARMA
E
COMPROMISSO

Trilogia:Queda E Ascensao Espiritual Livro Iii
Um Preparação para o Grande Dia Da Renovação

Jan Val Ellam

Carma e Compromisso

TRILOGIA:
QUEDA E ASCENSAO ESPIRITUAL
Livro III
UM PREPARAÇÃO PARA O GRANDE DIA DA RENOVAÇÃO

PROJETO TERRA

À

Val Ellieh,Val Elliah e Yel Liam, companheiros de desdita e de redenção.

Carma e Compromisso

Este livro conclui a trilogia Queda e Ascensão Espiritual.

Nos diversos painéis dessa triste e longa história, eivada de tantos equívocos, estão representados os motivos da queda no padrão existencial devido a uma brutal "febre vibratória" que acometeu a todos os rebeldes — como também as razões da ascensão, mesmo que lenta, que da hoje caracteriza o estado evolutivo da maioria dos que, no passado, resolveram seguir Lúcifer.

Quanto ao combustível que nos promove a presente escalada rumo à verticalidade sublime proposta por tidos os mestres da humanidade terrena, decorre do esforço e do livre-arbítrio de cada um de nós que, embalados pelo zelo do Pastor Cósmico que não esquece as ovelhas do seu rebanho, entoa amoroso chamamento para a necessária busca da redenção espiritual.

Portanto, apesar de dolorosa e difícil, nossa jornada é de esperança.

Honrando o Seu esforço em nos ajudar para que possamos nos reintegrar à convivência com os irmãos e irmãs de outros mundos, é que orer tamos mais este trabalho.

Reflexão do Velho Codificador de Zian:

"O que poderia acontecer com uma comunidade de seres que, faltos de maior maturidade espiritual, iludidos quanto aos fins e criminosamente equivocados quanto aos meios, revoltou-se contra toda uma ordem estabelecido, propagando em certa região do cosmos uma espécie de doença vibratória que a impedia de conviver com as demais'

TRILOGIA QUEDA E ASCENSÃO ESPIRITUAL

Livro I - Reintegração Cósmica
Livro II - Caminhos Espirituais
Livro III - Carmo e Compromisso

Índice.

O "Projeto Terra". 8
Esclarecimento. 10

I. Primórdios de uma Época. 11
1. Passado Cósmico 12
2. Capela — Sede Sistêmica. 17
3. Proximidade ao Mestre 20

II. Problemas em Capela. 25
1. As Inquietações de Lúcifer. 26
2. Os Postulados. 31
3. Influência Luciferina. 41
4. Os Seguidores. 46
5. Ausência de Discernimento. 56

III. Exílio. 61
1. Novas Necessidades. 62
2. Opções Equivocadas. 69
3. Acompanhamento do Mestre. 74
4. Roteiro do Exílio. 76
5. Opção: Terra. 85

IV. Missão "Planeta Azul". 90
1. Chegada dos Exilados. 91
2. Progresso Espiritual 102
3. Decadência Atlante. 106
4. Agrupamentos Afins. 118
5. Preparação do Caminho 127
6. Inclinações do Passado. 132

V. Meta Espiritual. 136
1. Compromisso de um Grupo. 139
2. Ainda no Império Romano 143
3. Tentativas Recentes. 146
4. Sucessos e Fracassos. 151

VI. Redenção Espiritual. 154
1. O Século XIX. 155
2. Esforço Atual. 161

3. Trabalhos Futuros. 168
4. Marco Evolutivo. 173

Cronologia de Eventos. 178
Passado e Presente 180
Trilogia: Queda e Ascensão Espiritual. 183
Esclarecimento Estratégico 194
Contexto Filosófico – Espiritualista 194
Contexto Cósmico 195
Contexto Terrestre 195
Contextos Elucidativos 195
Contextos Doutrinários 196
Contexto Histórico 196
Contexto Religioso 196

Projeto Orbum 197

O "Projeto Terra".

Em função de inúmeras informações provenientes de outros orbes, ou mesmo dos ambientes espirituais da Terra, através de entidades que têm por meta relembrar um passado distante e ao mesmo tempo presente em muitos de nós, a Editora do Conhecimento inicia uma nova fase com o objetivo de divulgar conhecimentos reais e necessários neste momento por que passa a humanidade.

O projeto Terra é também um sonho antigo, pois de há muito ouvimos informações oriundas de inúmeras fontes, a respeito da Terra e de sua humanidade. A participação de seres de hierarquia celeste em serviço em nosso orbe, atuando em dimensões mais sutis, nos faz sair da posição de observador para levar a outros interessados estas informações, que deverão ser analisadas por cada um de maneira a sentir o conteúdo da mensagem, com o coração e mente abertos, deixando de lado o preconceito ante o inusitado.

Às portas do terceiro milênio, a evolução tecnológica nos atropela a cada instante; devemos estar preparados, desde já, para que os véus que nos impedem a visão de outros painéis da existência sejam descortinados. As conseqüências, de imediato, serão uma mudança de paradigma, com profundas alterações no campo social, cultural, religioso e tecnológico.

Há algum tempo já se tornaram comuns mensagens de diversos seres de outros orbes: Andrômeda, Sírius, Capela, Plêiades, Vega, etc. Não cabe a nós uma análise mais apurada dessa fenomenologia, pois corremos o risco de ncorre em julgamento equivocado. É certo que em um universo de mensagens, teremos de usar o bom senso na seleção do material a ser publicado, onde a tônica seja o Amor, por se tratar de uma lei universal. Sabemos das dificuldades de aceitação para o novo, em algumas mentes comprometidas com concei os seculares de medo, subjugação, controle, poder, et entro do universo espírita, por exemplo, sabemos das dificuldades que muitos enfrentam, no momento em que novas informações não encontram reflexo nos ensinamentos deixados por Allan Kardec ou do que deles se interpreta. De fácil compreensão, essa prudência deverá ser utilizada, porém sem fechar a porta para o novo, observação esta feita pelo próprio Kardec.

Jesus de Nazaré nos deixou o legado de "muitas moradas na casa do Pai", mostrando a diversidade de irmãos existentes no universo. Como irmãos, devemos esperar, portanto, de outros irmãos, o apoio em momentos difíceis como este que estamos vivendo.

Localizados em outros níveis vibratórios, estes seres nos resgatam lembranças de antigos compromissos assumidos para um determinado período. Este período se encontra em fase final, daí o enorme volume de avisos que nos chegam. Devemos escutá-los, fazendo esforço para bem compreendê-los, pois a dificuldade encontrada por esses seres para se fazerem entendidos através da nossa pobre linguagem é muito maior do que se imagina. Muitos falam a linguagem do Amor, oriunda de níveis onde o sentimento é a linguagem corrente. Encontram-se em planos desprovidos da roupagem carnal como a nossa, acessando a fonte individual de memória permanente, que nós encarnados não podemos acessar.

Esperamos que esta breve abordagem possa servir de alerta para que os nossos corações se abram para os novos ensinamentos, buscando, em nosso interior, orientação e ajuda para compreendê-los, tendo no Evangelho de Jesus a base e os parâmetros necessários para a análise moral e ética das informações.

A história aqui relatada diz respeito ao resgate de nossa memória cósmica, nosso compromisso de retorno às origens após aprendermos a lição passada em tempos (terrestres) remotos, e nos fortalece ante a afirmação de não estarmos sós.

Com essa trilogia, a Editora do Conhecimento inicia sua jornada de ouvir as Estrelas, e convida seus leitores para, juntos, fazerem essa viagem.

Os editores.

Esclarecimento.

Há certos episódios que são incomuns dentro da ótica terrena. O que aqui será apresentado, até sob a ótica cósmica, também assim poderia ser classificado. Temos consciência de que a muitos poderá chocar e a outros surpreender positivamente. Além do que, para alguns, será visto como obra de ficção. Entretanto, o conjunto de todas as ocorrências que serão descritas é verdadeiro.

A bem da verdade, as informações constantes neste livro, compõem as páginas da história de um grande conjunto de individualidades espirituais que estão congregadas na Terra desde há muitos milênios.

Complementando os livros anteriores, Reintegração Cósmica e Caminhos Espirituais, encerra-se a presente trilogia, com o aprofundamento de alguns temas já apresentados e o acréscimo de outros, tendo por pano de fundo, o longo caminho de equívocos daqueles que um dia estiveram tão próximos ao Mestre, mas que, por opções tresloucadas, comuns aos espíritos dominados pelo orgulho doentio, O traíram.

Após o exílio e já congregados na Terra muitos milênios depois, estavam, quatro dessas individualidades espirituais, encarnadas nas personagens dos dois zelotes crucificados ao lado de Jesus, do centurião romano que comandou a crucificação e um dos que O seguiam mais de perto. Não O reconheceram!

Hoje, todos novamente encarnados, já conhecedores dos equívocos cometidos e desejosos de por Ele trabalharem no rumo da consecução do grande Ideal de Fraternidade Cósmica, bandeira maior do esforço constante do Mestre, esforçam-se para algo fazerem em benefício do próximo, buscando a redenção dos próprios espíritos.

Desmerecidos para tanto, porém, convocados pelo amor de Jesus que a todos abraça nos muitos caminhos da evolução de seres tão complicados diante das leis divinas, é que apresentamos mais este trabalho de esclarecimento fraterno para os irmãos e irmãs em curso evolutivo.

Que a Sua paz seja conosco!

Atlan, 14 de junho de 1996.

Jan Val Ellam.

1. PRIMÓRDIOS DE UMA ÉPOCA

"Milhões de anos atrás...
Tanto já havia acontecido na Terra...
Mas esse passado longínquo apenas no futuro será percebido.
No presente, apenas o ontem cósmico imediato suportável, terá seu momento".

Das Crônicas Celestes do Velho Codificador de Zian.

I. PRIMÓRDIOS DE UMA ÉPOCA.

CAPÍTULO UM
Passado Cósmico.

Há tempos atrás, cerca de três milhões de anos terrestres, no planeta Orbum, no sistema de Capela, que é a sede da governadoria do Mestre dos Mestres, ocorreu um magnífico encontro entre os representantes dos diversos conselhos sistêmicos. O conjunto desses membros forma o colegiado que assessora o Mestre, no que se refere ao planejamento e acompanhamento de tudo o que ocorre na parte da galáxia Via Láctea que está sob o jugo de Sua administração amorosa.

Diversas eram as falanges de seres presentes ao encontro. Além do Mestre e de mais alguns outros representantes dos mundos de Capela que O assessoram mais de perto, ali estavam os admiráveis mestres de Vega e de Antares, os digníssimos representantes das universidades dos mundos de Tau Ceti, os seres especialíssimos da Próxima Centauri e dignitários dos mundos de Epsilon Eridani e de muitos outros sistemas planetários, todos para, juntamente com o Mestre, decidirem os rumos futuros de uma parte do conjunto de mundos que Lhe estavam subordinados.

Reunidos em amplo ambiente de singela e natural beleza — indescritível pelo padrão das palavras terrenas porquanto teríamos que falar de cascatas de luz, atmosfera ambiente colorida, etc. — cerca de quatrocentas entidades ali se confraternizavam em mais uma espécie de conclave que, de tempos em tempos, era convocado pelos mestres de Capela.

Em ambiente propício ao congraçamento, representantes de todas as correntes de trabalho da evolução cósmica e de grupos afins de muitos orbes, trocavam experiências e informações que enriqueciam a todos. Esse tipo de convivência e troca incessante de conhecimentos é fato normal e comum na vida cósmica. Da mesma forma que sabemos ser normal e muito produtivo para as nações da Terra a constante troca de procedimentos científicos e tecnológicos e que, esse fato é propulsor de progresso e evolução para toda a comunidade planetária, por que não seria também para a convivência cósmica das civilizações interplanetárias?

Um pouco mais e o nosso planeta voltará a coexistir com outras realidades que nos cercam, mas que, por termos sido alijados dessa convivência temporariamente, tiveram os seus circuitos de comunicação e tráfego interrompidos até que se completasse o chamado período de quarentena que ora se encerra com a reintegração cósmica da Terra.

Conversavam todos, fraternalmente, em grupos que se distribuíam pelo ambiente quando, em dado momento, passaram a sentir a vibração divina inigualável do Mestre que se aproximava para presidir o maravilhoso encontro.

Receberam-No em amoroso silêncio, enquanto do íntimo de cada um dos que ali estavam congregados partiam as mais altas emissões fluídicas de reconhecimento, gratidão e amor pelo Irmão Maior.

Ele, por Sua vez, envolveu a todos com Seu olhar e sorriso suaves. Irresistivelmente atraídos pelo Seu magnetismo pessoal, quedaram-se emocionados pela presença do Mestre que, de um local que Lhe era normalmente reservado ante a assembléia, dirigiu-se a todos: "Amados Irmãos e Irmãs do Conselho dos Mundos, honremos o Amor do Pai na nossa busca incessante do aprimoramento interior."

"Agradecendo a todos pelo atendimento à nossa solicitação de concurso fraterno, uno às vossas as minhas intenções e expectativas de, em breve, realizar mais uma etapa de expansão das possibilidades de deslocamento entre as comunidades siderais que se potencializam e trafegam principalmente no espectro físico-material do Cosmos."

"Para esses irmãos e irmãs que têm as suas sedes conscienciais atualmente inseridas dentro dos limites vibratórios do campo primário existencial das realidades transitórias do Espírito, essa etapa proporcionará avanços que muito nobilitarão o esforço e o mérito conquistados ao longo das experiências evolucionistas."

"Para nós, que já recebemos a graça da Deidade de também podermos potencializar as nossas consciências em níveis existenciais mais avançados, significará trabalho evolutivo de muitas conquistas no campo das aquisições do Espírito, como também, na expressão dos nossos mais íntimos sentimentos de solidariedade e cooperação para com eles."

"Sem o desenvolvimento das possibilidades tecnológicas comuns às realidades transitórias que têm no campo físico a base de experiências para as suas lutas renovadoras, grande parte dos filhos e filhas do Pai, em curso evolutivo pelo cosmos, demoraria mais e mais nas tendências ao estacionamento evolutivo com a conseqüente acomodação que, infelizmente, ainda caracteriza os que se congregam nos níveis existenciais de vibrações mais modestas."

"Devemos, portanto, congregar as nossas atenções e esforços no acompanhamento dessas comunidades, para que a harmonia da graça da vida cósmica possa, a seu turno, edificar-se cada vez mais entre as mesmas."

"Entretanto, antes de expressarmos com atitudes operativas a consecução das nossas intenções, devemos, antes, proceder com a escolha criteriosa dos mundos atualmente desabitados, pertinentes à faixa vibratória físico-material, que servirão de sede para as bases de apoio e, em especial, daquele que, dentre todos, servirá como o futuro planeta-plataforma para a expansão das possibilidades da convivência cósmica."

"Aqui congregados estamos todos nós que temos a responsabilidade diretiva sobre as comunidades cósmicas que nos são afins. Estudemos, pois, os resultados preliminares das avaliações que já foram feitas pelos representantes das universidades de Tau Ceti."

"Esses concluíram não ser conveniente a edificação da base sideral com fins de lançamento — devido às emanações magnéticas resultantes de operação de tal porte — em

mundos já habitados. Assim sendo, devemos buscar outras alternativas além da única até o momento idealizada quanto à utilização de um dos mundos do sistema de Antares."

"Procedamos, portanto, o encaminhamento das pesquisas com vistas a esse mister. Quando forem concluídos os novos postulados voltaremos a nos reunir para a escolha definitiva."

E continuou o Mestre a comentar com Seus assessores outros aspectos da administração celeste que compunham a pauta daquele encontro memorável, pois muitas são as matérias e campos de estudo da vida cósmica.

Diversos são os caminhos do Espírito na longa jornada evolutiva. Em especial quando este se encontra ainda trilhando os estágios existenciais primários da consciência. Por sua vez, esses estágios ocorrem através das múltiplas vidas levadas a efeito nos mundos transitórios onde, no caso da Terra e muitos outros pertencentes ao mesmo nível, penetra-se através dos nascimentos em corpos característicos à realidade locais e deles somente é possível sair através da morte desses mesmos veículos temporários.

Em cada uma dessas realidades transitórias existe um conjunto específico de valores, hábitos, tendências e possibilidades. Para cada existência em um corpo temporário — no caso terreno esse processo chama-se encarnação, ou seja, o espírito assume um corpo carnal — há sempre um programa de esforço evolutivo.

Invariavelmente o conteúdo programático da encarnação será fator resultante das conquistas já alcançadas pela individualidade que irá nascer para o mundo físico-material, das suas necessidades de currículo espiritual ainda a serem preenchidas, como também dos compromissos assumidos por força de equívocos do passado, diante das leis cármicas que rezam sobre as relações de causa e efeito de todas as atitudes e posturas do Espírito ao longo das vidas transitórias.

Assim dizendo estamos afirmando que, seja em que nível existencial for, qualquer comunidade cósmica terá sempre problemas e dificuldades a serem superados pelo esforço individual e coletivo.

Da mesma forma que convivemos em uma mesma sociedade mas residimos em lares distintos, todos os seres espalhados pelos diversos níveis existenciais do cosmos formam, na verdade, uma só família, apesar de pertencerem, eventualmente, a mundos diferentes.

Assim sendo, somos obrigados a concluir que, quando da análise das responsabilidades e dos aspectos que formam a vida da coletividade, teremos que partir da premissa correta de que o ser pensante, esteja onde estiver no cosmos, sempre fará uso de experiências existenciais de superação e conquistas pessoais. Entretanto, também estará inevitavelmente envolvido por questões mais abrangentes, que dirão dos problemas da coletividade em que estiver inserido. É dessa forma que a vida cósmica se potencializa nos seus muitos níveis.

Se apenas em uma civilização planetária, por mais ou menos evoluída que seja, já existem problemas e dificuldades de toda ordem nos muitos campos da luta existencial, imaginemos o que

significa administrar dezenas ou mesmo centenas desses mundos, além dos outros níveis existenciais que os circundam ou que com eles interagem.

É justamente essa a função do Mestre e de Seus assessores que trabalham nos conselhos dos mundos ajudando as diversas comunidades planetárias nos múltiplos caminhos percorridos pelo livre-arbítrio individual e coletivo.

Muito tempo — algumas fases do que poderíamos chamar de dia do fuso horário cósmico de Orbum — durou o conclave a que nos referimos. Quando foram dados por terminados os trabalhos, cada equipe retornou aos mundos de origem para dar desenvolvimento ao tema central do encontro ocorrido, com vistas a breve solução.

É objetivo comum de todas as famílias planetárias espalhadas pelos cosmos o encurtamento das distâncias, sejam elas dentro de um mesmo plano existencial ou entre níveis diferentes.

Essa meta, já plenamente resolvida para algumas poucas da inimaginável quantidade de civilizações cósmicas existentes, ainda é fator de busca e pesquisa para a grande maioria das associações de sistemas de mundos das diversas galáxias do cosmos, porquanto muitas delas somente conseguem se deslocar dentro de alguns espaços da própria galáxia. Quanto às demais, podem apenas ser visitadas e, no caso de algumas mais atrasadas e/ou complicadas ante as leis cósmicas — como foi o caso do nosso planeta por tanto tempo — as visitas não são feitas abertamente diante da percepção dos habitantes desses mundos problemáticos.

As civilizações que já conseguem se deslocar para quaisquer recantos do cosmos são formadas, normalmente, por seres cuja graduação evolutiva assemelha-se a do próprio Mestre. São os chamados mundos superiores. Entre os habitantes dessas moradas, são escolhidos pela Deidade os seres que se tornarão os administradores das associações de mundos ainda situados na retaguarda da evolução.

Aquele que na Terra ficou conhecido como Jesus é um desses Espíritos de Escol que já têm unicidade com o Pai e, por isso, para os espíritos mais atrasados na rota evolutiva, são confundidos com o próprio Deus. São seres maravilhosos que, a pedido da Deidade, deixam suas moradas singelas para realizarem missões administrativas em mundos já bastante evoluídos mas não considerados ainda como superiores. Orbum, no sistema de Capela, planeta de residência temporária e sede de trabalho do Mestre, é exemplo característico desse fato, por mais que isso possa surpreender a muitos.

Em nada estaríamos exagerando se chamássemos esses seres de Filhos Diletos do Pai ou Assessores da Deidade. São, na verdade, usando terminologia mais peculiar à realidade terrena, seres que já atingiram o chamado nível crístico: percebem o Pai e com Ele convivem diretamente, através de uma espécie de circuito amoroso de unicidade cósmica.

Entre Eles há toda uma hierarquia organizacional ou funcional, como queiramos chamar — é importante que se ressalte que essa hierarquia divina não funciona da forma como entendemos na Terra. Mas, esse assunto será desenvolvido em trabalhos futuros.

Todos esses aspectos foram abordados para que possa ser percebido, com menos dificuldade, que as civilizações que compõem a associação de sistemas de mundos administradas pelo Mestre são, na verdade, bastante evoluídas, mas não consideradas ainda como mundos superiores. Entretanto, se comparadas com a situação terrestre, poderão ser confundidas com o próprio paraíso.

Essas civilizações, portanto, podiam apenas se deslocar, naquela época, com a ajuda e intercâmbio tecnológico incessante entre seus pares, em regiões dentro da própria galáxia.

Ademais, é importante que ressaltemos que, de tempos em tempos, os habitantes de Orbum e de alguns outros mundos já evoluídos, recebiam — como ainda recebem —visitas de civilizações ditas superiores, da nossa e de outras galáxias. Essas ocorrências constituem-se em momentos inesquecíveis para aqueles seres representando motivo de estímulo e fator de evolução.

Mesmo que venhamos a incorrer em erro descritivo ante certos aspectos da vida cósmica é importante que um aspecto seja ressaltado. Ao que entendemos, o conjunto de civilizações planetárias que formam o rebanho celeste que tem na pessoa do Mestre Jesus o seu Divino Pastor não é um dos mais adiantados, em termos de evolução, entre as centenas de outros rebanhos que existem somente na nossa galáxia.

Assim o dizemos para afirmar que, para muitas civilizações pertencentes a outros sistemas administrativos além do que estamos inseridos, o deslocamento e, por conseguinte, a convivência com irmãos de outras galáxias, é processo comum nos seus cotidianos cósmicos. Entretanto, para as
que pertenciam e pertencem à tutela amorosa do Mestre, não era ocorrência comum à época dos fatos, como, para muitas delas, ainda não é, mesmo na atualidade.

Já há algum tempo cósmico que esses mundos, sob a coordenação amorosa do Mestre, procuravam possíveis alternativas para resolverem a questão da plataforma sideral, com vistas a deslocamentos mais complexos.

Qual ou quais, dentre os diversos planetas desabitados na esfera físico-material naquele momento, e pertencentes à associação de mundos da qual fazemos parte, ofereciam condições climáticas, magnéticas, energético-vibratórias, localização astronômica, etc., para atender ao fim pretendido? Era justamente a necessidade de encontrar essas respostas a preocupação constante de todas as falanges de seres que assessoravam o Mestre.

Vários eram os fatores decisivos quando da análise dos critérios para a escolha do planeta em questão. Em especial — pelo que conseguimos entender das informações veiculadas — a vizinhança astronômica era fator essencial nesse processo.

Dessa forma, a própria localização do planeta no espaço cósmico terminou por ser fator impeditivo a diversas possibilidades que existiam em uma primeira análise, em especial, no sistema de Antares que, àquela altura dos acontecimentos, apresentava o maior número de planetas que a tal se propunham.

Antares — e imaginamos que isso possa surpreender a muitos — conforme as informações recebidas, é um sistema de mundos composto por dezenas de planetas, na sua maioria habitados por seres cujas características fogem à nossa capacidade de compreensão.

E, mesmo encontrando-se muito distante da Terra astronomicamente falando, o deslocamento entre essas duas regiões siderais é surpreendentemente rápido, devido à existência de "certos túneis" no espaço que encurtam as imensas distâncias.

I. PRIMÓRDIOS DE UMA ÉPOCA

CAPÍTULO DOIS
Capela - Sede Sistêmica

Novo conclave é marcado para ser resolvida a questão do mundo-plataforma a ser escolhido. Todas as equipes de trabalhadores siderais deslocam-se para um dos planetas do sistema de Vega, local onde ocorreria o novo encontro.

Novamente se reuniam os diversos grupos de trabalho para apreciação dos temas em pauta.

Todos aguardavam com muita expectativa a chegada do Mestre e de sua equipe pessoal de assessoramento pois, qual a ovelha que não se embevece se é iminente o encontro com o seu Pastor?

Além do que, ter a oportunidade de conviver, por alguns instantes que seja, com seres do chamado naipe crístico, é tido para todos como uma graça da Deidade.

Esses seres, que são verdadeiros prepostos do Pai, que na graduação cósmica encontram-se no primeiro patamar da hierarquia divina daqueles que são uno com a Deidade, têm nessa característica — que os distinguem em termos energéticos de todos os outros que ainda tal não conseguiram lograr — o majestoso marco de evolução cósmica que os tornam espécies de quase-deuses, se assim podemos nos referir.

Mas eles mesmos são quem informam ao resto do cosmos que, Deus mesmo, somente existe um: o Pai Amantíssimo.

Várias abordagens preliminares já estavam em andamento. Algumas hipóteses foram apresentadas para averiguação inicial, antes da chegada do Mestre.

Eis que Ele chega e traz consigo um outro ser do Seu mesmo padrão vibratório-crístico que superintendia outra associação de mundos da nossa galáxia. Essa associação, dentre as centenas que existem apenas na Via Láctea — a galáxia em que vivemos como é conhecida na Terra — era uma das poucas que já havia alcançado a condição de deslocamento intergaláctico. E ali se encontrava presente, com Seu Irmão na Deidade, para a cooperação fraterna.

A título de explicação, a forma — ou veste, como Eles preferem chamar — com a qual o nosso Mestre se apresenta na Sua vida cósmica é bastante aproximada daquela que Lhe foi plasmada na sua experiência terrena.

Dizem mesmo os mentores destes trabalhos que não poderia ser diferente porquanto a condição genética da cápsula que foi inserida em Maria, para possibilitar Seu nascimento entre nós, era, na verdade, espécie de clonagem adaptada às condições terrenas da própria condição cósmica-pessoal do Mestre, limitada à forma e ao condicionamento humano herdado de sua mãe. Em outras palavras, podemos dizer que a forma física da pessoa de Jesus é uma espécie de retrato aproximado ou moldagem terrena da Sua forma cósmica.

Esse outro ser crístico, ao contrário do Mestre, apresentava-se, naquela oportunidade, se comparado com o padrão das formas terrestres, como sendo homem de idade algo superior àquela que tinha Jesus quando terminou o Seu testemunho amoroso. Mesmo sendo extremamente simples, a exemplo do que o é o próprio Mestre, a presença de ambos enternecia e silenciava a todos devido às altíssimas vibrações que partiam dos seus Espíritos.

Dizem os cronistas da Espiritualidade que um ser crístico, apenas em Sua forma cósmica, já consegue envolver todo um orbe com a energia decorrente de sua vibração pessoal; tentemos imaginar o que não significa para um ser menor em evolução encontrar-se presente em ambiente onde estão dois desses seres maravilhosos.

Ao fim do conclave foi escolhido um pequeno e belo planeta azul que, naquele momento encontrava-se desabitado na sua esfera existencial física. Mesmo já tendo ocorrido levas de vida pensante no passado remotíssimo daquele mundo de um sistema planetário de um único foco estelar, o mesmo havia sido escolhido porque atendia completamente a todos os critérios da abordagem técnica.

Estava decidido. O planeta azul do sistema de mundos próximo à borda da galáxia iria ser palco, dentro em breve, de um complexo sistema operacional interplanetário para edificação de uma base-plataforma intergaláctica.

Após tomada a decisão, a notícia foi transmitida para todos os sistemas associados e, de forma especial, para os mundos que formavam o sistema de Capela.

Nesses mundos residiam os seres que tinham a graça de privarem de maior e mais próxima convivência com o Mestre que, normalmente, deslocava-se repetidas vezes em visiLação fraterna.

Em Orbum congregavam-se os seres mais evoluídos dos sistemas que compunham, numa analogia com a situação governamental terrena, os "ministérios" dos diversos campos específicos da vida cósmica. Eram, na verdade, os seres que formavam o que poderíamos chamar de primeiro escalão. Residiam nesse planeta não mais que duas dezenas de milhões de entidades.

Nos outros mundos de Capela, como também nos demais sistemas planetários dessa parte da galáxia, congregavam-se os demais seres que formavam os diversos departamentos técnico-operacionais ligados aos chamados ministérios de Orbum.

É sempre importante frisar que, independente da posição funcional que o ser ocupe na grande organização intersistêmica, ele terá sempre que desenvolver atividades comuns e

peculiares a sua própria sobrevivência no mundo que lhe serve momentaneamente de berço planetário.

Não nos iludamos. O trabalho existe em todos os níveis existenciais do cosmos e é importante fator de evolução. "O Pai trabalha incessantemente", nos disse Jesus. Ele também!

Todos esses ministérios, departamentos e outras subdivisões encontram-se harmoniosamente distribuídos dentro de um certo conjunto organizacional a que denominaremos de hierarquia celeste, de caráter bem diferente daquela a que nos referimos anteriormente — hierarquia divina —quando da abordagem dos mundos superiores.

Nesta última não ocorre distinção de autoridade e/ou marco espiritual dos seres que a compõem porque todos são uno com o Pai, enquanto que na hierarquia celeste, além dos aspectos funcionais e operacionais que são diversos e distribuídos pelas diversas classes de seres que a formam, também se agrupam níveis de autoridade e desenvolvimento espiritual das individualidades, formando um conjunto extremamente complexo e diferente de tudo o que existe nas formas organizacionais terrenas.

Especialmente nos outros mundos do sistema de Capela, poderíamos dizer que neles encontravam-se comunidades planetárias que, nas suas especificidades, formavam a parte operativa de Orbum ou, em outras palavras, eram espécies de mundos de apoio à sede da governadoria celeste localizada no planeta Orbum.

Se pudéssemos traçar algum tipo de correlação com a situação terrena — o que não deveríamos intentar, mas seremos obrigados a fazê-lo para melhor entendimento, mesmo que venha a prejudicar um pouco a verdade dos fatos — diríamos que, em Orbum ficariam simplesmente o palácio ou casa de governo, as centrais ministeriais e a assessoria mais direta. E nos outros planetas do sistema, as partes de apoio, execução, controle operativo e demais órgãos departamentais pertinentes à organização de nível tão complexo.

Orbum seria a capital da área cósmica governada pelo Mestre com toda uma vida peculiar riquíssima em atividades diversas, além da função de governadoria, inerente à capital de uma associação de sistemas de mundos. Apesar de ter como população uma quantidade modesta de seres — se comparada com a situação da Terra — a vida naquele mundo é expressa em um nível de intensidade, beleza e multiplicidade de aspectos jamais desconfiado pelos padrões terrenos.

Assim também os demais planetas de Capela que, além das características funcionais de apoio a Orbum que lhe são pertinentes, têm, nos seus aspectos existenciais, todo um outro conjunto de atividades que ocorrem no cotidiano daqueles mundos.

Enfim, podemos afirmar que todo o sistema de Capela com seus diversos mundos é, na realidade, a sede governamental da parte da galáxia onde vivemos.

Não nos alongaremos nas exposições acerca das características funcionais dos outros sistemas de mundos — dentre outros — ligados à situação terráquea, a saber, Vega, Tau Ceti, Antaris, Epsilon Eridani e Próxima Centauri porque serão assunto para trabalhos que, no momento oportuno, serão publicados.

I. PRIMÓRDIOS DE UMA ÉPOCA

CAPÍTULO TRÊS
Proximidade ao Mestre

Entre os mundos de Capela haviam dois nos quais residiam os seres menos evoluídos de todo o sistema. Assim dizemos comparando-os aos residentes em Orbum. Entretanto, se os comparássemos aos demais mundos da associação intersistêmica, seríamos obrigados a dizer que os mesmos possuíam marco espiritual — leia-se bagagem existencial — já considerado bastante elevado.

Na vibração da linguagem terrena, os nomes desses planetas seriam algo próximo a Dan e Zian.

Neste último, especificamente estavam congregados desde há muito, seres que, nos últimos tempos cósmicos, tinham sido convidados a lá residirem, com o objetivo de desenvolver certas atividades necessárias àquela parte do cosmos, já sendo, por toda comunidade sideral, considerados cidadãos capelinos.

Esses seres, além das atividades normais pertinentes à vida em Zian, realizavam tarefas no campo da busca, codificação e repasse de informações gerais do resto da Via Láctea — nossa galáxia — para o ministério que, novamente utilizando algum padrão comparativo com a situação terrena, poderíamos chamar de Relações Exteriores.

Esse ministério que tinha e ainda tem a sua sede central em uma das regiões de Orbum, dentre muitas outras prerrogativas, relacionava-se com as diversas associações intersistêmicas da galáxia e estava se habilitando a começar o relacionamento funcional com associações de outras galáxias.

Dessa maneira, havia algumas equipes de trabalhos de Zian que tinham que se deslocar constantemente em busca de informações e aferições in loco de certos aspectos da vida cósmica em muitos lugares.

Uma dessas equipes se caracterizava por, constantemente, além dos deslocamentos normais às regiões de pesquisa, dirigir-se também à sede do ministério em Orbum, onde normalmente encontrava-se com o Mestre porque certas informações peculiares resultantes das pesquisas realizadas eram do seu interesse pessoal.

Essa equipe, formada à época da narrativa por 736 indivíduos — conhecida naqueles tempos como a famíliaVal ou o grupo Val — deslocava-se em três grandes naves e, com o tempo e os trabalhos desenvolvidos, tornou-se uma espécie de equipe especial.

Devido ainda à característica dos trabalhos desenvolvidos, como também por outros aspectos que talvez no futuro sejam melhor explicitados, passou a ser constantemente solicitada pelo Mestre para contatos, sejam pessoais ou através de certos canais de comunicação característicos àquela tecnologia, para a troca de informações e/ou orientações.

É importante frisar que dentre os costumes daqueles mundos havia o de se acrescentar o nome da equipe de trabalho ao próprio nome cósmico da individualidade.

Assim, todos os membros do grupo de trabalho a que nos referimos tinham o "Val" antecedendo o nome cósmico. Dessa forma, todos os seres do sistema de Capela estavam identificados pelo próprio nome cósmico, antecedido de uma espécie de prenome que caracterizava o tipo de trabalho que desenvolviam como também à própria família a que pertenciam. Lá, diferentemente da Terra, as famílias já formam os próprios grupos de trabalho das diversas comunidades planetárias.

Na Terra definimos a família como sendo uma reunião de pessoas aparentadas que vivem próximas umas das outras, afetiva ou fisicamente falando. São pessoas que têm mesma ascendência, o mesmo sangue.

Por ter sido o nosso planeta durante tanto tempo um mundo de purgação e expiação, as famílias que nele se formam são, na verdade, reunião de espíritos compromissados e que, normalmente se encontram em débito espiritual uns para com os outros, não possuindo, necessariamente, afinidade entre si.

A bem da verdade, quase sempre são adversários de vidas passadas que, sob o domínio da inevitabilidade consangüínea, são obrigados a conviver a duras penas. Com isso, quando conseguem um mínimo de sucesso, aprendem a se perdoar reciprocamente nascendo daí laços amorosos e de gratidão que promoverão no futuro, melhores condições reencarnatórias. Esse é, infelizmente, o pano de fundo espiritual da maioria das famílias terrenas.

Há uma outra característica muito representativa dessas mesmas famílias que é o fato de, espíritos já razoavelmente evoluídos, receberem como parentes companheiros de situações infelizes do passado espiritual e que ainda se encontram em condições perturbadoras, para tentar ajudá-los.

Muito mais poderia ser dito sobre esse tema mas, por não ser esse o objetivo do presente trabalho, diríamos, a título de conclusão, que, poucas são as famílias terrenas que se reúnem sob a benção da afinidade entre os espíritos que as compõem. Esse fato é emblemático em mundos atrasados. Em contrapartida, nos mundos mais evoluídos, as famílias se congregam pela afinidade entre os seus pares que professam os mesmos ideais, têm os mesmos interesses e normalmente desempenham funções profissionais dentro de um mesmo campo de trabalho.

Assim é nos mundos de Capela e em muitos outros.

No caso dos quatro personagens espirituais presentes nesta narrativa, três eram da mesma família: Val Ellieh, Val Elliah e Val Ellam. O quarto pertencia a uma outra que será descrita mais adiante.

Obriga-nos o assunto em questão, a desenvolver sucintamente um tema que é motivo de muita discussão entre diversas correntes de estudo terrenas. Refere-se ao fato de que, segundo os mentores do presente trabalho, somente o ai é onisciente e onipresente, ou seja, sabe tudo e está ao mesmo tempo em toda parte.

Quanto aos demais seres da hierarquia divina que compõem as hostes da Deidade — do chamado nível crístico para cima — da qual faz parte o Mestre Jesus, podem estar em qualquer lugar e saber qualquer coisa mas não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo ou saber de tudo a todo momento.

Esses seres independem do tempo mas têm que se deslocar porque não podem estar em todos os lugares. Assim sendo, podem harmonizar-se com o circuito de informações que desejarem mas não sabem de tudo.

Se estiverem ocorrendo fatos em muitos recantos cósmicos que Eles não saibam, é necessário que sejam informados. A partir daí, com uma simples expressão de uma das múltiplas potencialidades dos Seus corpos cósmicos, podem interagir com qualquer ambiente ou situação que desejem.

Portanto, a família Val privava de uma convivência direta com o Mestre. Sejam pelos deslocamentos constantes até Orbum, pelas visitas que o Mestre fazia a Zian ou mesmo pelos contatos que mantinham com Ele quando em missões pela galáxia.
Tão próxima era essa relação que alguns representantes dessa equipe eram chamados para algumas reuniões em Orbum.

Outro detalhe deve ser ressaltado, mesmo que também venhamos, a título de usar alguma imagem ilustrativa terrena, a distorcer algo da conceituação que queremos expor.

Refere-se ao fato de que, devido à necessidade imperiosa de permanecer muito tempo em Orbum, procedendo às tomadas de decisão quanto aos assuntos e problemas diversos sob Sua tutela, o Mestre convidava, em renovadas oportunidades, alguns membros dessa equipe para que O visitassem, a fim de conversar a respeito dos muitos aspectos que envolviam as viagens pelos recantos da Via-Láctea.

Quando isso ocorria, um dos personagens pertencente à família Val, citado anteriormente, sempre levava consigo o eu velho mestre codificador, responsável por uma espécie de departamento no planeta Zian, para onde convergiam todas as informações coletadas, não só pela familiaVal como também por todas as outras que trabalhavam nos diversos campos da pesquisa cósmica.

Esse ser -- pertencente a uma outra família cósmica —era muito respeitado e mesmo venerado por todos os cape-limos. Era Um dos poucos que o Mestre convidava para acompanhá-Lo, quando de suas incursões por mundos ainda mais adiantados que o próprio planeta Orbum.

Nunca se soube exatamente o porquê dele se apresentar com a forma de um ser venerável, aparentando bastante idade capelina. Ele era mestre de alguns membros da família Val — como também de membros de outras famílias —no campo da chamada arte da codificação cósmica.

Tal matéria tinha como base lógica a premissa de que, o todo da Deidade — e Seus atributos potencializados e perceptíveis — jamais seria inserido em alguma de suas partes, necessitando, com isso, alguma metodologia de estudo que o simbolizasse ou o registrasse em padrões resumidos, diante dos muitos níveis evolutivos existentes nos orbes espalhados pelo cosmos. Daí o imperativo da arte da codificação. Para tal mister, o atributo das conquistas morais e mentais era fator essencial para aqueles que pretendiam iniciar os seus espíritos nesse aprendizado.

O velho codificador de Zian, de sua parte, era exemplo não só desses atributos como de muitos outros. A todos enternecia com sua presença simples e amiga. Seu conhecimento era notável. Dizia-se mesmo que ele era um ser já possuidor da unidade com o Pai, mas que escolhera, voluntariamente, trabalhar nos mundos em evolução, sem ocupar qualquer cargo ou função de mandatário celeste.

Foi com ele o último contato da família Val antes de se dirigir para o planeta azul com vistas ao atendimento da solicitação do Mestre. Foi dele o último abraço que alguns poucos Wembros Val receberam antes de se deslocarem em mais uma missão de pesquisa pelo cosmos afora, aspecto ue tanto caracterizava os membros dessa família.

Coincidência ou não, quatro dessas entidades viriam a ser, no futuro longínquo das encarnações terrenas, já após exilados na Terra, exatamente aqueles espíritos que reencarnaram como dois dos membros da família Polo, um comerciante que ajudou a financiar a empreitada pelas terras do Oriente e um dos magistrados do Grande Conselho que overnava Veneza.

Laços estranhos, os do destino cósmico que, sempre reescrevendo os muitos caminhos conseqüentes às opções do livre-arbítrio do espírito, termina por colocar atores e situações a se repetirem em novos personagens e atos da grande peça existencial que é a vida cósmica do espírito eterno.

Nos tempos a que vimos nos referindo no sistema de Capela, eram, portanto, esses seres, observados com carinho e especial atenção pelos demais, por privarem da graça da intimidade com tão majestoso Ser.

Eram dias capelinos de muito trabalho e pesquisa.

Após a decisão tomada de estabelecer no longínquo planeta azul a tão sonhada base-plataforma para deslocamentos futuros, o Mestre solicitou a essa equipe que fizesse um estudo paralelo aos demais que já estavam sendo desenvolvidos por outros grupos de trabalho.

A solicitação do Mestre prendia-se a estudo específico quanto às conseqüências energéticas da instalação da base-plataforma para certo ramo de mamíferos marinhos que foram resultantes de experimentos realizados em tempo remotíssimo nos oceanos da Terra por uma outra civilização do sistema de Capela — os Ardenyanos — e que existiam, como ainda existem, nos mares do nosso planeta.

Esses experimentos visavam a semeadura de vida animal inteligente no meio aquático terrestre, já que este, diante das condições da época — há mais de cento e cinqüenta milhões de anos atrás —, era o mais propício ou, sob outra ótica de análise, o menos complicado para que esta se desenvolvesse. Começava a existir, à época dos fatos, o domínio dos dinossauros que passaram a imperar nos continentes e mares terrenos, o que tornava a existência em terra firme bastante complicada.

Mesmo já tendo existido levas de vida material pensante vindas de outros planetas que chegaram a coexistir, durante alguns períodos com aqueles animais — a muito custo aceitamos essa informação dos mentores do presente trabalho — não havia, diante das possibilidades de análises de então, condições de grandes desenvolvimentos e expectativas quanto à vida pensante nos continentes.

Apesar de também existirem membros da família dos dinossauros que viviam no meio aquático era, entretanto, principalmente nos continentes que residia a maior variedade dos grandes representantes daquela família que dominou a Terra por várias dezenas de milhões de anos. O domínio que os membros dessa família exerciam no ar e na terra tomavam insuportável a permanência das equipes, mesmo que somente em bases, durante muito tempo, no ambiente terrestre. Restava, portanto, somente o meio aquático como ambiente propício à tentativa de se potencializar algum tipo de vida pensante.

Essa era a missão dos ardenyanos que, na verdade, são seres aquáticos que habitam um planeta praticamente dominado por oceanos, no sistema de mundos de Capela.

Os estudiosos e apaixonados pelos golfinhos, baleias e outros mamíferos marinhos até hoje se intrigam diante de algumas características que eles apresentam. Não é a toa. Tempo virá em que todo esse processo será esclarecido.

Com esse objetivo a equipe deslocou-se até a Terra, estabelecendo, conforme planejamento adrede preparado, espécies de pequenas colônias em dois dos satélites de Júpiter — como também no planeta Marte onde já existira vida em um passado ainda mais remoto — para servir de base de apoio a futuras missões.

Não imaginando aqueles seres, à época dos fatos em questão, que em futuro breve estariam todos implicados em grande equívoco e, exatamente naquele belo mundo azul que estavam pesquisando, iriam eles terminar a sua longa e infelicitada rota de exílio.

II. PROBLEMAS EM CAPELA

"E o menor pretendeu conceber o maior, como se uma pequeníssima parte udesse conter o todo".

Das Crônicas de Dan.

II. PROBLEMAS EM CAPELA

CAPÍTULO UM
As inquietações de Lúcifer

Há cerca de um milhão e duzentos mil anos atrás aportavam às bases próximas à Terra as três grandes naves e toda sua logística para o início do desenvolvimento dos trabalhos solicitados pelo Mestre.

Aproveitando-se de uma base operacional que já existia em Marte e que passou a ser a principal — servindo as outras duas que também já existiam, localizadas nos satélites de Júpiter, Europa e Ganimedes, como apoio para entrada e saída no palco operacional do sistema — a equipe se preparava para travar contato com fauna e flora tão ricas na sua diversidade.

Constantemente se deslocando até a Terra para a realização dos trabalhos nos seus oceanos, toda a equipe deliciava-se com a beleza natural presente em toda parte.

Mergulhando com suas naves de apoio em diversos mares da Terra procediam os grupos de trabalho às verificações que haviam sido encomendadas tendo em vista o carinho do Mestre por todas as formas existenciais porquanto emanadas da fonte eterna do amor do Pai.

Quanto há ainda para ser esclarecido a respeito de levas existenciais, tarefas de equipes siderais e outras ocorrências que tiveram como palco os planetas Terra, Marte, e alguns satélites, como, por exemplo, os dois de Júpiter referidos anteriormente, tendo tudo isso ocorrido durante o espaço de muitas dezenas de milhões de anos atrás.

A seu turno, toda essa história de lutas e conquistas incessantes durante a longa jornada evolutiva do espírito eterno que ocorreram no nosso sistema planetário — sistema solar — será devidamente esclarecida. Até lá, contentemo-nos com a presente e modesta narrativa de apenas um milhão e duzentos mil anos atrás.

Enquanto isso, em Capela, a vida cósmica desenvolvia seu curso normalmente. As diversas comunidades planetárias continuavam nas suas lutas ascencionais, tendo, na pessoa do Mestre, o foco irradiador dos estímulos e orientações necessárias.

Entre as diversas equipes de trabalho distribuídas na grande hierarquia que assessorava o Mestre, havia uma que possuía entre os seus pares, um ser que a todos encantava com sua capacidade pessoal de desenvolver assuntos e temas dos mais diversos, abordando muitos dos aspectos da vida cósmica.

Essa equipe era especializada, por assim dizer, no estudo e desenvolvimento de padrões mentais de percepção ,— que poderíamos denominar de paradigmas da Mente Espiritual em

evolução ou qualquer outro conceito que disso se aproxime —, tanto no campo consciencial como no instintivo.

Em outras palavras, estudava a forma de se ver e perceber os aspectos exteriores da grande obra da Criação Universal, tanto da parte dos seres pensantes como também daqueles em escala existencial inferior, ainda desprovidos da luz do raciocínio mas que, através do instinto ou de outras formas perceptivas, interagiam com os ambientes que os rodeavam.

Se a equipe a que vínhamos nos referindo anteriormente — o grupo Val — era formada por 736 seres, essa possuía um número de membros bem maior. Na época dos fatos em questão era formada por 5.420 individualidades. Seus membros normalmente residiam no planeta Dan. Essa equipe era denominada por uma expressão que, aproximando-a das características terrenas, seria algo próxiio aYel.

Se levarmos em consideração que na Terra não há dois seres humanos iguais e que cada um tem uma percepção distinta das demais quanto a tudo que nos cerca, imaginemos o cosmos que palpita de vida em todos os seus recantos.

A exemplo do que aqui ocorre, podemos, também, afirmar que não existem dois seres cósmicos iguais — a não ser casos raríssimos de certo padrão de clonagem e outras experiências ainda carentes de serem entendidas pelo atual nível da percepção terrena — e que cada um, de forma singular, tem seu marco evolutivo, com suas conquistas e problemas distinto dos demais, tendo, portanto, a sua forma pessoal de ver e perceber o universo que o rodeia.

Era esse, como ainda é, o campo maravilhoso de atuação dessa equipe à qual pertencia o irmão cósmico que na Terra ficou conhecido como Lúcifer. Nos tempos de Capela, esse ser era chamado deYel Luzbel.

A essa mesma família cósmica pertencia também aquele que futuramente encarnaria na Terra como um dos apóstolos de Jesus cujo nome nos registros de Dan eraYel Liam.

Estudar, entender, catalogar e daí inferir os padrões do pensamento cósmico dos seres em evolução, de forma simplista, diríamos ser esse o objetivo maior dessa equipe.

A codificação pretendida era e é de vital importância para que haja a justiça das leis cósmicas de causa e efeito nos mundos transitórios.

Há um sentido gradualístico nas leis do carma que não foi possível, até então, ser explicado à comunidade terrena — ainda não havia chegado o momento, segundo os mentores espirituais do presente trabalho — mas que, dentro em breve, será esclarecido.

Essa graduação vibratória cármica necessita do padrão de raciocínio e percepção de cada ser para que, somente sobre suas condições conquistadas, possam versar as exigências, no campo das realizações pessoais, das leis evolucionistas presentes em todo o cosmos.

Apesar da individualidade que caracteriza qualquer ser na maioria dos padrões existenciais do cosmos — assim nos referimos porque há casos que fogem à compreensão terrena — ,

qualquer ser cósmico está situado dentro de uma certa faixa evolutiva onde os padrões de percepção, os obstáculos evolucionistas e as possibilidades de conquistas são comuns a todos que ali estão inseridos.

Sem o trabalho desenvolvido por essa equipe, outra haveria de ser a solução encontrada pelo Mestre para que o caos e a desarmonia não fossem a tônica do padrão existencial na parte do cosmos sob a Sua jurisdição amorosa. Sem a contribuição da família Yel não haveria a chamada base legal e legítima da qual tudo o mais referente às leis de causa e efeito é conseqüente.

É com base nesse trabalho que as marcações energéticas que, indelevelmente se plasmam na condição espiritual do ser a cada postura íntima assumida e/ou ato por ele praticado, são caracterizadas por um certo quantum de energia vibratória.

Essa equipe, que era bastante numerosa, possuía diversos grupos que tratavam de assuntos específicos pois Muitos eram os aspectos envolvidos na questão em estudo.

Lúcifer, de toda a equipe, era o ser que mais se dedicava à pesquisa no campo específico da percepção da Deidade pelos menores em evolução.

Na medida em que, através da simples utilização das potencialidades da mente, os seres em evolução não podiam perceber diretamente a Deidade, restava a um certo processo no campo da sensibilidade espiritual presente no íntimo de cada ser, o complemento perceptivo para que o mesmo pudesse construir uma idéia mais segura acerca da existência do Pai.

Esse certo processo sensorial — perdoe-nos o leitor pela utilização das palavras mas é muito grande a dificuldade para definir, na linguagem terrena, padrões e fatos de outros mundos que não têm similar no nosso — ou postura íntima, se comparássemos com a situação terrena, seríamos obrigados a observar sua semelhança com os sentènentos de cre,nça e fé que caracterizam aqueles que vivem na Terra.

Fato é que, estudar esse sentimento, que na verdade era uma espécie de complemento às potencialidades da mente para que se tornasse possível a percepção da Deidade, era tema central e preocupação constante do grupo específico de trabalho a que pertenciamYel Luzbel eYel Liam.

Inquietava a Lúcifer a grande diversidade de níveis perceptivos dos seres em evolução espalhados pelos muitos níveis existenciais do cosmos. E, quanto mais estudava e refletia a respeito do assunto, passava a se questionar por que seres do seu nível vibratório tinham praticamente as mesmas dificuldades dos demais que lhe eram inferiores, em termos de escala evolucionista, quanto à percepção dos seres da hierarquia divina e, em especial, a de Deus.

Percebia o Mestre porque Este, a pedido do Pai, deixou a sua condição normal de Ser Divino — cidadão e habitante de mundos superiores pertencentes ao chamado não-tempo, que nada mais é do que o nível mais elevado de existência cósmica, ou ainda, nível existencial onde se potencializam os chamados seres que já se encontram na unidade com o Pai — e veio habitar em Orbum para governar a parte da galáxia que lhe foi outorgada pelas potências celestes.

Percebia, também, alguns poucos assessores diretos que com Ele vieram para Orbum. Além desses, nenhum outro ser da chamada hierarquia divina era percebido pelos seres que

formavam a hierarquia celeste e nem por aqueles outros que evoluíam nos incontáveis tempos ou realidades transitórias espalhados por todo o cosmos.

Perceber o universo e seus muitos níveis onde ocorriam os esforços evolutivos de muitos seres não era problema para Lúcifer. Entretanto, perceber Aquele que tudo criou e Seus Prepostos na grande hierarquia divina lhe era fator de inquietação.

Aceitar que as suas poderosíssimas potencialidades mentais não podiam sequer notar a existência de certos seres de porte divino, vamos assim dizer, intermediários entre o Mestre e a Deidade, angustiava-lhe o íntimo.

Por que tinha que ser daquela maneira? Se esses seres lhe eram superiores em vibração, por que não se potencializavam de forma a serem percebidos por todos ou, pelo menos, àqueles que, como ele — a seu juízo — já tinham condições para tanto?

Lúcifer até pensava entender aspecto imperioso da questão energética que agrupa em níveis existenciais distintos — por capacidade e mérito vibratórios — os diversos seres do cosmos. Entretanto, com o passar dos tempos, não conseguia aceitar que assim fosse. Plasmava-se no seu próprio íntimo, a postura equivocada de não perceber o limite prudente da própria imperfeição e estava muito próximo de confundir o direito de questionar e solicitar esclarecimento com a atitude equivocada de exigir que seus questionamentos e solicitações fossem atendidas e, o pior, dentro de suas possibilidades de compreensão.

Muitos foram os encontros promovidos pelo grupo,.de Lúcifer em diversas comunidades planetárias para a discussão de tema tão complexo.

Praticamente, ao longo de um certo período do tempo cósmico, esse assunto foi levado a todos os conselhos locais, planetários e siderais, para a necessária avaliação já que, promovido pelo grupo Yel, que era bastante respeitado e estimado por toda a comunidade da associação de mundos coordenada pelo Mestre.

A essa altura dos acontecimentos, não havia ainda sequer o menor indício de que aquela simples e edificante discussão acadêmica viesse a se transformar em rebelião ou em ocorrências do gênero.

Os debates que aconteciam em todos os lugares eram tidos honestamente por aqueles que deles participavam —inclusive pelo próprio Lúcifer — como um assunto a mais a ser estudado como fator de evolução para todos.

É importante frisar que a aceitação das diretrizes dos Prepostos da Deidade, incluindo as do próprio Mestre, são baseadas na convivência fraterna, no esclarecimento íntimo e na adesão espontânea de cada ser. Jamais alguma coisa ou fato tem que ser aceito por qualquer tipo de imposição.

As leis que existem nos sistemas mais evoluídos da associação de mundos a que pertence a Terra têm por base a aceitação livre e consciente, por parte dos cidadãos, de seus preceitos, e, por conseguinte, o enquadramento de suas posturas e atitudes, de forma espontânea, dentro dos critérios dessas mesmas leis.

Os que muito amam jamais impõem qualquer tipo de jugo a não ser o do próprio sentimento amoroso — elo maior entre todos os seres do cosmos e entre esses e o Pai Amantíssimo.

Por isso Jesus dizia e ainda nos diz: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve"(-Mateus, 11: 28-30).

Não havia ainda, portanto, nenhum tipo de preocupação com o assunto enfocado pelo grupo Yel. Os diversos aspectos da questão exteriorizados pelos membros do grupo e, em especial, pelo próprio Lúcifer, durante as muitas oportunidades em que o assunto foi avaliado, estavam longe de se transformar em fator de contaminação psíquica ou deletéria para os que delas participavam porquanto de bom grado e com os melhores propósitos é que essas reuniões eram conclamadas.

Os próprios assessores diretos do Mestre delas participavam fornecendo as suas opiniões e versões outras que eram ofertadas pelo próprio Mestre, visando o esclarecimento de todos.

Ainda reinava a paz na mente e nos espíritos de todos os seres que formavam o rebanho cósmico que tinha na pessoa do Mestre o grande preposto do amor do Pai. Mas, por pouco tempo!

II. PROBLEMAS EM CAPELA

CAPÍTULO DOIS
Os postulados.

Dissemos anteriormente que, o Mestre, a pedido do Pai, deixou a Sua condição de Ser Divino — cidadão do nível existencial-vibratório onde estão congregados os mundos classificados como superiores — e, juntamente com alguns assessores que pertenciam a certos níveis primários da grande hierarquia divina, mas que ainda não estavam investidos da condição crística de união com a Deidade, veio habitar com essa equipe no planeta Orbum.

Esse grupo de assessores era formado por exatos vinte e quatro seres que privavam de unidade psíquica e vibratória com o Mestre. Destes, sete tiveram as suas atenções voltadas para a situação dos mundos rebelados após a deflagração do movimento luciferino. Os outros continuaram a auxiliar o Mestre na administração das demais áreas afeitas a sua jurisdição.

Era missão desses sete acompanhar o problema mais de perto. Assim, eles viriam a ter toda uma história conjunta com os seres que equivocadamente seguiriam Lúcifer.

Como já anteriormente descrito no livro Reintegração Cósmica, após os rebelados terem ultrapassado aquele ponto do qual não mais se retorna, ou seja, quando as hostes da Deidade perceberam que não era mais possível evitar a eclosão do movimento rebelde e as conseqüências dele resultantes, foi determinado que todos eles Seriam congregados em dezenove orbes e mais alguns satélites planetários que, a seu turno, teriam seus circuitos de convivência cósmica cortados, formando uma espécie de ilha cósmica que permaneceria em quarentena até segunda ordem.

Devemos, entretanto, ressaltar, que essa espécie de ilha cósmica não deve ser entendida em termos de proximidades astronômicas pois, na verdade, os mundos rebelados formaram como que um conjunto ou unidade vibratória de mesmo padrão de perturbação que os distinguia dos demais.

Esses sete assessores do Mestre e mais uma grande equipe de seres pertencentes a muitos orbes e diversos níveis existenciais, teriam, a partir daí, a missão de acompanhar esses mundos.

Essa plêiade de seres — que na tradição esotérica terminou por ser conhecida como anjos, arcanjos, etc., — dividida em departamentos de trabalhos distintos, que forma o conjunto global da atuação amorosa do Mestre junto aos mundos problemáticos, nada mais é do que irmãos nossos que vivem em outros ambientes siderais, sendo, portanto, considerados extraterrestres.

Esses seres, ao cumprirem seu ministério amoroso de acompanhamento e ajuda aos seus irmãos terráqueos ao longo da nossa história, sempre que registravam suas presenças pessoais

junto à comunidade terrestre, fossem a serviço de divulgação de mensagens — a Anunciação do nascimento de Jesus a Maria, os avisos a José referentes à verdadeira procedência dAquele que iria ser seu filho, como também à orientação de dirigir-se ao Egito durante o massacre dos inocentes que iria ser perpetrado por Herodes — de observação ou mesmo de acompanhamento, eram tidos, pelo pouco ou quase nenhum conhecimento dos que o conseguiam perceber, como anjos que vinham do céu...

Esses irmãos na realidade deslocam-se até o nosso planeta através de naves que, em aqui chegando, permanecem estacionadas em bases próximas à Terra, e dependendo do nível energético ou condição vibratória de que são portadores, potencializam-se até o ambiente terrestre utilizando os seus corpos especiais em projeções de toda ordem que encanta a quem as consegue perceber.

Devemos ressaltar que seres extraterrestres pertencentes a outros níveis evolutivos também se fizeram presentes em algumas páginas da história terrena e, da mesma forma que os assessores do Mestre, foram também classificados de anjos, deuses, etc... A seu tempo esses fatos serão esclarecidos.

E assim que esses irmãos a quem tanto devemos têm nos acompanhado ao longo da nossa história, sem poderem, entretanto, aparecer de todo, em obediência a uma espécie de decreto divino que, por força dos erros dos seus habitantes, isolou a Terra — desde a saída de Jesus do ambiente terreno — de qualquer convivência cósmica direta, até que o conjunto de seres que nela habitavam e habitam conseguisse produzir ambiente energético que propiciasse condições a sua reintegração à convivência cósmica.

Como todos os outros orbes rebelados já foram reintegrados à grande família sideral, à exceção do nosso planeta que, aproximadamente há cerca de cem mil anos terrestres é o único que ainda ostenta a equivocada condição energética de rebelado ante as leis cósmicas, esses seres acompanham diretamente com o Mestre, na atualidade, a situação planetária terrena, por ser o único e último repositório do grande problema cósmico.

É conveniente lembrar que na Terra está congregado o que ainda resta ou o que de pior havia da rebelião de Lúcifer.

Aqueles que na Terra ficaram conhecidos como anjos ou arcanjos Gabriel, Miguel e Rafael, nada mais eram do que três dos sete assessores já referidos.

Bastante diverso é o entendimento das muitas culturas e tradições religiosas a respeito desses seres classificados como anjos. Ao que fomos informados, tudo o que existe na cultura terrena a respeito desse assunto é apenas o vislumbre de uma equipe de trabalho formada por seres de diversos níveis de potencialidade e graduação espiritual.

Tantas foram as notícias perdidas na noite dos tempos quanto a muitos desses trabalhadores celestes que acompanharam Lúcifer no seu equívoco como também em relação àqueles que permaneceram fiéis ao Mestre que, na atualidade, existem heranças culturais e religiosas de diversas ordens, a respeito desses seres.

Os verdadeiros registros, ou melhor, as informações legítimas a respeito deles, sucumbiram com o último e mais recente desastre dos atlantes, restando, em certa página da história dos sumérios, outras notícias de um certo grupo de seres extraterrenos que também foram tomados por deuses, etc.

Desde então, o que se escutou falar ou o que ficou registrado acerca dessas personagens celestes nas muitas escolas iniciáticas e doutrinas secretas ao longo da história da humanidade, deixou a desejar em termos de exatidão, apresentando muitas opiniões diversas e distorções de toda ordem.

Somente para termos idéia, na atualidade terrena existem, aproximadamente, mais de uma dezena de respeitáveis opiniões classificatórias apenas no que se refere à quantidade das chamadas ordens celestiais — grupos nos quais estariam distribuídos essas personagens celestes — e suas denominações.

Apenas a título de informação geral e, para melhor caracterizar as informações que serão prestadas adiante, vamos apresentar algumas dessas classificações.

Conforme Santo Ambrósia nove são as ordens celestiais, a saber: Serafins, Querubins, Dominações, Tronos, Principados, Potestades, Virtudes, Arcanjos e Anjos. Segundo São Jerônimo, seriam sete. Já conforme as tradições do Torá, dez seriam as ordens celestiais.

A Igreja Católica classifica os chamados bons anjos em nove coros de importância decrescente apesar de tal classificação não ser submetida a ato de fé, a saber: Serafins, Querubins, Tronos; Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos. Dizemos bons anjos porque, segundo o catolicismo, existem os bons (Miguel, Gabriel, Rafael, denominados na Sagrada Escritura) e os maus (Satã, Belzebu).

Outra classificação bastante complexa é a atribuição a diversas personalidades celestes de pertencerem a essa ou àquela ordem celestial.

Para alguns, Satã pertencia à ordem dos querubins, antes de sua queda. Para outros fazia parte das potestades. Já, conforme outras opiniões, ele seria um arcanjo. Da mesma forma Lúcifer também é tido por muitos como um anjo ou arcanjo decaído.

Pouco importa quantas e quais são as ordens ou grupamentos dessa hierarquia celeste e suas respectivas denominações. Também não é relevante para o momento planetário se Gabriel é anjo ou arcanjo ou mesmo se Lúcifer pertencia a essa ou àquela ordem.

Tudo o que precisamos entender é que existe uma verdadeira equipe de trabalho de seres celestes que assessoram o Mestre a que estamos denominando de hierarquia celestial. Esses seres estão distribuídos em diversos grupos afins, como já explicado anteriormente. E que no passado remoto, Lúcifer e Satã, por exemplo, eram individualidades que pertenciam a ordens celestiais elevadas mas que resolveram se rebelar contra o Mestre.

Gabriel e Rafael, por exemplo, eram — como ainda o são — assessores do Mestre pertencentes a uma ordem cósmica elevadíssima se comparada àquelas a que pertenciam Lúcifer e Satã.

E mais ainda: que muitos espíritos que estão no presente momento planetário personificando, através do processo de reencarnação, homens e mulheres do mundo terreno, ao tempo a que nos referimos, eram, também, seres de razoável bagagem cósmica que pertenciam a ordens mais modestas dessa hierarquia celestial, mas que, também por equívoco, resolveram seguir os postulados de Lúcifer.

Para melhor entendimento, devemos ressaltar que nada mais distante da realidade cósmica do que o conjunto de vários conceitos e funções disseminado na cultura terrena da atualidade a respeito desses seres. A realidade da chamada hierarquia celeste está muito distante do que hoje se pretende entender sobre anjos e arcanjos.

- A forma como esses seres vivem e trabalham, as suas funções na grande hierarquia que assessora o Mestre, o relacionamento inerente às suas atividades com as diversas realidades existenciais e, em especial, com os mundos espiritualmente atrasados, como o caso da Terra, a seu turno serão devidamente esclarecidos. Surgirá o momento propício quando o assunto estiver mais amadurecido.

Compreender para crer, ainda é a melhor conduta para a nossa atual situação vibratória. Entretanto, não se deve aniquilar a crença daqueles que crêem cegamente porque seria tirar-lhes repentinamente o chão em que estão apoiados e isso poderia causar"queda" bastante dolorosa em seus padrões psicológicos.

São tantas as obras a respeito de anjos — assunto da moda atual nesses últimos anos do segundo milênio — que não julgamos conveniente dissertarmos mais a respeito. Haverá o tempo certo para tudo.

É de se lamentar apenas que, habitantes de níveis celestiais de tamanha potencialidade cósmica estejam se transformando, ante o consumismo fácil de processos pouco profundos de informações esotéricas, em seres que pouco ou nada têm a fazer a não ser traficar bobagens para atender às tolices dos seus pretensos protegidos. Tola ilusão. Ademais, é vulgarizar uma classe de seres cósmicos com ocupações que nem mesmo certos espíritos necessitados ou brincalhões — de desencarnados — de tais se ocupariam.

O papel de anjo da guarda foi sobejamente explicado pela codificação espírita quando nas referências aos espíritos amigos e protetores que nos cercam o concurso terreno a fim de orientar, ajudar e proteger, conforme orientação do Mais Alto.

Esse papel, na realidade terrena, cabe aos espíritos amigos desencarnados. Jamais a seres extraterrestres, sejam eles denominados de anjos, arcanjos, de extradimensionais, tripulantes siderais, o que seja. Esses seres, eventualmente, podem acompanhar temporariamente — dos ambientes astrais planetários — um ou outro encarnado com vistas a algum tipo de missão.

Gabriel, portanto, foi um dos que, juntamente com Rafael, Miguel e outros, vieram acompanhando o Mestre na missão de governar a parte do cosmos que Lhe foi outorgada. —

Esses seres, por ainda não terem atingido a graduação cósmica do denominado nível crístico, possuem uma espécie de complemento corporal que lhes estão magneticamente imantados às suas formas corpóreas e que, diante da visão alheia, mais se parecem com asas.

São como que milhares de chips interligados uns aos outros que, quando acionados pela própria emissão vibratória da vontade mental do ser, assumem espécie de coloração luminosa diversificada que realmente encanta a quem teve ou tiver a graça de percebê-los.

Os chamados anjos e arcanjos ou seres alados são, na verdade, os assessores mais próximos ao Mestre que, para poderem com Ele conviver e prestar-Lhe a devida assistência funcional, necessitam do concurso dessa majestosa tecnologia que, sob a forma de asas ou o que a tal se assemelhe, congrega um nível de conhecimento e possibilidades que a muitos chocaria.

É importante ressaltar, que na área cósmica em que vivemos, há mais duas outras classes de seres alados — dentro do que nos foi informado — que têm características bastante diversas das que normalmente apresentam os seres que formam a assessoria mais próxima do Mestre.

Superficialmente — esse assunto será devidamente desenvolvido em trabalhos futuros — informaríamos que uma delas é proveniente de três planetas do Sistema de Antares que forneceram exilados para a Terra durante um curto período da rebelião de Lúcifer e que tem relação direta com alguns dos lendários deuses que constam de muitas lendas e histórias de certas regiões planetárias. A outra, também do Sistema de Antares, é característica existencial de um certo planeta onde, literalmente, os seus habitantes possuem, além de outros membros corporais, um conjunto de asas característico dos seus corpos.

Por falar nesse tema, existe um livro chinês, o Shan-haiching, que faz referência a uma raça humana dotada de asas chamada Miao. Essa raça, por volta de 2.500 a.C., teria se desviado dos ensinamentos do Senhor do Alto, sendo castigada com a perda da capacidade de voar, conforme ali narrado. Não seria uma reminiscência do exilo ocorrido em tempos imemoriais?

Voltando aos assessores do Mestre, imaginemos uma mente espiritual ligada a portentosos computadores, numa troca incessante de informações, com a conseqüente elaboração de possibilidades em todos os campos das ciências cósmicas. Agora, uma outra mente, com os seus respectivos arquivos, que tivesse à sua disposição todas as informações das diversas reencarnações de cada um dos bilhões de espíritos congregados na Terra, com a necessária avaliação cármica de todos os atos praticados e as conquistas alcançadas. E por aí vão exemplos dessa tecnologia da qual a humanidade terrena não tem sequer a mais pálida idéia e que caracterizam o potencial desses seres.

Cada ser dos que pertencem a esse quadro de assessoria do Mestre tem a sua função específica quanto a esse mister. A cada um é dado portar uma espécie de maestria referente a assunto ou tema específico da administração cósmica.

Para que um ser se torne habilitado, em termos de condição energética, a fim de que seja possível receber a imantação desse complemento corporal, é assunto que não nos propomos levar adiante por não ser este o tema central deste trabalho.

Tudo o que, por enquanto, podemos afirmar é que tais seres existem, residem temporariamente em Orbum, na companhia do Mestre, assessorando-O em todas as áreas de Sua atuação, deslocam-se em naves mas também podem fazê-lo de forma projecional e que trabalham diretamente ligados aos chamados ministérios de Orbum e aos conselhos diretores intersistêmicos e de mundos específicos.

Foi exatamente entre esses seres que começou uma espécie de desassossego por terem percebido ou antevisto a possibilidade da ocorrência de problemas com a postura de Lúcifer.

Conversaram com o Mestre e Dele escutaram que já havia sido detectado por Aqueles que assessoram diretamente ao Pai, a vibração de inquietude que começava a dominar a consciência cósmica de Lúcifer.

E antes de seguirmos adiante nos obrigamos a algo explicar a respeito dos níveis conscienciais do ser, mesmo que superficialmente, porque será assunto a ser desenvolvido no futuro.

Esclarecem-nos os mentores deste trabalho que há quatro níveis de consciência básicos — entendendo-se por consciência a capacidade potencial de pensar, de estabelecer avaliações morais dos atos praticados e de, por eles, ser responsabilizado ante às leis divinas que regem a evolução cósmica — nos quais estão mergulhados todos os seres em evolução do cosmos:

— cérebro físico temporário: quando a individualidade cósmica encarna em corpos transitórios cuja sede perceptiva somente apreenderá o que por ela for percebido durante a existência temporária do corpo físico. Em outras palavras, os homens e mulheres do mundo terreno apenas podem entender o que pelos sentidos cerebrais — os cinco sentidos básicos do corpo humano — que caracterizam a vida na Terra, puder ser percebido. O conhecimento desse cérebro será apenas aquele que for adquirido em uma encarnação pois esse cérebro nasce e morre com o corpo físico. Tudo o que nele fica registrado é automaticamente registrado na mente espiritual e, por conseguinte, na consciência cósmica do ser.

— mente espiritual: mente atemporal, ou seja, não deixa de existir com a morte do corpo físico-transitório já que, após a morte deste, passa a ser automaticamente a sede consciencial do ser, posto que está contida na essência do próprio espírito. Acompanha-o em todas as encarnações que o mesmo realiza em corpos transitórios, tendo, por isso, o registro próprio de todas as vidas levadas a efeito num dado ambiente planetário. Normalmente vibra com a situação energética do orbe em que está inserida.

Quando o ser que está encarnado dorme, ou seja, quando o cérebro físico-temporário está parcialmente aniquilado durante o sono fisiológico, essa mente espiritual desperta e passa a comandar o espírito durante as suas atividades e vivências que normalmente realiza enquanto o seu corpo transitório repousa durante o sono reparador.

Da mesma forma que toda a água do oceano não cabe em um simples copo, toda a vivência da mente espiritual também não consegue se encaixar no cérebro temporário. Dessas vivências, o ser somente terá sonhos, reminiscências e/ou sensações fugidias do que ocorreu enquanto dormia, porque o seu cérebro somente conhece a presente vida encarnada e nada sabe — através de conhecimento ou vivência própria — sobre a vida espiritual.

Ao desencarnar, já liberto do corpo físico, o ser terá ativada a sua mente espiritual que passará a lhe comandar os passos enquanto estiver nos ambientes espirituais que normalmente envolvem os mundos físicos. Nessas realidades existenciais, ou seja, nos ambientes espirituais, tudo o que aí se passa também fica registrado na consciência cósmica do ser.

— consciência cósmica: quando tudo o que já foi vivido e experimentado pelo ser fica potencializado em uma condição existencial ainda transitória, só que não mais em mundos perturbados e/ou atrasados, mas sim em mundos adiantados onde o ser normalmente já se potencializa com a sua personalidade cósmica.

Essa condição existencial é uma espécie de longuíssimo estágio, pois pressupõe uma série de potencializações do ser — vidas onde o ser não nasce nem morre mas simplesmente acontece em avançado estágio de conquistas mentais e morais — em diversos níveis existenciais adiantadíssimos, se comparados com a situação terrena. Exemplo típico desse caso são as situações existenciais de diversos planetas dos sistemas de Capela, Vega e Tau Ceti.

Ao final dessa etapa existencial o ser está habilitado a atingir a chamada condição crística, ou seja, passa a fazer parte dos níveis existenciais onde todos os que ali vivem tornam-se uno com a Deidade.

— uno com a Deidade: o ser, além de existir na sua própria personalidade cósmica e, portanto, já liberto de situações energéticas comuns aos diversos níveis existenciais em evolução, passa a conviver nos chamados mundos superiores onde todos gozam da convivência direta com o Pai.

É o chamado não-tempo ou, se quisermos, o verdadeiro paraíso.

O incrível é que, conforme nos informam os verdadeiros autores do presente trabalho, não existem dois seres que tenham o mesmo nível de evolução ou, em outras palavras, o mesmo marco evolutivo em nenhum desses estágios da consciência do ser.

A título de exemplificação, no caso mais primário, que é a nossa condição de espíritos reencarnados na Terra, não há duas pessoas que possuam o mesmo padrão vibratório, sendo cada um de nós detentor de uma condição espiritual que o distingue dos demais. Assim é em todos os níveis da vida cósmica.

A diversidade é, realmente, um dos atributos da Deidade plasmada em toda Sua Grande Obra.

O Pai criou a diversidade. Nós criamos as diferenças. Deus nada tem a ver com as diferenças profundas que marcam a existência terrena. Elas foram e são produtos da nossa própria incapacidade de amar ao próximo. Quando não amamos uns aos outros, conseguimos produzir

histórias semelhantes às que hoje caracterizam a vida humana na Terra. E muitos ainda dizem que o Pai Celestial foi quem criou as brutais diferenças entre os terráqueos. Onde fica o livre-arbítrio? E as relações de causa e efeito?

As leis constantes nos postulados das ciências exatas dispõem a respeito das trajetórias dos elétrons em tomo do núcleo, dos planetas ao redor das estrelas e tudo mais que existe no universo físico observável. Mas quem ou o quê determina as trajetórias existenciais dos seres pensantes pelo cosmos afora, se não as leis de causa e efeito, ação e reação, conseqüentes ao livre-arbítrio dos mesmos?

Ou será que Deus tem preferência por este ou aquele grupo de filhos e filhas? Se nós, que somos pais e mães imperfeitos, não procedemos dessa forma, será lícito supor que alguém mais inteligente e sábio que nós assim agiria?

Lúcifer e todos os demais personagens dessa história, portanto, estavam inseridos na condição existencial característica dos seres que possuíam ou estavam investidos da chamada consciência cósmica.

Dizíamos que alguns seres que assessoravam a Deidade já tinham, vamos assim dizer, avisado ao Mestre quanto à questão vibratória de Lúcifer.

Toda a equipe do Mestre passou a acompanhar o desenvolvimento das questões cruciais promovidas pela família Yel que estavam sendo avaliadas nas diversas moradas dessa parte do cosmos. Era, por assim dizer, o assunto que estava em foco.

Gabriel tomou a iniciativa de convidar Lúcifer para a conversação fraterna em tomo dos ideais que surgiam como conseqüência das posturas de não aceitação dos limites vibratórios inerentes à condição conquistada por cada ser.

Lúcifer, mesmo sendo possuidor de condição existencial inferior à de Gabriel, tanto no que se referia ao campo da vibração pessoal como também em termos de graduação cósmica, resolveu afrontar quem quer que lhe argumentasse` qualquer coisa e, em especial, quanto à questão de que a humildade era também fator de evolução o que, no caso, era exatamente a componente vibratória que estava a lhe faltar, causando, com isso, uma certa cegueira ou barreira perceptiva que o impelia a tais atitudes.

Mas o problema da rebelião de Lúcifer não ocorreu de uma hora para outra. Se enquadrássemos o que lá ocorreu dentro da psicologia do tempo terrestre, diríamos que esse processo foi se desenvolvendo ao longo de muitos anos dos tempos de Capela.

Por muitos espaços de tempo, no fuso horário cósmico, essas discussões ocorreram, contando sempre com o beneplácito do Mestre que a todos escutava e orientava com o Seu jugo suave. Gabriel havia tentado, em diversas oportunidades, esclarecer alguns pontos que estavam sendo levantados por Lúcifer como sendo carentes de explicação. Não lograra resultado.

Muitos confundem, inclusive, o encontro ocorrido em um dos mundos de Capela entre as hostes do Mestre que, na oportunidade estavam sendo coordenadas por Gabriel, e a falange luciferiana, com o que viria a ser descrito mais tarde no Apocalipse de São João. Este último, na

verdade, retratou um problema ocorrido nos ambientes astrais terrenos, logo após a crucificação de Jesus, e que foi entre Miguel —que na época coordenava as equipes do Mestre que estavam trabalhando nos astrais terrenos — e Satã, que se apresentou acompanhado do que restava do exército da rebelião.

Mesmo com todo o esforço desenvolvido pelos assessores do Mestre em todos os mundos por onde Lúcifer semeara a sua inquietação, o problema começava a assumir proporções angustiantes pois, a cada palestra de Lúcifer, nesse ou naquele ambiente planetário, a sua forte condição psíquica impregnava boa parte dos que o escutavam ou que com ele trocassem idéias.

Para que possamos ter uma pálida visão de todo esse processo, é necessário que entendamos o tipo de interação energética que ocorre na convivência entre os seres por todo o cosmos.

Seja na Terra ou em um mundo evoluído, basta que dois seres se olhem para que haja troca de energia. Ao apertarem as mãos ocorre mais ainda o processo de permuta energética, por mais rápida e aparentemente insignificante que possa ser o contato, pois as condições energéticas de ambos sofrerão invariavelmente a influência recíproca. Ao se abraçarem ou terem algum tipo de relação mais íntima, a troca se processará em níveis de influência que a muitos surpreenderia. Nos exemplos aqui citados, todos estão em atitude ativa, ou seja, ambos estão se olhando, se abraçando, etc.

Nos casos em que alguém fala (atitude ativa) e um outro escuta (atitude passiva), o primeiro impregnará o segundo com a sua energia pessoal, através de suas vibrações ou de seu magnetismo, e será inevitável que a condição energética daquele que escuta — desde que este último tenha padrão energético semelhante ou inferior ao de quem está a influenciá-lo — fique muito ou pouco impregnado pelas vibrações do outro. Se o que escuta possuir padrão vibratório superior ao do que está falando, tal influência não se dará necessariamente, podendo ocorrer ou não.

Quando no futuro, a ciência terrena estudar a fundo as potencialidades do Espírito, terminará por perceber os aspectos acima enunciados. Por enquanto, ainda estamos tentando perceber se verdadeiramente temos ou não um espírito animando o corpo terrestre. A bem da verdade, nem com isso ainda se preocupam muitas das boas cabeças dos que vivem na Terra, independente da profissão que abracem, o que é uma pena. Falta-lhes, realmente, espírito para tanto. Mas tudo a seu tempo.

No caso de Lúcifer, decorridos alguns "anos capelinos" desde o início do processo, bilhões de seres que o escutaram e que com ele tiveram contato nas diversas oportunidades em que os temas foram discutidos, encontravam-se impregnados com as vibrações luciferinas. Era uma espécie de contágio energético-mental que até hoje continua a ser avaliado nos laboratórios de diversos mundos da nossa área cósmica.

Em uma das últimas reuniões de que ele participou, foi apresentado o conjunto dos seus postulados que, em linhas gerais, referia-se à aparente injustiça que era praticada com os seres ainda em processo de evolução retardada em relação às conseqüências cármicas pelos mesmos sofridas. Em especial enfocava a dúvida quanto à(s) prova(s) concreta(s) da existência do Pai

Universal e de que esse mito fora criado para que, em seu nome, a governadoria celeste pudesse ser exercida.

Quando o processo deflagrado por Lúcifer já estava —tal qual uma espécie de câncer — a penetrar em todas as células das famílias daqueles mundos, o Mestre o convidou para uma conversa pessoal cujo teor até hoje sequer foi registrado nos anais de Orbum.

Após essa conversa Lúcifer não mais se apresentou naquele mundo e, retomando para o planeta Dan, onde era a sede de sua família, isolou-se de todos por longo tempo.

Tal atitude gerou uma série de ocorrências no grupoYel que terminou por fragmentar-se em alguns subgrupos com posturas diversas. Essa crise que se iniciou com a desagregação da famíliaYel, até os dias terrenos atuais não foi resolvida.

Alguns defendiam amorosamente a internação de Lúcifer para os necessários reajustes. Outros achavam que Lúcifer, mesmo estando certo quanto à procedência das dúvidas, não estava conseguindo controlar as suas próprias vibrações e isso estava lhe causando alguma espécie de doença passageira e que ele deveria se submeter aos aconselhamentos da equipe do Mestre. Havia, também, aqueles que achavam que ele estava coberto de razões tanto na questão conceitual dos questionamentos como também no fato de assumir postura mais forte diante da ausência de repostas e demonstrações, por parte do Mestre e de Sua equipe, quanto à existência da Deidade e outros aspectos.

As notícias se espalharam em ritmo veloz.

Havia, realmente, a possibilidade de Lúcifer ser internado ou mesmo proibido de continuar a divulgar as inquietações que traziam consigo a propagação de vibrações deletérias que a muitos estava prejudicando.

Alguns Mentores Cósmicos chegaram mesmo a propor tais medidas. O Mestre contrapôs-lhes os argumentos demonstrando que, se assim fizesse, piores ainda seriam as conseqüências para todos os que já estavam contaminados com os ideários luciferianos.

Se Lúcifer fosse detido ou algo semelhante, além de ser o lider de um movimento, poderia tornar-se também vítima de um processo que em nada ajudaria a resolução do problema. Ao contrário, a tudo pioraria pois o que mais importava — que era esclarecer as dúvidas de Lúcifer e de seus seguidores — ficaria escondido diante da avalanche de sentimentos menores que começavam a brotar do íntimo dos seres rebelados.

O Mestre resolveu, portanto, dar livre curso ao livre-arbítrio de todos. Era o único caminho a ser seguido pela coerência do amor e da justiça que imperam no cosmos.

II. PROBLEMAS EM CAPELA

CAPÍTULO TRÊS
Influência Luciferina.

Quanto mais evoluído for um sistema de mundos maior será a propagação dos efeitos vibratórios conseqüentes às atitudes íntimas dos seres que ali vivem.

Por isso individualidades muito perturbadas, cujas vibrações provocam desarmonia no ambiente em que se encontram, não podem adentrar moradas celestes desenvolvidas.

Nesses mundos, tudo o que sai do íntimo do ser ou o que por ele é emanado, propaga-se de tal forma que, a atmosfera que os rodeia fica impregnada pelos fluidos dos seus habitantes. Devido a uma característica especialissima de ambientes vibratórios desse porte, esses fluidos retornam "através do ar que respiram" para eles mesmos, como espécie de alimento etérico que é parte do processo alimentar dos seres que ali vivem.

Todos os sentimentos, sensações, pensamentos, posturas íntimas, atos e atitudes de cada ser compõem a sua cóntribuição particular para a formação da atmosfera energética desses mundos.

Quando um de seus habitantes, independente da posição hierárquica que esteja investido, começa a apresentar problemas vibratórios, o ambiente energético ao seu redor começa também a se caracterizar pela presença de certas distorções magnéticas, o que é bastante desagradável para quem com tais emanações não se afina.

Esses problemas são até percebidos visualmente pelos que estejam convivendo com o ser doente. É uma espécie de febre vibratória que é facilmente perceptível por todos, devido às características energéticas dos ambientes mais desenvolvidos.

Por essas e outras é que um ser pouco evoluído, que tem o estado íntimo de seu espírito caracterizado por inquietações de toda ordem — como é o caso dos terráqueos — não pode ainda habitar mundos mais adiantados na escala evolutiva. As nossas vibrações são tão inquietantes que causariam uma verdadeira explosão deletéria na atmosfera desses mundos.

O interessante é que aqueles a quem consideramos santos ou espíritos muito evoluídos que por aqui passaram, simplesmente conseguiram atingir esse marco diante da humanidade pelo fato de, aos olhos alheios, terem vivido de uma forma que serve de exemplo para todos nós. E não estamos nos referindo aqui aos grandes mestres da humanidade que passaram pela Terra, mas sim, aos que simplesmente conseguiram tornar as suas vidas relevantes e dignas diante do julgamento alheio.

Entretanto, é interessante notar que eles não tinham vida íntima pacificada. Ao contrário. Tiveram que lutar muito contra os próprios instintos e tendências para poderem exteriorizar apenas o que fosse construtivo.

Na verdade, a maioria teve e tem o grande mérito de, mesmo sem conseguir impedir que certos sentimentos, certas vontades e inclinações surgissem no interior de seus espíritos, conseguiam, sim, controlar tais impulsos através do esforço meritório da renovação íntima.

Esses — os que conseguiram superar a si mesmos —foram, na realidade, os que poderiam ser considerados como grandes espíritos que passaram na Terra, pois mesmo sentindo no íntimo a herança quase irresistível dos atos imperfeitos do passado, conseguiam superar toda essa herança espiritual de si mesmos através do autocontrole, da busca incessante do autoconhecimento. Sem essas ferramentas, ninguém conserta a si mesmo. Não há outro caminho a não ser a luta travada no silêncio e na solidão da própria alma.

Pois muito bem. Nos mundos mais adiantados, esses mesmos espíritos que na Terra consideramos como bem mais evoluídos que a média da humanidade, sequer conseguiriam neles viver. Teriam que primeiro se educar interiormente para dar fim à vida íntima ainda bastante agitada.

Mesmo conseguindo controlar a carga vibratória que lhes vem lá de dentro antes de ser potencializada em atitudes, ainda assim eles não poderiam adentrar nesses mundos, porque lá, basta pensar ou sentir de forma desequilibrada para alterar a atmosfera energética ao seu redor.

Reflitamos, portanto, quanto ao que ainda temos que evoluir para reconquistar um estado íntimo que um dia tivemos — o do autocontrole e da paz de espírito — mas que perdemos completamente devido a uma doença vibratória. ou câncer energético que terminou por decompor nossas expressões corporais ligadas ao Eu mais profundo.

Em palavras simples, a rebelião de Lúcifer nada mais foi do que uma doença vibratória, uma espécie de febre energética que vitimou a todos os que se permitiram com ela sintonizar. Depois de afinados com a vibração perturbada é muito difícil EScair, pois, nesses casos, o remédio nãopode ser encontrado nem adquirido em nenhum outro local a não ser rio íntimo dô Próprio espírito.

Se apenas um ser doente já perturba substancialmente a atmosfera desses mundos, imaginemos o tamanho do problema quando bilhões de seres espalhados em diversos orbes começaram a apresentar grau de compatibilidade vibratória com tais emanações fluídicas. Além disso, delas se alimentando e, ao mesmo tempo, contribuindo com suas vibrações doentes para a desarmonia que, a essa altura, era fator de preocupação para todos.

Apenas a título de ilustração, esse processo também ocorre na Terra só que de forma mais discreta, devido ao baixo poder de percepção do ser terreno como também pelas baixas e pesadas vibrações que ainda caracterizam o nosso mundo.

É bom mesmo que não possamos enxergar o que se passa ao nosso redor no que se refere às nossas próprias emanações fluídicas e da influência destas no ambiente psíquico do planeta.

Melhor ainda é não atentarmos para o fato de como essa atmosfera envolve a todos nós e, em especial, àqueles que especificamente a geraram, porque se a tudo isso percebêssemos, seguramente seria bem maior o nível de loucura entre os habitantes do planeta.

Pelo menos para isso serve o baixo padrão vibratório que nos envolve: não nos permite perceber um palmo diante do próprio nariz. Entretanto, levando-se em consideração o assunto enfocado, até que nesse caso tem o seu lado aparentemente positivo.

Nos mundos evoluídos, entretanto, a situação vibratória é propícia à percepção das emanações fluídicas e de outras ordens.

Devido a isso, certos ambientes antes considerados paradisíacos — se comparados aos da Terra — encontravam-se profundamente abalados como se tempestades devassadoras por ali tivessem passado e a tudo desorganizado, intoxicando o ambiente com emanações deletérias e perturbadoras.

Os seres que não haviam ainda se contaminado com a influência luciferina encontravam-se próximos ao limite da capacidade de suportar a convivência com padrões vibratórios tão complicados.

Foi quando o Mestre determinou — por não haver mais nenhuma possibilidade de se resolver o impasse energético criado — que todos os seres rebelados fossem agrupados naqueles mesmos mundos onde já existiam condições energéticas perturbadas pois, para esses orbes, estava se dirigindo, constantemente, fluxo incessante de viajantes que buscavam melhor posicionamento estratégico diante do problema.

Com o passar do tempo e de forma natural, devido às condições energéticas reinantes, dezenove orbes terminaram por reunir, nos seus ambientes existenciais, a maioria dos seres problemáticos, pois ainda havia diversos grupos de rebeldes que insistiam em permanecer nos seus mundos de origem e outros que, hesitantes, ainda não tinham se definido quanto ao rumo a ser tomado pelos membros de suas famílias.

De fato, a contaminação psíquica promovida por Lúcifer, tal qual doença epidêmica que se propaga, havia marcado indelevelmente as condições espirituais de bilhões de seres, e, somente eles próprios poderiam, no futuro, promover a própria renovação íntima para buscarem a redenção de seus espíritos.

Em palavras simples diríamos que não havia médico disponível para tanto doente e nem essa doença podia ser tratada com medicamentos exteriores, ou seja, daqueles que compramos e ingerimos com a expectativa da resolução do problema.

No caso em questão, o único medicamento possível tinha que ser elaborado no íntimo de cada espírito doente através do Próprio esforço redentor pelos tempos afora.

Sabendo disso, o grande médico de almas esteve na Terra ensinando qual a única postura íntima capaz de produzir condições energéticas para que, novamente, o espírito pudesse se elevar em direção a moradas celestes mais adiantadas: h do amor incondicional ao próximo.

Já sabemos que o ser que ama sempre produz, ao seu redor, ambiente vibratório de altíssimo quilate, que o torna digno de potencializar o seu espírito nas mais altas expressões existenciais do cosmos.

Esse era e é o único caminho possível para aqueles que desejam a própria renovação íntima. Não há como se adquirir ou encontrar esse remédio. Ele tem de ser produzido no íntimo de cada um, nem que seja pelo desgaste da atuação do sofrimento e da dor que, para espíritos tão orgulhosos e teimosos como nós que estamos congregados na Terra, na ausência de melhores professores — já que fizemos de tudo com os que por amor ao próximo aqui vieram dando seus testemunhos — cumprem o papel renovador para aqueles doentes que teimam em permanecer com suas posturas tresloucadas.

Quando isso vai ser percebido pelo conjunto dos seres terráqueos é questão que deveria ser analisada em profundidade pois revela a incrível tendência psíquica herdada da opção equivocada em sempre se observar os pretensos direitos de cada um — o que é válido. Mas, quanto às obrigações, onde o nosso nível de discussão enquanto coletividade planetária?

Como podem todos ter direitos se ninguém tem obrigações? Quem vai sustentar o quê?

Aqui na Terra nos acostumamos a ver nações completamente despreocupadas em se despojarem de algo para ajudar a outras, mas que proferem belos discursos para defender os direitos alheios, num modismo de retórica estéril que, entretanto, encanta a muitos. Vemos, também, pessoas que não se obrigam a ajudar a outras, mas que defendem de maneira radical que aquele outro seja ajudado — porque é direito inalienável de todos serem ajudados — mas, por quem, se ele mesmo a ninguém ajuda?

Tudo bem. Todas as nações, é óbvio, devem ser ajudadas. Mas, por quem? Todos os seres terrenos têm direitos inalienáveis a sua condição de ser vivente mas, se não conseguimos, nós próprios, construir base de sustentação para os mesmos, a quem vamos exigir o cumprimento de tais direitos se não às próprias nações? Mas quem são as nações se não os próprios indivíduos que as formam? Só se formos exigir de Deus o que, por sinal, muitos continuam fazendo até hoje.

Ou seja, a eterna e equivocada busca de um remédio externo quando, na verdade, somente no nosso íntimo é que é possível criarmos condições para a resolução de todos os nossos problemas.

Ainda bem que conseguimos consolidar, nem que seja na teoria, os direitos humanos e muitos foram os heróis desse processo de luta incansável pela melhoria do nível existencial do ser terrestre. Mas, e quanto às suas obrigações? Enquanto destas não tivermos a devida consciência, também os direitos não serão exercidos de forma consistente.

Nos tempos de Capela é que surgiram os germes dessa postura que até hoje nos caracterizam os atos. Que venha a nós tudo o que queremos. Mas, de nossa parte...

Devido à própria situação energética reinante o Mestre havia decidido pelo isolamento dos seres inapelavelmente rebelados nos dezenove mundos que já estavam envolvidos vibratoriamente com o problema.

Lúcifer, percebendo que estava com algum problema de ordem vibratória — e disso, ao que nos é informado, ele teve certeza ao se defrontar pessoalmente com o Mestre no encontro íntimo que tiveram — isolou-se durante muito tempo no seu planeta de origem.

Mas por decisão própria, e mesmo antes que o Mestre tomasse a decisão de agrupar os seres doentes nos mundos que lhe eram afins, ele resolveu se deslocar para um desses mundos, numa espécie de último gesto de consciência para com os demais que não aceitaram os seus postulados, pois a sua presença os incomodava energeticamente.

Quanto aos que não concordavam com os postulados apresentados, é bom que se esclareça, Lúcifer jamais demonstrou algum tipo de desgosto pelo fato de não ter as suas idéias aceitas. Ao contrário. Ele sempre respeitou os que não comungavam dos seus ideais. Apenas não se sentia mais apto a viver sob o jugo de um sistema de valores do qual não mais compartilhava. E por se sentir deslocado do ambiente em que vivia, retirou-se do mesmo, procurando evitar, com isso, maiores problemas para todos.

Mas, efetivamente, ele havia ultrapassado aquele ponto do qual não mais se pode retornar. O problema estava criado.

II. PROBLEMAS EM CAPELA

CAPÍTULO QUATRO
Os Seguidores.

Devido ao problema, ocorreram verdadeiros choques energéticos e mesmo alguns confrontos psíquicos mais sérios no seio da maioria das famílias daqueles mundos.

A desarmonia e a desagregação que hoje se caracterizam como um dos grandes sintomas do equivocado modo de vida terreno, começava, naqueles dias, a ocupar espaço vibratório no espírito dos seres complicados.

Muitos dos comportamentos que, ainda hoje, complicam a evolução terrena têm as suas sementes germinadas naqueles tempos de equívoco. E não podia ser diferente pois a herança espiritual acompanha o ser em todos os caminhos que ele venha a trilhar até que dela se liberte através do próprio esforço redentor.

Esse é o nosso dilema: somente sabemos como os problemas começam; jamais, como e quando eles acabam.

Naquela época, devido ao livre-arbítrio de um ser cósmico, iniciou-se um processo que ainda não acabou. Muitas das famílias de Capela, de Vega e de Antares, tiveram como último recurso a separação de seus próprios membros, pois a discórdia estava implantada como epidemia avassaladora. A maioria delas teve parte de seus membros exilada e, até o momento, ainda aguarda a reintegração da Terra à convivência cósmica para o grande congraçamento há tanto tempo esperado.

Algumas, entretanto, terão ainda que aguardar muito mais, pois terão alguns de seus membros exilados da Terra para mundos ainda inferiores por não terem conseguido o padrão de evolução mínimo exigido para este final de ciclo.

Houve muito sofrimento naqueles dias. A angústia dominava o interior de todos pela crueza dos fatos. Em especial, afligia aqueles povos a inevitabilidade do exílio para seus afetas. Jamais eles haviam passado por problema semelhante.

Mesmo já tendo ocorrido problemas de outras ordens que chegaram realmente a perturbar, de forma localizada, a vida de alguns orbes que pertenciam à jurisdição do Mestre, todos se surpreenderam com o desenvolvimento dos fatos pois jamais havia acontecido processo sequer parecido. Nas proporções em que o caso estava ocorrendo afetava indistintamente a todos. Foi um problema que somente as altas hosLes de assessoramento da Deidade conseguiram entender em toda sua profundidade e extensão.

Somente o passado remotíssimo — não o da história terrena — dos mundos desses sistemas, pode explicar a relação de causa e efeito cósmico tão abrangente em mundos já

razoavelmente evoluídos. Talvez algum dia saibamos o pano de fundo da rebelião de Lúcifer. Tudo o que temos condições de saber dentro do que nos é suportável — assim dizem os mentores deste trabalho — está sendo pouco a pouco informado.

O Mestre atendia a todas as delegações que se acercavam de Orbum em busca de esclarecimento e conforto. Seus assessores também desempenhavam o papel de orientação e consolo para as aflições daqueles dias.

Apesar de todo o problema, nada houve de violência —como a entendemos na Terra — entre as partes em desesperado conflito. Aconteceram, sim, verdadeiras guerras mentais que deixaram muitas seqüelas, até os tempos atuais, em muitos dos que participaram dos embates energéticos.

A famíliaYel, por ser o foco da propagação das inquietações que terminaram por causar todo o problema, foi a primeira a se esfacelar.

No primeiro momeno, mesmo à revelia de Lúcifer, foi entre os membros dessa família que se formou o que poderíamos chamar de primeiro escalão da revolta. Alguns deles tiveram, na verdade, participação mais radical do que a do próprio Lúcifer ante o Mestre e Seus assessores.

O comandante da rebelião sempre evitou o confronto com o Mestre, pois, apesar de tudo, reconhecia-se em condição existencial inferior em termos de aquisições meritórias. Somente concordou em afrontar Gabriel porque não havia mesmo mais retorno.

Ao juízo do autor terreno deste trabalho, conforme o que posso ter depreendido das informações que foram dadas pelos mentores, desde a eclosão do problema, Lúcifer passou a ser uma individualidade atormentada. Não que abrisse mão dos seus postulados, mas, ao que tudo indica, no nascedouro da questão, jamais pensara em criar problema de tamanha proporção. Por orgulho e aspectos outros do seu espírito, entregou-se à consecução da própria obra mesmo com a amargura a lhe caracterizar o íntimo. Entretanto, procurava de todas as formas não demonstrar a própria inquietação.

Na medida em que a sua organização corporal foi perdendo as diversas potencialidades, pois ia cada vez mais se acuando em mundos de vibrações pesadas e, principalmente, pelas próprias vibrações dele emanadas, o desespero, o sofrimento energético, a revolta, e mesmo, algumas vezes, o sentimento de terror de não ter como voltar no tempo e reajustar suas próprias atitudes, invadiam o espírito de Lúcifer.

Ao que entendemos, somente quando ele ficou "entricheirado" na Terra é que o seu comportamento mergulhou em conivências com posturas pesadíssimas a nível cármico, que muito o descaracterizaram. Mas, quem poderá julgá-lo? Não nos propomos a tal.

Mais ainda o incomodava a situação dos que o seguiram. A sua própria família estava agora dividida, e mesmo a pequeníssima parte que terminou por permanecer ao lado do Mestre, contraiu sérios problemas vibratórios dos quais ainda se tratam até os dias atuais lá em Capela.

Com a cisão ocorrida entre os membros do grupo de traCarma e Compromisso
balhoYel começou a desagregação geral. Foi exatamente nessa etapa do problema que Lúcifer decidiu sair dos ambientes de Capela e dirigiu-se para o primeiro mundo que ostentou a bandeira da rebelião: um planeta do sistema de Antares que passou a ser conhecido, desde então — fazendo-se uma aproximação para a linguagem terrena —, como Alt' Lam.

Alguns membros da fanulia Yel simpáticos à causa luciferiana seguiram o infelicitado lider. Outros permaneceram entre os mundos do sistema de Capela na prática de proselitismos e da propagação energética entre aqueles povos.

Entre esses, encontrava-se a figura deYel Liam que atacava com ardor e discurso ardiloso a injustiça — aos olhos dele — que os altos dignitários da hierarquia praticavam contra Lúcifer, através de irradiações magnéticas que o admoestavam a toda hora e que acabaram por minar-lhe os potenciais do seu tão poderoso espírito.

Percorrendo os mundos de Capela, os de Vega e depois os de Tau Ceti, Yel Liam tentava a todo custo, através de argumentações de ordem filosófica e da apresentação dos postulados rebeldes, influenciar a quem pudesse. Nascia no seu discurso radical a figura de um Lúcifer perseguido, caluniado, bombardeado por poderosíssimas vibrações, traído mesmo na sua possibilidade de exigir explicações.

Quando se encontrava em um dos mundos de Tau Ceti, Yel Liam encontrou um ser que viria a transformar-se em um dos principais seguidores de Lúcifer e que, após o exílio na Terra, tornar-se-ia tão ou mais importante, em algumas etapas da história terrena, que o próprio lider rebelde.

Esse ser, que já se alinhara desde que tivera conhecimento dos postulados luciferianos, havia provocado, com muita sutileza, problemas de toda ordem em alguns planetas habitados no sistema de Tau Ceti. Ao encontrar-se com Yel Liam, imediatamente incorporou-se ao movimento que estava em curso de transformar um vilão em herói.

A partir de então, Len Mion — que depois viria a ser conhecido na Terra pelo nome de Satã — integrou-se totalmente entre os rebeldes.

Foram, portanto,Yel Liam e Len Mion os principais artífices dos problemas que ocorreram em alguns dos mundos de Capela, a saber Arden, Dan, Zian e Mollen, como também, em alguns de Vega, além dos de Tau Ceti e, de forma especial, no planeta que servia de morada para Len Mion, que na linguagem terrena seria algo próximo a Gron Mion, que terminou por se tornar um dos mundos rebelados.

Com esses dois seres começou a surgir a preocupação geopolítica de ocupar espaços — bases e planetas espalhados pelos sistemas — estratégicos para fortalecer o movimento que surgia.

A partir desse ponto, os postulados filosóficos que formavam o que poderíamos chamar de bandeira de Lúcifer já eram questões algo secundárias para os seres que, como Yel Liam e Len Mion, menos desenvolvidos que o próprio Yel Luzbel, mergulharam fundo na questão da dominação e do exercício do poder.

Outros seres que, após um longuíssimo percurso na rota de exílio terminaram por se agrupar na Terra, viriam a personificar figuras de porte em certas páginas da história terrena como Napoleão, Tiradentes, Woodrow Wilson, Danton, Robespierre, Pedro II, Trotsky, Samora Machel e muitos que no futuro serão nominados, no caso todos pertencentes à família Yel, integraram-se ao movimento de distorção dos ideais luciferianos ainda mesmo no seu nascedouro.

Apenas a título de informação, alguns dos personagens nomeados e muitos outros membros da família Yel estão no momento reencarnados na Terra. Alguns em posições de vulto. Outros — que formam a grande maioria — encontram-se no anonimato.

Ao que nos é informado, apenas um dos que foram anteriormente nominados e que na atualidade encontra-se reencarnado como um homem simples do mundo — tem consciência dos fatos. Daqui a alguns anos é provável que muitos venham a tê-la.

A rebelião que já começara sem a real vontade — da parte do seu próprio líder — de se transformar em movimento de grande porte, começou a ser perigosamente deformada por outros seres que, devido à doença vibratória reinante, não mais atinavam com a própria loucura.

Como é que se consegue convencer um louco de que ele está realmente louco? O problema era semelhante, só que em outra ordem de fatores, já que, mesmo algo perturbados, esses seres detinham ainda grande potencial nas suas posturas íntimas para desenvolver as ações necessárias conforme os objetivos que os norteavam.

Quando um problema de ordem filosófica transformou-se num prenúncio de uma grande anarquia, os que ainda hesitavam e que permaneciam nos seus mundos de origem, foram convidados a se posicionarem de forma definitiva quanto aos caminhos que desejavam seguir.

Em todos os mundos dos sistemas de Capela, à exceção de Orbum, como também nos dos sistemas de Vega, Tau Ceti, Epsilon Eridani, Antares e no nosso Sistema Solar, existiam seres que ainda estavam na dúvida, apesar de já apresentarem desarmonia vibratória porquanto afinados com o problema reinante.

Muitos dos que se encontravam nesse estado, que poderíamos chamar de perturbação inicial, apesar de não se sentirem seguros ou concordarem com tudo o que estava ocorrendo, e que se encontravam nos mundos do Sistema Solar e de Epsilon Eridani foram, simplesmente, atropelados pelos fatos. E, por não aceitarem os avisos e apelos provenientes de Orbum, terminaram por se tornar prisioneiros da própria situação.

Nos mundos de Capela e de Vega, os que se posicionavam de forma hesitante, na sua grande maioria, se dirigiram para o planeta Gron Mion, no sistema de Tau Ceti. Outros, terminaram por seguir para o planeta Alt'Lam, no sistema de Antares, onde se encontrava Lúcifer.

Dessa forma, em Capela e em Vega, nenhum dos mundos alinhou-se aos rebeldes apesar de que todos eles — a exceção de Orbum, como já o dissemos — tiveram parte de seus filhos exilados para outros mundos.

O interessante na vida cósmica é que, por exemplo,Vega não é berço planetário para os seres que vivem em alguns dos seus mundos. Na verdade, os veguianos de hoje, são provenientes de um outro sistema de mundos cuja estrela principal começou a apresentar problemas, obrigando-os a se transferir para outra morada sideral.

Os mundos de Vega foram escolhidos por serem um sistema ainda—em ajustes naturais de formação planetária e, com a grande tecnologia que dispõem, os veguianos estão interferindo um pouco nas transformações que ali ocorrem. É óbvio que com isso eles enfrentam algumas ordens de problemas que assustariam qualquer cientista terreno.

Não é à toa que eles são conhecidos como os grandes viajores dessa parte da galáxia. Seus meios de transporte são os mais desenvolvidos de todos os sistemas. Exportam, inclusive, alguns tipos de naves para outros mundos.

Foi, contudo, no sistema de Antares que ocorreu a maior frente da rebelião.

Lúcifer decidira deslocar-se para um de seus planetas — Alt'Lam — justamente porque esse mundo tinha como principal característica o fato de ser um centro de pesquisa comportarnental dos espíritos em evolução. Além do que, quase que a totalidade de seus habitantes era simpática aos postulados luciferianos.

Além de Alt'Lam, vários outros mundos de Antares se alinharam com os rebeldes. As minorias que discordavam dos postulados e que viviam nesses mundos tiveram a oportunidade de migrar para outros que estavam ligados à administração de Orbum.

Dessa forma, dezenove foram os mundos, então habitados, que se rebelaram e que terminaram por congregar nos seus ambientes existenciais — conforme o padrão vibratório de cada um — todo o conjunto dos seres que se complicaram. Entre esses havia os que possuíam habitantes nativos quanto à origem planetária, os que tinham população proveniente de outros orbes, como também aqueles que serviam de morada temporária para seres em missões de diversas ordens.

Os mundos que se posicionaram contra a administração de Orbum estavam assim distribuídos:

— catorze no sistema de Antares,
— um no Sistema Solar,
— dois em Epsilon Eridani e
— dois em Tau Ceti.

Apenas para ressaltar, lembramos que nesses planetas estavam se congregando seres provenientes dos sistemas de Capela e Vega. Além do que, ocorreram também problemas temporários com alguns mundos de outros sistemas que mais adiante serão explicados.

Enquanto os revoltosos se dirigiam ou eram levados para os mundos afins, a família Val, que se encontrava em missão no planeta azul, ao perceber que o mesmo estava irremediavelmente envolvido no problema luciferiano devido a forte tendência dos que habitavam temporariamente a Terra em missão de trabalho, antes mesmo de ser decretado o isolamento dos mundos rebeldes, deslocou-se de volta ao seu mundo-residência, o planeta Zian, em Capela.

Ao retornar ao seu planeta de origem o grupo Val encontrou um ambiente que deixou os seus membros perplexos: era o exato momento em que os indecisos estavam sendo solicitados a assumirem postura definitiva pelos representantes das hostes do Mestre. Muitos amigos e afeições estavam entre os que se encontravam naquela situação.

A própria família também estava dividida e, entre os seus pares, apesar da afeição reinante, já começavam a ocorrer problemas de vibração psíquica.

Contatados durante a viagem de volta pelo próprio Mestre, que se colocava com toda a sua simplicidade à disposição de todos para a conversação fraterna, o grupo permaneceu pouquíssimo tempo em Zian, logo se dirigindo para Orbum.

O Mestre, com a sua capacidade ímpar de presciência, já havia percebido a situação de cada um dos membros da equipe pela qual Ele dedicava especial atenção.

Instigados, talvez, pelos fatos e devido ao próprio desgaste que já dominava o íntimo de cada um, mesmo com a atitude compassiva do Mestre que, humildemente, sem tentar a ninguém convencer de coisa alguma, solicitava que todos refletissem pois no estado vibratório em que muitos já se encontravam somente o discernimento e a tranqüilidade interior — paz íntima — podiam produzir o ambiente psíquico necessário a um processo decisório consciente, terminaram se complicando de vez.

O fato é que todos já estavam vitimados por uma espécie de vírus cancerígeno que inapelavelmente se propagara através dos efeitos nocivos da atitude rebelde.

Esse vírus — aqui estamos falando de forma figurada pois não existe no vocabulário terreno expressão correspondente que possa significar o que realmente se propagou através dos espaços celestes e contaminou os que se encontravam propensos e/ou enfraquecidos pelo problema em questão — conseguia deformar mais ainda as posturas íntimas dos envolvidos.

As vibrações que eram emanadas do íntimo de cada um dos que se deixaram de alguma forma envolver pelo problema — nem que, a princípio, apenas de maneira superficial com alguns aspectos que fossem da questão luciferiana —perturbavam de tal maneira o ambiente em que estivessem inseridos que, se pudéssemos traçar um paralelo com a situação terrestre, diríamos que o ar ficava com odor desagradável, dando pequenos choques nos que o respirassem, isso quando o mesmo não se tornava irrespirável.

Além disso, poderíamos também ressaltar que tamanha era a desarmonia que caracterizava os seres que apresentavam mesmo uma pequena fração da vibração problemática, que eles não podiam chegar perto uns dos outros.

Devido a esses aspectos, o encontro com o Mestre foi de um nível tal de constrangimento que a lembrança do fato inapelavelmente registrado na sede consciencial mais profunda do ser — independente de sua situação evolutiva —até bem pouco tempo, ar a machucava com suas vibrações os espíritos que dele p ciparam, mesmo tendo decorrido tantas páginas da vida cósmica. Somente a Sua presença na Terra conseguiu apagar muito dos choques conscienciais dos tempos de Capela. Ainda assim, O crucificamos!

Infelizmente, para a desdita de toda a família, o comportamento vibratório da maioria dos seus membros já estava consumado. O grupo retirou-se para reunião íntima a fim de discutir se havia ainda algo que pudesse ser feito.

Apenas quarenta e dois, dos setecentos e trinta e seis membros da família Val não tinham ainda, até aquele momento, se contaminado com a questão luciferiana. Estes tentavam de toda forma esclarecer os outros, mas nada conseguiam.

Nesse encontro que foi realizado em uma base sideral próxima a Orbum — espécie de satélite artificial do planeta — houve a decisão de que, já que era irreversível o problema vibratório na grande maioria, os quarenta e dois decidiram seguir com a família, mesmo não estando envolvidos intimamente com a questão. Posteriormente terminaram também por se complicar. Era impossível que isso não ocorresse, pois, cercados por tanta vibração doentia, o contágio era apenas uma questão de tempo.

De toda a forma, esses quarenta e dois seres, sempre conseguiram manter um padrão vibratório algo superior ao restante da família. Alguns, inclusive, há milênios não reencarnam na Terra, permanecendo nas altas esferas da espiritualidade terrestre, ajudando os que ainda se encontram na retaguarda evolutiva.

Este fato marcou o grupo Val que terminou por agir de maneira diferente de todas as outras famílias. Estas — como foi o caso da familiaYel — quando tinham entre os seus membros alguns que não compartilhavam com os postulados, terminaram por ficar divididas e somente a parcela rebelde é que terminou sendo exilada. Os outros permaneceram nos seus sistemas. Era consternação por toda parte. Nunca tão poucos haviam criado tamanhos problemas para tantos.

Todas as famílias que se envolveram com a questão, à exceção do grupo Val, tiveram a divisão no seio dos seus próprios membros como marca a acompanhá-los até os tempos atuais.

Ao longo dos muitos roteiros do exílio que terminou por congregar na Terra somente aqueles mais complicados, muitos foram retornando aos seus sistemas planetários na medida em que os mundos onde estavam vivendo por força da rebelião eram reintegrados à convivência cósmica.

Pouco a pouco, todas as famílias foram recompondo, ou melhor, reagrupando os seus pares que, após cumprido o processo de redenção espiritual necessário, voltavam a ser reintegrados à convivência com os antigos companheiros.

Ninguém na Terra pode imaginar a alegria não só dos membros das diversas famílias mas, em especial, a do próprio Mestre e de seus assessores, quando um só dos rebelados, se rendia às evidências inequívocas dos erros cometidos e, quando já de posse de uma nova ccrnclição

vibratória conquistada pelo próprio esforço redentor, solicitava ao Mestre o seu reingresso para o local de onde fora banido por força da opção tresloucada.

Entretanto, nos tempos cósmicos atuais, a maioria das famílias que se envolveram com o problema luciferino ainda não conseguiu reagrupar todos os seus membros. Poucas já conseguiram essa graça.

As que continuam a sofrer a dor da separação esperam, ansiosamente, pelo momento da reintegração da Terra para poderem realizar o grande sonho tão aguardado que é a reunião de todos os seus pares.

Infelizmente algumas ainda terão que aguardar sabe Deus quanto mais tempo ainda, pois muitos dos seus membros serão exilados da Terra para ambientes existenciais inferiores porque não conseguiram atingir, após tantas vidas transitórias, o nível vibratório mínimo de tendência à fraternidade. Essas terão que aédinpanImr- e esperar por dias futuros em outro sistema planetário para a realização do tão acalentado sonho.

Portanto, a família Val foi e ainda é a única que se encontra com o conjunto total de seus membros congregada nos diversos níveis terrenos. Eventualmente alguns de seus membros — quando no estado de espíritos desencarnados — têm rápidas experiências existenciais em outros ambientes, mas, imediatamente retornam para o orbe terrestre assim que terminam essas vidas transitórias em outras moradas cósmicas.

É por isso que um dos espíritos luminares que dos ambientes espirituais que envolvem a Terra, despeja as suas luzes de ternura e ajuda a todos quanto seja possível ajudar, recentemente foi convidado a retornar aos mundos iluminados de Capela, pois já tinha cumprido com sobra o seu processo de redenção espiritual. Ainda assim, solicitou ao Mestre que lhe fosse permitido permanecer na Terra pois, um compromisso assumido pela família espiritual a que pertence — nos tempos idos de Capela — o mantinha preso à situação terrena, o que lhe foi concedido.

Não lhe citaremos o nome com o qual é conhecido o seu espírito atendendo a pedido dele próprio.

Da mesma forma não citamos os nomes dos verdadeiros autores destes livros em atenção à solicitação de todos eles. São trabalhadores que, no momento, têm seus nomes espirituais fortemente vinculados a certos campos de esclarecimento das hostes do Mestre.

Algum dia, talvez, esse aspecto seja esclarecido. Isso se for ou da vontade deles ou de quem coordena amorosamente todo esse processo. Quanto a minha própria, conta muito pouco nesse mister.

Apenas a título de conclusão do presente capítulo, temos a informar que o total dos seres que se envolveram com Lúcifer e que terminaram por ser congregados nos dezenove mundos rebelados ultrapassou a casa dos duzentos e treze bilhões de individualidades.

Muito tempo depois, ao tornar-se o último e único mundo a ostentar a bandeira da rebelião, a Terra passou a contar com cerca de vinte bilhões de seres presos ao astral planetário.

Além desses, havia ainda outros cinco bilhões de rebeldes que estavam em situação existencial mais crítica ainda que os que foram congregados na Terra e que estavam aguardando, em certas regiões planetárias, a possibilidade de também aqui serem alotados, o que ocorreu posteriormente.

Portanto, há cerca de cento e dois mil anos, aproximadamente cento e oitenta e oito bilhões de seres já tinham sido reintegrados à convivência cósmica.

No início da década de oitenta, o número dos que continuavam presos ao orbe terrestre já havia diminuído para, aproximadamente, vinte e quatro bilhões de individualidades, ou seja, apenas cerca de um bilhão de individualidades espirituais, ao longo desses cento e dois mil anos terrestres, conseguiram a necessária redenção para voltarem a conviver nos seus mundos de origem.

A partir do mês de julho de 1989 — com a fixação do marco do início dos novos tempos terrestres — começou o processo de exílio espiritual para aqueles que, já no estado de espíritos desencarnados e que não mais tinham oportunidade reencarnatória na Terra, pois já haviam passado por todas as chances a que tinham direito diante das leis divinas que regem a evolução espiritual, e mesmo assim, não conseguiram atingir a condição mínima de vivência fraterna com o seu semelhante.

Com isso, na altura do final do ano de 1995 — foi em relação a esta data que os mentores deram a informação —e desde a fixação do marco, cerca de seis bilhões e meio de espíritos já foram exilados em verdadeiros comboios espirituais para outros dois orbes que servirão de morada planetária para eles e os demais que da Terra ainda sairão, durante mais um ciclo existencial, até que aprendam a potencializar nas suas posturas o que nos solicita a constituição cósmica que rege a vida de todos os filhos criados: o "amai-vos uns aos outros".

Somos, portanto, ainda congregados no orbe terreno, cerca de dezessete bilhões e meio de almas das quais, aproximadamente cinco bilhões e novecentos milhões estão reencarnadas. As demais, encontram-se distribuídas pelos diversos ambientes espirituais/astrais que circundam ou, como preferem alguns, envolvem a Terra, sendo cada uma no nível vibratório que lhe for afim.

A partir do mês de maio até dezembro de 1997, deverão sair em mais um comboio espiritual cerca de mais um bilhão e oitocentos milhões de espíritos que, desde o início do ano de 1996, já estavam sendo agrupados em ambientes próprios para esse mister.

Devem permanecer, a partir de então, nos ambientes terrenos, cerca de quinze bilhões e setecentos milhões de espíritos entre encarnados e desencarnados.

Entre esses últimos, nos umbrais terrenos — ambientes onde estão reunidos o que resta dos espíritos trevosos que não mais reencarnarão no planeta mas que ainda não foram resgatados pelos espíritos trabalhadores das hostes do Mestre — existem cerca de uns três bilhões de individualidades espirituais que fatalmente estarão, também, sendo agrupados em regiões especiais até que, lá pelo final do ano de 1998, sejam retirados dos ambientes ligados a Terra livrando, definitivamente, o nosso planeta da influência negativa dessas almas infelizes.

Dos que estão atualmente desencarnados, a história espiritual da grande maioria já está consumada. Pequena parte deles — cerca de algumas poucas centenas de milhões de espíritos — é que ainda está sendo trabalhada pela Espiritualidade Superior numa tentativa final de poupá-los do exílio.

Quanto aos que estão encarnados, aí sim, haverá problemas e todo esforço será válido, pois um pouco menos da metade da população encarnada terrestre ainda está associada às vibrações trevosas. E será — como já está sendo —o mundo dos encarnados o palco da grande luta de esclarecimento que será travada entre a luz e as trevas. Mas nessa luta não há perdedores, pois todos ganham.

Devemos ressaltar que, a partir da primeira década do terceiro milênio, grandes falanges de seres de outros orbes estarão — como já estão — se deslocando para os ambientes espirituais terrenos para a adaptação vibratória necessária à encarnação desses espíritos bastante evoluídos no palco de luta terrestre com vistas à melhoria planetária.

Esses seres, na sua maioria, são exatamente aqueles que mesmo tendo sido exilados no passado, logo retornaram a seus mundos de origem pela redenção espiritual que lograram com seus próprios esforços bem antes do que o resto da média dos rebelados.

Eles assim farão porque também se sentem responsáveis pelo acontecido. Além do que, existe uma espécie de compromisso consciencial de todos os participantes dessa tresloucada aventura, no sentido de somente se considerar como página virada do passado a equivocada ocorrência, quando o último dos rebelados for ajudado. Como muitos ainda serão exilados da Terra para outros dois mundos podemos concluir que ainda teremos mais páginas dessa infeliz história a serem escritas.

Quem com atenção ler o Apocalipse perceberá a clara referência a esses tempos que ainda virão. Mil anos na Terra talvez correspondam a muitos milhares de anos para os dois mundos que receberão os exilados.

Se o próprio Mestre e Sua assessoria, além do próprio Lúcifer, agem dessa forma, todos os demais também assim se portam. Percebamos, pois, como ainda resta trabalho a ser feito. E o incrível é que pouquíssimos têm idéia disso, tão bem feito foi o trabalho de distorção das informações realizado pelas trevas ao longo dos séculos.

E bom não esquecer que do total dos que estão congregados no orbe terrestre, aproximadamente 2/5 são de espíritos que começaram a sua jornada evolutiva cósmica na Terra, ou seja, não são exilados de outros mundos.

Não padecem da grande angústia de terem sido agentes de tamanho desatino, apesar de terem também seu nível de complexidade de problemas cármicos e de conquistas espirituais a serem resolvidos.

Por fim, lembremo-nos de que o Pai cria constantemente e que sempre alguns filhos do Seu amor estarão começando a longa jornada evolutiva nesse ou naquele mundo. Assim nos informam os mentores deste trabalho.

II. PROBLEMAS EM CAPELA

CAPÍTULO CINCO

Ausência de Discernimento.

Nos mundos de Capela e nos outros sistemas, logo após a saída dos seres complicados energeticamente, a angústia era a tônica dos sentimentos de todos.

Por não ter sido aquela a primeira ocorrência do gênero no universo, alguns assessores do Mestre — juntamente com alguns Membros da chamada Hierarquia Divina — se reuniram em outros recantos do cosmos estudando o problema ocorrido.

O Mestre, imperturbável na certeza íntima de saber que iria abraçar cada uma das ovelhas desgarradas do seu pastoreio amoroso, concitava a todos a buscarem o equilíbrio íntimo para a fortificação da própria condição energética de cada um. Assim, dizia Ele, o mais rapidamente possível poderiam todos os que não seguiram a Lúcifer congregar esforços para resgatar os entes queridos.

Muitos ficaram tão perturbados por tudo o que estava ocorrendo e, em especial, pela perda da convivência com seres tão amados que, durante algum tempo cósmico, contraíram uma espécie de doença vibratória que, na psicologia terrena, seria algo próximo ao fato de que muitas vezes necessitamos de razões que realmente nos motivem o íntimo para que nos permitam optar e justificar os esforços e sacrifícios de urna continuidade existencial.

Talvez as palavras não sirvam para significar corretamente o problema vibratório de muitos dos seres que continuaram a viver nos seus mundos após a rebelião de Lúcifer mas, de maneira simplificada, os sentimentos que mais poderiam caracterizar a situação daqueles tempos eram os de perplexidade e angústia.

Somente o tempo cósmico ajudaria a sarar tantas feridas e a recompor tantos sonhos evolutivos de grupos afins que terminaram por se separar.

O Mestre visitou todos os mundos habitados da Sua jurisdição esclarecendo e estimulando a todos com vistas ao porvir.

Enquanto isso, a família Val — após tomada a decisão — decidira também partir para o planeta Alt'Lam, no sistema de Antares, onde já se encontravam Lúcifer e os mais extremados dos seus seguidores.

Essa espécie de quartel-general localizada em Alt'Lam acompanhava a movimentação dos diversos grupos de rebelados enquanto estes se deslocavam para os mundos cujos túneis de deslocamento ou estradas siderais estavam livres.

Por esse tempo, os mundos que permaneceram ao lado do Mestre — para se protegerem das emanações magnéticas deletérias dos seres doentes que, quando congregados em grande número, tornavam a vibração conjunta difícil de ser suportada — fecharam os seus circuitos de deslocamento para evitar o contágio de drásticas conseqüências.

Foi um momento difícil pois é doloroso fechar as portas para quem muito se ama. E todos os seres que permaneceram nos mundos ligados ao Mestre amavam — como ainda amam — profundamente os irmãos e irmãs que adoeceram. Mas, não havia outra alternativa.

Entretanto, quando esse fato foi percebido pelo quartel-general de Lúcifer, os rebeldes se encheram de profunda revolta pois, quais loucos que não atinavam com a própria loucura, acharam que aquilo era uma grande injustiça que estava sendo cometida contra eles.

Len Mion,Yel Liam e mais alguns outros tornaram-se os grandes porta-vozes dos sentimentos rebeldes a partir desse momento. Baixaram de vez o já perturbado senso existencial e começaram a dar uma proporção à rebelião que jamais passara pelo espírito de Lúcifer: o conceito de guerra entre os poderosos e eles, os oprimidos.

O que havia começado como uma simples discordância filosófica quanto a certos conceitos da vida cósmica, por. esse tempo já se tornara uma espécie de guerra unilateral, com a preocupação de traçar estratégias e de vencer a outrem, coisa que, até então, jamais germinara no íntimo de qualquer um dos rebelados.

Lúcifer deixou se envolver completamente pelos fatos e, a partir de então, tornou-se, realmente, uma espécie de comandante de uma falange de mais de duzentos bilhões de seres completamente diversos entre si.

Havia de tudo entre os rebelados. Na sua grande maioria eram seres trabalhadores dos diversos departamentos da vida cósmica, com adiantado currículo existencial e que jamais sonharam, sequer, em praticar qualquer tipo de violência. Seres de polaridade masculina e feminina ainda envolvidos com vidas transitórias só que em mundos bem mais evoluídos que a Terra, como a conhecemos atualmente.

De outra parte, havia também alguns seres que, em relação aos citados anteriormente, apresentavam um marco evolutivo um pouco aquém daqueles e que facilmente se deixaram levar pela onda problemática.

A grande maioria desses seres era proveniente dos mundos do sistema de Antares. Foi essa parcela a que mais bani-lho fez quando percebeu que certos circuitos de deslocamento cósmico haviam sofrido interferências promovidas pelas hostes do Mestre.

Além desses, havia ainda diversos grupos de origens planetárias diferentes e que apresentavam marcos evolutivos de toda ordem. Alguns ficaram retidos nos próprios planetas onde viviam e que terminaram por se transformar em mundos rebeldes.

Chegando em Alt'Lam com suas três grandes naves, a família Val foi logo procurada por membros da família Yel.

Havia uma profunda afinidade entre os membros de ambas até porque foram realizados muitos trabalhos comuns no passado.

Na verdade, devemos explicar que somente de dois planetas de Capela, Zian e Dan, mais de quatro mil e setecentas famílias se envolveram com a questão.

Devido à complexidade do assunto e conforme a orientação dos mentores, foram escolhidas apenas essas duas para servirem de ilustração dos fatos.

O relacionamento entre todas essas famílias situava-se — nos tempos a que estamos nos referindo — em nível fraterno de altíssima vibração, como assim ainda é para as que lá permaneceram.

Yel Luzbel e Yel Liam, acompanhados de Len Mion e outros seres, foram ter com o grupo Val. Lúcifer, percebendo de pronto que havia entre os membros daquela família alguns que estavam vibrando diferente dos demais, aventou a possibilidade de não haver espiões ou qualquer coisa semelhante entre o grupo.

Com toda nobreza possível — se é que ainda havia alguma naquela altura dos acontecimentos — um dos quarenta e dois que ainda não estavam de todo contaminados pela energia que já caracterizava os rebeldes, explicou, em nome dos demais, a decisão tomada pela família.

Muito a contragosto alguns dos que ali estavam aceitaram a permanência do grupo Val com a presença daqueles quarenta e dois.

Len Mion passou a defender que toda a família fosse para um outro mundo de Antares ou mesmo para o seu planeta Gron Mion, no sistema de Tau Ceti, onde ainda se encontravam muitos indecisos.

Aventou-se ainda o retorno dos quarenta e dois seres —a partir dali considerados problemáticos — para Capela mas, devido à interrupção do fluxo dos deslocamentos siderais que estava em vias de consumação, já não era mais possível.

Com muito pesar e após decorrido um certo tempo daquele mundo, a familia Val — mesmo com a discordância de Lúcifer que desejava que a mesma permanecesse junto a si por afinidades do passado — deslocou-se para um outro planeta rebelado vizinho do sistema de Antares.

Alguns membros da família Yel começaram a discordar dos rumos que o movimento estava tomando. Mas, por aquele tempo, não havia condições para qualquer reflexão razoável

àquela altura dos fatos. A grande loucura estava consumada e não era mais possível evitar o problema vibratório criado. Tudo o que se podia fazer era administrá-lo para que, no menor espaço de tempo possível, tudo fosse equacionado e superado.

A cada movimentação, em todas as discussões e em qualquer reunião que se fizesse, tudo piorava porque o discernimento, seja individual ou coletivo, como que sumira daquelas frontes que até bem pouco tempo eram radiantes de inteligência e fraternidade.

Os que discordavam de Yel Liam e Len Mion terminaram também por se dirigir para outros mundos rebelados de Antares e, em especial, para aquele onde já se encontrava a família Val.

O sistema de Antares é formado por dezenas e dezenas de mundos. É, talvez, o maior de todos os que existem nesta parte da nossa galáxia que é formada por centenas de bilhões de sistemas planetários.

Entretanto, o sucesso do movimento rebelde não foi o esperado entre os planetas do sistema de Antares. Logo que o quartel-general de Lúcifer percebeu que somente catorze deles — eles esperavam muito mais pois, em média, os habitantes dos diversos mundos daquele sistema são menos desenvolvidos que os de Capela e de outros sistemas — haviam se assumido como fiéis aos ideais luciferianos, concluíram que, fatalmente, a equipe do Mestre iria formar bases de apoio logístico nos demais planetas para sufocar a rebelião. E eles não estavam de todo enganados.

Não com o objetivo de sufocar ou impedir qualquer coisa, mas com o intuito de acompanhar e dar apoio a quem o solicitasse naqueles primeiros instantes da rebelião, muitos trabalhadores ligados ao Mestre se deslocaram para os mundos de Antares que estavam livres da influência dos rebeldes para, de lá, promoverem o que possível fosse em termos de ajuda para todos.

Tanto assim foi que os primeiros mundos a serem reintegrados à convivência cósmica foram exatamente alguns dos rebelados de Antares.

Logo que o problema foi percebido, Lúcifer e seu quartel-general resolveram se deslocar para um outro mundo de um sistema próximo a Antares mas não obtiveram sucesso pois foram impedidos pelas hostes celestiais. Com isso e mais revoltados ainda, se dirigiram para Gron Mion — planeta natal de Len Mion no sistema de Tau Ceti

Gron Mion passou a ser a nova sede do quartel-general da rebelião durante algum tempo. Só que, ao perceber as hostes do Mestre se concentrando nos mundos de Antares que estavam livres da influência psíquica dos rebeldes, Lúcifer imediatamente retornou para Alt'Lam estabelecendo, definitivamente, naquele mundo a sede do governo rebelde.

Em tempos terrestres, tudo o que ocorreu desde a saída de Lúcifer dos ambientes de Capela até o estabelecimento definitivo do seu quertel-general em Alt'Lam, durou aproximadamente trinta mil anos.

Enquanto isso, percebendo o problema, a família Val, seguida de outros grupos de exilados que se encontravam em Antares, pensou até em se deslocar para o planeta azul onde estava em missão quando eclodiu o problema luciferino.

Com toda essa confusão ocorrendo, um mundo pertencente a um sistema planetário relativamente próximo ao nosso sistema, que era, inclusive, administrado por outra hierarquia cósmica — sem ser a que é coordenada pelo nosso Mestre — e que tinha como principal característica o fato de possuir um governo bastante centralizado, resolve apoiar a rebelião de Lúcifer.

Algumas de suas naves representativas daquele governoCarma e Compromisso
dirigem-se para alguns pontos do sistema solar para construir bases de apoio.

Imediatamente o "pastor desse outro rebanho cósmico" que é, inclusive, bem mais numeroso e evoluído — na sua média geral — do que este a que pertencemos, sem mais delongas, decide dirigir-se pessoalmente com toda a sua corte celeste ao mundo problemático e lá estabelece o seu governo temporário até que tudo volte ao normal, o que ocorre algum tempo depois.

Quanto àqueles que se dirigiram para o sistema Solar — aproximadamente oito mil e duzentos seres — terminaram por se misturar às confusões conseqüentes à rebelião e, até os dias atuais, a grande maioria deles permanece no contexto terreno, reencarnando como todo o resto que aqui se encontra.

Essa questão terminou por impedir a vinda da família Val e de outros rebelados para a Terra naquela altura dos acontecimentos.

O grande problema é que, em nenhum recanto do cosmos existe remédio para o orgulho e a fascinação do que se pensa saber. Quando os processos sutis vibratórios conseqüentes a essas posturas íntimas começam a irromper na vida da individualidade cósmica, ou ela mesmo se trata ou solicita ajuda esclarecedora e termina por se internar em algum hospital cósmico ou coisa do gênero.

Quando esse ser, entretanto, leva adiante teimosamente a sua postura íntima, extravasando através de atos e palavras o que pensa e sente, o problema está criado. Quando bilhões de seres começam a proceder dessa forma não há nenhuma outra solução a não ser o isolamento temporário de todos.

Não há como evitar o peso vibratório no nosso próprio espírito de tudo o que pensamos e sentimos. E não há óculos ou remédio para os estágios iniciais da cegueira espiritual que enquadra tudo o que vê dentro dos padrões de sua própria fascinação.

Decorridos cerca de quarenta mil anos terrestres após o início do problema luciferiano, a ausência de discernimento era, agora, a principal característica das mentes espirituais daqueles seres. A luz da iluminação pessoal se acabara. A escuridão aterrorizante era o estado natural da vida íntima de todos. Alguns chegavam mesmo a expressar esse desconforto. Outros calavam-se porque não haviam ainda sequer equacionado o caos interior.

Os lideres do movimento, entretanto, não se davam tempo para perceber as próprias mazelas íntimas. Como que querendo enganar a si mesmos, a todo momento e em toda oportunidade, aumentavam mais ainda o barulho de um discurso cuja platéia pouco a pouco passava da surdez à indiferença diante dos acontecimentos, pelo simples fato de não haver mais jeito.

A rebelião de Lúcifer sempre teve no seu grande quartel-general o foco propagador e mantenedor de todo o movimento. O resto passou a servir como massa de manobra.

Foi assim por muito tempo até que esse núcleo de comando foi desfeito com a encarnação do Mestre nos ambientes terrenos, quando Lúcifer, por fim, se rendeu às evidências e ao amor de Jesus.

III. EXÍLIO

"Do equívoco, apareceu o problema: onde levar aqueles que não podiam mais' viver nos céus?

Criar outra região ou transformar parte do céu em inferno para dar guarida aos que sofriam?

O que fazer diante do aparente caos?"

Das Crônicas de Orbum.

III. Exílio

CAPÍTULO UM

Novas Necessidades.

Era uma situação que jamais havia ocorrido na longa vida cósmica daqueles seres.

Eles, que há muito estavam acostumados ao padrão de vida dos mundos razoavelmente evoluídos, com seus níveis, regras e valores de referência existencial claramente definidos, estavam agora desprovidos de qualquer raciocínio lógico quanto ao porvir.

Não tinham a menor idéia de como estariam dali a algum tempo.

Sentindo-se como presos, embora com liberdade para agir dentro dos limites do ambiente em que estavam inseridos ou do que pudesse ser alcançado pela capacidade de deslocamento de sua tecnologia disponível, aqueles seres começavam a sentir a angústia suprema das situações em que certos pontos são ultrapassados e de onde não se pode mais retornar.

Sem o intercâmbio comum na vida sideral eles sabiam que a decadência inapelavelmente abraçaria os mundos rebeldes. A nível cósmico, o conceito de isolamento — situação vivida por motivos diversos por muitos planetas em todo o cosmos — já foi bastante analisado e era do conhecimento de todos as conseqüências acarretadas por aquele processo.

Ainda assim, mesmo conhecendo esses postulados básicos de qualquer matéria da ciência da vida cósmica, aqueles seres insistiam na manutenção da postura rebelde.

Pouco a pouco foram percebendo a amplitude da rebelião nos seus muitos aspectos, a saber: a quantidade de seres rebelados, quais os mundos que foram considerados como rebeldes, a tecnologia disponível para deslocamentos entre os sistemas e para a produção de outros bens necessários ao tipo de vida que lhes era característico e outros fatores estratégicos.

Passaram a ter grande preocupação com os processos tecnológicos, pois — alguns já estavam percebendo enquanto que outros apenas desconfiavam — as potencialidades perceptivas e a situação vibratória dos seus corpos já começavam a apresentar problemas de diversas ordens.

Aqueles seres que, em situações normais de vibração, como simples reflexo de suas vontades e da elevação dos seus padrões vibratórios a níveis energéticos que lhes eram afins, podiam concentrar a sua atenção em certos níveis existenciais ou em certas situações e instantaneamente interagir com a pessoa, objeto eu situação pretendida, começavam a sequer poder controlar as próprias emoções.

Também, por vontade e concentração próprias, podiam deslocar a componente espiritual de suas formas existenciais e visitar — através de desdobramentos — outros ambientes e indivíduos. Tudo isso eles podiam fazer. Estavam, agora, entretanto, relegados à condição de párias e mal conseguiam um momento de paz íntima para refletirem com serenidade a respeito de qualquer coisa.

Era de todo lamentável a situação.

Mas, ocorrida a causa, os efeitos são inexoráveis. Podemos apenas tentar diminuir o seu peso, porém não nos é dado evitá-los.

Por ser uma situação ímpar, nunca vivida pelos seres rebeldes, não sabiam como proceder ou o que fazer para por um fim no problema criado. Ao contrário, se complicavam cada vez mais.

A queda do padrão existencial a que estavam acostumados era flagrante. Mesmo ainda congregados em mundos de razoável porte evolutivo — se comparados com a atual situação terrena poderíamos dizer que eram muito evoluídos — percebiam que a vida já não era mais a mesma, fosse pela inquietação constante nos seus espíritos ou mesmo pelo fato de não ter a quem recorrer para ajudar na resolução de certos problemas.

Todos estavam dentro de uma mesma situação existencial complicada e, por conseguinte, sofrendo as mesmas dores e enfrentando os mesmos problemas. Quem poderia ajudar quem? Como um bêbado pode ajudar outro?

No início, a preocupação dos principais mundos rebeldes foi com o esmero nos processos diversos da tecnologia disponível, pois não havia outra coisa a ser feita. Enganando-se aqui e ali, seguiam os rebelados na luta contra eles mesmos porém pensando que estavam lutando contra as hostes do Mestre e da Deidade, se é que existia, como diziam alguns rebelados.

Se naquele tempo o Mestre fosse se referir à situação existencial daqueles seres, dos seus mundos e sociedades, de suas construções, veículos de deslocamento e organizações estratégicas, poderia dizer o mesmo que viria a afirmar quando de Sua passagem pela Terra pois, desde aquela ocasião, já podiam ser considerados como verdadeiros sepulcros caiados: belos por fora mas, por dentro, em estado lamentável.

Talvez, desde essa época, por força dos hábitos contraídos, estejamos investidos da preocupação inconcebível com aspectos exteriores enquanto que, interiormente, vivemos em estado inferior aos cães, leões e outros animais da natureza terrestre que ao menos só matam por puro instinto de defesa e sobrevivência.

Apostamos e investimos no disfarce dos aspectos exteriores esquecendo-nos de regar o próprio íntimo, sede da consciência cósmica de cada um, de onde tudo emana e por onde tudo passa.

Desde essa época já confundíamos o acessório com o essencial. De lá para cá, somente conseguimos aumentar mais ainda a distorção do nosso modo de proceder. E ainda nos orgulhamos disso tudo.

Orgulho era o que não faltava entre os rebelados.

Mesmo com a sensação de decadência a rondar-lhes a existência, perseguiam como fanáticos a desnecessária tirania do convencimento recíproco de que estavam todos sendo vítimas das altas sociedades do cosmos.

Esquecidos de que todo novo instante é momento que propicia renovação dos destinos dos seres cósmicos, persistiam como loucos nas tentativas estéreis de provar a eles mesmos que o que estavam fazendo era correto, iludindo-se completamente na análise da relação inteligente entre causa e efeito.

A atitude do corpo será sempre manifestação de um simples efeito, pois quando o mais íntimo do ser — Espírito ou Alma — deseja algo, a sua forma energética que liga o Eu mais profundo ao corpo transitório comanda a ação em busca da que se deseja, e o corpo simplesmente age conforme a ordem que lhe vem do íntimo. Na linguagem terrena diríamos que o espírito quer, o perispírito comanda e o corpo faz.

Diante das realidades existenciais daqueles mundos foi só uma questão de tempo o surgimento de novas necessidades. Estas se exteriorizavam pela simples atitude íntima da vontade pessoal. As vibrações decorrentes provocavam sérios problemas nas constituições corporais daqueles seres, independente de agirem ou não conforme as novas tendências interiores que, sem maiores avisos, afloravam devido à nova situação.

Começaram a surgir movimentos desordenados o que preocupou Lúcifer e seus principais seguidores.

Ora, se na atualidade terrena conseguimos perceber com clareza que certos agrupamentos que se caracterizam por possuírem grandes lacunas sociais raramente conseguem ter algum tipo de coesão, imaginemos aquelas sociedades planetárias cheias de diferenças vibratórias.

Os seres que ainda conseguiam vibrar de forma razoável tinham que nivelar as suas emanações fluídicas às que lhes eram inferiores, para poder conviver com os demais, já que o inverso não era possível.

O que se devia esperar, portanto, de uma comunidade planetária onde os melhores têm que piorar a si mesmos para tornar suportável a convivência com os seus pares?

Eram patentes as fragilidades de sustentação do movimento rebelde. Situações nunca antes vividas estavam agora afligindo a todos. Entretanto, ninguém queria ou conseguia perceber coisa alguma nesse sentido.

Ninguém progride sem renovar-se. No entanto, queriam evoluir mesmo empedernidos em posturas tão equivocadas. E por não evoluírem, creditavam à perseguição do Mestre —assim passaram a crer depois de certo tempo evidenciando os sintomas de uma espécie de loucura — o fato de não poderem evoluir, segundo os seus próprios critérios.

Imaginemos um bando de doentes vivendo como se assim não estivessem, sem aceitar procurar a cura para a própria doença, em mundos que ainda ostentavam características de elevado padrão de existência, movimentando-se em naves de possibilidades de deslocamentos inimagináveis para o atual padrão do conhecimento terreno: era esse, enfim, o quadro algo tragicômico da vida dos seres rebela- dos.

Se os fatores que contam para o conceito do que é a realidade forem a matéria, a energia, o psiquismo, a consciência e a percepção, podemos deduzir que dos três últimos nascem todas as possibilidades que a individualidade cósmica tem de perceber o ambiente que a rodeia. Se assim é, como estavam aqueles seres que, com o nível de percepção em flagrante processo de decadência, com o psiquismo abalado e a consciência em frangalhos, tentavam a todo custo se enquadrar na nova situação?

E como estamos nós, terráqueos, nos dias atuais, se acreditamos piamente que todo o conhecimento só é possível chegar às nossas mentes por intermédio apenas dos cinco sentidos do corpo terrestre? Ou seja, o que puder se encaixar na nossa percepção corporal é real, o que não for possível de assim ser inserido, paciência, não pode ou não deve existir.

Com tal nível de conclusão perceptiva o nosso psiquismo se reduz ao tamanho daquilo que conseguimos perceber, empobrecendo, dessa forma, a postura psíquica do ser terrestre diante do cosmos. Com isso, qual será a consciência que temos de nós próprios, se não sabemos ao certo quem somos, de onde viemos e para que existimos? Podemos nada disso saber mas, que temos o sentimento de orgulho —sabe-se lá o porquê — a caracterizar as nossas feições é fato público e notório que a muitos intriga pelo cosmos afora.

Os rebelados tentavam, portanto, a todo custo, encontrar uma saída para o impasse que se avizinhava: os seus corpos não agüentariam muito mais tempo aquela situação.

Diversas possibilidades científicas no campo da medicina cósmica foram tentadas pelos cientistas que seguiram Lúcifer. Nada, entretanto, surtia o efeito pretendido.

Para que não ocorresse o chamado vazio existencial no íntimo daqueles seres, os lideres propagavam cada vez mais a "injustiça que contra eles estava sendo praticada" pelas altas hostes da Hierarquia. Precisavam criar uma bandeira, um substrato psíquico, que os mantivesse de pé, com vontade de lutar, nem que fosse contra os fantasmas por eles mesmos criados.

Muito tempo se passou até que, com receio da desagregação, o quartel-general da rebelião ordenasse a nomeação de orientadores para cada grupo de famílias e governantes para cada um dos mundos rebelados. Na visão dos lideres era essa a única forma de não haver defecções ou mesmo indecisões que pudessem propiciar a interferência dos que permaneceram fiéis ao Mestre.

Nascia aí, acobertado pela necessidade de sobrevivência de um movimento de seres doentes, o germe do comportamento tirânico que traz consigo a insuportável forma de convivência tão comum à educação terrena: o patrulhamento. Essas características comportamentais passariam a caracterizar a rebelião, a partir desse fato. Criou-se, para esse fim, uma grande hierarquia que passou a ser conhecida como os fiéis a Lúcifer.

No início foi muito difícil pois quase todos eram seres de semelhantes possibilidades espirituais, o que dificultava a aceitação de subserviência a alguém do seu mesmo nível. Muitos problemas ocorreram e, somente a muito custo, Lúcifer conseguiu manter a coesão do movimento rebelde naqueles instantes.

Mas, com o aparecimento da hierarquia luciferina, veio, para muitos, a temida sensação de vazio existencial. E quando isso ocorre, somente o desabrochar de uma característica íntima que é comum aos mundos que apresentam um baixo padrão evolutivo poderia dar suporte aos que assim se sentiam: a necessidade da fé.

Se tudo era desilusão consciente quanto ao presente e ao futuro, algum tipo de alimento íntimo deveria urgentemente ser produzido por cada um dos rebelados, para tornar possível a sobrevivência naqueles dias.

No princípio desse problema — e foram muitos desse tipo, verdadeiras doenças íntimas que nos marcam até hoje, que surgiram ao longo do desenvolvimento da rebelião —quase ninguém em Alt'Lam e nos planetas rebeldes vizinhos referia-se abertamente ao novo e desconhecido sentimento que começava a brotar do interior daqueles seres.

Por mais estranho que nos possa parecer, a característica íntima recém-surgida criou todo tipo de problema em Alt'Lam e adjacências. Logo a notícia desse vírus desconhecido espalhou-se por todos os outros planetas rebeldes.

Muitos foram internados — os primeiros que resolveram expressar as suas angústias — e, se me permitem os amigos e amigas leitores uma leve brincadeira diante de tanta tragédia, na opinião do autor terreno foi nessa ocasião que surgiu a dependência ante os psicólogos e psiquiatras que, inevitavelmente, começaram a surgir para dar conta da aflição reinante. Realmente, alguma coisa tinha de ser feita para evitar o caos, pois a rebelião estava prestes a sucumbir diante das diversas espécies de câncer vibratório que a todo momento surgiam e ameaçavam atacar o conjunto dos rebelados.

Diante do inusitado da situação muitas foram as tentativas criadas em Alt'Lam para sufocar o problema. Com o passar dos tempos daquele mundo, os que não tinham mais jeito — na avaliação dos fiéis a Lúcifer — eram congregados numa espécie de prisão-hospital, o que complicou mais ainda o clima reinante.

Lúcifer e sua assessoria mais imediata começaram a visitar os outros mundos rebelados, tentando manter acesa a chama do movimento. Mas, os problemas de ordem vibratória começavam a se alastrar como uma febre que ninguém e nenhum tipo de remédio podia curar.

Normalmente, quando estamos diante de uma situação desesperadora causada por nosso próprios atos sem que disso nos apercebamos, costumamos procurar culpados fora da nossa própria jurisdição espiritual, e fácil e irresponsavelmente os encontramos. Não é à toa que a humanidade terrena herda essa infeliz característica até o presente: herança espiritual dos nossos próprios atos praticados naquele tempo.

Como não se podia remediar a situação, a alternativa era achar culpados. Não deu outra: sobrou para a famíliaVal que, por possuir alguns poucos membros ainda não atingidos de todo pelo problema vibratório, foram inapelavelmente apontados como semeadores daqueles vírus desconhecidos que começaram a surgir.

Era muita coincidência para não ser verdade, pensavam alguns. Na hipótese mais generosa, a propagação de tais venenos vibratórios estava sendo feita de forma inconsciente, ou seja, sem nenhum objetivo de atrapalhar a rebelião. Ainda assim, na opinião geral que começava a se formar, aqueles seres deveriam ser afastados do sistema de Antares, que era a sede governamental do movimento rebelde. Na versão mais cruel, os espiões do Mestre estavam propositadamente semeando aqueles problemas com vistas ao naufrágio dos rebelados.

Se é dito popular que, em terra de cego quem tem um olho é rei, como tal aqueles seres foram tomados, e somente não se começou uma espécie de revolução naqueles dias com as características das que comumente viriam a ocorrer na história terrena, porque Lúcifer retornou urgente e acalmou os mais exaltados.

Foi promovida uma reunião entre todos os membros da família Val e o quartel-general de Lúcifer, além dele próprio.

Postulados científicos diversos sobre as chamadas doenças vibratórias, intrigas, disputas e incompreensão foram a tônica daquele encontro.

Os rebelados e, em especial, os membros da assessoria luciferina, não queriam ou não podiam mesmo perceber que os problemas vibratórios eram decorrentes da postura íntima causada pela rebelião. Era, realmente, impossível o diagnóstico correto para o problema.

Os membros mais doentes da família Val se exaltaram de vez e surgiu o primeiro grande impasse interno da rebelião. Val Elliah,Val Ellieh eVal Ellam, dentre outros, criaram um outro movimento rebelde dentro da própria rebelião. Surgiram, então, confusões e conflitos por todos os lados.

Lúcifer tentou de todas as formas contemporizar. Mas por não atentar com a verdadeira causa do problema, estava convencido de que, não por má fé, mas devido ao nível vibratório de pequena parte dos membros da família Val é que os terríveis problemas tinham sido gerados. Por conseguinte, Lúcifer propôs a internação dos que assim se encontravam, ou que os mesmos fossem levados para um certo satélite de um outro planeta rebelado no sistema de Anta-res. A família Val não concordou e as acusações começaram a surgir de ambas as partes.

Lúcifer e os demais se sentiram traídos. Da mesma forma se sentiu a outra parte da questão, pois o grupo tinha absoluta certeza da improcedência das afirmativas caluniosas quanto à parte de seus membros.

O impasse estava estabelecido. Alguns começaram a defender a prisão de todo o grupo, sugestão com a qual o próprio Lúcifer não concordou. Entretanto, não era mais possível a convivência do grupo Val com o quartel-general da rebelião.

Lúcifer resolve deixar a critério da família a atitude a ser tomada pelos seus membros.

A partir desse fato a família Val passou a revoltar-se contra os fiéis a Lúcifer — como assim passaram a ser chamados os membros do quartel-general da rebelião e da grande hierarquia que foi montada naqueles dias para dar suporte organizacional ao movimento.

Rebelados contra o Mestre e revoltados com o tratamento que lhes foi dado pelos fiéis a Lúcifer, os membros da família se encontravam numa encruzilhada existencial: o que fazer e para onde ir?

Entregues à própria sorte e impossibilitados de maiores deslocamentos fora da jurisdição da rebelião, resolveram —numa espécie de orgulho íntimo — se dirigir para o mundo rebelado menos complicado do movimento e que, àquela altura dos fatos, não tinha ainda maiores focos populacionais: o longínquo planeta azul que já conheciam de missões anteriores e para o qual já tinham pensado antes se dirigir.

Lúcifer e os seus seguidores concordaram até porque jamais conseguiram imaginar que no futuro estariam todos congregados naquele distante e pouco importante planeta, em termos das atuais estratégias que caracterizavam o movimento à época dos fatos em questão.

Em termos de fuso horário cósmico, na Terra haviam decorridos agora, setenta mil anos desde a deflagração da rebelião nos mundos de Capela.

As grandes equipes de assessoramento do Mestre, por esse tempo, estavam terminando de tomar as providências de isolamento cósmico dos mundos rebelados, dentre outras. E foi com certa surpresa que perceberam três grandes naves se deslocando para o longínquo e menos importante dos planetas rebelados.

Há cerca de seiscentos e vinte mil anos terrestres, portanto, a família Val chegou à Terra, revoltada contra tudo e contra todos.

Espalhou-se pelos mundos rebelados que a primeira defecção na rebelião havia sido, na verdade, uma traição a Lúcifer. A partir de então, os membros dessa família foram considerados pelos demais como traidores.

Até bem pouco tempo, os membros Val, mesmo reencarnados na Terra, eram referidos dessa forma por certos espíritos necessitados que davam suas presenças em algumas reuniões espíritas. O importante é que, quando isso ocorria, eram finalmente ajudados, pondo fim a milênios e milênios de sofrimentos inenarráveis de uma história que começou nos ambientes paradisíacos dos mundos de Capela e ainda está por terminar, nos ambientes não menos belos do planeta azul, que terminou por se transformar em verdadeiro inferno.

O céu e o inferno assim se confundem na postura dos seus habitantes.

^

III. EXÍLIO

CAPÍTULO DOIS
Opções Equivocadas.

Muitos foram os equívocos cometidos ao longo do problema luciferino. Não só no campo das posturas íntimas, no extravasamento das mesmas, como também nas opções aparentemente estratégicas que foram escolhidas durante o desenrolar do processo.

Se intimamente as posições radicais, inflexíveis e extremadas — beirando o fanatismo mais estéril — que têm por base o orgulho e a vaidade espiritual, povoavam a vida interior daqueles seres, exteriormente as opções equivocadas eram a tônica dos processos decisórios diante dos problemas.

A família Val — por puro orgulho — não quis dirigir-se para um mundo do sistema de Órion que, conhecedor do impasse ocorrido e, acima de tudo, por solicitação do Mestre que havia recorrido a outro irmão Seu na Deidade no campo das administrações celestes, formulara convite fraterno para acolhê-la.

Esse mundo, cujo padrão energético poderia ser suportado pelos membros da família, endereçou singela delegação até a Terra e, dos ambientes próximos ao planeta, contatou os membros do grupo Val ofertando o concurso fraterno que, se aceito, poderia ter posto um fim ao problema, pelo menos para aquela família.

Mesmo tendo sido informados de que a vibração que lhes emanava do íntimo não criaria problemas para as populações daquele mundo, que o próprio Mestre era quem havia solicitado aquela intervenção fraterna e que um curto período de anos daquele mundo devolver-lhes-ia a condição vibratória temporariamente perturbada, ainda assim a oferta solidária não surtiu efeito. Tudo foi tentado mas o orgulho cegara inapelavelmente os já perturbados membros Val.

Outra poderia ter sido a história daqueles seres. Mas terminaram optando pelo que julgavam ser a postura correta diante dos fatos. A partir desse ponto não haveria mais retorno. A Terra serviria de berço planetário para todos até os dias que correm. Belíssima decisão!

Enquanto isso, Lúcifer debatia-se com as conseqüências de uma outra opção equivocada: ter levado e estabelecido o quartel-general da rebelião em Alt'Lam, um dos mundos de Antares.

O sistema de Antares é formado por mais de uma centena de civilizações planetárias que variam de uma para outra de forma significativa na escala evolutiva dos orbes. Dessas, catorze haviam abraçado os ideais rebeldes.

Na verdade, há de tudo em Antares.

Talvez, devido a isso, Lúcifer se viu atraído pela expectativa de influenciar mais e mais o já perturbado sistema planetário.

Paradoxalmente, havia sido em Antares a ocorrência do maior número de mundos rebelados. Entretanto, existia também naquele sistema, a inquietante e desagradável proximidade geográfica de um grande número de planetas que não haviam aderido à rebelião.

O que era vantagem transformou-se em flagrante desconforto. Mas, o que podia ser feito?

Os outros mundos rebelados estavam espalhados em três sistemas distintos:

- dois, no sistema de Tau Ceti, que estavam cheios de indecisos e também perigosamente cercados pelos membros dos mundos-universidade de Tau que não aderiram à rebelião;

- outros dois, pertenciam ao sistema de Epsilon Eridani que, já possuindo seus problemas de ordem genética — independente da questão luciferiana — a serem enfrentados, também estavam cercados por outros mundos que, apesar de estarem enfrentando o mesmo dilema celular, não haviam aderido ao movimento;

- por fim, restava o longínquo planeta azul — em termos de distância astronômica relativa ao sistema de Antares mas, facilmente alcançável pelos deslocamentos feitos através dos túneis ou cones magnéticos que existem no cosmos — que, estrategicamente, nada ou pouco significava para o movimento rebelde.

O Mestre se desloca com sua assessoria pessoal para o sexto planeta em órbita do sistema de Antares, estabelecendo ali, a sede governamental provisória. Por ordem sua, foram potencializadas, a partir daquele orbe, estradas de deslocamentos magnéticos dirigidas a todos os outros mun dos rebelados — já denominadas anteriormente por túneis ou cones magnéticos — que propiciam condições inimagináveis para as viagens intersistêmicas.

Com isso, estabelecendo a sede do que poderíamos chamar de resistência fraterna no sexto planeta de Antares e, a partir dele, acesso rápido e estratégico com os outros mundos problemáticos, foi montada a base de toda assistência necessária para algum tipo de ajuda mesmo àqueles que não desejavam ser ajudados. Essa base, por sinal, funciona até os dias atuais.

Ficava temporariamente determinado o domínio geopolitico do sistema de Antares como centro principal irradiador tanto da rebelião de Lúcifer como do cerco amoroso do Mestre a Suas ovelhas transviadas.

Durante muito tempo essa batalha psicológica — na visão dos rebelados — foi desenvolvida.

Com o desenrolar dos problemas e a inexistência de qualquer remédio ou coisa do gênero que pudesse por um fim à doença vibratória que mais incomodava os rebelados congregados nos mundos de Antares, aumentava cada vez mais a inquietação que se fazia presente no íntimo de todos.

Aquela espécie de câncer energético de poder altamente destruidor era, naquele momento, o grande inimigo da manutenção do movimento rebelde.

A marca indelével da postura equivocada assumida aparecia agora como manchas energéticas de diversas tonalidades que surgiam aqui e ali, nos corpos dos seres rebelados.

Diziam que tais marcas eram a disseminação propositada de certos circuitos vibratórios que estavam sendo semeados nos mundos rebeldes para martirizá-los. Outros afirmavam que o problema era temporário — de adaptação às condições da mistura das energias estelares reinantes no sistema de Antares — e que logo se resolveria.

Durante algum tempo essa foi a tônica do desespero naqueles mundos.

Lúcifer e parte de sua assessoria resolvem se deslocar novamente para o sistema de Tau Ceti, tentando poupar seus corpos daquela doença que imaginavam ser decorrente das vibrações de uma das duas estrelas cujas irradiações dominavam o ambiente.

Ora, aquelas estrelas que formavam o sistema binário de Antares jamais tinham apresentado qualquer tipo de irradiação que pudesse causar aquele tipo de problema. Ainda assim, os rebelados — por não atinarem que o problema estava, sim, nas próprias vibrações íntimas sendo, portanto, gerado de dentro para fora e não por uma causa externa — realmente passaram a aceitar essa opção como a mais provável.

A segunda, era a de que aquilo seria proveniente de algum vírus — no linguajar moderno — ou qualquer coisa do gênero, que teria sido propagado para por fim à rebelião. O fato é que até hoje temos a irresistível tendência a encontrar culpados e causas equivocadas além das fronteiras das nossas próprias responsabilidades.

Enquanto isso, nos mundos rebelados de Antares, se espalhava entre muitos a inquietante notícia da inclemência do Mestre, que permitia que tudo aquilo ocorresse, se é que não estaria Ele próprio a promover toda aquela desgraça vibratória.

A tudo isso Ele acompanhava imperturbável na Sua postura serena de Pastor Cósmico que tudo dá e nada pede às ovelhas do seu rebanho.

Acompanhava pessoalmente a tudo o que acontecia —prática que até os dias atuais é mantida pelo Mestre no que se refere ainda aos efeitos dos problemas decorrentes da rebelião — e determinava providências de diversas ordens a serem tomadas a todo instante.

Entretanto, com o passar dos tempos, começaram a ocorrer em um dos mundos rebelados de Antares processos de decomposição com os corpos já bastante prejudicados de alguns daqueles seres. Em nada erraríamos se chamássemos a esses processos de morte corporal, semelhante ao que conhecemos na Terra. Simplesmente, muitos seres começavam a desfalecer por pura incapacidade dos centros energéticos característicos dos seus corpos de se manterem vivos.

Outra ordem de problemas estava apenas iniciando.

Devido à condição com que os espíritos daqueles seres estavam deixando os seus corpos característicos das suas origens planetárias, os mesmos permaneciam vagando —como se

estivessem flutuando de forma inconsciente mas a todo momento apresentando estranhos tremores — à vista de todos.

Quando isso começou a acontecer, mais ainda o Mestre foi acusado de violências de todo tipo, como se fosse por ordem dEle que tudo aquilo estivesse ocorrendo.

Se pudéssemos traçar um paralelo com a Terra, é como se cada pessoa que viesse a morrer ficasse com o seu espírito desencarnado e desacordado voando por aí à vista de todos.

No caso terreno, devido às condições ambientais, quando um espírito larga o seu corpo material na hora do desencarne, normalmente não é percebido visualmente por ninguém.

Naquele mundo de Antares, as características ambientais, ao contrário das terrenas — e isso varia de orbe para orbe —, faziam com que aqueles espíritos libertos dos seus corpos mais pesados permanecessem vagando no espaço próximo à crosta planetária. Doenças de diversas ordens começavam a surgir em todos os recantos daquele planeta.

Começaram a ocorrer processos de fugas desorganizadas para os mundos rebelados mais próximos.

Com o passar do tempo e o aumento dos problemas, alguns desses planetas não queriam mais receber os seres provenientes do mundo problemático.

Lúcifer teve que voltar ao sistema de Antares. Ao chegar, percebeu imediatamente a gravidade do problema.

Seu semblante já não mais lembrava nem de longe o ser agradável e belo de feições, que eram suas principais características exteriores. Era, naquele momento da rebelião, a personificação do desânimo e do desespero íntimo. Simplesmente não sabia o que fazer.

No nosso planeta seria até aceitável — como de fato ocorre — que muitos desenvolvessem a equivocada visão de não entenderem nem aceitarem a aparente inclemência divina diante de tanto sofrimento.

Se nós, que somos imperfeitos, muitas vezes não suportamos conviver com a dor alheia e, se estivesse ao nosso alcance, poríamos um fim à desdita do próximo, como é que Deus, sendo Pai Amantíssimo, permanece impassível permitindo tanta dor? Se nós nos apiedamos de alguém como é que Ele próprio não se permite assim proceder?

Muitos assim pensam por desconhecerem o pano de fundo espiritual das dores que caracterizam a vida terrena. E, enquanto não conhecermos as leis cósmicas de causa e efeito que regem a evolução do Espírito pelas muitas vidas transitórias ao longo da eternidade, estaremos sempre achando que, das duas, uma: Deus não existe ou, se existe, a culpa é d'Ele por tanta loucura e sofrimento na Terra.

Por mais que nos choque a análise mental, foi aproximadamente esse tipo de postura que os rebelados, nas suas elucubrações, passaram a assumir. A partir desse ponto, talvez por não

atinar mais com o que seria ou não razoável a título de postura pessoal enquanto líder de um movimento celeste, Lúcifer passou a personificar a própria rebeldia insana. Perdeu-se completamente.

O isolamento cósmico que eles mesmo buscaram, direta e indiretamente, passou a ser, a partir daquele instante, motivo político de acusações gravíssimas à pessoa do Mestre.

Por não saberem o que fazer, os rebelados simplesmente abandonaram aquele mundo, que terminou por ter seus ambientes astrais mais próximos à crosta transformados em espécie de cemitérios de espíritos desligados dos seus corpos materiais que, inconscientes, vagavam a esmo, apresentando estranhas cintilações e tremores, por toda a atmosfera planetária.

Assim que esse orbe ficou entregue a própria sorte, o Mestre — que dentre muitos outros atributos é também médico de almas — pessoalmente, seguido de sua assessoria, foi ajudar recolhendo a cada um daquelas dezenas de milhões de seres que experimentavam, sem o menor preparo, um tipo de suicídio que os fazia permanecer em um constante estado vibratório de terror íntimo inconsciente, espécie de pesadelo inevitável e irremediável.

Foi esse o primeiro mundo rebelde a ser reintegrado à administração amorosa do Mestre. E Ele o recebeu de braços abertos. Até os dias atuais, esse mundo encontra-se inabitado na sua esfera física devido às inquietantes vibrações energéticas que ainda o caracterizam.

III. Exílio

CAPÍTULO TRÊS

Acompanhamento do Mestre.

Eram, agora, dezoito os mundos rebelados.

Lúcifer permaneceu em Alt'Lam liderando o movimento.

O Mestre, após as providências necessárias que teve pessoalmente que tomar no mundo que fora abandonado pelos rebeldes, retomou ao sexto planeta em órbita do sistema de Antares, sede do seu governo provisório.

A partir dali, Ele e alguns dos Seus assessores promoveram verdadeiras missões "disfarçadas" em alguns dos mundos problemáticos.

Sem jamais interferir no ambiente em que se encontrava em missão socorrista — ajudando apenas como um simples "médico" diretamente aos que estavam necessitados e dando "a César o que era de César", ou seja, sem se imiscuir nas disputas daquele mundo — o Mestre procurava ajudar e descobrir, dentro da realidade de cada um daqueles orbes, o que podia ser feito para apressar o fim de tanto sofrimento. Assim agiu por amor às suas ovelhas tresloucadas sem, entretanto, ferir o livre-arbítrio de nenhuma delas.

Talvez algum dia essas histórias sejam contadas. Mas, se no momento sequer entendemos a que Ele promoveu na Terra, como poderemos entender as que foram promovidas em contextos planetários tão diferentes do terrestre?

Somente o tempo e a evolução dos fatos dirão da possibilidade dessas informações serem ou não veiculadas, a curto ou médio prazo ou, simplesmente, não serem levadas ao conhecimento terreno, até que novas gerações mais evoluídas e menos ligadas aos valores equivocados do passado, estejam a caracterizar a vida na Terra.

De toda forma, quer saibamos ou não, entendamos ou não, o Mestre pessoalmente promoveu páginas e páginas de renúncia e amor pelas suas ovelhas transviadas.

Como Ele fez isso? Através das muitas vestes celestes que um ser do seu nível pode assumir por vontade e sacrifícios pessoais, dentro do que é permitido pelas leis cósmicas.

São muitas as vestes do Ser e a quantidade delas terá relação direta com o seu nível evolutivo ou marco espiritual que o caracterize a cada instante cósmico. Como também são muitas as experiências existenciais que cada uma dessas vestimentas corporais pode promover ao Espírito.

Mesmo no caso terrestre, onde o atraso espiritual ainda é a tônica da vida dos seus habitantes, existem milhares e milhares de oportunidades encarnatórias pertinentes apenas ao tipo de vestimenta espiritual que nos caracteriza o ser no presente momento cósmico. E o que dizer de situações existenciais mais evoluídas que a terrena? E no caso dos Espíritos de Escol, como é o do nosso Mestre Jesus?

Pena que nada ou tão pouco saibamos a respeito desse assunto, enquanto comunidade planetária, para que algo mais pudesse ser informado. Mas dia virá em que tudo isso será esclarecido. Vamos apenas torcer para que esse tempo ainda seja o nosso, ou seja, esse em que ainda estamos reencarnados. O problema é que o ser terreno sequer sabe "ao certo" se existe vida após a morte.

Quando esse tema não for mais uma questão de crença pessoal e sim de conhecimento planetário, provavelmente tudo será esclarecido. Até lá, contentemo-nos com o que for possível ser informado.

O fato é que o Mestre jamais deixou de acompanhar a loucura — e os efeitos da mesma — promovida por suas ovelhas.

Até hoje Ele nos olha de forma compassiva e amorosa, aguardando oportunidades geradas pelo nosso próprio livre-arbítrio, para nos proporcionar ajuda e apoio. Não poderia ser de outra forma perante as leis cósmicas. Pena que sequer temos ainda consciência do problema e muito menos das leis que nos regem a existência.

A exemplo de um jogador que entra em campo desconhecendo as regras do jogo e que, fatalmente, desprenderá esforços desnecessários, cometerá faltas comprometedoras, se colocará em posições pouco estratégicas e, seguramente, terá um desempenho sofrível durante a peleja, assim somos nós no jogo da vida terrena, por desconhecermos o verdadeiro pano de fundo das nossas existências transitórias na Terra.

Ao nascermos, ou seja, ao entrarmos em campo existencial transitório, ninguém nos explica — ou nos relembra, já que antes de renascermos estávamos razoavelmente informados quanto às leis que regem a evolução espiritual — as regras de como bem viver na Terra.

Nossos pais, na medida das possibilidades espirituais que lhes caracterizam o marco evolutivo, tentam nos fornecer algum tipo de formação que normalmente pouco diz a respeito das regras existenciais e que mais tem a ver com a ótica de vida que lhes é característica. Como são também necessitados de esclarecimento espiritual tanto quanto os seus filhos...

Já inclinados a seguir os impulsos que nos vêem do íntimo — produtos das tendências de vidas passadas — e embalados pela pouca vigilância educacional dos que nos rodeiam, costumamos caminhar pelas estradas da vida despreocupadamente, sem a menor noção das regras do trânsito espiritual.

Infrações diversas e multas de todos os montantes nos esperam — quando desencarnarmos — na hora de renovar as nossas licenças espirituais para novos períodos de aprendizado, ou seja, novas vidas na Terra. No entanto, tudo isso é ainda, infelizmente, questão de crença para muitos, de descrença para outros tantos e de certeza para uns poucos.

Mas o Mestre não se altera nem se perturba. Ele espera pacientemente a oportunidade e o tempo corretos para tornar a abraçar a cada uma e a todas as suas ovelhas. Mas não nos iludamos, pois Ele mesmo nos avisou que a cada um seria dado conforme as próprias obras.

III. Exílio

CAPÍTULO QUATRO

Roteiro do Exílio.

Os tempos planetários dos mundos de Antares corriam céleres. As diversas famílias de seres rebelados ainda conseguiam promover convivência entre os seus pares de forma a que permanecessem congregados em um mesmo mundo.

Algumas, já desfalcadas de alguns de seus membros que foram acometidos por aquele estranho tipo de doença que terminou por aniquilar seus corpos, continuavam na busca incessante de, juntamente com as demais, encontrar alguma saída para a inquietante ocorrência energética que ainda os vitimava, só que de forma menos danosa.

É como se os que tivessem conseguido sobreviver àquela onda venenosa, mesmo apresentando seqüelas de diversas ordens, não mais fossem sucumbir diante do problema.

Mas o desespero e a incerteza quanto ao futuro ainda eram a tônica da vida dos rebelados.

Aqui e ali, alguns membros de determinadas famílias capelinas começavam a questionar se tudo aquilo não tinha sido um grande erro, uma grande doença vibratória promovida pelo orgulho do que se pensa saber.

Se aqui na Terra - somente para traçar algum tipo de paralelo - quando uma pessoa permanece muito tempo em uma determinada postura mental, como por exemplo o desânimo e a tristeza, termina por entrar em um forte processo de depressão que muitas vezes a leva a beira de diversos abismos existenciais, em outros mundos a permanência mental em certos postulados do que se pensa saber termina, também, por provocar seus problemas.

No caso, não uma simples depressão, mas sim uma espécie de aceleração ou febre vibratória indescritível nos atuais padrões de conhecimento terrenos, que termina por levar os seres que assim se permitem vibrar a condições tais de arritmia energética que desmorona o nível consciencial do ser.

Essa possibilidade estava sendo analisada por muitos rebeldes que não mais conseguiam suportar o tipo de vida que estavam levando, destituída de qualquer razão existencial mais nobilitante. E esse fato terminou por se tornar fator de desagregação entre milhares de famílias que se encontravam espalhadas pelos mundos rebelados.

Com o tempo, e por ordem de Lúcifer - que a essa altura dos acontecimentos passou a agir por puro orgulho - todos os que assim pensassem podiam se reunir onde quisessem e solicitar ao Mestre o devido perdão ou o que mais lhes aprouvessem.

E ocorreu que eram tantos que assim desejavam agir que, sucessivamente, nove mundos rebelados do sistema de Antares foram, pouco a pouco, reintegrados à convivência cósmica, tendo sido os habitantes desses mundos, a partir de então, ajudados pelas equipes do Mestre e por Ele mesmo, no sentido de recomporem seus padrões existenciais.

Aqueles seres, entretanto, que ainda persistiam na postura rebelde foram deslocados ou se dirigiram para os mundos que ainda continuavam a ostentar a bandeira da rebelião.

Enquanto isso, chegava a notícia em Antares que os dois mundos rebelados do sistema de Epsilon Eridani estavam apresentando problemas mais sérios ainda do que aqueles que caracterizaram o que havia sido abandonado à própria sorte pelos rebelados. Era apenas uma questão de tempo aqueles dois orbes serem assistidos pela misericórdia do Mestre.

Lúcifer, percebendo a inevitabilidade da ocorrência, desistiu de desprender maiores cuidados com os mundos de Epsilon Eridani e logo os dois foram religados ao fluxo normal do intercâmbio cósmico, apesar dos seus problemas de ordem singular no campo da genética que lhes é peculiar.

A essa altura dos acontecimentos - em termos de tempo terrestre, duzentos e sessenta mil anos desde o inicio da rebelião - sete eram os mundos ainda rebelados, sendo quatro localizados no sistema de Antares, dois no de Tau Ceti e o planeta azul para onde tinham se dirigido algumas famílias, entre as quais a família Val.

Era essa a situação do movimento rebelde há aproximadamente quatrocentos e trinta mil anos atrás.

Em Alt'Lam, Lúcifer e seu quartel-general continuavam a tentar administrar o que restava das forças rebeldes.

Aparentemente, as coisas estavam mais calmas. Era tanto o trabalho que as hostes celestiais estavam tendo com a reintegração dos mundos antes rebelados à coexistência cósmica que não tinham tempo ou oportunidade de investirem contra a sede do governo luciferiano. Pelo menos é o que pensavam Lúcifer e seus seguidores mais próximos.

Mas, os problemas continuavam.

Muitos seres que habitavam os mundos problemáticos de Tau Ceti começaram a apresentar uma outra ordem de problema vibratório que se assemelhava a uma espécie de demência profundamente perturbadora.

Devido ao isolamento e com o passar dos tempos cósmicos, esses dois mundos haviam perdido a capacidade tecnológica de se deslocarem até o sistema de Antares.

Pediram ajuda a Alt'Lam mas não foram atendidos. O quartel-general da rebelião temia que se Lúcifer e/ou seus principais assessores se ausentassem do sistema de Antares, os quatro mundos ainda rebelados fossem *invadidos* por algum tipo de estratégia ou mesmo diretamente pelas hostes celestes. O próprio Lúcifer tinha esse receio.

Quando foram informados da decisão dos membros do comando da rebelião de não se ausentarem de Antares, os rebeldes congregados no sistema de Tau Ceti encheram-se de sentimentos de revolta contra o próprio Lúcifer e, mesmo sem maiores tomadas de consciência por parte dos que ali estavam congregados, foi somente uma questão de tempo a reintegração cósmica daqueles orbes.

Os seres ainda empedernidos desses dois mundos, fossem pelos ideais luciferianos ou mesmo por problemas energéticos de outra ordem, foram exilados para a Terra.

A rebelião passou a se resumir, a partir de então - cerca de trezentos e setenta mil anos atrás - aos quatro mundos do sistema de Antares e ao planeta azul e circunvizinhanças.

Por esse tempo, em Antares, os rebelados tiveram um período de relativa calma, sem maiores preocupações quanto a uma iminente invasão ou coisa do gênero, que viesse a ser promovida pelas hostes do Mestre.

Ele mesmo retornara, durante algum tempo, à Orbum, em Capela, com parte de Sua assessoria.

Enquanto isso, começaram a ocorrer problemas dentro do quartel-general da rebelião.

Como o que tende a desagregar parece assumir uma espécie de doença psíquica que faz com que o ser perca as noções de limite. incapacitando-o de fazer uso do discernimento para fazer cessar suas próprias vibrações desarmônicas diante dos acontecimentos da vida cósmica, o movimento rebelde, quando livrou-se temporariamente de um inimigo exterior - o Mestre havia retornado à Capela - concentrou-se na discussão entre os seus próprios pares quanto aos caminhos a serem seguidos pela rebelião.

Quando eles mesmo perceberam, já haviam sido criadas diversas facções dentro do movimento e todas elas cheias da perigosa certeza psíquica - quando edificada sem nenhuma ou pouca base de sustentação moral - do pretenso saber. Era orgulho por todos os lados.

Lúcifer, mesmo sendo o mais orgulhoso e pretensioso de todos, parecia estar ainda possuído por alguma capacidade de discernimento, pelo menos no plano teórico, e concitava a todos os seus principais assessores a trabalharem pela unidade do movimento rebelde.

Len Mion, líder da maior facção, que defendia o uso dos instrumentos que fossem necessários para a manutenção da então chamada *causa cósmica dos expatriados da Grande Hierarquia*, defendia - e com razão - que se o movimento rebelde não voltasse a disseminar os seus postulados por outros mundos, fazendo com isso crescer novamente o número de adeptos a tão nobre bandeira defendida por eles, seria o fim da rebelião. Defendia mesmo a luta incessante na tentativa de se furar o cerco imposto pelas hostes siderais que não os permitiam se deslocarem além das fronteiras dos mundos rebelados.

Tão grande era o poder de persuasão desse ser que, realmente, algumas tentativas foram levadas a efeito com vistas a esse objetivo mas, todas foram frustradas pela preocupante

decadência tecnológica que o isolamento cósmico terminou impondo aos mundos rebelados. Surgiram críticas por todos os lados quanto a Len Mion, em primeiro lugar, e a Lúcifer, por ter permitido tentativas fragilizadas que somente enfraqueciam o movimento.

Yel Liam, que liderava outra facção - estas se contavam às dezenas tanto que, durante algum tempo, foi formado uma espécie de conselho da rebelião formado pelos líderes de cada facção - além de criticar Len Mion, defendia a expedição de um convite diretamente endereçado ao próprio Mestre para que Ele viesse até Alt'Lam para a discussão franca e aberta, até que se chegasse a um bom termo.

Se Ele, recebido o convite não se fizesse presente em Alt'Lam, estaria aparentemente distorcendo a prédica da prática, pensava Yel Liam. Se, ao contrário, Ele viesse, se enfraqueceria porque, das duas, uma: seria obrigado a fazer uso de Sua autoridade e faria cessar o movimento, transformando, com isso, os rebelados em vítimas dAquele mesmo que se fazia passar por representante da Deidade ou tornaria a discutir em torno dos preceitos e postulados já antes apresentados pelos Seus principais assessores quando do início da rebelião.

Na ótica de Yel Liam, qualquer opção terminaria por prestigiar os objetivos da rebelião e desgastaria o Mestre de alguma maneira.

É interessante notar que, no futuro das reencarnações terrestres, o seu espírito viria a assumir a personalidade de Judas Iscariotes, exatamente aquele apóstolo que criou uma certa situação que passou à história como tendo sido a traição à Jesus.

O estranho, para a mentalidade ou ótica terrena, é que o Mestre o escolheu, mesmo sabendo quem havia sido o seu espírito no passado remoto. Diante da ótica cósmica, o mais provável seria que, exatamente por isso o Mestre o tenha escolhido para ser um dos Seus apóstolos. Mas, isso são páginas de uma outra história.

Outros segmentos defendiam opções ou estratégias completamente desarmônicas entre si e, fato é, que não se chegava a nenhum tipo de consenso. Lúcifer, pessoalmente, tudo decidia. Não havia outra alternativa.

E foi mesmo por uma questão de orgulho íntimo que ele não aceitou a proposta formulada por Yel Liam. Não queria voltar a se encontrar com o Mestre, ao menos enquanto o movimento por ele criado estivesse em posição tão desfavorável, pensava Lúcifer. Não se sentiria bem diante dEle por um milhão de motivos. Na verdade, esse encontro somente iria se dar no palco terreno.

Enquanto isso tudo acontecia, as hostes luciferinas se dividiam cada vez mais. Por tendência natural vibratória, em Alt'Lam foram se concentrando os seres mais exaltados quanto aos destinos da rebelião.

Nos outros três mundos rebelados, a característica dos seres ali congregados, com o passar dos tempos, era mais de desespero íntimo frente á incerteza quanto ao futuro e, principalmente. diante do vazio existencial que experimentavam os seus espíritos já profundamente desgastados pelos fatos conseqüentes à rebelião.

Além disso, uma nova onda de problemas vibratórios extremamente perturbadora começava a surgir naqueles mundos: os seres ali congregados não estavam conseguindo descansar. Com isso, alguns órgãos sensoriais característicos dos seus corpos, começavam a apresentar problemas e, em alguns casos, paravam mesmo de funcionar.

Se no caso característico dos corpos terrenos, cinco são os sentidos sensoriais através dos quais percebemos o Universo que nos rodeia, no caso daqueles seres - provenientes de diversas origens planetárias, cada uma com corpos planetários adaptados aos mundos onde viviam antes do exílio - diversos eram os sentidos sensoriais comuns aos seus corpos.

Se na Terra a visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar caracterizam o poder perceptivo do corpo biológico planetário, em outros mundos esses e mais uma outra gama de sentidos corporais formam n conjunto dos órgãos perceptivos dos seres.

Mal comparando com a situação terrena, o problema que começava a ocorrer com os rebelados e para eles aquilo era uma desagradável novidade - era semelhante "à perda da visão, porque os olhos simplesmente paravam de funcionar", etc.

Na verdade, estamos incorrendo em processo de grande simplificação comparando o que não e possível ser comparado. Como expressar órgãos e atitudes corporais desconhecidos do ambiente terrestre? Não há sequer vocabulário para isso.

Contudo, para o que queremos expressar, basta entendermos que aquelas individualidades cósmicas estavam sem *poder viver naqueles corpos decadentes*.

Os procedimentos médicos disponíveis - dentro dos padrões daqueles mundos - não estavam surtindo nenhum efeito quanto a um possível melhoramento ou progresso ante o problema surgido.

Devido a esse fato, surgiu a necessidade desconhecida para eles, até então - de criarem hospitais ou coisas do gênero, que pudessem receber grande número de doentes para serem tratados.

Mas, aquele estado de coisas não durou muito tempo. Piorou.

E por não atinarem com as possíveis soluções para os problemas que iam surgindo a todo momento, atropelando outros já existentes e que também não haviam sido resolvidos, a desagregação penetrou fundo no espírito daqueles seres que estavam um pouco mais distantes do centro do poder da rebelião.

O desespero íntimo, a falta de expectativas quanto à possível resolução de seus problemas, o fato de não terem ninguém a quem se dirigir para exigir ou mesmo pedir algo, a impossibilidade de se comunicarem com afetos do passado que não aderiram à rebelião e que sabiam dos problemas que eles, os rebeldes, estavam passando e, acima de tudo, a desconfiança que principiava a nascer no íntimo já tão cansado daqueles seres de que haviam cometido um grande equívoco, tudo isso levou-os a implorar intimamente ao Mestre, contra o qual haviam se rebelado, o devido perdão e, se possível, algum tipo de ajuda.

Surgia aí, o mecanismo da prece rogativa que tanto nos caracteriza ainda o espírito.

Antes da rebelião, outros eram os tipos de prece que partiam do íntimo dos nossos espíritos em direção ao Mais Alto. Entretanto, com o problema criado por nossa incúria espiritual, outra não poderia ser a expressão amorosa do Pastor que cuida de suas ovelhas e que, desde aqueles tempos, já proferia o chamamento redentor dizendo: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve." (Mateus 11, 28-30)

Ao perceberem as novas emanações fluídicas que passavam a envolver aqueles três mundos, os seres congregados em Alt'Lam passaram a criticar aquela *postura covarde* que. fatalmente, propiciaria condições energéticas favoráveis à atuação do Mestre e de Suas hostes.

E, realmente, o poder da oração abriu as portas daqueles três mundos para, em momentos cósmicos diferentes, serem reintegrados à convivência cósmica.

Quando mais da metade da população de cada um desses mundos atingia a condição mínima vibratória, necessária ao soerguimento moral e energético de seus habitantes. os demais que ainda permaneciam empedernidos nas posturas luciferinas se deslocavam ou eram deslocados para AIt'Lam.

Esses *deslocamentos forçados* de seres - pelas circunstâncias vibratórias e de outros aspectos que passaram a existir - dos três mundos antes rebelados para AIt. Lam, por si só já dariam páginas para uma outra história.

Consumada a reintegração cósmica dos três mundos de Antares, Alt'Lam e o planeta azul eram, agora, os únicos orbes sob o poder dos rebeldes, além de algumas bases próximas à Terra.

Nessa altura dos acontecimentos - há cerca de duzentos e dez mil anos - Lúcifer já havia percebido que o longínquo planeta azul seria a sua última e única alternativa, caso Alt'Lam fosse invadido ou submetido a processo semelhante ao que havia ocorrido nos mundos antes rebelados.

Devido a esse fato, ordenou que diversas expedições fossem preparadas para, em momentos diferentes, partirem na direção da Terra. O objetivo era ir preparando o planeta para uma possível vinda em massa de todo o contingente da rebelião.

Centenas de expedições foram, então, idealizadas tendo sido a maior parte delas executada conforme o planejado.

Durante, aproximadamente, cerca de cento e dez mil anos terrestres. Lúcifer e suas hastes congregadas em Alt'Lam conseguiram contrapor-se ao que supunham ser uma verdadeira frente celeste, com diversas equipes preparadas para, a qualquer momento, tomar-lhes o planeta.

Ledo engano, entretanto.

Ao começar a receber, ainda em Orbum, a emanação das preces a Ele endereçadas pelos rebeldes arrependidos e desesperados, e por ser muito grande a quantidade dos que assim procediam, o Mestre deslocou-se novamente para o sexto planeta em órbita do sistema de Antares.

Após as aferições iniciais, resolve deslocar-se pessoalmente aos mundos problemáticos assistindo-lhes, com Sua presença energética, e propiciando condições de melhoramento mais rápido para todos os que sofriam.

Consumada a reintegração daqueles três mundos - processo que foi muito demorado devido aos renitentes - o Mestre permaneceu na base que foi edificada no sexto planeta. acompanhando o desenrolar e respeitando o livre-arbítrio do que restava da rebelião, sem interferir em nenhum momento.

Mas, assim não era visto por Lúcifer.

Informado da presença do Mestre novamente nos mundos de Antares e levando em conta que o seu quartel-general encontrava-se profundamente dividido em contendas de todo tipo, resolve assumir o papel de ditador implacável - o que até então não fizera, pois sempre permitira que todos apresentassem as suas idéias apesar de não abrir mão do poder decisório.

A partir de então, todos tinham que rezar conforme sua cartilha. Mesmo entre os seus principais assessores que lideravam algumas facções, ninguém mais podia discordar do que fosse emanado da cúpula do movimento, ou seja, Lúcifer, Len Mion e alguns poucos.

Yel Liam, sentido-se rejeitado, passou a competir com tudo e com todos e terminou sendo expulso para a Terra em uma das diversas expedições que para aqui vieram. Junto com ele e pelo mesmo motivo, muitos foram banidos para a Terra.

Em Alt'Lam permaneceram apenas os chamados fiéis a Lúcifer, que a todo momento diminuíam.

Antes de sair, entretanto, alguns dos que foram banidos criaram um sério problema em Alt'Lam. Passaram a dizer que estavam sendo violentados nos seus *direitos cósmicos* pois não queriam ir para o planeta azul, mas, sim, desejavam ser devolvidos às hostes celestes pois não suportavam mais o peso do equívoco cometido que começavam a perceber.

Yel Liam não fazia parte dos que assim pensavam. Len Mion, entretanto, passou a dizer que aquilo era obra dele, pois a maioria dos que estavam para ser banidos pertencia à facção que, durante certo tempo, teve em Yel Liam uma espécie de líder.

Devido a isso, os dois se enfrentam violentamente no campo das acusações mútuas: Yel Liam acusando o outro de ter sido o responsável direto por todas as opções equivocadas de Lúcifer que terminaram por enfraquecer o movimento e Len Mion, de sua parte, acusando-o de ter posto o orgulho pessoal acima dos objetivos da rebelião. Além do mais, o último problema surgido nos três mundos que estavam sendo reintegrados também só podia ser obra dele, acusava Len Mion.

Yel Liam resolveu sair o mais rapidamente possível de Alt'Lam. Nada mais podia ser feito. Enquanto isso, muitos dos que lá ficaram continuavam a perturbar o já inquieto ambiente.

Lúcifer, posteriormente, determinaria que todos os que estivessem cobrando os seus direitos fossem presos e banidos para a Terra, conduzidos nas naves como prisioneiros siderais. E fato é que muitos aqui aportaram nesse estado.

Jamais havia sido cometido tal tipo de violência ao longo da rebelião. Esse fato terminou também por criar uma outra ordem de problemas para Lúcifer.

Muitos outros seres pertencentes à hierarquia celeste e que tinham afetos entre os rebelados em Alt'Lam se dirigiram, então, ao Mestre, solicitando diante da violência ocorrida - que lhes fosse permitido se deslocarem abertamente para o planeta e cobrar de Lúcifer uma postura mais digna porque, se continuassem a ocorrer fatos semelhantes, as leis cósmicas permitiriam que autoridades de nível inferior a do Mestre, interviessem no processo e simplesmente prendessem os seres rebeldes e Lúcifer em especial.

O que até então vinha sendo tratado como uma doença cósmica vibratória de proporções epidêmicas passaria a ser visto não mais como uma doença, mas sim como um crime.

É importante que as irmãs e os irmãos leitores destas páginas percebam esse fato pois, na ótica cósmica, uma questão é diferente da outra. Os remédios e os procedimentos reajustadores correm por conta do discernimento das autoridades cósmicas, pertencentes á chamada hierarquia celeste.

Na realidade, até então, a questão luciferiana havia sido tratada como uma grande doença vibratória. A partir do problema criado, apesar de não deixar de ser observada como uma dolorosa doença, seria mais estrategicamente tratada nas *suas questões legais*, pois grande era o nível de desatino que se começava a realizar, sabia Lúcifer em nome de que.

O pior é que continuavam a ocorrer loucuras de todos os tipos não mais, necessariamente. promovidas diretamente pelo chefe rebelde. Sob certos aspectos, ele perdera o controle da rebelião O Mestre atende à solicitação dos níveis de Sua hierarquia celeste e é preparada, então, uma equipe para dirigir-se pacífica e abertamente a AIt'Lam.

Lúcifer, entretanto, não queria aquele contato pois sabia não possuir argumentações para fazer frente ao que lhe seria cobrado e, fatalmente, ficaria em posição de desvantagem - mais ainda do que se encontrava - podendo mesmo ter o movimento por ele liderado um fim a qualquer momento.

Não havia mais nada a ser feito.

A única e última opção para os rebelados era o planeta azul Antes que a iminente invasão de Alt'Lam - assim pensavam muitos dos rebelados - fosse procedida deveriam todos se dirigir para o ultimo reduto da rebelião.

Entretanto, foram, também, muitos os que resolveram lá permanecer, seja por desfalecimento energético, desespero, angústia íntima, discreta discordância quanto aos rumos do movimento, enfim, seres que começavam a endereçar no mais recôndito dos seus espíritos algum tipo de *pedido de ajuda* a quem os pudesse escutar. E o Mestre os escutou. E, dentro de algum tempo, o planeta Alt'Lam teve os seus circuitos religados à convivência cósmica.

Lúcifer e suas hastes partiram, finalmente, para o planeta azul e aqui chegaram há cerca de cem mil anos. Só que, na realidade vibratória da Terra, havia um aspecto que desagregaria por completo as famílias dos exilados: a reencarnação.

Até então, a afinidade era fator maior de ligação entre os membros de cada grupo. Com a chegada no planeta, entretanto, outros seriam os elos que fariam a ligação entre cada ser e aqueles que com ele iriam conviver nas muitas situações existenciais.

O grande problema dos rebeldes ainda estava por começar. Havia um grande preço a ser pago por cada um e por todos.

A Lei Cósmica que rege a vida é sábia, justa e amorosa nos seus muitos mecanismos de aferir causas e dispor conseqüências de forma tal que, muitas vezes, somente em um âmbito maior de análise, podemos perceber como ela é infalível.

A partir da fuga de Lúcifer e de suas hostes para o planeta azul, a questão luciferiana, além de ser considerada como uma doença, seria, também, vista como um movimento criminoso diante das leis cósmicas.

III. Exílio

CAPÍTULO CINCO

Opção: Terra.

Por esse tempo, a vida na Terra já estava bastante confusa independente de quaisquer outros aspectos advindos de outras partes do cosmos.

Certos grupos de rebelados já haviam começado a chegar há cerca de seiscentos e vinte mil anos, através de diversas levas em processo completamente desordenado, que resultou no fato do planeta terreno ter recebido espíritos exilados de diferentes orbes.

A princípio, diversas levas de espíritos foram para aqui trazidas por força da lei maior que rege o longo caminho do desenvolvimento espiritual, em decorrência de problemas ocorridos em alguns dos mundos rebelados.

Obedecendo a critérios energéticos, muitos chegaram em corpos espirituais, permanecendo nas esferas astrais da Terra, aguardando oportunidades para as reencarnações redentoras. Seus sofrimentos e todas as dificuldades enfrentadas quando aqui chegaram foram descritos no segundo livro da presente trilogia, *Caminhos Espirituais*.

Outros foram transportados em naves espaciais, com seus corpos físico-materiais dos mundos de origem, já adaptados ao ambiente terrestre.

Em tempos passados formou-se, dessa forma, a atual comunidade planetária terrestre que, a princípio, tinha outra destinação no majestoso concerto dos mundos.

A população espiritual terrena passou a ser, na realidade, formada por um conjunto de espíritos que foram expulsos de diversos mundos por comportamento inadequado, mais aqueles outros que, nativos do orbe terrestre quanto à origem espiritual, tiveram as suas primeiras reencarnações em corpos materiais do homem terráqueo.

A atual comunidade planetária foi, portanto nos tempos imediatos à deflagração do movimento rebelde - formada na sua componente espiritual pelas individualidades que em espírito vieram para a Terra, exilados de outros mundos através de verdadeiros comboios espirituais e mais os espíritos que foram criados pelo Pai para começarem a sua jornada evolutiva reencarnando na Terra.

Quanto a sua componente material e, contrariamente ao que muitos pensam, foi formado exclusivamente por humanóides de diversas procedências planetárias distintas, que em seus corpos *físico-materiais* de origem. vieram para a Terra em naves espaciais, com o objetivo de edificar o grande *portal cósmico*.

Depois, após a deflagração do problema luciferiano, chegaram também outros seres - já sob o estigma do exílio - que aqui aportaram com suas próprias naves. Do cruzamento resultante de toda essa diversidade floresceu o atual contexto populacional terreno.

É bom não esquecer que, naquela época, havia realmente um grande número de representantes de certo ramo dos símios. Esses também possuíam. sob certos aspectos, padrão semelhante ao dos humanóides, porém, não eram dotados de inteligência.

E da mesma forma que o homem moderno - por exemplo, numa expedição no meio de uma floresta a título de exploração - pode lutar com as feras, disputando território ou alimento, naqueles tempos os estrangeiros e seus descendentes tiveram que disputar muitas vezes com os símios a própria alimentação além de determinados locais privilegiados ao desenvolvimento da vida física.

Sem entrarmos em grandes detalhes - por não ser o objetivo central do presente trabalho - seríamos obrigados a afirmar que muitas foram as espécies *pré-históricas* tidas como ancestrais do atual *homo sapiens* que foram completamente dizimadas pela geração mais próxima do que entendemos por homem moderno.

Se é que de fato o gênero humano terreno deixou de ser antropóide bípede e se transformou em homo sapiens - concordo com os que pensam que poucos conseguiram atingir o estágio de seres humanos na plenitude desse conceito - muitos dos nossos ancestrais que foram produtos de experiências e acasalamentos ocorridos ao longo da "colonização terrena" foram, na verdade, extintos do panorama terrestre, fosse por problemas viróticos provenientes das chegadas de exilados com suas naves ou por conseqüência mesmo de verdadeiros extermínios praticados contra eles.

Se bem observarmos, normalmente as espécies do reino animal possuem *parentes próximos* como, por exemplo, no gênero dos felinos, o gato, o tigre, o leopardo e o leão. No gênero humano, somos nós os únicos representantes. Os parentes mais próximos são os macacos.

Ao longo da nossa historia, terminamos por exterminar os familiares mais próximos, a saber aqueles a quem chamamos de homem de neandertal, de cromagnon e outros.

Tanta foi a loucura que imaginamos ter evoluído a partir dos macacos. Até que nos faria justiça. Não sabemos, entretanto, o que os nossos parentes mais próximos pensariam a respeito da responsabilidade de terem gerado uma horda de seres tão problemática.

Não é demais recordar a situação ingrata e desesperadora daqueles espíritos que para aqui foram trazidos, já bastante evoluídos, porém empedernidos no orgulho e tendo que reencarnar em corpos materiais muito aquém de suas potencial idades espirituais.

Com o passar dos tempos e com a própria degradação por eles sofrida, tornaram-se cada vez menos evoluídos e mais e mais adaptados às pobres condições terrestres, tanto no que se refere ao padrão de higiene como, também, quanto à questão da alimentação.

De fato, muitos chegavam em suas próprias naves, de posse de seus corpos originais que tinham que passar por diversas séries de verdadeiras operações - com o passar dos tempos - para poderem sobreviver em ambiente tão diverso e diferente do que estavam acostumados.

Outros, tinham que operar seus corpos - para a necessária adaptação - antes mesmo de aportarem no planeta, sob pena de não resistirem desde à questão gravitacional como em relação a outros aspectos.

Entretanto, a grande maioria havia chegado - e iria inevitavelmente continuar a chegar - no estado de espíritos desencarnados. Esses últimos iam sendo congregados nos ambientes espirituais próximos à Terra, sob o acompanhamento amoroso de diversas entidades que, atendendo a solicitação do Mestre, tudo largaram para vir dar assistência àqueles seres tão infelizes.

Na medida em que havia corpos disponíveis resultados dos cruzamentos dos que estavam vivendo em corpos físicos, nessa altura dos fatos, já característicos da vida terrena - começavam a encarnar no palco planetário.

Ao longo do tempo, foram surgindo agrupamentos em diversos recantos e regiões. Seres muito experientes, ainda na posse de seus corpos originais, estavam, dessa forma, convivendo com outros ainda brutalizados, resultado das experiências anteriormente ocorridas.

O isolamento cósmico, que havia impedido a continuidade do processo evolutivo programado para aqueles seres - quando se pretendia fincar na Terra o portal cósmico que permitiria vôos extragalácticos terminara, também, por causar o mergulho da comunidade planetária nos mais profundos níveis de bestialidade e ignorância.

O que escondem ainda hoje as camadas geológicas do nosso planeta quanto a essa época a que estamos nos referindo é questão que somente o próprio tempo poderá elucidar, quando essa poeira tão longamente sedimentada nos tecidos mais exteriores da crosta terrena for levantada pelos eventos do futuro.

Como já informado, diversas famílias haviam apol1ado no planeta nas suas próprias naves. Entre elas estava a família Val que, desde que fora considerada traidora pelo quartel-general de Lúcifer, resolvera para cá se dirigir.

Ao chegar nas suas naves, durante os primeiros momentos, ainda conseguiam voar para os planetas e satélites vizinhos. Entretanto, com a decadência provocada pelo isolamento e, em especial, pela barbárie e atraso que caracterizavam a vida na Terra, logo perderam a condição de manter em estado, ao menos razoável, a tecnologia que dispunham. Mesmo que assim não tivesse ocorrido, para onde eles iriam se deslocar se a Terra estava dentro de um circuito de navegação sideral restrito apenas aos mundos rebeldes?

Após a chegada, com as adaptações nos seus corpos originais do mundo de Zian, terminaram por desenvolver uma longa vida física, se comparada à possibilidade atual do corpo terrestre em sobreviver aos ciclos orbitais ao redor do Sol.

Inevitavelmente todos foram, mais cedo ou mais tarde, morrendo e seus espíritos eram levados, pela bondade de abnegados trabalhadores espirituais, para os ambientes energéticos que

lhes fossem afim. Reencarnavam, e o pior, sem mais se recordarem enquanto estavam na posse transitória dos corpos materiais terrenos - dos problemas vividos por decorrência da rebelião.

Esse processo ocorreu com todas as outras famílias que terminaram por chegar à Terra.

O tipo de vida e as características dos corpos terrestres impediam a lembrança do passado e dividia, inapelavelmente, os membros das famílias que, separados pelas injunções das leis de causa e efeito devido às atitudes praticadas principalmente enquanto encarnados, passavam mesmo a se combater uns aos outros dentro das diversas paginas desconhecidas e conhecidas da história terrena.

Em resumo: a reencarnação espalhou e dividiu os membros das diversas famílias.

Muitas foram as civilizações que surgiram e desapareceram sem que deixassem maiores vestígios passíveis e possíveis de serem ainda encontrados - em número inimaginável - pelos procedimentos arqueológicos modernos. Outras deixaram vários tipos de registros ainda não adequadamente entendidos pela conhecimento atual.

Na altura em que começaram a chegar à Terra as expedições provenientes de Alt'Lam - há aproximadamente cento e cinqüenta mil anos - uma das comunidades mais evoluídas das que compunham, naquele momento, a realidade resultante dos agrupamentos terrenos que foram se desenvolvendo ao longo do tempo, começou a ser o centro estratégico preferencial do pouso das naves dessas migrações interplanetárias.

Dizemos preferencial porque vamos nos referir apenas à civilização terrena que deu guarida principalmente aos rebelados de Capela. As outras que existiram também serviram de berço redentor para diversas famílias de rebelados.

As populações que viviam nessa região começaram a ter, portanto, contatos diretos com seres que chegavam de posse de uma tecnologia que assombrava a todos. Falavam, também, de uma rebelião da qual não somente eles faziam parte como também os que estavam na Terra.

Assustados, aqueles terráqueos não se lembravam, é obvio, de que há não muito tempo, eles mesmos também haviam chegado na Terra da mesma forma.

Com o passar dos anos, criou-se uma cultura, naquela região planetária, de que a Terra era um mundo rebelado contra a dominação de um Senhor Cósmico que agia em nome de um certo Deus.

Já que a vida nos corpos terrestres era bastante curta - no tempo a que estamos nos referindo - os espíritos reencarnavam e desencarnavam sob o jugo de duas situações distintas, a primeira, no lado dos reencarnados, já dominada pela cultura desenvolvida pelos rebeldes que aportavam a todo momento: a segunda, no lado dos ambientes espirituais que ainda continuavam a ser assistidos por trabalhadores espirituais que tentavam, a todo custo, informar aos espíritos desencarnados a verdade dos fatos e ajudá-los para futuras reencarnações em ambiente já tão complicado.

Dentro dessa cultura que começava a vigorar, tanto o nome do planeta onde estava localizado o grande líder da rebelião como o dele próprio passaram a ser basicamente venerados.

E, em uma espécie de homenagem psíquica inconsciente, aquela região planetária começou a ser conhecida como a dos fiéis de Alt'Lam ou de Aztlan, ou de Atlatlán, ou ainda da Atlântida. como queiramos.

Essa civilização seria a principal base que daria sustentação ao movimento rebelde durante muito tempo Foi no decorrer das páginas dessa história ainda não contada que começaram muitas das causas cármicas que até hoje acompanham a humanidade em muitos dos seus efeitos que, até o presente, ainda abraça a sua caminhada evolutiva tornando mais difícil o que, por si só, já era penoso e desesperador.

Paralelamente a Atlântida, existiam outras grandes civilizações, notadamente uma que ficava espalhada por centenas de ilhas no que hoje conhecemos por Oceano Pacífico mas, sobre a qual nada falaremos por pertencer a uma outra ordem de análise e que diz respeito direto a famílias de rebelados do sistema de Antares.

Por enquanto, centralizemos a nossa atenção na região planetária que serviria de centro das atenções do que estava ainda por acontecer.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

"Ao longe, um suave ponto azul.
Como morada tão bela transformou-se
em prisão para os párias do cosmos?"

Das Crônicas de Orbum.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO UM

Chegada dos Exilados.

Como já anteriormente informado, muitas foram as civilizações que surgiram e desapareceram antes mesmo do domínio planetário dos atlantes.

A própria cultura terrena da atualidade tem em seus campos de estudo diversas notícias a respeito de possíveis continentes e/ou civilizações que desapareceram.

Nas lembranças e registros culturais de diversos povos europeus temos as lendas nórdicas a recordar o Hiperbóreo, o Lyonnesse dos francos, Tyno Helig dos gauleses, além dos escandinavos que nos falam do Tule.

Nos cultos americanos, encontramos o Toyan dos contos dos maias, Aztlán dos astecas e Atlatlán ou Azatlán dos nahoa.

Nas tradições teosóficas temos notícias da Lemúria. Diversas tradições culturais da Índia nos falam do continente de Mu. Hawaiki é o nome da lenda do continente perdido dos polinésios existindo ainda o de Hiva, dos pascoenses.

Por fim a Atlântida, presente na Teogomia de Hesíodo, nas tragédias de Eurípedes, e nos Diálogos de Platão e na República.

Como seria possível a tantos povos distintos, que viviam em regiões geográficas específicas e muitas deles em épocas diferentes, falarem de um mesmo tema se nào houvesse uma procedência lógica e real a respeito dos fatos?

Já que ainda não se pode provar a existência atlante diante dos atuais padrões científicos, o que fazer? Calar-se diante de revelações que vêm de outras fontes que não as terrenas ou continuar com os aparentes devaneios? Continuemos, pois. É mister que assim o façamos.

Surgia, portanto, a grande civilização atlante que daria guarida em um de seus muitos grupos de poder durante muito tempo - às hostes de Lúcifer.

A Atlântida não foi somente o que hoje se imagina, os seja, uma ilha continental localizada em certa região do Oceano Atlântico. Na verdade, essa civilização se distribuía por diversas ilhas - a grande maioria localizada no Atlântico - além de dezenas de bases espalhadas pelo planeta, que também tiveram suas histórias, muitas delas confundidas com a do seu centro político principal.

Quanto a este, não esteve localizado sempre em um mesmo local. Variava conforme as deliberações e conseqüências advindas de certas disputas entre as diversas facções atlantes.

Sob outro aspecto, a história dessa civilização nas muitas e milenares etapas de desenvolvimento e decadência que a caracterizaram - é tão complexa e mais rica do que a própria história terrena, ao menos como está codificada e aceita na atualidade.

Se esta última somente possui registros que se inserem, dentro dos atuais padrões científicos, e que permitem um recuo no tempo de nove a dez milênios, a atlante tem, aproximadamente - mesmo que sob outras denominações no passado remotíssimo -, cento e oitenta mil anos de páginas de uma história que ainda não foi contada mas que, a seu turno, será.

Contudo, com o continuado ciclo de pousos das naves que vinham de Alt'Lam no seio da civilização atlante, esta terminou por desenvolver-se a níveis tecnológicos surpreendentes para os padrões atuais.

Há aproximadamente cento e trinta mil anos, atingiu um dos seus muitos ápices evolutivos, em termos de conquistas tecnológicas.

Mesmo formada por muitas facções e até mesmo por tipologias corporais diversas pois, os seres que chegavam a todo momento tinham origens planetárias distintas, aquela civilização conseguiu construir uma espécie de unidade, enquanto povo terreno, baseada no orgulho de "'serem de fora".

Devido a isso, muitos que já haviam chegado anteriormente mas que não estando mais na posse de seus corpos originais e já reencarnados como homens e mulheres, foram tratados, em certas épocas, como seres de uma casta inferior.

Dessa forma, os que haviam chegado mais recentemente exerciam sempre o poder temporal sob os demais que já se encontravam na Terra há mais tempo. Esse ciclo gerava também os seus problemas.

Era como se, a toda hora, *deuses* e *mais deuses* estivessem chegando para substituir àqueles que já haviam anteriormente chegado e sucumbido à realidade terrena.

Esses últimos - os que porventura nasciam nas regiões atlantes - como já o dissemos, tornavam-se cidadãos de um outro segmento social menos poderoso que os governantes recém-chegados de Alt'Lam. Diversos ciclos se sucederam tendo como pano de fundo político essa situação.

Por aquele tempo, no que se refere a seus aspectos político e sociais, a civilização atlante se caracterizava pela estratificação de sua sociedade em três grandes classes principais: a dos governantes, a dos nascidos na Atlântida e a dos chamados nativos que nada mais eram que outros agrupamentos humanos espalhados pelo planeta que, quando subjugados - e o eram facilmente - tornavam-se parte da classe trabalhadora, quase escravos, daquela civilização. Muitas espécies hoje extintas do gênero humano foram exterminadas ao longo desse processo e de outros que serão descritos mais adiante.

Mesmo com toda essa diversidade, o conjunto desses povos esperava, em estranha unidade vibratória, a possível chegada de seu líder, àquela altura dos fatos julgado pela cultura atlante como um semi-deus já que para eles, não existia Deus. Se assim não fosse, Lúcifer poderia ter sido considerado como o próprio A bem da verdade. para o resto da população terrena que vivia além das fronteiras dos diversos agrupamentos atlantes, ele passou a ser tido como um *deus*.

Uma espécie de culto de caráter devocional começou a surgir em todas as classes da sociedade atlante quanto à figura daquele que viria.

Quando de sua chegada, há cerca de cem mil anos, indescritível foi a emoção de todos os que com ela interagiram direta ou indiretamente.

A grande capacidade tecnológica dos atlantes promoveu *em todos os céus da Terra* efeitos luminosos numa saudação a *Yel Luzbel, o Senhor da Luz*, que com sua frota de naves aproximava-se do planeta numa espécie de cortejo celeste.

Especificamente no local onde ocorreria o pouso da nave principal e, é necessário que se esclareça, esse local não foi na sede central do então governo atlante localizado em uma das muitas ilhas que formavam o grande arquipélago da Atlântida - uni pouco maior do que o Indonésio - mas, sim, em uma das muitas bases que existiam espalhadas pelo planeta.

No caso, devido a um conjunto de questões referentes à vibração, fatores climáticos, segurança e, principalmente, à necessidade de transformar em grande e majestoso, diante dos olhos dos habitantes terrenos, o que fora puro fracasso em Alt'Lam. uma certa base localizada praticamente no que poderíamos chamar de esquina do continente sul-americano, foi o local escolhido para a recepção e estadia durante algum tempo, para Lúcifer e demais assessores. Essa base, ao tempo em que nos referimos, era chamada de Atlan.

Por mais estranho que possa parecer, muitos milênios depois, surgia próximo a esse local que hoje está submerso a poucos quilômetros do litoral, a cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte. Se bem observarmos, *Atlan* tem as mesmas letras de Natal, apenas dispostas de uma outra forma.

Esse anagrama esconde bem mais do que aparentes casualidades. O futuro é que esclarecerá o que, no presente, somente pode ser tratado como uma *certa coincidência*.

Posteriormente é que Lúcifer se deslocou para a sede do governo central da Atlântida.

De toda forma, muitas foram as delegações que vieram para Atlan prestar as homenagens ao seu grande líder.

O culto a sua figura tornara-se então prática constante e com um grau de fidelidade que faria inveja a muitos líderes contemporâneos.

Surgia ali o estranho hábito da humanidade terrena em prestigiar os aspectos exteriores em detrimento dos interiores que contam, realmente, para o bem-estar espiritual. É como se, por faltar

a devida sustentação íntima emocional ou realidade intrínseca do psiquismo do ser, este procurasse apoio no exagero dos processos exteriores ao seu próprio espírito.

A chamada medicina científica dos dias atuais procura - a exemplo do que era feito naquela época produzir uma espécie de remédio ou pílula miraculosa que possa proporcionar um estado imutável de felicidade para o ser humano, como se esta dependesse de aspectos ou produções exteriores ao próprio Espírito.

Realmente os laboratórios farmacêuticos iriam ficar bastante felizes com tal descoberta e, esperemos que daqui a alguns anos, a felicidade não esteja a venda nas farmácias. Seria doloroso para o que resta da nossa dignidade de espíritos eternos.

O fato é que não conseguimos ainda apreender que a chamada felicidade é uma conquista íntima do espírito, através do esforço redentor, das reformas interiores, da automação das posturas de humildade e simplicidade de coração, da capacidade de perdoar, de amar, de instruir a si mesmo, enfim, de crescer espiritualmente, jamais produto que se compra em algum canto. Não há remédio que preencha o vazio interior que acompanha a humanidade desde aqueles tempos e que, nos dias atuais, parece atormentar de forma mais profunda os homens e mulheres desse fim de milênio. Lúcifer não sabia disso naquela época e parece que até hoje também não aprendemos processo tão simples das leis evolutivas. Não foi à toa que o seguimos.

Pompas, aparatos suntuosos, fausto, cultos, venerações, ritos e ostentações de toda ordem que beiram a esquisitice mental caracterizaram aqueles dias. Triste herança de posturas extravagantes que carregamos até a atualidade. E. lembrar da simplicidade de Jesus diante dos fatos que teve de enfrentar... Ele que era e é o maior de todos se fez menor e conviveu com tudo isso se submetendo amorosamente às leis do mundo terreno porque a "Cesar o que era de César".

Em contrapartida, convivendo com o farisaísmo das posturas dos poderosos daquele época, outra não podia ser a expressão para designar a preocupação extremada com o culto exterior: verdadeiros sepulcros caiados.

Finalmente, uma espécie de príncipe terrestre estava, agora, de fato mas sem nenhum direito, a exercer o jugo do poder temporal sobre todo o planeta.

Mesmo nas regiões mais distantes e empobrecidas, sem nenhuma tecnologia disponível de certa forma semelhante ao que ainda hoje ocorre em certas regiões planetárias por questões aparentemente bem diferentes das daquela época - a notícia da importante chegada era fator comum na conversação de todos.

Outras regiões mais desenvolvidas mas que não pertenciam necessariamente ao império atlante viam, também, em Lúcifer o seu príncipe planetário.

É bom não esquecermos que, à época dos fatos em questão, a convivência com seres de outros orbes na sua grande maioria provenientes de mundos rebelados com raríssimas exceções - era acontecimento comum e corriqueiro, mesmo que isso possa chocar a sensibilidade de muitos.

Nossa herança existencial é toda extraterrestre e não há melhor prova documental desse fato do que as próprias narrativas bíblicas, védicas, etc. Pena que a ótica das análises atuais esteja

ainda presa a um pretenso orgulho de, mesmo partindo de uma premissa profundamente equivocada e que não encontra ressonância nos fatos e nem nos próprios registros históricos, eliminar por completo a possibilidade da interferência extraterrestre no passado remoto.

O problema é que as gerações do presente estão sempre predispostas a se acharem possuidoras das verdades enquanto as demais, civilizações distantes e em épocas passadas, nada mais eram que do que tolas e ignorantes.

As elites estão sempre ofuscadas pelo brilho do próprio poder e das conveniências transitórias para se permitirem pensar o contrário. O remédio é fechar os olhos para certos aspectos intrigantes da história e mitificá-los ou mistificá-los ao sabor dos interesses equivocados, quando não, inconfessáveis.

Será que não se percebe que o período histórico mais recente da história da humanidade - da era cristã - caracterizou-se por uma involução em alguns dos campos da existência humana?

Utilizemos o caso da invenção da máquina a vapor. Quando foi inventada? Na Revolução Industrial, pelo inglês James Watt, entre 1776 e 1782, ou terá sido Thomas Newcombe, também inglês, em 1712? Mas, e o que dizer de um certo Hero de Alexandria que, em seu livro *Pneumático*, descreve uma máquina chamada *aelopilha* que funcionava a vapor e cujo modelo foi exposto no ano 264 a.C. no museu daquela cidade?

O mais interessante é que não só houve esse período de aparente involução. Ocorreram muitos outros. Centenas deles. Dia virá em que saberemos com boa dose de aproximação - quantas vezes o ser terreno teve que recomeçar tudo, renovando sempre o seu esforço evolutivo na face da Terra.

De onde remonta, finalmente, o nosso conhecimento ou, a partir de que ponto referencial partimos, para afirmar isso ou aquilo como verdade?

Não há *olho que possa enxergar* se a visão está viciada sob certos aspectos. Será observado ou percebido apenas o que for conveniente às premissas de análises.

É mais ou menos como enquadrar uma história que é cósmica numa realidade planetária e, a partir disso, inverter o que é causa e o que é efeito, transformando os aspectos terrenos - simples efeito das marés criadoras do cosmos - em princípios criadores, em detrimento do oceano cósmico que nos cerca. É como se, a partir da Terra, todo o cosmos tivesse sido criado e não ao contrário. É um antropocentrismo tão anacrônico quanto inconseqüente, ridículo até pela sua pretensão.

O pior é que muitas elites mundiais se sentem orgulhosas desse grande feito: julgar que o homem e o princípio pensante que o habita nasceram na Terra e que, a partir da nossa morada é que o universo que percebemos será povoado.

Muitos cientistas ainda dizem que não acreditam em mágica - porque não haveria uma maior do que crer que o ser humano é produto terreno. Até criaram um elo perdido quanto a um antepassado irracional, como se o princípio da irracionalidade pudesse gerar a razão.

Criar teorias, estudar possibilidades, questionar sempre, procurando com isso afastar o ser terráqueo da ignorância é fator evolutivo que edifica a todos os que buscam. Entretanto, insistir com algumas teses, mesmo contra uma série de evidências é atraso evolutivo, é estacionamento estéril. É, enfim, um tipo de inércia mental que, quando praticada com orgulho, produz exatamente o atual quadro que caracteriza o mundo terreno: miséria, desagregação e vaidades intelectuais por todos os lados. Sequer as religiões escapam.

Certas posturas científicas se assumem como sendo "a boa luta" contra as crendices, os exageros, pretendendo fazer frente às idéias arrojadas e desprovidas de qualquer embasamento, segunda a ótica que as norteia. Que seja.

Entretanto, não perceber evidências é pura cegueira. E o que fere mais o bom senso do que a absurda certeza científica de que o homem é produto da Terra. Onde a nossa faculdade de discernir entre o verdadeiro e o falso?

Ou o homem é produto da Terra ou foi posto aqui. Ou veio de um antepassado terreno irracional ou veio do cosmos que nos rodeia. Qual das duas proposições é a correta?

Será que é mais inteligente supor que ele veio do macaco?

A Teoria da Evolução, nas suas premissas e pressupostos básicos, é conjunto de idéias que enobrecem o pensamento humano. Porém, assumir como certeza científica regras que corretamente são aplicadas à parte não pensante da natureza terrena, como se elas também valessem para explicar o processo evolutivo da parte pensante dessa mesma natureza mesmo sem a menor demonstração - é postura acadêmica tão passível de crítica quanto os dogmas, sejam de ordem religiosa ou científica.

Ainda bem que a Física, nos seus postulados astronômicos, cosmológicos e cosmogônicos, já colocou a Terra no seu devido lugar diante do cosmos. Falta apenas à população deste planeta perceber também o seu.

Com a chegada de Lúcifer, entretanto, outros seriam os caminhos terrenos a partir da fixação do seu quartel-general na principal facção do poderio atlante. Como uma espécie de império central, os principais seguidores de Lúcifer que formavam a cúpula decisória - ainda na posse de seus corpos extraterrenos – eram tidos, além do próprio Lúcifer, como verdadeiros semideuses.

Nas suas naves, deslocavam-se livremente por todo o planeta que, durante certa época da história atlante, estava dividida em espécies de províncias, sendo cada uma delas administrada por um preposto de Lúcifer, apesar deles não se preocuparem muito com isso. Assim faziam, apenas para manter o domínio e evitar algum desconforto político.

Devido à vibração energética característica do nosso Sol, muitos dos que chegaram com Lúcifer e ele próprio, apesar das adaptações anteriormente já feitas nos seus corpos, precisaram passar por uma outra série de processos com o mesmo fim.

De tempos em tempos algum tipo de problema atingia os seres que ainda estavam investidos de seus corpos extraterrenos. Os cientistas atlantes passaram, então, a desenvolver em laboratórios novos tipos corporais para os quais fosse possível transferir os espíritos dos principais personagens da rebelião. Visavam com isso diferenciar mesmo a nível corporal os membros do quartel-general rebelde do resto da humanidade.

Em outras palavras, não queriam que Lúcifer e alguns outros passassem pelo que inapelavelmente a maioria já havia sofrido e que, em tese, os demais também sofreriam: a morte do corpo extraterreno com o conseqüente desenlace do espírito que ficaria a mercê das leis reencarnatórias comuns à situação energética terrena.

Se o conhecimento atual da humanidade ao menos imaginasse o que foi feito naqueles tempos, de testes laboratoriais, experiências bizarras, corpos de diversas cores e mesmo multicoloridos, corpos com mais capacidade sensorial do que os cinco sentidos que nos caracterizam, outros com mais membros e órgãos responsáveis por certos sentidos, enfim, eram tentativas de todo tipo para preservar a casta dominante.

A cada tentativa - e muitas delas realmente tiveram sucesso parcial mas jamais conseguiram o que intentavam - havia, como conseqüência, um expurgo a ser feito dos produtos dos testes realizados nos laboratórios atlantes. Com isso, muitos seres estranhos foram espalhados por todo o planeta para verificar a resistência e capacidade de adaptação dos mesmos diante da natureza terrena.

Naquela época, havia muitas incursões dos atlantes que, com suas naves, capturavam homens e mulheres considerados por eles como inferiores por não pertencerem ao império. Subjugados, esses seres eram levados para servirem como cobaias para todo tipo de experiência. Aí, também, se serviu o fator evolutivo da triste história terrena, para eliminar as mais recentes espécies que eram parentes da humana. Por isso ficamos sozinhos no gênero humano a ostentar orgulhosamente nossa posição evolutiva.

Não há muita diferença entre os famosos casos de abdução - não são tantos como apregoados, mas que, de fato, existiram até pouco tempo - ocorridos na atualidade, e aquelas incursões atlantes pelas regiões terrestres mais distantes de suas bases.

Na verdade, a relação de causa e efeito entre passado e presente tem, naqueles tempos, o princípio causal de muitos escândalos que inexoravelmente ocorreram e ainda ocorrerão. E da lei que assim seja. Mas ainda continua o aviso do Mestre que nos alertava quanto às responsabilidades cármicas daqueles que se tornassem agentes desses escândalos.

Esse assunto ainda está por ser entendido pelo conjunto da humanidade terrena e, por ser bastante complexo e não fazer parte do objetivo central de esclarecimento do presente trabalho, não nos estenderemos a respeito.

Apesar de todas as tentativas, o objetivo maior não era atingido. Alguns dos que chegaram com Lúcifer começaram a *morrer*.

Diversas metodologias de pesquisa foram, então, iniciadas com vistas a um outro objetivo: já que não era possível preservar de forma consciente os espíritos dos chefes rebeldes nos seus corpos extraterrenos ou em outros que porventura fossem criados, a única alternativa era *teletransportá-los* para o nível astral. Com isso, Lúcifer e os demais não perderiam a consciência quanto as suas identidades e nem quanto aos objetivos da rebelião.

O problema era que, caso Lúcifer *morresse* e tivesse que reencarnar em um corpo terrestre comum, ele fatalmente perderia a consciência de quem era e do que significava para tantos. E se isso ocorresse, eles não poderiam precisar onde, quando e em que novo corpo ele nasceria. Por isso, a única alternativa era *desmaterializar* os corpos extraterrenos já adaptados ao ambiente terreno porém muito desgastados, e *materializá-los* em um nível astral mais inferior, ligado vibratoriamente à condição existencial dos que vivem encarnados na Terra.

Dessa forma, Lúcifer e seu séquito poderiam continuar a desenvolver os seus objetivos e liderar a rebelião pois, desse nível energético, com as fortes expressões mentais que ainda os caracterizavam, eles poderiam influenciar diretamente o mundo terreno. Poderiam mesmo *aparecer e desaparecer quando quisessem, materializando seus corpos ou através de projeções* diante da visão comum terrena. Pelo menos é isso que pensavam e, de fato, durante certo tempo, conseguiram proceder dessa maneira.

Mas, fato é que, por não encontrarem outra alternativa, duzentos e sete seres passaram por aquele tipo de procedimento tecnológico que permitia a cada um, por vez, a passagem para outro nível existencial. Era, na verdade, um processo de lenta preparação e planejamento pois não podiam ocorrer falhas. E o pior é que ocorreram algumas, mas com infelizes cobaias.

Quando tudo estava delineado, o ser que iria ser teletransportado ou algo que o valha, obrigava-se a passar por um longo processo de preparação energética. Depois de adquirida a aptidão vibratória necessária, já desfalecido e inconsciente, o mesmo era colocado naquela espécie de *portal energético*.

A partir de então, Lúcifer, Len Mion e outros, tornaram-se seres potencializados no nível astral inferior terreno e jamais tiveram uma encarnação sequer na Terra. De muitos deles foram feitos clones e, os de Lúcifer, em especial, ficavam vivendo em espécies de retiros até atingirem a condição corporal propícia para serem *energeticamente envolvidos* pelo próprio que, dos ambientes astrais, procurava dominar a tudo e a todos.

Foram momentos difíceis pois, pode-se clonar os corpos terrenos, jamais a alma ou o espírito que os animam. Mas, Lúcifer, na sua inquietação, atropelou até os seus mais íntimos preceitos básicos de respeito ao próximo.

Somente a história dessas experiências no campo da clonagem forneceriam muitas páginas de dor e de idiotice da inimaginada capacidade espiritual da humanidade terrena de ultrapassar certos limites da ética e do bom senso na busca de sua própria desdita. Todos esse detalhes poderão formar, futuramente, um outro grupo de trabalhos a ser publicado.

Por que duzentos e sete seres e não quinhentos ou mesmo dez mil ou mais? Simplesmente, a partir de certa etapa do processo, começaram a ocorrer problemas que terminaram por impedir a continuação do mesmo.

Desde o desgaste de certos materiais e a impossibilidade de substituí-los - naquela altura dos fatos, muitas das naves já estavam por demais sucateadas - como também um forte cataclismo que se abateu sobre a sede central do império atlante. Mas, até isso já estava previsto, pelo menos no que se referia à primeira ordem dos problemas que ocorreram.

Quanto à segunda, um grande sismo destruiu o local tecnologicamente preparado onde Lúcifer e os demais, sem nenhum esforço ou desgaste para suas faculdades energéticas, apareciam regularmente para o quartel-general dos encarnados.

É bom ressaltar que os membros do grupo que comandava a Atlântida a essa altura dos fatos, no lado de cá, ou seja, dos encarnados, já eram, também, seres que haviam morrido e se encontravam reencarnados. Lúcifer, do astral, era quem escolhia aqueles que, mesmo encarnados, continuavam fiéis a sua liderança, pois a tudo acompanhava sem dificuldade de nenhuma ordem.

Com o desmantelamento da sede de potencialização astral dos senhores da rebelião, os mesmos teriam que se valer das próprias faculdades energéticas para se fazerem perceber e influenciar o curso dos acontecimentos.

Não era mesmo possível construir outra base porque não havia material e nem mais mão-de-obra qualificada ou engenharia disponível para tal fim.

É interessante notar que o passado terrestre é mais fantástico do que qualquer ficção do presente. E, observemos que, somente em tempos mais recentes, ele começou a ser desvendado.

Qual não seria a surpresa se de repente descobríssemos que os lendários deuses do Olimpo - e outros de algumas culturas específicas da história terrena - nada mais eram do que alguns desses duzentos e sete seres que, dos ambientes astrais próximos à Terra, interferiam em muitos momentos no desenrolar dos acontecimentos? E eram mesmo.

A história de fundo daqueles fatos era real. Sobre os mesmos é que foram criadas diversas lendas. Mas, quanto à existência daqueles *deuses, com paixões e comportamentos semelhantes aos dos humanos*, realmente alguns dos que foram descritos nas páginas mitológicas existiram, por mais que isso possa chocar a sensibilidade de muitos. A começar pela do próprio autor terreno do presente trabalho que, somente após anos de relutância é que percebeu, por fim, a possível procedência real de tais fatos.

É claro que muito houve também de invenção e crendice quanto àqueles dias. Diversas foram as situações heróicas como também os deuses inventados através dos tempos. Mas, na verdade, muitos desses seres existiram, fossem eles membros da equipe da hoste de Lúcifer que se projetavam do astral ou mesmo se materializavam temporariamente ou outros seres de outras origens que chegavam com suas naves e eram tido como tais. Entretanto, isso é assunto para outros trabalhos.

Por aquele tempo, Yel Liam e os membros da família Val já estavam perdidos e espalhados, alguns como bem-nascidos cidadãos atlantes e outros com a sina de terem nascido além das fronteiras do império, o que os tornava simples seres terrestres.

Especificamente, a partir de determinado momento há cerca de setenta mil anos, a sociedade atlante encontrava-se profundamente dividida em diversas facções, inclusive dentro de uma mesma casta, ou seja, no próprio seio da que ficou conhecida como a dos fiéis a Lúcifer - de onde ele escolhia os que iriam governar - existiam diversas correntes com posições ideológicas e crenças distintas.

Era uma sociedade completamente desagregada, semelhante a que vemos na atualidade terrena.

Coincidência ou não, essa desagregação terminou gerando diversas disputas, intrigas e conflitos de toda ordem que perduraram por cerca de cinco milênios, ate que explodiu uma grande guerra indescritível para os atuais padrões de conhecimento.

Junto com ela ocorreu um outro grande evento sismológico e, há cerca de sessenta e cinco mil anos, aconteceu o primeiro grande desastre atlante que aniquilou por completo, não só o padrão tecnológico daqueles dias como também milhões de seres que eram, na altura dos acontecimentos, os mais desenvolvidos da Terra. Além do mais, esse cataclismo levou consigo parte de uma outra grande civilização que existia no Pacífico. Nada se compara ao que ocorreu naqueles dias.

Devido a esse problema, o que restava da comunidade planetária mergulhou no mais profundo caos. Lúcifer, dos ambientes astrais terrenos, havia tentado de todas as maneiras, impedir o confronto entre as diversas forças que se digladiavam. Mas não obteve sucesso.

A partir desse fato, perdera momentaneamente o controle sobre o que se passava na vida material. Resolveu espalhar a sua hoste por toda a Terra para tentar a dominação de certos locais, nem que fosse através do terror dos que sobreviveram ao grande desastre ao enxergarem *fantasmas*, deuses ou do que quer que fossem chamados.

Dezenas de regiões planetárias foram delimitadas dentro da estratégia de domínio luciferiano. Ele próprio, junto com Len Mion e outros, permaneceram atuando no que ainda era considerado o núcleo remanescente dos atlantes pois existiram alguns poucos que haviam sobrevivido à primeira grande loucura bélica terrena.

Muitos membros da família Yel, da Val, e de outras do sistema de Capela e Tau Ceti principalmente, haviam sido os grandes responsáveis pela desdita planetária.

Se soubéssemos que ainda na chamada Segunda Guerra Mundial recentemente ocorrida, os principais personagens eram os mesmos espíritos que na antiga Atlântida disputaram o poder temporal terreno!

Muitos deles provenientes dos mundos do sistema de Tau Ceti - o mesmo do qual era originário Len Mion, que no futuro terreno ficaria conhecido como Satã - estavam reencarnados no

meio nazista. Foram, então, envolvidos por uma estranha energia vinda dos seus próprios pares no astral, fornecendo, dessa forma, campo propício ao surgimento de todo tipo de sentimento desarmônico.

A partir de então, Satã, em nome de Lúcifer, era quem agia mais diretamente para tentar impedir a todo custo a reintegração cósmica da Terra, como descrito no primeiro livro desta trilogia.

Entretanto, no principal núcleo sobrevivente à tragédia, todos os esforços eram desenvolvidos com o objetivo de soerguer algum tipo de civilização.

Mesmo com toda a derrocada, aquela região planetária continuava a ser a menos subdesenvolvida ou, sob ótica mais generosa, a mais adiantada das que haviam no planeta.

Mas, a Terra continuava a receber, mesmo que esporadicamente, um ou outro grupo de exilados de expurgos retardados ainda conseqüentes da rebelião, que chegavam nas suas naves e que, mesmo não tendo mais a antiga sofisticação e capacidade tecnológica, ainda eram produtos da mais pura magia para a condição terrena.

Com isso, pouco a pouco, não só a civilização atlante mas também outras que existiam por esse tempo espalhadas pelo planeta, foram se reestruturando.

Entretanto, especificamente quanto aos atlantes, jamais conseguiram novamente atingir níveis de desenvolvimento semelhantes aos do seu início. Mesmo assim, se comparados aos atuais, eram ainda bem mais adiantados.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO DOIS

Progresso Espiritual

Por volta de quarenta e dois mil anos atrás chegam a Terra vários grupos de exilados que totalizavam cerca de cinco bilhões de individualidades. Alguns poucos, em suas próprias naves, e a grande maioria no estado de espíritos desencarnados.

Entre esses últimos, muitos foram remanescentes de processos tardios de aferição espiritual do problema luciferiano. Contudo, era considerável também a quantidade dos que chegaram ao nosso planeta como produtos de recic1agens vibratórias de alguns mundos, com vistas a outros objetivos evolutivos mas que, por questões *energéticas*, foram congregados no orbe terreno.

Nessa época, a Terra já contava com uma população de cerca de 20 bilhões de individualidades cósmicas, entre encarnados e desencarnados. A partir de então, a população planetária, passou a ser de aproximadamente 25 bilhões de seres.

Com a chegada desses exilados, um outro surto desenvolvimentista passou a caracterizar diversas regiões planetárias.

A própria Atlântida rejuvenesceu os seus padrões existenciais e para muitos a questão luciferiana já era considerada como *erros do passado*. Nada mais tinha a ver com os problemas e buscas daquela nova geração atlante.

Com a chegada de novas naves - poucas, a bem da verdade - e de diversos seres ainda na posse de conhecimentos mais adiantados, aqueles dias foram marcados por novos esforços evolutivos apesar de que, destituídos de maiores preocupações quanto aos aspectos existenciais.

Mesmo distribuídos em facções, os atlantes construíram uma espécie de acordo estratégico que serviu como trampolim para muitas realizações.

Lúcifer, a título de estratégia e mesmo de refazimento energético, acompanhava sem interferir diretamente no curso dos acontecimentos - havia perdido a capacidade de materializar a si próprio diante dos encarnados e tudo o que podia fazer desde então era projetar-se, o que lhe custava muita energia, ou simplesmente envolver com suas vibrações aqueles a quem queria influenciar.

Espalhara a sua hoste pelas outras regiões planetárias dando continuidade ao processo de dominação que era o seu principal objetivo.

Percebia, com certa preocupação, a incursão de outras equipes siderais que não estavam vinculadas a sua luta e sequer tomavam conhecimento de sua presença enquanto pretenso líder planetário. Se tomavam ou tinham conhecimento da rebelião não deixavam transparecer.

O fato é que outras civilizações não tão evoluídas assim, com outras ordens de problemas, começavam a se aproximar do planeta azul pois este estava aparentemente entregue a própria sorte. Para Lúcifer, ele era o senhor da Terra. Sob a ótica cósmica de outros mundos, entretanto, o planeta estava *sem dono ou sem governo* porquanto desligado de qualquer circuito organizacional do cosmos.

O Mestre a tudo acompanhava. Diante das situações criadas pela rebelião, o convívio com outras civilizações - mesmo que algo problemáticas - do cosmos seria necessariamente fator positivo apesar de que outros problemas poderiam advir desse convívio.

Mas era - como ainda é - da lei cósmica a permissão para que, planetas que apresentavam situação vibratória como o caso da Terra, ficassem expostos às próprias conseqüências e efeitos dessa vibração.

As incursões promovidas por esses seres terminaram por criar uma série de realidades distintas apesar de paralelas - e histórias específicas dentro do mesmo contexto planetário.

Há cerca de vinte mil anos atrás a Terra possuía bases extraterrenas de diversas origens planetárias espalhadas por todo o planeta, cada qual responsável por um surto evolutivo específico que terminaria por gerar no futuro, diversos povos com histórias distintas quanto à origem do homem, à criação universal, cataclismos, dilúvios, eventos astronômicos, etc.

Eram tempos de *deuses, suas histórias, seus feitos, da convivência que tinham com os homens e mulheres terrenos e a prole resultante, de criaturas viventes com olhos que voavam pelos céus, de seres que viviam muito mais que a média da humanidade, de gigantes, de monstros* e toda sorte de acontecimentos.

Verdades e lendas, crenças e fanatismo se misturavam nas entrelinhas da história. As guerras, a lei do mais forte sobre o mais fraco davam a tônica da vida na Terra.

Na Mesopotâmia uma certa civilização extraterrestre havia começado de há muito a convivência com certos grupos já existentes na região. Além disso, criaram também "seus próprios seres terráqueos" para viverem no planeta. Esses últimos, durante algum tempo, fizeram praticamente o papel de escravos ante as necessidades dos "colonizadores".

De todo esse conjunto surgiu - de forma estranha para o conhecimento atual - um intrigante povo que passou à história como sendo os Sumérios. Dessas tradições remotíssimas é que foram herdadas certas passagens bíblicas como o caso de Adão e Eva, do Dilúvio Universal e outras.

De antiqüíssima civilização que um dia havia sido o lendário continente de Mu, restavam algumas ilhas que tinham também os seus *deuses que desceram dos céus*.

No continente americano, em especial na América do Sul, existiam naquele tempo, grupos de humanos que também recebiam visitas de *deuses voadores*.

Na África, seres originalmente exilados do sistema de Antares, haviam conseguido, a muito custo, construir surtos civilizatórios bastante apreciáveis e também detinham o privilégio de receber visitas dos *senhores dos céus*.

Na Ásia, dois focos civilizatórios provenientes também do sistema de Antares, na época denominados Clon e Chlin, começavam a constituir sociedades algo fechadas mas que apresentavam estranho padrão evolutivo para aquela época.

Lúcifer a isso tudo observava influenciando, na medida de suas possibilidades, o rumo dos acontecimentos.

Por essa época - há cerca de quinze mil anos as hierarquias cósmicas decidem convocar ao serviço fraterno todos aqueles que desejassem e pudessem ajudar a questão terrena.

De muitos mundos, diversos seres se apresentaram no sexto planeta em órbita no sistema de Antares onde estava provisoriamente instalada a sede do governo do Mestre, ofertando os seus concursos para a ajuda fraternal a seus infortunados irmãos cósmicos congregados no planeta azul.

Após a devida verificação de possibilidades energéticas de poderem ou não nascer na Terra, vários deles tiveram as suas ofertas aceitas pelo Mestre, que decidira também, naquela altura dos fatos, que no devido momento Ele próprio iria pessoalmente até aquele mundo infelicitado.

A ajuda somente poderia se dar através das encarnações pois a situação vibratória planetária não permitia outro tipo de processo cósmico.

Dessa forma, diversos seres vieram no estado de espíritos desencarnados para os ambientes terrenos e começaram a encarnar aqui e ali, levando ensinamentos e testemunhos redentores aos seus irmãos já considerados simplesmente como terráqueos pois já haviam tido milhares de oportunidades existenciais no contexto terreno desde que aqui chegaram.

Nenhum desses passou à história como a conhecemos hoje em dia. De alguns deles, remotíssimas lendas perdidas na noite dos tempos é que poderiam dar alguma pista quanto as suas existências.

Se ainda existissem certas bibliotecas que foram criminosamente destruídas pela ignorância humana ao longo das etapas históricas, seguramente teríamos notícias não só a respeito desses grandes mestres da luta evolutiva humana como também de certos povos e acontecimentos do passado remotíssimo.

Na Atlântida os problemas continuavam. Novos testes genéticos caracterizavam a influência atlante em algumas regiões planetárias. Além do mais, a questão da longevidade corporal estava na moda das discussões daquela época.

De fato, alguns grupos de atlantes viviam mais que outros e isso era motivo constante de contendas e disputas pela posse de certos conhecimentos.

Na realidade, a maneira como vivemos interfere no tempo de vida que teremos. Mas, o que se discutia naqueles dias eram manipulações químicas e genéticas que promoveriam certas condições ao corpo terreno para suportar, sem envelhecimento celular, a emanação energética característica do nosso Sol que acompanha os terráqueos nos muitos giros orbitais em torno do foco estelar.

Mais uma vez esquecia-se dos valores íntimos da existência, procurando nos aspectos e condições exteriores a solução para questões outras que não tinham relação direta com o verdadeiro problema daqueles seres: a ausência da simplicidade espiritual e da capacidade de perdoar e amar indistintamente.

Testes de toda ordem foram feitos com cobaias capturados em locais distantes, mas que terminavam por esbarrar no mesmo limite onde sempre esbarraram o orgulho e a vaidade humanas: o pouco ou nenhum conhecimento quanto ao Espírito e a incapacidade de dominar os processos existenciais que lhe dizem respeito.

Continuavam, por sua parte, os membros das famílias Val, Yel e outras provenientes do sistema de Capela, a se ajuntarem por questões vibratórias, no contexto da vida atlante, apesar de não terem mais a menor idéia - quando estavam reencarnados - a respeito do passado.

Lá também estavam os mesmos personagens espirituais provenientes de Tau Ceti que, mais uma vez reencarnados, disputavam a todo custo o poder temporal.

Len Mion - que tinha nesses seres facilmente manipulados por sua forte vibração espécies de fantoches utilizados ao sabor de seus interesses continuava a semear a sua crença de que aquele segmento de seres era o que mais tinha a ver com os objetivos da rebelião, com o que Lúcifer concordava.

Intrigas de toda ordem marcaram aqueles dias e, devido a incúria de todos, outro desastre estava a caminho.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO TRËS

Decadência Atlante

Há um aspecto que jamais foi abordado quanto ao passado terrestre que, somente a muito custo, concordamos em algo desenvolver a respeito.

Desde que nos foi informado pela Espiritualidade procuramos, sob todas as maneiras ao nosso alcance, relevá-lo a nível de aspecto menos importante, como se numa tentativa infantil de fazer com que os mentores esquecessem do tal assunto, por ser tão fantástica e difícil a sua abordagem, pelo menos para o autor terreno do presente trabalho.

Todos os receios acompanhavam a nossa mente quando das reflexões a respeito e não foram poucas as vezes que pensamos em fazer cessar o fluxo de tais informações, como se tivéssemos poder para tanto.

O nosso livre-arbítrio - ou o que dele pudesse restar àquela altura dos fatos - teve, por fim, a frágil coragem de decidir que, se muitas coisas estranhas já haviam sido veiculadas, uma a mais outra a menos, não interferiria tanto assim no que pudesse ser a opinião dos pacientes irmãos e irmãs leitores do presente trabalho.

Dizíamos que, há aproximadamente cerca de vinte mil anos, a Terra possuía bases extraterrenas provenientes de origens planetárias diversas. Esses núcleos estavam espalhados por todo o planeta, o que propiciava surtos evolutivos específicos. Dessa conjuntura surgiram diversos povos com histórias distintas quanto à origem do homem, à criação universal, cataclismos, dilúvios, eventos astronômicos, etc.

Essa época planetária estava indelevelmente marcada por uma disputa que sequer Lúcifer chegou a perceber em profundidade.

Devido ao fato da Terra ser uma espécie de *mundo de ninguém*, ou seja, desvinculado de qualquer hierarquia celeste ou de algum outro tipo de organização sideral, estando puramente a mercê dos fatos conseqüentes à rebelião era, por isso - diante das leis cósmicas - *território livre* para incursões de toda ordem.

Por mais estranho que possa ainda parecer, há certas civilizações extraterrestres que não estão necessariamente harmonizadas com o que entendemos ser uma espécie de federação de forças ligadas ao bem e nem mesmo ao mal, da forma como o concebemos através dos valores terrenos. Simplesmente evoluem por caminhos outros que aqueles tão comuns ao pobre discernimento terrestre.

É evidente que existem aquelas que estão confederadas a um certo objetivo, seja ele nobre ou não, quanto aos aspectos da ótica cósmica.

Vamos, portanto, dizer que, por se encontrar a Terra na situação em que estava, ao tempo a que nos referimos, era fator de atração para algumas civilizações, fossem elas possuidoras de um outro padrão mental de valores perceptivos ou mesmo inclinadas à expansão dos seus domínios celestes através de meios não muito condizentes diante do que entendemos por fraternidade cósmica.

Dessa forma, logo que ficou caracterizado no planeta o isolamento deste diante das hostes capelinas que comandavam - como ainda o fazem - essa parte do cosmos, as civilizações que tinham interesses quanto a Terra, fossem de pesquisa ou mesmo de conquista, começaram a construir suas bases estratégicas com vistas aos objetivos pretendidos.

Na visão desses seres, os terráqueos eram um bando de loucos e criminosos siderais que estavam entregues a própria sorte, não possuindo, por isso, maiores direitos. Assim, podiam ser utilizados ou destruídos conforme alguns padrões de conduta de algumas civilizações que, a exemplo dos animais da natureza terrestre que mesmo não sendo bons nem maus, mas que destroem e matam quando necessário, agem, também, dessa forma.

Qual o sentimento de culpa de um leão ao atacar a sua presa? Por mais que nos choque a sensibilidade, existem por este universo afora, diversas raças que, mesmo dotadas do que chamamos de inteligência, são ainda destituídas de certos princípios que caracterizam a parte mais evoluída da vida cósmica. Mas isso é assunto para outros tempos, pois na atualidade planetária não é conveniente que desenvolvamos assunto tão complexo.

O mundo terreno, realmente, estava sendo disputado por diversas forças cujas características eram bem distintas umas das outras: Lúcifer e seu exército, nove civilizações que procuravam pesquisar e explorar algumas riquezas minerais e seis outras que pretendiam, em futuro próximo, simplesmente dominar o planeta.

As hostes celestes harmonizadas com o Mestre a tudo observavam, procurando, sempre que possível, veicular as encarnações dos espíritos missionários que se propunham a tal intento. Nada mais podiam fazer porque, diante das leis cósmicas, a humanidade terrena, realmente, não fazia por onde criar campo meritório passível de receber ajuda direta.

As previsões quanto ao futuro terrestre eram, naquela oportunidade, sombrias, pois não se vislumbrava melhoria redentora a curto ou médio prazo para o problema vibratório dos seres aqui congregados.

Não foi preciso que nenhuma das raças que pretendiam disputar o domínio planetário com a civilização atlante - na época único foco terráqueo com capacidade tecnológica de se opor a qualquer possível invasão - produzisse ou mesmo declarasse algum tipo de conflito com os pretensos mandatários da Terra, porque, seriam novamente os atlantes que, sozinhos, promoveriam outra grande catástrofe que terminou por expulsar até mesmo a maioria das raças que já tinham suas bases estabelecidas na Terra.

Conjugado à catástrofe, houve também um evento tectônico. Esse evento foi algo bem próximo - pelo que nos foi informado - do que viria a ser a tese proposta pelo Prof. Charles Hapgood, mas cujos postulados ainda não foram plenamente aceitos pela ciência: o deslocamento em um só bloco de toda a crosta terrestre.

Analisando-se o fato de terem sido encontradas carcaças congeladas de milhares de espécies grandes de mamíferos, principalmente mamutes e que ao serem analisados os conteúdos de seus estômagos terem sido encontrados vestígios alimentares comuns a pastagens de clima quente, questiona-se como é que eles foram parar naquela região de frio tão intenso e que, a principio, não poderia ter aquele tipo de vegetação.

Entretanto, esses animais ainda hoje são encontrados no norte da Sibéria e do Canadá, estando, portanto, muito próximos ao Pólo Norte. E, na verdade, eles morreram no local onde haviam vivido.

Concluiu-se que a terra em que estavam pastando, através do deslocamento em bloco de toda a crosta terrestre, foi levada a um clima mais frio, de forma repentina. Com isso, milhares e milhares de animais foram congelados em um breve momento de tempo geológico.

Antigos e, aparentemente, inexplicáveis mapas da Antártida - pois foram feitos antes do seu "descobrimento moderno"- fornecem indícios de que aquele continente também foi congelado muito rapidamente.

Em outras palavras, a camada mais externa da Terra flutua sobre uma outra camada semilíquida. Hapgood propôs que a crosta terrestre podia se deslocar inteira - na sua totalidade - como a casca solta de uma laranja. Segundo ele, esse tipo de cataclismo seria causado por um desequilíbrio do peso do gelo nas calotas polares.

É sabido que, com o tempo, o gelo se acumula nos pólos, alcançando uma grossura de até 3,5 km. O grande peso do gelo termina causando, de tempos em tempos, um desequilíbrio no globo. Em um dado momento crítico, o gelo se desloca inclinando-se para um determinado lado, arrastando consigo a crosta mais externa do planeta e, com isso, levando os continentes, em um só bloco e em um curtíssimo período geológico, para novas posições.

Agora, antigas calotas polares estão em um clima mais quente no qual começam a derreter enquanto que terras temperadas estão em regiões polares nas quais começam a congelar e acumular gelo. Assim o equilíbrio vai sendo mantido até que muitos milhares de anos depois - alguns cientistas defendem a hipótese do intervalo de 41 mil anos entre os deslocamentos - o gelo novamente acumulado nos pólos, provoque outro movimento de adequação e ajuste do globo planetário.

Dessa forma, o Prof. Charles Hapgood concluiu que continentes inteiros podiam, rapidamente, mudar de posição no planeta. E, no último evento ocorrido, eles teriam se deslocado em torno de 3,5 mil quilômetros no sentido Norte-Sul, em um curto período.

Com isso, o continente da Antártida - antes de clima temperado - teria sido englobado pela zona polar e, ao mesmo tempo, a América do Norte liberada do Círculo Polar Ártico, tornando-se área temperada. Da maneira semelhante, conforme a mesma tese, a região planetária atualmente conhecida como o Brasil, li cava quase que completamente inserida no hemisfério Norte.

Quando Hapgood propôs a teoria do deslocamento da crosta terrestre em um só bloco, a comunidade científica não se pronunciou, à honrosa exceção de Albert Einstein, que admitiu publicamente a possibilidade da hipótese estar correta. É importante ressaltar que a tese do Prof. Hapgood não foi formulada em relação à possível existência da Atlântida.

Isso posto, informam-nos os mentores do presente trabalho, que há cerca de 14.000 mil anos ocorreu um *evento muito próximo* do que foi exposto pela teoria citada anteriormente.

Devido ao conjunto de problemas de ordens tão diversas, de todas as civilizações que já estavam sediadas no planeta, somente três conseguiram permanecer.

Destas, uma voluntariamente se retirou, tempos depois, deixando a origem de uma história de um povo que, ao que estamos informados, em breve será esclarecida. Uma outra foi acometida por problema de ordem virótica que dizimou todos os membros da sua base terrestre. A última perdeu a conexão com suas equipes que foram posteriormente impedidas de se aproximarem do planeta o que provocou a decadência de um foco existencial cuja comunidade resultante de todos aqueles eventos remotos muito tempo depois viria a ser conhecido como os Maias.

Entretanto, essas páginas pertencem a histórias que a seu turno serão contadas, não necessariamente por este escrevente terreno, pois merecem atenção específica.

Por esse tempo, após a consumação do grande sofrimento que foi a última hecatombe atlante, muitos exilados terminaram purgando suas faltas cármicas mais pesadas.

Cerca de aproximadamente dois terços deles atingiram, portanto, uma certa condição de *limpeza energética* quanto às marcações que lhe eram características, o que permitiu ao Mestre determinar o estabelecimento de um certo campo protetor que envolveu a Terra durante um certo período, impedindo, dessa forma, incursões de outras equipes siderais com objetivos pouco edificantes.

O último grande desastre atlante - ocorreram vários ao longo de sua história - teve, também, como principais personagens, os mesmos espíritos que no passado haviam promovido a maior hecatombe já vista nessa porção do cosmos.

É como se estivessem treinando para, no futuro longínquo do fluxo do tempo terrestre - durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais -, perpetrarem outras loucuras, só que, dessa vez, completamente envolvidos por Satã que a todo custo buscava atingir seus objetivos estratégicos para impedir a reintegração da Terra.

Com a última, que teve também como base de sustentação as mesmas posturas íntimas viciadas no campo das disputas e intrigas de toda sorte, foi-se por fim, a esperança de reintegrar a Terra a curto prazo. Não haveria condições tão cedo para que esse processo pudesse ocorrer.

Devido aos dois grandes desastres atlantes - em especial o último - surgiu definitivamente no palco terreno a questão virótica como potencial inimigo à existência de corpos viventes na face da Terra, especialmente os de mamíferos.

Esse problema vinha se desenvolvendo lentamente desde há muito. Apenas os atlantes conseguiram coroar a tola pretensão terrestre com a perda total de qualquer domínio sobre as questões viróticas, bacteriológicas e outras do gênero ainda não completamente percebidas.

Desde então, em diversas oportunidades, a vida no planeta esteve ameaçada em determinados momentos por questões bacteriológicas e/ou viróticas que terminaram por não chegar ao conhecimento moderno. A última da qual se teve notícia, mesmo que de forma apenas superficial e simbólica, foi a que ocorreu na região de Sodoma e Gomorra, que teve que ser destruída para evitar que a propagação de um certo vírus ali surgido, pusesse um fim à vida no planeta.

Na verdade, precisamos entender que os seres humanos e os micróbios sempre coexistiram ao longo da evolução terrestre. Em certas épocas do passado, devido às pequenas aldeias, esses últimos ficavam circunscritos a uma certa região e, com isso, a população local ia desenvolvendo os anticorpos necessários.

Muitas páginas da Antiguidade foram escritas dessa forma. Entretanto, de vez em quando, problemas mais sérios ocorriam que terminavam por criar certas situações que ficavam completamente fora de controle.

Foi assim com Sodoma e Gomorra, que tiveram a sua destruição decretada por Jeová para salvar o resto do planeta.

Dia virá em que a humanidade irá perceber a angústia suprema daquele ser extraterreno em implementar a única opção possível para preservar a vida dos mamíferos na face da Terra.

Alguns outros exemplos ocorreram em tempos mais recentes como o caso da peste bubônica que veio da Ásia, através das hostes de Gengis Khan. Em 1391, morreram milhões de pessoas somente na Europa, que foram contaminadas através do ar porque é assim que se propaga a bactéria responsável pelo problema. Por volta do ano de 1665 a peste sumiu misteriosamente.

Em 1969, equivocadamente, os Estados Unidos afirmaram que estava encerrada a história das pragas promovidas pelos microorganismos. Ledo engano. Eles estão de volta e muitos problemas ainda terão que ser enfrentados nesse campo de luta existencial até que possamos realmente afirmar que os processos decorrentes dos agora chamados supermicróbios de fato acabaram.

No passado remoto foi bem pior a ordem de problemas referentes a essa questão.

Somente na história atlante em muitos de seus períodos históricos, diversas pragas ocorreram que, se fossem analisadas sob a atual ótica científica, fariam corar o mais arrojado dos cientistas. No entanto, assim foi.

Esse problema, de certa forma, teve o seu início com a chegada de diversas levas das equipes dos rebelados que a todo momento aportavam à Terra. O nosso planeta - que já tinha a sua própria cota de problemas nesse campo, independente da contribuição externa - passou a ter ciclos de propagação viróticas e bacteriológicas, como também em outros níveis energéticos ainda não adequadamente percebidos pelo conhecimento atual.

Até hoje, portanto, administramos efeitos de um processo causal muito remoto. Pena que disso não tenhamos a devida consciência.

Mas, independente de percebermos ou não a causa remota dessa questão, podemos sentir o seu efeito e suas conseqüências que ainda estão a marcar a humanidade terrena como uma espécie de carma negativo de ordem vibratória a nos lembrar, a todo momento, as páginas do passado equivocado. E, enquanto dele não nos libertarmos - em termos de carma - os seus grilhões tornarão mais difícil ainda a jornada evolutiva dessa comunidade planetária que, por si só, já é bastante complicada.

Continuemos a gastar mais e mais em armamentos e instrumentos de destruição em detrimento das pesquisas necessárias ao bem-estar do ser terrestre e aguardemos o que nos reserva o futuro.

Na Atlântida já decadente - próxima ao seu final existia de tudo. Seres multicoloridos que apresentavam o mais bizarro dos aspectos. Outros grupamentos haviam que tinham uma única tonalidade de pele, fosse azul, vermelha, acinzentada, negra, marrom, esverdeada, amarela ou branca. Aqueles que pertenciam a um determinado grupo não se misturavam com os demais, em termos de acasalamento.

Toda essa multidiversidade de tonalidade de pele foi produto de muitas experiências genéticas e clonagens de todo tipo ocorridas ao longo dos muitos milhares de anos da história atlante.

O interessante é que, os acontecimentos ocorridos entre aproximadamente 17.000 e 12.000 a.C., se analisados diante do conhecimento moderno, mais pareceriam ficção do que, propriamente, realidade. Talvez, por isso, alguns ficcionistas direcionam suas histórias cheias de tecnologia para o passado terreno, em vez de para o futuro. Quem sabe se isso não é uma crise de memória do subconsciente - memória espiritual - confundida com o processo de criação mental?

Nesse período ocorreu uma série de *acontecimentos geológicos, astronômicos e humanos* que terminou por criar uma espécie de barreira ou cortina em relação ao passado.

Mas, voltando à Atlântida, certos ramos de seus cientistas pertencentes principalmente às tonalidades vermelha, marrom, branca e amarela, começaram a perceber que, de acordo com os registros históricos que detinham nos seus códices, estava próximo o momento geológico em que poderia ocorrer um deslocamento parcial ou total da crosta terrestre de proporções imprevisíveis.

Pelos seus registros, isso já havia ocorrido algumas poucas vezes no passado que eles conheciam através dos seus arquivos históricos, além de serem também conhecedores de que o eixo de inclinação do planeta variava a sua posição ao longo de suas evoluções em torno do Sol.

Com isso, alguns continentes que tinham clima tropical, por exemplo, passavam, em pouco tempo, a ter clima glacial e vive-versa; ocorriam muitos terremotos e erupções vulcânicas até que as placas tectônicas se ajustassem razoavelmente ao surgimento de algumas ilhas ou mesmo continentes, como também ao desaparecimento dos mesmos.

Começaram, então, a incrementar um processo de expansão do império atlante através da construção de muitas outras bases espalhadas pelo planeta.

O objetivo era construir em cada quadrante planetário algum tipo de base que pudesse servir após o esperado deslocamento da crosta terrestre - de foco de sobrevivência ou mesmo de desenvolvimento futuro para os atlantes que sobrevivessem ao problema o que, na expectativa de muitos dos que acreditavam na possibilidade geológica, ocorreria em grande número.

Entre os que assim pensavam, o continente atualmente denominado de América do Sul - além de já possuir diversas bases - viria também a ser escolhido para receber a maioria das que ainda seriam construí das.

Outros defendiam um maior incremento nos deslocamentos espaciais para a construção de bases que seriam construídas em alguns pontos do sistema solar.

Entretanto, haviam muitos que não concordavam com as análises em curso naqueles dias quanto a possíveis problemas com a crosta terrestre. Diziam alguns que o problema seguramente existiria, só que plotá-lo exatamente naquele instante histórico em que estavam vivendo era puro exercício de adivinhação. Outros sequer admitiam a probabilidade científica.

Ocorreram divergências e conflitos de toda ordem, não somente por causa dessa questão, mas, principalmente, porque havia uma tentativa em curso de um determinado grupamento querer se sobrepor aos demais por se achar descendente direto de Lúcifer e proveniente do já lendário planeta Alt'Lam. Foi uma espécie de Nazismo à moda atlante.

Por essa época, membros das diversas famílias de exilados provenientes principalmente de Capela e Tau Ceti estavam espalhados pelos muitos grupamentos atlantes. A antiga afinidade espiritual que os aproximava estava agora perdida nas entrelinhas do carma terreno assumido por força dos erros praticados nas reencarnações passadas.

Por injunções outras, no tempo a que nos referimos, os espíritos de Yel Liam, Vai Ellieh, Val carma terreno assumido por força dos erros praticados nas reencarnações passadas.

Por injunções outras, no tempo a que nos referimos, os espíritos de Yel Liam, Val Ellieh, Val Elliah e Val Ellam encontravam-se todos reencarnados em um dos grupamentos que defendiam a expansão do império devido à catástrofe iminente.

Já sem maiores noções do passado, sabiam apenas, dentro da cultura atlante, que eram estrangeiros na Terra pois, devido a um problema celestial ocorrido com o principal dentre os deuses atlantes, que era exatamente Lúcifer - na época, alguns dos seres que no passado haviam sido potencializados no astral terreno já eram cultuados como tais - todos eles foram expulsos do que pensavam ser seus mundos de origem.

Os quatro personagens, apesar de pertencerem a famílias diferentes de um dos então chamados troncos dos "Filhos de Alt'Lam", todos de pele suavemente amarelada por uma questão de descendência e já com certos traços do que hoje se conceitua como sendo oriental, terminaram se encontrando em certo departamento de trabalho atlante que buscava, através de suas forças militares, a tão buscada expansão do império.

Val Ellieh - que no futuro das outras reencarnações terrenas viria a ser um dos que foi crucificado ao lado do Mestre e, mais tarde, Marco Polo dentre outras personificações do seu espírito - era, na altura dos fatos, autoridade militar de vulto no meio das frotas aéreas da Atlântida do Norte.

Val Elliah - o outro que foi crucificado ao lado do Mestre e mais tarde, em Veneza, um rico comerciante que de certa forma financiou parte das aventuras da família Polo - era uma espécie de "engenheiro de armas" da frota aérea do Norte.

Val Ellam, piloto da nave principal de comando. Depois, nos tempos de Veneza, reencarnou como pai de Marco Polo.

E, Yel Liam - que viria a personificar Judas Iscariotes e, depois, um alto magistrado do conselho de Veneza na época dos Polo - cientista militar especializado em forças magnéticas minerais e muito versado nas filosofias políticas de então. Era uma outra grande autoridade da frota do Norte. Ele e Val Ellieh, pertenciam ao chamado Grande Conselho Atlante da época em questão.

Pertenciam, portanto, ao conjunto dos que desejavam expandir o império mas não aceitavam a supremacia de um outro tronco que também se auto denominava "Filhos de Alt'Lam" e ainda mais como sendo os únicos que ainda poderiam ser considerados "Fiéis a Lúcifer": o que se caracterizava por possuir pele branca.

A esse grupamento pertencia o espírito daquele que, no futuro, reencarnaria com a personalidade de Hitler, que já naquele tempo defendia a supremacia de uma raça sobre as demais.

Entretanto, além da triste expectativa de uma catástrofe natural que era esperada para qualquer momento, foi detectado nos quadrantes dos céus terrenos o aparecimento de um *estranho e desconhecido corpo celeste* que, segundo os cálculos, passaria muito próximo á Terra, havendo mesmo a possibilidade de ter a sua rota atraída perigosamente para o planeta. Como se já não bastassem tais problemas, alguns conflitos entre certas regiões militares atlantes foram deflagrados.

Devido ao calor das disputas armadas, toda atenção daqueles dias estava voltada principalmente para uma espécie de guerra planetária que estava acontecendo.

Explosões de toda ordem, provocadas ou acidentais, ocorriam por todo o planeta e, em especial, no seu hemisfério norte. Um certo conjunto de explosões nucleares de caráter limpo terminou por propiciar condições para aumentar mais ainda o que, por si só, já era um verdadeiro inferno: alterou definitivamente a órbita daquela espécie de bólide celeste.

Quando a certeza do cruzamento orbital se fez nos meios militares, o conflito que já durava há cerca de um ano e meio, cessou com a derrota de todos os envolvidos. Mas já era tarde.

Todos os esforços restantes se voltaram não mais para o possível problema de deslocamento da crosta terrestre - que, na verdade, já havia começado a ocorrer mas cujos efeitos ainda suaves, foram confundidos com conseqüências das explosões e de outros problemas - mas, sim, para o astro intruso que se aproximava perigosamente.

Ocorreram, realmente, alguns grandes tremores de terra que provocaram o desaparecimento de forma repentina de algumas pequenas regiões planetárias. Mas, o desaparecimento das diversas bases atlantes e de seus núcleos centrais, como muitos crêem e reza a tradição, não foi de uma hora para outra. Durou algumas poucas décadas pois tudo foi ocorrendo na medida em que os acontecimentos singulares iam se desenvolvendo.

As bases e os núcleos centrais do grande império distribuído nas muitas ilhas de um arquipélago que existia no Atlântico Norte, em algumas poucas localizadas no Mediterrâneo, na região Amazônica, em Atlan que era o ponto mais a leste da América do Sul, no México, na Bolívia, no Peru, no Chile, em algumas regiões da Antártida atualmente cobertas pelo gelo, no Egito, em alguns regiões da África, no Norte da Europa e outras poucas localidades começaram a desmoronar naqueles dias.

Todo esse conjunto de aglomerações atlantes foi sendo destruído na medida em que a crosta se movia, com os terremotos e as explosões vulcânicas, devido às chuvas químicas resultantes principalmente da explosão ocorrida já dentro da atmosfera terrena de algumas partes fragmentadas do agente celeste intruso, com a mudança abrupta dos climas regionais e, principalmente, devido ao já combalido estado tecnológico e à psicologia decadente dos sobreviventes; tudo isso compôs o pano de fundo da grande derrocada daquela que foi a maior forma político-organizacional que já se fez presente na Terra: a civilização atlante.

Em determinado momento, o que restava da frota aérea do Norte estava em pleno vôo quando a pequena Ilha na qual estava sediada a base de suas operações localizada no Atlântico Norte - como também os seus familiares - simplesmente desapareceu sob as ondas de um vagalhão sendo posteriormente tragada por um sismo bem mais potente que os que de há muito já prenunciavam ocorrências daquela ordem. Literalmente, aqueles seres infelizes ficaram sem chão para pousar.

Perambularam durante certo tempo por outras bases que ainda estavam de pé buscando, com todas as forças, reconstruir algo do antigo poderio.

Como eles, muitos foram os que sobreviveram ao grande desastre.

Muitas gerações de espíritos ainda reencarnaram nas decadentes bases atlantes que insistentemente tentavam manter vivo o sonho do império planetário.

Entretanto, com tecnologia já decadente e destituídos de instrumentos preciosos de engenharia, ainda assim, há cerca de treze milênios, ou seja, lá pelos idos de 11.000 a.C., muitas gerações de atlantes começaram a construir verdadeiras obras - numa tentativa desesperada de

preservação cultural e mesmo de sobrevivência do que restava do orgulho atlante ao longo dos séculos.

É bom que se informe que os sobreviventes atlantes eram, na sua grande maioria, engenheiros e cientistas. As outras duas das principais classes sociais que caracterizavam a Atlântida nos seus últimos períodos, a dos militares e a dos sacerdotes, estranhamente pereceram quase que na totalidade de seus membros, durante as diversas etapas do trágico final. Foram. portanto, muitos engenheiros e cientistas e pouquíssimos sacerdotes e militares que deram início às principais empreitadas.

As primeiras que foram construí das até hoje constituem equações enigmáticas para a mentalidade moderna: a cidade de Tiahuanaco, na Bolívia, que terminou de ser construída em, aproximadamente, 10.000 a.C. e a Grande Esfinge; também construída por essa mesma época.

Na verdade, esses dois principais ramos de descendentes atlantes apenas deram continuidade ao que anteriormente os grupamentos a que pertenciam - os de pele vermelha e marrom no continente americano e os de pele negra e amarela em certas regiões da Ásia, da África e do Oriente - já haviam decidido construir quando da tentativa de expansão do império, antes da grande derrocada. Por aquela época, bases desses grupamentos haviam sido fixadas principalmente nas regiões das Américas e no Egito.

Nos dias atuais pergunta-se nos meios acadêmicos se, de fato, é possível ter existido uma civilização avançada na Terra, milhares de anos antes do registro da História como a conhecemos.

Entretanto, é bom não esquecer que a História moderna é o resultado de uma outra da qual foram subtraídos milhares de papiros, livros e outras formas de preservação informativa, nos muitos incêndios, destruições e loucuras praticadas por fanáticos ao longo desse mesmo processo histórico.

Ainda assim, há certos monumentos espalhados pelo mundo que têm certos aspectos em comum que, pela simples falta de explicação para as suas existências dentro dos padrões ditos aceitáveis por alguns cientistas, deveriam ao menos merecer avaliação analítica menos tendenciosa que costuma enquadrar nos seus interesses, às vezes inconfessáveis, apenas o que for conveniente, muitas vezes, em detrimento da própria verdade ou, pelo menos, de uma de suas vertentes ou possibilidades.

Queiramos ou não, havia uma cultura avançada tecnologicamente que existia antes de a História registrada ter inicio.

Nas "Crônicas do Peru", escritas no século XVII, Garcia de la Vega conta que, quando os espanhóis chegaram a América do Sul, perguntaram aos Incas se eles haviam construído a cidade de Tiahuanaco. Os Incas disseram que a mesma havia sido construído milhares de anos antes deles.

Pena é que poucos levam a sério o que qualquer historiador descompromissado de interesses menores perceberia: o fato de existir a cidade com seus monumentos, templos e engenharia ainda carentes de explicação quanto à tecnologia disponível por quem a construiu, além do testemunho histórico anteriormente citado.

Se a História não se valer de fatos concretos como esses para ao menos se permitir estudar uma possibilidade, de que ela se valerá para buscar a verdade quanto ao passado terrestre?

Seria mesmo interessante imaginar a ira incontida de alguns arqueólogos pelo fato de existirem certas cidades de arquitetura megalítica, além da Grande Esfinge e de muitas outras que terminam estragando as suas teses. Mas, infelizmente - para eles -, elas existem. E, o pior: têm muitas coisas em comum.

Tiahuanaco, na Bolívia, muitas pirâmides americanas, a imensa fortaleza de Sacsayhuaman, no Peru, a Grande Esfinge, as Pirâmides de Gizé e o Sireion, no Egito, Stonehenge na Inglaterra e muitas outras, foram todas construídas em épocas das quais não se tem registro histórico; todas elas envolvem nas suas construções pedras - na maioria, rochas megalíticas - que pesam centenas de toneladas e cujas junções medem menos de 1 mm; todas são consideradas de origem desconhecida pela chamada ciência oficial; as de caráter astronômico, possuem alinhamentos precisos e, no caso das pirâmides americanas e egípcias, todas foram alinhadas precisamente com os pontos cardeais; seja lá quem as erigiu, empregava um estilo bastante singular de construção desconhecido até para o conhecimento atual; tanto as culturas americanas quanto a egípcia mumificavam seus mortos além de apresentarem toucados reais de estilo parecido nas suas gravuras e obras artísticas.

A mais modesta conclusão a que se pode chegar - na medida em que as construções existem - é que uma remota grande civilização que atuou no México, na América do Sul, no Egito e em outras partes, mas que ainda não foi identificada pelos historiadores, espalhou uma série de construções que foram todas filhas de uma influencia comum espalhada na Terra.

Existe o registro histórico de uma lendária civilização atlante; existe o vácuo histórico de "quem construiu" o que de fato está construído nas regiões já citadas: pena que exista também a milenar incapacidade do ser terreno em superar o orgulho do pretenso saber e suas tolas e fugazes conveniências que faz com que as construções existentes mais pareçam obra de algum tipo de magia.

Quando é que sairemos desse circuito fechado que promove o eterno retorno da nossa própria ignorância à tônica dos fatos, sempre que eles exigem alguma resposta fora da cômoda postura ortodoxa, é análise que não nos propomos fazer.

Muitos ainda não entenderam porque a Espiritualidade faz uso de homens e mulheres comuns do mundo para chamar a atenção para fatos e possibilidades que a própria ciência poderia tratar de forma mais adequada e digna.

Enquanto não saímos desse circuito que nos premia a vida do espírito com novas e renovadas voltas a lide carnal para o devido aprendizado e melhoramento intimo, continuemos a analisar as informações que nos passam os mentores do presente trabalho.

Para melhor compreensão, os principais grupos remanescentes do desastre atlante encontravam-se espalhados pela Terra nos seguintes focos de civilização:

- atlantes que escaparam e se misturaram com grupos já existentes no continente americano, fossem produtos de experiências genéticas que tinham sido distribuídos em especial na América do Norte ou mesmo com seres que já se encontravam nas bases localizadas na América do Sul. Neste último, também existiam alguns grupos sediados em antigas bases de algumas civilizações extraterrenas que tentaram dominar o planeta ou que buscavam a simples extração de alguns produtos minerais e vegetais, além de certos componentes genéticos de alguns animais da natureza terrestre.

De toda essa diversidade resultou, mais tarde, os peles-vermelhas americanos, os incas, o índio brasileiro, os maias, os toltecas e os aztecas.

- atlantes que terminaram se unindo a um certo grupo extraterreno proveniente do planeta Ra Am, de uma das estrelas da constelação de Leão, que veio à Terra para tentar solucionar um certo problema energético de seu mundo de origem. Dessa união resultou o Egito antigo.

- atlantes que guerrearam com certos grupos de seres exilados do planeta Mathab, de Antares, e que se congregaram na região da Índia. Os conflitos descritos nos Vedas descrevem certos painéis dessa história. Desse foco civilizatório, surgiriam, depois, os hindus.

- atlantes que se uniram a certo foco indo-europeu que era, na verdade, um agrupamento de espíritos provenientes do planeta Zaus-Maha, também do sistema de Antares, que no futuro terrestre, se transformaria no império persa.

- atlantes que se misturaram com a semente de um povo que no futuro viria a formar a cultura helênica.

- atlantes que formaram com os remanescentes de seres exilados de focos da raça amarela vindos de dois mundos de Antares, os planetas Clon e Chlin, que no futuro, formariam a base civilizatória da Coréia e da China respectivamente.

- descendentes de atlantes que se misturaram com focos de exilados, todos de raça negra, também provenientes de três planetas do sistema de Antares, a saber, Bainim, Beltim e Bo-Im que forneceriam, depois, três dos principais grupos étnicos africanos.

Além desses núcleos civilizatórios, a essa altura dos fatos, existiam outras potências "de fora" que ainda permaneciam na tentativa de dominar ou simplesmente explorar a Terra: a raça Lemus espalhada em duas bases no Pacífico e um grupo que viria a fornecer a base de toda a história futura dos sumérios dos quais surgiria mais tarde a civilização mesopotâmica; esta, por sua vez, seria o foco originário de toda uma história cuja cultura político-religiosa seria eternizada nos livros da Bíblia, quase sempre confundida com a história do gênero humano terrestre.

Essa era a situação terrestre, algum tempo após o fim do império atlante, por volta de 10.000 a.C..

Durante os três milênios seguintes, alguns poucos desses núcleos evoluíram consideravelmente. Muitos estacionaram e, se tornaram decadentes com o passar dos tempos sendo substituídos por outras culturas. Outros, simplesmente, desapareceram.

Como produto direto dessa época resultaram, por volta de 7.000 a.C., quatro troncos raciais que dominariam o panorama terrestre até os dias atuais: a raça branca concentrada nas florestas do continente europeu em alguns focos civilizatórios, a raça negra na África, a raça amarela na Ásia e a raça vermelha primitiva, no continente americano.

Todas as demais variedades da humanidade terrena resultam de misturas, de combinações, de degenerescências ou de seleções dessas quatro raças matrizes.

Por essa época também iniciou-se a cultura mais atual dos "deuses" que conviviam com os humanos, fossem principalmente nas tradições gregas ou mesmo mesopotâmicas.

Na verdade, muitos dos que se transformaram em deuses eram simples sobreviventes do desastre atlante que ainda se encontravam dotados de certos componentes energéticos ou mesmo de produtos de um sucateamento da tecnologia restante que perdurou durante alguns séculos, permitindo a alguns poucos seres certas doses de poderio mental-tecnológico que a muitos impressionava.

Yel Luzbel e Len Mion eram, então, dois desses deuses que dos ambientes astrais "dominavam a Terra". A tudo tinham acompanhado sem poder interferir.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO QUATRO

Agrupamentos Afins

Com o extermínio de praticamente toda a casta sacerdotal, dois dos principais cultos de devoção religiosa da cultura atlante - o de Luz Beyel e o de Set Iam - terminaram também por se perder na noite dos tempos.

Esses e outros cultos cujo objeto de veneração eram, também, seres potencializados no astral planetário, foram praticados durante toda a história daquela civilização. Nas suas últimas etapas, entretanto, esses deuses foram acusados de terem abandonado à própria sorte os fiéis atlantes, como se eles pudessem fazer alguma coisa.

No astral, recebiam o chamamento de seus irmãos encarnados, mas como já haviam perdido muito da antiga potencialidade que tinham os seus espíritos de se projetarem ou mesmo de se materializarem entre os "vivos" devido, principalmente, ao efeito de certas explosões ocorridas nos últimos períodos, eles se furtavam mesmo a projetar um vulto que fosse para o deleite dos seus fiéis.

Receosos quanto às vibrações dominantes naqueles dias, eles resolveram se afastar o máximo possível do ambiente dos encarnados para preservar o que restava de suas forças.

Estava, enfim, completamente desagregada a grande família de exilados que se congregou na Terra como espécie de última trincheira de uma batalha que estavam travando contra si mesmos. E, realmente, até os dias atuais, sequer conseguimos perceber tal fato.

Continuamos a transitar pelo mundo através das muitas vidas completamente despreocupados quanto às regras do jogo existencial, delas reclamando sempre e esquecendo que quem tem de se modificar somos nós próprios e não as normas cósmicas que nos regulam a jornada evolutiva.

Em mundos transitórios os pais nos fornecem o corpo transitório, jamais a. alma. E se além de transitórios são de caráter inferior, como é o caso da Terra, os filhos que chegam normalmente são os desencontros do passado e não os afetos do nosso espírito.

Com isso, as antigas relações de afinidade que uniam os seres sob o contexto da situação terrena, foram substituídas pelas situações de coexistência concernentes às leis de causa e efeito. Almas afins nada a ver com almas gêmeas - estavam, agora, separadas pelas injunções cármicas e somente no período pós Cristo voltariam a se encontrar em determinados núcleos familiares.

De fato, cada uma das famílias de exilados que terminou por se congregar na Terra, teve o conjunto de seus membros perdido entre as encarnações terrenas.

Como, no palco planetário, a situação existencial imediata fala mais alto, muitas vezes duas almas afins mas que não se reconheceram quando encarnadas, em situações de disputa, se permitiam baixar o padrão vibratório e cometer verdadeiras barbaridades espirituais em nome de um poder temporal, de uma paixão amorosa, de um credo religioso, enfim, de qualquer coisa que tivesse relação com o orgulho doentio que até hoje ainda nos caracteriza.

Após tantos débitos assumidos, somente após a purgação dos mesmos é que tornava-se possível o reencontro em condições satisfatórias em um mesmo núcleo familiar.

E isso somente começou a ser possível - em escala planetária - depois da presença do Mestre entre nós.

Na verdade, cada família de exilados tem dentro do objetivo geral da grande família planetária congregada na Terra - uma meta específica para atingir. Enquanto uma boa parte dessa família não consegue libertar-se dos débitos mais pesados, o conjunto dos seus membros, na sua totalidade, fica impossibilitado de levar adiante os projetos reencarnatórios com vistas ao objetivo maior.

Imaginemos, portanto, todas as famílias de exilados incapacitadas de desenvolver algum tipo de estratégia para o soerguimento do nível existencial planetário durante muito tempo. Assim permaneceu a situação terrena até que alguns focos civilizatórios conseguiram se desenvolver.

Não foi por outro motivo que, em sua maioria, os períodos históricos imediatamente posteriores à derrocada atlante ficaram como que perdidos nas brumas do passado.

De fato, caberia ao pensamento moderno perguntar quantas vezes o homem foi forçado a começar tudo de novo na face da Terra. Se algum tipo de resposta fosse dada a esse questionamento, seguramente já seria um novo padrão de reflexão para os que buscam entender as origens da humanidade terrena. E, se é verdade que a ciência terrena mais vale pelas indagações que ela aprende a formular do que, propriamente, pela quantidade de respostas que fornece, em que tipo ou campo de estudo se faz alguma indagação quanto à possibilidade da origem do ser terreno vir a ter outras hipóteses que não a de ter evoluído de um certo ramo dos primatas?

Imaginemos que a Terra fosse' um planeta aquático com apenas uma pequena ilha em toda a superfície. Mas, que nessa ilha existissem fauna e flora.

Um observador atento, percebendo a fantástica quantidade de água rodeando um pequeníssimo pedaço de terra, fatalmente entenderia que seria impossível a pequena ilha influenciar a totalidade do imenso oceano e admitiria que daquela imensa massa aquática é que deveriam ter surgido os componentes que terminaram por influenciar o surgimento da vida vegetal e animal naquele diminuto torrão.

Vejamos, agora, a situação do nosso pequeno planeta cercado pela imensidão do oceano cósmico. Será que pretendemos supor que foi da Terra que saiu algum tipo de influência sobre o

cosmos? Mas, e quanto aos bombardeios de corpos celestes ocorridos ao longo da evolução planetária - mais de quatro bilhões de anos - semeando a vida através de elementos químicos aqui depositados e reações de toda ordem promovidas pela salutar interferência desse imenso oceano sobre o diminuto planeta? O que devemos pensar senão sobre a possibilidade de que tudo o que existe na Terra - em termos de vida - é produto de um lento processo de elaboração proveniente do encontro dos "espermatozóides celestes e do óvulo terrestre da Mãe Terra" semeando a vida nos moldes possíveis à natureza terrena?

Por que é tão difícil se discutir imparcialmente a possibilidade da origem extraterrestre do ser humano, se tudo o que existe na Terra é produto dessa chuva cósmica, desse grande oceano que, nas vagas de suas ondas existenciais, promove a vida onde for possível gerá-la?

É mais fácil e inteligente supor que o tal "elo perdido" entre o homem e o macaco é uma certeza ou possibilidade científica mais razoável do que examinar as evidências da origem vinda de fora dos limites terrenos? Que pavor provoca o termo "extraterrestre" em muitos pesquisadores para fazer com que possibilidades mais e mais bizarras sejam avaliadas com o beneplácito da ciência em detrimento de outras?

Infelizmente, grande é o número dos que supõem ter sido a pequena ilha. que, além de ter gerado vida nela própria, deve, provavelmente, nessa rota de análise, terminar por semear o cosmos qualquer dia desses. Realmente, temos olhos mas, às vezes, nada enxergamos. Pergunto-me se, de fato, queremos enxergar alguma coisa.

Continuemos, contudo, na nossa modesta narrativa dos fatos pós Atlântida.

Os quatro troncos raciais que, por volta de 7.000 a.C., caracterizavam todos os grupamentos terrestres estavam em lenta marcha evolutiva.

Devido à miséria reinante - entre os atlantes não havia esse problema - a conquista, fosse de uma região geográfica, de um objeto, de alguém ou de um simples pedaço de comida, passou a ser, entre alguns grupamentos, a .tônica da sobrevivência durante muitos séculos.

Poucos focos de civilização escaparam a esse tipo de comportamento bestial e primitivo.

Mesmo assim, alguns grupamentos conseguiam evoluir mesmo que muito lentamente.

Enquanto não vinha a evolução, um outro componente comportamental até então existente apenas de maneira sutil, ainda difícil de ser percebido por entre as nuvens carregadas das paixões terrenas, surgia como câncer aniquilando o poderio da única postura íntima o amor - capaz de redimir toda a coletividade planetária: o ódio.

Foi esse o principal subproduto herdado do exclusivismo atlante que tornou muitos seres incapazes de conviver com outros que lhes fossem diferentes em hábitos, costumes e necessidades.

Não é, portanto, sem explicação, que os primeiros registros do que atualmente se conhece equivocadamente por História Universal - herança do antropocentrismo estéril da humanidade - falam de comportamentos pouco fraternos entre os que foram personagens das páginas iniciais dos

grupamentos que depois viriam a se transformar nas civilizações egípcia, chinesa, mesopotâmica, indo-européia e demais focos que deram origem ao atual período pós-atlante que vivemos.

Foi, também, um momento existencial cheio de revelações primitivas e sobrenaturais na medida em que o que era natural - convivência com seres astrais, com extraterrestres, com produtos estranhos de manipulações genéticas, etc. - tornava-se, com o passar dos tempos, raro e depois ausente do panorama terrestre.

Por esse tempo, as principais civilizações da Terra já lidavam com a lembrança dos deuses e de certos acontecimentos de forma lendária e já de forma muito distorcida em relação aos fatos originais.

Deuses que vinham nos seus carros voadores, humanos que eram arrebatados aos céus, gigantes, monstros exóticos, certos homens e mulheres que viviam bem mais do que o normal terreno, aparecimento de anjos, mitos e heróis, instruções dadas por senhores das estrelas, tudo isso era fator comum a todas as civilizações daquele tempo.

Abraão, na cidade de Ur, já crescera acostumado com relatos da tradição suméria quanto a deuses, suas interferências na vida humana, nuvens estranhas nos céus a perseguir ou acompanhar certas levas de trabalhadores sumérios e as incompreensíveis disputas entre os maiores do panteão sumério.

Afinal, Enlil e Enki - deuses da tradição suméria - muitas vezes disputaram situações e grupos de pessoas em nome de objetivos desconhecidos à mentalidade terrena que, somente há algum tempo, renomados pesquisadores tiveram o despojamento de colocar seus nomes em risco diante da comunidade científica, tamanha era a quantidade de indícios, mesmo que inquietantes, da presença de extraterrestres entre os humanos no passado da Terra.

A raça de extraterrestres que estava por trás da origem do povo sumério que tempos depois - a partir de 4.000 a.C. - juntamente com os acadianos e hurritas, dariam início à civilização mesopotâmica, desde há muito já havia saído do contexto terreno.

Convidados a se retirarem pela equipe de Jeová que estava prestes a assumir o controle planetário para preparar a vinda do Mestre dos Mestres, que decidira nascer como um simples homem terráqueo, aquele outro grupo de extraterrestres se afastou a contragosto do que já julgava ser uma espécie de conquista de suas hostes pois de há muito vinham extraindo certos componentes minerais e interferindo diretamente na vida terrena numa região compreendida entre a atual Turquia e o Iraque.

Tão grande era sua influência e poderio durante um certo tempo, que outras regiões que ficaram livres da influência atlante - desde a grande derrocada foram por esse povo dominadas.

Portanto, quando Abraão - que nasceu com essa missão - começou a ser envolvido por *anjos*, e outros fatos de origem tida como divina, não estranhou; já estava afeito a situações desse nível, pois, naquele tempo, tais fatos eram normais.

Na verdade, jamais o Mestre escolheu o povo hebreu para ser o Seu berço de nascimento, até porque na época da escolha não havia nenhum povo hebreu. Foi escolhido, isso: sim, o espírito que encarnou com a personalidade de Abraão para que, através de sua descendência que iria ser trabalhada por Jeová, surgisse o povo escolhido para o trabalho futuro.

Analisar o passado com os olhos do presente é fator de complicação que muitas vezes modifica a tônica ou mesmo a ótica dos fatos. Dia virá em que tudo isso será observado sob outras óticas que não a de todo conveniente aos valores atuais de certas religiões. Esse fato, em nada diminuirá a história ou crença religiosa. Ao contrário, se inteligentemente aceito, posto que inevitável, tornará mais belo e produtivo o pano de fundo das religiões terrenas.

É bom atentarmos para o fato de que todos os acontecimentos do passado terrestre somente tiveram os seus registros escritos estudados a partir do século XIX, o que demonstra que muito ainda está por surgir. Entretanto, mesmo ainda não tendo sido convenientemente explorado todo o passado pertinente a essa época, já se percebeu uma estranha semelhança entre as narrativas referentes aos deuses védicos e gregos. Se outras tradições tivessem sobrevivido à ignorância da própria humanidade terrena também dariam notícias misteriosamente parecidas com as anteriormente citadas.

Os Vedas afirmam que os deuses eram todos membros de uma grande família. Porém, essa família nem sempre vivia conforme o comportamento que se poderia esperar de seres tidos como tais. Às vezes deixava a desejar, em termos de comportamento amoroso, tanto ou mais do que uma simples família terrena, dizemos nós.

A origem de todas essas lendas de deuses e heróis, sejam elas de caráter grego, hindu, mesopotâmico ou de outras civilizações desse tempo, tinha um foco comum: os seres astralizados nos tempos áureos da Atlântida e que ainda eram comandados por Lúcifer e que, de vez em quando, realmente apareciam e raras vezes interferiam diretamente no desenvolvimento da vida terrena.

O único detalhe a se acrescentar é que, na altura dos fatos, Lúcifer havia determinado que apenas treze dentre todos os que se encontravam no estado astral deveriam coexistir com os humanos encarnados nas principais civilizações daquele tempo. Tal medida visava a impedir que todos se desgastassem energeticamente falando - de uma só vez. Afinal de contas, nenhum deles sabia como seria o futuro planetário e, por conseguinte, o próprio futuro do que um dia fora um movimento rebelde.

Assim, a presença de doze seres nos panteões védicos e gregos e a semelhança entre os seus nomes: Dyaus e Zeus, Dyaus-Pitar e Júpiter, Varuna e Urano, por exemplo. Por motivos pouco importantes para a nossa modesta narrativa, o décimo-terceiro jamais apareceu para os "simples mortais" ou simplesmente nunca foi devidamente percebido. O estranho é que na tradição daqueles tempos ficou registrado o número doze como a quantidade dos deuses que "dominavam a Terra". No futuro, estranhamente, doze seriam também os apóstolos de Jesus. Devemos atentar para o fato de que, na realidade, era Jesus e mais doze, o que dava a exata quantidade real dos seres astralizados que, sob o comando de um décimo-terceiro, interferiam no panorama terrestre.

É bom não esquecer que para Lúcifer era muito agradável *a existência de vários deuses*. Isso lhe ajudava na sua tese cósmica a respeito da existência ou não do Pai Universal.

Entretanto, começava a surgir um povo que, dentre os daquela época, era o único que não tinha deuses pois eles, os hebreus, tinham a Jeová. Os outros deuses - os assessores de Lúcifer - começaram a reconhecer e mesmo a temer a figura de Jeová, desde que ele assumira a sua condição de responsável pela preparação planetária para a vinda Daquele que iria redimir a todos mas que, equivocadamente, até hoje é tido, por muitos irmãos judeus, como um messias exclusivo de um único povo entre os povos terrenos. Como as nossas conveniências distorcem a verdade dos fatos! Lúcifer foi até pouco tempo atrás, professor dessa matéria.

Outro questionamento que se impõe, diz respeito ao objetivo dos povos daquele período histórico ao se referirem a "carros voadores, deuses que desciam e subiam aos céus e que conviviam com os humanos ensinando, copulando e matando" se, de fato, essas coisas não existiram? Como tantos povos, distantes geograficamente falando, e em alguns casos, de épocas distintas, podiam *inventar* o fator extraterrestre e para quê eles o fariam? Será mesmo que tinham condições culturais de vislumbrarem o aspecto extraterreno se esse não existisse?

Os registros históricos existem, e isso é um fato. Se existem, retratam o quê? O aspecto extraterrestre. Se assim é, do que mais precisa a ciência atual para pelo menos estudar com mais seriedade e imparcialidade sem macular com pechas morais aos que se dedicam com o sacrifício dos seus nomes a esse tipo de estudo - a possibilidade desse passado que pulsa por aparecer diante dos olhos do presente?

Foi, portanto, com certa dose de preocupação que Lúcifer e os seus assessores, perceberam a presença de um ser vindo de fora e que agora se intrometia no panorama terreno.

Tudo mudava com a chegada de Jeová.

Até as equipes de seres extraterrenos às quais pertenciam Enlil e Enki e que dominavam as terras mesopotâmicas e adjacências foram "convidadas" a se retirar do panorama terrestre, o que, de fato, fizeram.

Os deuses começaram a deixar de se fazer presentes na vida dos encarnados. Jeová e sua equipe, utilizando a tecnologia de que dispunham, praticamente conseguiram isolar o panorama terrestre da interferência direta, fosse dos seres astralizados ou mesmo de alguma equipe de extraterrestres ainda presente no ambiente planetário, desde o momento em que começaram a atuar mais abertamente.

Com a destruição de Sodoma e Gomorra pelas hostes de Jeová, ficou claro para Lúcifer que "alguém" de fora havia chegado para "dominar a Terra".

Preocupado por não mais possuir algum tipo de tecnologia à disposição de sua influência - e não foi nenhuma *coincidência* Jeová ter vindo para a Terra somente após a derrocada atlante -, Lúcifer se viu forçado a optar pela estratégia da obsessão espiritual, única maneira de tentar continuar a exercer a sua influência e o conseqüente domínio sobre o destino do planeta.

Estava, por fim, implementada a única e menos danosa das opções para os seres terráqueos conforme o planejamento da assessoria do Mestre possível de ser desenvolvida dentro do contexto vibratório da situação terrestre: a do envolvimento espiritual conforme a tendência de cada um dos espíritos aqui congregados.

Entretanto, mesmo sem ter processos tecnológicos disponíveis, os rebeldes ainda tinham o controle vibratório cármico de praticamente toda a situação existencial planetária.

Se fosse possível, naquele tempo, o surgimento de uma doutrina semelhante a do Espiritismo, não tenhamos dúvidas, a Espiritualidade Maior teria, então, implementado. Infelizmente, a situação energética do orbe terreno àquela época não permitia tal intento.

Por incrível que possa parecer, o que os primeiros livros da Bíblia descrevem em termos das atividades de Jeová e sua equipe é bastante modesto, comparado com o que de fato ocorreu.

As investidas das hostes luciferinas estavam em guerra declarada com aquela equipe de seres que, comandada pela impressionante figura de Jeová, se expunha de todas as formas possíveis de assim o fazerem para enfrentar a avalanche de desgraças humanas promovidas pela sanha desesperada das trevas.

Todos os povos daquela época terminaram por servir de massa de manobra para as hostes que do astral tentavam exercer o seu jugo.

O povo hebreu, por ter inserido na sua história futura - através do anúncio dos profetas - a possível guarida Àquele que viria, recebeu todas as terríveis investi das de Lúcifer porque, segundo o que se espalhara nos ambientes terrenos, seria naquele estranho grupamento humano com hábitos tão diferentes dos demais, que apareceria O que haveria de vir.

De um lado, as trevas tentando a todo custo destruir os hebreus. Do outro, a equipe de Jeová tentando preservá-lo preparando-o para a sua missão futura.

Por todo o mundo era uma época de lendas, heróis e mitos de toda ordem. As lembranças do passado cheias do fator "deuses de fora" em "carros voadores" que interferiam na vida humana semeavam no presente o meio propício a posições extremadas e às narrativas quando das incursões de Jeová junto ao povo hebreu e as circunstâncias daquele tempo.

Especificamente, quando da saída dos hebreus do domínio egípcio sob a tutela de Moisés, essa interferência rasgou de vez, os véus interdimensionais planetários. Nunca ficou tão claro para todos os que viveram naquela época que, realmente, existia uma interferência de fora - considerada divina porque não havia outra forma de considerá-la em um mundo sem qualquer avanço tecnológico - que se fazia presente mesmo que nos céus, mas possível de ser percebida por todos e cujos efeitos seriam sentidos através de fatos mirabolantes, que modificavam o curso da história.

Para que isso fosse possível, grandes espíritos encarnavam, adrede preparados para servirem de instrumentos mediúnicos-energéticos àquelas forças extraordinárias que eram emanadas do astral terreno. Somente assim é que se tornava possível a atuação das hostes, fossem luminosas ou trevosas.

Moisés, no caso, foi, dentre muitos outros méritos conquistados pelo seu espírito eterno, um dos grandes instrumentos dos quais se serviu Jeová para fazer cumprir no palco terreno os desígnios do Mais Alto com vistas ao futuro.

Por essa época, novamente os quatro personagens utilizados apenas como sujeitos ilustrativos da presente narrativa, após separados por muitas reencarnações em pontos distintos do planeta enfrentando sofrimentos inenarráveis, estavam convivendo em um mesmo momento e ambiente históricos.

Yel Liam e Vai Ellieh estavam reencarnados como dois dos mais próximos companheiros de Moises, quando da saída do Egito. Val Elliah, como um soldado egípcio do exército do faraó e Val Ellam, como um dos sacerdotes egípcios que tentavam ajudar o faraó a enfrentar a "mágica" dos hebreus, sem muito sucesso.

Se as diversas culturas daquele tempo já eram permeadas pela herança dos tempos da antiga Suméria, cheia de componentes extraterrenas, com a interferência de Jeová e sua equipe sobre a questão hebréia no Egito é que entraram na moda de então as revelações sobrenaturais de toda ordem. Inclusive, contra esse exagero o próprio Moisés, mais tarde, se preocuparia a ponto de legislar a respeito.

Fato é que, no passado, a intervenção extraterrestre não produzia reações de histeria e pavor entre os povos primitivos por uma razão bem simples: na psicologia de então havia a suprema e tranqüila convicção íntima da existência de realidades superiores (deuses), apesar de, na época de Moisés, por exemplo, não haver mais a mínima capacidade de entendimento técnico ou científico quanto a essas realidades.

No momento presente, esses mesmos seres já não teriam lugar no mundo moderno pois o psiquismo humano os rechaçaria inconscientemente. Jamais poderiam vir como deuses. Simplesmente se apresentam como o que de fato são: cidadãos cósmicos que residem temporariamente em outras moradas siderais da mesma forma que nós, seres humanos terráqueos, residimos transitoriamente na Terra.

Mas, a saída dos hebreus do domínio do faraó foi uma grande derrota para Lúcifer.

Chegamos ao ponto da presente narrativa em que nos obrigamos a enveredar por um caminho que mais ainda aflige a nossa condição de escrevente dessas noticias vindas do Alto: algo comentar sobre o passado, como ele poderia ter sido se outras opções históricas tivessem ocorrido.

Informa-nos a Espiritualidade que, se os hebreus tivessem permanecido sob o jugo egípcio, teriam perdido a sua cultura e os traços mais marcantes de sua personalidade enquanto povo porque, sediados em terra estrangeira e prisioneiros da dominação egípcia, seriam alvo fácil para as investidas das trevas que visavam a sua desagregação e a sua descaracterização, caso não pudessem simplesmente destruí-lo.

Entretanto, sair do Egito e conquistar uma "terra prometida" para nela enraizar - naquele tempo - os alicerces necessários para o futuro, era fator essencial para a futura vinda do tão

esperado Messias. Se tivessem permanecido como escravos no Egito - e esse era o plano de Lúcifer - os hebreus teriam se tornado mais um dos povos que desapareceria ao longo da História.

Mesmo que, mais de mil anos depois, dominado pelo império romano, pelo menos a cultura greco-romana era mais complacente com os costumes dos povos por ele conquistados, que se tornavam nativos de suas províncias, o povo hebreu, ainda assim, poderia servir de berço à vinda do Mestre.

Foi essa, portanto, a estratégia que Jeová se obrigou a por em prática - corria por conta do seu próprio livre-arbítrio - para preservar a futura vinda do Mestre: retirar o povo hebreu do jugo egípcio mesmo que a custa de interferências diretas tanto de sua pessoa como de sua equipe. Se ele não tivesse agido dessa forma é provável que até os dias atuais o Mestre ainda não tivesse vindo à Terra ou, pelo menos, não teria vindo no tempo em que encarnou como Jesus. Estaríamos, de qualquer forma, ainda muito distantes do momento da reintegração cósmica do nosso planeta.

Se os hebreus não tivessem saído do Egito, outra teria sido a história da Terra.

Conquistada a "terra prometida", continuou o povo hebreu a ser alvo de investidas violentas que visavam, como já o dissemos, desagregá-lo, descaracterizá-lo, ou, preferencialmente, destruí-lo.

Muitas foram as tentativas levadas a efeito pelo quartel-general de Lúcifer.

Uma das mais marcantes foi quando, ao tempo dos assírios - povo mais odiado da antiguidade devido aos seus hábitos cruéis - as suas principais lideranças políticas foram completamente "dominadas" pela estratégia luciferina, através de processos obsessivos, e pela altura do ano 722 a.C., toda a força de guerra daquele povo caiu sobre os reinos de Israel e de Judá, dominando-os completamente.

Antes disso, porém, em 747 a.C., Nabon Assar, completamente obsedado pelo quartel-general de Lúcifer resolveu por fogo em todos os registros culturais, religiosos e históricos que encontrou pela frente, prestando, dessa forma, um grande desserviço ao futuro da humanidade. Naquele momento, se acentuou mais e mais, o tal elo perdido que nos separa do passado remoto.

Muitos foram, também, os outros fatos que caracterizaram a luta entre a Luz e as Trevas com vistas ao porvir. Mas, finalmente, era chegada a hora de preparar objetivamente o caminho D'aquele que havia de vir.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO CINCO

Preparação do Caminho.

Corria, aproximadamente, o ano 693 a.C.

Nos ambientes espirituais próximos à Terra, em recanto de indescritível beleza e singularidade que se encontrava protegido por *certa energia vinda de fora*, um importante encontro ocorria. Estavam presentes muitos espíritos de ex-atlantes que se sentiam responsáveis pela derrocada, apresentando um mínimo de consciência quanto aos erros cometidos; diversos outros que haviam labutado até então nas culturas chinesa, egípcia, hindu, hebréia, dos povos mesopotâmicos e em muitas outras regiões planetárias e que apresentavam alguma lucidez diante do problemático quadro planetário.

Todo esse conjunto encontrava-se acompanhado por uma plêiade de espíritos mentores do mundo terreno. Era o que de melhor existia em termos de condição vibratória no planeta. Sob outra ótica, era o conjunto de seres menos complicado diante das leis cósmicas.

Para encontrar-se com esse grupo, um outro formado por seres que estavam chegando - no estado de espíritos desencarnados - de outros ambientes planetários para passar a conviverem com os seus infelicitados irmãos terrestres, também já se fazia presente naquela verdadeira fortaleza energética de luz e beleza. Na verdade, eram ex-rebelados que já haviam se reintegrado à convivência cósmica e que agora, já plenamente recuperados, se ofereciam para ajudar os seus ex-companheiros de desdita.

Faziam parte desse grupo muitas personalidades espirituais que acabaram personificando diversos mestres da evolução terrena. Sidarta Gautama - o Buda -, Lao Tsé, Orfeu, Confúcio, Pitágoras e outros famosos pensadores gregos, Elias e vários profetas do povo hebreu, sacerdotes anônimos de muitos cultos do passado, cientistas que o mundo não conheceu e outras ilustres figuras que muito contribuíram com o progresso terreno.

Todos aguardavam a chegada nos níveis astrais da Terra do próprio Mestre dos Mestres e Sua equipe de assessores. alguns dos quais já havendo mesmo encarnado no palco terrestre no passado remoto. Entre eles. encontravam-se as lendárias figura de Hermes Trismegisto, Rama, Krishna, e aquele que ainda iria encarnar como Zoroastro.

Logo que se fez noite naquela região planetária o recanto espiritual onde ocorria o encontro era próximo ao atual Tibete - a comitiva sideral adentrou o ambiente causando profunda sensação em todos os presentes. Era tanta luz e energias concentradas que, enquanto durou aquele

congraçamento cósmico, as hostes trevosas tiveram que se afastar o máximo que lhes fosse possível pois não podiam suportar a vibração decorrente. Além disso, Jeová e sua equipe terminaram por afastar mais ainda o que porventura restasse de elemento perturbado r do encontro.

O Mestre anunciou a Sua irrevogável decisão de encarnar como um homem qualquer terreno para dar Seu testemunho pessoal e tentar ajudar aquela situação desesperadora de tantos irmãos e irmãs cósmicos de há muito congregados no planeta.

Para isso explicou que já estava em curso há algum tempo a única estratégia possível de criar condições para que fosse possível a Sua vinda, referindo-se ao trabalho de Jeová e sua equipe.

Explicava que teria que vir como um simples homem, para que, no futuro, pudesse retornar no Seu estado normal de Autoridade Celeste a fim de presidir a reintegração da Terra. Era uma questão intima do Seu próprio Espírito além de atender a outras nuances e aspectos da administração sideral. Como Preposto do Pai, não poderia agir de outra forma. Dizia Ele que tamanha era a diferença - vamos assim dizer vibratória entre a situação terrestre e a do Pai, que Ele, um de Seus Filhos Diletos, posto que uno com a Deidade, viria em nome do Pai Amantíssimo abraçar a todos.

Afinal de contas, somente Ele teria condições de ressuscitar a Si mesmo ante os olhos do mundo e prometer voltar.

Para a situação terrena, dizia o Mestre, não fazia diferença entre Ele e o Pai. Ambos eram como Um só. Como haviam tantos outros que, como Ele, quando unidos intimamente ao Pai, formavam, também, uma só Unidade.

No silêncio que se seguiu a longa exposição do Mestre, duas individualidades espirituais que estavam ainda presas à condição terrena - ex-atlantes que eram - pediram permissão para falar, o que lhes foi concedido.

Aquele que viria a ser no futuro a Rocha Simão Pedro, o apóstolo - sobre a qual o Mestre ergueria as bases da fé renovadora do orbe, roga ao seu Mestre Amado contra quem se rebelara nos tempos idos de Capela, que não viesse à Terra naquelas condições pois, fatalmente, não daria certo. Sofreria demasiadamente e não atingiria o resultado pretendido. Em palavras simples, foi exatamente isso que aquele espírito quis dizer.

O outro, que viria a ser no futuro breve a personificação de Alexandre Magno, roga, também, ao Mestre que não se permitisse tal intento pois não encontraria ressonância no ambiente terreno.

Depois desses dois, alguns outros se sentiram mais à vontade e também expressaram as suas opiniões que, no seu grande conjunto, concordavam completamente com as duas que foram descritas. No entanto, tudo já estava decidido.

O que restava fazer era preparar a Sua vinda.

Para esse mister, muitas individualidades cósmicas ali presentes ofereceram os seus concursos fraternos para algo ajudarem o Mestre na Sua difícil jornada por entre as trevas que abraçavam o orbe terreno.

Todo um planejamento estratégico de encarnações de emissários do Mestre foi levado a efeito. Por todos quadrantes terrestres eles encarnariam levando os seus ensinamentos, conforme as suas próprias possibilidades e as condições de cada época e lugar.

Após a saída do Mestre dos ambientes terrenos, começou o grande trabalho de preparação D'aquele que havia de vir. O caminho precisava ser ajustado à modesta condição de percepção dos seres terráqueos. A partir daquele momento - que na história espiritual do orbe foi considerado como principal *marco* antes da vinda do Cristo - estava fincado inexoravelmente o primeiro instante da reintegração cósmica da Terra.

Após a encarnação do Mestre, depois de um certo período cuja duração ainda não havia sido decidida, Ele voltaria para presidir pessoalmente o grande acontecimento esperado por todas as hostes do cosmos. Afinal, a Terra era o único mundo ainda completamente enquadrado na condição de rebelde.

Com a energia conseqüente ao encontro, Lúcifer, finalmente, conscientizou-se que alguma coisa muito séria estava ocorrendo. Só que pensou, equivocadamente, ser obra de Jeová. Não foi à toa que o mesmo se potencializou, junto com sua equipe, diante dos olhos das hostes trevosas durante a presença do Mestre nos ambientes terrenos atraindo para si a atenção das trevas.

Entretanto, pensava Lúcifer, nas outras contendas com Jeová, jamais experimentara aquela sensação íntima e sentira vibrações daquele porte. Mas não conseguiu atinar com o que estava acontecendo.

Mesmo escutando os avisos proféticos que eram veiculados entre os encarnados de que alguém muito especial viria para tentar a redenção do gênero humano terrestre, ainda assim, não percebeu de fato o que ocorria.

E assim surgiram nesse período as grandes religiões e outros movimentos esclarecedores por toda a Terra. Se bem observarmos, foi concentrada em praticamente uma mesma época histórica o surgimento, primeiro de grandes religiões e movimentos filosóficos - o Zoroastrismo, o Budismo, o Taoísmo filosófico, a doutrina confucionista, e outros cultos distintos espalhados pelo planeta, além das que já existiam, como por exemplo, o Judaísmo - e, depois, de muitos movimentos esclarecedores concentrados principalmente no mundo europeu.

Estranhamente, a convergência de todas essas influências caminhariam, no futuro, para o império romano pois "todos os caminhos levavam à Roma" e, principalmente, para uma de suas províncias que era o centro das principais rotas comerciais do mundo de então: a Palestina, onde nasceria Jesus.

Afinal, a *terra outrora prometida*, estava fincada no centro do mundo e qualquer império que se estabelecesse iria tentar dominar aquela estratégica faixa de terra. Por isso Jesus nasceu ali, para que o Seu testemunho pudesse ser, ao menos, no futuro, conhecido por muitos.

Todo um planejamento havia sido feito para que o desenvolvimento dos fatos produzisse a única opção viável. Entretanto, houve uma outra alternativa que poderia ter modificado completamente o curso dos fatos e facilitado em muito a tarefa do Mestre: o papel de Alexandre Magno e a herança que do seu império deveria ser deixada para todo o planeta nas conquistas morais e nas evoluções técnicas que um dia fervilharam no cotidiano de Alexandria e tantas outras cidades do mundo de então.

Fazia parte do plano de intenções a concentração de uma grande plêiade de espíritos *mentalmente desenvolvidos* e que iram concentrar as suas reencarnações naquela região planetária. O objetivo era criar, naquela época, o que somente ao tempo da futura revolução industrial ocorrida no século XVIII na Inglaterra, foi finalmente desenvolvido, dando possibilidade aos processos tecnológicos que evoluíram nos séculos seguintes.

Simplesmente estamos afirmando, diante do que nos foi informado pelos mentores do presente trabalho, que a evolução tecnológica que hoje caracteriza o mundo moderno poderia ter ocorrido a partir de Alexandria. É como se aquela região planetária pudesse ter representado naquele tempo o que a Inglaterra representaria cerca de vinte e um séculos depois. É o mesmo que imaginar que o avião e o computador já pudessem ter surgido há muitos séculos atrás.

Sabemos da reação íntima que essas informações causam. Nós mesmos fomos surpreendidos com as *demonstrações fluídicas de como poderiam ter sido certas páginas da história terrena* e ainda temos um mínimo de discernimento para saber o que estamos provocando com os esclarecimentos aqui veiculados. Somente podemos dizer que também não é fácil para nós escrevermos tais coisas. Por sinal, muito relutamos. Discordamos mesmo de muito do que nos foi informado mas, como esclarecido nas páginas iniciais do livro *Reintegração Cósmica* - o primeiro desta trilogia - a opinião do autor terreno conta muito pouco.

Aos que tiverem um mínimo de paciência analítica tudo o que podemos sugerir é que pesquisem sobre *certas invenções que existiam no tempo de Alexandria mas que desapareceram e que somente decorridos mais de vinte séculos, voltaram a ser reinventadas na Inglaterra do século XVIII*.

Não nos aprofundaremos na demonstração e na análise dos fatos que serviriam de argumentação ao que está sendo exposto por não ser o tema central do presente trabalho. E também porque não estamos tentando convencer ninguém de coisa alguma. No futuro, seguramente, este assunto tão fascinante, será abordado com mais profundidade.

Era isso o que poderia ter ocorrido à altura dos séculos que antecederam a encarnação do Mestre mas que, infelizmente, não logrou sucesso. Ao contrário, Lúcifer investiu forte para que houvesse mesmo uma involução para dificultar qualquer plano que, ao seu juízo, estivesse em curso para reintegrar a Terra à convivência cósmica, o que conseguiu com muito sucesso.

Portanto, foi com esse objetivo que as forças trevosas trabalharam na obsessão de alguns líderes de então para que, dando vazão ao desavisado orgulho íntimo - campo altamente propicio à atuação de espíritos obsessores - queimassem ou dessem fim a todas as informações registradas antes deles.

Fosse por motivações de ordem religiosa, vaidade política ou outra loucura qualquer, uma falange de seres obsessores altamente treinada para tal mister envolvia a todos que se enchessem de orgulho doentio. E foram muitos os que se permitiram, com suas tresloucadas posturas íntimas, ser instrumentos dessas forças trevosas.

Realmente, uma época que era para ser de luz foi dominada pelas trevas. A única luz de porte que se acendeu foi a do próprio Mestre que, por sinal, brilha nos seus reflexos luminosos até os dias atuais, como uma espécie de propagação luminosa de uma explosão de amor ocorrida há muito tempo. O foco luminoso esteve cerca de trinta e cinco anos entre nós na pessoa de Jesus. Entretanto, o efeito luminoso dessa presença, nos ilumina até o presente. E será essa mesma luz promovida por Ele mesmo quando aqui esteve - que fará com que haja o mínimo de luminosidade e campo vibratório para que Ele mesmo possa retornar. Se o Mestre não tivesse vindo antes, não poderia retornar agora. Mas, poucos são os que entendem isso.

De fato, evoluímos um pouco. Mas, seguramente, não o suficiente para proporcionarmos energia suficiente para que um Preposto do Pai aqui compareça. Mesmo que não o percebamos, tudo de bom que está acontecendo com a comunidade planetária, ocorre quase que exclusivamente, por conta do esforço de verdadeiros heróis do progresso humano e, especialmente, porque hoje existimos sob os auspícios do amor do próprio Mestre.

Mas, infelizmente, o plano que envolvia o espírito daquele que personificou a Alexandre Magno e muitos outros que reencarnaram naquela oportunidade não deu maiores resultados. As paixões terrenas sempre falaram mais alto, o que propiciava as melhores condições possíveis às incursões das trevas.

De toda forma, se não fosse o brilho pessoal do espírito de Alexandre, a Europa teria sido conquistada pelos persas em 331, o que teria dado um outro rumo à história terrena e, ao que entendemos, muito pior ainda do que aquele que terminou por ocorrer. Se os persas tivessem dominado a Europa talvez não tivesse existido a cultura greco-romana que, bem ou mal, deu livre curso à herança espiritual do testemunho do Mestre e de outras conquistas.

Lúcifer, é claro, estava por trás da movimentação persa com o intuito de dominar a Europa.

Jeová a tudo assistiu, por volta do ano 331 a.C., quando Alexandre derrotou Dario, rei dos persas, e nesse mesmo período, deu por terminada sua participação na história terrestre. Não porque assim o quis. Mas, simplesmente, porque não houve outra alternativa. Ele e sua equipe não saíram dos ambientes terrenos. De tão fracos e necessitados de refazimento energético e espiritual que estavam, foram literalmente retirados por uma missão "de socorro" comandada por Miguel, um dos assessores mais próximos do Mestre.

Tanto haviam pelejado e se desgastado que não tinham mais forças para saírem de moto próprio da Terra. Tiveram que ser retirados da mesma forma que, após um grande desastre, as equipes de socorro chegam e levam os doentes em macas e ambulâncias. Foi mais ou menos dessa forma, que Jeová e os anônimos membros de sua equipe conseguiram sair dos ambientes terrenos. Verdadeiros heróis da humanidade mas, por sabermos tão pouco, enquanto comunidade planetária, não temos ainda a menor idéia a respeito dos fatos ocorridos naquele tempo.

A partir da saída de Jeová, o mundo terreno não mais viu incursões diretas de extraterrestres no cotidiano planetário até o século XX.

Entretanto, quase que ocorria uma exceção ao tempo da encarnação do Mestre dos Mestres. Mas Ele não permitiu.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO SEIS

Inclinações do Passado

Nasce Jesus.

Homem estranho que falava e agia amorosamente em um mundo que não O compreendia. Seu reino realmente não era daquele instante terreno. O mundo de então não podia servir de base para que fosse edificado o Reino de Amor do Pai Celestial. O Mestre o sabia. Mas, teimosa e amorosamente, veio semear o Seu amor como um homem qualquer do mundo.

"A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam." (João 1,5).

Realmente, o Verbo Divino se fez carne e permitiu que Sua luz brilhasse iluminando as trevas mas, o mundo terreno, de fato, não O reconheceu.

Ao tempo de Jesus, reencarnou todo o grande conjunto dos membros das famílias Val e Yel - como de outras famílias capelinas que não foram citadas - obedecendo às injunções cármicas individuais e da coletividade.

Estranhamente, todos aqueles espíritos que um dia foram rebeldes, estavam agora ainda mais complicados diante das leis divinas principalmente por força dos erros cometidos na Terra do que pelo fato de terem se rebelado contra a Deidade, nos tempos idos de Capela. Encontravam-se, dessa forma, ainda espalhados nas entrelinhas dos efeitos cármicos terrenos.

Almas afins de outrora, estavam, naquela oportunidade, em lados opostos no que se referia aos interesses religiosos e políticos de então.

A Espiritualidade Maior recebera ordens do próprio Mestre para não interferir de maneira nenhuma no que pudesse ocorrer.

Lúcifer, que somente percebeu a presença daquele homem estranho quando chegou o momento do batismo do Mestre, ocorrido no rio Jordão, passou a acompanhá-Lo mais de perto.

Tamanha havia sido a conseqüência energética do fato, tão grande foi a explosão luminosa nos ambientes terrenos na hora em que Jesus aceitou o que até há pouco vinha tendo certa reticência íntima em aceitar: de que era Ele aquele a quem todos esperavam.

Sempre soube, desde uma certa fase da Sua adolescência, que quando se tornasse adulto - se assim podemos nos expressar - seria iniciado nos mistérios religiosos e se tornaria um mestre ou

rabi. Quando empreendeu certas viagens e foi recebido por outros iniciados daquele tempo, foi avisado de que tinha importante missão pessoal. Mas, mesmo aqueles avisos Lhe foram repassados de forma equivocada quanto ao verdadeiro sentido e significado de Sua missão entre nós.

Quem pensa que Jesus sempre soube ser Ele o Enviado do Pai deve refletir um pouco, pois, ao que tudo indica, os fatos não se deram dessa forma.

Com a encarnação, mesmo sendo Ele um Espírito de Escol, processou-se, inexoravelmente, como de sorte ocorre com todo espírito que assume um corpo carnal transitório, o esquecimento de tudo o mais. Não foi diferente com Jesus. Na verdade, o processo magnético sobre Seu espírito foi bem mais forte do que o que normalmente ocorre com espíritos de vibração comum ante o padrão terrestre.

Crescera acostumado sim, com certas visitas que constantemente se repetiam de pessoas de outras terras - magos, sacerdotes e outros iniciados em certos mistérios orientais - que, informados por seus estudos de que aquele por quem se esperava nascera naquelas terras e para ali se dirigiam. Facilmente localizavam José e Maria pois alguns amigos e familiares sabiam "da notícia" que corria quanto a graça daquela família em ter recebido como filho o possível enviado do Mais Alto. Nada mais que isso. Óbvio que muitos não acreditavam. Para outros, o assunto era motivo de ironias.

De toda forma, muitos eram os comentários a respeito. Na verdade, José e Maria tentavam evitar tanto a propagação do assunto como também a exposição da criança para não criar problemas, porque eles já o tinham em boa monta.

Aos poucos, devido a própria curiosidade do menino e, em especial, porque, de fato, as vezes ocorriam estranhas e surpreendentes posturas na criança para a idade que tinha, Maria decidiu - com o consentimento de José - contar, pouco a pouco, o que ela conscientemente julgava entender e saber.

Explicou-Lhe quanto aos sonhos que tivera com seres belíssimos que anunciaram o Seu nascimento e o fato de que também falaram de uma grande missão que O esperava no futuro. Nada mais.

Ao redor de Jesus - entre os amigos da família e familiares - muitos sabiam que alguma coisa estranha envolvia aquele menino, desde o Seu nascimento até a forma como Ele, às vezes surpreendentemente, se comportava. Alguns poucos tinham mesmo postura jocosa diante dos comentários que corriam no ambiente familiar.

Maria procurava poupá-Lo a todo custo do inevitável desgaste psicológico. Mas, de fato, o menino não se perturbava com pouca coisa.

Na verdade - como nos informam os mentores espirituais - mesmo sendo uma criança como outra qualquer, Ele dificilmente se deixava perturbar. Às vezes, encarava a quem quer que fosse com uma simplicidade travestida de estranho senso de autoridade moral. Na maioria das vezes, envolvia suavemente aos que O rodeavam, fossem com boas ou más intenções. Informam-nos mesmo que era inevitável e irresistível o doce envolvimento com a expressão pessoal daquele

rapazote. Afinal de contas, mesmo sendo um simples ser terreno, o Seu espírito, ainda que diminuído em força e potencialidade de expressão, era de um naipe vibratório completamente diferente e superior ao normal terreno.

Mas, enfrentou não só as mesmas dificuldades que qualquer pessoa como também outras mais sutis que somente seres de sensibilidade espiritual muito evoluída sentem quando encarnam na Terra.

Teve que estudar muito para fazer vibrar o seu cérebro físico terreno (transitório) à altura da sua mente espiritual (eterna). Preparou-se de forma impar e singular para que fosse possível, dentro da situação existencial de um simples homem terreno, ser investido pelo Espírito do Pai Celestial.

Mesmo Ele sendo quem era, ao encarnar como qualquer espírito, jogou a Si mesmo no concurso das leis evolutivas dentro do padrão terrestre e, teve que se esforçar e atingir certas conquistas como todo mundo, para poder habilitar-se a servir unido intimamente ao Mais Alto.

A descoberta de quem Ele era, enquanto homem terreno, ocorreu, na verdade, com o passar dos tempos. Sempre soube ser possuidor de certas características intimas e potencialidades perceptivas que não observava nos demais. Sempre percebeu o poder pessoal que Dele emanava e procurava disciplinar-se com o próprio senso moral que dispunha para bem administrar aquelas forças que Lhe vinham suavemente do íntimo. Mas, realmente, desconhecia o que estava por trás de Sua própria existência. Isso se deu vagarosamente.

Quando a consciência de tudo o que estava por trás de Sua excelsa pessoa se fez presente de forma plena e absoluta Ele já não mais tinha a graça da bondosa e equilibrada companhia paterna de José pois o mesmo já havia desencarnado. Contou, entretanto, a Sua mãe o que pouco a pouco foi percebendo a respeito de si mesmo.

Ao que julgamos estar informados, isso se deu por volta dos Seus vinte e cinco anos. Começou, também, a perceber, todos os aspectos referentes a Lúcifer e os motivos pelos quais resolvera encarnar daquela maneira.

Por esse período de Sua vida, já estavam também reencarnados todos os ex-rebeldes espalhados entre as muitas situações existenciais daquela época, a saber, os soldados romanos que serviam na Palestina, diversas personalidades judaicas e romanas, o povaréu que O seguia e escutava quando de Suas prédicas, membros de algumas seitas judaicas, todos os membros do Sinédrio, apóstolos, discípulos e seguidores, famílias e conhecidos próximos, enfim, todo o conjunto de pessoas que, de uma ou de outra forma, interagiram com a vida de Jesus.

Val Ellieh e Val Elliah, respectivamente, reencarnaram como judeus e pertenciam à seita dos zelotes que defendiam a luta armada contra a dominação romana. Entretanto, ao conhecerem Jesus, passaram a seguí-Lo durante algum tempo. Mas, abandonaram-No quando concluíram que jamais aquele homem lideraria algum tipo de luta contra Roma. Voltaram a encontrar-se com Ele somente no dia da crucificação pois haviam sido presos e terminaram sendo crucificados ao lado do Mestre. Não eram ladrões, mas sim revolucionários que às vezes roubavam certas caravanas para juntar recursos para a causa dos zelotes.

O primeiro, na hora da crucificação, entendeu, de fato, que o reino daquele homem - se é que havia mesmo algum, pensava na sua dor - não era efetivamente do mundo terreno. Por isso, o respeito sincero ao crucificado do meio, pois como mesmo disse, ele e o outro haviam feito muito mal e, provavelmente, mereciam o sofrimento. Mas, Jesus, jamais havia cometido qualquer ato que ferisse a alguém.

O outro, mais revoltado que o primeiro, cobrava do crucificado do meio o tão propalado poder pessoal para livrá-los daquela hora.

Yel Liam, também reencarnado como judeu, personificou Judas Iscariotes. Seguramente o mais brilhante em termos de inteligência e conhecimento entre os que seguiam a Jesus. Jamais O pretendeu trair da forma barata como passou à História. Na verdade, tudo isso será esclarecido no futuro.

Val Ellam, reencarnado como legionário romano, personificou o centurião que comandou a crucificação do Mestre.

Lúcifer, que passou a acompanhar pessoalmente Jesus desde o momento do batismo, procurava a todo custo observar alguma fragilidade naquele homem estranho para que pudesse exercer o seu jugo obsessivo. Não encontrou.

Satã, entretanto, reconheceu de pronto na pessoa de Judas Iscariotes o antigo companheiro de rebelião Yel Liam - e com o consentimento de Lúcifer, passou a atuar vibratoriamente junto aos pontos fracos do orgulho e vaidade pessoais de Judas, os quais, por sinal, conhecia muito bem.

Procurou, portanto, de todas as maneiras, encontrar alguma forma de atrapalhar e mesmo pôr fim à incômoda presença daquele homem estranho ao padrão existencial terreno. Incomodava também a Satã o fato Dele olhá-lo nos olhos o que, na sua análise, era impossível pois se encontrava no astral.

Fosse quem fosse, pretendesse o que pretendesse, pensava Satã, aquele homem precisava ser impedido de ir mais além. Começava a incomodar falando que pertencia a "um reino que não era desse mundo", de um Pai que estava no céu e, portanto, não podia ir adiante com aquelas idéias que começavam a influenciar muitas mentes.

Em Judas terminou encontrando o campo propício a sua atuação obsessiva. Mas, de fato, Satã influenciou todas as principais personalidade judaicas e romanas envolvidas naquela fatídica decisão de crucificar o Mestre.

Lúcifer, na verdade, estava tão concentrado e inquieto com a pessoa de Jesus que praticamente abandonara a função de "mente pensante" do movimento. Satã e outros mais próximos é que, a partir daqueles acontecimentos, assumiram, de fato, o que restava da rebelião.

Era tanta pressão sobre o Mestre que os Seus assessores - quando perceberam o desdobramento inevitável da movimentação das trevas e da ignorância planetária que culminaria

com o sofrimento pessoal de quem não merecia sofrer - solicitaram "um encontro pessoal" com Jesus. Estavam a ponto de interferir na história planetária.

De suas naves estacionadas próximas à Terra, acompanhavam profundamente perturbados o desenrolar dos acontecimentos. A todo momento, entretanto, recordavam-se da ordem que lhes fora dada pelo próprio Mestre antes de encarnar de que, em hipótese nenhuma, interferissem nos acontecimentos. Mas, tanta era a aflição que lhes ia no íntimo que praticamente invadiram os espaços mais próximos à Terra e estacionaram uma pequena nave no alto de um monte.

Jesus foi ter com eles acompanhado de alguns poucos apóstolos. Estes, não suportando o magnetismo reinante, *foram adormecidos* para que não testemunhassem diretamente o que não poderiam compreender. O Mestre, elevando as Suas próprias vibrações para poder interagir com os ocupantes da nave, "transfigurou-se" e, informado da intenção do comando da frota capelina de interferir de uma vez por todas naquela história, tornou a ordenar que, sob nenhuma alegação, fosse promovido qualquer ato por parte de Suas hostes.

Ele tinha que cumprir a vontade do Pai e que era também a Sua própria vontade. Somente o amor poderia ter o condão de fazer frente ao ódio e à ignorância. Se outra fosse a atitude a ser seguida, poderia até mesmo terminar a rebelião mas não resolveria o problema intimo dos rebeldes. Naquela altura dos fatos, a rebelião era somente um efeito. A causa era que precisava ser tratada e Ele e o Pai sabiam disso. Se, simplesmente, o movimento rebelde fosse acabado por alguma causa externa - e não pela própria redenção das consciências envolvidas - o efeito é que estaria sendo tratado e não a verdadeira causa.

A chamada Transfiguração, portanto, nada mais foi do que uma tentativa das hostes celestes de impedirem o escandaloso sofrimento pelo qual Jesus iria passar. Pedro - um dos poucos apóstolos presentes acordando do "desmaio", ainda chegou a perceber a presença de alguns seres estranhos falando com o Seu Mestre que, sob sua ótica, naquela ocasião, era "só luz".

Lúcifer percebia a preocupação de Jesus em fazer cumprir em si mesmo todas as profecias a Ele referidas pelos antigos profetas. Não entendia. entretanto, porque aquele homem agia daquela maneira.

Sob a ótica humana, pouco se pode perceber quanto ao que Lúcifer sentiu naqueles momentos em que acompanhava - dos ambientes astrais - as movimentações de Jesus. Passou a evitar maiores aproximações pois, a exemplo de Satã, inquietava-lhe o fato daquele homem olhá-lo diretamente. Aquilo não podia ser possível, pensava Lúcifer. Mas, se de fato acontecia, era porque aquele homem não pertencia ao padrão vibratório terreno. No entanto, Ele era um simples homem e isso provocava profunda inquietação no íntimo já tão cansado do grande líder rebelde.

Quando, em determinada noite, Lúcifer sentiu, dos ambientes astrais onde estava, a profunda angústia daquele homem chorando - o Mestre estava passando por momentos de suprema angústia pois sabia que logo seria feito prisioneiro - percebeu-Lhe a energia decorrente do desespero avassalador que o abrasava naquele instante de natural fragilidade humana. E, tamanha era a sua própria, que, em respeito até mesmo pelo que não podia entender, afastou-se o mais que pôde do local - o horto de Getsêmani – onde encontrava-se Jesus. Os seus companheiros olhavam-no com preocupação pois não entendiam o que estava acontecendo.

Por essas horas, Satã já havia envolvido completamente Judas e outros membros do Sinédrio judaico e, em questão de poucos momentos, Jesus se permitiu aprisionar.

Tudo o que Judas queria era que o Mestre assumisse a Sua condição de superioridade - ele sabia, pela própria convivência. que Jesus era superior, em termos de poder pessoal, aos demais homens que conhecia - e comandasse de uma vez por todas o movimento que levaria os judeus a dominarem as outras nações. Sabia que isso era o que de melhor podia acontecer para as nações pois tinha absoluta certeza da retidão, sabedoria e bondade que emanavam do seu Rabi amado. E, pensava ele, não poderia haver maior e melhor rei que o seu Mestre.

Sob sua ótica, Jesus sempre apresentara muita relutância quando ele e outros que O acompanhavam mais de perto insistiam para que assumisse a liderança já que Ele era o grande messias tão esperado. Judas não tinha nenhum tipo de dúvida a respeito disso e depositava toda a sua boa fé e intenções nesse projeto. Honestamente, ele acreditava naquilo tudo. Apenas, sob a influência de Satã, passou a achar que cabia a ele - já que Jesus não se definia - criar uma situação que provocasse inevitavelmente na pessoa do Mestre alguma reação no sentido esperado.

Conversou com os seus pares no conselho judaico e, alguns membros do Sinédrio - também sob o envolvimento de Satã - incentivaram-no a levar adiante o plano que tinha em mente. O incrível é que alguns agiram de boa fé. E mesmo a entrega das moedas de ouro a Judas foi ti da equivocadamente como se o mesmo tivesse se vendido para atraiçoar a seu Mestre, o que não foi verdade.

Da mesma forma que as organizações modernas oferecem certas comendas a determinadas personalidades que desejam homenagear, o Sinédrio, na época, ofertava as tais moedas de ouro como uma espécie de comenda aos que prestavam seus relevantes serviços e se punham em risco pessoal pelo bem da nação judaica.

De boa fé Judas agiu e na sua boa fé foi traído pela pouca vigilância íntima. Sob a influência de Satã, os fatos se desenrolaram completamente à revelia de sua vontade. O desespero, a partir de então, cravou-lhe na alma o mais profundo dos sentimentos que um ser humano pode sentir e, não suportando a convivência consigo mesmo, mergulhou o seu espírito no inferno do suicídio desesperado Desse estado de sofrimento somente saiu porque a misericórdia do Cristo o abraçou e muito trabalhou e vem trabalhando pela redenção de si próprio e dos que o cercam.

Na verdade, os demais apóstolos nada ou pouco sabiam do plano de Judas e do que estava por trás de suas intenções. Por isso, ele passou à história das crônicas judaicas como um traidor barato. Mas, não foi.

De fato, ele foi um dos poucos que conseguiam perceber o muito que estava por trás da pessoa do Mestre. Apenas observou equivocadamente sob sua ótica orgulhosa o que poderia ter sido visto através de outros aspectos. Em suma, viu o que quase ninguém chegou a ver. Entretanto, enxergou o que quis ou o que pôde enxergar, conforme os valores de então e suas próprias inclinações de poder e grandeza.

O Mestre várias vezes tentou explicar-lhe que estava equivocado quanto ao aspecto messiânico de Sua missão. Mas, com o passar dos tempos e diante da insistência radical de Judas, quando o assunto era abordado, apenas o olhava com um misto de tristeza e suavidade. Em dados momentos, conseguia até mesmo sorrir diante da insistência do apóstolo.

No dia em que Judas conduziu os soldados para prendê-Lo, foi também com tristeza e suavidade que o Mestre o olhou.

Dia virá em que a história de Judas será devidamente esclarecida.

V. META ESPIRITUAL

"Como obter a alforria ante a própria
consciência vivendo em pleno inferno?
Alcançar a redenção: meta de todos".

Das crónicas de AlfLam.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO UM

Compromisso de um Grupo

Com a saída do Mestre dos ambientes terrenos acompanhado de suas hostes e de Lúcifer que finalmente percebera a loucura de suas atitudes e se rendera ao pé da cruz - Satã passava, agora, a ser aquele que seria chamado de diabo, demônio, a besta, etc.

Como já se sabe, não existe a personificação do mal em um ser ou mesmo em um grupo. Se antes da presença do Mestre na Terra o diabo era Lúcifer, a partir da sua saída, a alcunha maldita foi herdada por Satã. Entretanto, nem Lúcifer, nem Satã e nem ninguém jamais foi a personificação do mal se por isso entendermos o contrário ou a antítese do Pai que, realmente, personifica o amor cósmico.

O interessante é percebermos que podiam ser outros seres no lugar de Lúcifer e Satã. Mas, o caminho por eles escolhido terminou por levá-los a um destino jamais imaginado por ninguém e, principalmente, por eles mesmos. Mas, que podiam ser outros a serem considerados como diabólicos é tão óbvio quanto imaginar a possibilidade de que a história do mundo podia ter \ido outra se não fossem as decisões estratégicas tomadas por Carlos Martel quando da iminente dominação européia por parte dos árabes. Se os árabes tivessem de fato dominado a Europa como teria sido a história mais recente do mundo? Melhor ou pior do que a que conhecemos?

Como poderia, portanto, ter sido toda essa história se algumas das milhares de decisões que Lúcifer tomou - ou permitiu que fossem tomadas em seu nome - tivessem sido diferentes ou tomado cursos diversos dos que terminaram ocorrendo?

E se numa certa confrontação ocorrida entre Len Mion e Yel Liam no passado remoto, onde este último caiu em desgraça, quem teria ficado como principal assessor de Lúcifer caso o desgastado fosse Len Mion? No caso, seria Yel Liam pois na época do problema entre os dois, ambos pretendiam ser uma espécie de primeiro-ministro da rebelião ou algo semelhante. Se assim tivesse sido, o "diabo" da história terrena seguramente teria sido Yel Liam e não Len Mion.

Ao contrário do que de fato ocorreu, será que o último ato organizado da rebelião ainda sob a tutela de Lúcifer - que foi a chamada traição de Judas contra o Mestre - que possibilitou a Sua crucificação e a rendição do líder rebelde teria realmente acontecido? Ou, em outras palavras, quem teria sido o instrumento do escândalo que deveria vitimar o Mestre?

Todos nós fomos - durante certo tempo dessa história infeliz - tendentes ao desamor, à intriga, à desagregação, à rebeldia, ao comportamento orgulhoso tanto quanto foram Lúcifer e Satã. Nada mais que isso. Podia ser qualquer um de nós no lugar de Satã. Mas, foi ele. Com suas

artimanhas, estratégias, força e desespero comuns a qualquer soldado em pleno furor de uma batalha, a comandar o que restava do movimento rebelde a partir de então.

Foi dessa forma que, logo após a crucificação de Jesus. Satã e as hostes das trevas se enfrentaram com Miguel e alguns membros da assessoria do Mestre em determinado ambiente astral ligado à Terra.

Satã exigia que lhe fosse informado a respeito de Lúcifer que, segundo ele, havia sido raptado ou mesmo destruído, por forças que ele mesmo não percebera.

Miguel explicou-lhe que Jesus era, na verdade, a personificação terrena do Mestre Cósmico contra o qual ele, Satã, se rebelara no passado e que, por amor a todos, Ele havia se submetido a tudo para poder vir ter com os seus irmãos e irmãs amados, apenas trajando a veste amorosa de um homem terreno que deu tudo o que tinha sem nada pedir em troca. Simplesmente amou a tudo e a todos. E foi diante desse amor que Lúcifer se arrependera e, por pura incapacidade energética de se manter de pé, sucumbira diante do Mestre e da percepção do seu erro.

Mas por que, perguntava Satã, Lúcifer não se dirigia diretamente a eles? Miguel explicava-lhe a impossibilidade de tal fato pela simples questão que Lúcifer estava passando por uma espécie de desmaio ou implosão energética e necessitaria de algum tempo para refazer-se minimamente.

E houve guerra nos céus, como nos conta o Apocalipse (12. 7-9): "Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles. Foi então precipitado o grande Dragão, a primitiva Serpente, chamado Demônio e Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Foi precipitado na terra, e com ele os seus anjos".

Satã, de fato, enlouquecido no que julgava ser uma traição diante das regras do jogo cósmico, passou, então, a agir como o mais cego dos generais em pleno desespero quando percebe a iminência da derrota. Nessas horas, ou ocorre a rendição ou tudo se torna mais confuso ainda. Foi o que ocorreu com a história da Terra, a partir de então.

Como general acuado na sua última trincheira, Satã partiu para o desenvolvimento de estratégias que lhe permitissem o controle energético planetário. Fez cair seu jugo sobre os povos e as nações.

Traçou todo o seu planejamento investindo principalmente na divisão porque, sob a sua' ótica, o grande perigo seria a criação futura de uma espécie de unidade planetária, o que facilitaria a reintegração cósmica do planeta.

E, realmente, dividimos e desagregamos tanto que perdemos a noção de conjunto. A cidadania planetária diante do cosmos inexiste. Somos, sim, detentores de cidadanias regionais nacionalistas em detrimento de uma global que nos identificasse verdadeiramente como terráqueos. O Terceiro Milênio seguramente nos devolverá a visão do conjunto que, em verdade, formamos.

Dividir para enfraquecer. Essa foi a primeira grande preocupação de Satã.

Tão bem feita foi a sua implementação que a necessária conscientização diante do problema somente está se dando nos dias de hoje. E o pior: a nível individual e não coletivo. Mas, já é alguma coisa. Na verdade, para o ponto em que chegamos, é muita coisa. Até porque, não há outra maneira de sairmos dessa situação estagnante.

De fato, é difícil perceber as macroforças que nos governam vivendo inserido dentro do próprio sistema.

Tudo na Terra está convencionalizado e definido conforme interesses ideológicos e ambições megalomaníacas que, insensivelmente, se sobrepõem aos direitos e às necessidades legítimas do ser humano.

As elites dominantes também desconhecem o verdadeiro sentido das coisas e do pano de fundo da existência humana terrena pois foram também condicionadas desde há muitas gerações resultando em escravos de suas próprias ambições, limitações e debilidades.

O ser humano somente transcenderá se estiver disposto a um confronto, a um questionamento sincero, honesto e puro, em que a imagem de si mesmo, do mundo, do sistema que o cerca, suas crenças, seus objetivos atuais de vida, conhecimentos e bases, forem passíveis de revisão, reflexão, análise e reformulação.

Ainda bem que uma das grandes características do mundo atual é o fato de que não há mais ninguém que consiga dizer o que todos devem pensar. E isso é irreversível.

Entretanto, costumamos nos preocupar com grandes calamidades que possam ocorrer quando o verdadeiro perigo para a humanidade não são as catástrofes que ocorrem repentinamente tipo explosões vulcânicas, terremotos, etc., porque essas têm efeitos locais. O grande problema são aquelas que ocorrem e são formuladas lentamente ao longo do tempo. E, Satã era mestre em formular tais processos e semeá-los entre a humanidade terrena desavisada de maiores objetivos existenciais. E fê-lo com muita propriedade e eficácia. Até os dias atuais, estamos todos tentando desarmar uma grande bomba espiritual que pairava sobre a Terra, cujo arquiteto foi a mente de Satã.

Ele sempre trabalhou muito bem sobre as elites dominantes. É difícil, durante esses dois últimos milênios, ter havido algum grupo de poder temporal encarnado em qualquer quadrante da Terra que não tenha sido minuciosamente estudado e posteriormente envolvido - nem que em parte dos seus membros pela mente de Satã e suas estratégias de desagregação e dominação energética.

Após o desesperado debate com Miguel no astral terreno e, por não se ver respeitado nos seus questionamentos, Satã caiu sobre o Império Romano - então, o mais importante do planeta - e penetrou fundo nas entrelinhas do poder temporal de então.

Calígula, Nero e outros daquele tempo, serviram a seus propósitos mesmo que inconscientemente. A morte de cristãos nos circos romanos, guerras, intrigas e tudo o mais que desagregasse foi primitivamente orquestrado por Satã. Mas, tamanhas eram as paixões humanas que ele somente precisava incentivar o início. O resto, corria por conta da nossa pouca vigilância. Na verdade, simplificamos e facilitamos demais o esforço das hostes trevosas.

Contudo, após a crucificação de Jesus, pouco a pouco, os membros das diversas famílias capelinas que estavam reencarnados iam retornando aos ambientes espirituais e, quando possível, eram informados a respeito de quem, na verdade, era Jesus.

Com a consciência dos fatos, o conjunto desses espíritos infelizes adquiriu uma espécie de trauma consciencial do qual ainda não conseguiu se libertar.

Pela segunda vez os membros dessas famílias haviam afrontado orgulhosamente o Mestre dos Mestres. E, tamanha foi a carga energética dessa conscientização, que resolveram assumir um compromisso conjunto de redenção planetária.

Todos tiveram, a partir de então, reencarnações com grande peso cármico até se libertarem dos grilhões conscienciais.

Por esse período, os quatro personagens enfocados ao longo do presente trabalho, tiveram reencarnações como aleijados, leprosos, escravos e outras situações existenciais comuns à dura realidade terrena, purgando, assim, um pouco de suas faltas.

Tudo isso ocorreu ainda sob a égide da Roma Imperial.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO DOIS

Ainda no Império Romano.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, uma profunda estagnação cobriu o mundo europeu. O analfabetismo e a ignorância dominavam em toda parte. Somente com Carlos Magno (742-814), é que ocorre uma certa reorganização do mundo disperso, pois foi posto um fim na anarquia social e política que se estabelecera. Houve a promoção, enfim, do renascimento da civilização e da cultura.

As hostes trevosas, entretanto, investiam duramente contra os principais centros desenvolvimentistas pós-Cristo e da nascente Idade Média.

Satã, por esse período, atuava pessoalmente procurando provocar - na contrapartida terrena outro importante aspecto energético que, quando produzido nos corações menos vigilantes, deixava todos a sua mercê: o fanatismo religioso.

Na verdade, uma nova versão - mais moderna - dessa postura íntima tresloucada pois, de há muito, desde os tempos atlantes, vinha sendo praticada nas entrelinhas da história terrena. Não poderia mesmo ser diferente pois, onde falta a razão, Impera a crença descabida.

Um novo vento renovador varria aqueles momentos em que a Reforma começava a se fazer presente no cotidiano europeu. Muitos tentavam melhorar e dignificar o culto religioso mas tudo o que conseguiam era ter as suas vidas aniquiladas pelo fogo inquisitório.

Finalmente surge Lutero. Ele bem que tentou devolver aos cristãos um mínimo de dignidade e, de fato, retirou do seio da Igreja Católica o exclusivismo do culto ao Cristo.

A sua luta pessoal, entretanto, serviu de base para que se cumprisse uma das profecias constantes no Apocalipse. Esse livro, por sinal, deverá, em breve assim que as circunstâncias o permitam - começar a receber diversas interpretações "mais modernas e atualizadas" dos seus muitos mistérios. Muitas já foram feitas e, algumas poucas, com nível satisfatório de acertos, apesar de que, nenhuma surgiu que interpretasse o todo do livro profético.

Várias se referiram à figura do Papa como sendo a da Besta predita por João. O que não era o caso pois, mesmo com todas as fragilidades do processo religioso terrestre, as massas sempre necessitaram de algum tipo de liderança que as encaminhasse para algum sentido de vida. Óbvio que ocorreram muitos descaminhos. Mas, não se pode debitar um problema geral nas costas de poucos.

A Igreja Católica, com seus acertos e erros, foi, dentre as organizações terrenas na época a que nos referimos, a única a promover algum tipo de organização no caos que imperava no mundo. Perfeita ela não podia ser pelo simples fato de ser formada por homens e mulheres imperfeitos, como de sorte, assim é tudo o mais que existe no nosso mundo e que tenha a mão do ser humano terreno.

Não se pode, portanto, estranhar, que Satã tenha atuado com muita ênfase no meio católico para enfrentar os grandes missionários que, iluminados pela misericórdia do Cristo, davam o melhor dos seus espíritos encarnados ao avanço da fé daqueles que acreditavam ser a Igreja de então, a grande ponte mística que os ligaria ao amor do Pai.

Fez reencarnar naquele meio espíritos que lhe fossem de fácil domínio vibratório para que exercessem, sob seu comando, do astral, o seu doloroso jugo. E é sobre esse aspecto que certas páginas do Apocalipse nos falam. Por enquanto, concentremos a nossa atenção em capítulo específico que se refere "as Duas Feras".

Dizia, João, no capítulo treze do Apocalipse, "vi, então, levantar-se do mar uma fera" (a Igreja, tempos depois de Francisco de Assis e Antônio de Pádua).

"Deu-lhe o Dragão (Satã) o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Uma das suas cabeças estava como que ferida de morte (Lutero e o advento da Reforma), mas essa ferida de morte fora curada (advento da Contra-Reforma católica). E todos, pasmados de admiração, seguiram a fera e prostaram-se diante do Dragão (começaram a praticar os seus desejos através de ódios, perseguições e fanatismos de toda ordem dentro da própria Igreja), porque dera seu prestígio à fera, e prostaram-se igualmente diante da fera, dizendo: Quem é semelhante à fera, e quem poderá lutar com ela?" (quem poderia enfrentar a força da Igreja na época?).

"Foi-lhe dada a faculdade de proferir arrogâncias e blasfêmias, e foi-lhe dado o poder de agir por quarenta e dois meses" (um certo período de tempo).

"Foi-lhe dado, também, fazer guerra aos santos (espíritos de luz reencarnados no seio da Igreja) e vencê-los. Recebeu autoridade sobre toda tribo, povo língua e nação (a Igreja interferia em todos os governos de então), e hão de adorá-la todos os habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos desde a origem do mundo no livro de vida do Cordeiro imolado" (aqueles espíritos que, ao desencarnarem, depois da crucificação de Jesus, se comprometeram com a Sua causa fraterna de libertar a Terra das forças trevosas).

"Vi, então, outra fera (o Jesuitismo) subir da terra. Tinha dois chifres como um cordeiro (os inquisidores jesuítas pareciam estar agindo em nome de Jesus, o Cordeiro de Deus), mas falava como um dragão" (mas, agiam de forma diabólica e odienta, como era a vontade de Satã que, procurava a todo custo, manter o baixo padrão vibratório terrestre).

"Ela (os jesuítas inquisidores) exercia todo o poder da primeira fera, sob a vigilância desta já que os jesuítas eram protegidos pela Igreja), e fez com que a terra e os seus habitantes adorassem a primeira fera, cuja ferida de morte havia sido curada" (quem não adorasse a Igreja era considerado herege e, portanto, exterminado pelos tribunais inquisidores).

"Foi-lhe dado, também. comunicar espírito à imagem da fera, de modo que essa imagem se pusesse a falar, (os vereditos dos tribunais da inquisição inspirados por Satã e seus assessores do astral) e fizesse com que fosse morto todo aquele que não se prostasse diante dela" (os considerados hereges que não se submetiam ao jugo inquisidor).

"Conseguiu que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, tivessem um sinal na mão direita e na fronte, e que ninguém pudesse comprar ou vender, se não fosse marcado com o nome da fera, ou o número do seu nome" (quem não estivesse vinculado à Igreja era sumariamente amaldiçoado tendo seus bens familiares roubados não podendo, portanto, viver nas sociedades da época dominadas pelo poder inquisitório).

Mesmo possuindo entre os seus membros espíritos maravilhosos como os de Antônio Vieira, José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, dentre muitos outros, os jesuítas terminaram por servir como principal instrumento - junto com membros de outras ordens como os dominicanos e franciscanos - ao jugo satânico.

Foi, dessa forma, que Satã implantou um outro grande veneno na obra redentora do Mestre: através do fanatismo, que nada mais é do que uma doença psíquica de difícil cura pois estabelece um intercâmbio entre posturas mentais desordenadas e doentias com a respectiva produção, no organismo biológico, de certas substâncias químicas que, por sua vez, dão livre expansão aos atos tresloucados. Cometido o ato violento, destituído de qualquer sentimento fraterno, mais vibrações deletérias produzidas para facilitar o domínio das forças trevosas. Esse sempre foi o jogo do quartel-general do que restava da rebelião.

Tornar o fanatismo a atitude mental determinante daqueles dias para facilitar a consecução dos seus próprios objetivos, foi, portanto, a segunda grande preocupação de Satã, desde que assumiu o comando em substituição a Lúcifer.

O livro profético do Apocalipse bem que avisou, mas não foi devidamente compreendido. Além do que, foi muito manipulado em diversas épocas históricas.

Dia virá, entretanto, em que tudo isso será devidamente esclarecido.

Na verdade, outros avisos importantíssimos ali presentes referem-se, de forma singular, ao tempo presente. Pena que também pouco ou nada se perceba. Mas, não tarda a "soar a sétima trombeta" porque, com ela se cumpre o mistério do Pai, de acordo com a boa nova que confiou a seus servos, os profetas.

Na época da inquisição, diversos membros da família Val e Yel - além de muitas outras solicitaram ao Mais Alto a oportunidade de encerrar o longo descaminho espiritual que vinham até então cursando e muitos foram os que reencarnaram para morrer nas fogueiras inquisitórias purgando assim as faltas pretéritas. Mas, dentro de suas possibilidades, permaneceram, dessa vez, fiéis aos nobres objetivos do Mestre, mesmo quando o fogo da ignorância de então consumia seus corpos transitórios, libertando seus espíritos para novos aprendizados no porvir.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO TRÊS

Tentativas Recentes.

Corria o tempo terrestre na altura do século XVIII.

Guerras e conflitos de toda ordem marcavam o cotidiano planetário. Satã, sequer precisava dedicar-se a esse mister com mais propriedade porque era o próprio ser terreno que, independente de maiores influências *vindas de fora*, promovia de moto próprio a desdita e o terror, através do culto desenfreado das paixões que ainda lhe caracterizam a vida íntima.

Em meio ao caos vibratório, espíritos de diversas famílias de exilados reencarnavam, agora, com objetivos renovadores nos campos da música, filosofia, religião, ciência e política do mundo terreno.

Era preciso suavizar, um pouco que fosse, a cansada sensibilidade humana para estimulá-la a novos vôos do espírito.

Foi também época de esclarecimento e libertação política.

Muitas foram as nações que iniciaram os seus processos de independência para, no século seguinte, alcançarem a tão almejada autodeterminação.

A independência dos Estados Unidos aconteceu no ano de 1776. Esse fato, terminou por gerar no resto do mundo, efeitos renovadores que iriam provocar, mais tarde, a Revolução Francesa e diversos processos de lutas libertadoras nacionais.

Muitos foram os membros de uma outra família de exilados de Capela - família Ulsh - a reencarnarem à frente desses movimentos revolucionários.

Estrategicamente distribuídos nas terras de Portugal e Espanha, alguns deles e, a grande maioria, nas terras do novo mundo, descoberto através das grandes navegações.

Essa família espiritual que era formada, nos tempos de Capela por, aproximadamente, 7.800 individualidades, tinha como objetivo maior - dentro de uma grande estratégia de evolução planetária elevar o nível de vida no continente latino-americano.

Por essa época, cerca de mais da metade dos seus membros, ainda se encontravam presos ao orbe terreno. Foram eles que, durante quase três séculos, se dedicaram às causas

libertacionistas. Outras famílias de exilados também participaram desse processo mas sem a expressão e importância que os irmãos e irmãs Ulsh tiveram.

Nos dias atuais, várias são as famílias que se dedicam a esse mister com vistas à elevação da dignidade existencial dos povos africanos.

Se a história da Terra um dia fosse contada sob a ótica de cada uma dessas famílias...

Mas, outros objetivos específicos eram abraçados pelo esforço e atenção de diversos grupos de trabalho.

Era necessário diminuir a influência deletéria que certos focos organizacionais ainda espalhavam no mundo. Algo precisava ser feito pois a Terra teria que preparar-se para a futura reintegração.

Alguns membros das famílias Val, Yel e Ulsh, reencarnam obedecendo a objetivo estratégico nas terras de Portugal, Espanha, Itália e França.

Tempos depois, em 1767, Carlos III, rei da Espanha, ordena a expulsão dos jesuítas de todos os territórios espanhóis. Os soberanos da França, Portugal e vários estados italianos seguem o exemplo.

Mais tarde, em 1773, ante a pressão das principais cortes católicas, Clemente XIV (Val Ellieh) decreta a dissolução da Companhia de Jesus, cuja parte dos membros, ainda insistia de forma inconsciente, nos antigos ideários satânicos de impedir o progresso planetário.

Pouco se sabe da importância que teve para o futuro da Terra o fim do jesuitismo nos moldes praticados até então. Mesmo, mais tarde, tendo as suas fileiras recompostas, o importante é que não mais estava a serviço vibratório de forças trevosas.

O que importa é que, a partir de 1773, Satã perdeu o controle sobre um organismo altamente disciplinado que tinha penetração na maioria das nações - os jesuítas se espalharam por todo o mundo já que, sob o respaldo da Igreja, tinham livre acesso entre a maioria dos povos - e. nesse aspecto, residia a principal componente de sua força pois podia facilmente interferir em todos os governos promovendo intrigas e conflitos, além de bloquear o avanço das forças renovadoras.

Há uma certa tendência a se qualificar alguns segmentos religiosos e filosóficos como sendo a "encarnação" disso ou daquilo, como se uma determinada organização, sistema de idéias e/ou de cultos pudesse ser, por si só, responsável por alguma coisa. É óbvio que o conjunto de idéias, das formas de procedimento, de ideais e expectativas, formam um conjunto vibratório que atrairá ou repelirá certas energias.

Devemos, entretanto, aprofundar a análise e perceber que o problema não está - e nem estava - na Igreja Católica, no Espiritismo, ou em qualquer outra forma de religião, no Capitalismo, no Comunismo, na Monarquia, na República, nas ditaduras e democracias, apesar de que, convenhamos, alguns desses processos facilitam o progresso individual e coletivo enquanto

outros atrasam ou mesmo impedem o avanço evolutivo. O problema, na realidade, está no elemento que forma a base de qualquer processo organizacional: o ser terreno.

É, simplesmente, impossível que qualquer um dos sistemas anteriormente citados - ou quaisquer outros - funcione a contento se o próprio ser humano não der a sua contrapartida.

Estamos, a todo momento, tentando melhorar os sistemas que nos rodeiam - e é ótimo que o façamos - mas não podemos esquecer de melhorar a nós próprios sob pena de vivermos como o fizemos até hoje.

No final do século XVIII, surgiu o maior dos movimentos libertadores com profundo senso idealista, que foi a Revolução Francesa, mas que, por não encontrar a devida contrapartida no elemento básico do processo de mudança - o próprio homem - terminou por criar, durante certo tempo, uma situação existencial tão ruim ou pior que aquela que pretendia combater.

Sonhou-se em modificar os sistemas sem, entretanto, modificar o homem. Imaginou-se - como ainda equivocadamente imaginamos - melhorar o mundo exterior sem que houvesse um mínimo de melhoramento no íntimo do ser humano.

Jesus conhecia em profundidade a "mania dos terráqueos" em procurar fora de si mesmos remédios para os males íntimos como se isso fosse possível.

Muitos até hoje chamam-No de revolucionário político que desejava interferir no poder temporal do tempo em que viveu. Ledo engano. Quando Ele disse: "dai a César o que é de César", é porque já sabia que, qualquer poder temporal da Terra não seria bom ou ruim, por pertencer aos homens dessa ou daquela nação. Ele sabia que o problema não estava em Roma, na Judéia, na Grécia ou em qualquer grupo étnico.

Imaginemos, mesmo, se os judeus de então, com sua postura religiosa radical, tivessem formado um grande império, a exemplo do que Roma fez. Será que não teriam imposto o seu jugo religioso a todas as nações, proibindo através da violência, a liberdade de culto individual e coletivo de cada povo? O poder de Roma ao menos permitia que os povos conquistados exercessem com certa liberdade - desde que não interferisse no poder administrativo do império - o culto religioso que lhes distinguia.

Sabendo de tudo isso e de muito mais, o Mestre centralizou todo o Seu testemunho exatamente no remédio capaz de curar a profunda doença espiritual dos terráqueos: o amor. Único sentimento capaz de ser gerado no íntimo de cada um e, a partir daí, melhorar tudo ao redor do ser humano, sejam os sistemas religiosos e políticos como a própria coexistência entre os membros de uma sociedade planetária tão diversa nas suas características existenciais.

Fez mais. Ensinou e testemunhou até o perdão aos adversários na jornada terrena, os aparentes inimigos. Assim fez porque, sabedor de que, enquanto existisse um só sentimento de ódio no espírito do ser humano este não evoluiria, permitiu-se ser Ele mesmo o maior exemplo de perdão ao próximo e amor até pelos que O estavam crucificando, como também, aqueles que causaram diretamente a Sua morte.

Fez ainda mais. De forma maravilhosa, externou no sermão das bem-aventuranças, toda a sinalização necessária para aqueles que herdariam a Terra - após a reintegração cósmica do planeta - e o reino dos céus.

Exortando a simplicidade de coração, as dores terrenas porque sabia Ele servirem de fator evolutivo, a mansuetude, os que buscavam incessantemente o melhoramento planetário, a misericórdia, o perdão e a pureza de sentimentos, o Mestre sinalizava a todos a única maneira de progredir e nos livrarmos de uma vez por todas do estigma luciferino.

Por isso ofertou Seu próprio sofrimento porque sabia ser aquela a única maneira de evitar muito mais dores ainda, para suas ovelhas desgarradas.

Pena que continuemos a procurar fora de nós próprios o remédio que não existe. Como ainda não o encontramos, colocamos a culpa do insucesso terráqueo nos sistemas políticos e religiosos criados pelo homem. Tão doentes somos que, até fazemos guerras para defender o capitalismo, o comunismo, o catolicismo, o protestantismo e, como dizia John Lennon, é tanto "ismo prá cá, ismo prá lá", que esquecemos de dar chance à paz.

A Igreja, por fim, com a dissolução do jesuitismo, estava livre da poderosa interferência das trevas. Renovou-se nas suas fileiras e grande foi a quantidade de espíritos esclarecidos que reencarnaram no seio católico a partir de então. As trevas não mais conseguiriam dominar o organismo religioso do catolicismo, como de sorte, de nenhum outro dos que formam a cultura religiosa terrena.

Infelizmente, ainda conseguiriam envolver temporariamente alguns membros desse ou daquele segmento religioso. É inevitável que assim seja pois, enquanto trevas houver, existirá sempre alguém entre os encarnados que servirá de instrumento aos equivocados objetivos dos que temem e tentam, a todo custo, impedir o processo de reintegração cósmica da Terra.

Assim procedem porque são conhecedores de que, com a reintegração cósmica, aqueles que ainda vibram harmônicos com os ideais trevosos de desamor, inquietação, angústia, posturas violentas, etc., não permanecerão na Terra. E está próximo o momento em que não mais teremos as trevas como força organizada a nos impedir o progresso planetário. E o que dela restar, será amorosamente tratada porque, é bom não esquecermos que, não há um só ser humano, dos que atualmente vivem na Terra, que um dia não esteve enfileirado nas suas hostes e foi ajudado por alguém ou por alguns em certos momentos da jornada evolutiva. É hora, portanto, de procurarmos ajudar aos que ainda lá deixam quedar os seus espíritos nessa inércia existencial.

Já que a Igreja estava começando a perder a sua capacidade de interferir nos interesses das nações, o quartel-general da rebelião resolveu dedicar-lhe apenas certas estratégias específicas. Voltou-se, então, para o campo da existência humana em que pouco tinha atuado até porque o ser humano era mestre em promover a sua própria desdita: as guerras.

Começou com o advento da Revolução Francesa desvirtuando os seus mais nobres ideais. Todo o trabalho dos pensadores iluministas - ilustres espíritos pertencentes a diversas famílias de exilados que reencarnaram com o objetivo de esclarecer e renovar foi, durante certo tempo,

atropelado pela avalanche de ódios, intolerâncias e ambições de toda ordem que serviram de ambiente propício à ação de Satã e de seus assessores.

De toda forma, a Revolução Francesa transformou muito das circunstâncias existenciais terrenas: acabou o regime absolutista, com as criminosas obrigações feudais, com os privilégios de nascimento, com a união entre a Igreja e o Estado e, transformou, por fim, os súditos em cidadãos. Os ideais revolucionários espandem-se por toda a Europa a partir de Napoleão. E todo esse conjunto de novos valores e posturas terminou por, direta ou indiretamente, modificar o ambiente político a sua volta.

Desde os tempos da Atlântida que aqueles seres não se dedicavam com tanto afinco a uma questão de ordem política, sob a ótica terrena, e estratégica, sob a ótica deles. Mesmo com todo esforço das trevas, o movimento renovador ainda conseguiu produzir muitos frutos. Mas, realmente, conseguiram minar a base de todo o esforço de renovação no que se referia ao aspecto do solidariedade, do perdão ao próximo, enfim, do amor. Na verdade, minou o que mais importava. E até os dias atuais, diversos espíritos que participaram daqueles instantes históricos não se perdoam por certas opções que se permitiram seguir.

IV. MISSÃO "PLANETA AZUL"

CAPÍTULO QUATRO

Sucessos e Fracassos.

Desde há muito. tudo o que existe na Terra encontra-se convencionalizado e definido de acordo com interesses e ambições inconfessáveis que, sem nenhum tipo de escrúpulo e de forma criminosamente insensível, se sobrepõem aos direitos legítimos do ser humano.

Ainda assim, não se deveria impor limites às possibilidades, até porque essas são infinitas e finito é o pretenso conhecimento terreno. Contudo, muitos agem dessa forma, demonstrando com isso, que de infinito temos apenas o próprio orgulho.

As forças trevosas - por viverem em plena ilusão dos sentimentos pervertidos - sempre se organizaram no sentido de distorcer a visão do homem e da mulher terrenos quanto a certos aspectos da realidade existencial. Tamanho foi seu intento e aparente sucesso que, durante muitas épocas, tornou-se praticamente impossível perceber as macroforças que nos governam. Além disso, mergulhados no próprio campo de batalha e profundamente comprometidos com os vícios do sistema político vigente, as elites dominantes facilmente se permitiam ser controladas por espíritos desencarnados altamente treinados na técnica de obsessão sendo, a partir daí. ávidos e cruéis instrumentos de dominação alheia.

Não é à toa que o valor da vida humana na Terra sempre foi zero, ou melhor, abaixo dessa marca, porque seria até generosa a indiferença pressuposta na ausência de qualquer unidade mensurável, fosse negativa ou positiva. Fato é que, durante muito tempo e ainda hoje, se mata por prazer. Tal estado de espírito não pode ser classificado - numa escala - na marca zero. Tem que estar, necessariamente, abaixo disso.

E foi, como ainda é, essa a principal característica que nos fragiliza a caminhada evolutiva. Sobre ela caíram pesadamente os esforços das trevas desde o advento da Revolução Francesa.

Forças libertárias de algumas famílias de exilados provenientes de Capela e Tau Ceti haviam sido as responsáveis pela tentativa levada a efeito na França.

Por esse tempo, todas as famílias de exilados começaram a fazer uma espécie de balanço das reencarnações de cada um de seus membros pois sabiam estar próximo o momento da reintegração cósmica do planeta.

Com estranho senso de surpresa e gratidão, perceberam que todas individualidades espirituais congregadas no orbe terreno tiveram - de forma relativa e proporcional ao tempo em que estão presos à Terra - as mesmas quantidades de chances e oportunidades reencarnacionistas.

Aqueles espíritos que, entretanto, estavam ainda com alguma dificuldade de plasmarem nas suas próprias organizações espirituais a vibração inerente às posturas de amor e fraternidade, entraram em uma espécie de "depressão" por perceberem como era difícil para eles realizarem em tão pouco tempo o que não lograram realizar após milhares ou centenas de reencarnações.

E o número desses que ainda estão por escrever o seu roteiro evolutivo mais imediato se conta aos bilhões. O problema imediato para esses irmãos e irmãs é - os que ainda não são tendentes ao bem e à fraternidade permanecer ou não na Terra. Ser o trigo ou joio, quando da separação entre os que aqui permanecerão e os que terão que ser levados para mundos mais atrasados, quando da reintegração do nosso planeta à convivência cósmica. Afinal de contas, como poderemos conviver em paz com nós mesmos e com seres de outros mundos se ainda estiverem vivendo entre os terráqueos espíritos violentos, potenciais assassinos, etc.?

Foi, realmente, impressionante o encontro ocorrido - lá pela metade do século XVIII - nos céus americanos dos representantes das muitas famílias de exilados que estavam com esse problema para resolver, ou seja, tinham entre seus pares, alguns ou muitos membros que ainda não haviam atingido a condição vibratória mínima para permanecerem na Terra.

Espíritos luminares de todas as correntes religiosas, de movimentos filosóficos e políticos, enfim, de tudo o que havia composto até então a história terrena, se fizeram presentes nos ambientes espirituais próximos ao continente americano, naquela oportunidade.

Não se conseguiu chegar a grandes conclusões quanto ao que podia ser feito para ajudar aos que se encontravam ainda vibrando equivocadamente. Foi inevitável a percepção comum de que havia muito pouco ainda a ser tentado que pudesse modificar a situação angustiante de tantos.

A cada um segundo as próprias obras nos alertou Jesus. E, de fato, assim o é. E não há nada que modifique esse preceito cósmico que rege a evolução cósmica. Se fosse diferente, a deidade teria preferências o que, convenhamos, não estaria à altura nem mesmo de uma modesta autoridade judicial do mundo terreno, quanto mais do Pai Amantíssimo.

Entretanto, a Sua misericórdia cai amorosamente sobre todos os filhos e filhas por Ele criados. Muitas das dificuldades que enfrentamos - resultado de nossa própria incúria - já nos chegam "suavizadas" pela misericórdia do Pai. Porém, deixar de enfrentá-las, não nos é dado solicitar. Suavizá-las, encurtá-las, diminuí-las, tudo isso compõe o objeto das nossas preces, vamos assim dizer, mais educadas.

E tudo o que aqueles espíritos puderam endereçar ao Mais Alto, naquela oportunidade, foi um impressionante conjunto de preces rogando ao Pai Amantíssimo a única componente administrativa das forças evolutivas do cosmos que ainda cabia na realidade terrena: a misericórdia divina.

E é sob os auspícios dessa misericórdia divina e do amor incansável do Mestre que estamos todos "ainda de pé", tentando a própria redenção espiritual.

Precisamos entender que "sob a ótica cósmica" nós - espíritos criminosos congregados na Terra não temos direito a muita coisa, se é que temos direito a algo.

Entretanto, somos peritos. e muito bem versados quanto aos direitos humanos. É bom que o sejamos. Mas, e quanto aos deveres?

As nossas características espirituais são deprimentes. Atestamos em nós próprios uma condição vibratória inferior a dos nossos irmãos ainda desprovidos da luz da razão que conosco fazem parte da cadeia evolutiva da natureza terrena.

Se algum "cientista extraterrestre'", através de aparelhagem própria, fosse fazer alguma aferição quanto à resultante e às características vibratórias do envoltório energético - aura ou qualquer outra denominação que a isso se assemelhe - de um homem mediano, de um macaco, de um golfinho, de um cão, de um boi, etc., seguramente, o nosso representante não estaria entre os primeiros classificados, no que se refere à "beleza ou qualidade vibratória".

Não esqueçamos que tudo o que sentimos, pensamos e fazemos, terminamos plasmando na nossa própria aura e de lá somente saem tais marcações energéticas quando realmente nos modificamos intimamente.

De fato, somos tais quais aqueles que vivem de favor, da misericórdia alheia e dificultamos até a vida dos que querem nos ajudar. E, o incrível de tudo, é que somos bastantes orgulhosos. De quê?

Tivemos todos as mesmas oportunidades e enfrentamos os mesmos problemas - apenas com tonalidades culturais diferentes - ao longo da história humana na Terra. Por isso, não é conveniente, e nem procedente, analisar a existência cósmica de um espírito com base na vida presente: esta é só uma das incontáveis páginas que compõem sua jornada cósmica.

Enquanto isso, as nações do Oriente que durante tanto tempo enraizaram suas culturas começavam a ser dominadas por um outro veneno semeado pela estratégia de Satã: o colonialismo das potências ocidentais emergentes.

Quanta loucura foi promovida pelo colonialismo estéril e criminoso nas terras da África, da América e da Ásia?

Utilizar as ambições do colonialismo, das conquistas criminosas e das guerras fratricidas foi a terceira grande estratégia de Satã com vistas ao domínio planetário.

Se não era mais possível espalhar as suas intrigas através da "desculpa da necessidade de evangelizar" que levava os jesuítas a todas as nações, Satã aproveitava-se agora das ambições políticas e comerciais das elites dominantes para fazer valer o seu jugo sobre a Terra.

VI. REDENÇÃO ESPIRITUAL

"Razão, conhecimento, fé, e crença religiosa.
Mas, onde o amor?"

Ainda por ser escrito.

VI. REDENÇÃO ESPIRITUAL

CAPÍTULO UM

O Século XIX

Muitas *pistas* do passado planetário não são percebidas por pura cegueira e orgulho científicos. No campo da Paleoantropologia - que estuda a evolução do homem - por exemplo. muitas questões que, a princípio, deveriam ser formuladas com base nos fatos e nas evidências, tornaram-se dogmas tão ou mais fortes que os de ordem religiosa. Alguns postulados nesse campo não cedem sequer diante de novos fatos.

Ainda bem que a inquisição acabou. Porém, restou a vaidade intelectual - sua herdeira mais primorosa - que sorri de forma pretensamente superior diante de qualquer novidade e que, do alto de sua notoriedade, aniquila moralmente sem, entretanto, matar o objeto de seu desafeto. Contenta-se com a humilhação dos vivos em vez de produzir mortos. Menos mal.

No entanto, quantas páginas do passado não estão - a exemplo dos icebergs - com suas pontas emersas entre as ondas da poeira dos tempos e que, muitas vezes, por puro orgulho do que se pensa saber e devido a outras conveniências menores do espírito humano, delas não tomamos conhecimento e, mesmo espalhadas por todo o planeta, é como se não existissem.

Sobra a impressão de que todo esse conjunto forma uma espécie de elo perdido que nos separa do passado. Mas, na realidade, o que de fato perdemos foi a sensibilidade cósmica.

Imaginemos um pássaro que, por ter cerceada a sua liberdade, passa a viver - como se livre estivesse - dentro de uma gaiola. Ali, ele vai para onde quiser, só que não pode sair. Com isso, perde a noção do resto do mundo. Assim somos nós que, presos à condição existencial terráquea, desconectamos a nossa percepção do resto do cosmos. Assim, mentalmente distorcidos, chegamos até a supor que a Terra era o centro de tudo e o homem, a maior ou a única das criações inteligentes do Pai.

Tantos foram os erros e tamanho foi o orgulho que caracterizou esses equívocos que, inevitavelmente, cegamos a nossa sensibilidade perceptiva e passamos a ver apenas o mais cômodo, o mais conveniente, dentro da ótica terrena. É como se o resto do universo tivesse sido criado a partir da Terra e não ao contrário.

Mas, a esperança de que em breve a humanidade terrena alcançaria uma certa maturidade para produzir um mínimo de base filosófica, científica e moral para as grandes realizações do futuro, jamais deixou de nortear os esforços da Espiritualidade Maior.

O século XIX caracterizou-se por ser a época prevista pela Espiritualidade - após os movimentos libertadores e o esclarecimento das consciências ocorridos nos séculos anteriores -

para ser o início da preparação do futuro processo que iria reintegrar a Terra à convivência cósmica.

O que fora tentado ao longo dos séculos II a.C. e I a.C., quando a cultura grega terminou por fundir-se com a do Oriente Médio e passou a ter em Alexandria o principal centro propagador de desenvolvimento da época, estava, novamente, sendo ensaiado na Europa, tendo a Inglaterra e a França, como principais focos dos eventos, alguns já ocorridos, como a Revolução Industrial, e outros, que iriam ocorrer dentro em breve.

No passado, antes de Cristo. a personalidade de Alexandre Magno havia sido, juntamente com seu pai, Felipe II, o alicerce da formação do maior império conhecido até então. No século XIX, aquele mesmo espírito retomaria às lides carnais na personalidade de Napoleão Bonaparte para, através da diplomacia e não da força bruta, unir as nações européias em torno de uma identidade política.

Alexandre Magno construiu o seu império no intervalo entre as chamadas duas grandes civilizações ocidentais da antiguidade que foram a grega, na Península Balcânica e a romana, na Península Itálica. A primeira teve o seu apogeu entre os séculos V a.C e IV a. C. enquanto que a segunda, nos séculos I e II já depois de Cristo.

Se bem observarmos, perceberemos que, exatamente entre o apogeu desses dois grandes surtos civilizatórios, estabeleceu-se o período histórico conhecido como Helenístico, onde houve a união da cultura grega com a do Oriente Médio, principalmente a persa e a egípcia.

Nesse mesmo período, aquela região planetária conheceu um avanço em algumas ciências notadamente a matemática - nas artes e em muitos valores existenciais que, se não fosse a atuação das forças trevosas, teria formado a base sobre a qual a filosofia do Cristo iria inundar o mundo romano que nasceria no futuro. Outra teria sido a história da Terra.

Se na época de Alexandre o objetivo era semear no império por ele conquistado, noções básicas de cultura, hábitos e costumes, além do natural progresso que ficou registrado no cotidiano de Antioquia, Pérgamo e Alexandria e nas centenas de milhares de volumes da grande biblioteca desta última, quando esse torrencial de progresso estava prestes a se espalhar pelo planeta, as trevas conseguiram implodir o intento da Espiritualidade Terrestre.

O espírito de Napoleão estava imbuído do mesmo propósito, mesmo que inconscientemente - no que se refere a sua consciência de espírito reencarnado investido pelos mentores do mundo terreno como o instrumento possível para propiciar condições de unidade com vistas à propagação futura de um novo foco luminoso para os terráqueos: a codificação de caráter espiritualista que apareceria mais tarde já sob a égide de uma doutrina filosófico-religiosa espírita, única maneira encontrada de fazer jorrar "luzes do céu" sobre a Terra, após a loucura napoleônica.

Aparecia, pois, Napoleão, com o compromisso espiritual de unir todos os povos europeus em torno de ideais comuns que poderiam propulsar todo o planeta em direção a um futuro fraterno.

Grandes espíritos - rebelados já conscientes do equívoco cometido porém ainda frágeis em termos de postura espiritual - reencarnavam com missões nos diversos campos do desenvolvimento terreno.

Naquela época, a França ocupava posição de vanguarda diante do mundo dito civilizado. A Revolução Francesa havia colocado os ideários de liberdade, igualdade e fraternidade nela nascidos como centro da atenção do mundo. Tudo o que de lá pudesse vir era motivo de preocupação e análise, regozijo ou desespero, para o resto do planeta.

Entretanto, tantos foram os problemas promovidos pelas trevas que Allan Kardec somente pôde desenvolver os princípios básicos da doutrina redentora quase no fim de sua vida física. Não era esse o plano da Espiritualidade. Mas, foi assim que ocorreu.

De toda forma, surgiam o Espiritismo, a Teosofia e com isso, reascendiam-se as luzes também do catolicismo e do protestantismo pois, qual o cômodo de uma construção que não sofre interferências quando os "engenheiros responsáveis pela obra" resolvem fazer alguma reforma melhoradora no ambiente?

Se no século XVI havia sido instituído o *Index Librorum Prohibitorum*, pelo papa Pio V, que consistia em um índice de livros proibidos com as obras que os católicos não poderiam ler, sob pena de serem expulsos da igreja através da excomunhão, surgia o espiritismo no século XIX defendendo a tese prudente de que antes de crer, era necessário compreender.

O espiritismo e a teosofia abriam as mentes das pessoas para a busca da lucidez e da liberdade de análise.

Entretanto, novamente as forças ignorantes atacam e surge no próprio seio do catolicismo a infabilidade papal, instituída em 1870 pelo papa Pio IX, que traria sérias conseqüências para o futuro.

De toda forma, o século XIX foi um período riquíssimo em aquisições existenciais para a humanidade terrena. A ratificação planetária quanto à generalização do trabalho assalariado e da mecanização das indústrias que surgiram com a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra modificava o panorama das mercadorias e do consumo. Os súditos efetivamente começam a se transformar em cidadãos. Os regimes absolutistas se enfraquecem. Rompe-se a estéril união entre Igreja e Estado.

Diversos países conseguem as suas independências, como por exemplo, o Brasil (1822), Chile (1818), Bolívia (1825), Peru (1824), EI Salvador (1821), Equador (1830), Argentina (1816), Venezuela (1821), Uruguai (1827), dentre outros.

Modernos processos de produção industrial são desenvolvidos também fora da Inglaterra atingindo a França, Holanda, Bélgica, Itália, Rússia, Alemanha, Estados Unidos da América, Japão e Brasil.

Surgem as noções do liberalismo que defendiam a propriedade privada, a idéia de progresso e as liberdades individuais sendo a burguesia o seu meio social propagador; do nacionalismo que congrega as massas populares e as classes médias para a constituição dos estados nacionais; e do socialismo que reunia a crescente classe operária em torno dos ideais igualitários.

Os movimentos liberais se sucedem em Portugal, Espanha, França, Estados italianos e alemães que seriam unificados ainda no decorrer do século, Hungria, Prússia e Áustria.

Surge, também, o neocolonialismo que, devido à disputa por matérias-primas e por novos mercados consumidores, termina por provocar a colonização da África e da Ásia pelas nações européias.

Toda essa corrida fez com que as potências de então se armassem e convergissem seus interesses para perigosas alianças comerciais e políticas.

As forças da Luz e das Trevas se alternavam por trás dos acontecimentos terrenos.

Influenciando e "pegando carona" nas boas e más tendências da humanidade encarnada, as hostes do Mestre e de Satã buscavam, a seu modo - dentro dos limites impostos pela ética e caridade cristãs, por parte da uma e da ausência de qualquer critério, da outra parte - o melhoramento vibratório ou a deterioração do já fragilizado astral terreno.

Não foi muito difícil para Satã e suas hostes provocarem a Primeira Guerra Mundial, trabalhando sutilmente nas entrelinhas das pobres paixões humanas.

Mas, em 15 de abril de 1919 - dia negro da história planetária -. o mundo assistiu à aparente derrota da postura nobre do presidente dos estados Unidos da América, Woodrow Wilson, que galhardamente vinha se recusando a assinar o acordo da chamada paz dura em vez da paz justa.

O mundo saía estupefato de uma guerra que ninguém entendia, porém todos viviam as suas absurdas e horrendas conseqüências, através da dor, do sofrimento e da morte de tantas pessoas.

Dentro do desespero planetário. o grito dado pelo Presidente Wilson de "não mais guerra" foi prontamente absorvido, entendido e aceito por todos os terráqueos.

Os conflitos que até então levaram a uma luta fútil e inconseqüente por matérias-primas, mercados e territórios, adquiriam um significado maior, como se o sofrimento de toda uma geração tivesse ao menos servido para que jamais outra guerra infame tornasse ao ambiente terrestre.

O pagamento das indenizações ou reparações de guerra, a discriminação das novas fronteiras, eram, no entender do homem Woodrow, assuntos para peritos e comissões que trabalhariam conforme os critérios acordados no pós-guerra. O que os dirigentes das nações tinham a fazer, era criar e estabelecer a paz perpétua, ou seja, a paz justa e não a paz dura.

O mundo torcia para que a causa de Wilson encontrasse guarida na postura política dos demais líderes mundiais. Se assim fosse feito, a estrada da paz não mais passaria através do terror e da guerra, porque ela seria garantida por acordo entre as partes e pela fé no grande reino da lei.

Mas as dificuldades e os melindres das conveniências políticas dos detentores do poder temporal prevaleceram sobre a lucidez daquele homem invulgar que queria que o direito prevalecesse sobre o poder, o ideal sobre o real, as expectativas do futuro sobre as conveniências menores do presente.

Acusado de sacrificar o mundo real a uma utopia particular, Wilson recuou com o coração pesado e a consciência inquieta. A paz verdadeira fora relegada a outros tempos.

Uma nova e desesperada estratégia das trevas estava em curso com vistas ao futuro próximo. Os mais empedernidos dos espíritos que no passado atlante haviam promovido as hecatombes que levaram os seres terrenos a recomeçarem praticamente tudo de novo, estavam começando a se congregar nos ambientes espirituais próximos a Europa, que era o centro do mundo à época dos fatos.

A região da Alemanha havia sido escolhida - por questões de afinidade vibratória com o passado recente dos que ali haviam vivido - para receber aqueles espíritos que, intimamente, sempre desejaram e ainda esperavam a *graça* de serem liderados por um "supermandatário", no caso, um super-líder que os guiasse, para onde ninguém havia chegado: ao sonhado e perseguido domínio planetário.

Teriam, portanto, o seu "Fuher" - pai da nação alemã, pois foi assim que ele foi visto no princípio - que nada mais era do que a personificação humana dessa vontade. Em outras palavras, como descrito nas tradições secretas de certa codificação, "o verbo da dominação se fez carne e entre os homens habitou e exerceu o seu jugo até onde lhe foi permitido". O seu espírito havia sido habilmente treinado para isso durante muitas encarnações por um professor muito eficaz que desejava, a qualquer custo, manter a Terra dominada dentro dos padrões vibratórios impeditivos à reintegração. Satã.

Com a Segunda Guerra veio uma das maiores estratégias organizadas pelas trevas visando a desagregação total de certas forças planetárias e a tentativa de concentração de poder temporal em torno de um núcleo que pretendia exercer - através de reencarnações programadas para tal fim - o controle vibratório da Terra por muito tempo.

Tempos depois, as hostes satânicas se aproveitaram de um profundo instante de rebeldia planetária e da pouca vigilância de muitos e semearam a quarta e última estratégia com vistas à perturbação geral planetária: o chamado sexo livre e inconseqüente quanto à possível reprodução e o uso de drogas como uma "coisa moderna".

Foi, verdadeiramente, um caos vibratório jamais observado nos ambientes astrais terrestres. Não fora os bolsões de luz e de amor emanados do trabalho de Mahatma Gandhi, do Espiritismo, tendo como foco maior a obra esclarecedora através do amor e esforços inigualáveis de Francisco Cândido Xavier, da expansão da consciência do reto proceder budista pelo planeta, a atuação precisa e amorosa de João XXIII desfazendo muitos grilhões trevosos em tomo da cultura religiosa cristã, da firme e desconhecida - para muitos no Ocidente - componente vibratória gerada por um emissário do Mais Alto às terras da Índia, o irmão Sai Baba, e tantos outros trabalhadores das hostes da Luz, congregados em muitos segmentos do mundo, alguns conhecidos, a maioria anônima, a situação terrestre teria piorado a tal ponto que, simplesmente, o isolamento cósmico continuaria por muito mais tempo.

Assim que o astral planetário novamente atingiu uma condição mínima de equilíbrio energético que possibilitasse o incremento de uma nova programação melhoradora, as hostes extraterrenas do Mestre se posicionaram na órbita de um dos planetas do sistema solar. De lá,

acompanham e se deixam perceber por outras poucas equipes siderais que ainda buscavam convidadas pela perigosa situação vibratória planetária - se aproveitar da pouco edificante condição energética dos habitantes terrenos para dominar-lhes certas emanações psíquicas como, também, a realização de experimentos desagradáveis e doações de alguns componentes biológicos à revelia da vontade "dos escolhidos".

Ao perceberem o "estacionamento estratégico" de diversas naves capelinas próximas à Terra, essas equipes se retiraram pouco a pouco dos ambientes terrenos.

É como se o nosso planeta tivesse algumas estradas que o ligassem às rodovias cósmicas mais próximas e, em cada um dos entroncamentos desses caminhos, as frotas capelinas tivessem simplesmente estacionado algumas naves, mesmo sem nada fazer. Entretanto, quem quer que se aproximasse ou se afastasse da Terra, obrigatoriamente perceberia a presença da maior força sideral existente nesta parte do cosmos.

Talvez pelo fato de não saberem exatamente o que pretendem essas hostes luminosas e, em caso de dúvida e para evitar problemas para eles mesmos, esses seres extraterrenos - que poderíamos chamar de "aproveitadores" de certas fragilidades da humanidade aqui congregada - resolveram se afastar de vez do complicado mundo terrestre.

Para termos idéia do problema, somente em 1989 o controle foi estabelecido. A partir de então, apenas as equipes autorizadas, com raríssimas exceções que ainda ocorrem pelo simples fato da Terra ainda não ter sido oficialmente reintegrada ao circuito da convivência fraterna, podem se aproximar do planeta.

Por volta do ano de 1992, eram, aproximadamente, noventa equipes distintas que interagiam discretamente com a vida terrena, todas elas sob a coordenação amorosa das forças capelinas. Apenas duas outras se atreviam, até pouco tempo atrás, a se imiscuírem em certas atividades terrenas com vistas a objetivos próprios.

Ao que julgamos estar informados, em termos de potências extraterrestres, todas as que no momento estão próximas à Terra são seres congregados em torno da ajuda cósmica a seus infortunados irmãos terráqueos.

VI. REDENÇÃO ESPIRITUAL

CAPÍTULO DOIS

Esforço Atual.

Há um certo mistério que, talvez, jamais venhamos a perceber em toda amplitude.' Referimo-nos ao fato de que, na atualidade, estão reencarnados exatamente aqueles espíritos que, na época em que o Mestre esteve encarnado, O fizeram sofrer, O crucificaram, O traíram, dificultaram o desempenho de Sua missão, estiveram relativamente próximos ou mesmo muito próximos ao Mestre mas nada ou pouco fizeram no sentido de desenvolver algum trabalho missionário ou outra atitude qualquer pró-ativa para ajudá-Lo ou divulgar o Seu testemunho.

Por que, especificamente esses espíritos estão reencarnados e envolvidos no presente trabalho de esclarecimento planetário?

Que laços estranhos reúnem aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com Ele em alguns momentos de Sua vida terrena, como se a oferecer uma espécie de *última oportunidade* de prestarem serviço na Sua seara redentora, neste fechamento de ciclo cósmico que ora se encerra com a chegada do terceiro milênio.

Por que não estão reencarnados neste instante planetário tão importante aqueles que, de forma heróica, deram suas vidas e seus esforços pelo Mestre Amado e Sua doutrina? Por que são esses heróis que hoje formam a equipe espiritual-astral que ajudam, dos ambientes próximos à Terra, os pusilânimes e fracassados de outrora?

Maria, José, João Batista, os evangelistas, os onze apóstolos que realmente se dedicaram às tarefas que o Mestre lhes solicitara, José de Arimatéia, Ananias, Estevão e tantos outros, por que esses espíritos não reencarnaram em momento tão crucial para o planeta?

Por que esses verdadeiros apóstolos e discípulos de *primeira hora* hoje encontram-se, todos eles, na condição de seres de outros orbes ou de espíritos luminares?

Muito simples: adquiriram o mérito espiritual de conviverem em realidades existenciais bem mais desenvolvidas e de voltarem a conviver com a pessoa do Mestre, inclusive nos ambientes de Capela, de onde um dia sentiram-se obrigados a se afastarem devido ao complicado nível das vibrações espirituais que então os caracterizavam.

Ao que tudo indica, parece existir uma lei evolutiva que dispõe da obrigatoriedade de uma coletividade de espíritos levantar-se por si mesma, ou seja, o soerguimento moral de seus pares - mesmo com a ajuda que recebem de fora - será sempre uma conquista e, portanto, efeito dos próprios méritos.

Mais complicado ainda se torna quando esses espíritos já desperdiçaram inúmeras oportunidades de ação redentora. Nesses casos, é como se perdessem a componente moral de crescer pelos próprios esforços já que tal não conseguem fazer. Assim sendo, são passíveis de serem ajudados por outros seres por *pura misericórdia* da Deidade e de Seus prepostos que não tinham nem têm a *obrigação de saírem de suas moradas luminosas* para mergulharem em verdadeiros *infernos* tendo, ainda, como pagamento, a ignorância e a violência por parte daqueles a quem vieram ajudar.

Por isso, aqueles espíritos que, através do esforço e mérito pessoais, vão conseguindo atingir marcos vibratórios mais elevados após cada reencarnação, chegam a um ponto em que se vêm obrigados a se dirigirem a outras moradas celestes, desligando-se vibratoriamente, do mundo ao qual estavam presos por força do passado. Quando isso ocorre, cabe aos espíritos que ainda não conseguiram limpar as próprias consciências diante das leis e dos padrões evolutivos do cosmos, uma espécie de *obrigação moral* de desenvolverem os melhores esforços para se libertarem de situação existencial tão degradante.

Se sempre os outros vierem fazer por nós aquilo que nós próprios podemos fazer, que mérito teremos a acrescentar às nossas condições espirituais?

Este é o nosso problema. O que tem que ser feito deverá ter como instrumento dessa ação não os que, por mérito pessoal, já se libertaram dos grilhões cármicos do passado equivocado, mas sim, aqueles que ainda estão a contribuir com o atual estado das coisas do mundo terreno e nele estão inseridos. Assim é em todo o cosmos.

Portanto, esses espíritos não mais reencarnarão na Terra - a não ser em situações excepcionais - mas o trabalho terá que ser feito de todo modo. Mas, por quem?

Dizíamos de um certo mistério pelo fato de estarem reencarnados no presente momento exatamente aqueles que estiveram com Jesus em alguns momentos de Sua vida e que nada fizeram de positivo e que, na atualidade, tentam algo fazer no campo do esclarecimento fraterno. E se afirmássemos que foi exatamente com os membros das famílias Val e Yel, que foram exilados nos tempos luciferianos, que o Mestre escolheu trabalhar como aqueles que lhe estariam mais próximos quando viesse à Terra?

Além disso, após consumada a Sua primeira vinda à Terra na personificação de Jesus, quando viveu entre milhares de membros de centenas de famílias espirituais que vieram exiladas no passado, os quais estavam, naquela oportunidade, reencarnados, sem terem a menor consciência dos fatos - mas Ele tinha - o Mestre resolveu que *aqueles que O trespassaram*, como escrito no Apocalipse, que O prejudicaram, que O traíram, enfim, que não O reconheceram, estivessem reencarnados para quando Ele aqui retornasse.

E mais ainda, além de estarem reencarnados, foram, desde então, convocados para trabalharem pela Sua doutrina amorosa e participarem ativamente dos preparativos para a Sua Segunda Vinda.

Fato é que, desde o momento em que o Mestre decidiu encarnar na Terra, porque aqui estavam congregados os mais recalcitrantes e tudo o que restava da rebelião de Lúcifer e. para isso.

todos os esforços de Sua assessoria convergiram para criar uma estratégia que possibilitasse a Sua encarnação.

Quando, portanto, Abraão - que era um dos membros menos complicados da família Yel apareceu no contexto terrestre, com ele vinha implícita a decisão do Mestre de que, dentre as muitas famílias de exilados, Ele resolvera trabalhar, naquele mister, principalmente com os membros das duas famílias já referidas.

É obvio que em outros trabalhos e diversas oportunidades de ação redentora para os exilados, o Mestre trabalha e convida para a cooperação fraterna em diversos campos da luta existencial terrena, membros de muitas outras famílias de exilados com vistas ao desenvolvimento das tarefas.

Apenas a título de exemplo, a maioria dos personagens que estavam reencarnados no tempo de Alexandre Magno e que trabalhavam nas administrações das cidades do império que se formava; depois, na Roma antiga, ao tempo de Tibério e Calígula, investidos das mesmas obrigações; ao tempo de Carlos Magno, ajudando a reorganizar o mundo disperso e, mais recentemente, em dois episódios atuais, quais sejam, a criação entre a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo da Benelux e a unificação européia, são os mesmíssimos espíritos pertencentes a uma outra família de exilados de Zian que, a seu turno, será nominada.

Há ainda uma outra, proveniente do planeta Dan, também no sistema de Capela, formada por alguns milhares de indivíduos que, na sua grande maioria, vem reencarnando no seio da Igreja Católica, desde o século XVIII, doando os seus melhores esforços para cada vez mais dignificá-la e honrá-la nos seus mais nobres objetivos.

Existe outra, no caso proveniente de um dos mundos de Antares, que, estrategicamente espalhada pelo planeta nas diversas reencarnações dos seus membros, trabalha incessantemente pelo fim da intolerância racial. Esse trabalho vem sendo objetivo dos esforços por parte dessa família durante os últimos dois séculos após decisão tomada na espiritualidade pelo conjunto de seus membros.

Sabe-se, também, que um grande conjunto espiritual de seres que foram exilados do sistema de Tau Ceti, desenvolve, desde o início do século XX, trabalhos no campo da medicina, especialmente em países subdesenvolvidos.

A bem da verdade, são milhões de famílias espirituais de diversas origens planetárias que forneceram exilados durante a rebelião de Lúcifer que terminaram por se congregar na Terra.

São, portanto, inúmeros os grupos de trabalho que, quando convocados pelo Mestre ou mesmo por iniciativa própria, resolvem congregar seus membros em tarefas específicas nesse ou naquele campo da luta redentora do gênero humano.

Não há um só homem ou mulher na Terra que não esteja vinculado a um grupo espiritual que normalmente se reúne nos ambientes espirituais ciclicamente para avaliar o andamento dos trabalhos conforme os objetivos pretendidos. Medem-se o esforço e a condição de cada um de seus

membros diante do contexto geral da família e as possíveis providências para os ajustes necessários.

Ocorre, entretanto, que certos membros, por se encontrarem em situações existenciais bastante complicadas, às vezes ligados às forças trevosas, não conseguem participar dessas reuniões que fortificam os espíritos de todos os que se fazem presentes. Outras vezes há que, membros de outras famílias são convidados - porque há diversas famílias que possuem afinidades vibratórias desde há muito e, não nos enganemos, o congraçamento e intercâmbio cósmico é ocorrência comum em todos os quadrantes do cosmos - para a troca de experiências e conversação fraterna.

Normalmente nem todos os membros de uma família reencarnam ao mesmo tempo num mesmo instante histórico. Sempre permanecem alguns na espiritualidade para de lá ajudarem os irmãos e irmãs que estão reencarnados.

As reuniões que ocorrem contam, portanto, com a participação dos que estão desencarnados e mais a daqueles que, no estado de reencarnados, quando do aniquilamento parcial do cérebro físico-temporário através do sono, deslocam seus espíritos para os ambientes onde acontecem esses encontros.

Muitas vezes, quando despertos no dia seguinte, alguns têm a sensação de terem estado em uma grande reunião, com pessoas amigas, mas das quais não conseguem se recordar. Isso ocorre porque quem as conhece é a mente eterna do espírito de outros tempos e de vidas passadas e não a mente física-temporária, que nasce e morre com o corpo transitório. Como a lembrança daquela não cabe nesta, ocorrem as sensações e lembranças fugidias que são, normalmente, distorcidas.

Há momentos históricos de grande magnitude em que muitos membros de diversas famílias de exilados participam como personagens. Outras vezes há que, a loucura de um só, quando investido do poder temporal, consegue perturbar a paz de milhões de seres de diversos núcleos de exilados e, tais ligações cármicas, demoram toda uma *eternidade* - muitas reencarnações - para se ajustarem. Mas, esse é um tema tão complexo que necessita espaço próprio para ser desenvolvido o que, seguramente, ocorrerá no futuro.

No caso específico das famílias Yel e Val, talvez por terem sido, no caso da primeira, foco de propagação de todo um problema que ora se encerra com a reintegração da Terra à vida cósmica e, a segunda, pelo fato de seus membros também terem se complicado bastante, foram as mesmas convocadas para esse mister, quem sabe se numa espécie de misericórdia para diminuir a vergonha e a inquietude que até hoje estão incrustadas no íntimo desses espíritos? Se no passado eles foram fator de desagregação, no presente têm que servir como elo de união. Não há outra maneira de evoluir. Por isso o Mestre os convocou.

Os membros dessas famílias, em diversas oportunidades da história terrena, fracassaram de forma absurda em certos momentos cruciais para toda a coletividade planetária Mas, não foram somente os membros desses dois grupos espirituais que falharam fragorosamente em muitas das diversas oportunidades reencarnatórias que tiveram. Todas as famílias de exilados falharam enormemente até a época do Cristo. Depois do Seu testemunho, ou seja, há apenas dois mil anos, é que, de forma geral, todos os grupos começaram a melhorar, um pouco que fosse, o seu

desempenho desde então. E o mundo ainda está do jeito que está. Imaginemos, pois, quanto ainda falta ser feito.

Dessa forma, desde Abraão que membros das famílias Yel e Val, que conseguiram se desvincular de maiores pesos cármicos, vêm reencarnando dentro de programas encarnatórios que objetivam e possibilitam o desenvolvimento de esforços com vistas a tornar possível, um dia, a reintegração cósmica da Terra. E este dia chegou.

De Abraão a Moisés, uma etapa desse trabalho. De Moises à primeira vinda do Mestre, outra. Do Seu testemunho terreno ate a Sua Segunda Vinda, a última e, exatamente com ela, se consuma a reintegração da T erra à convivência com outros orbes.

Desde Abraão, portanto, que os membros de muitas famílias espirituais de exilados e, de forma especial, os das famílias Yel e Val, vêm ciclicamente reencarnando, com seus diversos sucessos e fracassos, procurando algo contribuir para que se encerre esse período de isolamento cósmico que tantos males trouxe para todos nós.

Aquelas individualidades que já conseguiram registrar nos seus currículos espirituais uma folha satisfatória de serviços prestados à causa do Mestre, ao longo das muitas vidas, já consumaram suas participações cármicas e de compromisso no mundo dos encarnados e receberam o grande prêmio da redenção espiritual na época em que o Mestre esteve encarnado entre nós. Desde então, somente em missões especiais ou tarefas de cunho pessoal, essas individualidades encarnam. Normalmente elas ajudam e assistem com a potencial idade dos seus espíritos aos que ainda permanecem congregados no orbe terrestre, dos próprios ambientes existenciais em que estejam inseridos e deles se deslocando, para a Terra, sempre que possível, para ajudar in loco, na medida das nossas possibilidades em receber ajuda.

Apenas a título de observação, podemos afirmar que, muitos dos atuais trabalhadores que estão no meio cristão vinculados ao catolicismo (na Itália e no Brasil de forma especial), ao espiritismo (no Brasil) e em algumas Igrejas Protestantes (no Brasil, nos EUA e na Alemanha); alguns cientistas (no Brasil, nos EUA, na França e na Rússia); alguns políticos (no Brasil, na República Tcheca, na Rússia, nos EUA e em diversos países do Oriente Médio); artistas em geral (no Brasil, na Inglaterra, nos EUA e na Itália); e aqueles que, pouco a pouco, irão se congregar no grande processo de reintegração cósmica do nosso planeta, nos muitos campos da boa luta e do bom combate do esclarecimento ante a ignorância de uns e o fanatismo de outros, pertencem às duas famílias anteriormente citadas.

Entretanto, é bom que seja ressaltado que, muitos membros de outras famílias também já estão trabalhando no processo e outros ainda virão porquanto objetivo de toda comunidade planetária.

O interessante é que normalmente esses esforços eram - até a primeira metade do século XX desenvolvidos no seio de algum movimento doutrinário já em andamento ou, simplesmente, na formação de novos focos de esclarecimento como foram os casos da Reforma Protestante, da Codificação Espírita e de outros.

Entretanto, atualmente, é desejo do Mestre congregar todas as suas ovelhas com vistas a um só objetivo que é o da reintegração cósmica e da Sua Vinda e tudo o que com esse processo se confirma em termos de passado, presente e futuro. Mas, vale lembrar que, cada ovelha que já esteja vinculada a alguma religião nela deve continuar a desenvolver os seus esforços de melhoramento íntimo pois esse é o único fator realmente necessário. Portanto, ninguém precisa mudar de credo religioso ou mesmo arranjar algum. Tudo o que necessitamos é do esforço íntimo para esclarecer e melhorar a nós próprios.

Infelizmente, existe uma postura íntima de caráter primitivo que ainda caracteriza boa parte da raça humana, que é a da intolerância religiosa. Esse veneno faz com que os seguidores de uma determinada religião não possam interagir com os ensinamentos de outra e, tudo o que surge de uma doutrina religiosa é, de pronto, combatido pelas demais.

Diante disso, perguntamos: se é desejo do Mestre congregar a todas suas ovelhas como é que o trabalho de esclarecimento e preparação de Sua Vinda poderia ser feito por membros dessa ou daquela religião?

Por isso que o presente trabalho de esclarecimento está sendo desenvolvido de forma *independente* com todas as dificuldades próprias inerentes à vida atual, ou seja, sem estar vinculado a esse ou aquele credo para tornar possível, no momento em que o Mestre o desejar, o conhecimento por parte de todos os que se permitirem serem informados do que está para acontecer.

Em outras palavras, diríamos que, devido à intolerância religiosa, os atuais esforços de semear a noticia e os esclarecimentos pertinentes à Segunda Vinda do Mestre Jesus não poderiam estar contidos sob o jugo de algum segmento religioso porque, se assim fosse, somente os fiéis daquele segmento se prepariam para o evento e aquela religião se afirmaria - devido a pouca vigilância moral dos seus pares - como sendo a única verdadeira sendo, as demais, *destituídas de qualquer significado e todo aquele proselitismo* que não mais cabe no atual momento planetário.

Se o Mestre escolhesse qualquer segmento religioso terreno - em detrimento de outros - para fazer esse trabalho Ele estaria acabando com *a base psicológica da crença de muitos e estes ficariam sem cheio para pisar ocorrendo, com isso, quedas morais e implosões espirituais gravíssimas*. Ele jamais faria isso E, portanto, para não enaltecer a um só segmento religioso e não derrubar os demais - até porque todos foram encomendados pelo seu Coração Augusto de Pastor Cósmico - é que foi tomada a decisão de que, os que fossem reencarnar para dar os passos iniciais no processo de esclarecimento, deveriam beber de todas as fontes da sabedoria religiosa terrena sem, no entanto, estar vinculado a nenhuma delas. Era a única maneira possível diante da desagregada realidade espiritual terrestre.

Se fosse feito por algum segmento religioso, de pronto seria rechaçado pelos demais no que concorda o autor terreno da presente obra de esclarecimento. Mas, da forma como está sendo feito, corre o risco de ser rechaçado por todos e isso sempre foi motivo de angústia para o aflito escrevente destas linhas. Mas, segundo a Espiritualidade, mesmo que isso venha a ocorrer, será apenas até enquanto o Mestre assim o permitir porque, depois que Ele chegar, a estratégia escolhida pelo Mais Alto surtirá os efeitos pretendidos. Até lá, é aguardar com a convicção íntima

de não estar fazendo mal ou prestando algum desserviço a quem quer que seja. Um pouco mais e tudo será esclarecido. Isso é o que nos conforta.

Atualmente, pelo que nos foi informado, da família Val estão reencarnados 248 membros e da família Yel, 957. Desse total de encarnados, até o presente momento em que estas linhas estão sendo escritas - junho de 1996 - apenas 56 dos acima referidos têm conhecimento do que já está ocorrendo e do que está para ocorrer. Espera-se que pelos estranhos caminhos da vida a presente mensagem encontre guarida nos corações de alguns que lerão estas páginas se sentindo surpresos porque, por mais estranhas que possam parecer algumas informações aqui veiculadas, não surpreenderão àqueles espíritos para os quais nada disso é novidade.

É sempre bom recordar que a mente espiritual sabe de coisas que o cérebro físico não conhece. Porém, quando este último entra em contacto com certas informações que já são de conhecimento daquela, o espírito, como um todo, vibra de forma a se afinar com amigos e sensações provenientes de outros ambientes existenciais.

Apenas a título de finalização deste capítulo com o objetivo de dar continuidade à história espiritual dos quatro personagens referidos desde o início do livro, Val Ellieh, Val Elliah, Val Ellam e Yel Liam estão, no momento, encarnados como homens do mundo, com suas dificuldades e hesitações normais em qualquer ser humano, mas, todos já plenamente cientes dos fatos e trabalhando - além de suas atividades profissionais de sobrevivência material - nos primeiros passos que estão sendo dados com vistas ao processo de reintegração cósmica da Terra.

VI. REDENÇÃO ESPIRITUAL

CAPÍTULO TRËS

Trabalhos Futuros

Tendo, portanto, como pano de fundo, um cenário de muitos erros, equívocos e distorções e, somente alguns poucos acertos, frente ao que de nós era esperado pela espiritualidade Maior, o grupo de exilados de Zian - a exemplo dos demais - está mais uma vez envolvido no trabalho que visa a espiritualização planetária.

Reencarnados no seio de alguns segmentos religiosos, dentro de algumas correntes filosóficas, realizando trabalhos no campo científico e desincumbindo-se de algum mandato ou função política, estão os membros desse grupo em esforçado trabalho de regeneração interior com a conseqüente postura fraterna de bem servir à comunidade na qual estão inseridos.

Alguns poucos, numa postura mais abrangente, trabalham na tentativa de sensibilizar e demonstrar aos demais irmãos e irmãs que se encontram no orbe terrestre, a importância estratégica de percebermos a nova ótica que doravante servirá de ponto de apoio para o entendimento de tudo o mais que nos cerca, que é a ótica cósmica.

Dos ambientes espirituais, aqueles do grupo que não estão reencarnados no momento, fornecem, fraternalmente, no papel de espíritos desencarnados, apoio concreto e estratégico a nível de acompanhamento, apoio, este, essencial ao bom desenvolvimento de qualquer trabalho, por mais simples que seja, a ser realizado no mundo dos encarnados.

Independente do ambiente existencial em que estejam congregados, nesse ou naquele momento, todos os membros dessa grande família capelina - à exceção de uns poucos que ainda estão profundamente envolvidos com questões cármicas bastante complexas - trabalham, na medida de suas possibilidades, visando ao progresso do orbe terrestre.

Nesses esforços estão envolvidos apenas aqueles espíritos que já estão mais ou menos libertos de grandes débitos espirituais diante das leis de causa e efeito. Explicando melhor, chamamos, nesta obra, de "grupos de trabalho", apenas aqueles cujos membros não reencarnam apenas para saldar dividas passadas que envolvam grande monta de energia espiritual frente aos atos infelizes praticados no pretérito. Os membros ativos desses grupos com missões de esclarecimento e alavancagem do progresso terreno, recentemente já terminaram de saldar as suas grandes contas frente à Contabilidade Divina.

O que estamos, portanto, afirmando, é que, no atual momento planetário, há milhares de grupos específicos de pessoas que têm origem nos mundos que para a Terra forneceram exilados, que trabalham em todos os campos da sociedade humana, na sua grande maioria ainda sem terem

conhecimento de sua origem celeste. E que esses espíritos, apesar de já razoavelmente desenvolvidos a nível espiritual, são ainda bastante passíveis de erros, em especial de distorções que cometem quando no desempenho de funções políticas e religiosas.

São, na realidade, os espíritos mais velhos e experientes - portanto, os mais complicados - dos bilhões de espíritos que estão congregados no orbe terrestre.

Complementando as informações, diríamos que todos os espíritos que reencarnam no ambiente terrestre, atuam, basicamente, com vistas a atingir resultados em cinco campos vibratórios distintos, tendo maior ênfase num ou noutro, conforme o seu marco evolutivo e a sua capacitação espiritual. São eles:

1. Pagamento de débitos e expiações.

2. Desenvolvimento melhoramento e reforma interior, ou seja, conquistas espirituais.

3. Provas e testes das conquistas espirituais realizadas.

4. Trabalhos específicos e localizados.

5. Missões de caráter regional e global.

Há espíritos que devido a sua baixa condição vibratória e ao grande número de débitos a serem saldados em muitas vidas, mal conseguem realizar incursões encarnatórias fora do primeiro campo vibratório. Isso ocorre, até porque, devido as muitas tendências e inclinações inferiores das quais ainda são portadores, normalmente contraem novos e perigosos débitos a cada tentativa reencarnatória.

São exatamente esses irmãos infelizes que não mais estarão congregados no orbe terrestre, nos próximos séculos, porquanto sofrerão processo de exílio.

Outros, mesmo ainda tendo débitos mais suaves a serem saldados, conseguem atuar positivamente em diversos setores da luta planetária, realizando ao longo de cada reencarnação, trabalho redentor no campo das expiações menos dolorosas, melhorando-se intimamente. E, por já possuírem certas conquistas em vidas passadas, põem-se em prova, nessa ou naquela situação específica e, quando obtêm sucesso, chegam a desenvolver trabalhos de extrema utilidade para a comunidade em que estão inseridos. Estes formam, no atual momento terrestre - mesmo que distribuídos em diversos subníveis de consecução das tarefas espirituais -, a grande maioria da população do orbe.

Mas, quem desliga, há de ligar. Quem desfaz, há de fazer. Quem desagrega, um dia há de unir.

As famílias Val e Yel, muito mais que as outras, se sentem responsáveis por tudo o que ocorreu. Existem ainda diversas famílias dos mundos de Capela que, se comparadas com as de outros orbes, também tinham a graça e o privilégio de conviverem mais de perto com o Mestre, e da mesma maneira se sentem, também, responsáveis por muito do que aconteceu.

Pena que não possamos, no momento, descrever as histórias de algumas outras famílias capelinas e de outros sistemas que, sob outros contextos, tiveram também a graça de com Ele conviver. Cada página dessas narrativas cósmicas são verdadeiras lições que mostram o quanto erramos no passado e a inexorabilidade dos acontecimentos que hoje enfrentamos.

Pertence, de fato, a todas as famílias capelinas muito mais que as de outros sistemas de mundos - a responsabilidade pelo ocorrido nos tempos de Lúcifer. Por isso, todos os membros desses grupos espirituais, esforçam-se, no presente, para estarem aptos a edificar, no futuro terrestre, o que destruíram no passado: diversos colegiados planetários que governavam os mundos.

Por onde os rebelados iam passando na sua longa e penosa rota de exílio espiritual até chegarem à Terra, deixavam, indelevelmente, registradas as marcas do orgulho e da desagregação, levando, com isso, diversos mundos à derrocada.

Destruíram governos planetários; semearam a discórdia; criaram disputas onde antes existia a concórdia; acabaram diversas unidades da política celeste em nome dos mais tresloucados valores.

Se destruíram, é da lei que agora construam.

No próximo século, a partir de um determinado momento em que, o jugo amoroso do Mestre decidirá o início do processo de visitação das delegações de outros orbes ao nosso planeta, a Terra não mais poderá apresentar a marca política que hoje ainda a caracteriza diante do cosmos: uma coletividade planetária de seres sem a devida consciência da unidade cósmica que representam.

Na atual situação geopolítica do nosso planeta, a qual dos governos terrenos deveria se dirigir uma delegação de seres de outros orbes? Com quem falar e negociar projetos de ajuda mútua se os interesses dos atuais governos da Terra estão mais próximos da mesquinharia do que da fraternidade? Não, necessariamente, por maldade. Mas, simplesmente, por ignorância e atraso espiritual. Ou achamos que cada raça extraterrena deveria escolher um dos países para com ele trocar experiências? Os nossos irmãos de outros orbes jamais se submeteriam a processo tão primitivo que nenhum saldo positivo traria.

Os governos das diversas nações terrestres existirão durante muito tempo. Não se espera nem se pretende que esses deixem de existir. Ao contrário. Espera-se, sim, que além deles, exista uma verdadeira União Organizacional das Nações que, realmente detenha a necessária legitimidade para representar a Terra diante das civilizações cósmicas.

A Organização das Nações Unidas poderá muito bem vir a ser esse órgão colegiado mas, não da forma como ela hoje se porta, apesar do esforço de muitos dos que nela labutam.

Enquanto a ONU for apenas o reflexo do jogo de poder das elites mundiais ela jamais terá a necessária capacidade de, enquanto colegiado maior do planeta, influenciar os caminhos do nosso mundo, servindo não só como ponto turístico aos que vão à Nova York ver o seu belo prédio. Por fora, realmente, é muito bonito. Mas, e por dentro?

Até quando, o que era para ser um foro político-humanístico, com autoridade moral para dirigir os esforços mundiais para a boa luta dos direitos humanos, da mediação política em momentos críticos, do bom combate contra todo tipo de intolerância que viesse a ferir os direitos por ela defendidos, advogar a diminuição dos efeitos da miséria decorrentes do processo de concentração de renda nos países mais ricos em detrimento dos mais pobres, será mais um sepulcro caiado arquitetado pelos interesses farisaicos da política mundial?

Onde a luta pelos direitos da mulher? Qual o papel da ONU diante das migrações descontroladas, dos novos assentamentos humanos que estão ocorrendo, enfim, diante do número de refugiados que cresce a cada dia? E quanto à questão ambiental, como a ONU está participando desse processo de discussão? Será que consegue coordenar ao menos as conversas preliminares em torno do assunto ou o mesmo está sendo negociado de forma unilateral? E o desarmamento nuclear, o que pode a ONU fazer, da forma como hoje se apresenta, para levar adiante a consecução dos passos que já foram dados e a edificação de outros novos que urgem serem acordados?

Ou os novos tempos invadem os espíritos dos governantes terrestres para que permitam que a ONU se prepare para o século XXI ou, simplesmente, o futuro virá, lenta, porém, seguramente, com ou sem a ajuda dos que muito poderiam fazer para fortalecer o único colegiado superior que temos na Terra.

Precisamos, todos, fortalecer a ONU ou algo que a ela se assemelhe porque, a diversidade terrestre é de tal ordem que é impraticável a expectativa, a curto prazo, das diversas nações terrestres confiarem num governo único pondo fim às administrações locais. Isso não ocorrerá. O que precisa, sim, ser criado é um novo espírito para a ONU ou, em última instância, um outro colegiado que, além de refletir os diversos agrupamentos terrestres, possa, também, influenciá-las e bem representar toda essa diversidade que nos caracteriza, diante do cosmos.

As famílias capelinas, que se sentem responsáveis por parte dessa questão, já começam a se envolver, de forma estrategicamente planejada, com outras famílias de exilados, para preparar o planeta para os tempos que virão.

É objetivo maior e expectativa de todos que, em futuro breve, todas as correntes de exilados se façam representar nesse grande corpo que ora se forma para lutar por um mundo melhor.

Sem lutas revolucionárias, porque dessas já estamos todos cansados. É possível que não haja, em nenhum recanto do cosmos, uma coletividade planetária que, ao longo de sua história, tenha promovido tantas revoluções e guerras como o caso da terrestre. E erramos sempre. Mesmo quando o objetivo era nobre os instrumentos utilizados diziam do nosso estado de barbárie espiritual. Derrubamos vários monstros e terminamos por entronizar outros tantos. O nosso objetivo de luta quase sempre esteve equivocado:

lutávamos para modificar os sistemas políticos reinantes, as leis, as estruturas sociais, esquecidos de que, nada disso funciona a contento, se não houver um melhoramento do próprio ser humano.

As grandes revoluções ocorrem no íntimo das pessoas, exatamente onde Jesus e tantos outros semearam os tempos do porvir com toda a suavidade e sabedoria dos Seus espíritos maravilhosos.

Caberá, portanto, às famílias provenientes dos mundos de Capela a responsabilidade dos primeiros passos para a realização desse grande sonho que é a edificação do grande Ideal de Fraternidade Planetário para que possamos abrir as portas dos nossos corações para a convivência com irmãos e irmãs de outras realidades existenciais.

O trabalho futuro que espera a todos nós que, conseguirmos atravessar este momento de transição entre um passado equivocado e um futuro dadivoso, será exatamente o de produzir condições para que exista um colegiado planetário legítimo na sua autoridade de representatividade cósmica e forte na sua convivência com os problemas da retaguarda evolutiva dos povos da Terra.

Os que já estão reencarnados e outros que ainda virão, na eterna entrada no campo de luta terrestre, serão aqueles mesmos de outrora que, em outros tempos, desligaram a luz dos seus espíritos e agora têm de reacendê-la no íntimo porque somente esta pode iluminar os próprios passos; desfizeram todos os laços fraternos que uniam bilhões de seres em torno de uma coexistência ordeira e fraterna e, no momento, procuram refazer as afinidades de outrora; atuaram como fator de desagregação em todas as comunidades pelas quais passaram e hoje têm que construir a maior das convergências que é a criação de uma unidade planetária diante do cosmos.

É trabalho redentor que espera a todos nós, exilados do passado. Entretanto, é razoável que não esqueçamos que, quem pretende reformar o mundo, deve antes reformar a si mesmo.

VI. REDENÇÃO ESPIRITUAL

CAPÍTULO QUATRO

Marco Evolutivo

Havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, que era membro do sinédrio. Certa noite este foi ter com o Mestre e disse-lhe: "Rabi, sabemos que és um mestre vindo de Deus. Ninguém pode fazer esses milagres que fazes, se Deus não estiver com ele". Jesus replicou-lhe: "Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de novo. não poderá ver o reino de Deus". Nicodemos perguntou-lhe: "Como pode um homem renascer, sendo velho? Porventura pode tomar a entrar no seio de sua mãe e nascer segunda vez?" Respondeu Jesus: "Em verdade, em verdade te digo, quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te maravilhes de que eu te tenha dito:. necessário vos é nascer de novo" (João 3,2-7).

Há dois grandes aspectos nas entrelinhas desse ensinamento do Mestre: o primeiro, refere-se ao processo de reencarnação; o segundo, ao fato de que ninguém evolui espiritualmente se não se melhorar através do esforço pessoal nas muitas oportunidades que ocorrem durante a(s) vida(s).

A resultante de todo os esforços, das conquistas realizadas, dos aprendizados efetivamente praticados, é como espécie de *voltagem energética* a iluminar cada vez mais a individualidade espiritual.

Da mesma forma que uma lâmpada de 20 velas ilumina pouco e atinge com sua radiação luminosa um ambiente bastante limitado, assim um espírito encarnado que apresenta modesto marco de conquistas no campo da evolução espiritual. Diante do contexto terrestre, possuir essa condição vibratória já é fator de glória e redenção pois demonstra que o espírito já é tendente ao bem, mesmo apresentando um baixo potencial vibratório. O importante é que ele já consegue iluminar a si mesmo e, portanto, iluminar, também, um pouco que seja, o ambiente a sua volta. Nas trevas, a luz desse espírito brilhará como milhões de sóis para os que nela se encontram.

Imaginemos, "agora, uma lâmpada de 100 velas. Iluminará fortemente ambientes bem mais espaçosos. Assim, também, um espírito razoavelmente evoluído que já conseguiu plasmar em si mesmo o brilho das conquistas do esforço pessoal da boa luta e do bom combate consigo mesmo nas muitas oportunidades de aprendizado. Além de já razoavelmente iluminado, sua vibração pessoal atingirá de forma bem mais abrangente o que está ao seu redor, sejam pessoas ou situações. Quando em contato com os umbrais, um espírito desse porte obriga-se a diminuir a sua própria vibração para não cegar ou ofuscar os que lá habitam temporariamente devido à afinidade energética com a desarmonia e o sofrimento.

Elevemos o padrão para uma lâmpada fosforescente com alto poder de radiação luminosa que consegue iluminar um vastíssimo ambiente em torno de si mesma. Assim um espírito bastante evoluído que, por já possuir tão magnífico porte vibratório, dificilmente se deixará perturbar diante das situações desagradáveis. Mesmo vivendo na Terra, seguirá imperturbável na busca do seu próprio caminho de bem servir aos seus irmãos e irmãs em rota evolutiva. Esse espírito consegue mesmo quando encarnado - com sua emanação energética pessoal - iluminar grandes regiões de um planeta envolvendo a muitos dos que ali vivem com suas próprias vibrações. Gandhi fez muito mais do que isso.

Como não será a vibração luminosa do Mestre Jesus? Ele que é uno com o Pai, na Sua condição, por excelência, de Preposto Maior da Deidade, investido da condição majestosa inerente ao estado vibratório do Seu Espírito de Escol, consegue envolver amorosamente a todos os seres que vivem na Terra bastando, para isso, que Ele simplesmente vibre com essa intenção.

A simples presença de Sua pessoa cósmica em ambientes próximos à Terra - desde que Ele assim o deseje - já seria suficiente para que todas as Suas ovelhas sentissem no íntimo de seus espíritos o chamamento do Pastor amado, tão grande é o poder amoroso da Sua condição espiritual.

Assim acontece conforme as conquistas evolutivas empreendidas pelo próprio esforço pessoal da individualidade. Ninguém ilumina nada ao seu redor se, em primeiro lugar, não consegue iluminar a si mesmo. E o processo de auto-instrução, de auto-iluminação requer superações intimas a todo momento na vida do espírito.

O esclarecimento, a instrução, o melhoramento intimo com a conseqüente melhoria da condição vibratória pessoal, somente virão com o dispêndio de muito esforço. Não nos enganemos. Dar vazão a tudo o que nos vem lá de dentro - sem nenhum tipo de controle - é a melhor maneira de continuarmos a ser o que sempre fomos, ou seja, espíritos orgulhosos que se permitem irradiar sobre os que estão ao seu redor, toda a sua triste e equivocada herança do pretérito espiritual, que vem à tona, sempre que nos defrontamos com situações que nos despertem essas tendências e inclinações que nos caracterizam a vida espiritual de há muito.

Quem assim procede, estaciona, e o pior: cria em torno de si mesmo uma espécie de crosta vibratória que impede tanto a luz de fora penetrar no seu íntimo quanto começar a se auto-iluminar, um pouco que seja. E, onde não há luz ocorre a escuridão porque, o que são as trevas se não a simples ausência da luz?

Realmente não nos maravilhemos com o que Jesus nos ensinou pois é necessário que venhamos a renascer tantas vezes quantas sejam necessárias até que conquistemos um estado mínimo, que seja, de aquisição vibratória, que nos permita, tanto a auto-iluminação como a capacidade de influenciar e envolver amorosamente, por pouco que possa ser, o ambiente em que estivermos inserido. Além disso, em cada oportunidade encarnatória, devemos procurar renascer intimamente em cada ocasião de aprendizado que nos for dada ao longo da vida terrena. Quem não procurar fazer isso, simplesmente não conseguirá sequer iluminar-se, um mínimo necessário, para se diferenciar das trevas.

Portanto, cada um de nós tem um marco espiritual ou vibratório que diz respeito a nossa condição evolutiva do momento em que estamos vivendo.

Se a nossa mente se fixa, equivocadamente, em certos aspectos da existência transitória, em detrimento de *certos valores eternos* que valem em todos os mundos do cosmos, será difícil provocar em nossos próprios espíritos, a condição vibratória tão necessária ao momento presente, para que o entendimento de muitas coisas que estão para ocorrer flua mais suavemente no íntimo de todos nós.

Precisamos melhorar, a todo instante, a nossa própria vibração pessoal, até porque, vamos começar a conviver com *pessoas mais evoluídas, vibratoriamente falando*, e, para que a convivência se tome mais fácil e proveitosa é mister que o façamos.

Afinal de contas, nós que ainda nos dividimos em brasileiros, alemães, senegaleses, argentinos, angolenses, russos, americanos, judeus, franceses, chineses, etc., vamos começar a conviver com seres que têm a consciência maior da chamada cidadania cósmica.

Por ser um dos assuntos do próximo livro a ser editado não nos aprofundaremos nesse tema que nos é tão atraente. Disso diremos apenas que, qual deve ser a cidadania de uma individualidade espiritual que durante um certo tempo cósmico vive em um determinado planeta; depois, em outro; mais tarde, desloca-se para viver em mais outro mundo e assim sucessivamente? Só existe uma resposta: cidadania cósmica.

Agora, qual a situação de cidadania de um espírito que, por força das leis encarnatórias, encontra-se preso a um determinado planeta e nele reencarna diversas vezes em muitas das suas regiões geográficas, a saber: uma vez no Japão, outra, no Chile, depois no Sudão, mais tarde na Suécia, etc.? Somente se admite uma resposta: cidadania planetária.

Mas, qual o nível de consciência de cidadania que carregamos no íntimo?

Modificar essa situação vibratória de puro equívoco e ilusão é luta incessante que deve nortear o caminho evolutivo de todos nós.

Não faz muito - *sideralmente falando* - éramos cidadãos cósmicos que, devido aos erros cometidos, fomos congregados, temporariamente, em um planeta que ficou isolado do resto do cosmos. Hoje, continuamos a ser cidadãos cósmicos sem que disso tenhamos, entretanto, o menor vislumbre de consciência. Sequer conseguimos nos imaginar como cidadãos planetários, quanto mais, cósmicos. Mas, essa percepção mudará exatamente na mesma proporção em que venhamos a despir os nossos espíritos de certos valores transitórios profundamente equivocados que ilusoriamente cultuamos como se fossem belos padrões de conduta. Puro atraso de vida espiritual.

Realmente não faz muito que, no planeta Zian, em Capela, o velho mestre codificador, na sede do seu departamento de pesquisa. recebeu um relatório, em placas magnéticas, ainda inacabado, de uma equipe que estava em missão em um belo planeta azul.

Recordava-se, sempre, com carinho, dos seus alunos na arte de codificar. Orientava a muitos grupos de estudantes, entre os quais, um que era formado por cinco membros da família Val. Em especial, lembrava-se de um deles, com quem trocava costumeiramente informações acerca da vida cósmica e dos aspectos evolutivos.

Nunca é demais se refletir a respeito do tempo de vida útil dos diversos tipos e categorias de corpos comuns a cada planeta ou grupo de planetas.

No caso terrestre, a componente celular do corpo humano suporta em média cerca de oitenta giros em torno do Sol. Em 2.030, aproximadamente, a ciência espera que essa expectativa de vida passe a ser de 130 anos. Mas, para o que queremos significar, vamos tomar a média de vida terrena diante das condições reinantes como sendo a de 100 anos ou cem períodos completos de translação do nosso planeta ao redor do Sol.

Extrapolando, agora, essa tese sobre o tempo de vida na Terra para outros mundos, vamos também supor que a vida de um ser em qualquer planeta, duraria, em média, cerca de cem anos no fuso horário de qualquer orbe.

Dessa forma, Netuno, nosso vizinho próximo, para completar um giro orbital completo em torno da nossa estrela, leva cerca de 165 anos terrestres. Se houvesse, portanto, a título de exemplo, vida em Netuno, e supondo um tempo de vida útil para os *netunianos* de cem giros ao redor do Sol da mesma forma com que fizemos para com os seres terrenos, em termos de nosso tempo, um ser que lá residisse viveria cerca de 16.500 anos terrestres, ou seja, cem anos netunianos. Dez anos em Netuno corresponderiam a 1.650 anos terrestres. Ou seja, sob a ótica do tempo netuniano, o Mestre esteve na Terra há, aproximadamente, doze anos. E sob a ótica do tempo capelino? Pode ter sido ontem.

Vamos, agora, imaginar, que o período de uma órbita completa do planeta Zian ao redor de um hipotético centro gravitacional no sistema múltiplo de Capela, correspondesse ao período de tempo no qual a T erra daria cerca de quatro mil e trezentas voltas ao redor do Sol.

Vamos, também, supor, que em Zian, devido ao avançado nível energético e tecnológico lá existente, o tempo de vida útil de um corpo comum a esse mundo, não fosse, como no caso terrestre, de cem períodos de translação, mas sim, de mil.

Explicando melhor, um ser terráqueo suporta viver cem anos ao redor de sua estrela enquanto que um ser de Zian conseguiria viver mil anos, ou seja, mil voltas planetárias ao redor do hipotético centro gravitacional do sistema múltiplo de Capela.

Da mesma forma como, aqui na Terra, estamos hoje ainda nos referindo, por exemplo, à queda do muro de Berlim, ocorrida há tão poucos anos, lá em Zian, também nos tempos atuais, o chefe do departamento de pesquisa e codificação, ainda aguarda que uma certa família retome para complementar uma tarefa que foi interrompida há algum tempo pois, para ele, o problema que terminou por atrapalhar a consecução dos trabalhos, ocorreu há poucas dias daquele mundo.

Através de um determinado instrumento que na T erra pareceria uma potente "tela de vídeo tridimensional" passa a observar o seu aluno, na atualidade planetária do mundo azul, em pleno ano de 1996, conforme a marcação do calendário terrestre depois do aparecimento de Jesus.

O velho mestre codificador ri consigo mesmo, lembrando-se que, agora, aquele aluno com quem tanto se afinava, estava justamente reencarnado no mundo para o qual, inicialmente, havia se dirigido, atendendo à solicitação do Mestre que objetivava pesquisar a influência de certas vibrações sobre alguns seres aquáticos que ali existiam.

O interessante - pensava ele - é que mesmo sem ter concluído o aprendizado de todas as matérias necessárias à arte de codificar, assim mesmo o seu aluno estava desenvolvendo trabalho de caráter codificador no mundo azul, conforme as circunstâncias ali reinantes. Ah! Como deveria ter experiências para contar, pensava consigo mesmo.

Como são interessantes os caminhos evolutivos, continuava a refletir o codificador de Zian. A equipe Val poderá completar o relatório daqui a mais algum tempo e, agora, com muito mais conhecimento de causa.

Aciona um mecanismo que fecha os registros do relatório inacabado, lembrando-se dos membros Vai com carinho. Recorda-se, também. de Yel Luzbel, seu antigo aluno e parceiro de algumas pesquisas científicas, que estava, agora, trabalhando com todo afinco pela reintegração daquele último planeta rebelado ao circuito da convivência cósmica.

Talvez, pensou ele, tudo o que o Luzbel e os que o seguiram deveriam ter percebido, naquela época, é que o Pai é intraduzível. Suas obras, criações e atributos, estes sim, são passíveis de serem traduzidos porquanto expressões exteriores da Deidade e que são, justamente, os meios e estímulos dos quais se serve o Seu amor, para fazer evoluir, através dos evos, todos os filhos e filhas espalhados pelo cosmos.

Mas, o velho codificador de Zian precisava terminar outros trabalhos pois, dentro de um pouco mais, a família Val retomaria e solicitar-lhe-ia o relatório inacabado para pôr fim a um infeliz incidente que ocorrera e impedira a realização da tarefa.

Ah! Lembra-se, de repente, observando a atmosfera naquele momento algo esverdeada, produto da mistura das emanações das estrelas que formam o sistema: não havia ainda sequer descansado desde que começara o problema.

Cronologia de Eventos

♦ antes de ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ outras experiências existenciais que no futuro serão explicadas.

♦ ≈ 3.000.000 anos a.C. ⟶ chegada das primeiras levas de humanóides (seres especialmente preparados para a vida na Terra, possuidores de grande nível instintivo mas ainda não dotados da luz da razão).

♦ ≈ 1.000.000 a 950.000 anos a. C. ⟶ quatro grupos distintos, já bastante melhorados, porquanto resultantes das múltiplas experiências ocorridas ao longo do tempo, foram deixados na Terra, para uma espécie de teste final quanto à adaptação climática e, em especial à questão gravitacional. Ao final do período de testes e ajustes, seria decidido se um, alguns ou todos os grupos permaneceriam no planeta. O que desse processo resultasse, seria a base de humanóides que, juntamente com os seres mais evoluídos que chegariam em um segundo momento, formariam a humanidade futura. Cerca de quarenta mil humanóides se dividiam entre os quatro grupos, cujos portes variavam entre sessenta centímetros e dois metros de altura, possuindo, todos, pele acinzentada. A essa altura, mais uma leva de espíritos simples e ignorantes mas com a herança maior da luz do raciocínio com a conseqüente responsabilidade cármica, estava apta a iniciar a jornada evolutiva de ascensão espiritual na Terra, encarnando nos corpos resultantes dos cruzamentos desses humanóides.

♦ ≈ 800.000 anos a.C. ⟶ chegada de equipes de seres mais evoluídos de diversas origens planetárias, para conviverem, diretamente, com os já existentes. Esses irmãos passaram por toda uma série de adaptações nas suas condições energéticas e, em especial, nos seus corpos, para tomar possível a permanência na Terra. O objetivo era a edificação do portal cósmico.

♦ ≈ 742.000 anos a.C. ⟶ início da inquietação de Lúcifer nos sistema de Capela.

♦ ≈ 687.000 a.C. ⟶ começa a rebelião de Lúcifer. Durante os próximos 68.000 anos, vários seguidores de Lúcifer visitam a Terra e outros orbes, propagando os postulados da rebelião.

♦ ≈ 619.000 a.C. ⟶ a Terra e outros mundos rebelados têm seus circuitos de convivência cósmica cortados. Início do período de isolamento cósmico. Começam a chegar os primeiros exilados de expurgos planetários conseqüentes à rebelião. Muitos vêm no estado de espíritos desencarnados. Outros, entretanto, aqui aportam em naves espaciais.

♦ ≈ 100.000 anos a.C. ⟶ a Terra passa a ser o último e único planeta rebelado. A partir de então, tudo o que restava das forças conscientes da falange revolucionária estava congregado no

nosso planeta. Lúcifer desloca-se para a Terra e desembarca na base Atlan que, na atualidade, é a cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

♦ ≈ 63.000 anos a.C. ⟶ primeiro grande desastre atlante. Decadência total da civilização planetária. A Terra entra em um período de impasse energético jamais percebido pelas hostes da Deidade que perdurou por cerca de 23.000 anos.

♦ ≈ 40.000 anos a. C. ⟶ chegam outros exilados cerca de 5 bilhões de individualidades, sendo, alguns poucos, em suas próprias naves, e a grande maioria no estado de espíritos desencarnados - que foram remanescentes de processos expurgos retardados, ainda provenientes da rebelião de Lúcifer, como, também, de reciclagens vibratórias de alguns mundos, com vistas a outros objetivos evolutivos. Por essa época, a Terra já contava com uma população de cerca de 20 bilhões de individualidades cósmicas, entre encarnados e desencarnados. A partir de então, a população planetária passou a ser de, aproximadamente, 25 bilhões de seres.

♦ ≈ 12.000 anos a.C. ⟶ fim da civilização atlante. A partir da confusa mistura de um cataclismo, dos efeitos decorrentes de experimentos e problemas com alguns artefatos herdados das gerações atlantes do passado remotíssimo e mais um evento astronômico, a grande civilização atlante ficou reduzida a cinco núcleos principais que se espalharam pela Terra.

♦ ≈ 11.000 anos a.C. ⟶ chegada de algumas dezenas de milhares de exilados, todos no estado de espíritos desencarnados, provenientes, também, de alguns expurgos retardados de Capela e Antares. Essa foi a última leva de exilados que veio para o nosso planeta.

♦ ≈ 8.000 anos a.C. ⟶ os remanescentes dos atlantes começam a sucumbir por problemas diversos. Alguns grupos de ex-atlantes se espalham ainda mais pela Terra. Na Índia, por exemplo, entram em confronto com a população local sendo eles - os ex-atlantes - uma das partes envolvidas nos conflitos descritos nos Vedas.

♦ ≈ 4.000 anos a.C. ⟶ Jeová assume a coordenação dos trabalhos das equipes do Mestre no planeta Terra.

♦ ≈ 300 anos a. C. ⟶ Jeová dá por concluída a sua missão e retira-se do ambiente terreno. A partir de então os extraterrestres passam a acompanhar, discretamente a evolução planetária.

♦ 27 d.C. ⟶ consumada a crucificação do Mestre, Lúcifer é retirado do ambiente terreno. Satã, seu principal companheiro de desdita, assume o comando do que restava da rebelião.

♦ 1940 d.C. ⟶ os extraterrestres começam a, novamente, se fazerem percebidos, obedecendo ao plano de preparação planetária, para a reintegração cósmica da Terra.

♦ 1993 d.C. ⟶ em trabalho desenvolvido pela Espiritualidade Maior, Satã é assistido fraternalmente, sendo, desde então, retirado dos ambientes astrais terrenos.

Passado e Presente

Há cerca de, aproximadamente, dois mil anos, estava, o espírito do autor terreno da presente obra, personificando o então centurião romano que executou a crucificação do Mestre.

Recorda-me, agora, a Espiritualidade, que, em certo momento após a morte do crucificado do meio, já depois de ter ajudado - com certa má vontade - a um grupo comandado por José de Arimatéia a levar o corpo de Jesus até determinada propriedade que lhe pertencia, localizada relativamente próxima ao local da execução, voltei ao alojamento da guarda pretendendo colocar um fim ao "fatigante dia de trabalho".

Concluídas as últimas obrigações, dirigi-me a um certo local bastante agradável que, desde que chegara à Jerusalém. costumava freqüentar e, buscando a solidão, quedei-me pensativo a respeito do futuro. Mas, àquele momento presente, como espécie de denso nevoeiro a dificultar a visão, convergiam todas as recordações e a capacidade de refletir para uma série de acontecimentos singulares que haviam ocorrido apenas há algumas poucas horas. Era como se não houvesse futuro. Tudo convergia para aquelas horas.

Profundamente marcado pela forma estranha e pacífica daquele crucificado portar-se até o último momento, perguntava a mim mesmo o significado da vida e da morte. Nem uma coisa nem outra fazia muito sentido naquele momento.

Pouco ou nada consegui concluir na apressada tentativa de reflexão mas, interiormente, o desassossego era enorme e, tão envolvente era a inquietação íntima, que a sensação de não existir - vislumbrada rapidamente naquele instante perdido - parecera-me mais alentadora e menos complicada que a vida.

Problemas e mais problemas. Era só o que conseguia conquistar, agisse certo ou errado, pensava naquele instante, enquanto me retirava daquele local, sempre agradável, mas que, naquela hora, parecia o próprio onde ocorrera a crucificação, tamanha era a herança das sensações vividas há pouco.

Retirei-me procurando ambiente mais movimentado pois, de repente, a solidão que tanto apreciava parecia a mais desagradável das companheiras.

Caminhando por entre as ruas encontrei um outro centurião que estava acompanhado por um homem de certa idade, com aparência muito distinta, que julguei ser de origem grega.

Convidado a acompanhá-los a uma aprazível noitada demos início a uma agradável prosa, apesar de notar a insistência com que o grego me observava.

Depois de um certo tempo, falou-nos, então, que havia me visto no comando da crucificação do homem a que ele chamou de grande mestre. E, de forma fraterna, sem nenhuma agressividade, disse-nos, também, que viera até aquelas terras apenas para conhecê-Lo pois Ele

deveria conhecer a tão buscada verdade posto que a pregara e testemunhara até na hora de Sua morte.

Observei o perfil do grego que falava olhando para "canto nenhum" fixo no espaço e perguntei a sua opinião a respeito da vida e da morte. Ele, sem mudar a direção do seu olhar, disse-nos que a vida era trabalho e desenvolvimento interior e a morte, nada mais do que passagem renovadora para outras vidas e novos trabalhos.

Sorrimos - eu e meu companheiro centurião - à moda superior dos romanos e, o grego - que depois soube ser discípulo dos ensinamentos de Pitágoras pois pertencia a uma certa escola iniciática que também era freqüentada por um outro conhecido do centurião que me acompanhava - olhou-me de frente e afirmou que a morte era, na realidade, a chave do infinito pois as portas da eternidade somente se abriam para nós quando morríamos.

Sorri novamente e o grego, que não havia deixado de me encarar fraternalmente, sorriu também de forma suave e, chamando-me pelo nome, afirmou que trabalhos futuros, em vidas futuras que não podia sequer sonhar, aguardavam o meu espírito e, dizia ele, somente esperava que com a mesma eficiência com que havia me dedicado ao cumprimento das leis de Roma crucificando aqueles homens, me dedicasse, também, no futuro, ao trabalho do cultivo e adubação das sementes da Verdade Maior que aquele mesmo homem que acabara de crucificar, havia nos legado, através do Seu sacrifício pessoal.

Não notei, nenhum tipo de incriminação nas entrelinhas das palavras daquele grego cuja postura fraterna e respeitosa conquistara minha simpatia. Também nada entendi do que ele disse, se é que ele havia dito alguma coisa além das bobagens que, de vez em quando, escutava, tão comuns àqueles que se achavam vinculados a alguma crença ou qualquer outro tipo de tolice, pensava comigo mesmo.

Conversamos um pouco mais sem retomar ao assunto enfocado e despedimo-nos fraternalmente logo depois.

Fomos todos em busca do sono reparador. Entretanto, antes de adormecer, pensei o que seria aquilo tudo de vidas e trabalhos futuros. Voltei a sorrir intimamente - com aquele senso de superioridade que me caracterizava a então *alma romana* - e adormeci para acordar, quase dois mil anos depois, desenvolvendo, no momento presente, trabalhos que envergonhariam profundamente a espada, e todos os valores que com ela eram exaltados, quando empunhada, no passado, pela glória de Roma.

Sentir-se em paz frente ao que se está fazendo foi sensação que aquele centurião romano jamais conseguiu conquistar enquanto cumpria as leis do mundo, empunhando a espada em nome do poder dos Césares.

O marco evolutivo que caracterizava o seu espírito naquele tempo era incompatível com a conquista da paz interior.

Muitas espadas teve que deixar ao largo para tentar evoluir na busca da paz imorredoura.

Da ignorância da força bruta para o orgulho não menos ignorante da razão. Desta para a crença. Da crença para a fé raciocinada. Hoje, a certeza humilde de que, o único aspecto meritório do espírito reside em harmonizar-se com o Pai, o Mestre e os demais irmãos e irmãs de caminhada cósmica, ou seja, tudo resume-se ao que o Mestre de há muito já nos ensinou como sendo o maior dos mandamentos: o "amai-vos uns aos outros".

A conquista dessa certeza humilde, porém, inquebrantável, de que tudo o que precisamos é amor e tudo o que devemos fazer é amar incondicionalmente mesmo que não o consigamos em potenciais mais elevados - fornece o equilíbrio mínimo para que, espíritos ainda tão imperfeitos como o que ainda me caracteriza a existência, se permita servir de instrumento, mesmo que tosco, para expressões informativas tão amorosas.

Esses trabalhos eram sonhos que não podiam ser sonhados, pelo meu espírito, àquela época. A misericórdia do Mestre permitiu que, através de um sonho alheio, de um companheiro de momento que somente mais tarde voltaria a encontrar, a semente fosse plantada no meu espírito.

Hoje, decorridos dois mil anos, os trabalhos futuros que nos aguardam neste novo milênio também não podem ser percebidos, no presente, pelos nossos espíritos.

O grupo Val de Zian - como os demais que atualmente pertencem às hostes do Mestre - após a conclusão do atual processo de transição pelo qual passa o orbe terrestre, ou seja, de planeta de expiação para o estado de mundo regenerado, se reunirá na segunda metade do primeiro século do terceiro milênio para uma tomada de posição conjunta e a conseqüente divisão de trabalhos e tarefas redentoras, concernentes ao programa de espiritualização planetária e suas conseqüências cósmicas.

Se alguém se pusesse a desenvolver, mesmo que a título de ficção, os possíveis campos de tarefas e as múltiplas necessidades que surgirão, a partir de agora, no dia a dia da vida planetária, como conseqüência da elevação do nível de vida terrestre e convivência com os irmãos e irmãs de outros orbes, seguramente veria sorrisos de aparente superioridade diante de si.

Mas, pouco importa. Que a caminhada dos que, porventura, lerem essas páginas, rumo ao futuro planetário, seja mais amena e suave do que a deste escrevente, até os dias atuais.

Que os nossos amigos - gregos ou não - nos encontrem nas estradas da vida e nos façam sonhar novos sonhos no caminho da redenção espiritual, para que possamos conquistar, com o trabalho realizado, paz para as nossas consciências e benefícios existenciais para aqueles que nos rodeiam a jornada evolutiva.

J. V. Ellam.

Trilogia:

Queda e Ascensão Espiritual

É senso comum que, normalmente, a verdade termina por se tornar vítima de toda situação onde a tônica seja o choque de interesses diversos. Ocorrem casos em que ela simplesmente permanece escondida porque a aparente realidade não consegue aceitá-la, transformando, dessa forma, o que tomamos por real em tola ilusão. Mas disso não nos apercebemos. Em certas ocasiões ela está sempre por ser descoberta. É assim no campo da fé religiosa, da crença fanática, das ocorrências políticas, enfim, no nosso mundo.

Outros há em que, por ser a verdade um conceito de grande magnitude em relação à pequenez humana, o melhor que se pode pretender é afastar o ser terreno da mentira e da ignorância. Bem ou mal, devemos àqueles que se dedicam às ciências, a instrumentalização do caminho mais seguro de se procurar a evolução com bases sólidas. É no campo dos postulados científicos que se assenta a grande mola propulsora do progresso humano. Estes, somente são assumidos como verdades, depois de serem demonstrados. E é bom que seja assim pois, mesmo com outros problemas decorrentes dessa metodologia - não da ciência em si, mas, de certos cientistas que fazem da ciência um campo limitado as suas próprias percepções, às vezes fortemente dogmáticas - o conhecimento científico é caminho seguro de evolução desde que iluminado pela luz da ética e da moral humanas.

A ciência jamais se permite ser processo acabado - seja diante da nossa atual condição ou mesmo de outros níveis existenciais - e o fato dela estar sempre por ser concluída, estimula o ser terrestre a caminhar sem se deter em posturas estacionárias estéreis que entronizam as tolas ortodoxias.

Não podemos e nem devemos mudar de paradigmas pura e simplesmente através da fé. Até porque foi isso que a humanidade terrena fez durante muitas etapas de sua trôpega história e o triste resultado todos conhecem. Entre os campos da perquirição humana deverá ser sempre a ciência a dar o primeiro passo nesse sentido. Só que ela não pode assumir papel de juiz quanto ao que se pode ou não pesquisar, quanto ao que se deve ou não ser tomado como probabilidade de perquirição humana. Ela não pode relegar certos temas - somente por envolverem questões de fé e crença religiosa - ao equivocado culto do menosprezo de alguns de seus postulantes quanto àqueles que, talvez possuidores de espíritos mais abertos, se lançam a certas pesquisas de vanguarda. Estes, por sua vez, passam a afrontar a ciência como se fosse possível chegar a algum resultado sem o seu concurso.

Existe uma grande quantidade de proto-ciências como querem alguns, ou de pseudo-ciências, como preferem outros, surgindo a cada dia que passa em um dos campos da existência humana onde a ciência clássica, talvez, tenha negligenciado com a atenção necessária, para que os temas a ele pertinentes fossem estudados com os devidos critérios: aqueles que se relacionam com

a vida após a morte, o espírito, a reencarnação, métodos das ciências dos povos do passado de se prever possibilidades futuras, enfim, diversas tradições esotéricas em geral.

Apenas para exemplificar, às vezes me pergunto quanto a. medicina ocidental não perde por sequer se dignar a olhar a metodologia e os procedimentos com os quais se praticam a arte médica no Oriente. Qual é a mais antiga? Qual a cultura que, há mais tempo, pratica e vivencia a medicina? A ocidental ou a oriental? Se a oriental tem muito mais "tempo de vida e aprendizado" do que a ocidental, por que esta não procura ao menos estudar as características daquela? Será porque a cultura médica oriental parte do pressuposto de que o ser humano tem um corpo sutil e, como tal, os diagnósticos referentes apenas ao seu corpo biológico, deixam algo a desejar diante de certos problemas que o Ocidente não consegue resolver?

Mas, perguntemo-nos ainda, e se esse tal de corpo sutil existir mesmo e tiver uma anatomia e fisiologia próprias e se for ele, realmente, a base sobre a qual está constituído o corpo material, o que estará fazendo a medicina ocidental a não ser tratar de efeitos sem a menor noção das causas de certos problemas que pretende atacar? E esse corpo sutil existe. Tal conclusão não é uma questão de fé. É um simples resultado de um processo observacional.

Não sei se o uso de certos poderes inerentes à constituição cósmica do ser humano, quando utilizados para o fim de curar e ajudar o próximo, não iria contra interesses financeiros de certos grupos.

De toda forma, jamais o homem prescindirá da medicina ocidental nos moldes em que ela hoje é praticada. Isto é um fato. Entretanto, a prática médica do Ocidente, pensa que pode prescindir do grande arcabouço de experiências e conhecimentos da medicina oriental e, tal fato se dá ou por orgulho, ignorância ou interesses inconfessáveis. Seja lá pelo que for, é um desserviço à humanidade. Isto, também, é um outro fato.

Sem a ciência não iremos a lugar nenhum. Porém, ciência sem alma é o mesmo que o sepulcro caiado do qual nos alertava o Mestre.

Sem a ciência para esclarecer a atitude íntima da boa fé e da boa crença religiosa sabe Deus onde ainda estaríamos. Da mesma forma, sem o devido conteúdo moral das atitudes humanas diante das potencialidades científicas, nem precisamos recorrer a Deus para descobrir: seria o fim da experiência existencial terráquea. Daí a importância da fé esclarecida e da ciência espiritualizada.

Pena que muitos cientistas estejam vinculados e, por força disso, obedientes a interesses muitas vezes inconfessáveis, o que faz com que alguns confundam o essencial com o acessório, ou seja, passam a criticar a ciência em vez de a alguns cientistas merecedores da corrigenda quanto à postura assumida. Assim, muitos vendem a alma, não da ciência, mas deles mesmos, em nome de objetivos altamente danosos à dignidade humana.

Mas, com esses dois alicerces envolvendo a ciência e a moral humanas solidamente plantados na Terra, os *céus fariam chover luzes de esclarecimento e estímulo* para a eterna busca da verdade - ou para o eterno afastamento da ignorância e das trevas conforme as possibilidades da comunidade planetária.

Sem que possamos obter respostas ou ao menos formular questões inteligentes a respeito do significado da existência e de suas variáveis circunstanciais não seria conveniente, diante do que entendemos por racionalidade, dogmatizar a respeito de assuntos tão complexos que, por enquanto, se encontram além dos limites das possibilidades da ciência e percepção humanas.

Alguns desses tópicos sequer foram adequadamente propostos enquanto questões a serem solucionadas. Mesmo sem sequer termos equacionado razoavelmente o que se pretende descobrir temos tendência a apresentar respostas que, como novos paradigmas, norteiam os esforços de pesquisa e, se não estiverem de acordo com o que for conveniente ao modelo criado, serão execrados ou tidos como coisas menores ou ilusórias.

Se, devido ao impasse criado pela própria humanidade terrena, outros níveis existenciais tentam, de alguma maneira, fornecer alguns padrões de pesquisa e de reflexão para ajudar - já que estamos presos a um modelo estéril de viver, cheio de dogmas, preconceitos e intolerâncias de toda ordem - tudo o que de lá vem podia ao menos ser examinado criteriosamente antes de ser relegado à vala comum do que se considera como sendo mistificação barata ou ficcionismo de segunda categoria.

Por enquanto - mas, por pouco tempo - o que de lá vem, continua a não ser examinado por certas correntes científicas porque o racionalismo estabelece a aceitação apenas do que pode ser demonstrado, como se os atuais cinco sentidos e a inteligência dos seres terrestres pudessem abarcar todos os níveis da grande obra universal.

Esse mesmo racionalismo, na sua versão clássica, sonhava no passado e hoje pretende atingir o que alguns chamam de *conhecimento completo*. Muitos homens e mulheres de ciência intentam produzir uma espécie de fórmula final que explicaria tudo. Será que isso é possível? Será que percebemos o cosmos de forma apropriada para termos tal pretensão? Será que esta é cabível e procedente em termos de análise racional?

Algum dia alguém vivendo na condição terrena terá condições de apreender o todo? É razoável esperar que isso ocorra? Ou não seria mais sábio refletirmos a respeito de que podemos, sim, ter um sentido do todo mas jamais apreender a totalidade. Será que não está se pretendendo transformar uma onisciência que, se existir - e de fato existe pelo que nos é informado - será sempre um atributo da Deidade, em mera conquista consciencial terrena? Não estamos repetindo Lúcifer com esse tipo de postura?

Somos parcelas incorporadas ao universo, ou seja, vivemos dentro ou no meio dele, nos seus muitos níveis existenciais que, segundo a ciência clássica, podem, realmente existir, apesar de que, deles, não se tem ainda maiores evidências. Assim sendo, somente podemos perceber o cosmos como parcelas incorporadas ao que estamos tentando descrever. Pergunto-me: será que esse fato não limita a racionalidade e a percepção do ser terrestre? Temos que levar em conta a nossa própria incorporação ao mundo que tentamos descrever. Isso faz com que a percepção científica caminhe apenas até um certo ponto. É o próprio limite da imperfeição e da condição humanas.

O racionalismo, por sua vez, não convive bem com o empirismo - que admite a origem do conhecimento como sendo este provindo unicamente da experiência.

A maioria dos homens e mulheres de ciência é tendente ao racionalismo o que, não é em si mesmo, nenhum problema ou solução pois, a nosso ver, é apenas um dos muitos caminhos para se buscar a verdade ou seus muitos aspectos ou, em última análise, afastar o ser humano da crendice barata e da ignorância. Entretanto, dependendo do que se queira pesquisar, há de se ter a noção de limite das potencialidades científicas do momento, como também, dos da percepção humana.

Simplesmente porque Deus não cabe ou não pode ser equacionado pela ciência terrena é inteligente que, por processo de inferência tão simplificada, afirmemos que Ele não existe? Desde quando a ciência da Terra atingiu nível tão elevado que se possa permitir pontificar a respeito do que existe ou deixa de existir? O que sabe a ciência atual a respeito do Espírito ou o que sabemos nós da realidade da vida? O que é mesmo realidade?

Para alguns realidade é o que pode ser observado e medido. Obviamente, isso é correto. Mas, existem coisas que ainda não nos foi dado percebê-las e conhecê-las. Por isso não fazem parte da realidade, pelo simples fato de não as conhecermos? Mas, se existem e, mesmo não sendo percebidas, exercem algum tipo de Influência - que também não pode ser medida ainda - sobre a humanidade, como pontificar a respeito com tanta segurança e pretensão?

É claro que somente podemos ter consciência do que pode ser medido e observado. A percepção consciente é o processo mais imediato de convivência com o que nos rodeia. Se não temos consciência não podemos agir inteligentemente diante do que não é ou tunda não foi percebido. Mas, se o que não é ou ainda não foi percebido pelas limitações humanas, realmente, existir e influenciar certos fatores da vida terrena, como se comportar diante dessa questão?

Esse é o grande dilema comportamental da humanidade nos dias de hoje ante os novos tempos que já se anunciam. E isso tudo ou parte do que ainda não se percebe objetivamente a qualquer momento vai se fazer perceber, como se o véu que a tudo cobrisse, fosse, rasgado por mãos misericordiosas. Todo o contexto cósmico que nos rodeia se fará perceptível em seus muitos níveis de complexidade e a todos surpreenderá.

Mas, e quanto à maneira de pensar e agir do ser terreno? O que o homem está fazendo com o seu semelhante? E com a Terra? E o que ele já fez no passado? Será que sempre produziremos resultados que Jamais foram pretendidos? Ou foram? O ser humano ainda tem capacidade de lidar com essa situação que ele mesmo produziu? A raça humana tem consciência do que fez e ainda está fazendo? Afinal de contas, a humanidade terrena tem consciência de alguma coisa? Será que não estamos confundindo consciência com conhecimento e inteligência? É bom não esquecer que a maioria dos homens e mulheres da Terra tem conhecimento e inteligência mas não tem consciência. Sabem de certas coisas mas não têm consciência do que sabem.

Mas, o que é consciência? Qual a origem da consciência? De onde ela surgiu? Se houve uma época em que não existia na Terra, de onde, como, por quê e quando ela surgiu? Se a consciência não surge ao longo do tempo ou por efeito deste, como apareceu? Se o homem fosse, realmente, descendente dos primatas ou de um ancestral comum a ambos - seria inteligente supor que outros exemplares deste ramo estariam, nos dias de hoje, se transformando em homens, adquirindo consciência? Convenhamos, isso não está ocorrendo e tal suposição não encontra

sustentação mesmo no pouco que já se pensa conhecer a respeito da origem da consciência e da origem humanas.

Se não concluímos nada a respeito de assunto tão complexo, como é que pretendemos estabelecer certezas científicas quanto ao que não pode existir ou ter existido no passado terrestre?

Diz-se que a ilusão somente pode ser percebida através da incoerência. Se desta não nos apercebermos daquela também não daremos conta. E o que é mais incoerente do que o atual modelo de vida terrena?

Guerras, assassinatos, drogas, inveja, desamor, calúnias públicas irresponsáveis, interesses mesquinhos, etc., e achamos tudo isso muito normal. Se não percebemos a própria incoerência, de que forma estamos, pois, vivendo, a não ser num estágio mental de brutal ilusão?

Nos relacionamos com tudo o que nos rodeia através de processos íntimos de percepção e coexistência com o ambiente externo e não através de processos exteriorizados que vêm de fora para dentro. A consciência é produto da relação interna com o todo. Assimilamos o todo que conseguimos perceber e agimos em relação a ele dentro das nossas limitações de percepção. E, o que assimilamos, determina, basicamente, o que somos. Se assimilamos tão pouco o que devemos pensar a respeito do que somos ou pretendemos ser?

Será que realmente existe a consciência de que precisamos de uma nova ordem mundial? De enfocar a vida na Terra sob uma outra ótica?

Um outro grande problema é que as doutrinas filosóficas são, muitas vezes, excludentes, o que toma o mundo científico, às vezes, tão ou mais dogmático do que o religioso.

O Espiritismo é um bom exemplo disso. Por ser uma doutrina filosófico-espiritualista e ter como foco de origem para a existência do ser e seus efeitos inteligentes o Espírito e, mais ainda, por ter definido o caminho de evolução dos postulados científicos inerentes ao fator espiritual como sendo experimental - sendo esta a única forma de procedimento possível diante dos fatos - somente, nos dias atuais, começa a ser estudado por corajosos cientistas que buscam a verdade ainda que criticados por muitos.

São, na realidade, homens e mulheres com brilho próprio e que intuem os caminhos do porvir e com eles interagem de forma esclarecida e dignificante.

Assim o dizemos porque a presente trilogia não se enquadra em nenhum dos campos doutrinários do conhecimento e nem pertence a qualquer doutrina religiosa até porque, provavelmente, não seria aceita por nenhuma, pois, onde existe sistema fechado de crenças e de informações, qualquer aspecto novo termina por perturbar a inércia do pensamento. É normal que assim seja; é da própria condição humana. Em assim dizendo, estamos simplesmente afirmando que, as informações aqui constantes, não devem ser bem aceitas por qualquer um que esteja radicalmente vinculado a qualquer tipo de credo ou método científico.

A bem da verdade, nem mesmo precisam ser aceitas porque, se forem procedentes, o futuro se encarregará de demonstrar, a curto prazo, dentro mesmo da psicologia do próprio tempo terrestre. Portanto, não é preocupação do autor terreno da presente trilogia que se acredite se aceite

ou não, o que está sendo informado. Seguramente, os olhos que puderem perceber, perceberão. Os que tiverem sensibilidade espiritual potencializada por estímulos do Alto para sentir, sentirão.

Também não nos intimida o patrulhamento e a desqualificação pessoal que, nos dias atuais, muito têm limitado o exercício do pensamento.

Mas é importante que, tudo o que aqui foi informado, seja analisado, pesquisado e refletido criteriosamente, antes de ser admitido pelo menos como lima possibilidade. Mais do que isso não se pretende, pois entrar-se-ía no campo da crença e da fé, o que não é o caso.

Perguntamo-nos, apenas, como seria possível à Espiritualidade, esclarecer algo que não possa estar contido dentro dos padrões científicos da atualidade? Ou o que se pretende esclarecer é possível de ser encaixado dentro dos critérios dos atuais modelos de percepção, ou então, talvez fosse melhor, sequer tentar algum tipo de procedimento com esse objetivo.

Mas, e o passado terrestre? É possível que o conhecimento humano tenha caído numa espécie de armadilha criada pela sua própria ignorância? Ou serão o orgulho e a tendência assassina de a tudo destruir, de parte da família terrena, que tornaram impossível o "olhar para trás e perceber alguns aspectos básicos da nossa história"?

Quantos registros históricos foram barbaramente destruídos pelo proselitismo assassino de certas posturas religiosas ou mesmo de mentes enlouquecidas quando do trato com o exercício do poder temporal?

Isto, apenas para lembrar algo do pouco que ficou registrado no conhecimento humano das loucuras feitas no passado por muitos dirigentes que terminaram por privar a coletividade planetária de esclarecimentos e informações que poderiam ter modificado em muito os caminhos que a humanidade terminou por seguir.

Durante séculos, qualquer agente do poder católico, onde percebesse qualquer tipo de informação de caráter religioso ou não, que fosse promovido ou proveniente de qualquer outro sistema de idéias ou de crença que não o católico, deveria destruir tais *fontes diabólicas*. Verdadeiras obras de arte, registros arqueológicos, escritos diversos e tudo o mais que não fosse promovido. pela Igreja Católica foram destruídos em nome dAquele que veio justamente para amar e esclarecer.

Papas e outras autoridades do clero, em nome da intolerância - que pode até ter sido ensinada por alguém, jamais por Jesus que era e é exemplo maior de tolerância para com todos pois que pregava e testemunhava o amor até aos próprios inimigos destruíram verdadeiros tesouros da antiguidade referentes às religiões chamadas primitivas, tendo, inclusive, delas copiado muitas coisas travestindo-as apenas com a roupagem católica.

Recuando no tempo, na Babilônia, um rei tresloucado ordenou que se destruíssem todas as bibliotecas e todos os registros de tudo o que se referisse a períodos anteriores ao seu reinado.

Na China, em 213 a.C., foram queimadas todas as bibliotecas que detinham o conhecimento dos últimos vinte e cinco séculos.

Será que com tudo isso - e muito mais que aconteceu nesse campo de queima de registros que podiam ter modificado a história da Terra - não perdemos o elo com o nosso verdadeiro passado?

Por que, na atualidade, certas *verdades históricas* estão sendo questionadas por novas evidências? Porque, simplesmente, a História jamais será um produto acabado. Ela evoluirá sempre com os fatos. O mínimo de bom senso, de lógica e de racionalidade, indicam que, se a História se escreve na medida em que ela é percebida, sobre suas páginas não se deveriam formar dogmas imutáveis. Mas, dentro das culturas históricas das nações quanto de dogma não existe? E o pior, gerados a partir de distorções históricas.

Afinal, quem descobriu a América: Colombo ou Leif Erickson, o viking, muito tempo antes do primeiro? Mas, e antes do próprio Leif Erickson?

Quantas *verdades históricas* como essa não estão sendo contestadas nos dias atuais? E no futuro, quantas não o serão? O passado será inevitavelmente revisto porque a marcha da evolução humana assim impõe. Mas, e nos dias atuais? Como se proceder em relação ao passado? O que dele podemos dizer se é que, alguma coisa mais podemos conhecer, além do que já se pensa saber?

Por que dele estamos deserdados como órfãos, separados de forma irreversível das origens de nossa própria existência? Será que estamos inapelavelmente destinados a jamais conhecer o passado em toda a sua plenitude?

Alguns pretendem mesmo desvalorizar a História como se esta não nos pudesse mais oferecer lições. Pensam esses que o progresso tecnológico promoveu mudanças e transformações de tamanha magnitude que, examinar o passado, seria perda de tempo e, na mais generosa possibilidade, uma excentricidade ou mesmo uma postura científica anacrônica.

Já se diz, em relação ao habitante da Terra, que ele não sabe quem é, de onde veio e para onde caminha, e que o maior mistério que existe no planeta é ele mesmo, ou seja, o próprio homem - na verdade ele é o maior mistério porque em relação a outros aspectos que compõem a vida planetária a ciência já percebeu muitas das diversas procedências ao longo das eras geológicas. Ainda assim, querem desvinculá-lo da única fonte capaz de comprovar e/ou fornecer indícios para as respostas a essas indagações que é o seu próprio passado.

Realmente formamos uma raça cósmica bastante estranha. Dividimos e terminamos por desagregar tanta coisa que talvez tenhamos perdido a noção do conjunto que representamos ou, sob outra ótica de análise, da unidade que, queiramos ou não, representamos para o cosmos que nos rodeia.

Devemos nos perguntar ainda: perdemos o rumo? Será que os atuais padrões filosóficos da política, da religião e da própria ciência se tornaram impotentes para reverter essa prolongada estagnação quanto à resolução dos problemas da humanidade? Felizes da ciência e da política que, mesmo com certas hesitações normais à atual condição humana, se abrem para receber novos valores e postulados. Mas, e quanto às religiões? Enquanto estas não aceitarem novas verdades, outras tantas estarão sempre surgindo, como se tudo não emanasse de uma única fonte cósmica. Com quantas religiões terminará a trajetória da humanidade na busca do Pai?

Será que, realmente, o passado somente será aceito pelo presente, se nele couber ou se a ele se limitar? Como a ciência pode se voltar para o passado remoto com os seus atuais padrões de pesquisa e percepção? E se, de fato, em certos aspectos, tiver acontecido um retrocesso histórico? Uma espécie de involução em alguns campos da luta humana? Como poderá o presente perceber o passado se este foi muito, muito mais complexo - não necessariamente mais evoluído em alguns campos - do que pode a vã filosofia atual perceber?

Quando a ciência e os demais procedimentos considerados por esta como não científicos se abraçarão no mesmo objetivo de evolução?

Enquanto isso não ocorrer permanecerá a verdade escondida por trás do baixo poder de discernimento do ser terreno ou mesmo sendo vítima constante de estratégias pouco esclarecidas, porém, eficazes, no seu objetivo maior de desinformar e gerar desagregação.

Mas, onde os fatos se registram para que sejam, depois, percebidos e avaliados, a fim de que algo se possa concluir a respeito? Como é que, sendo a Providência tão sábia e perfeita nas Suas atribuições, esquece de criar instrumento para o competente registro das ocorrências? Qual, entre as ciências conhecidas, aquela que poderia servir de base para o registro exato e absoluto dos fatos?

Seriam, porventura, somente a imprensa, os registros literários e a memória humana que serviriam de base aos registros que hoje formam o grande banco de dados sobre a humanidade nos seus computadores?

Mas, e quando não havia imprensa e o analfabetismo era o estado natural das mentes humanas em muitos períodos históricos? Será que é forçoso reconhecer que a memória humana é a única testemunha e observadora dos fatos que a cercam posto que os mecanismos criados foram sempre destruídos por cataclismos, sejam eles de ordem natural ou provenientes da desarmonia mental dos seres humanos?

Onde, na natureza, alguma coisa ou processo, que possa fazer esse papel de buscar a verdade e registrá-la de forma irretorquível? É o próprio homem o único agente responsável pela ação, aferição e registro de sua própria vida? Será ele personagem e historiador, réu e juiz, criador e criatura de suas próprias histórias e atos?

Vamos elevar um pouco as nossas expectativas de análise!

Seriam os espíritos desencarnados e/ou os extraterrestres os responsáveis pelo acompanhamento e registro competente dos atos da humanidade? Como eles fariam isso? Através da imprensa de lá? Dos registros literários e de outros tipos que já lhes são comuns? Das fixações memoriais do que acompanham aqui na Terra? Ou será que eles teriam algum instrumento ou processo que a tudo e a todos acompanhasse, marcando, inapelavelmente, o que acontece em circuitos por nós desconhecidos? Mas, de outra parte, quem acompanharia a vida deles? Quem registraria e avaliaria os seus atos?

Existirá, em algum recanto do cosmos, alguma organização, circuito energético ou processo, que tenha a capacidade de a tudo registrar, aferindo de pronto as atitudes e razões, atenuantes e motivações, de cada ser cósmico?

Se existe, ótimo. Se não existe, é bom que a Deidade realmente exista para disso se encarregar pois, onde a justiça das condições existenciais e da diversidade espiritual por todo o cosmos, se tudo não estiver registrado de alguma forma em algum canto? Se Deus não providenciar essa tarefa quem terá condições de fazê-la? Se o próprio Mestre afirma que "perfeito somente o Pai", será que Deus é o único possuidor de toda a verdade ou, como preferem alguns, de todas as verdades que existem?

Retornando a nossa realidade existencial, podemos concluir que, os fatos - e suas verdades não são percebidos nas suas justas variáveis ou de forma absoluta por nenhum processo humano, porquanto a mente humana e os processos e instrumentos que ela possa criar, serão sempre uma parte diante do todo e, uma parte, somente perceberá partes, jamais o todo.

A ciência terrena, esta sim, caminha em trajetória segura para produzir processos e instrumentos que possam prever as leis e pontificar acerca dos demais aspectos pertinentes à parte não pensante do cosmos, ou seja, das trajetórias dos planetas e das galáxias, no macrocosmo, dos elétrons em redor do núcleo atômico, no microcosmos.

Mas, quanto à trajetória dos seres cósmicos, como perceber as suas *órbitas transitórias* e seus possíveis deslocamentos se nascemos onde não queremos, temos que morrer, mas, sequer *sabemos ao certo se existe vida após a morte do corpo transitório*, o que é que vai acontecer, se é que realmente alguma coisa acontece com o nosso espírito depois da morte? Será que, na realidade, temos um espírito? Se temos, o que é um espírito?

Mesmo sabendo tão pouco sobre si próprio e, talvez, menos ainda, a respeito do que o cerca, o ser terreno, no entanto, sabe afirmar com toda segurança que é impossível tal coisa ter acontecido ou ocorrer, simplesmente, porque, o fundador desse ou daquele credo ou doutrina tal, diz o que é e o que não é possível?

Muitos afirmam que é impossível ter existido isso ou aquilo no passado. Outros, que não pode existir vida espiritual e reencarnação; muitos até aceitam a possível existência de vida extraterrestre mas acham improvável eles se deslocarem até a Terra. Que seja. Entretanto, se simplesmente, porque, o fundador desse ou daquele credo ou doutrina tal, diz o que é e o que não é possível?

Muitos afirmam que é impossível ter existido isso ou aquilo no passado. Outros, que não pode existir vida espiritual e reencarnação, muitos até aceitam a possível existência de vida extraterrestre mas acham improvável eles se deslocarem até a Terra. Que seja. Entretanto, se a existência do nosso passado e do todo que nos rodeia fosse depender da opinião da humanidade terrena...

Houve tempos em que achar a Terra redonda era motivo de morte. Depois, situá-la no seu simples contexto de planeta orbitando ao redor de uma estrela, a mesma punição era aplicada, até porque era a máxima - ou pior - que se conhecia para punir alguém.

Há alguns poucos anos atrás se alguém fosse falar ,sobre televisão, fax, computador, etc., como não seriam as feições daqueles que escutassem essas prédicas? Será que semelhantes a dos que torcem o nariz quando, na atualidade, escutam alguém falar sobre espíritos e extraterrestres? E

aqueles que já acreditam ou sabem que os espíritos existem e que com a humanidade encarnada podem se comunicar, mas que não aceitam a existência de seres de outras moradas planetárias, serão eles mais modernos que os monges da antiguidade que não aceitavam nada além do que estava previsto nos seus cânones?

O que seria possível hoje ser feito no campo do esclarecimento, tanto em relação ao nosso passado como, em especial, ao que rodeia a coletividade terrestre no presente momento e, também, quanto ao iminente futuro que ocorrerá e a muitos surpreenderá, sem que os sorrisos de superioridade intelectual ou os espasmos do orgulho e da vaidade dos que pensam muito saber, caiam dolorosamente como pedras na sensibilidade dos que tentam alguma coisa esclarecer?

Na filosofia pitagórica e dentro dos postulados da tradição esotérica existe a referência a uma espécie de quinto elemento, ou estado da matéria - assim o dizemos conforme definido nos postulados esotéricos - denominado de Akasha. É um estado vibratório singular de partículas formadoras do chamado éter celestial que ocupa todo o espaço.

Seria, conforme tais princípios, este arquivo akáshico, uma espécie de circuito cósmico de tudo o que foi produzido pelos seres pensantes ao longo de todas as experiências evolucionárias, além daquelas que ainda serão vivenciadas. Defendem, os esotéricos, que este arquivo pode ser consultado por videntes que percebem o passado e orientam quanto ao futuro, tudo isso com o objetivo de equilibrar os débitos cármicos diante das leis evolucionistas do cosmos.

Quanto ao que nos é informado pelos mentores do presente trabalho, tudo o que podemos dizer é que existe, sim, um circuito vibratório inimaginável para a mente terrena onde, literalmente, tudo está registrado conforme a ponderação de leis energéticas emanadas da Deidade dentro dos padrões de justiça e ternura que caracterizam Seus atributos.

Fora dos controles dos interesses menores e transitórios de sociedades planetárias atrasadas ocorrem, queiramos ou não, entendamos ou não, possamos percebê-los ou não, os registros cármicos de todas as páginas da história, seja individual ou coletiva, de todos os seres viventes cujas almas já possuam a capacidade de pensar e discernir, sendo, assim, completamente responsáveis pelos seus próprios atos, aqui e alhures.

É como se ondas luminosas eternas espalhadas por todo o Cosmos tivessem o prodigioso poder de a tudo e todos fotografar e registrar nos arquivos e atributos da deidade todos os acontecimentos, sejam na Terra ou em qualquer outro recanto cósmico. Assim sendo, todas as histórias planetárias estariam indelevelmente registradas.

Desse circuito da Deidade, sob a vontade Desta e de Seus Prepostos, emanam vibrações que tornam vivas as histórias lá registradas através dos evos. Dele também se irradiam as possibilidades do futuro. Todo esse conjunto de informações é trabalhado por equipes especialíssimas tanto de ordem espiritual como de outros orbes, encarregadas desse mister e, através desses grupos de trabalho, as notícias maiores dos céus chegam até as realidades transitórias, como é o caso da Terra. Mas, para que aqui possam ser percebidas, torna-se, necessário, o concurso de médiuns, sensitivos, canais, profetas - como se queira chamá-los - para que as mensagens de lá possam ser escutadas pelos que vivem aqui.

Ao que nos é dado entender, o processo de informação é sempre de lá para cá. Jamais o inverso. Mas, isso não tem muita importância para o que, no momento, desejamos expressar.

O que fazer se esse processo ainda não e procedimento científico dentro dos atuais padrões da Terra? Chamá-lo de quê? Enquadrá-lo, simplesmente, como religiosidade ou ficção quando, no presente caso, não é uma coisa nem outra?

Pouco importa e assim o dizemos porque o futuro é inevitável. E com ele virá o esclarecimento do passado já que, no presente, essa tarefa cairá sempre, para muitos, em campos e classificações impróprias.

Talvez, somente a convivência clara e objetiva com os irmãos de outros orbes nos permita a isso tudo esclarecer. Quem sabe, também, se certos engenhos que estão soterrados pelo passado terrestre não serão encontrados dentro em breve. Por enquanto, tudo o que podemos fazer é o que está sendo feito.

O combustível maior que move o autor terreno da presente obra é a tentativa de, mesmo incorrendo em erros e imprecisões, acreditar estar contribuindo para afastar o ser terreno da ignorância e da crendice primitiva.

Apesar do que, tudo o que aqui foi afirmado, deverá se cumprir em algumas décadas. Pelo menos é o que dizem os autores destes escritos e o que também foi demonstrado - pela Espiritualidade - ao autor terreno.

É importante ressaltar que, durante mais de cinco anos, várias obras ficaram engavetadas por hesitação pessoal diante de tanta informação e, em especial, pela responsabilidade dos temas enfocados. O problema era: conviver com esses seres de outros orbes e com os irmãos espirituais desencarnados, percebê-los nas suas posturas fraternas cujas vibrações enternecem o espírito de qualquer um. deles receber todas essas notícias e não querer publicá-las. Mas, foi exatamente isso que ocorreu durante cinco longos anos.

Somente após alguns acontecimentos promovidos pela Espiritualidade Maior, como se, para fortificar a convicção íntima de um homem tão hesitante é que, a partir desses fatos, transformou a sua própria convicção em certeza inabalável, decidindo, portanto, atender às solicitações de divulgar as informações recebidas, mesmo com todos os problemas que poderiam advir.

Não foi e não está sendo fácil. Tratar do imponderável na condição de espírito encarnado é tarefa que, se por um lado desperta o aprendizado e melhoramento íntimos, por outro, angustia devido à pequenez diante de temas tão elevados.

Agradecemos, por fim, a paciência dos que passaram a vista pelas páginas desta trilogia e novamente nos desculpamos pelos erros cometidos. No futuro deverão ser corrigidos pelos reais autores. Fica, entretanto, a nossa convicção inabalável de que, um pouco mais, e tudo será devidamente esclarecido, não por instrumentos terrenos tão pequenos e frágeis como o caso deste aflito escrevente, mas sim, por quem, realmente, tem autoridade para tal mister.

J. V. Ellam.

Esclarecimento Estratégico

Resolvemos distribuir as obras que estão sendo por nós preparadas a pedido e sob orientação dos mentores espirituais em sete grupos distintos, dadas as características comuns e objetivando propiciar melhor visualização para quem desejar *enxergar em profundidade* o planejamento global da Espiritualidade, ao menos no que diz respeito à utilização deste aparelho terrestre.

Todo este trabalho tem como objetivo maior o processo de esclarecimento planetário frente a muitos aspectos das verdades eternas e do necessário conhecimento da vida cósmica para que nela possa a comunidade terrena, ser reintegrada ativamente.

Neste sentido, os escritos por nós recebidos até julho de 1995, estão didaticamente distribuídos em sete grupos de livros, a saber:

Contexto Filosófico-Espiritualista

O processo de reintegração da Terra à convivência cósmica somente poderá ser desenvolvido tendo como base toda uma preparação filosófica em nível de entendimento e da necessária postura política fraterna dos habitantes do orbe terrestre para que a reintegração aos circuitos cósmicos possa ser efetivamente consumada.

Para tal fim, foram fornecidos, durante todo o longo e penoso processo da história humana, toda a base política-humanística-espiritual e filosófica necessária ao esclarecimento do espírito humano, para aqueles que realmente desejaram - ou desejavam - alimentar-se da luz do esclarecimento espiritual.

Muitos mestres do conhecimento cósmico na Terra estiveram reencarnados fornecendo, na medida das possibilidades de entendimento nos núcleos terrestres à época dos seus testemunhos amorosos, as principais sementes necessárias ao desenvolvimento do espírito.

Neste final de ciclo, esses mesmos mestres, a pedido de Jesus, o Mestre dos Mestres, estarão atualizando e adequando seus ensinamentos para os dias finais deste milênio, fornecendo, assim, a base filosófica necessária ao entendimento do que ora ocorre com a comunidade de espíritos congregados ao orbe terrestre.

Em homenagem ao espírito amigo e iluminado de Platão, resolvemos denominar os dez livros que irão compor essa base filosófica, como pertencentes à série "Diálogos", porque será através da conversação desses grandes trabalhadores do progresso terrestre que os ensinamentos necessários e complementares a toda base de reflexão já existente para este fim de período cósmico, virão a todos nós apresentados através de diálogos, posto que, foi efetivamente dessa forma que ocorreram.

Contexto Cósmico

Nesse grupo estão agrupados os livros que abordarão aspectos do Cosmos, sua hierarquia, seus diversos níveis existenciais, os sistemas de mundos comandados pelo Mestre Jesus, Seus assessores, a História da Terra sob a ótica cósmica, a História de grupos de individualidades que para a Terra foram exiladas, certas ordens de problemas cósmicos e mais alguns outros aspectos que dizem respeito à vida cósmica.

Pertencem, pois, a esse grupo o livro anteriormente publicado *Reintegração Cósmica*, o presente trabalho, como também, o próximo livro a ser editado.

Contexto Terrestre

Todo esse processo de final de período cósmico com a conseqüente transição necessária ao terceiro milênio, os fatos que dele decorrerão e o vislumbre do que deverá e/ou poderá ocorrer com a comunidade terráquea são assuntos que serão abordados nos livros que irão compor os temas relativos à vida sociológica-política dos terráqueos frente a iminente reintegração à vida cósmica e aos demais aspectos conseqüentes.

Elucidativos

Temas gerais serão abordados nos livros que irão compor esse grupo, porquanto necessários ao entendimento do todo.

O fenômeno da morte, as Profecias, vida em outros níveis próximos à Terra, a misteriosa Atlântida, estudos sobre a Prece e muitos outros assuntos serão desenvolvidos e estudados como complemento à possibilidade de entendimento e percepção de como tudo está relacionado e interligado e de que, efetivamente, nenhum cabelo cai de nossa cabeça sem que esteja permitido e previsto dentro das leis que formam o grande circuito cósmico que emana e é mantido pelo amor do Pai.

Contexto Doutrinário

Nos livros aqui agrupados, serão apresentados diversos aspectos da temática da reencarnação, através da experiência de cinco individualidades espirituais que contarão suas muitas reencarnações, observando, em especial, as posturas felizes e infelizes assumidas quando do trato dos problemas humanos, decorrentes das intolerâncias raciais, religiosas, políticas e algumas outras características do espírito humano terrestre.

Esses livros aparecem apenas como apoio ao muito que já foi escrito a respeito do assunto por outros trabalhadores da causa do Mestre e é nosso dever ressaltar que será exatamente a opinião desses espíritos, conforme o grau de evolução que lhes é peculiar, que desfilarão pelas páginas dos livros que compõem esta série e não os ensinamentos da Espiritualidade Maior que normalmente caracterizam obras com propósitos de esclarecimento.

Contexto Histórico

A análise dos fatos históricos, tendo por trás o pano de fundo da eterna realidade espiritual que rege os aspectos transitórios das evoluções planetárias, será a base central dos temas a serem abordados nos livros que compõem esse grupo.

Contexto Religioso

Sob a ótica espiritual serão analisados os movimentos religiosos terrestres, separando-se o que é instrumento de aprendizado da Espiritualidade Maior e o que representam as criações dos próprios homens dentro do contexto religioso. Há muito de criação humana que foi apresentado como sendo de origem divina. E muito do que de divino foi apresentado à Terra terminou por sofrer distorções promovidas pelas limitações e inclinações menores do gênero humano terrestre. Os livros aqui agrupados fornecem alguns padrões de reflexão para tais assuntos.

PROJETO ORBUM

Jan Val Ellam

Jan Val Ellam

PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

"DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA."

Princípios:

EXERÇA PLENAMENTE a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

SE SOMOS UMA FAMÍLIA, torna-se inconcebível

a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

EXISTE UMA FORÇA política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa "força íntima" é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia

e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

RESPEITAR AS FORÇAS políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial - imprescindíveis para a evolução terrestre - mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

NA VERDADE, SOMOS todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

SE VOCÊ CONCORDA com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica
e essencial na convivência entre os seres.

PROPAGUE ESTA IDÉIA, em especial para as
novas gerações.

SONHE E TRABALHE por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

ESTA É UMA MENSAGEM DE FÉ e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.